



JUDITH
KRANTZ

NAS ASAS
DA
PAIXÃO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



NAS ASAS DA PAIXÃO

JUDITH KRANTZ

Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos

Digitalização: Argo



Às centenas de mulheres pilotos, de mais de uma dúzia de países, que voaram no Serviço Auxiliar de Transporte Aéreo Britânico de setembro de 1939 a novembro de 1945. Essas extraordinárias mulheres participaram da missão essencial de transportar aviões da Marinha Real e da Real Força Aérea através das Ilhas Britânicas, provando que as mulheres podiam voar qualquer coisa com asas, de caças a bombardeiros quadrimotores, com competência, valor e um excepcional índice de segurança

Para Steve, mais uma vez, com todo o meu amor, ontem, hoje e amanhã

Agradecimentos

Tenho uma grande dívida de gratidão com as pessoas que me ajudaram a desencavar os fatos que constituem a fundação necessária desta ficção.

Prólogo

Como hoje podia ser o seu sexagésimo aniversário, especulou Eve, Vicomtesse Paul-Sébastien de Lancel e a maior dama na província de Champagne, quando desde a manhã seu espírito fora invadido por um senso de exultação exuberante, tão festivo quanto um pomar em flor, agitado pelo vento sob um céu de feriado?

Antes do desjejum ela saía, como fazia todas as manhãs, para inspecionar os vinhedos próximos do Château de Valmont, o lar dos Lancel. A primavera quente de abril de 1956 fizera com que uma quantidade excepcionalmente grande de cachos de uvas emergissem dos botões. Por toda parte, na fértil região, dos vinhedos de um hectare dos trabalhadores às extensas propriedades dos fabricantes das Grands Marques de champagne, como Lancel, Moët & Chandon e Bollinger, as notícias de abundância haviam se espalhado de uma colina verdejante para outra.

Sua felicidade nada tinha a ver com a possibilidade de uma grande colheita, pensou Eve de Lancel, enquanto se vestia, muito mais tarde, para o jantar de gala do seu aniversário. As colheitas eram sempre problemáticas, a abundância da primavera não era garantia de consumação no outono. Aquele dia se desdobrava em passos de dança porque toda a família se reunira em Valmont para homenageá-la.

Na noite passada, um minuto antes da meia-noite, ela estava com 59 anos. Um minuto depois, passara a ter sessenta. Por que sua idade hoje não era 59 mais algumas horas?, perguntou-se Eve. Precisava ter sessenta para saber, absolutamente, que sessenta era um número absurdo quando se vinculava a você, não importava que disparate pudesse simbolizar para o mundo? Seria um segredo universal, partilhado por todos os que alcançavam sessenta só para descobrirem que ainda se sentiam... ora, talvez com 32 anos? Ou ela ainda se sentia mais jovem, digamos... 25? Isso mesmo, 25 parecia o mais apropriado, concluiu Eve, enquanto se contemplava ousadamente no espelho bem iluminado da penteadeira. Fez alguns cálculos rápidos. Quando estava com 25 anos, o marido servia como primeiro-secretário na embaixada francesa na Austrália, a filha Delphine tinha três anos e a filha mais moça, Freddy, batizada Mane-Frédérique, tinha apenas um ano e meio. Fora um ano de preocupação maternal que ela preferia nunca voltar a viver, decidiu Eve, agradecida.

Freddy e Delphine encontravam-se em Valmont, adultas, com os próprios filhos, haviam chegado ao chateau naquela manhã, Delphine de Paris, Freddy de Los Angeles, tão cercadas por maridos, crianças, babás e bagagens que só agora deviam ter acabado de arrumar tudo. Os genros de Eve haviam prometido manter as crianças brincando lá fora por tanto tempo quanto possível. No momento, ninguém mais da família além das mulheres Lancel estava no chateau, e Eve sentiu um desejo impulsivo de ficar com as filhas. Tocou a campainha, e a criada apareceu na porta.

— Josette, peça, por favor, às minhas filhas para virem à minha sala de estar e mande Henri trazer copos e champanhe, rosado, é claro, safra de 1947.

Nenhuma das filhas compreenderia plenamente que um champanhe rosado de uma safra excepcional era o mais extraordinário vinho efervescente jamais produzido neste planeta, mas combinava com o ânimo de Eve oferecer a elas sem qualquer explicação. O jantar seria servido muito cedo naquela noite, já que

estavam incluídos todos os netos que pudessem se sentar à mesa. Agora, às cinco horas da tarde, um copo de champanhe revigorante era bem conveniente, durante a meia hora com que se podia contar antes do ruidoso retorno dos homens e crianças.

Eve pôs um chambre de saia larga e muitos babados, numa tonalidade especial de tafetá rosa, quase — se não inteiramente — um rosa flamenco, que refletia todos os raios inclinados do sol da primavera, e quase — se não inteiramente — devolvia a seus cabelos a excepcional tonalidade de louro que possuíam até poucos anos antes.

Ela... envelhecera — pois Eve compreendia que não devia se esquivar à palavra irritante mas necessária — muito bem. O corpo bem torneado movimentava-se com a distinção e a graça naturais de uma mulher que passara a infância nos últimos anos da era eduardiana, quando a postura era quase tão importante quanto a beleza irrefutável que os pais tinham o cuidado de jamais louvar. Eve alteou as sobranceiras, enquanto um sorriso particular e meio irônico lhe contraía os lábios, à lembrança da inocência há muito perdida daqueles tempos agrídoces antes da Primeira Guerra Mundial.

— Mãe? — chamou Delphine, da porta da sala de estar.

— Entre, querida — gritou Eve para a filha mais velha, passando apressada do quarto para a sala de estar.

Delphine adiantou-se, usando uma suntuosa túnica branca de seda, de Dior, como todas as suas roupas, arriando agradecida numa poltrona de brocado.

— Ah, é maravilhoso estar aqui... — suspirou ela, quase em tom de lamento.

— Você parece estar um pouco nervosa, querida.

— Oh, mãe, por que tenho tantos filhos? — indagou Delphine, obviamente sem esperar por uma resposta. — Graças a Deus que os gêmeos estão com dez anos e se mantêm ocupados por si mesmos... mas os outros! Paul-Sébastien e Jean-Luc brigaram durante o dia inteiro. Se ao menos o próximo for uma menina! — Ela apalpou a barriga, esperançosa. — Não acha que finalmente mereço uma menina... não é justo? — Fitou Eve, como se a mãe pudesse garantir uma resposta à pergunta.

A fadiga não afetara a beleza transcendental de Delphine. Nada podia desfigurar a disposição magnética dos enormes olhos, tão separados sob o escudo sereno da larga testa. Nada podia alterar a maneira como os lábios viravam para cima nos cantos, num sorriso eternamente misterioso, ou a distância precisa entre o bico-de-viúva e o queixo fascinantemente pequeno, criando o rosto em formato de coração que milhões de pessoas adoravam. Delphine era a mais famosa atriz de cinema da França. Aos 38 anos, estava no auge da carreira, pois os franceses racionais acham uma mulher mais atraente depois dos 35 do que na imaturidade da primeira juventude.

— A esta altura, uma menina deve ser inevitável — respondeu Eve, tocando nos cabelos castanhos de Delphine numa carícia breve e gentil.

Henri trouxe a bandeja com os copos e o champanhe.

— Devo abrir, madame? — perguntou a Eve.

— Não precisa, pode deixar que eu cuido disso, obrigada — respondeu Eve, acenando com a mão para que ele se retirasse.

A tradição determinava que a châtelaine de Valmont, a dona da casa, deveria sempre abrir e servir a primeira garrafa em qualquer ocasião cerimonial, e aquele momento particular com as filhas era para Eve mais cerimonial do que seria o jantar naquela noite, mesmo sendo de gala.

— Onde está Freddy? — perguntou ela a Delphine, que gemia numa deliciosa orgia de relaxamento, os cabelos sedosos e os braços frágeis caídos em abandono sobre uma pilha de almofadas de brocado.

— Dando banho nas crianças. Mal posso acreditar que Freddy gerou dois meninos em menos de dois anos. Ela está certamente compensando o tempo perdido.

— A babá não poderia dar banho nos meninos? — perguntou Eve.

— Em geral, é o que acontece — respondeu Delphine, divertida. — Aquela pobre mulher foi arrastada por dez mil quilômetros desde a Califórnia, mas agora Freddy não consegue ficar longe da prole.

— Quem está usando meu nome em vão? — indagou Freddy, entrando apressada na sala, com a ligeira arrogância que sempre caracterizara seus passos flexíveis.

Aos 36 anos, sua semelhança com Robin Hood do sexo feminino era mais intensa do que nunca. Havia uma determinação intrépida nos olhos joviais de salteadora, um júbilo despreocupado na maneira como estava sempre disposta a enfrentar qualquer desafio, uma tranqüilidade revigorante no sorriso. Ela brandiu uma escova de cabelos.

— Delphine, tenha pena de mim. Faça alguma coisa, qualquer coisa, com os meus cabelos! Você é tão hábil e sabe que sou um caso perdido! — Freddy acomodou-se graciosamente em outra poltrona. As pernas, metidas numa calça branca de linho toda molhada, foram suspensas pelo braço da poltrona, desenhando no ar um arabesco breve e excitante. Apenas pela maneira como Freddy se movia, pensou Eve, podia-se adivinhar que ela nascera para voar qualquer avião já construído.

Os cabelos da filha eram tão vermelhos quanto uma caçarola de cobre antiga e bem polida, tão exuberantes que atraíam todos os olhos onde quer que ela aparecesse, cabelos tão renitentemente rebeldes que nenhum cabeleireiro jamais conseguira domá-los. Ao longo da carreira espetacular de Freddy, sempre sendo notícia, como uma das maiores aviadoras do mundo, durante todos os anos temerários e gloriosos na Segunda Guerra Mundial, apenas um capacete de piloto conseguira controlar aquela cabeleira, e mesmo assim apenas até o momento em que ela o tirava.

Eve contemplou as duas filhas incrivelmente diferentes, mas igualmente destemidas, corajosas, determinadas e afrontosas, às quais o tempo felizmente transformara em mulheres.

— Não querem me acompanhar num copo de champanhe? — inclinou-se para abrir a garrafa de Lancel 47 com uma rápida torção da pinça de pontas rombudas que fora projetada há gerações, especialmente para aquela tarefa. Despejou-o no seu copo, girou o cristal num movimento experiente para despertar o vinho de seu cochilo e observou a espuma branca desvanecer-se da superfície do líquido rosado. Eve tomou um gole, achou sublime, como já esperava, encheu habilmente os três copos, entregou um a Freddy e outro a Delphine.

— Nunca esquecerei o primeiro gosto de champanhe — comentou Freddy. — Foi aqui, lá fora no terraço, quando viemos todos da Califórnia na primeira visita. Em que ano foi isso, mãe? — Uma nostalgia insólita envolveu-lhe o olhar. Os olhos eram de um azul tão intenso e ilimitado que pareciam saturados com o céu.

— Foi em 1933 — respondeu Eve. — Você estava com apenas 13 anos, mas sua avó decidiu que não era jovem demais.

— O que a bisavó disse? — indagou uma voz da porta, enquanto Annie, a filha de 14 anos de Freddy, avançava pela sala, usando jeans e uma camisa de homem com as mangas enroladas. — E por que não fui convidada para esta festa?

— Você não deveria ter saído com os outros, Annie? — perguntou Freddy, fazendo um esforço para falar como uma mãe respeitável.

— Pareço com um pai ou algum garotinho chato? — perguntou a alta e impudente Annie, com seu sorriso angelical e malicioso. — Sou a única mulher em minha geração desta família e não quero me misturar com aquele bando. Estava no meu quarto. E cheguei a pegar no sono por meia hora. Pretendo passar a noite inteira acordada... ou ficaria se houvesse alguém aqui para dançar que não fosse um parente. — Annie contemplou as três com a maior satisfação. Considerava-se de longe a mais amadurecida e sábia de todas as mulheres Lancel, até mesmo, sob alguns aspectos, mais adulta do que sua adorada avó.

— O que vai vestir para o jantar, Annie? — perguntou Eve.

— Não tenho nada para usar — respondeu Annie, sacudindo pesarosa os cabelos crespos.

— Você trouxe duas malas cheias de roupas — comentou Freddy, com um sorriso.

— Mas nada exatamente certo para a ocasião. Vovó, posso dar uma olhada no seu guarda-roupa?

— Primeiro tome um copo de champanhe — sugeriu Eve.

Não havia nada que ela pudesse negar a Annie, nem mesmo um Balenciaga, por mais inadequado que fosse.

Annie aproximou-se do vinho com curiosidade. Nunca provara champanhe antes, mas cada vez que experimentava uma coisa pela primeira vez, a tradição francesa dizia que podia fazer um desejo.

Ela torceu o nariz encantador e tomou um grande gole, saboreou meticulosamente, como já vira outras pessoas fazerem, depois engoliu, pensativa.

— Hum... — Formulou um desejo silencioso e inclinou a cabeça para tomar outro gole.

— Notou alguma coisa especial? — perguntou Eve.

— Claro. Tinha um gosto na minha boca e depois, quando engoli, mudara de paladar, uma espécie de calor no fundo da garganta.

— Isso só é possível, porque se trata de um champanhe perfeito

— comentou Eve. — O gosto é o que se chama de Despedida.

Annie tomou outro gole, largou o copo e desapareceu na direção do armoire grande no quarto.

— Essa criança é a única de vocês que possui um paladar natural. — Comunicou às filhas, muito excitada. — Nenhuma de vocês jamais notou a Despedida em todos esses anos. Freddy... o que acha de mandar Annie para cá no próximo verão, afim de que ela comece a aprender sobre a criação de champanhe? Alguém terá de assumir um dia a Casa de Lancel.

— Acho que Annie vai aprender a voar no próximo verão, mas se ela quiser... ora, por que não?

Annie voltou do quarto com um cabide em que estava suspenso um vestido vermelho de chiffon, com alças por cima de um corpete pequeno e pregueado. As alças e o cinto estavam incrustados com cristais. Falseavam com um viço inesperado, como se um refletor fosse virado em sua direção. A saia do vestido vermelho flertava com o ar, as camadas de chiffon dançando numa bainha bruxuleante, que se projetava em pontas de muitos comprimentos diferentes. Mesmo num cabide, o vestido parecia mágico, como se levasse uma vida própria, como se possuísse uma história e, de alguma forma, uma personalidade complexa, mil eus.

— Vovó, olhe só para isto! Nunca tinha visto antes... é fabuloso! E aposto que cabe em mim!

— Onde encontrou esse vestido? — perguntou Eve, abalada.

— Lá no fundo do armário. Piscou para mim.

— Eu tinha... esquecido onde estava. É um vestido velho, Annie... deve ter... ora, mais de quarenta anos.

— Não me importo quão velho seja, é melhor do que novo. Para que ocasião o usou?

— Eu não o usei, Annie... foi Maddy.

Delphine e Freddy inclinaram-se para a frente, fascinadas. Então aquele era o famoso vestido usado por Maddy, pensou Delphine, um vestido que fazia parte do escândalo da família sobre o qual soubera anos antes. Nunca o vira, embora tivesse conhecimento de sua existência, muito mais até do que gostaria. Freddy estava intrigada. Sabia de Maddy, é claro, mas nunca imaginara que um vestido pudesse ter tanta vida, quase como se houvesse outra pessoa na sala. Também sentia uma certa afeição por um vestido vermelho, nunca o jogara fora, mas não lhe ocorrera que a mãe pudesse ser tão sentimental em relação ao vestido de Maddy.

Eve tornou a encher os quatro copos.

— Acho que devemos beber a Maddy — decidiu ela, os olhos iluminados e divertidos, um tênue rubor espalhando-se pelas faces.

Independente do que as filhas soubessem a respeito de Maddy, nunca poderiam compreender por que ela guardara aquele vestido.

Havia algumas coisas que nunca se podiam comunicar totalmente... nem se pretendia.

As mulheres Lancel levantaram os copos e brindaram:

— A Maddy!

— Quem quer que ela seja — acrescentou Annie, erguendo o copo.

Eve Coudert estendeu a nota de cinco francos para o bilheteiro.

Ofereceu-lhe um sorriso indiferente, enquanto pagava pelo passeio no balão de ar quente amarrado no vasto campo de La Maladière, nos arredores de Dijon, no último dia do grande Espetáculo Aéreo de 1910.

— Está sozinha, *mademoiselle*? — perguntou ele, surpreso.

Era raro ver uma jovem desacompanhada, ainda mais tão atraente.

Ele contemplou-a com interesse, fazendo um levantamento rápido e perceptivo de seus charmes. Ela fitou-o sob a aba do chapéu de palha com olhos cinzentos, bastante escuros para seduzirem o demônio, as sobrancelhas viradas para cima, inclinadas como um par de asas. O volumoso coque revelava cabelos que tinham uma tonalidade indefinível mas inebriante entre o vermelho e o dourado, os lábios carnudos e risonhos eram tão naturalmente rosados quanto as faces.

— Meu marido tem medo das alturas, *monsieur* — ela acrescentou uma insinuação delicada ao sorriso, dizendo ao bilheteiro que compreendia que ele próprio não tinha medo de altura e que o admirava por sua coragem.

Ah, pensou ele com satisfação, essa jovem esposa encantadora da província não é tão inocente quanto deveria ser; e com um olhar ansioso, mas sem qualquer outra pergunta, entregou a Eve o bilhete que dava direito a um passeio no balão. Pegando a mão enluvada, o homem ajudou-a, galantemente a subir na gôndola de vime, parecida com uma cesta, com espaço suficiente para cinco pessoas.

Eve segurou a estreita saia branca de fustão com uma das mãos e com a outra prendeu o elegante chapéu de aba larga, ornamentado com rosas de seda. As botinas pontudas de cordão e saltos baixos batiam nervosamente, enquanto Eve esperava pela remoção das dezenas de sacos de areia que mantinham o enorme balão vermelho no solo. Teve o cuidado de não olhar para os outros passageiros. Virou-lhes as costas, inclinou-se contra a beira da gôndola, na altura da cintura, comprimiu o queixo contra a gola alta, as pétalas de renda se destacando contra a pele delicada, quase escondendo o rosto.

Era domingo, dia 25 de agosto, uma tarde particularmente quente, mas Eve tremia de impaciência reprimida, enquanto os trabalhadores corriam em volta do balão, gritando uns para os outros. De súbito, o enorme balão vermelho subiu, com uma rapidez e silêncio inesperados.

Atordoada pela ascensão mágica, Eve ignorou a cidade lá embaixo, a antiga e adorável capital de Borgonha, sobre a qual o rei François I exclamara "Ah, a bela cidade de uma centena de torres de igreja!" Olhou diretamente para o distante horizonte azul, espantada pelo primeiro vislumbre da linha longínqua de campos verdes e amarelos, que foram se tornando maiores a cada segundo.

Mas o mundo é tão interminável, pensou ela, dominada pelo mesmo espanto infantil de todos na gôndola. Esquecendo a cautela que a mantivera resolutamente apartada dos três homens que também haviam comprado ingressos para o passeio, Eve virou-se e contemplou extasiada o panorama em que estava milagrosamente incluída.

Sem perceber, abriu os braços para tentar abraçar o céu. Nesse momento de impulso incontrolável, o balão foi apanhado por uma súbita e forte rajada de vento. O chapéu soltou-se do alfinete que o prendia na cabeça e saiu voando.

— Oh, não! — exclamou Eve.

Quando ela gritou, em tom de incredulidade, os homens a fitaram. Viram uma jovem horrorizada, cujo coque malfeito fora desfeito pelo vento, os cabelos esvoaçando agora em todas as direções. A visão de seu rosto e dos cabelos até a cintura traíram sua idade, que o chapéu conseguira disfarçar.

— *Mademoiselle Coudert!*

— Eve!

— Bom dia, *Monsieur* Blondel, bom dia, *Monsieur* Martineux — cumprimentou-os Eve, com os lábios trêmulos.

Ela tentou o sorriso polido com que em geral cumprimentava aqueles amigos do pai, nas raras ocasiões em que os encontrava, pois Eve Coudert tinha apenas 14 anos, sequer alcançara a idade em que a mãe lhe permitiria ajudar a servir os doces num chá da tarde. E ela acrescentou, procurando recuperar a compostura com sua voz mais adulta:

— Não é emocionante?

— Não se preocupe com essa bobagem, Eve — disse Blondel, indignado. — O que está fazendo aqui? Onde está sua governanta? Seus pais têm alguma idéia... não, claro que não!

Eve sacudiu a cabeça. Não havia sentido em tentar explicar que precisava subir no balão a qualquer custo, que aguardara durante os três primeiros dias excitantes do espetáculo aéreo com uma ansiedade crescente, que aproveitara o instante em que o pai fora chamado para atender um paciente doente e a mãe tirava o cochilo vespertino habitual para escapar da governanta, *Mademoiselle* Helene... não, parecia de alguma forma que não haveria o menor proveito em contar tudo isso a ele.

— Estou aqui porque todo mundo diz que os franceses finalmente conquistaram a atmosfera, e eu queria verificar pessoalmente —

disse ela tranqüila, ciente agora que teria de pagar o preço inevitável.

Blondel ficou boquiaberto, os outros dois homens não se deram o trabalho de reprimir o riso. A única filha do Dr. Didier Coudert era incontestavelmente uma garota petulante, pensou Martineux, mas sua presença acrescentava um encanto particular àquele momento extraordinário. Ele tinha um olho para uma cintura fina e um tornozelo esguio e isso ela já possuía, além dos contornos hesitantes mas inconfundíveis de um busto jovem sob o bolero curto de fustão e a blusa rendada de sua melhor roupa.

— Blondel — disse ele em tom de autoridade. — *Mademoiselle* Coudert não pode sofrer mal algum aqui. E quando voltarmos a terra, eu mesmo a escoltarei até sua casa, sã e salva.

— Não seria possível, *monsieur*, procurarmos antes pelo chapéu de minha mãe... meu chapéu? — perguntou Eve.

— Achou que o chapéu está voando por sua própria força, *mademoiselle*. Seguiu para o sul, na direção de Nuits-Saint George, se não estou enganado. Mesmo assim, podemos tentar.

— Obrigada, *monsieur* — respondeu Eve, agradecida.

Se ao menos conseguissem encontrar o chapéu, talvez a mãe não ficasse tão zangada quanto ela previa. Mas mesmo que tivesse sido comido por uma cabra, teria valido a pena... ah, como valia a pena qualquer coisa que lhe acontecesse só por flutuar no ar e contemplar, finalmente, a grandeza do mundo.

Ela não podia imaginar qual seria a sensação de ser um dos pilotos que tinham vindo de toda a França para participarem da grande corrida de Dijon, pilotos como Marcel Hanriot, com apenas 16 anos, que já conquistara tantos prêmios. O herói nacional já voara mais depressa do que um quilômetro por minuto. Mesmo assim, refletiu Eve, enquanto o balão iniciava a descida e olhava para as 25 mil pessoas que se reuniam lá embaixo, mesmo assim ela também subira pela atmosfera, também vira além do horizonte familiar de sua infância. Sentia um vínculo com todos os pioneiros do céu, quando menos não fosse por aqueles minutos que jamais esqueceria.

O Dr. Didier Coudert, pai de Eve, era um homem muito ocupado.

Especializara-se em doenças hepáticas, um campo bem escolhido num país em que os problemas de fígado eram quatro vezes mais freqüentes que em qualquer outra nação do mundo, já que a boa vida nunca fica sem o seu dia de ajuste de contas. Amava Eve, embora lamentasse não ter um filho homem, mas vivia absorvido demais em sua clínica para dispensar qualquer atenção à sua educação. Isso era função da esposa, e se ela julgava necessário, depois da escapada de Eve no espetáculo aéreo, reprimir a

inconveniente curiosidade de Eve pelo mundo, mantendo sob sete chaves todos os livros em sua biblioteca durante os próximos e perigosamente impressionáveis anos da menina, ele não fazia qualquer objeção.

A família Coudert vivia numa bela casa na Rue Bouffon, uma esplêndida rua no coração da parte velha de Dijon. O Dr. Coudert, um homem moderno, possuía o primeiro automóvel Dion-Bouton a aparecer na cidade. Contudo, ainda mantinha um cocheiro e dois excelentes cavalos, a fim de que a esposa pudesse fazer a costumeira ronda de visitas no reluzente cupê verde-escuro, como acontecia desde o casamento.

Chantal Coudert, a esposa, herdeira de grande fortuna, dirigia a casa com mão rigorosa. Muito antes de Eve, aos 14 anos, tornar-se o tema de comentários chocados, era inadmissível que ela fosse a qualquer lugar sozinha. Desde sua inconcebível aventura, a governanta sequer lhe permitia tomar uma xícara de chocolate desacompanhada, à tarde, com uma amiga, durante uma visita combinada pelas mães. Ela era acompanhada quando passeava com outra garota no Parc de la Colombière ou nos jardins do Arquebuse; era vigiada atentamente quando participava de uma rara partida de tênis na grama; era observada até mesmo quando ia à confissão na vizinha catedral de Saint Bègne. Eve era considerada em perigo constante pelos excessos de sua natureza.

Como a maioria das moças de sua idade, Eve vivia num mundo de mulheres. Era julgado desnecessário que ela estudasse com afinco na escola. As professoras iam em casa, destacando-se entre elas uma irmã dominicana que ensinava francês e noções de matemática, história e geografia. Tinha uma professora de dança, uma de música e uma de pintura, que sempre lhe davam aulas sob o olhar de *Mademoiselle* Helene. Só as lições de canto, com o venerável professor Dutour, do Conservatório de Música, ocorriam longe da casa na Rue Buffon.

No outono de 1912, Chantal Coudert estava sentada a tomar chocolate quente no seu elegante boudoir, iluminado a gás, discutindo o problema sempre absorvente da filha com a irmã, a *Baronne* Marie-France de Courtizot, que chegara de Paris em visita.

Por que seria, especulou a mãe de Eve, em irritação familiar, que Marie-France, cuja união não fora abençoada com um único filho, se considerava uma autoridade nos cuidados e criação de Eve, a quem se referia como sua "sobrinha predileta", como se a tivesse escolhido para essa honra entre dezenas de concorrentes? Claro que Marie-France assumia ares de importância — isso era normal para uma filha da burguesia rica que conseguira casar com um barão e se elevara para a aristocracia — ; podia-se esperar tal atitude de Marie-France, pois tinha direito a isso, mas o mero casamento não lhe dava o direito de tornar-se uma especialista em assuntos sobre os quais apenas uma mãe podia falar de experiência própria.

— Você se preocupa sem necessidade, minha cara Chantal — disse a *baronne*, levando um guardanapo de linho aos lábios e estendendo a mão para outra bomba de creme. — Eve é uma moça esplêndida, e tenho certeza que já superou aquele espírito ridiculamente exuberante da infância.

— Eu gostaria de ter tanta certeza quanto você, em particular porque nenhuma de nós sabe realmente o que se passa na cabeça de Eve — respondeu Chantal Coudert, com um suspiro. — Maman conhecia nossos pensamentos, Marie-France? Que memória curta você deve possuir...

— Não diga bobagem. Maman era muito rigorosa conosco. Era natural que não lhe contássemos nada... não que houvesse qualquer coisa para contar.

— Tentei criar Eve como nós fomos criadas. Toda cautela é pouca.

— É mesmo verdade, Chantal, que tudo o que já disse a Eve sobre o seu futuro como uma mulher casada é "Faça tudo o que o seu marido desejar"?

— Por que ela deveria saber mais? Isso não foi conselho suficiente? Você se tornou parisiense demais, Marie-France.

A *baronne* levou a xícara aos lábios apressadamente. Sua cerimoniosa irmã mais velha nunca deixava de deliciá-la com atitudes pudicas.

— Quando Eve completar 18 anos, você me deixará oferecer um baile para ela em Paris?

— Claro, Marie-France. Mas só depois que ela tiver um baile em Dijon, senão as pessoas se sentirão ofendidas. Devo pensar nos Amiots, Bouchards, Chauvots...

— E Gauvins, Clergets, Courtois, Morizots... minha cara, sei exatamente quem estará nesse baile, posso até ver cada rosto neste momento. Posso visualizar todos os rostos dos jovens graduados da escola de Sr. François de Salles, formando uma falange de masculinidade recente a exhibir seus bigodes. E depois se seguirá um inverno de alegria afrontosa, como apenas Dijon pode oferecer. O baile da Cruz Vermelha! O baile de Saint-Cyr! Ah, o louco abandono! Para não falar dos bazares de caridade, os concertos e até mesmo... já que Eve monta tão bem... um convite para participar de uma caçada na floresta de Chatillon. Como ela poderá sobreviver a tanto excitação?

— Ria quanto quiser, Marie-France. A maioria das moças daria qualquer coisa pelas perspectivas de Eve — disse *Madame* Coubert, sentindo-se superior.

Afinal, qual das duas tinha uma filha?

— Quando a criança deve chegar em casa? — perguntou a *baronne*, olhando pela janela para o céu, que começava a escurecer.

— A qualquer momento. Avisei a *Mademoiselle* Helene que o professor Dutour deve permitir-lhes bastante tempo para atravessarem a cidade antes do anoitecer

— Ele ainda insiste que Eve possui uma voz extraordinária?

— Insiste, sim. Mas como ela nunca a usará, exceto numa noitada musical ou para se distrair ao piano, eu me pergunto se essas lições não são uma perda de tempo. Contudo, Didier exige que ela continue.

Madame Coudert falou no tom de voz de uma mulher casada com um déspota, um tom que as irmãs gostavam de usar quando se referiam a seus maridos bem disciplinados.

— Tia Marie-France! — exclamou Eve, feliz, ao irromper pela sala.

Enquanto ela presenteava a tia com uma série de beijos entusiasmados, a parisiense notou que a cor natural da sobrinha era tão intensa quanto a de qualquer *cocotte* elegante; que os cabelos encaracolados abundantes, que ainda caíam pelas costas, eram de uma cor incomparável, uma cor excepcional que não desbotaria com a da maioria das ruivas e não se tornaria opaca como a de uma morena; os cabelos de um louro avermelhado; lustrosos, que fariam até uma moça feia parecer fascinante. E aqueles olhos! A escuridão ali era de carvão em brasa.

Eve crescera tão depressa que se tornara mais alta que a mãe, constatou Marie-France de Courtizot, enquanto continuava em sua observação. Havia uma imoderação intrigante, uma extravagância inequívoca, no senso de personalidade da moça. Eve vestia a saia até os tornozelos e a blusa simples com tanta segurança e classe natural que poderia ser uma jovem duquesa, em vez de uma adolescente de 16 anos. Ela devia levá-la para Paris de qualquer maneira, antes que Eve completasse 18 anos. Paquin a vestiria com a elegância e capricho que ela merecia e Worth faria seu vestido de baile. Por que Eve não deveria fazer um casamento esplêndido? Isso mesmo, até melhor do que o seu. Sem dúvida, ela se desperdiçaria na sociedade claustrofóbica e conservadora da velha Dijon.

— Meu tesouro — murmurou ela, retribuindo aos beijos. — É um prazer de se olhar.

— Não a estrague, Marie-France — advertiu a irmã. — Eve, você pode se juntar a nós no jantar esta noite, já que sua tia está aqui, mas só desta vez.

— Obrigada, maman — disse Eve, recatada.

— E agora, Eve, você pode cantar alguma coisa para nós — acrescentou *Madame* Coudert, deliciada pela oportunidade de uma exibição para a irritante irmã.

Eve encaminhou-se para o piano de armário que a mãe mantinha no canto da sala, sentou-se, pensou

por um momento e depois começou a tocar e cantar, com um sorriso malicioso que não pôde reprimir: *Volte a seu céu argentino,*

*Onde todas as mulheres são divinas,
Ao som de sua música tão insinuante,
Vá, vá logo dançar seu tango!*

— Eve! É isso o que você aprendeu com o professor Dutour? — gritou a tia, tão chocada com o ritmo vibrante e sensual da voz rouca da sobrinha, uma voz de seda pura e mel escuro, quanto pelas próprias palavras.

— Claro que não. Ele quer que eu cante árias de *La Bohème*. Mas isto é muito mais engraçado. Ouvi na rua, voltando para casa. Não gosta, tia?

— Não, absolutamente não — respondeu a *baronne*.

Ela detestava admitir, mas talvez Chantal não estivesse errada ao se preocupar com Eve. Para uma virgem, ouvir um tango já era bastante horrível, mas cantá-lo era demais! E ainda por cima numa voz tão... tão... insinuante!

— E dúzias de lenços do mais fino linho, bordados com suas futuras iniciais — enumerou Louise, a copeira dos Couderts, exultante, enquanto passeava com Eve no velho jardim botânico, por trás da catedral, numa tarde de sábado, na primavera de 1913.

— E se ela nunca espirrar? — perguntou Eve, para interromper o relato dos detalhes do enxoval de linho que acabara de ser encomendado para a futura noiva Diane Gauvin, filha dos vizinhos dos Couderts.

Louise ignorou-a. Fora promovida ao posto de acompanhante de Eve quando *Mademoiselle* Helene deixara a casa quatro meses antes, para surpresa de todos, a fim de casar com o vendedor viúvo de *Pauvre Diable*, a maior loja de departamentos da cidade.

— Seis dúzias de pano de prato, seis dúzias de panos apenas para enxugar cristal, quatro dúzias de aventais para as criadas e quanto às toalhas de mesa, não pode nem começar a imaginar...

— Prometo que posso — disse Eve, paciente.

Louise fora sua pessoa predileta entre a criadagem desde a sua chegada, dez anos antes. Na ocasião, Louise tinha a idade de Eve agora, quase dezessete anos, mas mentira e dissera que tinha 24 para conseguir o emprego. Tinha uma pele curtida, um corpo vigoroso capaz de trabalhar dezesseis horas por dia sem cansar, e um rosto redondo.

Eve reconhecera imediatamente o coração gentil e a natureza afetuosa da nova criada, e desde os primeiros dias de Louise as duas iniciaram o tipo de amizade que estava longe de ser incomum num mundo em que as crianças passavam a maior parte do tempo em casa e quase não viam os pais. Tornaram-se aliadas contra a todo-poderosa *Mademoiselle* Helene, tornaram-se confidentes numa casa em que as duas recebiam ordens constantes sobre o que fazer, e tornaram-se amigas íntimas ao longo dos anos, pois cada uma precisava de alguém com quem pudesse falar livremente do que havia em seu coração.

— Não compreendo por que Diane vai casar — comentou Eve, gentilmente tocando num ramo de forsítias, que era a única flor que se podia ver. — Seu noivo é muito feio.

— *Mademoiselle* Diane é uma moça sensata e sabe que o importante é encontrar o marido certo, e não um homem bonito

— Você também! Não posso acreditar que pense assim, Louise. O que o torna certo, a não ser o tamanho da fortuna de seu pai? Vai me dizer que qualquer homem com duas pernas, dois braços, sem enormes verrugas e uma fortuna para herdar é um marido desejável?

— Eu gostaria de encontrar alguém, mesmo com verrugas — disse Louise, com uma careta cômica,

resignada ao fato de que uma pobre criada de 27 anos não tinha a menor possibilidade de casamento.

— Não estou interessada num marido. Quero ser uma freira, uma enfermeira, uma missionária, uma sufragista, uma... uma... ora, não sei! — exclamou Eve, veemente.

— Terá um marido, quer queira ou não, porque sua mãe vai casá-la antes de completar dezenove anos, e se não fizer isso, sua tia vai fazer, portanto é melhor se preparar desde já, minha pobre *mademoiselle*.

— Por quê? Por quê? — gritou Eve, arrancando o ramo de frágeis flores amarelas do arbusto, num gesto que alarmou Louise por sua intensidade. — Se eu não quiser casar, por que deveria? Por que não podem me deixar em paz?

— Se fosse de uma família de cinco ou seis filhos, talvez pudesse ter permissão para fazer como desejasse... cada família precisa de uma tia solteirona para cuidar de todas as coisas para as quais ninguém mais tem tempo... mas você é filha única, e seus pais não terão netos se não casar. Assim, por que tentar lutar contra algo que é inevitável?

— Oh, Louise, temo a perspectiva de uma vida como a de minha mãe... sem nada para fazer além de visitar e ser visitada, sem nada mudar exceto o estilo do sapato. É insuportável, um futuro sem coisa alguma para esperar além de tornar meus pais felizes por ter filhos... é para isso que nasci?

— Quando acontecer, esquecerá tudo o que está dizendo agora e se tornará uma mãe, como a maioria das mulheres, e ficará mais do que contente — respondeu Louise. — Se eu a lembrar, dentro de três anos, do que acaba de dizer, vai se recusar a acreditar em mim e, na verdade, terá esquecido por completo.

— Não é justo! Se o tempo faz a pessoa feliz com as coisas que detesta... então digo que é horrível crescer! Devo fazer alguma coisa maravilhosa... alguma coisa grande, corajosa e emocionante... algo sensacional, Louise, mais sensacional do que posso sequer imaginar!

— Às vezes também me sinto assim, *Mademoiselle* Eve... mas sei que é apenas porque a primavera está no ar e provavelmente teremos uma lua cheia esta noite e se não voltarmos logo para casa, sua mãe vai começar a se preocupar.

— Pelo menos volte correndo comigo, vamos apostar quem chega primeiro. Eu morrerei se não correr!

— Não posso... *Madame* Blanche e o marido acabam de virar a esquina atrás de nós. — Louise fez a advertência para o ar, pois Eve já disparara, muito à frente para ouvi-la.

A imaginação de Eve ficava à míngua com os livros condizentes que a mãe lhe dava para ler. A revista de moda *La Gazette du Bon Ton*, que *Madame* Coudert lhe permitia estudar, falava de mulheres de outro planeta, mulheres tão decorativas e irreais quanto pássaros exóticos em seus trajes Poiret e Doucet de cores fantásticas, que caíam suavemente, com charme infinito, de cinturas altas e túnicas para pés que pareciam os de moças de harém.

Contudo, ela descobriu que o exemplar do pai do principal jornal de Dijon, *Le Bien Public*, era sempre deixado descuidadamente em seu estúdio, depois que ele o lia, todas as manhãs. O jornal tornou-se sua janela para o mundo, e ela desenvolveu uma técnica que lhe permitia furtá-lo todas as manhãs antes que o estúdio fosse arrumado e levá-lo para seu quarto, a fim de ler sempre que tinha uns poucos minutos de privacidade.

No verão de 1913, Dijon era uma cidade alegre, hospitaleira e próspera, preparando-se para a comemoração do Dia da Bastilha, a 14 de julho. A cidade ressoava como uma vasta caixa de música. Melodias soavam de todos os lados; de cada esquina; dos cantores e pianistas no interior de vários cafés; dos restaurantes; dos coretos nas praças; da pista de corridas chamada *vélodrome*; do circo permanente de Tívoli; e o mais espetacular de tudo, das apresentações públicas da banda do 27º Regimento de Infantaria do Exército Francês, instalado na *Caserne Vaillant*.

Ao seguirem três vezes por semana entre a casa dos Couderts e a do professor Dutour, Eve e Louise

passavam por zonas de música diferente, e o ritmo de Eve mudava sem que ela percebesse. Ora andava ao ritmo de uma valsa, ora a uma batida marcial, ora aos compassos de uma canção que saía do terraço de um café, uma canção que nascera em Paris, como todas as outras. Ela cantarolava enquanto andava e apenas os esforços mais insistentes de Louise impediam-na de cantar em voz alta as letras que aprendia tão depressa.

A febre de inquietação e a insatisfação de Eve com sua vida haviam aumentado sem parar desde a primavera. Louise mal podia esperar para que a festa de 18 anos de Eve a levasse instantaneamente para um novo mundo, em que seria engolfada pela atenção dos rapazes, emocionada por novas roupas e cativada por novas amizades. A espera nervosa, conturbada e quase insuportável do último capítulo da infância tão prolongada de Eve teria finalmente um término abrupto. A moça estava tão perto de se tornar adulta, pensou Louise, que naturalmente se encontrava agitada, tão nervosa e extravagante como se houvesse uma tempestade no ar.

Embora soubesse que seu lugar na vida de Eve diminuiria, o senso de responsabilidade de Louise era tão intenso que ela quase desejava que *Mademoiselle* Helene estivesse de volta à casa. Muito em breve, seus deveres terminariam. Mais alguns meses, pensou ela, e poderia relaxar.

Na manhã de 3 de julho de 1913, Eve passou os olhos rapidamente pela primeira página de *Le Bien Public* e depois virou as páginas do jornal, à procura da coluna devotada a uma crônica das diversões na cidade. Finalmente encontrou a notícia da chegada há muito prometida de um grupo de *music hall* de Paris, que iria se apresentar no Teatro Alcazar, o mais importante de Dijon. Eve soltou um grito de alívio. Nunca estivera convencida de que os artistas viriam mesmo.

Há meses que cartazes anunciavam aquela extraordinária visita.

Até mesmo uma jovem recatada, tão resguardada quanto Eve, sabia que em Paris o moderno *music hall* reivindicara seu lugar como o centro das diversões na Europa. O Olympia fora o primeiro a abrir as portas em 1900, e o enorme sucesso levara ao Moulin Rouge, Grande Hippodrome, Alhambra e diversos outros estabelecimentos, menos ambiciosos e menos luxuosos.

Entre esses *music hall* s de segunda categoria estava o Riviera e a direção do Alcazar conseguira atrair toda a sua *trupe* para uma temporada em Dijon. Só a visita de Buffalo Bill e seu circo, no ano do nascimento de Eve, despertara tanta curiosidade nos cidadãos amantes do prazer da cidade.

Eve cutucou Louise, que estava ocupada a fazer a cama, e disse, rosada de exultação:

— Eles estão chegando! Estarão aqui dentro de uma semana!

— E repito o que falei ontem e na semana passada e uma centena de outras ocasiões; sua mãe nunca a deixará ir. Na primavera passada, ela disse que você ainda era muito jovem quando seu pai queria levá-la à ópera. Mas um *music hall*... nunca! Não para uma moça da sua classe. Quem sabe que linguagem os comediantes usam, quem sabe o que as canções podem dizer?

— Não fale assim, Louise. Sabe muito bem que já ouvi todos os tipos de canções na rua. — Enquanto falava, Eve sacudiu vigorosamente a amiga.

— Só estou dizendo o que sua mãe diria.

— Mas eu preciso ir! Há semanas que estou lhe dizendo isso!

— Não a compreendo, *Mademoiselle* Eve. Não quer escutar a razão.

Em breve será uma adulta. Depois que casar, poderá ir a qualquer lugar que quiser, desde que seja acompanhada por seu marido, pobre homem, quem quer que ele seja, ou por outra dama... se conseguir encontrar alguma que seja também tão caprichosa. Estará livre para ir ao *music hall* todos os dias da semana se for a sua fantasia, mas neste momento sabe tão bem quanto eu que é impossível. Assim, é melhor me largar e deixar que eu acabe de arrumar a cama.

— Então não vai comigo, Louise?

— Não é isso o que estou dizendo desde que meteu a idéia nessa sua cabeça?

— Pensei que tivesse mudado de idéia depois que ficou certo que a companhia Riviera viria mesmo.

— Estou mais certa do que nunca — declarou Louise, sem qualquer indício de concessão nos olhos.

— Então irei sozinha.

— É mesmo? E posso perguntar como?

— Não pretendo lhe contar — respondeu Eve, altiva. — Subi num balão há três anos, quando tinha apenas 14 anos. Se pude fazer isso, querida Louise, pensa mesmo que não daria um jeito de ir até a Rue des Godrans, comprar um ingresso para o Alcazar e entrar? Acho que me subestima.

Louise sentou-se na cama que estava tentando arrumar, com uma expressão desesperada. Sabia que devia tomar uma decisão. Ou teria de desobedecer a todas as regras que *Madame Coudert* impusera e mais algumas em que ela nem pensara e levar Eve à matinê do *music hall* em segredo ou teria de se resignar ao fato de que sua tutelada daria um jeito de ir sozinha, só Deus sabia como.

Das duas opções, a segunda parecia-lhe a pior. Uma linda moça sozinha no Alcazar não deixaria de ser observada e falada, talvez até lhe fizessem propostas. Nenhuma mulher respeitável, nem mesmo uma moça do povo, iria sozinha a um *music hall*. Na verdade, compreendeu Louise, sua decisão já estava definida, como Eve sabia muito bem, a julgar pela expressão calculista em seus olhos e o sorriso insinuante e zombeteiro nos lábios.

As duas estavam sentadas meia hora antes da cortina colorida subir, os cabelos denunciadores de Eve presos num coque, sob um chapéu com três alfinetes, que Louise fora obrigada a lhe emprestar.

A orquestra já estava tocando a melodia de *C'est pour vous*, uma canção que elas não sabiam que fora composta por Irving Berlin e intitulada primeiro *Everybody's Doing It*. Ao redor, as pessoas batiam com os pés e murmuravam em expectativa. Todos os lugares estavam ocupados, e Louise sentiu-se um pouco tranqüilizada ao constatar que havia muitas outras mulheres, algumas com crianças.

Eve, tão excitada que as mãos e os pés pareciam congelados, apesar do calor do teatro, estudou o programa, que prometia o que ela sonhara por tanto tempo: cantores, todas as espécies de cantores.

O professor Dutour tinha o hábito de dizer à esposa que Eve Coudert lhe partira o coração. Que uma moça tão talentosa — uma moça que podia cantar qualquer ária composta para a extensão da voz de contralto; uma voz extraordinária, profunda e rica, mas capaz de subir a meio-soprano sem esforço; uma moça que podia fazer leitura à primeira vista sem a menor dificuldade — que uma moça assim quisesse cantar melodias populares, canções compostas para o público comum, estava além de sua compreensão.

Parecia-lhe pura maldade, aquela fraqueza pela melodia fácil e óbvia, isso mesmo, ele dizia à esposa paciente, tornando-se cada vez mais indignado, por melodias que só podia chamar de ordinárias. Não vulgares, não, Eve Coudert jamais trouxera uma canção vulgar para seu estúdio, apenas canções que não lhe custavam mais do que a respiração que nelas desperdiçava.

Eve há muito que desistira de tentar explicar seu amor pela música cotidiana ao professor. Ele era a única audiência que ela possuía, e às vezes ansiava por uma audiência, mesmo que fosse de uma só pessoa.

Quanto mais cantava as melodias das ruas, mais aumentava o desejo de ouvir as canções que aprendia nas ruas, apresentadas por profissionais, num palco de verdade, para saber como faziam exatamente, que expressões exibiam, o que faziam com as mãos e os pés, como se vestiam e como se comunicavam com o público.

Em casa, ela cantava muitas vezes para si mesma, quando os pais saíam, isolando-se da criadagem.

Baixava a voz ao máximo que podia, explorando seus tesouros de calor e intimidade, depois levava o *tremolo* a um ponto que mal podia controlar. Finalmente, Eve levava a mesma melodia algumas oitavas acima, num alto ressonante, até que parecia esvoaçar com asas ansiosas contra o céu da boca. Quando entoava as canções do povo, sentia-se livre e solta, capaz de impor suas próprias fantasias às melodias, já que ignorava como eram interpretadas por qualquer outra pessoa.

Agora, enquanto o programa começava, Eve perdeu toda percepção do teatro, esqueceu Louise sentada sombriamente ao seu lado, não ouviu as reações ansiosas da audiência, enquanto se concentrava totalmente no que acontecia no palco.

O ritmo da revista de *music hall* era deliberadamente organizado em tempo duplo, a fim de que se um número não agradasse, outro já teria tomado seu lugar, antes que o público o percebesse. Quatro homens em monociclos, jogando aros dourados uns para os outros em padrões espantosos, foram substituídos por uma mulher magra, vestida num verde brilhante, que cantou e falou dois monólogos trágicos e dramáticos, numa voz firme e meio esganiçada; 14 dançarinas de saíotes rosas, cartolas, golas de pêlo, apresentaram-se num ritmo vertiginoso e desapareceram para dar lugar a um homem gordo, que cantou algumas canções dúbias numa voz alta e aguda, tão depressa que apenas os espectadores mais ágeis compreendiam todos os duplos sentidos, embora ele piscasse um olho para anunciá-los com antecedência e enxugasse o rosto com um grande lenço, depois dos versos mais ousados. Uma dançarina acrobática, vestida num traje egípcio, efetuou uma série de contorções impressionantes, enquanto um véu depois de outro caía ao chão, deixando-a numa malha cor de carne que pôs os cidadãos de Dijon boquiabertos. Ela saiu do palco para dar lugar a seis lindas moças vestidas em uniformes de soldados, que cantaram em uníssono canções patrióticas, enquanto saracoteavam de um lado para outro, mostrando tanto das pernas quanto possível. A grande orquestra não parava nunca, nem mesmo quando o cenário era mudado.

Eve começava a sentir desapontamento e perplexidade. Já estivera em circos antes de crescer, mas nada a preparara para a miscelânea do *music hall*, de que esperava... bom, não tinha certeza do que esperava, mas não era aquele turbilhão de espetáculo pelo espetáculo, não era aquela coletânea indigerível de números reunidos para um máximo de confusão alegre e ruidosa.

Subitamente, a orquestra parou de tocar e a cortina fechou por um momento. Quando reabriu, um único projetor incidia sobre um piano no palco às escuras. Um rapaz saiu da esquerda e foi sentar-se no banco do piano. Virou-se para a audiência, inclinou a cabeça por um segundo e anunciou solenemente o nome de sua canção:

— *Folie*, uma das minhas prediletas, do imortal Fysher.

Enquanto ele começava a cantar o primeiro verso, lento, "Eu só sonho com ela, ela, ela", numa voz de barítono cuja força era embelezada pela emoção, o Alcazar ficou em silêncio. Toda a algazarra do *music hall* desapareceu, os espectadores envolvidos pelo encantamento daquela coisa misteriosa, uma voz humana especial. Por que aquele homem possuía a configuração do "rosto interior" que transformava o lamento de amor correspondido clássico, mas menor, de Fysher numa experiência que não deixava ninguém indiferente, estava além da compreensão, mas era uma realidade tão sólida quanto o piano em que ele tocava.

Depois de *Folie*, ele cantou *Reviens*, uma valsa lenta, com seu refrão queixoso, "Devolva, meu coração, a alegria que eu perdi, devolva, devolva, meu coração." Depois ele cantou, finalmente com um sorriso, "I Know a Blond", o Alcazar inteiro explodiu em aplausos. O rapaz levantou-se e fez uma mesura, impecável em seu terno escuro, o colete abotoado, uma corrente de ouro de relógio visível, por baixo de uma camisa branca de colarinho alto e uma gravata escura. A sobriedade das roupas e a brancura da camisa só contribuíram para ressaltar os cabelos escuros, curtos e escovados rentes à cabeça.

Eve e Louise encontravam-se muito longe para ver com nitidez o rosto do cantor; ele era um estudo em preto e branco, enquanto a audiência insistiu em três bis, só lhe permitindo se retirar quando a orquestra atacou uma polca e um bando de acrobatas entrou correndo no palco e removeu o piano.

— Até mesmo eu devo admitir, *Mademoiselle* Eve, que isso valeu a pena. Um momento para lembrar, não posso deixar de reconhecer — comentou Louise, num tom que não foi capaz de reduzir a um murmúrio.

Ela olhou para Eve, em busca de concordância. O lugar da moça junto do corredor estava vazio.

— Eve! — gritou Louise, chocada.

Mas o intervalo começara, e o público invadia os corredores, correndo à procura de um pouco de ar fresco lá fora, antes de começar a segunda metade do *music hall*.

Eve avançou pelo corredor com tanto entusiasmo e determinação que não havia margem para hesitação quando se descobriu diante da porta que levava aos bastidores, enquanto os primeiros espectadores alcançavam o saguão. Ela olhou para o programa mais uma vez, encontrou o nome que procurava, empurrou a porta, olhou à volta, à procura de alguém com autoridade e encaminhou-se para um homem de aparência provável, segurando uma prancheta.

— *Monsieur* Marais está à minha espera, monsieur. Pode me indicar seu camarim, por favor?

A voz, embora ela não o soubesse, era a de sua tia tão experiente nas coisas do mundo, Marie-France.

— Por ali, a segunda porta à esquerda, *madame*... ahn... *mademoiselle*?

— Isso não é da sua conta, monsieur — respondeu Eve, ciente de que palavras assegurariam ao homem que ela possuía o direito de estar nos bastidores.

Ela bateu na porta.

— Entre! — disse Alan Marais.

Eve entrou no camarim afobada e estacou no mesmo instante, rígida em choque, a porta batendo-lhe nas costas. O cantor, nu da cintura para cima, estava de pé, virado para o outro lado. O paletó, colete, colarinho, gravata e camisa encharcada de suor se encontravam numa cadeira, ao lado da penteadeira. Ele enxugava o pescoço com uma toalha de rosto.

— Jogue-me uma toalha de tamanho decente, Jules. Mais um bis naquele banho a vapor e eu viraria uma poça. Dijon numa onda de calor... a direção deveria pagar em dobro!

— *Monsieur*, é sublime! — balbuciou Eve, os olhos baixados para o chão.

Ele virou-se e soltou um grunhido de surpresa. Depois sorriu, pegou uma toalha grande e continuou a se enxugar. Eve atreveu-se a levantar os olhos e apenas a porta às suas costas impediu-a de cambalear à visão daquele peito nu, musculoso, com cabelos pretos que estendiam-se entre os mamilos até a cintura. O braço levantado mostrou-lhe o tufo de cabelos na axila que ele atacava vigorosamente com a toalha. Nunca, em toda a sua vida, ela vira um peito nu de homem. Mesmo nos dias mais quentes do verão, os trabalhadores de Dijon usavam camisetas na rua. Também nunca vira um homem suando. A autoridade, a sensualidade intensa do cheiro de suor no pequeno camarim eram tão atordoantes quanto um golpe. Eve sentiu-se atacada, de uma maneira profunda, mas o conhecimento do ataque era num nível pré-verbal, pré-consciente. Tudo o que sabia era que estava corando intensamente.

— "Sublime." Tão bom assim? Obrigado, *mademoiselle*... ou é *madame*?

— *Mademoiselle*. Eu precisava lhe dizer... não tive a intenção de interromper, não sabia que estava mudando de roupa... mas...

ah, a maneira como cantou! Nunca ouvi nada tão esplêndido, tão glorioso!

— Não sou um membro do Ópera de Paris, você sabe, apenas um cantor de *music hall*, deixa-me embaraçado — murmurou ele, encantado com o elogio, com o qual secretamente concordava.

Alain Marais estava acostumado a visitantes no camarim, mulheres que em geral apareciam em grupos, soltando risadinhas, tendo apostado entre si que não ousariam, mas aquela moça de Dijon, com seu chapéu horrível, possuía uma intensidade que o intrigava. Ele vestiu apressado uma camisa limpa e pegou outro colarinho duro.

— Por que não se senta, enquanto acabo de me vestir? — Ele falou em tom persuasivo, já que a moça não demonstrava a menor intenção de afastar-se da porta. Deslocou a segunda cadeira no camarim para perto da sua, que estava diante do espelho na mesa de maquilagem.

Eve sentou-se, olhando fascinada para o espetáculo que nunca vira antes, de um homem prendendo um colarinho numa camisa. A intimidade de observá-lo lutar com os botões era, apenas no grau, menor do que vê-lo enxugar-se com a toalha. Ele terminou depressa, ajeitou uma gravata em volta do pescoço e

ofereceu-lhe água, servindo de uma jarra ao lado de um único copo.

— Terá de usar este, já que não oferecem muito luxo no Alcazar — disse ele, estendendo o copo, como se fosse natural beber do copo de um estranho.

Eve bebeu e, pela primeira vez, fitou-lhe diretamente o rosto.

Ele tinha os cabelos mais pretos, os olhos mais escuros e a expressão de um salteador com senso de humor; um rosto anticonvencional, orgulhoso, até mesmo arrogante, mas sempre pronto para se dissolver numa risada. Era mais jovem do que ela pensara a distância, provavelmente ainda na casa dos vinte anos.

O olhar de Eve era ávido em sua curiosidade intensa. Um homem que podia se apresentar seminu na frente de uma mulher sem qualquer constrangimento, que lhe dava para beber de seu próprio copo, que cantava... ah, que cantava como ela nunca sonhara que fosse possível... tinha de aproveitar cada segundo daquele encontro, pensou Eve, frenética à lembrança de que o segundo ato estava prestes a começar.

— Tire o chapéu — ordenou Alain Marais. — Não posso ver como você parece sob essa moita da Floresta Negra. — A julgar pelo chapéu e o casaco claro que ela fora obrigada a tomar emprestado de Louise e que mantivera desde que entrara no camarim, ele calculou que Eve viera ao *music hall* em sua tarde de folga no trabalho.

Provavelmente uma caixeira numa loja, refletiu Alain Marais.

Eve tirou o chapéu, ornamentado com uma única pena de garça, largou-o no chão. Cobrira-lhe os cabelos até as pontas das orelhas e grande parte da testa. Era um alívio tão grande tirá-lo da cabeça que subitamente o peso do casaco também se tornou insuportável.

Eve deixou-o cair e ficou olhando para o jovem cantor, com toda a sua beleza agressiva e viçosa revelada, mas sem a presença deliberada de uma mulher que está consciente de seu poder.

Eve era tão ignorante do efeito de sua aparência quanto um selvagem criado sem um espelho. Sua aparência nunca fora elogiada ou comentada pelos pais, criadas ou professoras. Haveria tempo suficiente para essas coisas quando uma moça alcançava os 18 anos, era o costume da velha Dijon.

— Santo Deus! — exclamou Alain Marais, caindo num silêncio espantado.

Com o gesto de Eve, o camarim bolorento desaparecia, e ele via à sua frente uma moça tão inesperadamente adorável quanto um lilás branco desabrochando na esquina de uma rua comum. Ficou encantado pela surpresa daquela moça que pertencia a um jardim secreto. Arrastou sua cadeira para mais perto, inclinou-se e levantou o queixo de Eve com uma das mãos, a fim de poder contemplá-la melhor; e pela primeira vez fitou-a nos olhos e enfrentou seu olhar, em que a luz da inocência se misturava de tal forma com uma audácia destemida e deslumbrada que o deixou confuso e sem saber o que dizer.

Os dedos subiram de leve pela curva do queixo, pela beira do maxilar, até a ponta da orelha, pelas faces, até as raízes úmidas dos cabelos. Depois, obedecendo a um impulso forte demais para resistir, ele levantou a outra mão e enfiou os dedos das duas entre os cabelos úmidos nas têmporas, apertando-lhe o crânio com força. Eve estremeceu, mas não fez qualquer protesto, enquanto sentia as mãos de Alain Marais em lugares em que mãos de homem algum jamais a haviam tocado. Uma prisioneira, ela não poderia mexer a cabeça, mesmo que quisesse.

— Assim não é melhor? — indagou ele suavemente. Ela nem mesmo acenou com a cabeça em assentimento

— Diga "É, sim, Alain" — insistiu ele

— É, sim, *monsieur*.

Os lábios de Eve estavam dormentes enquanto sussurrava.

— Alain — repetiu ele, sem compreender que para Eve usar seu primeiro nome era quase um tabu, como era também ter vindo visitá-lo sozinha.

— Alain... Alain... Alain... — suspirou ela, adquirindo coragem, — É, sim, Alain. É melhor.

— Mas como pode me chamar de Alain, *mademoiselle*, quando ainda não me disse seu nome? — Ele falou em tom sério, brincando agora com os cabelos de Eve, soltando-os.

— Meu nome é Eve. — Levantou-se de um pulo quando a porta do camarim foi aberta de repente.

— Alain, Claudette está tendo um dos seus acessos... diz que não pode continuar — anunciou Jules, o diretor de cena, ansioso. — Achei que você podia meter um pouco de juízo em sua cabeça. Desculpe interromper, mas você a conhece. É esse calor infernal. As focas treinadas estão fazendo tanto barulho que parecem elefantes.

— Não há mais ninguém, Jules, pelo amor de Deus? — indagou Alain, irritado. — E será que você nunca vai aprender a bater à porta?

— Ninguém mais que ela possa escutar. Vamos, Alain, mexa-se.

Preciso de você ou o intervalo vai durar até o jantar

— Quem é Claudette? — perguntou Eve.

— A cantora trágica, a desgraçada.

— Aquela senhora magrela de verde?

— Isso mesmo. Infelizmente, ela decidiu que eu a lembro do filho há muito perdido. Eve, virá me visitar outra vez esta noite, durante o intervalo?

— Está certo

— Ótimo!

— Alain, vamos logo! — gritou Jules.

— Até esta noite — murmurou Alain, desaparecendo atrás do diretor de cena.

Eve correu os olhos pelo camarim, aturdida. Não poderia ter prometido voltar ali naquela noite. Não poderia prometer coisa alguma. Nada do que acontecera poderia ter acontecido. Nunca poderia ter acontecido. Seu mundo se dissolvia ao redor.

Hesitante, ela tocou nos objetos na mesa de maquilagem: a escova, o talco, a navalha, o alfinete de gravata, o relógio e a corrente que Alain estava muito apressado para pôr, a toalha de rosto que ele passava pelo pescoço quando ela o vira pela primeira vez.

Eve pegou-a e levantou para o rosto. Recendia a ele, estava impregnada com seu suor. Eve encostou o pano nos lábios e aspirou fundo. O odor deixou-a tonta de anseio, mais do que anseio. A primeira onda de puro desejo físico que já experimentara envolveu-a como se fosse uma banhista num mar desconhecido, engolfou-a, empurrando-a mais e mais para a profundidade insondável, por alguns minutos de escuridão, alguns minutos chocantes, até deixá-la tão fraca como se tivesse quase se afogado.

Com o instinto de alguém lutando pela sobrevivência, Eve pegou o chapéu, ajeitou-o na cabeça, pendurou o casaco no braço e saiu às pressas do camarim, atravessou o saguão do teatro e voltou a seu lugar antes do intervalo acabar. Dois minutos depois Louise chegou, esbaforida, afogueada e furiosa.

— Como pôde fazer isso, *Mademoiselle* Eve? Como pôde me assustar desse jeito? Eu estava fora de mim, procurei-a por toda parte...

onde estava, menina impossível?

— Oh, Louise, sinto muito! Comecei a me sentir tão enjoada no meio da última canção., tive de correr para o banheiro, era uma emergência, rodemos ir para casa agora? Ainda me sinto muito mal.

E há muitas pessoas aqui. Não suporto o calor. Vamos embora, antes que o espetáculo recomece.

- Está mesmo esquisita, muito pálida e tremendo, quanto a isso não resta a menor dúvida. Levante-se. Este não é um lugar que deva freqüentar e sabe disso. Espero que esta louca aventura tenha lhe ensinado uma lição.

— Ensinou, Louise... posso lhe garantir que ensinou.

Alain Marais não era um ignorante em ligações de bastidores. Em todas as cidades em que cantava, havia sempre uma mulher fascinada e disposta a satisfazer seus apetites libertinos, mas, até se encontrar com Eve, jamais conhecera alguma que se recusasse até a jantar com ele depois do espetáculo.

— Um garanhão como você está perdendo tempo com aquela, Alain — comentou Jules, zombeteiro. — Voltou sozinho à sua pensão todas as noites desta semana... Nunca o vi passar tanto tempo sem uma mulher. Sua nova atração nem mesmo espera a cortina baixar sobre o seu último agradecimento ao público para sair correndo pela porta dos bastidores e disparar na rua. Aposto que ela volta para casa ao encontro de um marido ciumento, alguém que trabalha até tarde.

É melhor você torcer para que ele não a siga até aqui um dia desses.

— Não estou preocupado com isso — respondeu Alain, com uma piscadela. — Ela nunca teve um homem.

— Ora, conte outra!

— É verdade. Ela é completamente inexperiente. Intacta. Uma virgem, Jules. Já ouviu falar dessa coisa rara que se chama uma virgem, não é mesmo, companheiro? Ou sua sórdida vida lhe negou a oportunidade?

— Então é por isso que está com tanto tesão e perturbado, hein?

Eu estava admirado com sua paciência. Uma virgem não é do meu gosto.

— Meu pobre Jules, nunca teve a oportunidade de ser o primeiro homem na vida de uma mulher? Vale a pena esperar, aceite a palavra de quem sabe dessas coisas.

— Você tem a desfaçatez do demônio, Alain, mas algo me diz que não vai conseguir conquistar essa garota em particular.

— Quer apostar, companheiro?

— Claro. Cinquenta francos garantem que você fracassa antes de deixarmos Dijon.

— Fechado — concordou Alain, rindo confiante.

O amigo Jules já perdera antes muitas apostas para ele. Era de se pensar que àquela altura já estivesse convencido de que era melhor não arriscar seu dinheiro numa perda inevitável.

Não era de admirar que Jules não pudesse compreender o desafio de uma virgem, pensou Alain. Como a maioria dos homens, o diretor de cena era muito rude, apressado demais. Não tinha a menor idéia da força que era acrescentada ao simples ato sexual quando se sabia que nenhuma mão ou lábios de homem já haviam passado por lá antes. A idéia o excitava mesmo na mera contemplação.

No mundo do *music hall*, as virgens não existiam. Só quando a *trupe* Riviera viajava é que Alain podia acalentar a esperança de encontrar uma, e mesmo assim só raramente, pois quase sem exceção as mulheres que se aventuravam aos bastidores para admirá-lo eram casadas. Conheciam as coisas do mundo e o que, exatamente, esperavam dele, o que ele esperava delas em troca. Proporcionavam variedade, mas não havia o sabor picante quando o final era óbvio desde o primeiro instante.

Havia tão poucas surpresas na vida, pensava Alain, que se devia tirar o proveito máximo de cada uma que surgia. A virgem misteriosa de Dijon era especialmente fascinante em sua inocência palpável, uma inocência que ele lhe permitira manter até agora, já que era evidente que uma ação precipitada de sua parte a afugentaria e o jogo estaria encerrado.

Três dias depois da aposta com Jules, Alain ainda não tomara a iniciativa, torturando-se com a própria contenção. Quando Eve chegava para visitá-lo, todas as noites, o mundo perfumado e poeirento dos bastidores desaparecia. O cantor esquecia que a poucos passos dali havia um desfile tumultuado de

dançarinas pintadas, animais e acrobatas, à espera para ocuparem seus lugares diante dos refletores. Ele sequer ouvia os sons efusivos abafados dos homens e mulheres com quem partilhara piadas e insultos durante o dia inteiro. E o pequeno espaço em que se sentava com Eve tornava-se a única realidade; o jardim oculto em que a imaginara quando a vira pela primeira vez tornava-se de certa forma concreto, e seu desejo ficava ainda mais aflitivo, de uma maneira que lhe dava quase tanto prazer quanto encontraria na satisfação.

Se ao menos, ele pensava, uma *coquette* experiente pudesse chegar perto de excitá-lo com a mesma intensidade da virtude zelosamente guardada daquela encantadora *demoiselle* da província, a vida seria muito mais agradável. Tal espera sem precedentes era tão estimulante, à sua maneira absurda, quanto qualquer rendição poderia ser. Mas a *trupe* Riviera dispunha apenas de mais alguns dias em Dijon, e era preciso ganhar a aposta com Jules. Alain quase desejou não ter feito a maldita aposta. Quase desejou poder voltar a Paris e deixar Eve para trás, sua ignorância sem nenhum esclarecimento, seu decoro imperturbado. Mas ela era desejável demais, e ele tinha sua reputação a manter.

Pesados portões de madeira lavrados, trancados à noite, protegiam o pátio dos Couderts da rua lá fora. Durante o dia, Emil e a esposa, Jeanne, os guardiães, que viviam numa *loge*, abriam-nos sempre que alguém entrava e saía do pátio num veículo, mas as pessoas a pé só precisavam empurrar a pequena porta nos portões para passarem. A chave para essa porta, que também era trancada à noite, ficava pendurada numa argola dentro da porta da frente de Emil e Jeanne, que em toda a história da casa nunca fora trancada. E por que deveria?

Todos na casa dos Couderts iam para a cama às dez horas. O Dr. Coudert levantava-se antes das seis da manhã, a fim de se preparar para as rondas no hospital, e *Madame* Coudert organizava o ritmo da vida doméstica em torno dele. Nos meses de verão, eles quase sempre ficavam em casa depois do jantar, enquanto a vida social da sociedade quase parava com o calor. De qualquer forma, Eve ainda não estava incluída em qualquer das visitas noturnas.

Fora simples para Eve fingir que ia para a cama, depois sair do quarto assim que a casa ficava quieta, abrir a porta da *loge*, pegar a chave da pequena porta e escapar a pé para o Alcazar. Nunca haviam sido tomadas precauções contra essa ação, já que não existia a possibilidade de tanta liberdade das convenções num mundo em que determinadas regras sociais eram cumpridas com um rigor absoluto e sem contestação.

Alain instruíra Jules a deixar Eve entrar pela porta dos bastidores na viela lateral, a fim de assistir ao segundo ato do espetáculo lá dos fundos. Na primeira noite em que ela chegou ao Alcazar enquanto o resto da *trupe* corria de um lado para outro, Eve e Alain sentaram-se nas duas cadeiras, que eram os únicos outros móveis do camarim além da mesa de maquilagem, e conversaram, Eve recatada, empoleirada de uma maneira que deixava claro que não tornaria a se aproximar de Alain.

— Por que não pode ir comigo a um café depois do espetáculo? — perguntara ele. — Por que precisa voltar para casa de imediato?

— Não moro perto daqui — respondera Eve, sem a menor hesitação, pois preparara sua história. — Trabalho numa sapataria de mulheres no outro lado da cidade. A dona, *Mademoiselle* Gabrielle, me dá quarto e comida, além do salário. É uma velha solteirona, muito religiosa e antiquada, impossível de agradar. Tranca a casa à meia-noite, e é mais do que o emprego que perderei se não voltar antes disso.

— Não tem uma família?

— Sou órfã — mentiu ela, sem o menor sentimento de culpa.

Eve sabia, sem poder explicar como ou por que tinha tanta certeza, que quanto menos dissesse a Alain a seu respeito, melhor seria.

Sequer podia explicar a si mesma o que lhe acontecera. Estava totalmente confusa, as conexões entre o cérebro e o corpo tão sobrecarregadas com mensagens mal compreendidas que todo o seu ser era um

emaranhado de excitação assustadoramente desenfreado.

Jantar com Louise, depois de voltarem do Alcazar, fora como aprender uma nova linguagem. Sabendo que teria de ir ao teatro naquela noite, esquecera como ser ela própria, como ser uma moça chamada Eve Coudert. Fora capaz de manejar o garfo e a faca, passar o sal, mas por aí parara o limite de sua capacidade de lidar com a vida cotidiana. Todas as suas forças fundiam-se numa bola compacta de excitação incomensurável, todos os pensamentos concentravam-se na fonte desse excitação. Alain Marais.

As horas do dia da semana seguinte transcorreram enevoadas. Às vezes havia partidas de tênis na grama com os rapazes e moças que conhecera por toda a sua vida, duas vezes houve piqueniques no bosque nos arredores de Dijon, com famílias inteiras e seus criados que iam em suas carruagens ou automóveis, para um lauto almoço servido com menos cerimônia do que o habitual, mas Eve deslizava automaticamente por tudo, num atordoamento que não era muito evidente, os pensamentos nas noites anteriores, nas noites próximas.

Suspenderam as aulas com o professor Dutour. Era impossível forçar-se a cantar música clássica, quando sua mente ressoava apenas com os refrões das canções de Alain. Sua longa intimidade com Louise desvanecera como uma lembrança da infância, já que não podia falar da única pessoa que lhe povoava a mente. Não se podia dizer a rigor que se tornara distante, mas sim indistinta, uma versão em sépia de Eve Coudert, gentil, obediente e silenciosa.

À noite, depois de escapar pela pequena porta e correr através de Dijon até o Alcazar, sentia-se tão descontrolada, tão desvairada de expectativa que, ao bater à porta do camarim de Alain, precisava fazer um esforço para controlar a respiração, empenhar-se para fazer a respiração parecer quase normal. Sempre o encontrava quase inteiramente vestido para seu número no segundo ato, o colete e o paletó britânicos com que invariavelmente se apresentava agora pendurados num cabide, não mais largados sobre a cadeira.

Eve nunca se atrevia a sair de casa antes que a luz de gás dos pais fosse apagada às dez horas. O segundo *tour de chant* de Alain começava pouco antes das onze, o último número do espetáculo. Embora ela corresse a cada passo entre a casa e o teatro, era muito longe para chegar em menos de 15 minutos. Isso lhes deixava apenas meia hora para passarem juntos cada noite e a ameaça imaginária de *Mademoiselle* Gabrielle trancá-la do lado de fora tornara-se tanto um pesadelo para Eve quanto era um obstáculo para Alain; ainda assim, ela se apegava à história, com o mesmo instinto irracional que a levava a inventá-la.

Madame Chantal Coudert leu a carta da irmã e depois estendeu-a para o marido, com uma expressão enigmática.

— Dê uma olhada nisto, meu caro.

Ele leu a carta e devolveu-a.

— Parece maravilhoso. E posso arrumar algum tempo. Meu assistente cuidaria do trabalho no hospital, e posso adiantar as consultas. Ninguém jamais morreu de doença hepática em poucos dias.

Acho que seria bom para nós escapar... casou com o homem errado para férias prolongadas, infelizmente, mas ainda posso tirar alguns dias de folga.

— É possível, mas precisamos pensar em Eve.

— Ela também está convidada. Qual é o problema?

— Ora, é complicado demais — protestou Chantal Coudert. — Em primeiro lugar, ela não tem as roupas apropriadas para Deauville.

Tudo que veste é feito por *Madame* Clotilde, que estará ausente até setembro. De qualquer forma, não há tempo para providenciar qualquer coisa na última hora. — Tornou a examinar a carta, com crescente desapontamento. — E mesmo que Eve tivesse as roupas apropriadas — disse *Madame* Coudert,

suspirando —, acho que não deveríamos levá-la. Segundo a carta de Marie-France, o grupo é todo de pessoas da nossa idade. Foi muita gentileza de sua parte incluir Eve no convite, mas nada estraga mais uma festa do que ter de se lembrar que uma jovem de ouvidos atentos está por perto. Os homens não sabem como falar com ela ou então dizem as coisas erradas, e as mulheres querem fofocar em paz. Eve ficaria deslocada. Você sabe disso muito bem. Se houvesse outras pessoas jovens por lá, mas não, não podemos ir. — Tornou a pôr a carta no envelope, tristemente.

— Acho que está errada, minha cara. Podemos deixar Eve aqui com Louise. Ela não tem partidas de tênis planejadas e um ou dois piqueniques? Por que deveríamos perder alguns dias ao ar livre e brisa marinha por causa de uma moça cuja vida estará em breve ocupada apenas por compromissos e roupas novas?

— Não será fácil para ela — comentou *Madame Coudert*, sem convicção.

— Isso é bobagem. Escreva já e avise que chegaremos amanhã. Farei as reservas no trem para Deauville.

— Se quer assim, Didier...

— Eu quero, e está acabado.

Ele deu um beijo na esposa e pôs as luvas de guiar, no maior bom humor. Os escrúpulos de Chantal, sem dúvida, estavam se tornando para ela uma mera tolice. Felizmente ele gostava de mulheres tolas, sempre gostara, e sempre gostaria. Eram um conforto depois de um dia de trabalho árduo, o que não ocorreria como uma mulher esperta.

— Não preciso voltar correndo para casa esta noite — anunciou Eve, triunfante, ao entrar no camarim de Alain. Ela encarara a partida súbita e inesperada dos pais como um sinal evidente de que *Mademoiselle* Gabrielle já perdera sua utilidade.

— A velha crocodilo teve um ataque e sufocou por excesso de santidade? — perguntou Alain. — Ou você finalmente decidiu que está cansada de ser Cinderela?

— Nenhuma das duas coisas. *Mademoiselle* Gabrielle foi visitar a irmã por alguns dias. Deixou-me a chave da casa. Não posso ficar fora até muito tarde, senão os vizinhos perceberão e contarão a ela quando voltar, mas pelo menos a porta não será trancada à meia-noite. — Exultante, Eve mostrou-lhe a chave da pequena porta da Rue Buffon.

Alain fitou-a, baixou os olhos céticos. Apesar de toda a habilidade de Eve na invenção de *Mademoiselle* Gabrielle, ele duvidara de sua história, até a última palavra. Enquanto conversavam, noite após noite, não demorara a compreender que ela não era o que fingia ser.

Naquela noite, pela primeira vez desde que aparecera nos bastidores, Eve usava um chapéu novo, de aba larga e copa rasa, feito de uma palha clara e elegantemente adornado com uma fita estreita de veludo preto, um chapéu que ela pegara emprestado assim que a mãe partira para a Normandia. Ela não percebia, pensou Alain, mas aquele chapéu confirmava todas as suas suspeitas.

Eve era uma moça rica, ele tinha certeza, pela maneira como usava as palavras, em cada sinal que a criação inconscientemente transmite à atitude de uma pessoa que sempre viveu no privilégio, por mais resguardada que tenha sido. Era uma jovem da classe superior que não queria admiti-lo, por algum motivo pessoal, mas agora, naquele chapéu tão caro, sob o qual seu rosto corava de maneira refinada, ela parecia exatamente o que era. Se Eve tinha alguma experiência de sapatarias, pensou ele, era apenas como freguesa de algum *bottier* que fazia sapatos sob medida.

Mas ele não sondara nem tencionava fazê-lo agora. Que ela guardasse seus segredos... era melhor assim. Nada temia do que uma mulher pudesse fazer com ele, a não ser envolvê-lo em sua vida cotidiana. Isso devia ser evitado, a qualquer custo. Nunca deixava que suas conquistas lhe falassem dos seus problemas reais, maridos ou filhos, pois até escutar já representava um risco de ficar preso na armadilha.

— Pode ir a um café comigo depois do espetáculo e cear? — perguntou, certo pela primeira vez de

que ela aceitaria.

Estava mais do que na hora, pois precisava ganhar a aposta com Jules; um momento rápido e forçado no camarim poderia satisfazer os termos da aposta, mas o privaria do prazer especial que vinha prometendo a si mesmo desde que tocara pela primeira vez os cabelos daquela moça tão sedutora.

— Apenas se formos a um lugar muito sossegado e discreto. Sabe como é uma cidade pequena... mesmo com *Mademoiselle* Gabrielle ausente, é um risco para mim ser vista na rua tão tarde, as freguesas certamente contariam a ela se me encontrassem. Não conhece algum lugar pequeno e bastante escuro?

— Prometo que descobrirei algum.

— É isso o que estava pensando? — perguntou Alain.

Ele correu os olhos pela sala de teto baixo e paredes grossas, que tinha a vantagem de ser fresca, para equilibrar a desvantagem de ser menos atraente do que qualquer café que já conhecera desde que começara a trabalhar. Alain providenciara uma mesa num canto, na frente de uma banquetta esgarçada, tão distante quanto possível do bar, pedindo a melhor ceia que o cardápio podia oferecer e a melhor garrafa que pôde descobrir na curta carta de vinhos.

— É perfeito — respondeu Eve.

Era a primeira vez que ela ia a um café à noite, a primeira vez em que já se sentara numa banquetta com um homem, a primeira garrafa de vinho pedida para tomar num lugar público. Ela olhou ao redor e compreendeu que entre os outros fregueses não havia nenhum que pudesse pertencer ao mundo de seus pais; relaxou, com um suspiro de alívio.

— Tome seu vinho — disse Alain.

— Deixe-me beber do seu copo — retrucou ela, em voz baixa.

Ele prendeu a respiração, enquanto uma onda de desejo o dominava. Eve teria alguma idéia do que palavras assim podiam fazer com um homem? Claro que não, pensou Alain, ela não sabia que seus impulsos sem qualquer premeditação podiam ser tão provocantes, ou seria mais cautelosa.

Alain ofereceu-lhe seu copo e observou-a tomar vinho com tanto prazer como se fosse um *premier* cru, beber a maior parte do que havia no copo sem parar, pois Eve, apesar de toda a ousadia que a trouxera até ali, sentia que precisava de mais coragem ainda.

Ela conhecia o Alain dos bastidores, o homem que lhe falava a respeito de Paris e como se tornara o astro do Riviera sem uma educação musical formal e apesar da desaprovação da família de classe operária; observara dos bastidores, com uma intensidade que a fazia perder todo o sentimento do eu, o Alain Marais que cantava baladas de amor e a mantinha cativa com sua voz; mas subitamente descobriu que havia um terceiro Alain, um homem garboso e sofisticado que usava um chapéu de palha e um elegante terno de verão axadrezado, um homem tão excepcionalmente bonito, tão parisiense, tão experiente em sua sedução, que as mulheres que não o conheciam se viraram para admirá-lo na rua, ao saírem do teatro.

Era o tipo de homem queda jamais conheceria no curso normal dos acontecimentos em Dijon; ele era um estranho ali, deslocado, tão exótico quanto um viajante por um país mais primitivo do que o seu. Eve especulou o que ele poderia ter visto nela para deixá-la visitar todas as noites, avisando Jules que ninguém deveria bater à porta do camarim durante a sua permanência. Sentiu-se de repente inadequada para lidar com aquele terceiro Alain Marais, aquele estranho de outro mundo. O que encontraria para conversar com ele?

As meias horas no camarim passavam tão depressa porque sabiam que pontualmente às quinze para as onze Jules apareceria para comunicar a Alain que estava na hora de seu segundo *tour de chant* e teriam de se despedir. Naquela noite, porém, não haveria esse final.

— Posso tomar outro gole de vinho? — perguntou Eve, bebendo sofregamente.

— *Mademoiselle* Gabrielle tem pelo menos uma boa adega? — indagou Alain.

Até que ponto ela podia levar aquela invenção? Para uma criatura tão inexperiente, Eve tomava o vinho com muito entusiasmo.

— E como tem! É seu único luxo. Não, isso não é justo. Ela também mantém uma boa mesa. Nunca senti fome em todo o tempo que trabalho para ela.

— Mesmo assim, isso não é suficiente para trocar por sua juventude. Não quer qualquer coisa melhor, Eve? Não pode querer passar o resto da vida vendendo sapatos, não é mesmo?

— Claro que não — respondeu, numa indignação afoita. Por que não pensara em alguma coisa mais ambiciosa como sua ocupação? E apressou-se em acrescentar: — Mas deve compreender que é a sapataria mais elegante de nossa parte da cidade. Temos apenas a melhor freguesia, as pessoas de mais classe.

— Não pretende casar? Ou *Mademoiselle* Gabrielle está lhe arrumando um casamento?

As mentiras de Eve divertiam-no tanto que continuava a fazer mais perguntas do que sabia que seria sensato.

— Oh!

Eve ficou paralisada pela afronta. Tudo em sua vida se combinara para fazê-la saber que era um valioso fragmento de humanidade, como estava sendo cuidadosamente preparada para uma boa aliança.

Não pretendia, de jeito nenhum, consumir todas as esperanças e planos dos pais sem asseverar sua independência, mas mesmo assim o pensamento de que alguém poderia supor que tinha o direito de dispor de sua vida era inadmissível.

— Desculpe — Alain apressou-se em dizer, ao perceber sua indignação. — Eu não deveria ter perguntado. Por outro lado, eu gostaria de saber.

— Por quê? — reagiu Eve eriçada. — Que diferença isso faz?

— Pura curiosidade — explicou Alain, em tom de indiferença. —

Sempre conversamos a meu respeito. Não sei nada sobre você, nada que valha a pena saber. Está me parecendo que a nossa amizade é muito unilateral.

— Ahn... — Eve compreendeu de repente que um traje desconhecido e elegante não fizera com que desaparecesse o Alain do camarim que ela conhecia. Fitou-o de lado.

— Então é isso o que você chama quando uma moça corre pela maior parte de Dijon para ouvi-lo cantar todas as noites e depois tem de correr de volta para casa no escuro... uma amizade?

— O que mais eu poderia chamar quando uma moça passa noite após noite sentada numa cadeira dura de madeira, dando a impressão de que vai se levantar de um pulo e sair correndo a gritar se eu aproximar minha cadeira o suficiente pra tocá-la com o dedo mindinho?

— Não sei. — Eve inclinou-se, pôs a mão sobre a dele, afagou-a de leve. — Não sei realmente. Mas você é muito mais experiente do que eu, e se diz que é uma amizade, então deve ser isso mesmo.

— Não faça isso! — exclamou ele, retirando abruptamente a mão que Eve cobrira.

— Não fazer o quê? — sussurrou ela.

— Por Deus, você é pior do que a maior coquete que já nasceu! — Alain segurou-lhe a mão. — Faça isto! Aqui, sinta meu coração, sinta bater... acha que bate assim durante todo o tempo? Acha que pode me tocar quanto quiser e nunca me deixar sequer beijá-la?

— Eu... poderia... deixar você me beijar — murmurou Eve, lentamente — mas nunca tentou.

— Claro que nunca tentei. Não tento beijar uma moça que se sinta com os braços cruzados sobre o peito, as mãos enfiadas sob as axilas, os pés cruzados com tanta força nos tornozelos que uma alavanca não poderia separá-los e os joelhos comprimidos, como se estivesse prestes a ser atacada.

Uma lágrima rolou pela face de Eve, mas ela não se atreveu a removê-la. Mas era verdade, ela pensou, o coração de Alain batia mesmo descompassado. Não podia estar tão furioso com ela que não a perdoasse. Eve sentia-se como se seu próprio coração fosse explodir a qualquer momento. Num movimento rápido e espontâneo, aproximou-se de Alain, virou o corpo para que pudesse pôr as mãos em

seus ombros, inclinou-se para a frente e comprimiu os lábios contra os dele rapidamente. Recuou no instante seguinte à visão de um garçom passando perto da mesa. Ele desviou a cabeça com o tato apropriado, mas isso fez com que Eve percebesse, mortificada, que não apenas se encontravam num lugar público, mas que os fregueses nas outras mesas, menos discretos, observavam-nos com um interesse inequívoco.

— Eve, vamos embora. — Alain pôs algum dinheiro na mesa e pegou-a pelo cotovelo, deixando os pratos intactos.

Em silêncio, ela deixou que ele a conduzisse através do café para a rua movimentada, onde os habitantes de Dijon respiravam o ar fresco da noite. Eve não viu ninguém, pois estava enfeitiçada, uma moça que acabara de dar o seu primeiro beijo. Toda a sua vida passada recuava para a distância, era impelida para o mar perigoso do desejo físico, o mar cuja correnteza assustadora vinha evitando com todo cuidado desde a primeira noite em que conhecera Alain.

Os dois copos de vinho tinto forte, a falta de comida para acompanhá-los, faziam a cabeça de Eve girar, como nunca antes em sua vida. A rua parecia algo numa alucinação, uma tela de fundo pintada, a multidão ao redor parecia de fantasmas, sem vida.

— Quero beijá-lo de novo — ouviu-se Eve dizer. — Quero... quero...

— Isso é impossível, absurdo — retrucou ele, asperamente. — Não há lugar para ir, nenhum lugar onde possamos ficar a sós. Vamos para a minha pensão. Não fica longe. Tenho dois cômodos, é perfeitamente respeitável.

Sem dizer nada, ela balançou a cabeça, numa concordância atordoada. Por um momento, aflorou-lhe na mente o pensamento do que a mãe, a tia ou Louise poderiam dizer, se soubessem. Estava em território desconhecido, pensou, como num sonho, mas depois esqueceu o resto do mundo, enquanto ela e Alain seguiam apressados para a pensão.

O segundo cômodo, que Alain merecia, como uma atração, quando a *trupe* deixava Paris, estava quase inteiramente ocupado por um conjunto de móveis vitorianos, estofados num vermelho-escuro. Foi ali que Eve se sentou, num amplo sofá, dando a impressão de que viera pagar uma visita e sentindo como se caísse pelo espaço, caindo em medo, em satisfação, desfalecendo com curiosidade e apreensão.

Alain jogou o chapéu num canto e tirou o paletó, contemplando-a no sofá com uma mistura de excitação erótico e divertimento irresistível, pois Eve ainda usava as luvas que pusera automaticamente ao deixarem o café. Contudo, ao se sentar ao seu lado e fitá-la nos olhos, ele viu, além do terror óbvio, a rebeldia obstinada que a levava até ali.

Rapidamente, tirou o chapéu de Eve, soltou os cabelos, espalhou-os sobre os ombros. Rapidamente, tirou as luvas; rapidamente, ele desabotoou os botões de cima da blusa. Eve não disse nada, mesmo quando ele abaixou-se e tirou-lhe os sapatos com saltos altos e bicos pontudos, nada quando ele passou os braços por seu corpo sentado e puxou-a, para que ficasse reclinada no sofá. Se não fosse pela respiração cada vez mais acelerada de Eve, ele poderia imaginar que ela não estava prestando a menor atenção.

Até que a beijou. A inocência ardente com que ela recebeu o beijo foi como um tapa na cara. Os lábios permaneceram fechados, mas ainda assim se comprimiram contra os dele com toda força, num ardor e ansiedade incondicionais. Não podia haver dúvida de que ela queria beijos mais do que qualquer outra coisa no mundo, e não podia haver dúvida de que não sabia beijar, tanto quanto uma criança. Os braços de Eve enlaçavam-no pelo pescoço com tanta pressão que não havia espaço para se deslocar dos lábios dela para outra parte do rosto. Os olhos permaneciam fechados. Os dois se encontravam em tal posição no sofá que qualquer movimento ameaçava jogá-los no chão.

— Espere — sussurrou Alain. No momento em que ela parou de beijá-lo, relutante mas obediente, ele desvencilhou-se gentilmente de seus braços e recuou um pouco. — Olhe para mim, Eve.

Ela fitou-o, impaciente em voltar a seus lábios, em fechar os olhos e apenas concentrar-se em sentir

sua boca, tão diferente ao contato de qualquer outra coisa que já conhecera antes, firme mas inchada, macia mas tão musculosa por baixo.

— Quero mostrar a você como se beija — acrescentou Alain.

Estendeu um dedo da mão direita e traçou os contornos dos lábios de Eve com todo cuidado, com tanta atenção, como se o dedo ardente fosse um lápis e estivesse fazendo um desenho que devia ser perfeito. Depois, passou o dedo de um lado para outro entre os lábios, não tentando abri-los, mas acariciando-os, comprimindo para baixo o lábio inferior e para cima o superior, de tal forma que pouco a pouco não estavam mais fechados de maneira tão obstinada.

— Agora — murmurou ele, inclinando-se para Eve —, fique imóvel.

Com a ponta da língua, Alain reconstituiu os caminhos do dedo, contornando os lábios duas vezes, três vezes, até que ela lutou para respirar, mas os braços dele a imobilizavam, não lhe permitindo mexer a cabeça. Depois, outra vez com a ponta da língua, tão firme e dura quanto podia torná-la, ele deslocou languidamente para o lado, através dos lábios começando a entreabrir, roçando apenas o lado de fora da pele, até sentir as beiras úmidas da boca de Eve se abrirem à sua espera. Agora, com a boca de Eve tão docemente relaxada sob a sua, ele retribuiu aos beijos, em seu próprio ritmo, experiente, cada beijo determinado, uma conquista. Só quando ela se remexeu em seus braços, com uma febre inconfundível de impaciência, é que ele tornou a usar a língua, tão gentilmente que foi quase furtivo, uma invasão tão breve, tão ligeira, mas tão penetrante, que ela soltou um grito de êxtase.

— Deixe-me sentir sua língua — ordenou Alain — Quero senti-la em minha boca.

— Oh, não posso... não posso fazer isso!

— Pode, sim... só uma vez. Eu lhe mostrarei como. — Explorou-a mais fundo com a língua, mas devagar, com todo cuidado, recuando com a mesma frequência com que avançava, até sentir o movimento tímido que lhe dizia que ela adquirira coragem para fazer o que pedira. Alain não deu sinal de ter notado, até que o pequeno contato tornou a ocorrer, mais forte e mais ousado agora; ainda assim, ele não fez nada. Na terceira vez em que Eve projetou a língua para sua boca, Alain prendeu-a entre os lábios e sugou-a, como se fosse o mamilo.

Ele mostrou-se voraz e ao mesmo tempo controlou-se. Apenas os lábios de Eve, apenas a língua, pensou, primeiro apenas isso, decidiu determinado, enquanto experimentava uma vertigem. Uma hora antes, Eve sequer sabia beijar. Agora, ele podia dizer pelo movimento involuntário de sua pélvis que não haveria nada que não pudesse fazer com ela naquela noite. Pouco a pouco, obrigou-se a ficar longe de Eve, pois ela desfalecia com uma paixão que não compreendia que era paixão, estava louca com um desejo que não sabia que era desejo, sôfrega com uma necessidade que não sabia que era necessidade.

— Não, Alain — suplicou —, não pare...

— Espere aqui. Voltarei num instante. — Ele desapareceu no quarto. Sempre havia uma maneira certa, pensou, enquanto abria os botões de calça e soltava o órgão imensamente distendido, sempre uma maneira de evitar que acabasse cedo demais. Parou na frente do lavatório no canto e masturbou-se rapidamente, enquanto pensava no corpo ainda invisível de Eve. Terminou em segundos, ganhando tempo para desfrutar plenamente o prazer que se negara com tantas noites. Trêmulo, despejou um pouco de água de uma jarra, lavou-se e enxugou-se, tornou a abotoar a braguilha e voltou ao outro cômodo, onde Eve ainda estava estendida no sofá.

Abraçou-a, gentilmente, recomeçou a beijá-la, com delicadeza.

Era possível ser gentil agora. Estava satisfeito com seu autocontrole. Na segunda vez, era invariavelmente melhor e levava muito mais tempo, mesmo com uma mulher ciente do que estava fazendo. Suas curtas ausências de muitos quartos haviam lhe valido a reputação como um amante incomparável.

Os dedos hábeis e experientes de Alain desabotoaram mais dos pequenos botões que desciam pela frente da blusa de Eve. Não demorou muito para que estivessem todos abertos e ele livrou-a do cinto que

apertava a cintura com tanta firmeza. Ela permanecia passiva em seus braços, enquanto ele a despiu gradativamente, entre beijos. A falta de conhecimento e tanto vinho deixavam-na incapaz de ajudá-lo e também relutante em detê-lo. Não tinha idéia do que estava lhe acontecendo, mas, independente do que fosse, sabia, além de qualquer dúvida, que era seu destino obedecer a ele.

Eve era recatada demais para se olhar, mas sentiu que os seios estavam libertos das roupas de baixo rendadas e agora não tinham qualquer cobertura além da blusa desabotoada, que ele ainda a deixava usar. O tecido fino roçava nos mamilos nus, que se projetaram sem que ela percebesse. Eve fechou os olhos ao ouvir a saia e a anágua caírem no chão. Submeteu-se cegamente, enquanto Alain pouco a pouco a despojava de tudo, à exceção da blusa, demorando-se a revelar cada parte nova e maravilhosa do corpo jovem, sentindo-se cada vez mais excitado, com uma volúpia concentrada, que não poderia prolongar indefinidamente.

Teve o cuidado de não parar de beijá-la nos lábios, preparando-a para a remoção de cada peça de roupa. Qualquer precipitação poderia causar a perda do seu prazer. Sabia que Eve era tão desinformada que os beijos a manteriam hipnotizada e que os anos em que a nudez fora um tabu poderiam ser assim esquecidos. Deixou-a ficar com a blusa, pois isso a tranqüilizaria e mesmo assim ainda podia ver os seios surpreendentemente cheios, com mamilos pequenos e rosados, contraídos de maneira excitante. Ela era perfeita, pensou Alain, enquanto explorava com os olhos a curva sensual da barriga, os cabelos louros que cobriam o encontro das coxas firmes e bem torneadas, cabelos crespos, densos bastante para serem ao seu gosto, pois gostava de uma elevação bem coberta.

— Como você é linda, linda... — murmurou.

— Alain... — sussurrou Eve.

— Não diga. Não vou machucá-la, eu prometo. Deixe-me mostrar... sei que não sabe de nada... eu compreendo... basta me deixar amá-la — Alain olhou para suas coxas. Sem perceber, ela as comprimia de um lado para outro no sofá, roçando uma na outra. Não, ele pensou, não podia permitir que ela continuasse a fazer isso ou poderia ser privado de seu prazer. — Fique quieta, querida. — Tocou com a mão em sua coxa por um instante, a fim de que ela soubesse exatamente a que estava se referindo.

Eve ficou inerte e ele pôde ver o rubor espalhar-se por suas faces.

— Você foi feita para o amor — murmurou ele em seu ouvido. —

Como pôde viver tanto tempo sem isso? Não, não diga nada... deixe-me mostrar como se faz... — Estendeu a mão e esfregou-a sobre os seios intumescidos, tomando o cuidado para não parar por mais do que um momento sobre os mamilos rijos, prendendo-os de leve entre os dedos, desfrutando sua contenção imposta de maneira tão implacável. Eve ofegava a cada movimento. Ela não sabe, mas quer minha boca aí, pensou Alain. Ela ainda não sabe.

Ele umedeceu os dedos na própria boca e contornou os bicos rosados numa carícia lenta, repetida muitas vezes, até que teve de estender a mão outra vez para a coxa de Eve, a fim de contê-la.

— Quer que eu beije seus seios? — sussurrou no ouvido de Eve. — Não farei se você não quiser.

Quando ela balançou a cabeça, num assentimento atordoado e desamparado, foi quase com relutância que Alain finalmente inclinou a cabeça para a carne virgem.

A boca de Eve era doce, os mamilos seriam ainda mais doces, e se houvesse mais tempo para permanecer em Dijon ele adiaría esse passo seguinte por mais um dia, preferindo levar a ambos a novas alturas de delírio frustrado, pois depois que fixasse a boca nos mamilos, sabia que ficaria tão rígido que não mais poderia voltar atrás.

Com uma das mãos, segurou o seio direito de Eve, a fim de que o mamilo ficasse cativo entre seus lábios, exposto ao ataque excitante de sua língua em movimento, enquanto os dedos da outra mão, lentamente, como se vagueassem a esmo, desciam pela barriga de Eve, até o topo dos cabelos louros crespos entre as pernas. Sabia que ela ficaria tão mesmerizada com sua língua que nem perceberia o que a mão fazia, pois o movimento para baixo deveria ser gradativo. Era preciso que ela se acostumassem,

fosse domada para aceitar, caso contrário, ainda poderia se esquivar e, por sua timidez, fazer com que o prazer de Alain se desvanecesse, mesmo agora.

Ele chupou, satisfeito por constatar como o mamilo se tornara maior e mais rijo, enquanto a outra mão explorava indolentemente a pele delicada por cima e por baixo do emaranhado louro, tomando cuidado para não se emaranhar nos cabelos. A princípio, Eve contraíra a barriga e os músculos das coxas ao contato daquela mão deferente, remexendo-se um pouco em protesto, mas agora se encontrava muito absorta na estranha e maravilhosa sensação de um torpor quente e inebriante que sentia entre as pernas para sonhar em fazer qualquer coisa que pudesse levar Alain a retirar a mão. Não sabia qual era o propósito daquela mão, mas cada vez que a tocava sentia vontade de abrir as coxas, num convite inconcebível.

Alain transferiu agora a atenção para o seio esquerdo e as novas e profundas sensações naquele mamilo serviram para distraí-la ainda mais da atividade da outra mão, que se movimentava com infinita calma e a tocava tão de leve que ela não tinha certeza se já pousara e se afastara. Experiente, ele esperava por minutos antes de tornar a tocá-la, tão de leve quanto antes, mas com precisão, o que lhe permitiu introduzir o dedo mais longo, por um segundo desconcertante, no centro de suas sensações. Ele retirou o dedo, certo de que cumprira sua missão, e esperou, até sentir a elevação de cabelos crespos projetando-se para cima, numa reação inconsciente, procurando. O dedo tocou-a outra vez, encontrando a recompensa esperada; dessa vez, ele permaneceu por mais um momento e esfregou-a quase inquisitivo, antes de retirar o dedo. Levantou a cabeça do seio. Os olhos de Eve continuavam fechados, os lábios entreabertos, por um instante Alain pensou que ela desfalecera.

— Não farei isso de novo, querida, se você não quiser — sussurrou. Ela não teve qualquer reação, o que Alain sabia que era tanto uma aquiescência como se ela fosse capaz de pedir. Ele estendeu a mão, entreabriu os cabelos, encontrou o ponto exato no calor entre as pernas que clamava pelo contato. Acariciou-a, provocante, mas manteve o contato entre o dedo e a carne de Eve, agora fitou sofregamente seu rosto, enquanto os dedos se moviam mais e mais depressa. Viu-a morder os lábios, observou-a ofegar por ar, constatou a contração de suas feições, enquanto ela se lançava não sabia para o quê, agora todos os cinco dedos cercavam a carne deliciosa, porque ele queria sentir cada tremor, cada choque, cada contração desenfreada do primeiro orgasmo na vida de uma virgem. Quando ela alcançou finalmente o momento que nunca sonhara que existisse e gritou delirante, sem saber, o nome de Alain, ele enfiou o dedo médio dentro dela por uns poucos centímetros, a fim de que Eve se lembrasse depois, para sempre, quem era o seu dono, a fim de que ficasse marcada por seu toque e jamais o esquecesse, pois esse era o supremo prazer que estava determinado a garantir.

— Jules, pelo amor de Deus, você tem de me ajudar! — disse Alain, segurando o braço do diretor de cena e puxando-o para o camarim, a fim de poderem conversar sem que ninguém os ouvisse. — Velho amigo, estou numa tremenda encrenca!

— Qual é o problema?

Jules nunca vira Alain aparecer no teatro tão desganhado, a barba por fazer; e Alain também nunca aparecera no teatro tão cedo, ainda de manhã.

— Oh, Deus, Jules, por que tive de fazer aquela aposta com você?

— Ganhei ou perdi?

— Nenhuma das duas... ou ambas... que diferença isso faz? Pronto, tome aqui a droga do dinheiro. Jules, tenho de sair de Dijon no próximo trem para Paris.

— Acalme-se, Alain. Você ainda tem uma matinê e um espetáculo noturno hoje, e a *trupe* só deixará Dijon na manhã de segunda-feira. Sabe disso muito bem. Terá de ficar aqui por mais quatro dias.

— Sei de tudo isso... e não muda nada. Preciso desaparecer, Jules, sem deixar vestígios, antes desta noite. Você tem de me dar cobertura com a direção e com Eve.

— Ora, esqueça. Com a garota, ainda é possível, mas com a direção... o que posso dizer a eles... não seja tolo, você é o astro... não quero perder meu emprego. O que aconteceu? Trepou com ela à força, não é mesmo?

— Não. Nem mesmo trepei... deixei-a pronta, disposta, à perfeição, posso lhe garantir, quando ela prorrompeu em lágrimas de alegria, disse que me amava, que eu era maravilhoso, o que sempre quisera por toda a sua vida. E depois me revelou quem é realmente.

O pai é o médico mais famoso da cidade... eles vão me arruinar, Jules, pessoas poderosas assim, começarão a gritar estupro, falarão com a direção... quem sabe o que mais poderão fazer? Estupro, é isso o que vão chamar, com toda certeza. Até mesmo você pensou assim há um minuto. Nunca acreditarão que ela estava disposta. Jules, ajude-me, pelo amor de Deus!

O diretor de cena sentou-se e fitou o desvairado amigo.

— Você e suas virgens... O que esperava?

— Eu estava louco, Jules, o que mais posso dizer? Levei-a em casa tão depressa quanto pude, depois que percebi a encrenca em que me metera. Jules, isso vai acabar mal se eu não for embora imediatamente.

— Pelo menos tem uma história que eu possa contar? — indagou Jules, depois de pensar por um momento.

— Passei a noite inteira acordado pensando em alguma coisa. Di-ga que minha mãe morreu de repente, que recebi um telegrama aqui no teatro, que você leu pessoalmente, tive de voltar para o funeral. A direção não pode protestar num caso assim. O funeral da mãe... isso é sagrado. Diga a eles que voltarei ao trabalho no dia em que a companhia chegar a Paris. Fale a Eve apenas sobre a morte de minha mãe. Ela não sabe onde moro em Paris. Quando perguntar como me encontrar, diga que você não tem a menor idéia, que nesse negócio as pessoas estão sempre se mudando de um lugar para o outro. Diga a ela que só tive tempo de deixar um recado que nunca mais a esquecerei... isso mesmo, é o que deve dizer a ela, que a lembrarei pelo resto da minha vida. E, pode estar certo, vou mesmo lembrar!

— E se ela aparecer no teatro em Paris?

— Não, isso não pode acontecer. Ela me contou que é sempre atentamente vigiada durante o dia. Não tem qualquer liberdade, existe uma *chaperone*... uma *chaperone*, imagine só!... que a acompanha aonde quer que vá. Eu sabia que ela mentia quando disse que era uma caixeira de loja, mas não tinha a menor idéia...

— Tem de fazer pelo menos a matinê, Alain. Não há nenhum trem até a noite... Direi à direção que o telegrama chegou durante a matinê e que o entreguei a você logo depois do espetáculo.

— Como achar melhor, Jules. É um amigo de verdade. O que eu faria sem você?

— Cairia de joelhos e rezaria por um milagre.

Durante todo aquele dia, Eve sentou-se ao piano no boudoir da mãe.

Onda após onda de sensações eróticas intensas atacaram-na e deixaram-na com uma sensibilidade quase insuportável. Era consumida por pensamentos do êxtase jamais sonhado que Alain lhe proporcionara.

Ainda não o compreendia plenamente, mas era a única coisa que importava na vida. Alain, Alain, Alain... até tornar a vê-lo, ela sentia vontade de rasgar as coisas em pedaços com os dentes, correr e correr até cair, incapaz de se mexer, morder os lábios até sangrarem... era tempo demais esperar até o anoitecer! Ela evitou Louise, sabendo que a coisa extraordinária que lhe acontecera haveria de transparecer-lhe no rosto. Tocou piano por horas a fio, uma depois de outra, as canções populares que aprendera nas ruas, mas sem cantar uma nota, porque sabia que se o fizesse desataria em lágrimas de nervosismo. Não tocou qualquer das canções de Alain, porque seu anseio por ele era tão intenso que sentia medo que qualquer coisa que o agravasse naquele momento pudesse levá-la a um acesso de uivos

animais.

A noite finalmente caiu sobre a interminável tarde de verão, e Louise, estranhamente irrequieta, encontrou refúgio numa conversa com a cozinheira, subindo para seu quarto mais tarde do que o habitual. Eram quase dez e meia quando Eve pôde fechar a pequena porta da Rue Buffon às suas costas e correr para o Alcazar.

Não se deu ao trabalho de bater na porta do camarim de Alain, abrindo-a no mesmo ímpeto desenfreado e descuidado com que correra desde sua casa. O pequeno camarim estava vazio, não se via nenhuma roupa de Alain. Era o camarim errado, pensou, retornando ao corredor estreito. Avistou nos dois lados os camarins familiares por que passara noite após noite, ocupado pelos mesmos artistas que viera a reconhecer.

— Jules! — gritou Eve, quando o diretor de cena se aproximou. — Onde está Alain? Por que ele não está em seu camarim?

— Ele viajou. A mãe morreu subitamente... O telegrama chegou essa tarde. Ele teve de voltar a Paris para o funeral... não cantou esta noite. Deixou um recado para você.

— Diga!

— Ele falou que nunca a esquecerá, vai se lembrar de você por toda a sua vida.

— Isso... isso é tudo? Não há mais nada?

— É tudo. — Jules sentiu pena da moça. Não era a primeira mulher a confundir o cantor com suas canções, mas era sem dúvida a mais jovem e a mais bela.

— Onde ele mora, Jules? Dê-me seu endereço, por favor... precisa me dizer onde posso encontrá-lo?

— Eu mesmo não sei... ele nunca disse, não tenho a menor idéia.

Eve virou-se e saiu correndo do teatro, movendo-se sem sentir.

Não demorou muito a se descobrir na Rua de la Gare, que levava à estação ferroviária de Dijon. Em poucos minutos, estava no interior da vasta rotunda de metal, olhando ao redor, desesperada, à procura do quadro que anunciava as chegadas e partidas de todos os trens que passavam pela cidade. Sabia que do final da tarde até a noite só um trem para Paris parava em Dijon.

— O trem para Paris? — perguntou, suplicante, a um carregador que passava apressado.

— Quai número quatro, mas vá depressa, porque está prestes a partir.

Eve correu para a entrada da comprida plataforma em que o trem estava parado e pulou para o degrau alto do último vagão. Depois que se encontrava sã e salva lá dentro, ela parou, quase esbaforida demais para recuperar o fôlego, escutando o apito do trem, que gradativamente adquiriu força para avançar com um solavanco. Só quando o trem passava pela Tranchée des Perrières, nos arredores da cidade, é que Eve recuperou as energias o suficiente nas pernas para começar a procurar por toda a extensão do trem.

Encontrou Alain num vagão de segunda classe, de pé no corredor, as mãos nos bolsos e a cabeça abaixada, olhando sombriamente para os trilhos de ferro lá fora. Assim que reconheceu seu vulto a distância, Eve começou a cambalear em sua direção, o balanço do trem jogou-a tão violentamente de um lado para outro do corredor que nem mesmo podia chamá-lo. Lançou-se para cima de Alain com um solavanco final, segurando-o para não cair. Ele estremeceu.

— Você é louca! — Alain desvencilhou-se dos braços dela.

— Graças a Deus que o encontrei!

— Vai saltar do trem na próxima estação!

— Nunca mais vou deixá-lo.

— Tem de voltar! Sua família...

— O que eles têm a ver com isso? Ninguém pode me tirar de você.

— Não compreende nada! — disse asperamente. — Não sou um homem de casar. Nunca vou me amarrar a ninguém.

— Eu falei alguma coisa sobre casamento? Uma única palavra?

— Não, mas está pensando nisso. Pensa que não conheço as mulheres?

— Desprezo o casamento, desprezo tudo o que envolve. — Eve falava com absoluta sinceridade, os olhos brasas ardentes, a cabeça empinada num gesto orgulhoso e determinado, tudo que era intemperado e incontrolável nela dizia a Alain que falava serio.

— Alguém sabe que você me seguiu? - perguntou, subitamente tentado além da sensatez pelas lembranças torturantes do corpo de Eve.

— Ninguém... ninguém em meu mundo sequer sabe que você existe.

— Nesse caso... a cabeça é sua - disse ele, bruscamente, abraçando-a.

Ela era muito necessária para renunciar agora, não quando ele pensava na excitante ação inacabada que tinha pela frente.

A primeira carta de Eve misericordiosamente chegara cedo, dois dias depois de sua partida. Embora estivesse dirigida aos pais, Louise, frenética, abriu-a logo. Dizia apenas que estava sã e salva, feliz além da imaginação e, por seu próprio relato inacreditável, vivendo com um homem que amava. A criada, apavorada demais para sequer insinuar a catástrofe a qualquer outra pessoa na casa, fora à agência dos correios e telegrafara para os Couderts em Deauville, dizendo apenas o suficiente para trazê-los de volta a Dijon imediatamente.

— Louise, sua desgraçada, conte-me tudo o que sabe ou a porei na cadeia! — gritou *Madame Coudert*, assim que chegaram.

— Fique quieta, Chantal — interrompeu o Dr. Coudert, impaciente. — Esta carta diz em três lugares diferentes que Louise nada sabe, que ela mentiu para Louise, que não é culpa de Louise.

Será que a esposa não percebia que não importava o que Louise soubesse ou não, eles precisavam de sua ajuda para manter a coisa em segredo até que Eve voltasse para casa?

— E agora, Louise, pense com todo cuidado — continuou o Dr. Coudert. — Em sua opinião, quem é o homem com quem *Mademoiselle* Eve foi embora? Prometo que não será punida se nos contar, mas precisamos encontrá-la antes que haja qualquer mal maior. Eu lhe suplico, Louise, conte-nos como ela conheceu esse homem, quando a viu falando com ele. Como ele era?... Basta nos dizer o que lembra a seu respeito.

— Nunca houve nenhum estranho falando com *Mademoiselle* Eve. Juro pela Virgem Mãe. Ela nunca ficou sozinha com um homem em sua vida, exceto quando ia à confissão... e mesmo então eu sempre esperava do lado de fora, como *Mademoiselle* Helene também fazia antes de mim. Ela nunca me falou sobre homens, sequer me fez perguntas sobre o que acontece depois que a moça casa... a não ser para dizer que nunca queria casar. — Louise desatou a chorar, lembrando os passeios pelo jardim apenas poucos meses antes, naquele frio início da primavera. — Juro que ela não sabia de nada.

— Nada? — disse Chantal Coudert, desdenhosa. — Olhe só para esta carta! Ela fugiu com um homem! É uma coisa ou outra! Não pode ser as duas!

— Por favor, Chantal, tente se acalmar. — O Dr. Coudert pegou firmemente a mão da esposa. — Se tivermos sorte, Eve estará de volta dentro de um ou dois dias. Isso é alguma espécie de loucura, alguma espécie de problema de adolescente a que as moças de sua idade estão sujeitas. Quando ela voltar, compreenderemos o que aconteceu. Mas, por enquanto, até ela voltar, é essencial que ninguém saiba que não está aqui, além de nós três. Está prestando atenção, Louise?

— Estou, sim, *monsieur*.

— Louise, deve dizer à cozinheira que *Mademoiselle* Eve está doente e que eu acho que contraiu caxumba. Deixei ordens rigorosas para que mais ninguém entre em seu quarto. Diga a todo mundo que ela está de quarentena. Só você deve levar e trazer as bandejas, dê um jeito de se livrar da comida. Leve apenas sopa, pão e mel.

Ela não terá apetite. Irei ao quarto quatro ou cinco vezes por dia. Se alguma outra criada descobrir a verdade, você será imediatamente despedida, sem referências, cuidarei para que não consiga arrumar nenhum outro emprego em Dijon. Entendido?

— Entendido, *monsieur*.

— Chantal, se por algum motivo Eve não voltar para casa até o momento de Marie-France deixar Deauville e seguir para Paris, pediremos a ela que venha até aqui imediatamente. Precisamos de seu conselho. E a esta altura, se chegar a esse ponto, precisaremos muito de sua ajuda.

— Como assim, Didier? Do que está falando... sua ajuda?

— Acha que um médico não sabe o que acontece neste mundo, minha cara? Eve não será a primeira moça a passar alguns meses fora de Dijon e voltar sem ter aprendido nada.

— Santo Deus, como pode falar de sua filha de maneira tão cruel? Como pode falar em *meses*, Didier?

— Estou tentando ser sensato e aconselho-a a assumir a mesma atitude. Se pensarmos em tudo com antecedência, poderemos evitar um escândalo, o que é a coisa mais importante, depois de trazermos Eve de volta. Ela nos agradecerá por isso um dia, espere só para ver. E agora, Louise, vá para seu quarto e tente parar de chorar.

Lave o rosto e mude o avental. É apenas caxumba, não o fim do mundo.

No mesmo dia em que a *Baronne* de Courtizot chegou a Dijon, procedente de Paris, a família recebeu a segunda carta. Tinha o carimbo de Paris e dizia pouco mais que a primeira. Eve só a enviara para tranqüilizar os pais sobre seu bem-estar, pois sabia muito bem o que aconteceria se descobrissem seu paradeiro.

— Leia isto, Marie-France — disse o Dr. Coudert, sombriamente.

— E depois me fale o que acha.

— Poderia contratar detetives — comentou a *baronne*, depois de ler as poucas linhas —, mas duvido que conseguissem descobri-la.

Não há nada para se investigar, nenhuma pista... e Paris é vasta.

— Exatamente o que pensei. Vou contratá-los assim mesmo, mas não tenho muita esperança.

— O que vamos fazer? — gritou Chantal Coudert, desesperada.

— Se Eve não tiver voltado ao final da próxima semana, não poderei continuar a fingir que está com caxumba. É uma doença que não dura para sempre. Marie-France deve ficar aqui até Eve se sentir melhor e depois nos persuadirá a deixá-la levar a sobrinha para Paris. Louise arrumará os baús e elas partirão, inesperadamente, sem despedidas, a não ser para você, Chantal. Eu mesmo as levarei à estação para pegarem o trem noturno.

— E depois, Didier? — perguntou Marie-France.

— E depois, até ela voltar para casa, Eve permanecerá com você em Paris. O que poderia ser mais normal? Nenhum dos nossos amigos vai questionar quando lhes contarmos. Ela terá uma boa recuperação, como eles ficarão felizes de saber por nosso intermédio e muito em breve estará recuperada para desfrutar os prazeres de Paris, de tal forma que lhe permitiremos continuar a viver sob os seus cuidados e supervisão... até voltar para casa como deve, mais cedo ou mais tarde.

— O que o faz ter tanta certeza? — indagou a esposa.

— Porque o tipo de homem que foge com uma moça como Eve deve ser tão fundamentalmente mau que ela acabará por descobrir por si mesma. Ou vai se cansar dela. Mas, anote as minhas palavras, por tudo o que já aprendi em meus anos como médico, ela será forçada a voltar ao lugar a que pertence, assim que sua vida se tornar difícil. Afinal, Eve não tem dinheiro, não tem um meio de ganhar a vida, nenhum ofício, nenhum talento. Ainda é uma criança. Ela voltará e com reputação intacta, desde que todos nos lembremos de desempenhar nossos papéis. E por isso, Marie-France, sempre estaremos em dívida com você.

— Ora, meu caro, não é nada. Farei qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa. Minha pobre Eve... e pensei durante todo esse tempo que você era rigorosa demais, Chantal, mas estava enganada.

Percebo agora que nunca se é rigorosa o suficiente. Graças a Deus que não tenho filhos, isso é tudo o que posso dizer.

Numa celebração deliberada de indolência, Eve esticou-se sob o lençol de linho e gemeu num excesso de total bem-estar. Sonolenta, olhou ao redor, à procura de Alain, embora já adivinhasse, pela

qualidade da luz do sol no quarto, que mais uma vez dormira até tarde e ele saíra para o ensaio sem despertá-la. Levantar tarde da manhã ainda era uma novidade para Eve, mas o ritmo de seus dias desde que chegara a Paris era tão diferente do que levava em Dijon quanto a percepção recém-acesa das possibilidades de seu corpo era diferente dos tempos em que uma boa partida de tênis era suficiente para satisfazê-la.

Sentia-se inteiramente escravizada à sua paixão sexual por Alain. Embora sob muitos aspectos ele fosse um homem egocêntrico, sabia com precisão como pegar uma moça inexperiente e treinar seus apetites, uma arte que poucos jamais tinham o lazer ou o interesse de desenvolver. Noite após noite, um passo deliberado, experiente e empolgante de cada vez. Ele conduzia Eve por um caminho de conhecimento erótico que a maioria das cortesãs nunca conhecera em toda a sua vida.

Era o início do mês de outubro, um outubro em que a languidez e o perfume do verão ainda sopravam pelas janelas nas brisas quentes; dias ensolarados seguidos por noites intocadas por mais que a mais ligeira insinuação do outono; um outubro bem-aventurado dos amantes que dava a impressão de que poderia perdurar até a primavera; aquele outubro derradeiro da *Belle Époque*.

Eve quase adormeceu de novo, mas no momento em que os olhos fechavam se lembrou que prometera almoçar hoje com uma nova amiga...

ou melhor, uma nova conhecida que poderia se tornar uma amiga. Ela morava no outro lado do patamar e se chamava Viviane de Biron, o que Alain achava uma boa escolha, nem muito floreado nem clamorosamente aristocrático. Não havia praticamente nenhuma mulher no mundo do *music hall* que usasse seu próprio nome. A própria Eve era agora conhecida como Madeleine Laforet, pois sabia que os pais ainda deviam estar tentando encontrá-la.

Bocejando, ela saiu da cama de casal e pôs o *peignoir* atalhado. Enquanto se lavava e vestia, refletiu que começava a se sentir à vontade naquele seu novo papel, não era mais como um pinto que acabara de sair da casca.

O pequeno apartamento de Alain, no quinto andar, numa rua transversal, perto do Boulevard des Capucines, a vizinha de Offenbach e Mistinguett, era alcançado por um elevador que não merecia a menor confiança. Mobiliado de maneira indiferente mas adequada, tinha uma sala, um quarto, uma cozinha, um banheiro e uma pequena sala de jantar semicircular, em que Alain instalara seu piano. As janelas altas da sala davam para uma pequena varanda, que logo se tornara o lugar predileto de Eve ao comer seu *tartine* pela manhã, o pão com muita manteiga e um pouco dormido de ter sido comprado na noite anterior, e tomar seu café, que Alain fizera antes. Às vezes ela se limitava a contemplar as nuvens em pêssego e rosa que sopravam sobre Paris dos céus abertos da Ile de France ou observava a claridade damasco do final da tarde se tornar violeta, mas com maior frequência Eve descobria-se ao piano, tocando e cantando para si mesma, por horas a fio. A música era o único vínculo com o passado que queria manter, embora escrevesse para os pais todas as semanas. Mesmo que estivessem tão zangados que não lessem suas cartas, a mera visão da letra, ela pensava, faria com que soubessem que continuava viva.

Os deveres domésticos de Eve eram mínimos. Uma criada que há anos trabalhava para Alain aparecia todas as tardes para arrumar a cama e limpar o apartamento, aceitando a presença de Eve com um polido aceno de cabeça, que claramente desencorajava qualquer conversa. A única preocupação de Eve era selecionar uma das camisas esplendidamente cortadas que Alain fizera na Charvet, na Rue de la Paix, e ajeitar um dos seus ternos britânicos com colete da Old England, a loja de departamentos no Boulevard de la Madeleine, a fim de que ele pudesse vestir-se para sua apresentação. Um dia sim outro não ela levava suas preciosas camisas para serem lavadas e os ternos para serem passados, pois Alain dava a maior importância à sua elegância sombria.

Ele explicara a Eve que tivera a inspiração de sobressair da multidão pela maneira como se vestia, mesmo quando era apenas um extra no Moulin Rouge. Fora então, cinco anos antes, que ele comprara

duas canções da fábrica de música de Delormel e Garnier e, logo na primeira audição, recebera uma oportunidade de se apresentar sozinho num pequeno café-concerto. Eve não se cansava de ouvir os detalhes de sua ascensão. Cada novo fato que ele contava era temperado com o sabor do primeiro amor, tão impossível de descrever quanto a fragrância de uma gardênia. Tudo, não importava quão banal, era precioso e enraizado em camadas de significado mais profundo. Old England e Charvet tornaram-se para ela não os nomes de lojas concretas, mas palavras que ressoavam com romance e mistério.

Eve não conhecia ninguém em Paris. Os dias de Alain estavam em grande parte ocupados por ensaios, apresentações e o entretenimento gratuito que constituía a convivência profissional necessária de seu ofício. Eve só se juntava a ele depois do espetáculo, aceita por suas dezenas de amigos sem qualquer sinal de surpresa. Ela era a nova namorada de Alain, a pequena Madeleine, uma coisinha adorável, encantadora, se bem que um pouco silenciosa e tímida.

Isso era tudo que eles precisavam ou queriam saber a seu respeito, ela compreendeu, sem surpresa, já que era evidente que não era um deles, mesmo quando os acompanhava nos banquetes noturnos em exuberantes cafés e brasseries, onde uma camaradagem hilariante substituía a conversa.

Embora passasse sozinha todos os dias, Eve nunca se sentia solitária. Lá embaixo estava o mundo dos Grands Boulevards, onde viviam todos os que eram importantes no mundo do *music hall*. Ela explorava o espetáculo ao ar livre das amplas ruas, quase dançando pelas calçadas, aos novos ritmos sincopados que vinham da América, o *maxixe*, o *bunny hug* e o *turkey trot*, que eram mais rápidos do que o tango. Não se atrevia a pedir um café num terraço, embora assim ansiasse, porque a presença de uma moça sentada sozinha num lugar público, advertira Alain, poderia ser mal compreendida. Também não se aventurava a sair do bairro para um passeio pela Rue de la Paix, Champs Elysées ou qualquer outra das artérias elegantes, por causa do perigo de ser vista por tia Marie-France. Nenhuma mulher elegante jamais circulava pelos Grands Boulevards durante o dia, disse ela podia ter certeza.

Agora estava perto do meio-dia, e Eve postou-se diante do armário que continha seu novo guarda-roupa, tentando decidir se deveria usar hoje seu melhor vestido de outono. Até agora, só o experimentara na privacidade do quarto. Ainda não se acostumara à inconveniência da saia-funil, estreitando-se até os pés. Para que fosse possível andar, a saia tinha um corte parcial na frente, deixando à mostra os sapatos novos, com "cordões de tango". Por mais difícil que fosse essa restrição para uma moça acostumada à liberdade maior das saias eduardianas, Eve sentia-se maliciosamente satisfeita ao constatar como parecia adulta na saia e túnica pregueada, que por sua vez era encimada por um casaco em estilo de bolero, com um decote em V sobre o pescoço nu, um decote que parecia tão livre e alegre, depois de ser criada com as golas altas.

Usaria o costume verde-escuro, não importava quão quente fosse o dia, decidiu, pois Vivianne de Biron devia ter, pelos cálculos de Eve, 35 anos e vestia-se no auge da elegância parisiense. Eve precisava de toda segurança que as roupas novas lhe proporcionariam, pois seria a primeira vez, desde que fugira de Dijon, em que estaria a sós com alguém que não fosse Alain.

Eve estava mais excitada do que percebia pela perspectiva. Alain dava-lhe dinheiro para se vestir bem, não pedia que fizesse os trabalhos domésticos, mas quando saía para o teatro pela manhã, a fim de ensaiar o novo espetáculo, esquecia sua existência. A vida estranha e indolente de Eve girava exclusivamente em torno dos pensamentos a seu respeito.

De sua parte, Alain Marais estava satisfeito, na verdade mais do que satisfeito, com Eve, pois havia muito que ela ainda tinha de aprender antes de se tornar uma amante consumada, como ele queria. Só depois, como acontecia com tanta freqüência, é que começaria a se cansar de Eve.

Vivianne de Biron nascera em Jeanne Sans, num subúrbio desolado de classe média inferior de Nantes. O corpo espetacular lhe valera uma primeira audição num *music hall*; embora se constatasse que sequer possuía a capacidade de acompanhar o ritmo da música da orquestra, ela andava como uma

imperatriz.

Durante vinte anos, carregara os trajes pesados e requintados de lantejoulas da corista com extrema dignidade e atração remota.

Sabia que no mundo do *music hall* ela e as colegas eram como elefantes de marajá, imponentes, inúteis mas indispensáveis. Orgulhava-se do fato de que em seu papel designado "vendia sua salada" tão bem quanto qualquer outra, e muito melhor do que a maioria.

Agora, honrosamente aposentada há cinco anos, Vivianne de Biron realizara uma das três possíveis ambições de qualquer veterana do *métier*. Embora não tivesse se tornado uma estrela (não que houvesse qualquer dúvida a respeito) nem virado a esposa de algum homem honesto (o que por certo não lhe conviria), adquirira, no entanto, dois protetores de meia-idade, não muito exigentes mas firmes, cujos conselhos lhe permitiram fazer excelentes investimentos com seus generosos presentes.

Sua renda era mais do que suficiente para uma vida tranqüila, pacífica e luxuosa no centro da única parte de Paris em que já quisera viver. O *music hall*, o mundo de Vivianne por tanto tempo, era seu maior interesse, e ela nunca perdia um novo artista ou uma nova *revue à spectacle*. Seu conhecimento da vida era vasto, já que a mente ágil tinha pouco mais com que se ocupar durante as milhares e milhares de horas nos bastidores. Aos 45 anos, ela aguardava ansiosa o dia, talvez dentro de cinco anos, em que poderia se despedir dos protetores e ter a garantia de sete boas noites de sono por semana. Enquanto isso, a moça que se mudara para o apartamento ao lado despertava sua curiosidade. Era muito diferente de qualquer outra das conquistas de Alain Marais. Possuía distinção além de beleza, uma autoridade ingênua mas inequívoca, apesar do pro-vincianismo óbvio.

— O que está achando de Paris, *madame*? — perguntou ela a Eve, ao iniciarem o almoço no Café de la Paix, bem colocadas na ampla e suntuosa sala, com suas boiserries em verde-resedá e um teto pintado para satisfazer o gosto da Marquesa de Pompadour.

— É o lugar mais maravilhoso do mundo! Estou adorando!

As sobranças de Eve se arquearam em seu fervor. Vivianne inspecionou a nova vizinha com habilidade. Eve vestia-se no rigor da moda. Em cada face, sob o pequeno toque que descia sobre os cabelos, havia um anel de cabelo grudado, que acabara de entrar em voga. Contudo, toda sua experiência lhe dizia que a elegante Madeleine Laforet era tão inexperiente quanto uma camponesa que ia vender galinhas no mercado pela primeira vez. Se ela fosse uma "*madame*", como a polidez exigia que a chamassem, então Vivianne era a mãe de muitos filhos. E, no entanto... no entanto... havia a questão da música.

— Tenho apreciado seu canto, *madame*, mais do que posso dizer.

— Meu canto?

— Não sabia que posso ouvi-la da minha cozinha?

— Não, não tinha a menor idéia. — Eve estava confusa. — Pensei... na verdade, tinha certeza... que não incomodava ninguém, que as paredes eram bastantes grossas... desculpe, devo tê-la deixado louca. Fico contente que tenha me falado. — Eve sentia-se profundamente consternada. Descobrir que as canções de amor populares que aprendera e cantava para si mesma eram ouvidas por uma estranha, que provavelmente tentava aprontar seu jantar em paz e sossego, era tão embaraçoso que ela mal sabia o que dizer.

— É assim que as paredes são construídas nesses prédios de apartamentos. Pode-se sempre ouvir os vizinhos, mas deixe-se assegurar que nunca ouvi qualquer outra coisa que me proporcionasse tanto prazer. E também tenho ouvido *Monsieur* Marais, muitas vezes, como se fosse uma apresentação particular.

— Mas nunca lhe disse qualquer coisa? — perguntou Eve.

— Claro que não. Ele precisa praticar as novas canções. É perfeitamente compreensível. E admiro sua voz. Mas no seu caso, *madame*, posso supor que não é uma profissional?

— Claro que não, *Madame* de Biron. Qualquer pessoa pode percebê-lo pela maneira como eu canto, não é mesmo?

— De jeito nenhum. Só fiz a suposição porque nunca ouvi falar a seu respeito, e se fosse uma profissional, eu a conheceria com certeza. E ousou dizer que toda a França a conheceria. Nada acontece no *music hall* que me escape. Tenho bem pouca coisa para ocupar meus dias. O *music hall* foi minha vida, agora é meu passatempo, minha paixão, se quiser assim... e ninguém jamais teve uma coisa melhor.

— Toda a França me conheceria? Por que diz isso hoje?

— Mas é evidente! Deve compreender que sua voz é encantadora...

não, mais do que encantadora. E sua interpretação! Comoveu-me até as lágrimas com pequenas canções tolas que já tinha ouvido uma dúzia de vezes. Mas não posso ser a primeira pessoa a lhe dizer isso.

Era o primeiro elogio franco e incondicional a Eve. O professor Dutour, à sua maneira resmungante, sempre dera a impressão de não estar muito satisfeito com ela, e a mãe julgava sua voz apenas um dote de uma dama, útil para causar uma boa impressão. Não sabia agora como responder, e Vivianne de Biron, percebendo isso claramente, compreendeu que era o momento de mudar de assunto.

— Já estive em muitos *music hall*s, *Madame* Laforet?

— Infelizmente, não. *Monsieur* Marais canta no Riviera todas as noites, exceto aos domingos, e eu não me sentiria à vontade indo a um *music hall* sozinha. É uma tolice da minha parte?

— Ao contrário, é uma atitude das mais sensatas. Mas o que me diz das matinês?

— Nunca pensei em ir a uma matinê.

— Se eu arrumasse alguns ingressos... para mim, é claro, a direção sempre me oferece ingressos de cortesia... não gostaria de me acompanhar algum dia?

— Mas claro, *Madame* de Biron, eu adoraria! É estranho... quando conheci *Monsieur* Marais, achei que era certo ir aos bastidores, mas agora, por algum motivo, não me sinto à vontade pairando por lá quando ele se apresenta... não tenho o que fazer ali... e... e acho que sinto falta.

— Ah, sei exatamente como se sente! — Vivianne fora apaixonada por um jovem cantor, há muito e muito tempo. Que tivesse os tornozelos quebrados, quinze picadas de abelha na ponta do nariz e até mesmo uma coceira interminável, mas, por Deus, que aqueles dias nunca voltassem! Aquele paraíso, aqueles tormentos, a decepção final e amarga.

Assim começou a introdução de Eve no mundo do *music hall* de primeira classe. Quando o suntuoso Eldorado fora construído, em 1858, tornara-se o primeiro teatro de verdade a substituir o café-concerto, essa mistura exclusivamente francesa de canto e bebida, que se tornara grande demais para ser contida dentro de um mero café. Eve e Vivianne de Biron não demoraram a se tratar pelos primeiros nomes, enquanto a mulher mais velha a conduzia de La Scala a Variétés, do Bobino ao Casino de Paris, despejando nos ouvidos da jovem fascinada as histórias e experiências de vinte anos.

— Não posso deixar de pensar em Dranem. Há poucos cantores que possam me fazer rir da maneira como ele consegue. Dranem pode lotar um teatro sozinho, mas não é grande coisa de se olhar, com aquelas enormes galochas e aquele minúsculo chapéu ridículo... um chapéu de ouro, posso lhe garantir. Ele o chama de Poupoute, e não há dinheiro suficiente em Paris para comprá-lo. E observe como ele canta, sem fazer o menor gesto, com ruge no nariz e queixo, os olhos fechados... ele inventou essa especialidade e ninguém jamais fez melhor, embora há anos venham tentando. Dranem, Polin e Mayol; eles são os grandes originais, minha cara, e imitados por mil jovens cantores. Polin, doce como é, não compreende coisa alguma de publicidade. Costumava dizer sempre: "O segredo do sucesso é deixar o palco cinco minutos antes do público querer que você saia."

Por isso ele vai para casa todas as noites, como um servidor público, nunca se lê qualquer palavra a seu respeito. Estou convencida de que é por isso que ele não ganha tanto dinheiro quanto outros que não

têm a metade do seu talento. Quanto a Mayol, essa criatura enorme e rosada, também seria mais popular se amasse as mulheres em vez dos homens... as mulheres na audiência percebem logo que ele não canta para elas.

"Ah, observe atentamente agora aquela terceira jovem da esquerda, a que tem plumas púrpuras e cabelos vermelhos. Ontem alguém me contou que ela está grávida de quatro meses de seu empresário, mas a barriga continua lisa como uma tábua. Mostra como não se pode acreditar em todos os boatos que se ouve... Ah, vejo que aprecia Max Dearly. Eu o adoro... meu velho Max, como sempre o chamei. Foi o primeiro cantor comediante que não pintava a cara como um palhaço nem usava roupas tolas... imagine a sensação que ele causou, ainda por cima dançando muito bem, o que não acontece com os outros. Todas as mulheres são loucas por ele, e Max gosta delas tanto quanto gosta dos cavalos. Eu gostaria de ter o dinheiro que ele perdeu nas pistas em seu tempo.

Eve, cativada, acompanhava com toda atenção cada palavra dos comentários de Vivianne. Não era apenas seu conhecimento que mantinha Eve fascinada, mas também as novas possibilidades do comportamento humano, reveladas pelas palavras da mulher mais velha.

Grávida do empresário... um homem que amava os homens... perder dinheiro nas corridas... alguém no *music hall* poderia ter suportado a vida insípida que ela levava?

— Olhe só para o jovem Chevalier — disse Vivianne. — Ele tirou sua inspiração de Dearly, em minha opinião, mas percorreu um longo caminho desde então. Já ouviu a história do número que o lançou?

Ele e Mistinguett fizeram uma dança chamada *La Valse Renversante*... derrubavam todos os adereços do palco e acabavam rolando juntos por um tapete. Claro que uma coisa levou a outra, e eles se tornaram amantes. Olhe só, Madeleine! Ai está Vivianne Romance, a próxima atração. Ainda acho que ela tirou o nome do meu. Ela era corajosa, isso não posso negar. Até se meteu numa briga com Mistinguett, depois que Miss fez com que ela fosse despedida por rir durante um espetáculo. Ela disse que Miss não passava de uma avó e que um dia dançaria em sua sepultura, recebendo um bom tapa por sua desfaçatez. Foram precisos dois homens para separá-las... ah, como eu gostaria de estar presente para ver!

"Na semana que vem vamos ver Polaire... já deve ter ouvido falar de sua cintura. Não? É tão pequena que se pode envolvê-la com um colarinho de homem de apenas quarenta centímetros. Para meu gosto, seu nariz é muito grande e a pele muito escura, faz-me lembrar de um menino árabe, mas tenho que admirar seu olhos. São enormes, quase assustadores. Imagine só que quando ela excursionou pela América eles tiveram o atrevimento de anunciá-la como 'A mulher mais feia do mundo', e aqueles americanos malucos gostaram tanto de sua aparência que exigiram seu dinheiro de volta! Ela está no mesmo programa com Paulette Darty. Aí está uma autêntica beldade, se quer saber minha opinião. Grande onde deve ser grande e rosada onde deve ser rosada. 'A rainha da valsa lenta' é como eles a chamam e não sem motivo. Arrumou Rodolphe Berger, um genuíno vienense, para compor todas as suas músicas... nada estúpida, hem?

— Vivianne — interrompeu Eve —, eu estava pensando... talvez seja muito difícil conseguir os ingressos, mas estou morrendo de vontade de ir ao Olympia.

— Não quer ver Polaire?

— Claro que quero, mas venho lendo muita coisa sobre o novo espetáculo do Olympia. As Dolly Sisters, Vernon, Irene Castle e Al Jolson! Todos os jornais dizem que nenhum espetáculo jamais teve tanto sucesso. Não quer vê-los?

— Ora, um bando de americanos! Apenas uma novidade, mais nada.

Meu velho patrão, Jacques Charles, foi à Broadway e contratou todo mundo que pôde encontrar. Reconheço que não teve nada de estupidez, mas também não foi patriótico de sua parte. Pessoalmente, pretendo boicotar. Ninguém vai notar, mas não poderá me arrastar até lá. — Vivianne torceu o nariz, e o assunto foi abandonado.

Contudo, Eve estava determinada a ir ao Olympia, apesar de Vivianne, e àquela altura já se sentia bastante à vontade nos grandes teatros para ir sozinha. Novembro chegava ao final, e os dias fragrantes e amenos de outubro haviam sido substituídos por um outono excepcionalmente frio e úmido, mas Eve tinha um casaco novo bem grosso e um imenso regalo de pele, além de um toque de pele que cobria toda a cabeça. Alain ganhara algum dinheiro nas cartas e fora mais generoso com ela do que o habitual. Eve não ousara perguntar quanto ele ganhara, pois Alain não encorajava perguntas sobre sua vida com os amigos; mas pela maneira como ele insistia em oferecer ostras e champanhe a todas as pessoas que conhecia, todas as noites, ela imaginava que devia ter sido muito.

Na verdade, agora que os ensaios para o novo espetáculo haviam terminado, as tardes de Alain, quando não tinha uma apresentação, pareciam inteiramente dedicadas a jogar cartas, compreendeu Eve, logo tratando de afastar o pensamento da mente. Alain trabalhava tanto em sua profissão que tinha o direito a qualquer diversão, disse Eve a si mesma, enquanto se vestia para a matinê.

Vivianne deveria ter ido, antipatriótico ou não, pensou Eve, enquanto a cortina descia pela décima vez nos Castles. Era inadmissível ter perdido aqueles artistas! Ter perdido aquela graça flutuante, o charme revigorante! Suas mãos doíam de tanto aplaudir, mas ainda havia mais um número antes do intervalo, um cantor chamado Fragson.

Vivianne nunca mencionara seu nome nas muitas dissertações sobre os grandes astros e estrelas, mas a audiência se aquietou no silêncio tenso de expectativa que Eve sabia agora que precedia o aparecimento de um favorito reinante, um artista tão consolidado e tão amado que sabia que não tinha outra coisa a esperar do público além da veneração.

A cortina subiu para mostrar o palco escuro e depois um potente refletor incidiu sobre uma única figura; um homem alto, de cabelos escuros, usando um terno inglês escuro, colarinho alto e engomado, a corrente do relógio de ouro mal visível sob a gravata escura.

Ele inclinou a cabeça, muito sério, para a avalanche de aplausos que o saudou. Assim que se sentou ao piano e começou a tocar as primeiras notas de *Folie*, a audiência interrompeu com aplausos estrondosos; só depois que ele começou a cantar é que todos ficaram finalmente silenciosos. Eve ouviu as palavras da canção que era o prefixo musical de Alain, "Eu só sonho com ela, ela, ela", num pesadelo em que nada compreendia. Alain sabia que alguém chamado Fragson roubara sua canção? Como isso era permitido? Como o Olympia podia apresentar aquele Fragson quando a poucas ruas de distância, no Riviera, Alain cantava as mesmas canções... a nova que ela tanto amava, *Adieu Grenade*, a canção cômica que ele acabara de aprender, *La Petite Femme du Metro*, e agora, por Deus, agora até mesmo *Reviens*, a peça musical mais preciosa de Alain, a que sempre cantava no final, pouco antes de *Je Connais une Blonde*.

Eve correu os olhos pelo teatro, frenética, como se esperasse que a policia entrasse e prendesse Fragson a qualquer momento, mas viu apenas centenas de rostos balançando em reconhecimento exultante, à medida que cada canção era apresentada, todas tão conhecidas que não precisavam de anúncio. A mulher sentada ao seu lado conhecia de cor as letras de todas as canções, pois seus lábios se moviam em silêncio, acompanhando Fragson. Eve ficou desesperada.

Forçou-se a focalizar Fragson tão atentamente quanto possível e concluiu que ele devia ser muitos anos mais velho do que Alain, tinha muito menos cabelos, consideravelmente mais nariz e cantava com um sotaque inglês. Afora isso, poderia ser Alain Marais no palco do Olympia.

Assim que os aplausos finais terminaram e o intervalo começou, Eve deixou o teatro tão depressa quanto possível, voltando a pé para casa em transe. Fragson. Fragson, que era uma atração ainda maior do que Polin, Dranem ou Chevalier, pois ela já assistira a todos agora e nenhum despertara o mesmo fervor intenso da audiência. Fragson, que cantava as canções de Alain, Fragson, que cantava no estilo de Alain, um estilo que ela nunca ouvira em qualquer outro lugar dos *music hall's*.

Fragson, Fragson... o nome povoava-lhe a mente de forma inevitável, como um ressoar de tambor, até

que finalmente Eve teve de admitir a verdade. Era Alain Marais que cantava as canções de Fragson, Alain Marais que cantava no estilo de Fragson, Alain Marais que até se vestia como Fragson. Tinha certeza que se examinasse as camisas de Fragson encontraria uma etiqueta de Charvet e se olhasse dentro do seu paletó verificaria que era da Old England.

A existência de Fragson explicava que especulara em silêncio desde que ela e Vivianne começaram a ir aos *music hall* s duas vezes por semana. Explicava por que Alain se contentava em permanecer num *music hall* que ela considerava de segunda classe, mas sabia agora que não passava de terceira. A apresentação de Fragson explicava por que um homem com a voz esplêndida jamais fizera uma audição para um dos grandes empresários, pois agora que o choque inicial se atenuara, Eve era forçada a admitir para si mesma que Fragson cantava com uma extraordinária autoridade. Cantava com a presença vigorosa de um *grand seigneur*, com o charme especial de personalidade que nunca poderia — nunca deveria — ser imitado.

Fragson era a coisa real.

Fragson explicava tudo sobre a carreira de Alain, exceto por que ele optara por ser uma imitação de Fragson. Será que ele possuía a capacidade de ser o original? Ela nunca poderia perguntar-lhe. Nunca poderia deixá-lo saber que ouvira Fragson. Não lhe cabia questionar o motivo que levava Alain a viver como uma mera cópia de um dos maiores artistas da França. Podia adivinhar; podia imaginar que talvez tivesse sido mais fácil assim conseguir seu primeiro emprego e que, por alguma razão, ele nunca ousara se desviar desse primeiro sucesso... só que ela não podia perguntar, jamais.

O coração de Eve se confrangeu por Alain ao lembrar como ele contara que inventara a maneira de cantar de Fragson; seu coração se confrangeu por si mesma ao lembrar como acreditara nele. Seria possível que tivesse acontecido há apenas cinco meses? Sentia-se dez anos mais velha. Não era de admirar que Vivianne tentasse mantê-la afastada do Olympia. Com seu conhecimento enciclopédico do *music hall*, ela soubera desde o início.

Automaticamente, Eve entrou no elevador e subiu para o seu andar. Vivianne, ouvindo-a voltar, estendeu a cabeça pela porta e perguntou:

— O passeio melhorou sua dor de cabeça, minha cara?

— Não muito, Vivianne, mas vai passar. Uma dor de cabeça não pode durar para sempre.

O úmido mês de novembro começava a parecer com os trópicos quando dezembro se instalou em Paris. Apenas as vitrines das lojas exibiam um toque de cor e animação numa cidade em que a travessia de uma rua se transformara numa provação polar. Nunca, as pessoas diziam umas às outras, fizera tanto frio, nunca ventara tanto, nem o tempo fora tão desolado e repulsivo.

Todos aguardavam ansiosos pelo Natal, como se pudesse trazer uma mudança nos fatores meteorológicos que faziam de Paris uma das cidades menos suportáveis do mundo com o mau tempo. O céu imaginado mas sempre presente comprimia-se contra os prédios cinzentos quase como uma vingança pessoal, o que levava os sábios parisienses a manterem as cortinas fechadas e os lampiões acesos de manhã à noite.

Dois dias antes do Natal, Alain pegou a gripe que atacava a *trupe* do Riviera há semanas. Foi ao teatro como sempre naquele dia e cumpriu o seu *tour de chant* mas, depois de voltar para casa a pé, piorou muito, num prazo assustadoramente curto. Ao amanhecer, estava com febre alta e tão fraco que Eve, que passara a noite inteira acordada cuidando dele, atravessou o patamar de *peignoir* para perguntar a Vivianne se conhecia algum médico na vizinhança.

— O melhor é o velho Dr. Jammes. Ele fará com que Alain se sinta melhor num instante. Vou chamá-lo já, minha pequena, não se preocupe. E você deve telefonar para o Riviera e avisar que Alain não poderá trabalhar pelo menos por uma semana. Essas gripes do Natal são famosas.

O Dr. Jammes examinou Alain meticulosamente e sacudiu a cabeça.

— Talvez o resto da *trupe* do Riviera tenha apenas gripes, *madame*, — disse a Eve —, mas infelizmente este caso tem todos os sinais de pneumonia. Ele deve ser levado para o hospital imediatamente. Não poderia cuidar dele sozinha aqui.

Ao ouvir a palavra pneumonia, Eve foi dominada pelo medo. Quantas vezes o pai perdera pacientes com meros problemas de fígado para a temida pneumonia, contra a qual nada se podia fazer além de sangria e depois rezar para que o paciente tivesse forças suficientes para sobreviver à doença?

— Ora, ora, não fique tão transtornada que não vai adiantar, e sabe disso — apressou-se o Dr. Jammes a dizer, à visão de seu rosto. E acrescentou, olhando para Alain: — Este jovem, posso apostar, tem exagerado. E também está muito magro. E quando isso passar, ele deve começar a cuidar melhor de si mesmo. É o que sempre digo a meus pacientes, mas pensa que aceitam meu conselho? Seja como for, *madame*, tomarei as providências imediatamente.

— O hospital... é muito caro, doutor? — forçou-se a perguntar Eve.

— Todo mundo se queixa que é, *madame*, mas tem economias, não é mesmo?

— Tenho, sim. Só perguntei porque... bom... qualquer doença...

— Não se preocupe demais, *madame*. Ele é jovem, e é melhor ser muito magro do que muito gordo, sempre digo isto. Mas preciso me retirar agora. Tenho mais cinco pacientes para visitar antes do almoço... os médicos não têm tempo para contrair pneumonia, o que é uma boa coisa. Bom dia, *madame*, e procure-me se precisar de mais alguma coisa. Eu o verei no hospital, é claro, depois das minhas rondas.

— Vivianne, sei que isso me faz parecer uma criança, mas não tenho a menor idéia do que Alain faz com o dinheiro que ganha. Ele me dá dinheiro para comprar roupas, mas paga a criada diretamente e nunca come em casa, a não ser o desjejum. Nem mesmo sei qual é o seu banco. — Eve levava Alain para o hospital e não havia mais nada que pudesse fazer por ele ali.

— Terá de perguntar a ele, minha pequena. Não se preocupe, ele vem ganhando um bom dinheiro há anos, e não é nenhum tolo. — Vivianne deu os parabéns a si mesma, mais uma vez, por suas próprias disposições financeiras. Não duvidava que as esposas de seus protetores eram tão ignorantes das finanças dos maridos quanto Madeleine era da situação do amante.

Mas durante o mês seguinte Alain não estava em condições de ser interrogado sobre a localização de suas economias ou qualquer outra coisa. Esteve perigosamente à beira da morte por três vezes, depois de ser internado no hospital. Vivianne manteve a saúde de Eve com as refeições que preparava e se não fosse o dinheiro que a forçou a aceitar, Alain teria sido transferido para um dos hospitais que Paris reserva aos indigentes.

Finalmente, nos últimos dias de janeiro, ele parecia estar a caminho da recuperação, e Eve, exausta mas determinada, perguntou-lhe como podia pegar algum dinheiro em seu banco.

— Banco! — Alain riu fracamente. — Banco! Aí fala uma autêntica filha de ricos.

— Só fiz uma pergunta normal, Alain. O que o leva a dizer isso?

— Porque se você não tivesse nascido uma moça rica, saberia que gasto tudo o que ganho, sempre gastei e sempre gastarei... Essa é a vida que escolhi para mim há muito tempo. Qualquer burguesinha teria compreendido isso há bastante tempo. Economias? São para o homenzinho seguro, com uma mulherzinha segura e, que Deus o guarde, um bando de criancinhas seguras. Essa não! Prefiro perder tudo num bom jogo de cartas a deixar guardado num banco. Mas você não pode se queixar, não é mesmo? Quando eu tinha, eu gastava, e também não me queixei quando perdi tudo, não é mesmo?

— Perdeu tudo?

— Pouco antes de ficar doente. Uma maré de azar nas cartas. —

Alain deu de ombros. — Haveria apenas o suficiente para o Natal, mas depois tive a esperança de recuperar a sorte... ou esperar até o dia do pagamento, o que viesse primeiro. Nunca me preocupei.

Recuso-me a ficar preocupado e estou certo, vai ver só. Estarei de volta ao Riviera em pouco tempo, agora que essa pneumonia desgraçada está quase passada.

— Mas perguntei ao Dr. Jammes, Alain, quando você poderia voltar para casa e ele disse daqui a algumas semanas, e ainda assim haveria... meses de recuperação antes que pudesse voltar ao trabalho!

— Ele é um velho idiota e pomposo. — Alain desviou-se de Eve e olhou pela janela, contemplando a neve que tão raramente caía na cidade de Paris.

— Pomposo, eu admito, mas não idiota — protestou Eve, indignada. — Acho que ele salvou sua vida.

— Escute, tenho um conselho para você — disse, amargurado. — Volte para casa. Volte para Dijon.

— Alain!

— Estou falando sério. Não foi feita para esta vida, e deve saber disso. Já teve sua aventura, mas não percebe que agora acabou?

Volte para seus pais tão depressa quanto o trem puder levá-la. Não pertence a esta vida. Deus sabe que nunca sonhei em pedir que viesse comigo... isso foi inteiramente idéia sua, lembra? Meu tipo de vida me convém, mas não posso ser responsável por outra pessoa por mais tempo. Você se convidou. Agora, está na hora de partir.

Diga adeus, Eve, e pegue aquele trem.

— Eu o deixarei sozinho agora. Está cansado demais. Voltarei amanhã, querido. Tente descansar. — Eve saiu correndo da enfermaria do hospital sem olhar para trás, esperando que ninguém notasse as suas lágrimas.

— E isso é tudo o que ele disse? — perguntou Vivianne.

— Não foi suficiente? Mais do que suficiente?

— Talvez ele esteja certo — disse a mulher mais velha, lentamente.

— Acha mesmo isso? Você também?

— Acho, sim, minha pequena. Paris não é lugar para uma moça sem alguma espécie de situação sólida, e isso, Madeleine, é algo que *Monsieur Alain Marais* nunca poderá lhe oferecer. Tenho-o em mais alta conta por compreender isso. O que ele disse... sobre o retorno a Dijon... é possível?

— Não! Absolutamente não! Eu o amo, Vivianne, e não importa o que você ou mesmo ele digam, não vou deixá-lo. Se eu voltasse para casa... eles esperariam. Só Deus sabe o que esperariam! É impossível!

— Então há uma solução alternativa, mas apenas uma.

— Por que me olha assim? — indagou Eve, subitamente alerta.

— Estou pensando... Você seria capaz?

— Do quê, pelo amor de Deus?

— De arrumar um emprego.

— Claro que eu poderia arrumar um emprego. Por quem me toma? Eu poderia ser uma caixeira, poderia aprender a operar uma máquina de escrever, poderia trabalhar na companhia telefônica, poderia...

— Fique calada, Madeleine. Não estou propondo pô-la para trabalhar em alguma loja ou escritório, para o que um milhão de outras moças são tão apropriadas quanto você. Nada disso, minha pequena, estou falando de um emprego à altura de seu talento... um emprego no palco do *music hall*.

— Não pode estar falando sério!

— Ao contrário, venho pensando nisso há meses. Desde que a ouvi cantar pela primeira vez, para dizer a verdade. Especulei por que *Monsieur Marais* nunca pensou nisso pessoalmente, mas depois compreendi que você nunca cantou com ele em casa. Ele sequer sabe que você canta? Não? Era o que eu desconfiava. Você tinha muito respeito por seu... profissionalismo... para exibir sua própria voz, um mero guincho, sem importância, insignificante... era isso, não é mesmo?

— Pode se divertir à minha custa, Vivianne, não me importo. Não cantava para ele porque pensei que talvez... ora, não sei direito, talvez ele não gostasse que eu também cantasse, talvez ele pensasse que eu queria cantar duetos ou alguma outra coisa estúpida assim.

— Ou que talvez você tivesse uma chance de sucesso maior do que ele? Hein? É isso o que pensou?

— Nunca!

— Por que não, já que é verdade? Não se dê o trabalho de negar.

Sei disso e acredito que você sabe também.

Houve um silêncio confuso entre as duas. Cada uma sabia que estava contornando os limites de um assunto que nunca tivera a intenção de discutir. Ao mesmo tempo, nenhuma das duas sabia exatamente do quanto a outra estava a par. E, no entanto, aquele não era o momento para descrição. Finalmente Eve se aventurou a falar, deixando sem resposta a última pergunta de Vivianne.

— Por que acha que eu poderia cantar no palco? Nunca me apresentei em público, sempre cantei apenas para mim... em casa e para você, depois que descobriu.

— Há dois motivos. Primeiro, a sua voz. Possui a força que é necessária se quiser ser ouvida no balcão do maior teatro de Paris; possui um tom que transmite emoção, como se lançada dos seus lábios para o coração do ouvinte; possui uma qualidade especial para a qual não posso encontrar um nome, que me faz escutá-la cantar interminavelmente, sem jamais me cansar; e, mais importante de tudo, quando canta sobre o amor, eu acredito em cada palavra. E não acredito no amor, como sabe muito bem. Segundo, você tem um gênero. Tem um tipo. O mero talento, a posse de uma voz, nunca é suficiente no *music hall*... é preciso ter um tipo para alcançar o sucesso.

— Que tipo eu tenho? - perguntou Eve, com a mais intensa curiosidade.

— Você é você. O melhor de tudo, minha pequena, o melhor de tudo! Lembro o que Mistinguett me disse uma vez: "O importante não é o meu talento, mas o fato de que sou Mistinguett. Qualquer extra pode ter o mero talento." Ah, a Miss, como ela gosta de falar de si mesma! Minha pequena, você possui um grande talento e ainda por cima é única, é Madeleine! Com esses dois trunfos, pode conquistar o *music hall*.

— E se estiver enganada?

— Impossível! Não me engano sobre essas coisas. Mas você deve se atrever a tentar.

— Atrever... claro que me atrevo, sempre me atrevo! — exclamou Eve, com os olhos iluminados.

— Então devemos escolher as canções certas e conseguir uma audição. E quanto mais cedo, melhor. Graças a Deus que ainda tenho meus contatos no Olympia.. Jacques Charles sempre a escutará cantar, se eu a levar até ele.

— O Olympia?

— Claro. Onde mais? Começamos por cima, como faria qualquer pessoa sensata.

Dinâmico, ambicioso e imaginativo, Jacques Charles era um veterano produtor do *music hall* aos 32 anos. Estava de pé, afagando o bigode preto impecável, os olhos cheios de uma curiosidade que nunca o deixava, em seu lugar costumeiro para uma audição, quase no fundo do segundo balcão do Olympia. Se um artista não podia ser ouvido daquela posição, tão distante do palco, ele não tinha o menor interesse, não importava quão atraente fosse o seu talento.

— O que temos hoje, *patron*? — perguntou um dos seus assistentes, Maurice Appel, surpreso pela audição matutina num dia normalmente devotado aos ensaios à tarde.

— Um favor, Maurice. Lembra de Vivianne de Biron, não é mesmo, minha principal corista em Folies Bergère? Uma maravilha, a Vivianne, nunca se atrasava, nunca estava doente, nunca engravidou, nunca se apaixonou, nunca se cansou. E tem mais, ela foi bastante esperta para se aposentar antes que os seios deixassem de apontar para o teto. Desde que ela se retirou, nunca houve outra que pudesse desfilarmos pelo palco com sua graça sem usar nada mais quente do que uma tonelada de plumas na cabeça. Ela pediu-me

para escutar uma pessoa que canta. Como eu poderia recusar?

— Seu namorado?

— Não, uma moça, ao que parece. Lá está ela agora.

Os dois olharam para Eve, que saiu para o palco usando uma cópia do mais novo vestido de Paris, o *chemise* azul-marinho de Jeanne Lanvin. Mas esse vestido histórico, que não tinha cintura, fora copiado pela costureira de Vivianne, num crepe vermelho perfeito, cuja cor intensa combinava com os cabelos louros avermelhados de Eve, escovados para emoldurarem o rosto. No palco escuro, ela parecia um raio de sol em pleno verão, em que o brilho dos refletores na beira do palco se emaranhava, uma parte de sua própria luminosidade. Eve parou com absoluto controle, a mão direita mal tocando o piano, ao qual um acompanhante já estava sentado, com a música aberta à sua frente. Por sua postura, tão natural para alguém que estudara por anos com o professor Dutour, era impossível perceber que se sentia mais nervosa do que em qualquer outra ocasião de sua vida.

— Pelo menos se pode vê-la — comentou Jacques Charles.

— Quer fazer uma pequena aposta, *patron*? Ela vai exibir o *genre* Polaire.

— Por que não o *genre* Mistinguett, já que estamos falando nisso?

— Yvonne Printemps? — acrescentou Maurice.

— Esqueceu Alice de Tender.

— Para não falar de Eugenie Buffet.

— Isso cobre a maioria das possibilidades. Ela não pode ter a intenção de valsar naquele vestido sumário, e por isso Paulette Darty não entra no páreo. Fico com Alice de Tender. E você, Maurice?

— Printemps. Tenho um pressentimento.

— Cinco francos?

— Fechado.

— *Mademoiselle*, pode começar, por favor — gritou Jacques Charles.

Eve preparara duas canções. Ficara frenética com o problema de encontrar novas canções para apresentar numa ocasião em que todos os compositores decentes trabalhavam noite e dia para artistas já consolidados, mas Vivianne propusera uma solução.

— Parece evidente para mim, minha pequena, que não deve cantar alguma coisa original. Não deve ser a canção que eles vão notar, mas sim você. Apenas você e seu *genre*. Proponho que cante canções que são famosas como pertencentes, acima de tudo, às mulheres que as lançaram, canções que as pessoas pensam como sendo inseparáveis de Mistinguett e Yvonne Printemps... *Mon Homme* e *Parlez-moi d'Amour*. Dessa maneira, vai desafiá-los em seu próprio terreno e mostrar que não é a canção que conta, mas a cantora.

— Por Deus. Vivianne, isso não tornará as coisas mais difíceis para mim? — protestara Eve — Vai parecer que não tenho nenhuma idéia na cabeça.

— Ninguém se importa com o seu cérebro quando está num palco, minha cara. Está ali para se impor. Seja inesquecível.

Inesquecível, pensou Eve, parada, com os refletores nos olhos.

Tudo o que preciso ser é apenas inesquecível. E disponho de cinco minutos para conseguir isso. Ela respirou fundo e lembrou-se do horizonte interminável que contemplara do grande balão vermelho, lembrou o momento em que estivera unida aos temerários pilotos do espetáculo aéreo. Ora, por que não?, perguntou-se. Afinal, é tão extraordinário assim ser inesquecível? Pelo menos devo me atrever a tentar.

Eve deu sinal para o acompanhante começar. Quando as primeiras notas de *Parlez-moi d'Amour* soaram no teatro vazio, Maurice estendeu a mão para o patrão, e Jacques Charles começou a enfiar a mão no bolso. Mas quando a voz de Eve atravessou a distância que os separava, aquela voz de contralto que era tão íntima, tão imediata, aquela voz que parecia cantar diretamente em seu ouvido, embora a distância entre o palco e o segundo balcão fosse enorme, ele parou e escutou.

Jacques Charles escutou uma voz que criava nele uma ânsia, onde antes não havia nenhuma, uma voz que satisfazia seu desejo e depois o deixava mais dependente do som, que era como a batida particular de um coração amado, uma voz que parecia conter uma lição valiosa, mas ainda não aprendida. O empresário compreendeu que se acostumara de tal forma a ouvir a linda melodia cantada no gorjeio melancólico de soprano de Printemps que nunca prestara atenção às palavras. As "coisas ternas" pelas quais a letra suplicava deixaram-no comovido com pensamentos de coisas ternas lembradas, coisas ternas esperadas; e, durante o espaço de um minuto, uma paixão ardente envolveu-o amorosamente, nascida da garganta da moça de vermelho.

Maurice começou a dizer alguma coisa quando Eve terminou a primeira canção, mas o produtor levou um dedo a seus lábios.

— Por favor, *mademoiselle*, continue — gritou ele.

Eve começou *Mon Homme*. Cantou a letra de uma canção que os dois homens sabiam, como um artigo de fé, que pertencia à grande e des-temperada Mistinguett, tão absolutamente quanto suas fabulosas pernas lhe pertenciam, tão completamente quanto o jovem Chevalier lhe pertencia. Maurice pensou que era uma sorte para ambos que Miss não estivesse ali hoje para escutar aquela apropriação ousada e incrivelmente bem-sucedida de sua propriedade. Nunca mais tornaria a pertencer a ela, não como antes, e Miss seria capaz de matar por isso. Por sua vez, Jacques Charles pensou que era uma pena que Chevalier, um bom sujeito, não estivesse presente para vislumbrar aquela oportunidade de escapar de sua ligação tempestuosa com Miss. Ou melhor, escapar para outro tipo de escravidão, pois nenhum homem que escutasse aquela moça de vermelho deixaria o teatro como o mesmo homem que entrara.

Eve terminou de cantar, e os dois homens descobriram-se a aplaudir e gritar "Bis!", antes de olharem um para o outro, contrafeitos. Não podiam clamar por mais como os espectadores. Afinal, não eram meros ouvintes.

Um bis de fato, pensou Vivianne de Biron, em triunfo, Madeleine lhes daria muitos bis, mas tudo no seu devido tempo. Primeiro, havia um contrato a negociar, e se eles não tivessem ficado arrebatados poderiam impor as suas condições. Agora a situação era diferente.

— Ao trabalho, Maurice — murmurou Jacques Charles. — Talvez la Biron pense que estamos apenas sendo polidos.

— Sempre pode tentar lhe dizer isso, *patron*.

— Não a Vivianne de Biron. Eu nem tentaria.

— Por que ela foi uma figurante tão sensacional?

— Porque ela ria na minha cara, seu idiota. Eu disse que ela nunca engravidou, não falei que era estúpida.

Ela podia ter um coração duro e ser considerada uma mulher impiedosa, refletiu Vivianne de Biron, mas não era nada mal, ao contrário, era até uma sorte, que Alain Marais não melhorasse tão depressa quanto esperava. Os médicos insistiram que ele ficasse no hospital até se certificarem de sua recuperação; e como o inverno continuava úmido e gelado, e parecia que, à típica maneira parisiense, poderia permanecer assim até o Dia da Bastilha, não havia perigo de que ele voltasse para casa e descobrisse que a sua Madeleine se encontrava no processo de transformar-se numa estreante do Olympia, o glorioso Olympia, onde ele sabia que nunca poderia ter a esperança de ingressar, a não ser como bilheteiro.

Vivianne advertira Madeleine a nada lhe dizer a respeito de seu novo emprego, e a jovem logo acatara o conselho, sem indagar o motivo. Ela devia ter finalmente ouvido Fragson cantar. Era inevitável, já que estavam trabalhando no mesmo palco, no mesmo espetáculo, Madeleine ensaiava todos os dias no teatro as canções novas de seu *tour de chant*. Contudo, ela nada dissera, pensou Vivianne. Algumas coisas não precisavam de comentários, particularmente entre amigas.

Vivianne deu de ombros e pensou no futuro de Maddy, pois era esse o nome que a produção decidira dar a Madeleine. Como Jacques Charles dissera, "Madeleine" tinha uma inequívoca conotação religiosa, e se havia uma coisa que se podia dizer a respeito do canto de Madeleine é que era mais inspirado por Vênus do que por alguma santa virginal.

Ele resolvera lançar sua debutante durante a primeira metade da atual *revue*, já que não deveria ser substituída por um novo espetáculo até o verão.

— Não quero esperar até lá — explicara ele a Vivianne depois que o contrato fora assinado e voltaram a ser amigos — porque ela está pronta agora... e cuidarei para que os críticos tomem conhecimento de sua apresentação. Uma nova atração é sempre uma boa maneira de trazê-los de volta ao teatro no meio da temporada. Maddy entrará depois das jovens Hoffmann e antes do mágico. Depois Fragson canta, seguindo-se o intervalo. É a disposição perfeita.

— Como vai vesti-la? — indagara prontamente Vivianne, pronta para entrar em batalha, se fosse necessário.

— De vermelho, como você fez, é claro. Seu instinto estava certo. Só porque nunca usou roupas no palco não significa que não as entendia. Com seus cabelos, ela deve sempre usar vermelho, mas não um chemise. Nenhuma mulher jamais tornará a desonrar meu palco com um vestido sem cintura. É muito menos sedutor do que uma fronha.

Caças a Deus, Maddy possui o corpo que é prometido por sua voz.

Pretendo fazer-lhe justiça, como fiz com você, Vivianne, antes de se transformar numa agente profissional.

— Ingrato!

— Ah, a clássica mãe do palco! — Ele rira e beijara-lhe a mão.

— É uma pena que não pudesse jamais acompanhar as outras, mas agora compreendo que seus talentos seguem outros rumos. E me sinto profundamente grato a você, Vivianne... sabe disso, não é mesmo?

— Como não poderia deixar de estar. Ficarei de olho nos trajes dela, *patron*, não pense que não.

— Confio em você.

— E ficarei de olho em você também — acrescentara ela, em tom severo.

— E com toda a razão. Por que deveria ser a primeira pessoa na história a confiar num produtor?

— Agora — disse Jacques Charles a Eve, ao entrar em seu camarim numa manhã em meados de março, no dia seguinte à sua primeira apresentação —, você está pronta para começar a trabalhar.

— Mas... não compreendo. — Ela fitou-o espantada.

— Ontem, Paris acolheu-a em seu coração. A audiência tomou uma decisão. Apaixonou-se por você, minha Maddy. Só uma audiência pode conceder esse tipo de amor; e depois que o concede, nunca mais tira. Foi uma vitória, uma vitória incondicional. Olhe só para estas críticas... é a glória, Maddy, nada menos do que a glória. Portanto, digo que está pronta para começar a trabalhar.

— Ainda não compreendo.

Depois das ovações que se seguiram à sua primeira apresentação, Eve esperara as flores e mensagens que invadiram seu camarim, antecipara os elogios que recebera dos outros artistas, mas as palavras de Jacques Charles agora não faziam sentido.

— Desde a primeira vez em que a vi no palco, Maddy, nunca pensei em você apenas como uma cantora. O *tour de chant* é o primeiro passo em sua carreira. Absolutamente necessário, é claro. Sem isso, você não poderia possuir o público. Mas também pode ser uma prisão para um grande talento. Você possui um potencial que há anos não vejo. Pode se tornar uma estrela, o tipo de estrela em torno da qual se cria uma *revue*, para quem se cria uma *revue*. Isso significa que deve dançar e representar tão bem quanto canta. Aulas, minha jovem, aulas!

— Mas...

— Não quer ser uma estrela?

Eve sentou-se no sofá do camarim e olhou confusa para o jovem empresário.

— Entendo... você pensou que já era uma estrela — acrescentou ele. — E não é de admirar, depois da recepção que o público lhe concedeu. Mas há estrelas e estrelas, Maddy. Você é de fato uma estrela agora, não uma grande estrela, ainda não, embora brilhe tão intensamente. Nunca partilhará seu lugar no céu com alguém que jamais teve o público do Olympia na palma da mão. — Fitou-a com atenção e percebeu que suas palavras a magoavam. Apressou-se em continuar: — Não me entenda mal, Maddy. Tem todo o direito de se considerar uma estrela, se para você "estrela" significa ser um nome num cartaz, um nome entre muitos outros. Mas se tem outro sonho, se sonha que algum dia as pessoas correrão ao Olympia só para verem Maddy, porque Maddy é mais importante do que qualquer espetáculo, se sonha que um dia Maddy será conhecida no mundo inteiro e os turistas brigarão por ingressos para ouvi-la, se pode ver cartazes de Maddy em cada quiosque da cidade... então temos a mesma idéia, você e eu, do que significa ser uma estrela. E então, o que me diz?

Eve viu nos olhos dele o entusiasmo genuíno e inconfundível de um homem que lhe oferecia o mundo. Aquele produtor, que podia contratar qualquer artista que escolhesse, pensava — não, sabia — que Eve tinha uma chance. Mais do que uma chance.

— Nada. Por enquanto. Muito obrigada, *patron*, mas nada tenho a dizer.

— Nada? — repetiu ele, incrédulo.

— Por favor, não pense que sou ingrata ou estúpida. Eu... eu ainda estou confusa... Fiquei tão emocionada depois da noite passada que nem dormi... e não sei o que quero neste momento.

— Eu compreendo, Maddy... é normal. Muito bem, eu lhe darei todo o tempo de que precisar para pensar a respeito. Leve um dia, dois dias... e quando tiver se decidido, procure-me na minha sala.

Temos muita coisa para conversar. — Ele exibiu um sorriso encorajador e saiu apressado, pensando sombriamente que não saber o que se queria era quase tão ruim quanto não querer nada. Se Maddy quisesse se tornar uma estrela, não deveria precisar de mais que meio minuto para pensar a respeito de sua oferta. Se quisesse realmente se tornar uma estrela, deveria ter batido na porta de sua sala no início daquela manhã, no instante em que ele chegara ao teatro, querendo saber quais eram os seus planos para ela.

Ao final daquela tarde, com meia hora só para si antes de se vestir para ir ao teatro, Eve encolheu-se numa poltrona diante das janelas, de onde, poucos meses antes, contemplara o lento pôr-do-sol do outono. Agora, estava quase escuro lá fora, mas o dia fora ensolarado, aquele dia brilhante de março que evita que o espírito dos parisienses murche por completo durante o inverno; o dia em que os garçons nos cafés arrumam as mesas apressados nos terraços para uma multidão de fregueses, mesmo sabendo perfeitamente que no dia seguinte teriam de levá-las de volta para dentro.

Eve estremeceu e pegou uma xícara de chá quente com as duas mãos para esquentá-las. Pela tarde inteira, durante os ensaios com seu acompanhante, sentira-se enregelada até os ossos, apesar do calor no teatro abafado; e mesmo agora, agasalhada no seu chambre mais aconchegante, não conseguia se sentir confortável.

Por que, perguntou-se pela centésima vez, por que ficara tão atordoada com as palavras de Jacques Charles, por que tivera de perceber a sinceridade em sua voz e por que tivera de sentir o coração disparar quando ele falara que Maddy podia se tornar famosa, Maddy podia se tornar uma grande estrela? O pequeno e modesto estrelato de que ele falara tão gentilmente... alguma vez ela fora culpada de esperar por mais do que isso? Alguma vez sequer se permitira sonhar com mais? Não era suficiente se atrever a cantar no Olympia? Por que ele tinha de lhe perguntar se queria mais? Algum sucesso maior do que já alcançara, com toda certeza, implicaria a perda de Alain. Por que deveria ser tentada de maneira tão cruel?

Eve levantou-se e foi procurar uma echarpe quente para enrolar no pescoço. Parou no quarto por alguns minutos, na frente do imenso armário em que estavam pendurados os ternos de Alain, numa fileira impressionante. Abriu a porta e aspirou a fragrância que exalava da lâ dispendiosa, um odor que parecera, durante os dois meses e meio últimos, tudo o que restara do amante no apartamento. Embora o visitasse no hospital com tanta frequência quanto podia, não era a mesma coisa. O aroma de seu tabaco, colônia, óleo para os cabelos e corpo, tudo se misturava num cheiro maravilhoso que a deixou mais desolada do que antes. Enfiou a mão fria sob o chambre e roçou os dedos lentamente pelo seio, tentando despertar uma lembrança do contato de Alain. Ansiava por ele.

— Eve...

A voz soou na porta do quarto, ela gritou e virou-se bruscamente.

— Alain! Oh, Deus, Alain! Você me assustou, entrando assim. O que está fazendo aqui?

Ele riu por sua consternação e abraçou-a apertado.

— Os médicos me deixaram sair há uma hora. Eu queria lhe fazer uma surpresa. Dê-me um beijo. Ah, como é bom... Tão bom... naquele leito de hospital nunca teve o mesmo gosto... eu corria o perigo de esquecer, posso lhe garantir. Estou contente em vê-la, querida. Estou contente por não ter permitido que eu a mandasse de volta para Dijon. — Segurou-a e examinou-lhe o rosto. — Parece diferente, Eve.

Nunca a vi antes com tanta maquilagem nos olhos. Faz com que pareça mais velha. Não me agrada. Quem lhe ensinou... Vivianne?

Eve apressou-se em acenar com a cabeça.

— Alain, querido, tem certeza de que está recuperado para voltar para casa? Os médicos fizeram um exame completo antes de deixá-lo sair? Está muito magro.

— Parece muito com minha mãe. Terei de provar o quanto estou forte. — Pegou-a no colo e levou-a para a cama. — Dê-me sua boca, primeiro dê-me sua boca e depois... depois terei todo o resto de você... e descobrirá como estou forte.

A risada de Alain era triunfante. Ao baixá-la para a cama e parar por cima dela, tirando o casaco, Eve percebeu a hora no relógio na mesinha-de-cabeceira. Teria de partir para o teatro dentro de dez minutos ou correria o risco de chegar atrasada. Sentou-se na cama.

— Alain, meu querido, agora não.

— O que está querendo dizer com "agora não"? É essa a maneira de me receber de volta?

— Eu... eu preciso sair. Tenho um compromisso... não posso me atrasar. Voltarei... mais tarde... e então nós...

— E então o quê? Que história é essa de um compromisso? Desde quando tem saído à noite sozinha?

— Ele tornou a enfiar os braços no casaco, furioso, passou para a sala, onde guardava o conhaque.

— Talvez eu devesse ter avisado que estava voltando para casa — gritou, por cima do ombro —, mas parece-me que qualquer compromisso que você tenha é menos importante do que... Eve, venha até aqui! Venha até aqui imediatamente!

Frenética, Eve correu para a sala, as mãos cobrindo a boca, num medo súbito. Alain estava parado diante de uma cesta enorme com uma fogueira de rosas vermelhas que um mensageiro especial trouxera naquela manhã.

— Você é tão rica que gasta cem francos para se comprar rosas... é isso? E de Lachaume, ainda por cima. O que está acontecendo por aqui? Quem lhe mandou essas coisas? — Os músculos da face direita de Alain se contraíram, a boca ficou rígida.

O rosto moreno de salteador, que Eve conhecia no amor e riso, tornou-se o de um estranho perigoso. Ela ficou muda, enquanto observava Alain pegar o cartão grosso, cor de creme, da mesa, diante das rosas. Um cartão gravado com o nome do remetente, Jacques Charles, o sobrenome riscado com um traço da pena, para indicar que as rosas haviam sido enviadas numa base pessoal *Obrigado, Maddy, pela noite passada,*

Foi ainda mais do que eu esperava.

E esta noite não precisará ficar nervosa,

Até lá. Jacques.

Alain leu as palavras em voz alta. Cruzou o espaço entre os dois num passo, pegou as mãos de Eve com uma das duas, agrediu-a na face com a palma aberta da outra mão, com toda força de que era capaz.

— Puta! Vagabunda! Ainda mais do que eu esperava... posso apostar que foi mesmo, depois de tudo o que ensinei a você. Como o conheceu? Vivianne. Claro, Vivianne! Ela foi sua cafetina. Vou matá-la e depois matarei você também. — Tornou a esbofeteá-la.

— Pare! — gritou Eve, fazendo um esforço para se desvencilhar.

— Não é isso! Pelo amor de Deus, pare e me deixe explicar!

— Oh, Deus, deve mesmo pensar que sou um idiota! Explicar? Pensa que preciso ler duas vezes? Você fodeu com ele, isso é tudo.

Maddy de Dijon, a mais nova puta de Paris! — Os músculos do rosto de Alain não paravam, a respiração era ofegante e rápida, enquanto se preparava para agredir Eve outra vez.

— Estou cantando, ontem à noite foi minha estréia, meu *tour de chant*! — gritou ela, desesperada.

A essas palavras insanas, Alain estacou abruptamente, baixou a mão.

— Saia. Nem mesmo vale o esforço de surrá-la. Uma puta é uma coisa, uma louca é outra. Saia e saia depressa, enquanto ainda pode andar.

— Não, Alain, não! Eu suplico, escute-me! É a pura verdade. Eu deveria ter contado a você, mas... erreí ao não falar nada... tinha de fazer alguma coisa para conseguir dinheiro para nós... por isso... fiz uma audição para *Monsieur Charles* e... não é muita coisa, apenas umas poucas canções...

— Seu *tour de chant*? No Olympia? No teatro de Jacques Charles?

Ora, sua puta, você nem sabe cantar. Só sabe foder. E me dá vontade de vomitar. Até que ponto pensa que sou estúpido? Tem cinco minutos para sair. — Virou as costas em repulsa, foi até o bufete em que estava a garrafa de conhaque. — Mas o que é isso? Mais flores?

Orquídeas desta vez. Então está mesmo no ofício, hem? Se um, por que não dois? Se dois, por que não uma dúzia? Quem é o freguês agradecido desta vez? — perguntou asperamente, pegando um segundo

cartão, desdenhoso.

Eve sabia o que ele estava lendo em silêncio: memorizara as poucas palavras. "Mil bravos, Maddy. Senti orgulho de você ontem à noite. Seu colega do palco." Desolada, ela observou os ombros de Alain descaírem, enquanto o golpe o atingia em cheio. O nome impresso no cartão era o de Harry Fragon.

Não se virou para fitá-la, apenas largou o cartão no bufete e deixou o apartamento sem dizer mais nada.

Chorando convulsivamente, Eve correu para o quarto, a fim de se vestir para o teatro. O que mais podia fazer? O que mais podia fazer?, perguntou-se, enquanto deixava o apartamento, para o qual sabia que nunca mais voltaria.

— Pode me fazer um favor, Maddy? Quer cuidar dessa coisinha para mim enquanto faço meu número? A criada não apareceu esta manhã —

disse Suzu, uma das coristas, estendendo um bebê para os braços de Eve.

Ela desapareceu num adejar de plumas, antes que Eve pudesse dizer sim ou não, pois todos nos bastidores do Olympia sabiam que Maddy tinha o coração mole.

Dois meses haviam transcorrido desde a sua estréia, e não apenas sua cabeça não virara com o sucesso imediato, mas também Maddy ainda era uma boa moça, todos concordavam, não assumia os ares de uma estrela. Ela sentava e comia bife com batatas fritas no café da esquina, com qualquer um que por acaso estivesse com fome naquele momento, das camareiras aos acrobatas. Era a primeira a chegar e a última a sair do teatro à noite. Ninguém podia compreender por que recusava os convites para a ceia em restaurantes elegantes, os convites para festas de gala, bailes e boates que recebia todos os dias, junto com cestas de flores de seus admiradores na audiência. Maddy nem mesmo permitia que fossem ao camarim para se apresentarem pessoalmente, as coristas diziam umas às outras, sacudindo a cabeça. Ou ela tinha um protetor muito ciumento, o que não parecia possível, pois não tinha jóias, ou não gostava de homens, o que parecia ainda menos possível.

Eve segurou o bebê com cuidado e contemplou-o alarmada. Dormia agora, mas o que faria se acordasse e começasse a chorar durante o espetáculo, antes de Suzu voltar?

— Julie, venha até aqui me ajudar.

Mas Julie, a camareira, que junto com três outras era responsável pelas providências para que nenhuma das coristas saísse para o palco com um excesso de lantejoulas, não respondeu.

— Julie! — chamou ela de novo, incapaz de levantar e procurar pela mulher, já que estava sentada apenas com a combinação rosa-clara que usava por baixo de seu traje. — Oh, Julie, onde você está?

Desesperada, Eve prestou atenção ao burburinho nos bastidores — as risadas abafadas, as conversas incessantes, a confusão ordenada — e compreendeu que enquanto as coristas estivessem se apresentando no palco, ao som da orquestra completa, ninguém ouviria sua voz.

— Maddy, você está decente? — gritou Marcel, o assistente do diretor de cena, jovialmente, abrindo a porta sem a menor cerimônia. — Tem uma visita para você.

— Vai acordar o bebê! — sussurrou Eve, em pânico, olhando para a criança.

— Um bebê! — balbuciou uma mulher, horrorizada.

Eve pulou à voz familiar, o bebê abriu os olhos e começou a uivar.

— Tia Marie-France!

— Um bebê! É ainda pior do que eu imaginava. Oh, Deus, o que direi à sua pobre mãe?

— Diga que não é meu — respondeu Eve, começando a rir tanto que teve de largar o bebê nos braços do jovem assistente do diretor de cena. — Você, Marcel, que é tão esperto que nem mesmo espera que eu diga "entre"... leve essa criança para Julie e não demore, está bem? E não a deixe cair. Suzu voltará em breve para buscá-la... assim espero. Sente-se, tia Marie-France, fique à vontade. E, Marcel... ei, Marcel, depois que entregar a criança, seja bonzinho e nos traga um café.

— Ainda me deve dois francos de ontem, meu anjo — queixou-se Marcel, usando a forma de tratamento familiar empregada por todos na companhia, a não ser quando se dirigiam ao produtor.

— Não tenho mais crédito com você, amor querido? — perguntou Eve.

— Maddy, para você, tudo, sempre. Qualquer coisa. A qualquer momento Deseja meu corpo também, além do coração? Basta pedir. Com açúcar, *mesdames*? E alguns bolinhos? — Ele se retirou, tão jovialmente quanto entrara, esquecendo de fechar a porta, soprando-lhes beijos, equilibrando o bebê com uma das mãos apenas.

— Não se importe com ele, tia Marie-France. Marcel pensa que é irresistível. Por que eu deveria desiludi-lo?

— Eve, quer fazer o favor de vestir alguma coisa por cima da roupa de baixo? Nunca vi nada tão indecente. E o que está querendo ao tratar aquele jovem terrivelmente impertinente com tanta intimidade?

— Pelo menos não era meu bebê. Mas sente e conte como me descobriu.

— Foi seu tio quem descobriu. Viu uma caricatura de Sem esta manhã e parecia exatamente com você. Dizia por baixo "La Belle Maddy, a mais nova discípula da universidade do Olympia". Assim, eu sabia para onde ir. Ainda não disse uma só palavra a seus pais, porque não queria transtorná-los. Desde que você cantou aquele tango no *boudoir* de sua mãe que tive medo de que alguma coisa terrível estava lhe acontecendo... mas isto é muito pior do que pude imaginar. Como poderei lhes dar a notícia?

— O que exatamente é tão terrível? Eu lhe darei ingressos para o espetáculo esta noite, vai ver só, é perfeitamente respeitável.

Canto toda vestida.

— Como pode chamar isso de respeitável... cantar num *music hall*? — exclamou a *baronne*, com um desdém incrédulo.

— Não um *music hall*, mas o *music hall*, o melhor da França, o melhor do mundo. E tenho meu pequeno momento de glória. Pode tentar sentir um pouco de orgulho de mim, tia Marie-France.

— Orgulho? Você está arruinada! Completamente arruinada! Não compreende o que isso significa, garota estúpida? Vai querer negar que está vivendo em pecado?

— Não estou mais — respondeu Eve, friamente. — Vivo sozinha.

— Esse fato não tem a menor importância... além do mais, ninguém acreditaria. Agora, quando virem seu desenho feito pelo mais famoso caricaturista da França, todos saberão que Eve Coudert, filha do Dr. Didier Coudert, está cantando num *music hall*. Para uma moça de uma boa família, cair tão baixo é pior do que ter um amante, muito pior.

A porta foi aberta.

— Onde está meu bebê, Maddy? — perguntou Suzu. — Oh, bom dia *madame*. — Ela estendeu a mão para a *baronne*, que a apertou automaticamente, aturdida à visão dos seios nus da moça.

— Mandei para Julie. Ela sabe como tratar dessas coisas. E eu não entendo de crianças. Por favor, querida, lembre-se disso na próxima vez.

— Claro, Maddy.

Enquanto ela falava, o som de uma voz veemente irrompeu no corredor, perto do camarim.

— Oh, os merdas, os cagalhões nojentos das sarjetas, eles vão pagar por isso, vou limpar seus rabos com uma lixa, vou enfiar suas cabeças na latrina! Maddy! Maddy! Viu quem foram os merdas que fizeram isso?

— Isso o quê, Baldy? — gritou Eve.

— Pregaram meus sapatos no chão! O que você acha? Já tinham feito isso na semana passada, no mesmo lugar! E aposto que você sabe quem são!

— Se não tirasse os sapatos e deixasse no corredor esperando, até o momento de entrar no palco, isso não aconteceria — respondeu Eve, às gargalhadas.

— Espere só, minha bela, até você ter calos. Só então vai compreender. Julie, outro par de sapatos e

depressa! Devo entrar em cena dentro de um ou dois minutos, pelo amor de Deus!

— Já estou indo, já estou indo! — Julie entrou no camarim, o bebê sob um dos braços. — Suzu, tome aqui e dê logo o peito a seu menino ou o *patron* vai ouvi-lo berrar. — Ela entregou os sapatos a Baldy e partiu apressada, sendo substituída por Marcel, trazendo o café e os bolinhos numa travessa redonda.

— Voilà, mesdames. Uma oferta minha, Maddy — disse ele, dando um beijo em cada face de Eve. — Já que tem uma visita...

— Você é um doce. E esqueci as boas maneiras... como era de se esperar. Esta é a *Baronne* de Courtizot, Marcel.

O jovem inclinou-se na direção da mão de Marie-France de Courtizot.

— Estou encantado, *madame la baronne* — disse Marcel, com um floreio. — Permita que me apresente. Sou o Duc de Saint-Cloud.

A *baronne* não foi capaz de acenar com a cabeça, muito menos de falar.

— Marcel, falarei com você mais tarde, está bem? — disse Eve, acenando com a cabeça na direção da porta.

Compreensivo, ele deixou-as a sós.

— Eve, ainda não é tarde demais! — disse a tia, em tom de urgência — Se voltar para casa *hoje* no trem noturno, eu a acompanharei e amanhã todos que importam em Dijon verão que não podia ser a moça na caricatura. Se alguém mencionar, você nada saberá a respeito, e seu pai e mãe poderão dizer que deve haver alguma pessoa muito parecida que se apresenta num palco. Ninguém poderá provar o contrário. Graças a Deus que não usou seu nome verdadeiro... e com toda essa maquilagem no rosto, ninguém pode tê-la reconhecido. Oh, Eve, ninguém precisa saber!

O tom era suplicante, e Eve perguntou:

— E por que eu haveria de querer fazer isso?

— Por quê? Porque se não o fizer, minha cara, estará perdida, só isso. Tornou-se completamente *déclassé*, Eve, arruinada, desgraçada. Mas não precisa ser expulsa da sociedade decente! Será que não entende? Ainda há tempo... mas apenas o tempo suficiente!

— É você quem não compreende, minha pobre tia. Não sou mais a mesma moça que saiu de casa em agosto passado. Escrevi todas as semanas, como já sabe, mas suprimi as coisas importantes.

— Acha que seus pais se importam agora que você teve um amante?

Acha que isso é a única coisa que importa? Se já acabou, tanto melhor. — A *baronne* estava furiosa. — Esqueça que aconteceu. Sempre foi tão protegida que não estou surpresa que alguém pudesse se aproveitar de você. Embora como foi bastante astuta para se encontrar com um homem, nenhum de nós jamais entenderá. Mas não seja uma tola, menina. Não jogue fora o seu futuro.

— E se eu achar que meu futuro está aqui?

— Aqui? Neste camarim miserável e imundo? Com essas pessoas baixas, grosseiras, vulgares? Neste estábulo! Não é possível. Não permitirei de jeito nenhum.

A porta foi aberta enquanto ela falava, embora outra vez ninguém batesse, uma corista entrou no camarim, de quatro, os seios nus balançando livremente de um lado para outro, latindo como um cachorro. Começara a farejar interessada os pés da *baronne*, como se estivesse prestes a levantar a perna, quando Eve levantou-se de um pulo.

— Já chega! — gritou ela. — Morton, desta vez você foi longe demais! Tire essa moça daqui imediatamente, Morton! Está me ouvindo?

Contrafeito, Morton, o mais famoso mágico e hipnotizador da França, enfiou a cabeça pelo camarim.

— Pensei que estava sozinha, amada. Mil perdões, *madame*. Alice pensa que é um cachorro. Vamos, Alice, seja um bom cachorrinho e venha comigo, não incomode a simpática dama.

— Desculpe, tia Marie-France. Morton é um gênio, mas se comporta como uma criança de vez em quando. Não tem más intenções.

Os olhos de Marie-France estavam arregalados em choque.

— Eve, não posso deixá-la nesta... nesta abominação. Precisa voltar para casa comigo.

— Tia querida, não pode me deixar, não vai permitir... por quem me toma? Não sou mais uma garotinha a quem possa dar ordens. Pensa mesmo que eu poderia voltar a Dijon e ocupar meu lugar entre as debutantes casadouras e esperar que algum sólido cidadão se apresente e me faça a honra de tomar por esposa? Acha que agora que conheço a glória de cantar no palco do Olympia poderia me contentar com uma vida como a de mamãe?

— Glória? Vanglória! Ilusão! É odiosa, ignóbil e desprezível essa sua glória! — exclamou Marie-France, com a maior veemência. — Em dez anos, compreenderá que jogou fora todas as coisas importantes na vida por um capricho momentâneo. Tudo o que pode entender agora é o som dos aplausos baratos, a vida da... sarjeta.

Eve levantou-se, o rosto contraído numa fúria gelada.

— Eu lhe peço para não falar de meus amigos nesses termos. Talvez seja melhor se retirar, tia Marie-France. Não lhe convém estar fora do seu meio.

A *Baronne* de Courtizot levantou-se e encaminhou-se para a porta.

— Se mudar de idéia, se voltar a ser racional, Eve, estarei em casa pelo resto do dia e amanhã. Depois disso, será tarde demais.

Agora, devo ir e decidir o que direi à sua pobre mãe.

— Diga-lhe a verdade. Diga-lhe que sou feliz. Peça a meus pais para virem a Paris e verificarem pessoalmente. Não tenho nada de que me envergonhar.

— É pior do que a tola pela qual aquele homem a tomou — murmurou a *baronne*, passando pela porta sem olhar para trás.

No dia seguinte, uma manhã de maio, Eve solicitou uma reunião com Jacques Charles.

— Há dois meses, *patron*, disse que eu tinha o potencial para me tornar uma verdadeira estrela. Deu-me dois dias para pensar a respeito.

— Eu me lembro — disse ele, sombriamente. — E fico surpreso que você também se lembre.

— Eu não estava preparada. Não posso explicar mais honestamente do que isso. Mas agora, se ainda estiver interessado...

— E daí?

— Eu quero! Estou disposta a trabalhar com tudo o que tenho, 24 horas por dia, por tanto tempo quanto for necessário. Meses, anos, não importa, se quiser me dar a oportunidade. — Eve ficou em silêncio, olhando para o chão, todo o corpo tremendo num excesso de anseio. Nascera para fazer aquilo e provavelmente desperdiçara a oportunidade porque surgira no momento errado. Ainda estava apaixonada por Alain na ocasião, ainda tentava manter sua vida intacta. E depois que ele a deixara, seu espírito quase fora destruído por suas palavras e golpes. Por seu ódio.

Deixara de aproveitar o momento e nunca se perdoaria se o produtor tivesse perdido o interesse por causa de sua falta de ambição. A partir do instante em que a tia Marie-France lhe mostrara involuntariamente o quanto o mundo do palco significava para ela, Eve compreendera como qualquer outra vida seria inconcebível. Não pensava em mais nada agora que não reivindicar o futuro brilhante, distante e infinitamente sedutor que Jacques Charles outrora lhe oferecera. Pertencia ao *music hall*, e o *music hall* devia pertencer a ela.

Mas o empresário não lhe respondera. Eve levantou os olhos para o lugar em que ele se sentava, atrás da mesa, escrevendo concentrado. Ele a dispensara? Jacques acabou de escrever, largou a pena e estendeu-lhe um papel.

— Aqui está a programação de suas aulas. Já está atrasada para a primeira. Depressa!

Era uma primavera de ventos brandos, uma primavera de nuvens suaves, uma primavera de chuvas amenas, a última primavera despreocupada da era eduardiana. Eve andava ocupada demais para prestar qualquer atenção ao tempo, muito menos aos ventos de mudança, enquanto corria de suas aulas de acrobacia, dança e representação para o teatro, a tempo apenas de aplicar a maquilagem antes de sua apresentação. Não tinha mais tempo para ler os jornais, não tinha tempo para a camaradagem dos bastidores, as refeições partilhadas, as intrigas e brincadeiras. Comia o que podia, onde podia, desde que não levasse muito tempo para mastigar; depois que a cortina baixava, seguia direto para casa, para seu pequeno apartamento mobiliado, caía na cama, exausta demais para sonhar.

Enquanto o Cáiser Wilhelm II passava vinte dias de julho relaxando num cruzeiro a bordo de seu iate, o Hohenzollern, Eve, como todas as outras pessoas, encontrava-se envolvida demais com a sua própria vida. A bomba-relógio que há um mês batia em Belgrado e Viena explodiu a 28 de julho de 1914, quando a Áustria-Hungria declarou guerra à Sérvia. Durante a semana seguinte, os diplomatas e estrategistas militares das grandes potências européias trabalharam em campos opostos, numa teia absurdamente emaranhada de mentiras, arrogância, imprudência, incompetência, duplicidade, informação incompleta e intenções totalmente divergentes, até que finalmente conseguiram fracassar e cambalear, não inevitavelmente, mas fatalmente, para uma guerra que ninguém, à exceção de poucos nacionalistas, jamais quisera. No dia 4 de agosto, Sir Edward Grey, secretário do Exterior da Grã-Bretanha, declarou:

— As luzes estão se apagando por toda a Europa; não tornaremos a vê-las acesas em nossas vidas.

Marcel, o assistente do diretor de cena, Jacques Charles e Maurice Chevalier foram apenas três dos quase quatro milhões de homens mobilizados na França nas primeiras semanas de agosto. Os negócios do país ficaram paralisados, enquanto cada homem fisicamente apto era convocado, os trens apinhados de soldados mal armados, mas alegres e entusiasmados, partiam para posições militares a cada sete minutos.

Depois da Batalha do Marne, em meados de setembro, quando os franceses rechaçaram uma investida alemã contra Paris, a euforia nacional temporária foi caracterizada por uma reabertura de todos os teatros, cafés e *music hall's* do país. Contudo, naquele único mês, duzentos mil franceses morreram, muitos usando a calça vermelha que datava do uniforme de 1830 e simbolizava a falta de realidade com que o país enfrentava o que imaginava que seria uma guerra curta, galante e gloriosa.

Ao final daquele primeiro setembro de guerra, tanto os exércitos alemães quanto os aliados começaram a se entrincheirar para descanso e reabastecimento, ao longo do rio Aisle, na província de Champagne, criando as trincheiras que se tornariam as primeiras fortificações da Frente Ocidental, uma frente que, por três anos, se deslocaria de um lado para outro, numa extensão máxima de 15 quilômetros, nada conseguindo além do massacre de milhões de homens.

Numa colina baixa na Champagne ficava o Château de Valmont, o lar dos Vicomtes de Lancel. Estava localizado no coração dos vinhedos de champanhe, nas encostas gredosas, que retinham a umidade, ao norte da Montagne de Rheims, estendendo-se aproximadamente de leste para oeste, entre Rheims e Epernay, as duas grandes cidades da província.

Valmont, ao contrário da maioria dos *châteaux* da Champagne, sobrevivera à revolução, invasões e guerras. Erguia-se subitamente como uma construção de conto de fadas de um bosque pequeno mas denso, orgulhoso possuidor de três torres redondas, com telhados pontudos. Dezenas de cômodos, com janelas altas e de muitos vidros, contemplavam serenamente um pátio de pedra semicircular, onde árvores aparadas, em urnas de pedra esculpidas, permaneciam da mesma forma há séculos. Valmont era cercado por um tesouro de vinhedos, uma parcela da área tão limitada do mundo cujas uvas produziam o único vinho branco espumante com o direito incontestável de ser chamado de champanhe.

A cada ano, a colheita dessas uvas, a Chardonnay branca, a Pinot Noir e a Pinot Meunier pretas, prova a existência de um dos maiores mistérios na história da produção de vinho, pois embora Noé

plantasse um vinhedo ao deixar a arca, nem mesmo ele poderia ter alegado que era capaz de produzir champanhe

Muitos châteaux por toda a França eram meros monumentos como museus à história de uma família e, no início da Grande Guerra, há muito que tinham perdido a vitalidade dos dias pré-revolucionários. Valmont, ao contrário, sempre fora uma habitação próspera, movimentada e hospitaleira. Testemunhara muitas mudanças desde os tempos em que os Lancel eram leais aos condes de Champagne em seus esforços para dominar os reis da França, um conflito que só terminara em 1284, quando Joan de Navarre e Champagne casara com o futuro rei da França, Philip o Justo.

No século XVII, os Vicomtes de Lancel, como seus vizinhos, começaram a produzir vinho. Além dos limites de seus próprios vinhedos extensos, estavam cercados pelas propriedades de pequenos fazendeiros que lhes vendiam as uvas que cultivavam. Não demorara muito para que comesçassem a produzir champanhe em quantidade suficiente para vendê-la. Em meados do século XIX, as garrafas verdes distintivas, apresentando o rótulo dourado no formato de um escudo, em que a palavra Lancel aparecia em letras grandes, *com Château de Valmont* em letras menores por baixo, tornara-se uma *Grande Marque*. Junto com Moët & Chandon, Mumm, Veuve Cliquot Ponsardin e poucos outros grandes nomes, as garrafas geladas de Lancel eram uma visão das mais desejadas em qualquer festividade celebrada por homens e mulheres civilizados.

O atual chefe da família Lancel, *Vicomte* Jean-Luc de Lancel, tinha dois filhos. O mais velho, Guillaume, estava destinado a dirigir a Casa de Lancel, o mais jovem, Paul-Sébastien, tornara-se um diplomata, a serviço do Quai d'Orsay. No começo das hostilidades, ele mal completara trinta anos, era o primeiro-secretário da embaixada francesa em Londres, e claramente um homem fadado a ascender aos mais altos escalões da carreira.

A 1º de agosto de 1914, o primeiro dia do chamado às armas, ignorando a oportunidade desfrutada pelos diplomatas de permanecerem à margem dos combates, ele apresentou-se como voluntário. Agora um capitão, Paul de Lancel deixou para trás a jovem esposa, nascida Laure de Saint-Fraycourt, uma frágil beldade parisiense de 22 anos, que aguardava o nascimento do primeiro filho. Ela implorara que Paul não a deixasse.

— A criança nascerá dentro de cinco meses, e todos dizem que essa guerra estúpida deverá terminar antes disso — dissera Laure de Lancel, chorando com fraqueza e medo. — Eu lhe suplico, fique comigo... preciso de você aqui.

Paul, no entanto, sentia-se compelido a ir para a guerra imediatamente. Sabia que a França precisaria de cada homem de que dispunha para enfrentar os exércitos alemães, mobilizados com uma eficiência maciça e contando com uma superioridade espantosa, em efetivos e armamentos.

Os padrões complexos da batalha iminente haviam sido observados por Paul de Lancel de seu posto diplomático. Sabia que o Estado-Maior francês estava sobrecarregado por um complexo de superioridade. A idéia de que a coragem, ousadia e ardor do soldado francês, o simples e bravo *poilu*, devia contar mais do que o mero poder de fogo era um artigo de fé nas mentes dos militares profissionais. Mas Paul, ao contrário do francês médio, acalentava sérias dúvidas sobre a possibilidade desse *élan* ser o fator decisivo na vitória. Contudo, como todos os outros seres humanos naquele inocente verão de 1914, ele não tinha a menor suspeita do que havia pela frente.

Paul de Lancel era um homem complexo. Muitas vezes especulava se teria sido mais feliz se um acaso de nascimento o tornasse o produtor de vinho da família em vez de um diplomata. Sem dúvida, como a mãe, Anette de Lancel, lhe dissera com freqüência, ele dava a impressão de que deveria estar lá fora, trabalhando nos vinhedos, em vez de sentado atrás de uma escrivaninha, pois Paul era um homem enorme, alto, ombros largos, músculos poderosos de alguém que trabalhava com as mãos. Os cabelos louros pareciam esbranquiçados pelo sol enquanto trabalhava. Embora os olhos azuis-escuros fossem os

olhos dos Lancel, tão profundos quanto os dos retratos da família pendurados no *château*, e tivesse os malares proeminentes da família, o resto do rosto não era caracterizado pela refinada estrutura óssea dos Lancel; e também não tinha qualquer vestígio dos cabelos vermelhos que apareciam na família, geração após geração. O nariz grande e bem moldado de Paul carecia da finura Lancel, a boca e o queixo bonitos possuíam uma simplicidade vigorosa e descomplicada.

Mesmo assim, a mentalidade de Paul de Lancel era tão inquisitiva que ele muitas vezes desejava não ter de lidar com nada mais sutil do que as simples preocupações com sol e chuva. Na verdade, um plantador de uvas e produtor de vinho deve despertar todos os dias para se preocupar com o tempo; mas como não há nada que possa fazer a respeito, sua mente é obrigada a aceitar uma espécie de resignação e filosofia, uma condição que, parecia a Paul, tinha muita coisa de abençoada e confortadora a recomendá-la.

Um diplomata, por outro lado, tinha obrigação de se tornar um cético profissional, pois em um estado de espírito cauteloso e de pensamento duplo a protegê-lo, correria o perigo de se tornar um ingênuo constante, sem o menor valor para seu país. Paul de Lancel não era capaz de dizer a si mesmo qualquer verdade no mundo de que tivesse certeza absoluta, exceto o amor pela França e o amor pela esposa. Dos dois, era forçado a admitir que o amor por seu país era mais forte.

Eve, abalada pela mobilização, decidira não voltar ao Olympia, que reabrira sob a direção de Beretta, antigo maestro da orquestra, e Léon Volterra, que guardara uma fantástica quantidade de *sous*, vendendo programas no saguão do teatro. Suas ambições pessoais teriam de esperar até que aquela guerra acabasse, decidiu Eve.

Se Jacques Charles podia servir no exército, então ela também podia, à sua maneira. Assim que foi organizado, Eve ingressou em *Le Théâtre aux Armées de la République*, tornando-se uma das muitas artistas que viajavam para os diversos campos de batalha, a fim de oferecer espetáculos aos soldados. Alguns, como Charles Dullin, apresentavam-se nas próprias trincheiras, escavadas na frente de Lorraine. Eve ligou-se a um grupo criado por Lucien Gilly, um dos comediantes do Olympia.

Em 1915, um ano depois da Batalha do Mame, começou uma nova ofensiva na Champagne. Joffre, o general sempre superotimista, pro-clamou a seus soldados:

— *Votre élan sera irrésistible!*

Os homens marcharam, apesar do aguaceiro, ao som de pífaros e bandas tocando a Marselhesa. Dez dias depois, 145 mil franceses estavam mortos, e não se conquistara nenhuma vantagem estratégica.

O capitão Paul de Lancel sofreu um grave ferimento no braço no último dia da ofensiva. Estendido no hospital, ele não pensava em si mesmo, mas sim em toda a morte que testemunhara nos últimos 12 meses. Seus homens, os homens do I Exército, estavam entre os primeiros a morrerem. A esposa não sobrevivera ao nascimento do filho, Bruno, que se encontrava aos cuidados dos pais de Laure, em Paris. Paul só pudera ver o bebê uma vez, durante a breve licença que recebera para comparecer ao funeral de Laure. O pensamento de que tinha um filho de nove meses não o fazia triste nem feliz.

Sentia apenas indiferença. Sabia que suas próprias chances de sobreviver à guerra eram tão remotas que não valiam um minuto de consideração para um homem realista; e descobriu que não se preocupava por si mesmo, mas apenas — e era um sentimento intelectual, não emocional — pelo menino que cresceria como órfão. Paul de Lancel considerava-se tão morto quanto qualquer prisioneiro numa cadeia que está condenado a ser fuzilado ao amanhecer. Viveria até estar bem o suficiente para levar outros homens à morte. A perspectiva de morte deixava-o indiferente. Importava-se apenas com os homens que comandava, homens bem simples para ainda sentirem esperança, homens bastante afortunados para ainda amarem, homens muito ignorantes para ainda imaginarem que havia um futuro.

Assim que o braço curou, Paul de Lancel voltou à sua companhia, quase todos os homens substituídos, reagrupada nas trincheiras pouco antes da pequena cidade de Festubert, no meio da frente de

Flandres, entre Ypres e Arras.

Festubert era uma das cidades pelas quais os exércitos opostos lutaram durante um ano de impasse ininterrupto. Era agora o final do outono, e a primavera traria novos e mais selvagens combates, mas no momento os soldados dos dois lados encontravam-se numa daquelas pausas relativas que ocorrem até mesmo nas batalhas mais encarniçadas: um tempo para enterrar os mortos, despiolhar as camisas, e até mesmo, naquela fria noite de outono no nordeste da França, se reunirem num teatro improvisado para rirem de Lucien Gilly e suas piadas antigas, cantarolar junto com a melodia do acordeonista, aplaudir as seis moças que dançaram com os seis soldados que se apresentaram como voluntários para parceiros, e finalmente ouvir Maddy cantar, a Maddy que já se tornara um mito do *Théâtre aux Armées*, em seu vestido e sapatos vermelhos, com os cabelos como o sol de que todos se lembravam dos dias de verão, não importava o lugar da França em que haviam sido jovens.

Eve estava ficando cada vez mais preocupada. Ao deixar os alojamentos em Saint-Omer, agora bem na retaguarda, a fim de seguir de carro até Festubert, havia uma claridade adequada. As outras pessoas da *trupe* de Gilly haviam partido pouco antes, nos diversos veículos militares, guiados por soldados, designados para transportar todos. Ela se atrasara no trabalho delicado mas essencial de costurar um grande rasgão na bainha do vestido.

Agora, ela e seu soldado motorista, tão jovem que Eve se espantou por ele ter idade militar, estavam viajando há muito tempo, tempo demais pelo que Gilly lhe dissera que devia esperar, e Festubert ainda não estava à vista.

— Tem certeza de que este é o caminho certo? — perguntou Eve, ansiosa.

— É a estrada que meu cabo mandou pegar, se é que se pode chamar de estrada.

O caminho sem pavimentação parecia estar se tornando cada vez pior, em vez de melhorar, a escuridão aumentando a cada minuto.

— Por que não paramos e verificamos um mapa? — sugeriu Eve.

— Não temos nenhum. Os generais têm mapas. E mesmo que eu tivesse, de nada adiantaria sem placas de sinalização na estrada, não é mesmo?

— Pare na primeira casa de fazenda que encontrar e peça orientação — disse Eve bruscamente.

Ela cantara muitas vezes à vista e som do fogo inimigo e não tremera, mas aquela estrada solitária, aquela área desolada e quase sem árvores, aquela terra vazia, despovoada, destruída, pela qual viajavam, deixava-a nervosa. Se ao menos não tivesse se incomodado com a bainha, pensou, impaciente, tentando se aconchegar ainda mais no grosso capote.

— Olhe, ali está uma casa de fazenda! — gritou Eve.

— Bombardeada, a julgar pela aparência. — Não havia sinal de vida, nenhuma luz, nenhuma fumaça, nenhum som de animais ou pessoas. O soldado acrescentou, indiferente: — Acho que os alemães a acertaram no ano passado.

Enquanto ele falava, surgiu uma chama súbita no campo à direita e no instante seguinte uma granada de morteiro explodiu, sacudindo o ar.

— Santo Deus! — exclamou o rapaz.

No ar ainda tremendo, uma segunda granada explodiu, fragmentos caindo perto do carro. O soldado quase perdeu o controle do volante, mas conseguiu permanecer na estrada e, com toda a velocidade de que o veículo era capaz, disparou para a casa de fazenda, parando com um ranger de pneus numa poça de água, no pátio em frente.

— Abaixese! — gritou ele.

Mas Eve já estava fora do carro, agachada, correndo para a porta aberta. Alcançaram-na juntos e mergulharam para o interior, de quatro, a procura de qualquer objeto que pudesse prometer abrigo.

Com um estranho aguçamento dos sentidos, Eve percebeu numa fração de segundo que a sala estava

vazia, exceto por fragmentos de madeira e cacos de louça no chão. Fora obviamente bombardeada: embora o telhado estivesse quase intacto, as pedras das paredes tinham buracos por toda parte. Não podia mais ser chamada de casa de fazenda, pensou Eve, ou qualquer outro tipo de casa. Lá fora, outra granada assoviou implacável antes de cair explodir, mas era impossível saber se caíra mais perto do que as outras. Por falta de outro lugar melhor para se abrigarem, eles se encolheram ao lado da lareira vazia. Se fosse maior, poderiam ficar lá dentro.

— Nunca chegaremos lá — disse Eve, tão calmamente quanto podia.

— Você pegou o caminho errado.

— Não sei como isso pode ter acontecido — protestou o motorista, em tom patético.

— Não deveria haver qualquer luta na estrada, pelo amor de Deus, ou eles nunca nos mandariam vir por aqui.

— É possível — murmurou o soldado, sombriamente. — Mas só quando tudo fica quieto é que você descobre os alemães à sua espera. E

pegam você. Foi o que disse meu cabo.

— Eu gostaria que ele estivesse aqui agora!

Era evidente, compreendeu Eve, esperar até o dia clarear e o socorro chegar. Não havia sentido em considerar o pior. Ela ajeitou o casaco em volta dos tornozelos e acomodou-se da melhor forma possível, sentada nas pedras da lareira. Apesar do medo e da raiva contra aquele *poilu* idiota, não podia ignorar o fato de que os pés, metidos no novo par de sapatos vermelhos, doíam bastante. Se ia ser morta por uma granada, podia muito bem ficar sentada em conforto, na medida do possível, sem manter sapatos feitos para um *tour de chant* e mais nada.

— Tem um cigarro? — perguntou o rapaz.

— Não fumo. Mas tome. — Eve entregou-lhe o maço que sempre trazia para qualquer soldado que pedia.

— **APAGUE ESSE FÓSFORO!**

Eve gritou e levantou-se de um pulo.

Um grupo de soldados entrou correndo na casa. Haviam se aproximado tão furtivamente que nem ela nem o motorista haviam ouvido qualquer coisa. Paralisada pelo choque, ela continuou de pé, encostada na parede, esperando morrer com uma baioneta no coração, até que recuperou o controle e refletiu que se pudera entender a ordem era por ter sido dada em francês.

— Graças a Deus, graças a Deus, como souberam que estávamos aqui? — sussurrou ela. — Oh, graças a Deus que vieram nos salvar!

— Salvar? Mas quem é você? E o que uma mulher está fazendo aqui?

— Eu ia para Festubert... a fim de me apresentar...

— Deve estar louca! Completamente louca! Que mulher mais idiota! Festubert fica na outra direção. Está quase no *front*, diante de Lens.

— Lens? Onde fica isso?

— Lens fica no lado alemão do *front* pelas últimas notícias que tenho — respondeu Paul de Lancel, bruscamente.

Ele virou-se e começou a dar ordens aos homens sob seu comando.

Haviam sido apanhados por um ataque de surpresa, partindo de um dos muitos ninhos de metralhadoras fortificados que protegiam a artilharia alemã.

Quatro homens estavam feridos, três gravemente demais para andar. Os outros três encontravam-se ilesos. A situação era mais séria do que ele imaginara a princípio, descobriu Paul, enquanto circulava entre os homens, fazendo perguntas em voz baixa. Calculou que, com a lua cheia que já surgira no céu e a visibilidade que se podia esperar, não havia possibilidade de tentar transportar os feridos de volta às trincheiras a fim de receberem assistência médica. À primeira claridade difusa e enganadora do

amanhecer, poderia enviar alguém com a informação de que estavam encurralados ali. Enquanto isso, só podia esperar e fazer o melhor possível para ajudar os homens a sobreviverem à noite.

— Posso ajudar? — perguntou Eve, andando com cautela entre os homens no chão e aproximando-se do capitão antes de falar.

— Não, a menos que seja enfermeira.

A voz dele era preocupada. Eve recuou para a lareira apagada.

Não fizera qualquer dos cursos da Cruz Vermelha em que tantas mulheres se empenhavam. Estivera ocupada demais a cantar em diversos postos avançados ao longo do *front* e, entre as excursões, trabalhando em qualquer teatro que lhe oferecesse um emprego por algumas semanas, apenas para poder pagar o aluguel.

Em silêncio, ela escutou as poucas palavras que os homens resmungavam, palavras tão abreviadas e tão cansadas que quase pareciam numa língua estrangeira. Em pouco tempo, o que podia ser feito pelos feridos já fora providenciado pelos homens ilesos, e todos os oito, inclusive o capitão, sentaram-se ou deitaram-se no que fora outrora, refletiu Eve, um chão limpo e impecável de uma casa de fazenda, o orgulho de alguma mulher.

Haveria um fogo ardendo na lareira, imaginou ela, contra a escuridão daquela noite fria de outubro, as crianças estariam reunidas ali, aconchegadas, fazendo os deveres de casa da escola da aldeia. Uma suculenta sopa estaria cozinhando, presuntos e salames pendurados do teto, lá fora o fazendeiro teria quase concluído a inspeção dos animais, ansioso pelo momento de entrar para a cena de conforto que conhecia tão bem. A colheita já terminara há semanas, e o inverno relativamente tranquilo se estenderia pela frente, noite após noite de aconchego e o suficiente para comer, a companhia da esposa e a satisfação de acompanhar o crescimento dos filhos.

Uma vida tão simples e comum teria sido inconcebível para ela ou, se estivesse bastante interessada para tentar visualizá-la, a teria desdenhado como sendo estúpida. Uma vida de camponês, uma vida sem possibilidades de mudança, uma vida que poderia ser escrita, do nascimento à morte, em três curtas frases. Não havia possibilidade de arriscar numa vida assim; não havia possibilidade de encontrar o céu no meio do caminho num enorme balão vermelho; não havia possibilidade de fugir para Paris com o primeiro homem que a beijaria; não havia possibilidade de andar pelos *Grands Boulevards* ao ritmo do maxixe; não havia possibilidade de ser estrela no Olympia. Ousar e vencer.

Como ela fora afortunada! E não soubera disso de fato, não soubera plenamente, como sabia agora, assim como o fazendeiro e a esposa não sabiam como eram afortunados até que as granadas de duas grandes nações destruíram sua casa e devastaram seus campos.

À medida que o tempo passava e a lua brilhava com mais intensidade sobre a pilha de pedras que os abrigava, Eve pôde ver os soldados mais claramente do que antes. Nenhum deles estava dormindo.

Os feridos sentiam muita dor para permitir que os camaradas fechassem os olhos por um minuto sequer. Os gemidos eram abafados e ocorriam a intervalos, mas mesmo sem saber da hora, Eve compreendia que ainda faltava muito para o amanhecer.

Devia haver alguma coisa que pudesse fazer, mesmo sem nada saber de enfermagem, pensou ela, furiosa. Não podia ficar sentada ali e observá-los sofrer sem pelo menos tentar afastar seus pensamentos da dor. Aquele oficial antipático dissera que ela não poderia ajudar. Mas só porque não sabia enrolar uma atadura, isso não significava que era uma inútil. Afinal, Vincent Scotto acabara de compor a canção extremamente popular, *Le Cri du Poilu*, com seu refrão emocionante, "Nossos soldados no *front*, o que eles querem, uma mulher! uma mulher!"

Talvez simplório, mas objetivo e direto, Eve disse a si mesma.

Sem pedir permissão, ela começou a cantar, na voz mais suave possível, a voz que podia ser ouvida no último assento do terceiro balcão, caso desejasse, mas que naquela noite projetou-se apenas pelo pequeno espaço que a separava dos soldados. Cantou a primeira canção que veio aos lábios, sua canção

da sorte, a canção de audição, *Parlez-moi d'Amour*. Ao som de sua voz, o oficial murmurou uma imprecação de surpresa, mas Eve ignorou-o e continuou, cantando em seguida *Mon Homme*.

— "Quando ele me toca, estou perdida, pois sou apenas uma mulher e ele me envolve."

"Pedidos, senhores? — indagou ela, assim que acabou o hino imortal de Mistinguett ao desamparo de uma mulher apaixonada e o poder irresistível de uma mulher sobre ela.

E sete homens responderam, alguns em voz tão fraca que mal dava para ouvi-los, outros ansiosos, mas cada um com uma canção que desejava ouvir

Eve ficou sentada na lareira, e cantou por toda a noite, abençoando a memória de todas as melodias e letras que ouvira uma vez e nunca mais esquecera, enquanto ia e voltava das aulas pelas ruas de Dijon, pois quase todos os pedidos eram de canções que datavam de sua infância. Só podia ver os homens quando o luar passava pelos buracos nas paredes. Os rostos estavam quase escondidos, e os que não tinham força suficiente para falar alto sussurravam os pedidos aos camaradas. Ela cantou até para o soldado desafortunado que não conhecia o caminho e a pusera naquela situação.

Paul de Lancel, o quepe de oficial puxado para baixo, por cima dos olhos, permanecia sentado em silêncio, aninhando nos braços um homem cujas pernas estavam totalmente inúteis. A cada canção que aquela mulher cantava, ele compreendeu, algum ferimento interior seu começava a sarar. A voz expandia-lhe o coração, proporcionava-lhe um vislumbre, uma insinuação, de um lugar em que ainda se podia encontrar o amor e o riso. O timbre acariciante de sua voz, a profunda humanidade, aquele som tão feminino, um fervor fundamental que não existia em qualquer outro lugar do *front*, traziam a lembrança de tanto que ele havia esquecido. Uma visão temporária?

Sem dúvida, mas cada uma de suas canções e as palavras muitas vezes banais de necessidades e esperanças humanas comuns, decepções do amor, alegrias do amor, dias e noites de amor, começaram a restaurar os primórdios de uma convicção na continuação de sua própria existência, uma convicção que perdera há muito tempo. Aquelas horas seriam lembradas? As emoções há muito adormecidas que ela despertara, ao envolvê-lo no mundo mágico de sua voz, persistiriam em qualquer forma além daquela noite? Provavelmente não, ele pensou, mas como eram bons aqueles momentos de simples contentamento, esquecimento e ternura.

Paul de Lancel nunca pediu qualquer canção para si mesmo, pois não queria tomar o lugar de qualquer dos seus homens. Finalmente houve uma pausa nos pedidos, embora todos permanecessem acordados, e ele falou:

— Conhece alguma das canções dos soldados ingleses?

— *The Roses of Picardy*, é claro, e *Tipperary*... todos as conhecem, mesmo sem falar inglês.

— *Till We Meet Again*... conhece essa também?

— "Sorria um pouco, beije-me num triste adeus"... essa? — perguntou Eve.

— Isso mesmo — respondeu, ansioso. — Por favor.

*Sorria um pouco, beije-me num triste adeus,
Quando as nuvens passarem, irei ao seu encontro E depois o céu parecerá mais azul,
Lá no caminho dos amores, meu querido..
Os sinos nupciais vão soar alegremente,
Cada lágrima será uma lembrança,
Então espere e reze cada noite por mim,
Até nos encontrarmos outra vez.*

Eve levantou os olhos ao chegar ao último verso, e ele se limitou a dizer:

— Mais uma vez... só mais uma vez.

Antes de ela acabar a canção curta, simples e inesquecível, viu que o capitão adormecera, com um

sorriso nos lábios.

— E pensar que algumas pessoas têm a sorte de nascerem suíças — suspirou Vivianne de Biron, pensativa, sentada com Eve em sua cozinha, num dia na última semana de dezembro de 1916, partilhando um bule de chá de ervas.

— Suíças? Você sempre disse que não era um país, mas sim uma casa de repouso para convalescentes — respondeu Eve, incrédula.

Dois anos e meio de guerra não haviam causado muitas mudanças externas em sua amiga tão bem conservada. Vivianne continuava uma parisiense tão irreduzível quanto antes, como um metal que não pode mais ser refinado por quaisquer meios.

— "Uma neutralidade tranqüila", foi isso que Schultess lhes prometeu. Isso e creme fresco em café de verdade, sem dúvida. Nada desse horrível chá de ervas para eles.

— Schultess?

As sobrancelhas inclinadas de Eve se arquearam mais alto do que nunca, sob o pequeno toque preto de pele de cordeiro persa que quase lhe cobria inteiramente os cabelos. Estava elegantemente mais magra do que na ocasião em que chegara a Paris pela primeira vez, três anos e meio antes; quando andava pelas ruas, era com a confiança inimitável e a altivez de uma mulher que pertencia àquela cidade, uma mulher a quem a cidade pertencia, sem qualquer dúvida.

— Quem é Schultess?

— O novo presidente da Suíça, como você saberia se lesse os jornais, Maddy. E nosso governo não encontra nada melhor para fazer do que levantar a taxa sobre o adultério! Oh, não, não iria, minha cara, estou falando sério. Antes desta guerra miserável, a multa por adultério era de 25 francos. Agora, eles mudaram para cem francos e alguns dias na prisão! Eu lhe pergunto: isso é razoável? É lógico, é racional? Até mesmo é francês? Que eles racionem o gás, a eletricidade e a comida faz sentido... mas o que um pequeno adultério pode representar para impedir a vitória na guerra?

Na minha opinião, essa nova taxa é positivamente antipatriótica. — Vivianne serviu outra xícara de chá e contemplou-a sem muita satisfação. — Pense um pouco, Maddy. Se um soldado está longe de casa e pode encontrar um pouco de conforto com alguém que não é sua esposa... ou se a esposa sente saudade, mas em sua ausência encontra um pequeno prazer que lhe permite suportar a solidão... por que alguém deveria ser obrigado a pagar uma multa? E quem é o voyeur que vai olhar debaixo das camas à procura de adúlteros, em vez de estar no *front*, que é o lugar a que pertence... pode me responder?

— Está além da minha capacidade, Vivianne — respondeu Eve, tentando reprimir o riso. — Não tenho tanta imaginação assim.

— Ah, Maddy, você se recusa a levar qualquer coisa a sério.

Bom, é um privilégio seu. — Vivianne torceu o nariz. — E suponho que você considere uma atitude inteligente do governo não permitir que o público entre nos teatros a não ser com os trajes comuns de sair na rua, não é mesmo? Nada mais de vestidos longos, trajes a rigor... como se isso pudesse impressionar tanto os alemães que todos absorveriam um pouco do seu próprio gás venenoso e voltariam correndo para Berlim.

— Vale a pena tentar — comentou Eve, distraída.

Ela lia os jornais e estava a par, tanto quanto Vivianne, que as batalhas do Somme e de Verdun, durante 1916, o ano mais terrível já conhecido na história humana, cobraram um tributo em vidas tão vasto que estava além da capacidade mental para compreender.

Abruptamente, ela conduziu os pensamentos de volta à conversa da amiga.

— Nossos aliados estão fazendo o melhor que podem, Vivianne, até você tem de admitir isso. O rei da Inglaterra jurou não beber álcool, nem mesmo vinho ou cerveja, para ajudar a vencer a guerra.

Imagine se o resto do país seguir seu exemplo. Pense nisso... todos aqueles ingleses sem o seu uísque... a que isso poderia levar?

— A uma vitória certa... para os alemães — respondeu Vivianne.

— Pelo menos ninguém está sugerindo acabar com o *music hall*. Não há um único lugar vago em qualquer teatro de Paris, com todos os soldados de licença à procura de distração.

— Sei disso. Desde que Jacques Charles deixou o hospital militar e assumiu o comando do Casino de Paris, está mais dinâmico do que nunca... no Olympia nunca tivemos trajes tão suntuosos, cenários tão requintados. Espere só até ver dezenas de moças sem nada além de uma tanga subindo e descendo por escadas de dez metros. A banda está tocando algo da América que eu nunca tinha ouvido antes... chama-se *ragtime*.

Vivianne não parecia muito convencida, não muito satisfeita de ser informada de que o Casino de Paris superava o teatro em que conhecera seus dias de glória.

— E você gosta de cantar esse "*ragtime*"?

— Não se canta, dança-se, mais ou menos. Mas preciso deixá-la agora, Vivianne, querida. Está na hora de trabalhar um pouco. Pelo menos agora posso vir visitá-la à vontade, já que o litoral está livre. — Eve acenou com a cabeça na direção do outro lado do patamar, onde já morara. Alain Marais, graças à fraqueza dos pulmões depois da pneumonia, tinha a situação de não-combatente e servia num depósito de suprimentos longe de Paris.

Eve levantou-se para sair. Vivianne refletiu que ela parecia ainda mais animada e atraente do que nunca, em seu casaco de lã violeta, com a gola e punhos de pele, assim como a bainha. Eve virou-se para a porta da cozinha, mas mudou de idéia e tornou a fitar Vivianne.

— Deixe-me fazer uma pergunta, Vivianne. Quando me levou ao Olympia para a audição, não lhe ocorreu que eu veria a apresentação de Fragson e descobriria então a verdade sobre Alain?

— Isso já tem mais de três anos — protestou a mulher mais velha.

— Não é uma resposta para a minha pergunta.

— Acho que deve ter me passado pela cabeça... Talvez tenha e não entendi... ou talvez... ora, e se eu tivesse a noção de que não seria tão ruim se você soubesse que *Monsieur* Marais não era tão maravilhoso assim? Talvez eu tivesse a esperança de que isso pudesse impedi-la de consumir-se na sua companhia por muito tempo.

De qualquer forma, não agi por maldade consciente... mas não me envergonharia se o tivesse feito.

— Eu sabia de Fragson meses antes daquela audição. Fui ao Olympia sozinha um dia.

— Ahn...

— Isso mesmo. As mulheres apaixonadas são umas tolas patéticas, Vivianne. É como um terrível ataque de estupidez voluntária. E depois que saem do amor, perguntam-se como puderam fazer julgamentos tão absurdos, cometer erros tão óbvios, mas nunca encontram uma resposta. Desde Alain, decidi que era muito mais sensato nunca me apaixonar... e não tenho, nem um pouquinho. Ele me prestou um favor, embora não parecesse assim na ocasião.

— Ahn...

— Isso é tudo o que tem a dizer... "ahn"?

— Você tem quase 21 anos. Quando for três vezes mais velha, pode me dizer isso de novo e prometo que começarei a acreditar.

- Pensei que era uma cética profissional, Vivianne.

— E sou. Em relação aos homens... e uma romântica em relação às mulheres.

— Ele diz que a conhece, Maddy, mas não quer se identificar. Devo deixá-lo entrar?

O porteiro da entrada dos bastidores do Casino de Paris estava acostumado aos bandos de soldados que tentavam entrar depois do final do espetáculo, e normalmente, com guerra ou não, dizia-lhes que esperassem até Maddy sair. Contudo, era evidente que aquele lhe dera uma boa gorjeta para persuadi-lo a abordar Eve diretamente.

— Qual é o tipo dele? — perguntou ela, preocupada.

A maquilagem do palco já fora removida e os braços estavam levantados por cima da cabeça, enquanto escovava os cabelos, em todas as direções. Usava um chambre amarelo-claro de seda, pois fazia calor no mês de maio de 1917. Com a auréola de cabelos louros avermelhados como um halo em volta do rosto, parecia tão positiva quanto o verão, mas ao mesmo tempo tão hesitante quanto a primavera, como uma flor, violentada pelo sol, o coração aberto à mostra.

— Ele é um oficial, com muitas fitas. E bem-apeesoado, se quer saber minha opinião.

— Francês, inglês ou americano?

— Francês, é claro, ou eu não viria incomodá-la. Afinal, os americanos mal acabaram de chegar. Embora, devo reconhecer, encontrem o caminho para Paris bem depressa.

— Mande-o entrar — decidiu Eve. — Apenas me dê o tempo suficiente para pôr o vestido.

Um minuto depois o porteiro estava de volta, acompanhado de perto por um homem alto e impaciente, num uniforme de coronel, o quepe debaixo do braço.

— Espero não a estar incomodando, *madame*.

A fórmula de polidez contrastava com a intensidade com que ele disse as palavras tradicionais.

— Absolutamente, *mon colonel*. — Havia uma indagação na voz de Eve. Não podia se lembrar de jamais ter se encontrado com aquele homem enorme e louro, a pele curtida e os olhos azuis profundos, embora houvesse nele algo desconcertantemente familiar; era como se Eve tivesse sonhado com ele, esquecera o sonho e agora se encontrava à beira de lembrá-lo de novo.

— Não tinha a menor idéia de quem você era até esta noite e não sabia como encontrá-la... mas quando a ouvi cantar... à primeira nota... eu... aquela noite... — O coronel caiu em silêncio, como se não soubesse o que dizer em seguida, como se a necessidade urgente de dizer alguma coisa a Eve fosse complexa demais para pôr em palavras.

— Aquela noite? — repetiu ela.

Houvera uma eternidade de noites desde que a guerra começara.

— Não pode ter esquecido, embora já tenham se passado quase dois anos.

— Aquela noite? Ora, é claro, a noite na casa de fazenda! Você... mas é isso mesmo... o oficial... claro que me lembro... não poderia esquecer... como alguém poderia esquecer aquela noite?

Lembro agora de sua voz, só não lembrava do rosto. Adormeceu enquanto eu cantava.

— E sonhei com a paz. Um sonho feliz... persistiu por muitos dias. Dois dos meus homens não teriam sobrevivido àquela noite se não fosse por você. Precisava lhe dizer isso.

— Qual é o seu nome, *mon colonel*?

— Paul de Lancel. Quer jantar comigo, *madame*?

— Eu teria o maior prazer.

— Esta noite? - perguntou, tão esperançoso que a voz profunda quase tremia.

— Por que não? Pelo que me lembro, passamos fome na noite em que nos conhecemos. E, no entanto, cantei pelo jantar... e quase que para o desjejum também. Portanto, creio que me deve um jantar.

Mas deve me prometer duas coisas.

— Qualquer coisa — declarou ele muito sério. - Qualquer coisa que pedir.

— Não deve me dizer outra vez que sou louca ou idiota.

— Eu esperava que tivesse esquecido como fui imperdoavelmente grosseiro.

— Ao contrário, foi memorável demais para esquecer.

Nos últimos anos, Eve fora levada para jantar depois do espetáculo, noite após noite, por militares de muitas partes da França.

Distração era o que eles procuravam num restaurante, uma animação febril que provocava a alegria.

Paul de Lancel, no entanto, optou por levá-la ao restaurante do Ritz. Era um lugar excepcionalmente formal, teto alto, com sancas requintadas, um tapete grosso e cortinas de brocado de uma qualidade que seria justificada num quarto de rainha. As mesas ficavam distantes umas das outras, e uma das paredes abria-se para um jardim semicircular, onde jasmims e pirâmides de gerânios cercavam um chafariz. Cada aspecto do serviço era atendido por um maître d'hôtel, garçons e ajudantes, cujas tarefas eram desempenhadas num silêncio profundo, o que desencorajava o alvoroço, a sala iluminada com discrição demais para ser feérica, cada mesa um convite suave numa poça de luz produzida por pequenos abajures com copas rosas.

Contudo, apesar de todo o requinte, o restaurante do Ritz fora concebido sob o encantamento de celebração e alegria e conservava esse clima ao longo da guerra. Embora os inúmeros detalhes o tornassem o lugar mais esplêndido para se jantar na França, Paul de Lancel parecia inteiramente à vontade ali. Ele pediu o jantar sem qualquer alvoroço desnecessário, mas com uma autoridade que era tão completa quanto era suave. Enquanto ele falava com o maître d'hôtel, Eve sentiu-se relaxar para uma serenidade de segurança que nada tinha a ver com a perspectiva de uma refeição tranqüila.

À luz suave, Paul estudou Eve atentamente. Ela sentava-se com sua confiança serena normal na cadeira de braços de brocado, os brincos compridos faiscando. Os cabelos eram repartidos ao meio e escovados para a frente, fazendo uma espiral por cima das orelhas, na última moda. O vestido tinha um decote baixo e quadrado, com uma faixa de renda, e duas outras faixas de renda largas cobriam os ombros, mas o pescoço forte e os braços esguios se encontravam completamente nus.

Ele compreendeu que esse estilo desnudo convinha a Eve, como a poucas outras, pois enfatizava o ângulo em curva suave na parte mais larga das maxilas e a tonalidade maravilhosamente viçosa da pele. Era impossível para ele contemplar as profundezas de seus olhos na luz disponível, mas enquanto ela falava, o lento adejar das pálpebras, sob as sobrancelhas arqueadas para cima, adquiria uma misteriosa importância. A imoderação excepcional que sua tia Marie-France fora a primeira a perceber, sete anos antes, acabara esculpida e consolidada pela vida, mas não fora absolutamente domada, apresentando-se agora como uma surpreendente liberdade de espírito, uma liberdade e compostura que se uniam para proporcionar a Eve uma qualidade que era nobre na ausência de convencionalismo. Enquanto conversavam, Paul de Lancel reconheceu o brilho de sua inteligência, o contágio provocante de sua jovialidade interior.

— Quem é você? — ouviu-se Paul de Lancel a perguntar subitamente.

— Como assim? — indagou Eve, embora a aceleração do sangue e o latejar das veias soubessem muito bem o que ele estava querendo dizer.

— É outra pessoa, alguém mais além da famosa Maddy, a Maddy sem sobrenome, que canta no Casino de Paris. Sei que estou certo... diga-me quem você é realmente.

Eve refletiu sobre a resposta enquanto tomava um gole do vinho.

Desde que viera para Paris, quatro anos antes, não falara de suas origens, nem mesmo para Vivianne de Biron. Algum instinto profundo lhe dizia que não deveria partilhar com ninguém no mundo do *music hall* o conhecimento de que vinha de um *milieu* que eles desprezavam e pelo qual eram também desdenhados.

Mas aquele homem, aquele estranho, por tudo o que ela sabia de sua coragem, calma e resistência, aquele quase estranho, Paul de Lancel, despertava-lhe um destemor e uma necessidade curiosamente profunda, uma ânsia que a compelia a falar de si mesma. Havia abandono no sentimento de desafio que ele despertava. Confiava nele, compreendeu de repente, confiava tão instintivamente que se sentiu assustada. Conhecia-o bem pouco. Contudo, depois daquela noite na casa de fazenda bombardeada,

parecia que já o conhecia bem o suficiente para se esconder por trás de uma identidade que era apenas parte dela.

— Nasci em Dijon — começou Eve, com um suspiro à recordação. — Meu nome não é Maddy e também não posso ser tratada como *madame*.

Para ser mais precisa, sou *Mademoiselle* Eve Coudert, um nome burguês que não é considerado apropriado para a marquise de um *music hall*. Quando menina, eu queria... talvez demais... ver o que havia além do horizonte. Vim para Paris... ou melhor, fugi de casa para Paris... aos 17 anos, com um homem que mal conhecia. Era extremamente inocente e inseqüente. Na verdade... bastante louca. Fora criada para ser uma dama e fazer um bom casamento. Detestava essa perspectiva, mas era o único futuro que a família cogitava para mim. Fiquei ridiculamente apaixonada e fui muito tola. Não demorou muito para que o homem partisse meu coração... o que era de se esperar. Mas desgracei minha família, além de mim mesma. Meus pais nunca vieram me visitar, embora eu lhes escreva todas as semanas.

Meu pai é um médico conhecido, minha mãe é uma das mulheres mais respeitáveis de Dijon. E eu... eu sou conhecida como Maddy.

— Disse que ele partiu seu coração? — Paul estava incrédulo pelo ciúme violento que o dominara no instante em que Eve dissera essas palavras. Não prestara atenção a qualquer outra coisa dessa frase em diante.

— Pensei assim na ocasião. Foi o que senti.

— E o coração já se recuperou?

— Deve ter se recuperado... embora há anos pareça congelado.

Todas as moças de 17 anos não têm corações recuperáveis?

— E desde esse homem? — insistiu Paul, com uma vigilância rigorosa.

— Tenho tomado o cuidado de nunca mais entregar meu coração a ninguém.

— Tem certeza absoluta? — Paul experimentou um impulso quase incontrolável de soltar os cabelos de Eve, empurrá-los para trás da testa, a fim de descobrir como ela pareceria ao despertar pela manhã.

— Um momento, *mon colonel*... isso é um interrogatório?

— Tem importância?

— Talvez não — respondeu Eve, após uma pausa prolongada, uma veia pulsando visivelmente na garganta descoberta.

— Sabe que não tem. Vamos, deixe-me segurar-lhe as mãos.

— Em público? — Ela teve de se inclinar para a frente, a fim de que ele pudesse ouvir a pergunta, formulada em voz baixa e trêmula.

— Fugiu com algum miserável que a magoou e não quer me dar as mãos?

— Já lhe disse que tenho tomado muito cuidado.

— Deverá esquecer tudo isso agora — declarou Paul, mais firme do que nunca.

— É mesmo? — Os lábios de Eve se entreabriram, as pálpebras quase se fecharam. Uma onda de emoção a deixou ofegante, imóvel, à espera das palavras seguintes. Ele a surpreendera com sua objetividade, sua intensidade franca, de uma maneira que não sentia desde que subira sobre Dijon num enorme balão vermelho e contemplara as grandes possibilidades que se estendiam além do horizonte azul.

O princípio de êxtase fez com que o restaurante do Ritz se desvanecesse, como se fosse apenas um pano de fundo num teatro às escuras.

— Sabe muito bem que sim. Sabe perfeitamente, *Mademoiselle* Eve Coudert.

— É muito bom em dar ordens — disse Eve, com a última resistência que possuía.

— Terá bastante tempo para se acostumar a isso.

— Quanto... quanto tempo?

— Uma vida inteira — respondeu, pegando as mãos trêmulas de Eve e levando-as a seus lábios

quentes. — Eu lhe prometo uma vida inteira.

O *maître d'hôtel*, que observava Paul e Eve de uma distância aceitável, não ficou surpreso ao ver o Coronel de Lancel fazer sinal para que levasse a conta no meio da refeição preparada com perfeição que ele e sua bela companheira virtualmente ignoraram. Conhecia o coronel desde que ele era um menino, visitando Paris pela primeira vez com os pais, que sempre se hospedavam no Ritz, mas nunca vira antes o jovem visconde apaixonado, não importava quantas vezes ele já tivesse jantado no Ritz desde que se tornara um homem. O *maître d'hôtel* até fizera uma aposta consigo mesmo de que eles não conseguiriam chegar até o prato principal, antes de abandonarem qualquer pretensão de comer. Perdeu a aposta, pois o coronel permitiu que o prato fosse servido e conseguiu comer um pouco, mas também ganhou, pois o coronel lhe deu uma gorjeta cinco vezes maior do que o normal. Deixando o Ritz, Paul fez sinal para um coche aberto, puxado por um cavalo.

— Siga ao longo do rio — disse ao cocheiro, enquanto ajudava Eve a subir.

Jovialmente, o homem conduziu o cavalo numa volta pela Place Vendôme e desceu pela Rue de Castiglione, na direção do Sena, num ritmo lento, condizente com o calor persistente da noite de maio, como se aquela viagem pelo *quai* fosse uma excursão de descoberta, sem qualquer pressa, nova em todos os aspectos, em vez de um circuito que ele e seus cavalos já tinham feito mil e uma vezes antes. No restaurante do Ritz, Paul e Eve puderam conversar com um senso de liberdade porque estavam cercados por espectadores cuja presença impunha limites à intimidade. Contudo, a falta de privacidade e a necessidade de fingir comer logo se tornaram insuportáveis; agora, porém, a sós, exceto pelas costas indiferentes do cocheiro, eles se descobriram subitamente mudos, contrafeitos e confusos.

Ele lhe prometera uma vida inteira, pensou Eve. O que isso significava? Seria apenas uma maneira de falar? Uma bravata de soldado? As palavras de um homem que queria uma breve ligação antes de voltar à guerra? Paul de Lancel seria esse tipo de homem... e havia muitos assim... que usavam palavras solenes para propósitos mesquinhos? Durante os cumprimentos que ele trocara com o *maître d'hôtel* no Ritz, Eve descobrira que se tratava de um visconde e membro da família do champanhe Lancel. Se um homem com tais antecedentes lhe prometia uma vida inteira, não seria como sua amante, uma mulher que manteria num segundo plano de sua vida? O que exatamente ele esperava, aquele homem que ela permitira que a levasse para jantar... meio jantar, para ser mais precisa... só naquela noite? Aquele homem que já sabia a seu respeito mais do que qualquer outra pessoa no mundo?

Ele prometera uma vida inteira, pensou Paul. Ela compreendia que ele queria casar? Fora bastante claro? Nenhum plano definido fora discutido, porque um garçom chegara à mesa com o primeiro prato no momento em que ele pronunciara essas palavras. Havia ficado suspensas no ar e com a comida na frente o ânimo evanescente mudara de uma maneira exasperante, que o impedira de retornar ao assunto. Como podia esperar que uma mulher que nunca o conhecera até bem poucas horas antes compreendesse como se sentia em relação a ela? Como ela poderia retribuir suas emoções? Eve seria o tipo de mulher que o deixaria se declarar e depois brincaria com ele, desfrutando seu poder? Nada sabia a seu respeito, exceto o breve esboço de sua vida que lhe arrancara, e ela sabia ainda menos sobre ele.

Ficaram sentados em silêncio, sem se tocarem, enquanto o coche virava à esquerda, ao alcançar a margem do rio, seguindo para a parte mais antiga de Paris, o coração da cidade, onde uma tribo de pescadores no rio, chamada parisii, instalara seu primeiro povoado, numa ilha no meio do Sena. Se o cocheiro virasse à direita, passariam pelos vastos espaços da França imperial, a Place de la Concorde e o Grand Palais, símbolos monumentais de uma incomparável grandeza; ao virar à esquerda, no entanto, o cocheiro levou-os depressa aos quarteirões humildes e animados, em que tudo tem uma escala para os seres humanos e nada é simbólico, a menos que seja a torre de uma igreja.

— Pare aqui, por favor, cocheiro — pediu Paul, ao chegarem à Pont Neuf, acrescentando para Eve: — Não quer dar um passeio pela ponte?

— Quero, sim.

Qualquer coisa servia para romper aquele transe rígido de incompreensão em que ela estava presa, a mente fervilhando com mil perguntas e os lábios incapazes de expressarem uma que fosse.

A Pont Neuf, a mais antiga ponte de Paris, atravessa a ponta daquela ilha, a *Ile de la Cite*, onde os parisienses construíram suas primeiras cabanas, e possui a suave magia que só se encontra onde o homem tem vivido há muito tempo. Fantasmas amigos pareciam passear pelo calçamento de pedra, acompanhando Eve e Paul, enquanto caminhavam até o meio da ponte, unidos apenas pela mão de Paul no cotovelo de Eve. A larga ponte estava praticamente deserta, e ao chegarem ao centro foram para um dos 12 vãos semicirculares que se projetam sobre o Sena. Debruçados no parapeito, tinham uma visão ininterrupta do rio, que corria com uma surpreendente velocidade através da cidade, a caminho do oceano, o luar incidindo numa faixa tão larga sobre a água que a própria Paris parecia ter desaparecido.

— Não é como estar a bordo de um navio? — perguntou Paul.

— Nunca fiz uma viagem pelo mar - respondeu Eve.

Eles recaíram num novo silêncio, mas as poucas palavras que conseguiram trocar diminuíram o constrangimento e se viraram um para o outro ao mesmo tempo. Paul abraçou Eve e beijou-a nos lábios pela primeira vez.

Ela recuou e fitou-o nos olhos, tão fundos, sob as sobrancelhas, que não pôde decifrar sua expressão.

— Por que... por que queria que eu cantasse *Till We Meet Again* naquela noite, na casa de fazenda?

— Eve ficou espantada porque, entre todas as perguntas complexas que se agitavam em sua mente, indagara sobre um detalhe inexpressivo, de um evento que ocorrera quando nem mesmo sabia o nome de Paul.

— Talvez fosse... uma tolice da minha parte, mas eu sabia que nenhum dos homens entendia inglês e queria ouvi-la cantar alguma coisa só para mim, algo que eu pudesse lembrar para sempre, sem partilhar com ninguém. Eu... eu me apaixonei por você... quando cantava para os homens em francês. Havia palavras na canção que eu queria imaginá-la a dizer para mim e foi o único jeito que pude pensar... lembra as palavras? "Os sinos nupciais vão soar alegremente, da lágrima será uma lembrança, então espere e reze cada noite por mim, até nos encontrarmos outra vez."

— Sinos nupciais? — sussurrou Eve.

— Já então. Eu sabia que era a única coisa que queria. Sinos nupciais... Eve, quer casar comigo?

Ela hesitou, assustada outra vez pela maneira como Paul de Lancel a despojava de todos os seus instintos autoprotetores, que adquirira com tanto esforço. E, no entanto... no entanto... ela poderia agora deixar de ousar? Poderia recuar diante da aventura?

Poderia tentar evitar... o amor? pois era o que sentia por ele, nada menos do que amor.

— Já se passaram mais de três horas desde que chegou em meu camarim — contemporizou Eve, por um último instante ainda presa à terra. — Por que esperou tanto tempo para pedir?

— Levei dois anos para encontrá-la.

— Ahn... nesse caso...

— Nesse caso o quê?

— Sim, *mon colonel*, sim!

O *Vicomte* Jean-Luc de Lancel, o pai de Paul, levantou os olhos da carta que acabara de abrir.

— Uma notícia maravilhosa, querida! — anunciou ele alegremente para a esposa, Anette. — Paul vai casar... na verdade, pela data da carta, acho que já deve estar casado.

— Graças a Deus! Ah, como rezei por isso! Depois que a pobre Laure morreu, pensei que ele nunca mais voltaria a rir. Mostre-me essa carta. Quem é ela? Onde ele a conheceu? Quando casaram?

— Espere um pouco... deixe-me ler mais. Ah... ela é de Dijon, quase uma vizinha, Anette! Eve Coudert... por Deus, a filha do Dr.

Didier Coudert... ele é um homem que todo mundo procura para tratar do fígado, querida. Seu cunhado o consultou há poucos anos, está lembrada? Eles se conheciam... isso é estranho... ele diz que se encontraram por um instante ao final do primeiro ano da guerra e agora, ao que parece, tornaram a se encontrar... apenas na semana passada! Ninguém poderia casar em uma semana antes da guerra, mas agora mudaram as regras, hem? Ele escreve que ela é boa, corajosa e linda... não se pode pedir mais do que isso, não é mesmo?

Claro que não terão uma lua-de-mel, mas que importância isso tem?

O importante é que ficarão em Paris, agora que Paul está trabalhando como oficial de ligação com os americanos. Quando poderemos ir visitá-los, Anette? Quero conhecer minha nova nora.

— Você disse que é a filha do Dr. Coudert?

— Isso mesmo. Por quê? Ele tem várias filhas?

— Apenas uma, ao que eu saiba — respondeu a *vicomtesse*, sombriamente.

— Conhece a moça?

— Todo mundo conhece a história dessa moça.

— Mas do que está falando? E por que essa cara tão azeda? Nunca ouvi falar dela.

— Ninguém falava de outra coisa um ano antes da guerra começar, ninguém em certos círculos. Ela fugiu de casa, desapareceu, como quiser chamar, foi embora, pelo que me contaram, com algum homem horrível, algo vergonhoso, completamente desonroso que os Couderts abafaram por tanto tempo quanto possível. Marie-France de Courtizot, a tia, também esteve envolvida no caso. Minha prima Claire é amiga da *Baronne* de Courtizot, e quando tudo se tornou conhecido... Era uma desgraça ainda pior do que eles pensavam. Oh, meu pobre Paul!

— O que está querendo dizer com "ainda pior"? Ela tem um filho?

— Não, pelo que eu saiba. Esse tipo de mulher sempre toma cuidado para não ter filhos. Ela é... ela canta. Apresenta-se num *music hall*. Em Paris.

— Um *music hall*? Tem certeza?

— Absoluta. Os Couderts nunca falam da filha, mas parece que ela se tornou um grande sucesso... "famosa", ao que dizem. Deveriam falar infame. Não pode haver a menor dúvida. Havia só uma filha, e essa é a mulher com quem nosso filho casou.

A *vicomtesse* começou a chorar.

— Anette, Anette... pare com isso, eu lhe peço. Lembre-se de que Paul a ama. Pense como ele era infeliz... não é mais importante que tenha encontrado alguém para amar?

— Uma mulher assim? Não pode imaginar por que ela casou com Paul? É uma tentativa desesperada de respeitabilidade, o clássico último recurso de uma mulher que caiu tão baixo. Mas ela está enganada se pensa que pode ter a esperança de algum dia ser aceita aqui. E pior de tudo, depois que a guerra acabar, a carreira de Paul estará arruinada.

— Como pode se preocupar com isso agora, Anette? O essencial é que Paul não está no *front*, sobreviverá à guerra. E que absurdo é esse sobre sua carreira? Prefiro acreditar em seu julgamento...

que ela é boa, corajosa e bela. E daí que ela cante? E num *music hall*? Reis já casaram com mulheres que cantavam em *music hall* s.

— E perderam seus tronos e foram escarnecidos pelo resto de suas vidas... e sabe muito bem que eles jamais casaram com essas criaturas, apenas as mantiveram como amantes. Essa mulher causou um grande escândalo. O passado a seguirá por toda a vida. Acredita sinceramente que um diplomata com uma esposa assim pode acalentar a esperança de subir na carreira?

— A esposa de um diplomata é tão importante para ele quanto seu cérebro... talvez ainda mais — comentou Jean-Luc de Lancel, com um suspiro profundo.

Anette, como sempre, era mais pragmática do que ele.

— Essa... pessoa... com quem ele casou nunca poderá ser a esposa de um embaixador, sabe disso tão

bem quanto eu. Ele nunca será perdoado no Quai d'Orsay. Nosso brilhante filho arruinou-se por ela, sacrificou sua carreira.

— Eu me pergunto o quanto ele sabia a respeito antes desse súbito casamento.

— O mínimo possível, obviamente — garantiu a *vicomtesse*, com uma hostilidade visceral.

— Talvez não. Ou talvez ele soubesse de tudo e concluiu que o custo, qualquer que fosse, valia a pena — retrucou o *Vicomte* de Lancel, mas sem qualquer convicção.

— Ele é um homem apaixonado, em tempo de guerra... ou seja, um tolo — assegurou a esposa, desdenhosa.

— Então ele foi enganado. Nunca teria casado com essa mulher em tempo de paz. — A voz do pai de Paul estava mais dura, enquanto amassava a carta do filho.

— E agora se pergunta por que eles casaram tão depressa?

— Não, agora eu compreendo. E muito bem.

— Não pode estar falando sério, Maddy — disse Jacques Charles, levantando-se de um pulo de trás da mesa. — Eu me recuso a acreditar. Como pode largar tudo? Se fosse por alguma oferta melhor, de outro produtor, eu poderia compreender o que está tentando fazer... Eu não gostaria. Torceria o seu lindo pescoço, daria um camarim maior e um bom chute no rabo... mas deixar o palco! Para sempre! Não faz o menor sentido.

— Sua esposa canta no Casino de Paris?

— Ahn... não, mas o que isso tem a ver? Ela não é capaz de cantarolar qualquer melodia.

— E se ela fosse capaz? Todas as noites, ao chegar em casa para o jantar, ficaria na maior alegria ao saber que *Madame* Charles já saiu para o teatro, ainda está ocupada a experimentar novos trajes, teve um ensaio de novas canções ou está sendo entrevistada por um jornalista? Gostaria de esperar até depois de meia-noite por sua volta, todas as noites da semana menos uma, quando acabar o espetáculo no Casino de Paris?

— Não, claro que não! Mas que droga, Maddy!

— Então você compreende Mesmo contra a vontade.

— Vamos admitir que posso compreender a situação como um homem que não é diferente dos demais. Mas ao seu caso... uma *estrela*?

Nunca! Sequer percebe tudo a que vai renunciar para estar em casa na hora do jantar? Por que não pode se limitar a ter uma ligação amorosa com o sujeito? Quem lhe disse para casar? Acha que o estrelato é uma coisa que pode jogar fora este ano e esperar encontrar de novo no ano seguinte, quando... e é sempre possível, apesar do que você sente agora por seu galante coronel... descobrir que está horrivelmente entediada com o casamento e sentir uma saudade desesperada do público, sentir falta dos aplausos, do amor das pessoas que vêm ouvi-la?

— *Patron*, uma semana atrás tudo o que está dizendo teria um sentido absoluto. Eu diria a mesma coisa a alguém como eu. Talvez até com menos tato. Mas agora... quando fala de apenas estar em casa para o jantar... isso é tudo o que quero.

— Não consigo suportar a sua cara de felicidade!

— Tem um coração muito mole, *patron* — disse Eve, rindo alegremente.

— Saia daqui! E, Maddy, quando estiver pronta... se algum dia estiver, eu deveria dizer... você voltará? O público é mais fiel que qualquer amante, qualquer marido. Uma revista só para você, uma revista como eu estava planejando... não poderei lhe dar isso outra vez... mas se alguma coisa mudar, Maddy, você voltará?

— Claro — respondeu Eve, ainda rindo, enlaçando-o pelo pescoço e beijando-o nas faces, em despedida.

O que as palavras lhe custavam? Nunca aconteceria.

Em 1912, quando Paul-Sébastien de Lancel casara com Laure de Saint-Fraycourt, a única filha do *Marquis* e *Marquise* de Saint-Fraycourt, sua própria família ficara na maior satisfação. Os Saint-Fraycourts sentiram uma resignação infeliz. Laure, tão melancólica, tão frágil, e já tão elegante, era considerada uma das mais belas moças de sua geração. Era a única herdeira dos Saint-Fraycourts, e toda a sua fortuna iria para ela, uma fortuna tão antiga quanto reduzida.

Para os Saint-Fraycourts, no entanto, o mero dinheiro era totalmente irrelevante. O marquisat de Saint-Fraycourt era um título tão distinto, tão antigo e tão ligado à história da França que o consideravam um dote extremamente significativo e poderoso. Era verdade que o título morreria com a morte do atual marquês, mas os filhos de Laure, não importava com quem ela casasse, sempre seriam conhecidos como Saint-Fraycourts, antes de qualquer outra coisa.

No pequeno círculo da mais alta aristocracia da França, o fato de que a mãe nascera uma Saint-Fraycourt lhes valeria a aceitação imediata e a posição mais elevada. Os Saint-Fraycourts sabiam que era impossível superestimar a importância absoluta do sangue antigo; e no mundo em que viviam, onde todos se conheciam, não estavam enganados.

Claro que sempre se esperara que Laure casasse muito bem. A última dos Saint-Fraycourts, ela crescera como uma deusa, amada, apreciada, quase venerada. Ao começar a exibir sinais evidentes de futura beleza, os pais ficaram tão fascinados quanto seria possível a um francês.

Quando ela escolheu o *Vicomte* Paul-Sébastien de Lancel, eles ficaram profundamente desapontados. É verdade que ele pertencia a uma família antiga, mas não era o mais velho. É verdade que os Lancel eram indiscutivelmente aristocratas do regime antigo, mas não possuíam a qualidade transcendental de aristocracia que os Saint-Fraycourts esperavam. O nome deles tinha a maior importância na Champagne, mas não era o de um duque e nobre da França. Os Lancel pré-revolucionários não haviam passado suas vidas em Versailles, íntimos do rei. É verdade que Paul tinha uma carreira brilhante, mas em grande parte se projetava para o futuro. Ele herdaria a metade da Cada de Lancel, o que não era uma fortuna pequena, mas isso era apenas razoável. Contudo, não havia nada em Paul de Lancel a que eles pudessem se opor, logo compreenderam, nenhuma coisa bastante grave para persuadir Laure de que cometera um erro.

Não puderam encontrar qualquer graça salvadora no fato de que Paul um dia possuiria os vinhedos famosos no mundo inteiro, partilhando-os com o irmão. Achavam inadmissível que a filha estivesse ligada a um *château* cujo nome aparecia no rótulo de uma garrafa. A estima normal dos franceses pelas terras produtoras de vinho não era partilhada pelos Saint-Fraycourts, que reservavam seu respeito para os descendentes lineares diretos da casa de Hugo Capeto, o primeiro rei da França, e os poucos ancestrais que ocupavam altas posições na corte.

Laure fora feliz no primeiro ano do casamento, e os Saint-Fraycourts poderiam acabar abrandando sua atitude em relação ao genro. Contudo, ele cometera a insanidade criminoso de se alistar no exército, apesar da gravidez de Laure. O patriotismo deles, como todas as suas outras emoções, era suplantado pela preocupação com o bem-estar de Laure. Sem dúvida que a primeira e verdadeira responsabilidade de Paul era com a esposa e o filho; sem falta de honra, ele poderia esperar a partida para a guerra até o bebê nascer.

Ele a matara, os Saint-Fraycourts disseram depois da morte de Laure, ele a matara tão certamente como se lhe tivesse torcido o pescoço delicado com as mãos rudes de camponês. Laure nunca mais fora a mesma depois que o marido a deixara; em seu desespero, não comia direito, não fazia qualquer exercício, definhava literalmente em saudade. Quando o bebê nasceu, estava muito fraco e triste para sobreviver. Ele arrebatara o único tesouro dos Saint-Fraycourts e a tratara com tamanha crueldade que equivalia à tortura.

Abalados, tão além da amargura, que não havia palavra para descrever a emoção, os avós pegaram o bebê, Bruno, e foram para a Suíça, onde pelo menos havia a possibilidade de que seu herdeiro

inestimável, o único legado de Laure, a criança pela qual ela dera a vida, não sofreria qualquer mal.

Na guerra como na paz, os rumores andam mais depressa do que os correios; quando a carta de Paul aos Saint-Fraycourts, anunciando seu casamento, chegou a Genebra, eles já estavam a par de todos os detalhes, até a tonalidade de vermelho dos trajes que Eve usava no palco.

Normalmente, os escândalos envolvendo as camadas superiores da burguesia, a que os Couderts pertenciam, nunca alcançariam seus ouvidos, já que ninguém que eles conhecessem bem estaria interessado em discutir tais pessoas.

Contudo, a *Baronne* Marie-France de Courtizot existia nas margens extremas de seu mundo, pois ela conseguira, apesar de o pai ter sido apenas um rico mercador de cassis, estabelecer um certo relacionamento com alguns membros da aristocracia mais alta, o mundo do Faubourg Saint-Germain.

O *Baron* Claude de Courtizot gastava grande parte de seus consideráveis rendimentos na manutenção da própria caça. Os cavalos Courtizot e os cães Courtizot corriam por terras em que os cervos abundavam e o barão era extremamente generoso com eles, um fato que não podia passar despercebido por muito tempo entre os membros da nobreza adepta das caças, mas que haviam sido reduzidas pela passagem do tempo. Mesmo quando seus ancestrais perdiam as cabeças e as terras, ainda transmitiam os títulos e o amor pela caça. O título Courtizot era recente, no que lhes dizia respeito, quase pior do que não ter título algum, já que fora concedido pelo tal de Napoleão, mas Claude era devidamente humilde a respeito.

Mas agora! Por todos os *salons* do Faubourg Saint-Germain elevou-se uma nuvem de comentários, por cima das xícaras de chá dos titulares dos nomes mais antigos da França. Em 1914, quando se divulgara a existência de uma sobrinha Courtizot, uma sobrinha que, incrível, inconcebível, se apresentava num lugar horrível, um vulgar *music hall* — a coisa mais próxima de um bordel —, em que sem dúvida vivia cercada por coristas nuas, se é que ela própria não era uma — ou pior —, o escândalo criado quase custara aos Courtizots seu lugar no mundo.

Só haviam sido perdoados porque não eram bastante importantes para serem tratados como párias. Mas agora! Aquela sobrinha, que generosamente nunca se mencionava para Marie-France, sempre um tanto patética, tornara-se a madrastra do único neto dos Saint-Fraycourts. Agora o escândalo atingia o próprio coração daquele mundo.

Não era, perguntou uma entediada e maliciosa duquesa a outra, quase bom demais para ser verdade? Claro que era, uma terrível tragédia para os Saint-Fraycourts — esses pobres coitados, não se podia deixar de sentir pena. Quem teria acreditado que tal coisa pudesse acontecer a pessoas tão altivas, quando na verdade suas posições não eram diferentes das que os outros ocupavam? Ninguém jamais gostara muito deles, para ser franco, mas se devia reconhecer o direito que eles possuíam a seu orgulho. Eram pessoas que sempre haviam conhecido, não importava quão frios e arrogantes fossem. Dever-se-ia tentar fingir que nunca se ouvira falar do escândalo ou seria melhor, com todo tato possível, é claro, mostrar aos Saint-Fraycourts que se sentia a mais delicada simpatia? Dever-se-ia escrever uma mensagem, apenas umas poucas palavras? Ou seria melhor se retirar para um silêncio discreto, como se nada tivesse acontecido? Que fascinante, inequívoco — dever-se-ia admitir até para si mesmo? — e delicioso dilema!

— Como vai responder à carta de Lancel? — perguntou a Marquise de Saint-Fraycourt ao marido.

— Não tenho certeza. Enquanto ele estava no *front*, rezei todos os dias para receber a notícia de sua morte. — O *Marquis* de Saint-Fraycourt falava em tom seco e conciso. — Milhões de franceses mortos, e Lancel apenas ferido. Não há justiça sob o céu.

— E se ele vier buscar Bruno, agora que tem uma esposa?

— Uma esposa? Ele jogou a imundície sobre o túmulo de nossa filha. Eu lhe peço, minha cara, para não falar daquela pessoa como sua esposa.

— Mesmo assim, ele pode querer Bruno de volta, agora que se estabeleceu em Paris.

— Paris está sob ataque. Não pode haver essa iniciativa.

— Mas um dia a guerra vai acabar — insistiu a marquise, sombria.

— Sabe tão bem quanto eu que Bruno nos pertence. Mesmo que Lancel tivesse casado com alguma mulher digna de ser a madrasta de Bruno, nunca tive a intenção de deixá-lo voltar para aquele homem.

— Sua voz estava mais tênue do que nunca, como o vento numa folha morta.

— Como pode se manter tão calmo?

— Minha cara, algumas coisas na vida são tão evidentes, tão certas, que não deixam qualquer margem para dúvida. O futuro de Bruno é uma dessas coisas. Ele não é um Lancel, é um Saint-Fraycourt e nunca será maculado pelo contato com aquele assassino e a pessoa que escolheu para viver. Eu mataria Paul de Lancel pessoalmente antes de permitir-lhe que fique com Bruno. Quanto menos ele nos compreender, menos problemas teremos. Creio que, no final das contas, responderei à sua carta.

— O que dirá?

— Ora, desejarei a ele felicidades no casamento, é claro,

— Como pode fazer isso?

— Para manter Bruno conosco, eu seria capaz até de abraçar sua... prostituta.

No final de setembro de 1918, dois meses antes de o armistício pôr fim à guerra, Eve deu à luz uma menina, Delphine, assim batizada pela avó materna de Paul. Ele foi desmobilizado três meses depois de a guerra ter minar e ao voltar ao serviço diplomático, no início de 1919, foi despachado para Camberra, como primeiro-secretário da embaixada francesa na Austrália, o equivalente à Sibéria do Quai d'Orsay.

Eve ficou na maior alegria pela mudança para a Austrália por causa de Delphine. A criança estava afligida pela doença chamada *crupe*, que a atacava sem qualquer aviso, indicada apenas por uma tosse súbita, que soava exatamente como o latido de um cachorro, seguida por um arquejo angustiado por ar. A única maneira de aliviar o *crupe* era manter Delphine numa nuvem de vapor, até que a garganta expandisse e ela pudesse respirar normalmente; mas o vapor era um artigo inestimável na França durante o primeiro ano depois da guerra. A escassez de carvão era pior do que antes da paz, e a eletricidade ainda era tão preciosa que o metrô corria no mesmo horário da guerra.

A Austrália, com sua abundância, foi uma bênção para os pais preocupados. Ali, numa das confortáveis mansões vitorianas de Camberra, com amplas varandas e um grande jardim, Eve pôde quase relaxar, ciente de que podia encher o enorme banheiro com vapor quente numa questão de minutos. O melhor pediatra de Camberra, Dr. Henry Head, examinou Delphine e declarou-a perfeita sob todos os aspectos.

— Não se preocupe demais com o *crupe*, *Madame* de Lancel. Não há nada que possamos fazer que já não saiba e posso lhe prometer que esta mocinha vai superar o problema. Há uma teoria de que a doença é causada pelo pescoço curto do bebê. Assim que ele se tornar mais longo, como é inevitável, não ouvirá mais essa tosse. Mantenha sempre uma chaleira com vapor, noite e dia, no quarto dela, por três dias depois de um ataque, e chame-me a qualquer momento, se precisar de mim.

A 9 de janeiro de 1920, menos de um ano e meio depois, outra filha, Marie-Frédérique, nasceu para Eve e Paul de Lancel. O Dr. Head, que fora chamado pelo obstetra de Eve para examinar a nova criança, esperava fervorosamente que aquela não fosse também uma vítima do *crupe*. Sabia que Delphine dera aos pais muitos dias e noites de preocupação e tormento; na privacidade de seus pensamentos, ele não pôde deixar de questionar por que o casal tivera outra criança tão cedo. Parecia-lhe que *Madame* de Lancel já possuía problemas demais, enfrentando as crises constantes da criança doentia, sem precisar do fardo de outra filha.

Eve contratou uma competente babá para cuidar das duas crianças, mas no ano seguinte ao nascimento de Marie-Frédérique, raramente dormiu por mais de uma ou duas horas de cada vez, despertando

constantemente durante a noite para ouvir a respiração de Delphine, só voltando à cama que partilhava com Paul depois de ficar meia hora ao lado do berço.

A princípio, Eve ficara aflita também por Marie-Frédérique, mas a criança demonstrava o tipo de boa saúde que os britânicos chamavam de "robusta". Só olhar para ela era uma tranquilidade. Tinha os cabelos vermelhos dos Lancel e também os olhos azuis. Era tão rechonchuda, forte, com as faces coradas e risonha quanto a irmã era delicada, pálida e propensa a chorar sem qualquer motivo aparente.

Contudo, Delphine possuía uma beleza excepcional, deslumbrante, uma beleza que nada tinha de infantil, tão extraordinária que os pais só podiam encontrar nela um pouco de satisfação, já que era muitas vezes ameaçada por aquela terrível tosse durante a noite.

Nos quatro primeiros anos depois da guerra, até o segundo aniversário de Marie-Frédérique, Paul fora forçado a concordar com o *Marquis* de Saint-Fraycourt de que Bruno deveria permanecer na Suíça com os avós. Durante aqueles dois terríveis anos, quando Marie-Frédérique tinha menos de dois anos e Delphine sofria os piores anos do crupe, Paul admitiu, infeliz, que o fardo para Eve, assumir a responsabilidade de uma terceira criança, seria demais.

Em 1922, no entanto, quando Bruno completou sete anos, Paul escreveu para o ex-sogro e pediu que o filho lhe fosse enviado, o mais cedo possível.

— Ele avisa que finalmente chegou o momento de o filho se juntar às suas filhas — disse o *Marquis* de Saint-Fraycourt à esposa, o tom tão comedido como sempre, os lábios pequenos contraídos.

— Ele usou essas palavras? — perguntou a marquise, indignada.

— Exatamente. Como se todos fossem parte da mesma coisa, nosso Bruno e as duas pirralhas que ele teve daquela pessoa.

— Como vai responder?

— Não tenho a menor intenção de responder. A carta levou semanas para chegar aqui, e pode-se presumir que foi extraviada. Mais algumas semanas passarão antes que Lancel possa esperar por minha resposta. Ele vai aguardar, pensando que talvez estejamos viajando para lá, depois de um mês tornará a escrever. E quando isso acontecer, minha cara, você responderá, alegando que estou com problemas de saúde. Dirá a ele que os médicos informam que não me restam muitos meses de vida, e pedirá que Bruno fique conosco por mais algum tempo. Até mesmo um bruto como Lancel não pode negar esse pedido. Minha doença vai durar e durar... ou melhor, eu vou durar.

— O *marquis* permitiu-se um breve sorriso, antes de acrescentar: — É claro que você lhe escreverá com freqüência, pondo-o a par do meu estado. Não podemos permitir que ele se preocupe com as nossas verdadeiras intenções.

— E quando você for obrigado a recuperar a boa saúde, meu caro?

— Já estamos quase em março. Em algum momento do próximo outono, tão perto do fim do ano quanto possível, eu lhe enviarei uma carta pessoalmente, explicando que ainda estou muito fraco, mas a caminho da recuperação. E me porei à sua mercê. Direi que minha única alegria durante os meses da doença... eu lhe peço perdão por dizer isso, minha cara... foi a visita diária de Bruno. Pedirei mais alguns meses para completar a recuperação, até se passarem os feriados de Natal, até o início de 1923, quando então prometerei mandar Bruno para a Austrália.

— E depois?

— Infelizmente, você terá de ser a próxima a cair doente. Muito mais gravemente do que eu. E por mais tempo.

— Não pode esperar que Lancel espere indefinidamente só porque um de nós está doente — protestou a marquise. — Lembre-se de que é o homem que partiu para a guerra quando Laure esperava um filho.

— É exatamente com isso que estou contando. Ele não pode ter esquecido que nossa pobre filha

suplicou-lhe para não partir. Ele não pode ter esquecido que se permanecesse ao seu lado por mais alguns meses, como poderia facilmente fazer, Laure estaria viva hoje. E se por acaso ele esquecer o quanto é culpado, pode contar comigo para lembrar. Ele não vai querer outra morte na consciência. Além disso, direi a ele, se ainda não compreendeu até agora, que a única mãe que Bruno já conheceu é você. É inadmissível que ele tire uma criança da mãe, quando essa mãe está à beira da morte.

— Por quanto tempo podemos alegar minha doença terminal? — perguntou a marquise, com um ligeiro tremor supersticioso.

— Felizmente por muito tempo. Você dispõe dos melhores cuidados médicos da Europa e é uma mulher forte. Terá complicações... complicações em cima de complicações... mas continuará a respirar, graças apenas à presença milagrosa de Bruno, que lhe dá uma razão para viver. Dessa maneira ganharemos... ora, pelo menos um ano e meio, talvez dois. E quem pode saber o que acontecerá em 1925?

— E se Lancel decidir voltar de repente, sem qualquer aviso, para buscar Bruno pessoalmente?

— Isso é bobagem. Ele não pode vir da Austrália num piscar de olhos. É uma longa viagem. Como todos os primeiros-secretários, ele tem uma agenda cheia de compromissos oficiais... tratei de me manter informado sobre a sua situação, e meus amigos no Quai d'Orsay não permitirão que tire vários meses de licença por motivos puramente pessoais. Mas...

— Mas o quê?

— Um dia, indubitavelmente, ele virá.

— Bruno tem sete anos agora. Podemos esperar por mais de quatro anos de adiamento antes que Lancel exija seus direitos?

— Não estou contando com mais de quatro anos. A esta altura, porém, Bruno estará com 11 anos, minha cara. Não será mais uma criança. E um Saint-Fraycourt em todos os sentidos.

Em 1924, depois de quase cinco anos na Austrália, Paul de Lancel foi transferido para a Cidade do Cabo, como cônsul-geral. A convulsão doméstica causada pelo novo posto obrigou-o a adiar mais uma vez uma viagem de volta a Paris, que planejava há muito, a fim de visitar a enferma Marquise de Saint-Fraycourt e providenciar finalmente para que Bruno se juntasse à sua família. As cartas freqüentes e as fotografias que recebia do marquês e do próprio Bruno muito contribuíram para aliviar a mente de Paul em relação ao filho. Sem dúvida, o menino parecia feliz e ocupado na vida parisiense, para onde os avós haviam voltado em 1923. Ele não carecia de amigos ou prazeres familiares, pois ocupava seu lugar, como um primo, entre os muitos netos da família.

Mas se tornava cada vez mais difícil compreender que tinha de fato um filho, pensou Paul. O bebê recém-nascido que vira apenas durante o primeiro ano da guerra vivera por mais de nove anos sem se encontrar com o pai. Se não fosse um diplomata de carreira, condenado a ir ao fim do mundo à ordem de seu governo, o menino teria voltado para ele assim que a guerra acabara. As doenças subseqüentes do marquês e da marquise haviam criado uma situação impossível, mas ele sentia-se em dívida com os dois pelos cuidados dispensados ao menino durante os anos da guerra para tirar-lhes Bruno subitamente. Seria condenar a um fim trágico pessoas que já haviam perdido tanto.

A cada carta, Paul era lembrado de novo da perda de Laure. Eles escreviam estoicamente, mas as cartas eram mais vigorosas pela contenção que Paul desconfiava que se obrigavam a manter, a fim de não reabrirem seus próprios ferimentos.

Mas Bruno era seu filho. O lugar dele era com o pai. A situação era anormal, apesar de ter acontecido de maneira tão inevitável.

Ninguém era culpado. Todos eram culpados. E assim que se instalasse no consulado na Cidade do Cabo, assim que tudo ali estivesse funcionando sem qualquer problema, assim que Eve e as meninas se mudassem para a nova casa, ele voltaria a Paris e não sairia de lá sem Bruno.

Perturbado, Paul de Lancel caminhou pela Rue de Varenne na direção da entrada da escola de Bruno. Era o mês de junho de 1925. Acabara de chegar a Paris e imediatamente fizera uma visita à Marquise de Saint-Fraycourt. Que esforço ela precisara fazer, pensou Paul, para recebê-lo em seu quarto de doente. Ele sabia que para uma mulher tão orgulhosa ser obrigada a se deixar ver na cama, desamparada, com um casaco bordado cobrindo a camisola, devia ter sido uma humilhação, por mais que ela protestasse que desejava cumprimentá-lo pessoalmente. A marquise estava muito pálida, a fala lenta e obviamente em dor, embora insistisse, como não podia deixar de fazer, que se encontrava no caminho da recuperação. Devia ser câncer, concluiu Paul. Em suas cartas, o *Marquis* de Saint-Fraycourt mostrara-se relutante em falar sobre a natureza exata da doença da esposa, o que, pela experiência de Paul, sempre significava câncer.

O marquis ainda insistia que só a presença de Bruno mantinha a marquise viva, mas sem dúvida, Paul disse a si mesmo, a marquise devia pôr o futuro do menino acima do próprio sofrimento. Ela reprimira visivelmente sua infelicidade quando Paul falara dos planos para que Bruno viajasse em sua companhia e não tentara dissuadi-lo das intenções. Seria possível que ela cogitasse de seu fim próximo e por isso era capaz de fazer o sacrifício? Estaria tão cansada que não lhe restavam forças para tentar manter o menino ou estaria sendo altruísta?

Não a compreendia e nunca compreenderia, refletiu Paul, enquanto se aproximava da escola. A Marquise de Saint-Fraycourt pertencia àquela parte de Paris, o coração secreto, murado e fechado do *Ancien Regime*, onde enormes casas se erguiam como um labirinto de esplêndidas fortalezas cinzentas, protegidas por pátios murados a que os não convidados jamais poderiam ter acesso, os vastos jardins escondidos para sempre das vistas de qualquer um que não os nobres proprietários, que viviam em imensos cômodos, com assoalhos de *parquete* rangendo e grandiosas proporções. Como fora diferente para ele, crescendo ao ar livre na Champagne, entrando e saindo a correr de Valmont com seus cachorros, uma parte da natureza sempre se renovando. Os Lancel estavam ocupados demais a supervisionar o crescimento das uvas e a honra da Marque para fazer um ritual da pura tradição, ele meditou, mas no Sétimo Arrondissement, onde ainda viviam os descendentes da mais alta nobreza da França, o culto aos ancestrais pairava no ar como incenso.

Paul virou uma esquina, parou junto ao meio-fio, e esperou.

Dentro de poucos minutos Bruno sairia da escola. Ele sabia que o pai estaria ali, mas Paul não lhe escrevera contando sobre os planos de reunião. Isso, ele decidira, deveria ser anunciado pessoalmente.

As portas maciças foram abertas, e o primeiro grupo de meninos saiu correndo para o sol. Eram muito pequenos, Paul constatou no mesmo instante. Bruno não estaria entre eles. Paul estava tenso de expectativa. Pensara que seria mais fácil encontrar-se pela primeira vez com o filho assim, ao ar livre, mas agora ansiava pela formalidade do *salon* dos Saint-Fraycourts, pois a presença de outras pessoas atenuaria as dificuldades daquele reencontro por tanto tempo adiado.

Outro grupo de meninos deixou a escola, todos de uniforme, em blazers azuis e calças curtas de flanela cinzenta, os gorros da escola na cabeça e pesadas malas marrons penduradas no peito. Permaneceram na entrada por um momento, muito eufóricos, antes de desaparecerem em diferentes direções, cada menino dando aos colegas o firme e indispensável aperto de mão de despedida.

O mais alto dos meninos aproximou-se de Paul.

— Bom dia, pai — disse Bruno, com total compostura, estendendo a mão.

Paul apertou-a automaticamente, surpreso demais para falar. Não tinha idéia de que Bruno aos dez anos seria tão alto, como qualquer menino de 14 anos que Paul já conheceria. A voz, clara, alta e regular, era a da criança que Bruno ainda era, mas o aperto de mão era vigoroso, e as feições já estavam definidas. Paul piscou surpreso ao contemplar o filho. Cabelos escuros, bem cortados e bem penteados; olhos escuros salpicados de verde que se encontraram com os seus com uma franca curiosidade; um nariz alto, fino e arqueado, o nariz Saint-Fraycourt e, inesperadamente, uma boca pequena e risonha, o único

detalhe um tanto desapontador de um rosto bonito, que afora isso era extraordinário por sua definição e determinação.

O momento passara em que poderia abraçar o filho, compreendeu Paul, confuso, enquanto se descobria andando ao lado de Bruno.

Talvez fosse melhor assim, pois o equilíbrio do menino certamente fora conquistado com o maior esforço e um abraço e um beijo poderiam destruí-lo.

— Bruno, não pode imaginar como estou feliz por vê-lo.

— Pareço como esperava, pai? — perguntou Bruno, polidamente.

— Muito melhor, Bruno, muito melhor.

— Vovó diz que pareço com minha mãe — acrescentou Bruno, calmamente.

Enquanto ele falava, Paul compreendeu que a boca pequena e os lábios carnudos pertenciam a Laure. Era estranhamente chocante vê-los num rosto masculino.

— É verdade, parece mesmo. Diga-me uma coisa, Bruno: gosta da escola? — Mesmo enquanto falava, Paul censurou-se pela pergunta banal, que todas as crianças deviam ouvir de todos os adultos.

Contudo, Bruno animou-se, a compostura adulta convertendo-se de repente no entusiasmo de sua idade.

— É a melhor escola do Sétimo, e sou o primeiro da minha turma.

— Fico muito satisfeito por saber disso, Bruno.

— Obrigado, pai. Há meninos que precisam estudar muito mais horas do que eu, mas sempre tiro as melhores notas. Nem mesmo me importo de fazer as provas. O que há para ter medo, quando se está bem preparado? Meus dois melhores amigos, Geoffrey e Jean-Paul, disputam comigo, mas até agora estou na frente. Um dia nós três juntos vamos dirigir a França.

— Como?

— É o que diz o pai de Jean-Paul, e ele é o presidente do Conselho de Estado. Diz que só os meninos que começam como nós podem chegar ao topo. Os futuros líderes da França virão todos de umas poucas escolas de Paris, e por isso temos todas as chances. Minha ambição é ser primeiro-ministro um dia, pai.

— Não é um pouco cedo para decidir sobre sua carreira?

— Claro que não. Se eu já não tivesse decidido, seria agora quase tarde demais. Geoffrey e Jean-Paul não são mais velhos do que eu. Já sabemos o que precisamos fazer no Baccalaureate... só faltam alguns anos. Depois, teremos de passar nos exames de admissão para o Instituto de Ciências Políticas. Mas quando nos formarmos em Ciências Políticas, estaremos... ora, estaremos dentro. Haverá então apenas a concorrência dos outros graduados. Não vou me preocupar com isso agora.

— Ainda bem — comentou Paul, secamente.

Em seus anos fora do país, ele refletiu, quase esquecera a mentalidade elitista da classe dominante francesa. Havia uma aceitação incondicional de um sistema baseado numa combinação de superioridade intelectual e acesso às poucas escolas seletas. O sistema impedia eficazmente que qualquer outro tipo de pessoa participasse ao governo da França. Rejeitava inteiramente o estrangeiro, embora incontestavelmente atraísse as mentes mais brilhantes e as formasse cedo. Paul esperava que, de alguma forma, Bruno nunca fizesse parte desse sistema. Suas cartas não indicavam a ambição que tão obviamente sentiam, mas também sempre haviam sido curtas e impessoais.

— Não tem tempo para brincar ou é tudo estudo, Bruno? — perguntou, preocupado com a imagem de uma criança passando todo o seu tempo absorto nos estudos.

— Tudo estudo? — Bruno soltou uma risada curta. — Claro que não. Tenho aulas de esgrima duas vezes por semana, pai. O professor de esgrima está bastante satisfeito com o meu progresso, mas a coisa mais importante para mim é a equitação. Vovô não lhe mandou uma fotografia minha num cavalo? Já estou estudando adestramento, porque... não, pai, não ria de mim, mas quero um dia integrar a equipe olímpica francesa de equitação. É minha maior ambição.

— Pensei que queria ser primeiro-ministro.

— Está zombando de mim! — protestou Bruno, furioso.

— Não, Bruno, não estou zombando de você. — O filho parecia não ter senso de humor, pensou Paul. Devia se lembrar que ele era apenas uma criança, no final das contas, apesar de toda aquela conversa adulta sobre ambição. — Não há motivo para que você não possa conseguir as duas coisas.

— Exatamente. É o que vovô disse. Monto todo fim de semana e durante as férias. Sou muito alto para os pôneis, é claro, mas meu primo François, o sobrinho de vovó, tem muitos cavalos maravilhosos e mora perto de Paris. Vou lá sempre que posso... Na Páscoa passada, estive em seu *château*, e ele me convidou a voltar neste verão, para ficar por tanto tempo quanto eu quiser. Todos os seus filhos montam muito bem. Pretendemos acompanhar a caçada no próximo inverno, embora ainda sejamos muito pequenos para participar.

Mal posso esperar!

Enquanto percorreram os quarteirões seguintes, Bruno informou a Paul quem residia em cada uma das grandes casas, que para ele eram território familiar. Parecia não haver nenhuma, à exceção das embaixadas, que não fosse a residência de um outro de seus colegas de turma, nenhuma em que não tivesse brincado nos jardins exclusivos ou explorado sótãos e porões.

— Esta é a única parte de Paris em que alguém pode querer viver, não concorda, pai?

— Acho que sim

— Eu tenho certeza — declarou Bruno, de maneira concisa, que fez Paul se lembrar do *Marquis* de Saint-Fraycourt — Tudo é importante aqui. Mesmo quando eu entrar em "Ciências Po", fica bem naquela rua.

— Bruno...

— O que é, pai?

Paul hesitou, desistindo por um momento de contar a Bruno que no ano seguinte ele estaria vivendo na Cidade do Cabo.

— Trouxe algumas fotografias para você. — Ele parou na rua e tirou do bolso as fotografias de Eve e das meninas no jardim da casa. — Aqui estão suas irmãs.

Bruno olhou para a fotografia das duas meninas risonhas.

— Elas parecem simpáticas — disse ele, polidamente. — Quantos anos têm agora?

— Delphine está com sete, e Marie-Frédérique... ela insiste que a chamemos de Freddy agora... tem cinco e meio. Eram um pouco mais jovens quando esta fotografia foi tirada.

— São crianças bonitas — comentou Bruno. — Não sei muito sobre meninas.

— E esta é minha esposa.

Os olhos de Bruno afastaram-se depressa da fotografia de Eve.

— Sua madrasta está ansiosa em conhecê-lo, Bruno.

— Ela é sua esposa, pai. Mas não é minha madrasta.

— O que isso significa?

— Não gosto da palavra madrasta. Tive uma mãe, tenho duas avós, mas não preciso de uma madrasta.

— De onde tirou essa idéia?

— Não é uma idéia, é um sentimento. Não a "tirei" de qualquer lugar... sempre me senti assim, por tanto tempo quanto posso me lembrar. — Pela primeira vez, a voz de Bruno tremia de emoção.

— Fala assim porque não a conhece, Bruno. Não se sentiria assim se a conhecesse, posso garantir.

— Tenho certeza que está certo.

As palavras de Bruno, retraídas, relegavam o assunto para uma prateleira distante. Paul fitou o rosto meio desviado do filho, as feições ainda mais definidas de perfil, tornou a guardar as fotografias no bolso do paletó.

— Escute, Bruno, acho que está na hora de você ir morar comigo — disse, firmemente.

— Não! — O menino recuou, levantando bruscamente a cabeça.

— Compreendo sua reação, Bruno. Já esperava por isso. É uma idéia nova para você, mas não para mim. Sou seu pai, Bruno. Seus avós foram os melhores possíveis, mas não podem tomar o lugar de um pai. Você deve ficar comigo durante o seu crescimento.

— Já sou crescido!

— Não, Bruno, não é, não. Nem mesmo tem 11 anos.

— O que minha idade tem a ver com isso?

— Os anos importam, Bruno. Você é maduro para sua idade, mas "crescido" é outra coisa. Significa ter uma experiência mais ampla da vida, a fim de saber mais sobre si mesmo e as outras pessoas do que sabe agora.

— Mas *eu não tenho tempo!* Será que não compreende que se eu for viver em sua companhia, mesmo que apenas por um ano, sairia da corrida? Geoffrey e Jean-Paul ficariam na minha frente, e eu nunca poderia recuperar esse ano perdido. Arruinaria minha vida! Não acha que eles esperariam por mim, não é mesmo?

— Não estou falando sobre um único ano, mas sim sobre uma maneira de viver diferente.

— Não quero uma maneira de viver diferente! — exclamou Bruno, a voz ficando subitamente exaltada — Tenho o melhor da vida no mundo... meus amigos, minha escola, meus planos para o futuro, meus primos, meus avós... e quer me afastar de tudo, só para que eu viva em sua companhia. Eu perderia tudo o que tenho! Nunca terei a chance de dirigir meu país! — Ele estava histérico agora. — Nunca serei capaz de montar nas Olimpíadas pela França, porque de repente me quer ao seu lado, como se me possuísse. Não vou embora! Eu me recuso! Não pode fazer isso comigo! Não tem o direito!

— Bruno...

— Não se importa com o que isso faria comigo?

— Eu me importo, claro que me importo... é apenas para o seu próprio bem... — Paul parou de falar, incapaz de continuar. Ouviu as próprias palavras e compreendeu como eram pouco convincentes. O que tinha a oferecer a Bruno que pudesse substituir tudo que o menino tinha, além de um pai de que Bruno aparentemente nunca sentira falta? Estaria arrancando-o do único lugar a que pertencia, do tipo de vida que conhecia, de todos os vínculos, valores e crenças que formara desde que nascera, de um mundo que não existia em qualquer outro lugar da terra. Seria como tirar um animal de um jardim zoológico e devolvê-lo à floresta. Ele seria extremamente infeliz fora do ar rarefeito do Sétimo Arrondissement.

— Bruno, não vamos mais falar sobre isso agora. Pensarei em tudo o que me disse. Mas neste verão deve nos visitar, pelo menos por um mês. Insisto nisso, pelo menos. Você pode gostar... quem sabe?

— Claro, pai — murmurou Bruno, subitamente dócil.

— Ótimo.

Um mês de vida familiar... isso poderia fazer toda a diferença.

Deveria ter apresentado essa proposta primeiro. Nunca deveria ter chocado o menino com uma idéia tão nova. Deveria... deveria...

— Pai, aqui está a casa. Não quer entrar para o chá? Vovô deve estar esperando.

— Obrigado, Bruno, mas preciso voltar ao hotel agora. Virei amanhã, se puder.

— Claro que pode... eu o levarei para assistir à minha aula de esgrima, se quiser.

— Eu gostaria muito — murmurou Paul, tristemente.

— E então? — o *Marquis* de Saint-Fraycourt perguntou a Bruno, assim que o menino entrou no *salon*.

— Estava certo, vovô.

— Como foi?

— Mais ou menos como previu. Eu disse tudo, da maneira como decidimos. Ele quis que eu olhasse uma fotografia daquela pessoa... essa foi a única parte que eu não esperava. Nunca pensei que ele se

atrevesse a me mostrar uma fotografia dela. Mas eu o fiz compreender... eu lhe disse que poderia. Não havia necessidade de se preocupar.

— Estou orgulhoso de você, meu garoto. Vá dizer à sua avó que ela pode sair da cama e se juntar a nós agora. Não sabíamos se ele entraria para o chá, e por isso resolvemos não correr qualquer risco. E, Bruno...

— O que é, vovô?

— Não acha que deve se esforçar mais na escola, agora que está planejando comandar seu país?

— A França é dirigida por funcionários e burocratas — retrucou Bruno, desdenhoso. — Não por aristocratas. Não é isso o que sempre me falou?

— Tem toda razão, meu garoto.

— Mas pretendo realmente montar nas Olimpíadas — acrescentou Bruno, com um sorriso insinuante da pequena boca. — Estava esperando que pudesse me dar meu próprio cavalo. Todos os meus primos já têm o seu.

— A idéia me passou pela cabeça.

— Obrigado, vovô.

— Nosso novo posto poderia ter sido em Ulan Bator, pense dessa maneira, querida — disse Paul a Eve, para distraí-la da visão do deserto interminável além da janela do compartimento.

O trem em que viajavam era o melhor que existia naquele país em 1930, mas seu progresso parecia imperceptível.

— Ulan Baton? — repetiu ela, virando-se para fitá-lo.

— A capital da Mongólia Exterior.

— Exterior ou Interior? Não importa, não precisa responder. Por outro lado, poderia ter sido Godthaab.

— Groenlândia? Não, eu nunca poderia esperar por isso... perto demais da Europa — respondeu Paul, com um bom humor sardônico.

— O que me diz de Fiji? — indagou Eve. — Você não gostaria? É bem verde, em comparação com isto. — Ela acenou com a mão em repulsa para a claridade intensa da areia do deserto.

— Suva tem um bom clima, pelo que ouvi dizer, mas é um pouco limitada do ponto de vista cultural.

— Ainda assim, é a capital. Você seria *Monsieur L'Ambassadeur*.

— Embaixador? Tenho apenas 45 anos. Ainda sou muito jovem, não acha?

— Jovem demais. E também atraente demais. Teria sido injusto com as mulheres de Fiji. Ouvi dizer que elas não podem resistir aos franceses — comentou Eve, apertando a mão do marido.

— O que significa "não podem resistir aos franceses"? — indagou Freddy, abruptamente, os olhos, que ela fechara em cansaço apenas poucos minutos antes, se arregalando em interesse.

— Ah... significa que elas acham que os franceses são tão encantadores que farão qualquer coisa que um francês quiser — respondeu Paul, rindo e olhando para Eve.

— Por exemplo? insistiu Freddy.

— Por exemplo...ora, eu sou um francês e é por isso que você é uma boa menina e faz tudo o que mando.

— Papai, não seja tolo — disse Freddy, soltando uma risadinha.

— Não foi um bom exemplo — interveio Delphine, afetada. — Freddy nunca faz nada certo. Sou eu quem não pode resistir aos franceses. — Ela ofereceu a Paul o sorriso de uma mulher que nascera para as artes do encantamento.

— Eu faço as coisas certas! — protestou Freddy. — Lembra quando você me desafiou a mergulhar do trampolim mais alto do clube, e eu caí na água com perfeição? Lembra quando disse que eu não poderia montar no novo pônei sem uma sela, eu montei e ele nem mesmo tentou me morder? Lembra quando apostou comigo que eu não podia ganhar uma briga com o Jimmy Albright, eu pulei em cima dele e dei uma surra nele? Lembra quando me desafiou a guiar o carro e...

— Freddy! Delphine! Parem já com isso! — advertiu Eve. — Estamos quase chegando. Haverá algumas pessoas à nossa espera. Freddy, lave as mãos, o rosto, os joelhos e... olhe só para os seus cotovelos! Como pôde sujá-los tanto num trem? Santo Deus, o que aconteceu com seu vestido? Como ficou tão amarrotado? Não, não me diga. Não quero saber. Tentarei ajeitar seus cabelos pessoalmente.

Delphine, deixe-me olhar para você. Acho que pode lavar as mãos, mas não é realmente necessário.

— Estão limpas.

— Foi o que eu quis dizer. Como pôde mantê-las tão limpas num trem durante toda a tarde... não, não me diga, já sei.

Delphine era capaz de sentar-se por horas a fio, imóvel e contente, ocupada apenas com seus

devaneios, enquanto Freddy raramente se sentava imóvel por mais de um minuto. Eve olhou para Paul, revirou os olhos e suspirou.

A viagem da Cidade do Cabo para o novo posto de Paul levaria-os por mais da metade do mundo. Agora, na última etapa da jornada de muitas semanas, estavam confinados num compartimento de trem em que ela e Paul se encontravam mais expostos às filhas do que em qualquer outra ocasião anterior desde que elas eram pequenas.

Mas os pais e duas filhas, uma de doze anos e outra de dez e meio, não estavam fadados pelas leis da natureza à permanecerem juntos por três dias consecutivos? Não, era anormal, uma situação absolutamente inadmissível, embora menos difícil de suportar do que a visão do vasto e quase assustador deserto através do qual viajavam há horas intermináveis. Seria possível que em seu destino houvesse alguma coisa que se parecesse com a civilização que ela conhecia? Camberra e a Cidade do Cabo não eram grandes centros metropolitanos, é verdade, mas a tradição britânica fora forte nos dois lugares, proporcionando um sentimento de continuidade.

Eve adorara a casa grande em que residiram na Cidade do Cabo, com uma vista magnífica da Table Mountain e uma grande e eficiente criadagem, mas um diplomata de carreira não podia recusar um novo posto, assim como não podia deixar de possuir um fraque e três smokings. Eve supunha que devia encarar o novo posto como uma promoção. É verdade que a cidade para a qual seguiam era apenas a quinta maior do novo país. É verdade que Paul ainda seria um cônsul-geral, tão distante do posto de embaixador como antes, mas ainda assim ele seria considerado o chefe da comunidade francesa local, por menor que fosse. A aceitação filosófica e irônica de Paul de sua carreira não tão gloriosa era uma constante, mas ela sabia, sem que houvessem discutido o assunto, que o marido ficara profundamente desapontado ao ser transferido mais uma vez para um lugar tão distante dos centros de poder. Mas tirariam o melhor proveito, como sempre acontecera. Os cavalheiros que tomavam tais decisões tinham memórias longas e regras inflexíveis... para eles, ela ainda era aquela moça chocantemente *déclassée* que cantava num palco de *music hall*. Mas ela e Paul tinham um ao outro e as filhas, tudo o que de fato importava para os dois.

O ritmo do trem diminuiu e, através das janelas, os Lancel observaram uma placa depois da outra, indicando que, no final das contas, havia mesmo uma cidade no fim do deserto. Barracões, pequenas construções, prédios maiores e muito feios, poucos automóveis numa rua e, finalmente, surgindo quase do nada, uma estação de dimensões surpreendentes foram aparecendo.

Três carregadores avançaram apressados pelo corredor, carregando algumas das dezenas de peças da bagagem da família, enquanto Freddy subia no banco, esticando o pescoço em sua impaciência característica, de tal forma que o chapéu caiu, e Delphine ajeitava o ângulo do chapéu, pelo espelho na aba da pequena bolsa. Eve experimentou uma súbita apreensão quando o trem reduziu ainda mais a velocidade na cadência inconfundível da chegada. Austrália, Sudeste da África e agora, entre todos os lugares, aquilo — sem dúvida tão exótico, tão distante da realidade, quanto qualquer coisa que Jacques Charles poderia imaginar para a decoração do Casino de Paris.

- Fim da linha, pessoal — anunciou o cabineiro, entrando no compartimento. — Chegamos.
- Lá vamos nós, meu amor — disse Paul, dando o braço a Eve.
- Papai — interveio Freddy —, posso fazer só mais uma pergunta antes de desembarcarmos?
- É a mesma pergunta que fez durante toda a viagem?
- Mais ou menos.
- Então por que não pergunta ao cabineiro? Ainda não lhe perguntou nada hoje.
- Senhor — disse Freddy —, eles chamam mesmo esse lugar de Cidade dos Anjos?
- Claro que sim, senhorita. Seja bem-vinda a Los Angeles.

Dois meses depois, embora devesse estar se aprontando para o jantar, Eve descobriu-se a sentar no assento na janela do quarto, escutando as pombas começarem a anunciar a chegada da noite. As aves

viviam no caminho entre as laranjeiras que levavam à entrada da casa, no distrito de Los Feliz, um gracioso subúrbio a noroeste do centro comercial de Los Angeles.

A fragrância das flores de laranjeira combinava-se com os botões de jasmim e o perfume das incontáveis roseiras no jardim, todas desabrochando. Haveria qualquer outro lugar no mundo, perguntou-se espantada, em que a primavera durasse tanto ou cheirasse de maneira tão divina? Los Angeles seria a capital olfativa do universo? Ela sentiu-se envolvida pelo abraço do crepúsculo, quando árvores e flores exalavam seus aromas.

Era primavera quando haviam chegado em fevereiro, uma primavera de flores de limoeiro de perfume penetrante e suave, enormes amores-perfeitos amarelos e púrpuras, pequenas violas, prímulas britânicas e miosótis; primavera outra vez em março, trazendo as primeiras íris e tulipas, os copos-de-leite se projetando para o alto, mesmo onde não eram desejados, grandes moitas de gardênia cobertas por pequenas flores brancas, das quais bastava apenas uma para perfumar um cômodo inteiro; agora a primavera chegara pela terceira vez em três meses, a madressilva competindo com a flor de laranjeira e o jasmim para seu prazer; dedaleira, ervilha-de-cheiro e esporinha cresciam em seu jardim, exatamente como se fosse primavera em Sussex. Dedaleira e palmeiras? Flores de um chalé inglês crescendo à sombra de plantas tropicais de enormes folhas?

Jacarandás azuis-púrpuras de outro mundo — mais do que ela vira na Austrália — partilhando o mesmo jardim com as hortênsias tipicamente francesas? Uma primavera sem fim à vista?

Era quase demais. Havia alguma coisa que confundia a alma francesa de Eve numa terra em que as combinações de flores e árvores não tinham relação com qualquer realidade botânica conhecida. Eve pensou em abril em Paris: a chuva, o frio, o pequeno e absolutamente necessário conforto de um ramo das primeiras mimosas nascidas numa colina perto de Cannes, comprado num quiosque do metrô; flores um tanto patéticas e aturdidas, com um perfume feliz e nostálgico e um frágil viço amarelo que desapareceria no dia seguinte, flores que eram apreciadas por sua bravura em existir apesar de tudo. Essa era a primavera que ela conhecia. Essa era uma primavera familiar, aflita e avara em seus prazeres, a primavera durante a qual apenas o sonho de junho mantinha a persistência das pessoas. Aquela terra seria boa demais para ser verdade?

Mas por que questionar as dádivas dos deuses, perguntou-se Eve.

O primeiro francês a chegar à Califórnia, em 1786, um visitante pelo mar, chamado La Pérouse, não se incomodara com a questão; e quando Louis Bouchette plantara seu primeiro vinhedo na Macy Street, em 1831, seguido por Jean Louis Vignes, um ano depois, não haviam desperdiçado seu tempo em especulações filosóficas sobre a absurda generosidade do clima.

Em 1836 havia um total de dez franceses em Los Angeles. Agora, menos de um século depois, a comunidade francesa se elevava a duzentas mil pessoas. Uma afinidade óbvia, pensou Eve, esticando-se, cansada, exausta pelo dia com mulheres que possuíam uma energia e entusiasmo que jamais encontrara em qualquer outro lugar, em toda a sua vida.

Os duzentos mil residentes franceses poderiam ser dois milhões no que interessava a Eve. Ela passara uma longa manhã numa reunião na sala do diretor da Sociedade Beneficente Francesa, a fim de discutir a administração do Hospital Francês, seguindo-se outra reunião, do setor feminino da Sociedade de São Vicente de Paulo. A tarde fora consumida por uma reunião da *Société de Charité des Dames Françaises*. Só conseguira escapar dos compromissos com a *Grove Gaulois*, a seção local dos druidas, *Cercle Jeanne d'Arc* e *Société des Alsaciens-Lorraines*.

Se ao menos os druidas, os *Jeanne d'Arciens* e os nativos da Alsácia pudessem se juntar com a outra dúzia ou mais de organizações francesas em Los Angeles, pensou Eve, vagamente, sua vida seria menos extenuante. A mentalidade gregária e o espírito dinâmico do cidadão americano combinavam com a capacidade excepcional para conversas intermináveis comum a todas as francesas para impor incontáveis deveres a *Madame la Consule Generale*. Camberra e Cidade do Cabo haviam sido lugares extremamente

provincianos em comparação.

Contudo, ela sentia-se tão feliz quanto estava cansada. Paul trabalhava muito a cada minuto no enorme consulado na Persehing Square, e as meninas, que cursavam a escola do Sagrado Coração, pareciam ter se adaptado à vida na Califórnia, antes mesmo de irem dormir em sua primeira noite na nova casa.

Eve desconfiava que a transformação instantânea fora causada pela chegada do sorveteiro, cuja sineta soara no instante em que chegaram à casa. Ele presenteara os quatro com sorvetes grátis, e Delphine e Freddy descobriram que haviam ganhado os cobiçados "Lucky Sticks", os palitos premiados, depois de consumirem a barra de sorvete de baunilha com uma cobertura dura e estilhaçável de chocolate.

Os palitos premiados foram um presságio dos dias futuros, de uma terra em que cada novo dia estava repleto de possibilidades infinitas, mesmo que fossem apenas os *kumquats* maduros no Franklin Boulevard, que Freddy comia enquanto seguiam a pé para a escola, na esquina do Franklin com Western. Delphine, com amigas de sua idade, seguia calmamente pela rua, fingindo que não eram irmãs, enquanto Freddy pulava e corria, até que parecia que não deixara para trás a idade em que Eve fora obrigada a amarrá-la, durante os seus dias mais turbulentos em Camberra.

Não podia haver a menor dúvida, pensou Eve, Freddy era uma criança que nascera para fugir de casa. Sua primeira palavra fora "chão", a primeira atividade, subir em qualquer coisa em seu caminho e sair de casa. Assim que pôde andar, ela se esgueirava por todos os cantos da casa e depois partira para a exploração do es-paço à sua volta. Só vizinhos alertas impediram-na de se aventurar pelo Outback, o sertão australiano, até que Paul, em desespero, como explicara, acabara inventando uma espécie de arreio, que lhe permitia ir a qualquer lugar, menos para a rua.

Ela saiu a mim, pensara Eve a princípio, a satisfação secreta misturada com uma branda consternação pública. Mas não demorara a ficar patente que *Mademoiselle* Eve Coudert fora um modelo do comportamento mais apropriado em comparação com Miss Marie-Frédérique de Lancel. A criança queria voar.

— Ela disse claramente "eu quero voar" — contara Paul a Eve, muito antes de Freddy completar três anos. — Disse cinco vezes, fez um barulho como o daqueles pequenos aviões do aeroclube e saiu correndo pela sala a sacudir os braços.

— É apenas uma idéia, querido. Talvez todas as crianças queiram voar, como as fadas naquelas histórias que leu para ela.

— Ela quer mesmo voar num avião — insistira Paul, sombrio. — Você a conhece tão bem quanto eu. Se ela falou, é porque tem a intenção.

— Como ela pode ter tal idéia na sua idade? Provavelmente está querendo dizer que quer voar num avião.

— E como ela sequer sabe que as pessoas andam em aviões?

— Posso lhe assegurar, querido, que não plantei a idéia em sua cabeça. E já que estamos falando nisso, como ela sabe que as pessoas voam em aviões? Não há motivo para se preocupar... provavelmente ela quer ser um avião.

Eve descartara o assunto até que, um ano depois, Freddy, que deveria estar brincando em seu quarto, pegara os quatro cantos de uma colcha e saltara de uma janela do segundo andar, na esperança, ao que tudo indicava, que a colcha servisse como asas. Ficara bastante machucada, embora a queda fosse amortecida por arbustos densos. Eve, apavorada, saíra correndo para pegar a filha, que saíra dos arbustos sozinha, desapontada mas não assustada.

— Eu deveria ter saltado do telhado — comentara Freddy, pensativa. — Então daria certo.

Eve tinha 34 anos, mas se sentia ao mesmo tempo mais velha e mais jovem, enquanto escutava as pombas. Mais velha por causa de seu dia oficial e dos deveres oficiais; mais jovem porque vivia no alto

de uma colina, numa casa que poderia ter pertencido a uma *hacienda* espanhola, com suas arcadas e balcões, pátios e chafarizes, telhados de telhas vermelhas em vários níveis. Mais velha porque tinha duas lindas filhas crescendo depressa e que a levavam à loucura, cada uma à sua maneira totalmente diferente, e mais jovem porque ia a um baile naquela noite, num vestido longo de cetim preto, sem costas, de Howard Greer, tão sensual quanto qualquer outro traje, preso apenas por fieiras de cristais de rocha. Mais velha porque precisava manter uma atitude séria como a esposa do cônsul-geral da França e mais jovem porque os cabelos, repartidos no lado, caíam quase até os ombros, em ondas suaves e soltas; porque a moda em voga exigia que usasse um batom vermelho brilhante e grossas camadas de rimei, lápis nas sobrancelhas, pálpebras escurecidas, usando o mínimo possível sob as roupas. Mais jovem porque vivia num lugar — ou pelo menos todos pensavam como um lugar chamado Hollywood, onde absolutamente todos eram mais jovens do que absolutamente todos os demais no mundo. Eve dançou pelo quarto de vestir, sem perceber que cantarolava a melodia de *Le Dernier Tango*, cujo refrão chocante e irônico, "Vá, vá dançar seu tango!", tanto alarmara a tia quando a ouvira pela primeira vez, muitos anos antes.

Greystone fora concluída em 1928, uma mansão que nunca seria igualada em Los Angeles. Se construída séculos antes, na França ou Inglaterra, seria considerada mais do que condizente como uma boa residência, sem pretensões de ser um castelo. Tinha 55 cômodos, e os Dohenys, cuja fortuna vinha do petróleo, ali residiam, atendidos por 36 criados. Não era um chalé de Newport ou uma casa de campo dos Vanderbilts, mas ficava a menos de cem metros ao norte da recém-pavimentada e quase vazia estrada rural chamada Sunset Boulevard. Ali, as principais construções eram postos de gasolina e um lugar que vendia sanduíches, chamado Gates' Nut Kettle. A clássica Greystone, com suas paredes de pedra e centenas de hectares de jardins, no estilo formal da Renascença, carecendo apenas de um fosso, atraía a atenção respeitosa da comunidade.

Quando a Sra. Doheny oferecia um baile, todos compareciam.

Eve agarrava-se no braço de Paul, sentindo-se inesperadamente tímida. Era a primeira grande festa desde que haviam chegado a Los Angeles, e até aquele momento ela estivera tão ocupada em reuniões com os residentes franceses da cidade que não tivera a oportunidade de fazer outros amigos.

Não conheciam o pessoal do petróleo ou o pessoal de jornal, o pessoal da água, o pessoal do mercado imobiliário, o pessoal de hotel, o pessoal de Hancock Park, o pessoal de Pasadena — não conheciam os ricos e poderosos da cidade, todos os quais pareciam estar na festa dos Dohenys naquela noite. Os únicos outros convidados que Eve reconheceu eram os artistas de cinema, misturando-se com a melhor sociedade; e é claro que eles não a conheciam.

A informalidade americana, mesmo naquele cenário tipicamente europeu, impedia que estranhos fossem apresentados a estranhos, de uma maneira que indicava imediatamente o lugar que cada um ocupava na hierarquia local. Era um autêntico "salve-se quem puder", pensou Eve, enquanto desciam a escada que levava à piscina. Ali, no telhado de um enorme vestiário, uma orquestra completa tocava para os convidados dançarem, no estrado de madeira armado em volta da piscina apenas para a recepção daquela noite. Era bem possível, pensou Eve, que ela e Paul deixassem aquela importante festa sem conhecerem ninguém, exceto as pessoas que se sentassem ao seu lado no jantar, cujos nomes nada significavam para eles e que pareciam muito mais interessados em cumprimentar os amigos nas outras mesas do que em se relacionar com um casal de estrangeiros.

Quando casara com Paul de Lancel durante a guerra, Eve não tivera tempo para especular o que a aliança significaria para o marido no futuro. Não se cogitava de avaliar a vida "depois da guerra" em 1917. Quase nada conhecia dos antecedentes de Paul e também não se importara com isso; e quando renunciara impulsivamente ao *music hall* por ele, não pensara sobre o futuro doméstico restrito que escolhia, em vez do estrelato para o qual se preparara, o grande estrelato para o qual Jacques Charles a

destinava.

Mais tarde, à medida que os anos passavam, tivera tempo suficiente para compreender que tanto ela quanto Paul haviam renunciado a alguma coisa preciosa para ficarem juntos. Eve fora recebida pela família de Paul com uma reserva amarga e desconfiança. A mãe não poupava palavras ao fazê-la saber, na terminologia especial da diplomacia, que Paul, por causa do casamento, nunca poderia ter a esperança de "ingressar em sua carreira", a expressão que indicava o caminho a ser trilhado por um futuro embaixador.

Eve descobrira que não era apenas a sua família profundamente provinciana e devotadamente burguesa que se sentia desgraçada por sua apresentação no palco, mas também o resto do mundo — pelo menos o mundo a que os Lancel pertenciam e o mundo dos homens que predominavam no Quai d'Orsay. Nos dois mundos não havia qualquer diferença significativa entre seu *tour de chant* e a exibição das coristas nuas. Uma mulher que trabalhava num *music hall* era pouco melhor que uma prostituta das ruas.

Mas Paul, concluíra ela, não ignorava tudo isso ao casar com ela. Era um diplomata experiente de 31 anos, conhecedor das exigências e atitudes do serviço diplomático. Ele devia saber que Eve era a esposa mais imprópria que poderia encontrar, mas a escolhera assim mesmo. Não "escolhera", pensaria Eve, empinando o queixo, orgulhosa — mas insistira, exigira, suplicara, envolvendo-a com sua paixão e necessidade. Paul casara com ela de olhos abertos.

Eve sentia-se... não exatamente culpada, mas de certa forma responsável. Nunca mais tornara a cantar em público, nunca mais sequer mencionara os anos de *music hall*. Não podia riscar o passado, mas não havia necessidade de insistir no assunto, decidira ela; e em Camberra e Cidade do Cabo, pelo que ela podia saber, ninguém desconfiara que *Madame* Paul de Lancel, a jovem mãe, tão devotada, respeitável e popular, já se apresentara diante de uma audiência.

Mas... ah, como ela sentia falta! Jacques Charles estava certo.

Eve ansiava — de tempos a tempos — pela emoção incomparável de entrar num palco, pelos aplausos e luzes. E, mais do que qualquer outra coisa, sentia falta da própria música. Cantava e representava para as crianças, mas não era a mesma coisa, pensou Eve, enquanto ela e Paul se juntavam às centenas de convidados dos Dohenys na reluzente pista de dança junto da piscina.

Lentamente, eles foram se mexendo ao ritmo simples do foxtrote, que era a melodia em voga, cercados por casais que se ocupavam em acenar uns para os outros e a conversar, mesmo enquanto dançavam.

A diversão da era do jazz acabara, e a era do glamour sério começara — o ar noturno estava impregnado, tão denso quanto os rubis que cobriam Mary Pickford e os diamantes que faiscavam em Gloria Swanson. Sete outras mulheres usavam vestidos iguais ao de cetim preto de Eve, porém com mais jóias. Nunca Eve se sentira tanto uma moça inexperiente de Dijon com um chapéu emprestado.

— Posso ter a honra de dançar com sua esposa, Monsieur le Consul? — perguntou uma voz familiar.

Paul olhou para trás e depois, com um sorriso de surpresa, entregou Eve.

— Boa noite, *monsieur* — disse ele. — Para um compatriota, eu permitirei.

Quando começaram a dançar, Maurice Chevalier perguntou:

— E então, *Madame la Consule Générale*, está gostando de Hollywood?

— Todo mundo me faz essa pergunta — respondeu Eve, automaticamente.

Eles nunca haviam se encontrado pessoalmente, mas Chevalier parecia inteiramente à vontade, como se retomassem uma antiga conversa.

— E como responde?

— Eu digo que estou adorando.

- E está mesmo? — insistiu Chevalier, com uma curiosidade sincera.

— Sim e não. É um lugar... especial. A pessoa precisa de tempo para se acostumar...

— Particularmente quando lembramos as luzes dos *Grands Boulevards*.

— Os *Grands Boulevards*...

Eve conseguiu pronunciar as palavras de tal forma que não soavam como uma pergunta ou uma afirmação, nem mesmo como um possível tema de conversa. Deixou-as flutuarem no ar entre os lábios e o rosto jovial e famoso de seu parceiro, como se não contivessem associações para ela.

— Isso mesmo, os *Grands Boulevards* — repetiu Chevalier —, as luzes... Maddy... as luzes.

— Maddy...? — murmurou ela, incrédula.

— Já a ouvi cantar. E depois de se ouvir Maddy cantar, nunca mais se pode esquecer. Todos diziam isso e estavam certos.

— Ahn...

— Foi em 1914, no Olympia, naquela primeira vez, antes da guerra, a segunda ainda em 1914, mas durante a guerra, quando foi cantar para os soldados no *front*. Que noite foi aquela! Você, em seu lindo vestido vermelho, sapatos vermelhos, cabelos da mesma cor que estão esta noite, como se alguém pusesse três morangos maduros num copo de champanhe e erguesse contra a luz... ah, Maddy, não pode imaginar como fez bem a todos nós, pobres soldados, felizes naquela noite. Já passaram dezesseis anos e ainda me lembro nitidamente.

— E eu também.. ah, como lembro!

— A noite no *front*? Mas cantou por toda parte no *front*. Como pode se lembrar de uma noite em particular?

— Lembro de todas — respondeu Eve, as lágrimas aflorando nos olhos.

Maurice Chevalier, que começara cantando para comer nos cortiços de Paris aos onze anos, compreendeu suas lágrimas. Tornara-se um astro aos 22 anos e nunca cessara de evoluir, até impor seu estilo pessoal ao século. Lembrava-se muito bem de Maddy. Compreendia que ela devia ter desaparecido em *Madame la Consule Générale* e sabia, tão claramente como se tivesse acontecido a si próprio, o quanto devia ter lhe custado.

— Conhece a letra de *Mimi*? — perguntou ele, ignorando as lágrimas de Eve.

— *Mimi*? "Mimi, meu bem, tão alegre?" Há alguém no mundo que não conheça *Mimi*?

— Prefere cantar *Mimi* ou talvez *Aimez-moi Le Soir*? Podemos cantar em inglês. "Ame-me esta noite."

— Cantar? Aqui? Com você? Não, é impossível!

— Ah! *Ça alors*! Não é todas as noites que sou rejeitado. E ainda por cima tão depressa.

— Eu... eu não tive a intenção de ser grosseira. Acontece apenas que... não canto mais.

— Maddy nunca diria isso.

— Maddy nunca perderia uma oportunidade de cantar com Maurice Chevalier.. nem em um milhão de anos — admitiu Eve, tanto para si mesma quanto para ele.

— Então seja Maddy esta noite, *Madame la Consule Générale*! Por que não?

Eve olhou ao redor, descobrindo que os outros dançarinos observavam abertamente sua conversa com o maior astro internacional que já chegara a Hollywood. Estranhos que a ignoraram durante toda a noite agora a fitavam fascinados. Estranhos, refletiu ela, que talvez nunca acalentassem a noção de que alguém que cantara num *music hall* deveria ficar no ostracismo, ser um pária para sempre; estranhos que pertenciam a um país novo, estranho, anticonvencional e imprevisível, em que os artistas eram a realeza.

— A Sra. Doheny me pediu para cantar, mas eu disse não — acrescentou Chevalier — Contudo, se consentir em cantar comigo, vou reconsiderar.

— Está bem — respondeu Eve depressa, antes de poder mudar de idéia. Não podia deixar de ousar. Não agora. Não ali. — Mas chame-me de Eve, não de Maddy.

Dando o braço a Maurice Chevalier, Eve atravessou a multidão de dançarinos, na direção do vestiário da piscina. O maestro da orquestra desceu apressado para encontrá-los. Chevalier falou com ele rapidamente e depois conduziu Eve pela escada. Lá de cima, ele falou à multidão silenciosa e expectante.

— Senhoras e senhores, trabalhei muito durante o dia inteiro...

cantando. Trabalhei muito durante toda a semana... cantando. Na verdade, trabalhei muito durante todo o mês... cantando. Só vim aqui esta noite para homenagear a Srta. Doheny e assistir a todos dançarem. Não para cantar. Mas também não podia imaginar que esta noite voltaria a encontrar uma estrela brilhante, uma compatriota, uma colega, que tinha Paris inteira a seus pés, quando a ouvi cantar pela primeira vez, uma estrela brava e patriótica, que cantou para nós no *front* durante a guerra; uma estrela tão maravilhosa que a perdoei embora tenha abandonado a carreira... pelo quê? Pelo casamento! Eu lhes pergunto, senhoras e senhores, não é lamentável? E ela ainda tem a audácia de me dizer que é feliz! Eu lhes apresento Eve, a deslumbrante Eve, que se tornou *Madame* Paul de Lancel, a esposa do novo cônsul da França. Para cantar com Eve, eu queimaria meu chapéu e jogaria fora a bengala. Felizmente, ela não me exigiu isso. — Ele virou-se para Eve e sussurrou: — *Chantons, Maddy, chantons!* — Depois, inclinou-se para a multidão ansiosa e excitada e gritou. — Portanto, Eve, *ma belle*, vamos começar!

— Não serei crismada enquanto não fizer um passeio de avião — anunciou Freddy.

— Isso é demais! — explodiu Paul. — Chantagem religiosa!

Freddy acenou com a cabeça em solene concordância. Afinal, nada mais parecia funcionar. Cada vez que pedira um passeio de avião, alguém de imediato lhe prometia e depois, com a mesma rapidez, tratava de esquecer. A crisma por tanto tempo protelada poderia esperar até que realizasse seu desejo mais intenso.

— Eu a levarei ao aeroporto neste fim de semana — decidiu Paul, relutante.

Ele não aprovava ceder à chantagem, mas Freddy, aos onze anos e meio, era mais velha do que deveria ser para a crisma, e Paul queria acabar logo com aquilo, quando menos não fosse porque a cerimônia poderia exercer um efeito tranqüilizador tão desejado sobre a filha mais moça.

Por três vezes, durante o último ano, guardas locais haviam levado Freddy para casa, depois de pegarem-na descendo de patins pelo meio das ladeiras mais íngremes, com um lençol segurado firmemente pelos cantos, enfunado por trás como uma vela.

— Essa criança é uma ameaça ao tráfego e um dia vai acabar se machucando — disseram os guardas.

A casa dos Lancel ficava no alto das colinas de Los Feliz, e Freddy conseguira descer por vários quilômetros antes de ser apanhada.

Quando seus patins foram confiscados, depois do último entrevero com a polícia, Freddy pegara todas as suas bonecas, jogara-as indiferente num carrinho e se instalara na esquina, planejando vendê-las aos vizinhos, entre os quais estavam Walt Disney e Cecil B. De Mille, a fim de poder comprar novos patins.

— Ela é apenas levada — disse Eve. — É só uma fase. Vai passar.

Eve sequer podia admitir para si mesma que gostava de ver Freddy crescendo turbulenta, como ela nunca tivera permissão para fazer. Alguma emoção sua, antiga e ainda não controlada, ficava satisfeita ao observar a filha e deparar com uma criança rebelde, impenitente e feliz.

Freddy era alta para sua idade, alguns centímetros a mais do que Delphine, já apresentava as pernas compridas. Era ágil como uma acrobata e bastante intrépida para descer pelas cachoeiras do Niágara numa bóia de pneu. Os braços e pernas, sob uma teia de arranhões e equimoses, eram bronzeados, firmes e musculosos, mas também delicadamente torneados, da mesma forma que o pescoço comprido. De Paul, ela herdara olhos excepcionalmente fundos, bastante separados, sob sobrancelhas que se inclinavam para cima, como as de Eve, na direção das largas têmporas. Os olhos, de um azul fascinante, eram tão intensos que parecia impossível pertencerem a uma criança.

Seria apenas sua imaginação, especulava Eve, ou Freddy era mesmo capaz de ver mais longe e melhor do que os outros? Em Camberra e Cidade do Cabo ela sempre conseguia avistar aves em vôo e

animais se aproximando no horizonte antes do restante da família; mesmo quando bebê, já apontava e gritava, a fim de atrair as atenções para suas descobertas. Nunca precisava tirar os cabelos da frente dos olhos como outras crianças, pois cresciam retos para trás da testa, numa massa arrogante de ondas densas, emaranhadas e turbulentas, de um vermelho agressivo. O nariz já era reto e bem formado, uma característica distintiva, que proporcionava a seu rosto uma aparência de força e determinação que nada tinha de infantil, até que ela ria, o rosto todo se contraindo numa diversão espontânea.

A filha mais nova não seria, desconfiava Eve, uma beldade indiscutível como Delphine, mas sempre haveria pessoas que a julgariam a mais linda, que seriam cativadas por sua atração indisciplinada, por uma certa nobreza firme que se estampava no rosto quando ela queria alguma coisa — o que acontecia com freqüência.

Freddy era uma criatura selvagem, com uma risada jovial e um andar arrogante, como se Robin Hood tivesse ressuscitado como uma moça.

E, como Robin Hood, ela exigiu o resgate do pai. Naquela noite Paul telefonou para John Maddux, que começara com um serviço aéreo entre Los Angeles e San Diego, em 1927, com um único avião e um jovem piloto chamado Charles Lindbergh. O empreendimento prosperara, e agora Maddux contava com quatorze aviões de passageiros Ford Trimotor, cada um com três motores, realizando viagens regulares em três rotas: Los Angeles para San Francisco, Agua Caliente, no México, e Phoenix.

— Em que posso servi-lo, Paul? — perguntou John Maddux.

— Gostaria de levar uma garota para um passeio de avião, John.

Alguma sugestão?

— Está com sorte. Acabamos de inaugurar um serviço de limusine entre a agência de passagens na South Olive e o aeroporto. Tenho certeza que ela vai gostar.

— Creio que ela só está interessada na viagem, Jack. De qualquer forma, obrigado.

— Nesse caso, pegue seu carro e siga até Burbank, vá para o Grand Central Airport. Vamos ver... creio que o melhor é o vôo expresso de luxo para San Francisco... parte todos os dias às duas e meia e três horas depois estará lá, com tempo suficiente para drinques num bar clandestino, jantar em Chinatown ou talvez lagostas no cais, passando a noite no Mark Hopkins, almoço no Ernie's ou talvez no Jack's, depois o mesmo vôo de volta a Los Angeles.

Estará em casa para o jantar. A viagem de ida e volta custa setenta dólares por pessoa, e é a melhor coisa disponível.

— Parece um pouco... exagerado, Jack. A garota é minha filha de onze anos.

— Ahn... Nesse caso, posso supor que estamos falando apenas de um pequeno passeio para ver como são as coisas lá em cima?

— Exatamente.

— Não há problema. Cuidarei de tudo pessoalmente. Que tal a tarde de sábado, por volta das três e meia? A luz é melhor no final da tarde.

— Perfeito. E muito obrigado, Jack.

Paul de Lancel desligou, pensando mais uma vez que ninguém no Quai d'Orsay gostaria de saber que homens que mal haviam sido apresentados se tratavam pelos primeiros nomes na Cidade dos Anjos, e que não havia quase nada que não pudesse ser acertado por um único telefonema. Ficariam chocados se soubessem de tais fatos, pois, se um comportamento tão sensato se tornasse um hábito mundial, não haveria mais necessidade de um corpo diplomático.

— Pois não, Sr. de Lancel — disse o funcionário da empresa. — O Sr. Maddux providenciou tudo. Lá está o avião. A viagem é por conta dele, seu prazer.

Ele apontou para um reluzente bimotor novo, parado na pista, não muito longe do prédio solitário que era o terminal do vasto campo em Burbank. Seis pessoas já esperavam na fila pelo vôo turístico.

Paul pegou a mão de Freddy e começou a se encaminhar para o avião, mas ela fincou pé, não quis sair do lugar.

— É um avião grande, e há outras pessoas viajando — protestou Freddy, num tom de profundo desapontamento.

— Ora, Freddy, não prometi um avião só para você, não é mesmo?

Apenas um passeio. E esta é a melhor hora do dia.

— Será que não compreende, papai? Quero subir *sozinha*!

— Ora, querida, como poderia subir *sozinha*? Não pode pilotar um avião.

— Sei disso. Teria de haver um piloto... mas só eu e o piloto, por favor, papai, a fim de poder imaginar que estou *sozinha*.

Ela era uma suplicante fervorosa, os olhos fixados nos do pai.

Paul teve a impressão de ver a si mesmo e lembrou por um instante o clima de seus sonhos infantis. Não dos sonhos propriamente, mas de sua premência, a total falta de compreensão do que poderiam acarretar.

— Direi ao Sr. Maddux que foi muito gentil — falou ele para o funcionário —, mas minha filha prefere voar num avião pequeno. O que recomenda?

— Quando sair do aeroporto, vire à esquerda e continue pela mesma estrada até chegar a uma cidadezinha chamada Dry Springs.

Pegue a rua principal, atravesse a cidade e logo estará vendo a placa de uma escola de pilotos, a Academia do Ar McGuire. Não parece grande coisa, mas não precisa se preocupar. Procure o Mac...

Ele levará a garota para um passeio. O melhor piloto por aqui. Acho que voou na guerra.

— Obrigado.

Paul afastou-se, com Freddy ao lado, excitada e andando tão depressa que dava para acompanhar suas passadas mais longas. A escola de aviação McGuire, como descobriram ao alcançá-la, cerca de 25 minutos depois, era uma estrutura de madeira baixa, mais parecendo uma enorme garagem. Havia alguns aviões lá dentro, mas afora isso o vasto espaço se encontrava deserto. Paul e Freddy acabaram descobrindo num lado um pequeno escritório, com a porta aberta. Paul estendeu a cabeça para dentro e gritou:

— Tem alguém aí?

— Já estou indo — respondeu uma voz, por trás deles.

Um momento depois um homem saiu de baixo do avião em que trabalhava. Usava um macacão de mecânico por cima de uma camisa de operário aberta no pescoço. Os cabelos castanhos, claros e um pouco avermelhados, estavam desgrenhados. Paul calculou que ele não devia ter mais de trinta anos. Possuía um rosto simpático, um rosto forte e franco, o que Paul julgava um rosto tipicamente americano, confiante, cordial e sardento. Andava com uma segurança ágil, quase como se fosse um ginasta profissional.

— Estou procurando por Mac — anunciou Paul.

— Mac sou eu — respondeu o homem, com um sorriso cativante, limpando as mãos num pano limpo e depois apertando a mão de Paul.

— Terence McGuire.

— Paul de Lancel. — Muito sério, Paul hesitou. Detestava confiar Freddy a um piloto de macacão.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou Mac.

— Por favor, eu gostaria de dar um passeio de avião — balbuciou Freddy.

— Espere um instante, Freddy — interveio Paul - É verdade que voou na guerra, Sr. McGuire?

— É, sim.

— Não acha que isso é muito interessante, Freddy? Onde foi que voou?

— Na França.

— Eu queria saber com quem, com que grupo — insistiu Paul, ainda mais preocupado.

— Primeiro com a Esquadrilha Lafayette, em 1916... se esperasse que nosso exército recebesse a mensagem de que havia uma guerra por lá, poderia ficar no solo para sempre. E depois, quando os Estados Unidos finalmente entraram na guerra, transferi-me para o Serviço Aéreo Americano... a 94ª Esquadrilha Aérea.

— Então deve ter abatido alguns aviões alemães?

— Claro, derrubei uns poucos. Quinze, para ser mais exato. Os últimos quatro em Saint-Mihiel. Todos tivemos nossa cota de vitórias. Eddie Rickenbacker derrubou quase duas vezes mais. Por acaso é um repórter? Não falo com um há anos. Não imaginei que alguém ainda estivesse interessado.

— E não estou. Sou apenas um pai preocupado.

— Posso entender. Não queria que sua filha voasse com um mecânico, não é mesmo? Não posso culpá-lo. Tem todo o direito de ser cauteloso. Mas ela estará bem comigo.

— Oh, por favor, papai, não desperdice todo esse tempo conversando! — exclamou Freddy, a paciência esgotada, pulando excitada, os cabelos esvoaçando, os olhos acesos.

— Vamos embora, menina. Pegaremos o Piper Cub ali. Eu deveria dar uma aula esta tarde, mas foi cancelada e por isso o avião está abastecido e pronto. — McGuire apontou para o pequeno aparelho estacionado fora do hangar, a cerca de sete metros de distância.

Freddy virou-se, sem dizer mais nada, correu para o avião a toda velocidade, seguida de perto pelo piloto.

Paul ficou parado na pista, sentindo-se um tolo. O homem fora um ás, voara na França por dois anos. Então era isso o que acontecera com pelo menos um daqueles heróis românticos, depois que voltaram para casa e tiraram as botas lustrosas, culotes garbosos e blusões de couro. Paul sentou-se numa cadeira de armar perto do hangar da escola de aviação e resignou-se a esperar nervosamente pela volta de Freddy. O Piper Cub parecia perigosamente pequeno.

Terence McGuire afivelou Freddy no assento da esquerda do Piper Cub, com um jogo completo de controles na frente, contornou o avião e subiu pelo outro lado. Não havia necessidade de verificar o aparelho; já fizera isso uma hora antes. Ele olhou para o céu vazio e deu a partida, taxiando na direção da extremidade da pista de terra. A luz da tarde em Dry Springs era de um dourado intenso, o céu de um azul espetacular, o ar tão claro e convidativo como se contivesse alguma esplêndida promessa.

Freddy estava em silêncio, e ele olhou para seu perfil, a fim de verificar se a garota se sentia assustada. Era raro que alguém trouxesse uma moça para um passeio. Quase todos eram meninos, e mais velhos do que aquela garota, embora, com o assento empurrado para a frente, seus pés alcançassem sem qualquer dificuldade os pedais do leme de direção. Não, ela não estava assustada, mas não seria a primeira vez que alguém decidia no último instante que preferia não voar, no final das contas, de qualquer forma, muito obrigado. A garota parecia... não exatamente excitada mas com uma concentração profunda, como se aquele passeio fosse algo que absorvia todos os seus sentidos. Ele manteve o Piper por um momento na extremidade da pista e efetuou a verificação anterior à decolagem. Antes de iniciar a corrida para o ponto de decolagem, deu outra espiada na passageira. Ela empalidecera sob o bronzeado e dava a impressão de que prendia a respiração.

— Você está bem, menina? — gritou ele, para superar o barulho do motor.

Ela acenou com a cabeça rapidamente, mas não o fitou. Os olhos estavam fixados no pára-brisa, e Mac podia apostar que ela nem mesmo piscava.

Após ganharem altura, com o avião a quinhentos metros, McGuire nivelou e seguiu para leste, para longe dos raios brilhantes do sol poente. Voou reto e nivelado, mantendo uma velocidade regular.

As pessoas que voavam pela primeira vez já ficavam bastante perturbadas por saírem do solo, em sua opinião, e não precisavam de manobras bruscas. Ao contrário de alguns pilotos, ele não sentia

necessidade de se exibir à custa do passageiro.

— Gosta da vista? — perguntou a Freddy.

Agora que estavam no alto, não precisava mais gritar.

— É sensacional. Mais do que sensacional! Quando a aula vai começar?

— Aula? Que aula?

— Esta aula, minha aula.

— Espere um pouco, menina. Seu pai não disse coisa alguma sobre uma aula.

— Ele não teve chance. Vocês dois passaram o tempo todo falando sobre a guerra. Eu deveria ter a primeira aula hoje. Por que acha que viemos para uma escola de aviação?

— Se eu soubesse que deveria ser uma aula, ainda estaríamos no solo, e você aprenderia a conferir um avião. Essa não é a maneira de ensinar alguém a pilotar.

— Farei isso na próxima vez — disse Freddy, sorrindo pela primeira vez desde que haviam deixado o aeroporto.

— E vai fazer mesmo. Não apenas na próxima vez. Todas as vezes.

Muito bem, ponha a mão no manche. Agora, empurre para a frente, devagar. O que aconteceu?

— Descemos — respondeu Freddy, extasiada.

— Certo. Puxe o manche para você. E agora?

— Subimos.

— Para a frente você desce, para trás você sobe. Essa é a primeira coisa. E a mais importante. Tudo é importante, mas subir e descer está em primeiro lugar, menina.

— Pois não, Sr. McGuire.

— Chame-me de Mac. Todos os meus alunos me chamam assim. Qual é o seu nome?

— Freddy.

— Um nome de garoto, hem?

— Não em francês. É na verdade Marie-Frédérique, mas ninguém tem permissão de me chamar assim. Qual é a próxima coisa, Mac?

— Seus pés estão sobre os pedais do leme. Eles controlam a direção do avião. Guia o avião com eles, não com o manche. O manche não é como o volante de um carro. Os pedais é que são. Aperte agora... gentilmente... o pedal da esquerda. O que está acontecendo?

— Começamos a virar para a esquerda.

— O que tem de fazer para voltar a voar direto para a frente?

— O pedal da direita?

— Faça isso. Muito bem. Agora siga direto em frente. Basta usar a mão esquerda. Relaxe o braço, não é uma competição de queda-de-braço. Muito bem. Agora olhe para este mostrador, Freddy. É chamado altímetro. Indica a altitude em que se encontra. E este botão é o manete. Se o empurrar, o avião voa mais depressa. Se puxar, voa mais devagar. É como injetar mais ou menos gasolina. Entendido?

— Entendido.

Naquele segundo de súbita compreensão, toda a força da coordenação natural de Freddy foi transferida para o painel de controle do Piper Cub.

— Olhe para o altímetro, Freddy, e tente subir sessenta metros.

Vai precisar empurrar o manete e puxar o manche para trás. Ei, não tão depressa! Devagar... devagar... devagar. É isso o que ele quer e nunca se esqueça. Tente outra vez, por mais sessenta metros.

Hum... agora foi melhor. E agora baixe... gentilmente... 120 metros, voltando à altitude em que começamos. O que vai fazer?

— Empurrar o manche para a frente e puxar o manete. Bem devagar.

— Isso mesmo. Vamos lá.

Freddy soltou uma risada emocionada. Podia pilotar um avião! As mãos de Mac não estavam no

manche. Ele se sentava na carlinga com os braços cruzados e ela pilotava o avião. Soubera que era capaz por toda a sua vida, soubera com uma certeza que não se lembrava de ter adquirido e sequer podia tentar explicar. Era diferente de tudo o que imaginara, mais... mais... sério, por causa de todos os mostradores no painel de controle, cujo significado ainda não compreendia, mas a maravilha, que sempre soubera que estava à sua espera, como uma dádiva do vento, a maravilha era inegável!

— É melhor fazermos a volta e retornarmos — disse Mac. — Assumirei o comando, mas continue com a mão no manche e os pés nos pedais, sinta o que eu faço.

Relutante, Freddy entregou o comando do avião.

— Que idade eu preciso ter para poder voar sozinha?

— Primeiro tem de saber como e ainda não sabe. Mas não pode voar solo antes dos dezesseis anos.

— O quê? Quem diz isso?

— O governo. Os regulamentos. Os idiotas... eu voei solo quando tinha doze anos, mas isso foi nos bons tempos antigos. Antes disso, no começo, não havia controles duplos, e por isso tinha de ser solo na primeira vez que decolava... na base do tudo ou nada.

— Isso significa que terei de esperar quatro anos e meio — lamentou-se Freddy. — Como posso esperar tanto tempo?

— Não tem opção. Pode aprender a voar, mas não pode fazer um vôo solo.

— Quatro anos e meio... — repetiu Freddy, desesperada.

— Faz o curso de mecânica na escola?

— Não existe nenhuma oficina no Sagrado Coração — murmurou Freddy, tristemente.

— Mude de escola, é a melhor coisa, faça um curso de mecânica. Um bom começo. E matemática, também é muito importante. Você é boa em matemática?

— Sou, sim — murmurou Freddy, atordoada. — É a minha melhor matéria.

— Pois continue assim. Sem alguma matemática, como cuidar da navegação? E acredite ou não, há pessoas que não sabem matemática nem para salvar suas vidas.

— Como minha irmã Delphine — disse Freddy, reanimando-se um pouco.

— Pelo menos uma de vocês tem um nome de menina. Pode ver o aeroporto daqui, Freddy?

— Claro. — Ela contraiu os olhos na direção do sol e apontou para a localização precisa do aeroporto, quase invisível e bem distante, no vale de San Fernando. — Eu o vi há um minuto, talvez mais.

— Hum... — Ele sabia que estava ali, pensou Terence McGuire, porque continuava onde sempre estivera, mas não apostaria um níquel que alguém pudesse avistá-lo na primeira vez no ar. E ele próprio apenas acabara de avistá-lo. A menina tinha bons olhos.

Mais do que bons. Ao se aproximarem para o pouso, ele disse: — Diga-me o que sente, Freddy.

— Como assim?

— O que sente no avião quando eu pousar.

Aturdida, Freddy ficou tão imóvel como se estivesse escutando uma revelação do alto, enquanto o Piper Cub iniciava a etapa final de acesso à pista, voando mais e mais baixo a cada segundo.

— O avião quer pousar. — gritou ela, excitada. — E quer pousar por si mesmo!

— E como sabe disso?

— Eu senti, Mac, senti de verdade!

— Onde?

— No... no meu traseiro.

— O traseiro de sua saia?

— Isso mesmo.

— Certo. É onde tem de sentir. Use uma calça comprida na próxima vez que voar.

Ele pousou o aparelho, taxiou e foi parar na frente do hangar.

Paul correu para o aparelho enquanto eles desembarcavam, furioso.

— Será que percebe que ficou voando por uma hora? Eu não podia acreditar! Já começava a ficar desesperado! Onde está o seu juízo, McGuire?

— Ei, espere um pouco! Uma aula dura uma hora. Até chegamos três minutos mais cedo.

— Uma aula? — repetiu Paul, incrédulo. — Uma aula? Pedi para levar Freddy num passeio, não falei nada sobre uma aula!

Terence McGuire olhou para Freddy, que o fitou com olhos que ele sabia que podiam avistar mais longe do que os seus, com a boca contraída numa expressão firme e orgulhosa, que dizia que ela sabia que era culpada de uma mentira, mas achava que valera a pena.

— Desculpe, mas eu podia jurar que você disse que Freddy queria uma aula — disse o piloto. — Lamento muito o mal-entendido. Não devia deixá-lo preocupado. Eu deveria cobrar seis dólares... quatro pelo aluguel do avião e dois pela aula... mas deixarei por quatro, já que queria apenas um passeio. E é melhor eu arrumar um diário de bordo para a mocinha. — Ele seguiu apressado para o seu escritório, pegou um diário de bordo e voltou, fazendo o primeiro registro, com todo cuidado.

— É aqui que você tem de assinar, Freddy. E guarde isto muito bem, não o perca.

— Claro — balbuciou Freddy, a gratidão brilhando no rosto. —

Farei isso. E não sei quando, Mac, mas voltarei assim que puder.

— Dê-me algum crédito, menina. Nunca duvidei disso. Nem por um instante. Até a próxima, Freddy.

— Até a próxima, Mac.

Era o verão de 1933 em Champagne, e no terraço do Château de Valmont o *Vicomte* Jean-Luc e a *Vicomtesse* Anette de Lancel recebiam a visita de Paul e Eve, acompanhados das filhas pela primeira vez. Era a tradição dos Lancel que a própria *châtelaine* servisse da garrafa ao fazerem o primeiro brinde, em qualquer reunião em Valmont; e hoje era um momento de valor mais do que sentimental ou simbólico.

— Claro que Freddy não é jovem demais para tomar champanhe ainda mais numa ocasião tão especial — declarou Anette.

Ela encheu o copo de Freddy, com treze anos, com a mesma quantidade que serviu aos outros. Enquanto bebia, Paul compreendeu o quanto sentira falta de Valmont, como se condicionara com todo cuidado a não pensar no lar em que passara a infância. Quase esquecera que em nenhum outro lugar em que vivera jamais houvera tanto senso palpável de harmonia entre a terra e a colheita que produzia, um vínculo invisível que ele sentia que podia estender a mão e tocar. Bem-estar, contentamento e um extraordinário senso de hospitalidade existiam em cada aragem do ar de Champagne. Nenhum oceano que já conhecesse jamais lhe transmitira a sensação de se expandir além de seus próprios limites físicos e emocionais como o mar de vinhedos indolente e acolhedor. Acima de cada um, durante as semanas da colheita, a bandeira azul e vermelha de Lancel seria hasteada, assim como em Pommery haveria uma bandeira amarela e em Veuve Cliquot uma branca.

Paul contemplou, orgulhoso, Eve, Delphine e Freddy, sentadas ao sol. Haviam acabado de chegar de Paris de carro, uma viagem de menos de duas horas. Haviam deixado Los Angeles de trem duas semanas antes, cruzando os Estados Unidos e pegando um transatlântico para a França. Paul, com uma licença de dois meses de seu posto, decidira que era tempo de finalmente levar a família para o lar ancestral que jamais conhecesse.

A floração das videiras, acompanhada por um perfume como o da flor de maracujá, durara duas semanas e meia, no início de junho, felizmente livre das temidas geadas da primavera; a polinização das flores ocorrera durante um tempo idealmente quente e úmido, com o vento moderado pelo qual os plantadores rezavam; e agora as videiras enchiam-se de cachos de uvas no vale por baixo do *château*.

Valmont ficava ao norte da Hautvillers, a aldeia em que, no século XVII, Dom Pierre Perignon se instalara na abadia de mil anos de Saint-Pierre d'Hautvillers, ocupando-se com as atividades sistemáticas de um monge, durante as quais, nos próximos 46 anos, nos intervalos das horas de devoção a Deus, conseguiu encontrar a maneira de transformar o excelente vinho local em champanhe.

O *château* fora outrora cercado por florestas de carvalho em que a caça abundava e os seigneurs de Valmont só plantavam vinhedos e produziam vinho para o seu próprio prazer e o dos amigos. Agora, olhando do terraço do *château*, onde a família se sentava antes do almoço, num dia brilhante no início de junho, a presença das grandes árvores era rara no vale lá embaixo. Os vinhedos estavam plantados numa colcha de retalhos precisa e extremamente agradável, até onde a vista podia alcançar. As colinas ondulantes, em que se encontrava a enorme riqueza das uvas de champanhe amadurecendo, criavam uma paisagem rural, segura e tranqüila, sem comparação em qualquer outro lugar da terra; contudo, nos últimos cem anos, duas guerras que mudaram a história da Europa haviam sido travadas sobre aquelas encostas valiosas e tão vulneráveis, na fronteira oriental da França.

Mas a guerra, até mesmo o pensamento de guerra, era impossível para Paul naquele dia. Finalmente se dissipara a amargura com que seus pais haviam recebido o casamento com Eve. A mãe escrevera-lhe no inverno anterior e pedira desculpas pelas palavras ásperas com que outrora dissera que aquele

casamento custaria sua carreira. "À medida que os anos passam", escrevera ela, "passei a compreender que sem Eve e as meninas você nunca poderia ser realmente feliz — não, nem mesmo se fosse designado para embaixador na corte de St. James."

O abrandamento de uma posição mantida por tanto tempo não era uma decorrência do efeito suavizador da idade, lendário mas em grande parte inexistente. A passagem do tempo normalmente torna as francesas aristocratas mais dogmáticas e menos flexíveis em suas opiniões do que quando eram mais jovens, uma condição que partilham com mulheres de todas as classes sociais, em todos os países do mundo.

Se Guillaume, o filho mais velho, casasse e tivesse filhos, Anette de Lancel poderia sentir a continuidade da família sã e salva. E poderia continuar a acalantar seu ressentimento contra Eve.

Mas Guillaume era um solteirão absolutamente irreduzível, que detestava crianças tanto quanto gostava da liberdade de não ter uma esposa. A *vicomtesse* acabara aceitando o fato de que não teria outros netos além dos filhos de Paul. Embora sempre fosse manifestar seu desapontamento pelo comportamento insubmisso, egoísta e míope do filho mais velho, sabia que estava na hora de fazer as pazes com a nora, que quase certamente seria a única que jamais teria.

Agora, contemplando Paul e a família reunidos ao seu redor, ainda usando as roupas de viagem, ela sentiu-se profundamente satisfeita por ter acertado aquela visita. Guillaume e Jean-Luc dispensavam toda atenção a Eve, enquanto ela falava sobre a viagem.

Eve pendurara o casaco azul de fustão de ombros largos do costume de verão Adrian no encosto da cadeira de jardim de ferro batido, tirara o chapéu pequeno de aba inclinada e cruzara as pernas casualmente sob a saia que descia até o meio da barriga das pernas, uma imagem de animação e descontração. Anette de Lancel examinou Eve com todo rigor e reconheceu, por mais difícil que lhe fosse admitir, que ali estava uma mulher da qual qualquer sogra podia se orgulhar. Mas foram as netas que inspiraram seu amor imediato, particularmente Delphine.

Jamais existira uma jovem de quinze anos tão adorável, especulou ela. Delphine não era uma beldade ostensiva, toda sensação imediata. Havia algo tão delicado e comovente em sua atração que cada pessoa que comentava a respeito sentia que estava fazendo uma observação original. Os olhos enormes e enevoados, de um cinza misterioso, que luziam como uma neblina opalescente num crepúsculo no mar, estavam quase separados demais, sob as sobrancelhas altas e arqueadas. Tinha um bico-de-viúva definido, do qual os cabelos castanhos caíam em cachos, numa suavidade fascinante, em forno do pescoço, com o brilho de madeira valiosa e bem polida. As mãos eram delicadas e todas as proporções requintadas tão perfeitas que davam a impressão de que ela fora montada com extremo cuidado. O bico-de-viúva, a testa larga e o queixo pequeno criavam o rosto em formato de coração que repetia o das poucas nobres mulheres nos retratos da família Lancel, as antigas *châtelaines* de Valmont.

Delphine era de altura moderada e tão esguia, de aparência tão frágil, que a avó sentia, ao contemplá-la, o despertar de seus instintos protetores. Era aquela moça excepcional, a perfeita *jeune filie*, pensou Anette. Poderia ter sido criada na França.

Marie-Frédérique ou Freddy, como eles insistiam em chamá-la, Anette de Lancel disse a si mesma, não sem alguma desaprovação, nunca poderia ser tomada por outra coisa que não uma americana.

Embora ela não pudesse imaginar como isso era possível, já que pai e mãe eram franceses. Devia ser o ar da Califórnia, pois nenhuma moça francesa de treze anos e meio jamais teria permissão para ser tão alta e magra, tão animada, tão presente, sob todos os aspectos. Era evidente que herdara a altura e o azul dos olhos de Paul — devia ser muitos centímetros mais alta do que a irmã e a extravagância da presença de espírito da mãe. Mas os cabelos... Toda aquela confusão desganhada e incontrolável! Bonita, é verdade, ela não podia negar, mas tão... tão imprópria, tão exuberante! Tão vermelha. Claro que já houvera Lancel ruiivos, de geração em geração, mas teria havido algum com cabelos que fossem tão dominantes?

Por que Eve não tentava conter aqueles cabelos? Ou, se isso fosse impossível, por que Eve não podia pelo menos insistir para que a filha mais jovem tivesse uma aparência mais digna de uma dama? Ainda assim, Freddy era bastante adorável, enquanto tomava cautelosa seu primeiro copo de champanhe e olhava ao redor, reverente.

Freddy sabia que o pai fora criado num *château*, mas a realidade de Valmont a atordoara. Observou as três torres românticas e especulou quem vivia nelas. E o que, ela se perguntou, poderiam fazer em todos os cômodos por trás das janelas? Quantas lareiras devia haver, para explicar tantas chaminés requintadas? Não compreendera antes que um *château* era um castelo, e mesmo assim a avó insistia que era apenas um pequeno *château*, um dos cinco em Champagne, que o maior de todos, Montmort, tinha um fosso, um parque muito maior e uma escada em espiral tão larga que um homem poderia subi-la a cavalo. Mas que idéia sensacional!

Anette de Lancel olhou para seu relógio de pulso. Apenas dez minutos para que o almoço fosse anunciado, e a surpresa que ela planejava ainda não acontecera. Ora, o almoço podia esperar, pensou ela.

Cinco minutos depois, enquanto todos relaxavam, observando Guillaume abrir a segunda garrafa de champanhe, um cavaleiro a galope saiu de repente do bosque no lado direito do *château*, separado apenas por um caminho de cascalho bem cuidado. Obviamente o cavaleiro não esperava encontrar alguém no terraço, pois olhou para o outro lado, na direção do estábulo. Quando os viu, inclinou a cabeça para trás e parou abruptamente o cavalo, a poucos passos de distância. Impassível, assomava por cima de todos num enorme cavalo baio. Houve um momento de tanto silêncio que a brisa ligeira nas folhas dos vinhedos parecia tão alta quando o choque das ondas contra o costado de um barco. A voz de Anette de Lancel rompeu o silêncio estranho e indeciso.

— Desça desse animal e cumprimente os recém-chegados, querido.

Quando lhe prometi uma surpresa para o almoço hoje não estava exagerando, não é mesmo, Bruno?

Rapidamente, mas se movimentando com a sugestão de que uma armadura invisível impedia que os gestos parecessem espontâneos, Bruno, alto e forte aos dezoito anos, saltou do cavalo e encaminhou-se para o grupo, cuja chegada a avó lhe escondera com tanto cuidado. Ao se aproximar, todos o fitavam com emoções diferentes.

Freddy e Delphine experimentavam a maior curiosidade pelo meio-irmão, a quem nunca haviam visto, a não ser em fotografias antigas. Bruno! Finalmente! Paul sentiu um fluxo do mais amargo ressentimento, mas não pôde deixar de refletir como o filho se tornara magnífico. Eve contraiu-se, como se tivesse levado um tapa na cara; então aquele era o filho que partira o coração de Paul com seu comportamento obstinado e incompreensível, prometendo uma visita todos os anos e em cada verão descobrindo outro motivo para adiá-la, até que ficara evidente que não tinha a menor intenção de ver o pai e as meias-irmãs. Anette de Lancel sentiu um júbilo quase infantil por ser o instrumento da reunião que planejava, sem consultar ninguém, exceto o marido, a quem acabara persuadindo que era mesmo a coisa certa a fazer.

Quanto a Bruno, quaisquer que fossem as emoções que sentisse, estavam escondidas por uma cortesia perfeita e automática, que podia invocar em cada situação, uma cortesia que, em outros tempos, não faltava aos cavalheiros, mesmo quando se encontravam a caminho da guilhotina. Ele abraçou Paul como se o tivesse visto na última semana; beijou a mão de Eve com um murmúrio correto de " *Bonjour, madame*", apertou as mãos de Delphine e Freddy como se fossem jovens da sua idade.

— Poderia ter me avisado — ele sussurrou ao roçar o rosto da avó com os lábios.

— Bruno, querido, achei que era melhor assim, muito mais fácil para todos nós — respondeu ela, descartando suas palavras de uma maneira tão jovial mas firme que o próprio neto não tinha mais o que dizer.

Anette de Lancel sabia muito bem que Bruno sempre resistira a qualquer contato com a madrasta e as meias-irmãs. Depois do chocante segundo casamento de Paul, ela e o *Marquis* e *Marquise* de Saint-

Fraycourt descobriram que pensavam da mesma forma a respeito de Eve Coudert. Era uma inimiga comum. Ao ingressar em suas famílias, ferira a todos profundamente e de um jeito que teriam de suportar para sempre. O tempo jamais apagaria a nódoa daquela *mésalliance*, aquele casamento tão impróprio. Como os Saint-Fraycourts estavam dispostos a partilhar Bruno com os avós Lancel, eles nunca tentaram argumentar que o neto deveria ser enviado para o pai.

À medida que os anos se passaram, com Guillaume permanecendo um solteiro obstinado, a importância de Bruno para eles aumentara.

Assim como era o último homem com o sangue Saint-Fraycourt, também era o último homem da família Lancel. Um dia, num futuro distante, Bruno seria o único *Vicomte* de Lancel em Valmont.

Os avós muitas vezes discutiam o futuro, sentados em suas poltronas de brocado prediletas, diante da lareira, na pequena sala de estar em que se instalavam depois do jantar. Quando eles morressem, Paul e Guillaume herdariam o *château* e os vinhedos igualmente. Se Guillaume, sem filhos, morresse antes de Paul, este herdaria tudo. Mas quando Paul morresse, sua viúva, se ainda estivesse viva, e seus três filhos herdariam em proporções iguais.

O amado Bruno nunca seria o proprietário exclusivo da terra da família. Teria de partilhar aqueles hectares excepcionais com duas ciganas diplomáticas, duas estrangeiras desconhecidas que não tinham o privilégio de uma criação na França, duas moças que provavelmente casariam com outros estrangeiros de lugares dúbios e gerariam filhos, todos os quais herdariam uma parcela da propriedade, até que ficaria tão fragmentada que se tornaria impossível manter alguma coisa da identidade Lancel, que era parte do próprio solo de Champagne.

Enquanto Bruno ia a seu quarto para trocar de roupa e Eve levava Freddy e Delphine para lavarem as mãos antes do almoço, Anette de Lancel sentiu o coração se animar. Delphine e Freddy, que sempre falavam francês com os pais, tinham sotaques perfeitos e se mostraram ansiosas em conhecer os avós, tão afetuosas, tão fascinadas instantaneamente pelo Château de Valmont, que parecia de repente que no final das contas podiam não ser ciganas, mas autênticas Lancel, de volta de uma peregrinação por terras estranhas, depois de muitos anos. Fora mesmo uma atitude sensata convidar todos de uma só vez. E ainda mais sábio não contar nada antes a Bruno.

Impenetrável, pensou Eve, observando Bruno durante o almoço, totalmente impenetrável, envolto por uma educação tão polida e sólida quanto os talheres de prata da família, nos lados de cada prato. Era mais plausível imaginar-se capaz de pegar uma das facas entre dois dedos e entortá-la, até que a ponta da lâmina encostasse no cabo, do que acreditar que Bruno poderia sorrir-lhe com sinceridade, em vez de apenas contrair os cantos dos lábios para cima. Sem o menor gesto ou palavra que pudessem ser percebidos pelo restante da família, Bruno lhe transmitira uma verdade absoluta: ela não existia para ele, nunca existira e nunca poderia existir no futuro. Não a via mesmo quando parecia responder às suas palavras. Era como se houvesse, sob a superfície animada dos olhos castanhos, um cego segredo, frio e implacável. Seria apenas aquele falso sorriso ou ela estava certa ao não gostar da boca de Bruno, achando que seus contornos muito curvos e quase polpudos eram uma contradição no rosto firmemente masculino?

Mas o que ela lhe fizera?, perguntou-se Eve, furiosa. No contexto de sua compreensão dos padrões da aristocracia francesa, podia entender — pelo menos tentar entender — por que os Lancel levaram tanto tempo para aceitá-la, mas Bruno era de outra geração, a mesma de suas filhas.

Seus próprios pais há muito que a haviam perdoado pelo antigo escândalo. O casamento brilhante permitira-lhes reerguer a cabeça e, antes de morrerem, ambos no espaço de um ano ao final da década de 1920, tinham viajado para a Austrália e Cidade do Cabo em visita, por semanas de cada vez.

Sob a superfície da conversa durante o almoço, tão animada como sempre acontece quando produtores de vinho de qualquer terra se encontram à mesa, Eve perguntou-se se deveria tentar encontrar um meio de se comunicar com Bruno ou se seria mais sensato ficar retraída e simplesmente aceitar sua

hostilidade inexplicável.

Excitante, pensou Delphine, enquanto observava Bruno falar de um jeito adulto que nunca ouvira antes num jovem de dezoito anos.

Nenhum dos irmãos mais velhos de suas colegas de escola se mostrava tão empertigado, como se o espaço ocupado fosse importante, nem mesmo os que tentavam se comportar com arrogância só porque tinham carros e podiam ir à praia, ao cinema drive-in ou a uma das sorveterias Currie's para um sundae de caramelo de quinze cents ou uma casquinha com duas bolas. Delphine rira de muitos e se divertira com suas expressões quando recusava os convites que lhe faziam, pois Eve determinara que não poderia sair com nenhum rapaz antes de completar dezesseis anos.

Delphine concluiu que Bruno dava a impressão de que já entrara na casa dos vinte anos. As sobrancelhas escuras e espessas eram como uma canga sob a testa larga e bem moldada, o rosto era dominado pelo nariz bonito, arqueado e altivo. Era tão diferente dos rostos americanos a que estava acostumada, muito mais... mais... ela procurou por uma palavra e só pôde pensar em civilizado. Era, ela sentiu, sem jamais ter visto um retrato da família até aquele dia, um rosto que pertencia a uma longa linhagem de ancestrais, um rosto com uma história. Será que tenho um rosto assim?, especulou Delphine. Já conhecia a resposta, com uma profunda satisfação.

Um estranho, Paul disse a si mesmo. Era-lhe impossível reconhecer Bruno como o garoto muito alto, muito magro e ambicioso com quem se encontrara há oito anos, um menino com uma voz alta e entusiasmada, acalentando grandes sonhos.

Bruno tornara-se ainda mais alto, mas os músculos também se desenvolveram, fazendo-o maior e mais dominante. Parecia poderoso, até mesmo autoritário, sentado ali a falar, com sua voz de homem, sua voz de estranho, com uma tranqüilidade fria e consumada, zombando da avó apaixonada, tratando com toda deferência o avô e o tio Guillaume, mostrando-se encantador com Delphine e Eve, até mesmo, pareceu a Paul, com Freddy.

Sem dúvida ele devia estar consciente de que se tornara o centro das atenções, apesar da visita dos quatro Lancel. Era como se todos estivessem ali para vê-lo, e ele graciosamente lhes concedia esse favor. Parecia não sentir o menor constrangimento por se encontrar inesperadamente com o pai depois de tantos anos. Não dissera uma única palavra, nem mesmo de passagem, sobre a longa separação, sobre os anos de promessas rompidas. Paul jurou a si mesmo, subitamente, que nunca perguntaria por que isso acontecera.

Qualquer que fosse o motivo, ele não queria saber, porque só podia ser doloroso.

— Diga-me, Bruno, quando vai prestar o serviço militar? — perguntou Paul.

— Este ano, pai, logo depois das férias de verão. Vou para a cavalaria, com muitos amigos. Deve ser divertido.

— Tome cuidado para não se deixar matar por aqueles matungos do exército — resmungou Guillaume. — Podem não ser tão fortes quanto o meu Imperador. Ele estava exausto quando você o trouxe de volta hoje.

— Desculpe, tio. Imperador não era montado há tanto tempo que eu sabia que precisava de uma corrida puxada e achei que seria cruel contê-lo... mas está absolutamente certo. Não tornará a acontecer, eu asseguro. Seus cavaliços não estão lhe dando bastante exercício.

— Falarei com eles — disse Guillaume, um tanto apaziguado.

— A cavalaria... — balbuciou Delphine, impressionada como nunca ficara antes.

— E depois do serviço militar, meu rapaz — interveio o *Vicomte* de Lancel —, já tomou alguma decisão?

— Ainda não, vovô. Continuo a pensar em várias opções.

— Quer dizer que abandonou as "Ciências Políticas"? — indagou Paul, bruscamente. — O que aconteceu com seu plano de liderar o país?

— Basta olhar ao redor, pai. O gabinete socialista de Paul-Boncour durou apenas cinco semanas. O novo governo socialista de Daladier está cheio de idiotas lamentáveis. Entre seus radicais como Herriot, fracos como Laval e os outros, aquele bando de liberais e líderes sindicais, temos um déficit crescente e centenas de milhares de desempregados. Enquanto isso, Daladier não é capaz de pensar em nada melhor do que tentar aumentar o imposto de renda.

Não, obrigado, como um idealista prefiro me manter e salvo dessa confusão.

— Se tem tanta certeza assim de que eles estão errados, o que propõe no lugar deles? É fácil criticar, particularmente como um idealista — disse Paul, furioso pelo tom altivo com que Bruno descartava a ambição que outrora convencera o pai de que era de absoluta importância para o seu futuro.

— Um homem forte, em vez de 23 cretinos.

— Tão simples assim, hem? E de onde acha que esse homem forte vai aparecer, Bruno? E como conquistaria o poder?

— Não precisamos olhar muito longe, pai. Hitler acaba de fazer isso na Alemanha, desde janeiro deste ano, quando se tornou chanceler.

— Hitler? Você aprova aquele... aquele... criminoso *abominável*?

— Podemos dizer que não penso nele em termos tão simples? Claro que não gosto dele... que francês poderia gostar?... mas acho que devemos reconhecer que é um gênio político. Assumiu um país numa questão de meses e sustentou-o com firmeza. Proscreeu o Partido Comunista, está pondo os judeus em seu lugar. Seus métodos são fortes e positivos, não deixa nada se interpor em seu caminho.

— Está propondo que a França precisa de seu Hitler? — bradou Paul, começando a se levantar.

— Calma, calma — interveio apressadamente Anette de Lancel. — Proíbo que falem de política à mesa. Especialmente hoje. Este é um grande dia para nós e não podem estragá-lo. Jean-Luc, sirva mais vinho a Paul. E para vocês, meninas, tenho uma sobremesa especial.

Ela tocou a campainha para chamar o mordomo, satisfeita porque os homens haviam se calado.

— Se gostarem, mandarei o *chef* ensinar como fazer. Sempre digo que a dona de uma casa deve saber cozinhar, por melhor que seja o seu *chef*. Não concorda, Eve? Afinal, de que outra forma ela pode saber quando ele faz alguma coisa errada?

— Concordo plenamente — Eve apressou-se em responder, observando as mãos de Paul tremarem de raiva.

A admiração de Bruno, refletiu ela agora, não era, no final das contas, algo que gostaria de conquistar. Como ele podia ser filho de Paul?

Terminado o longo almoço, Delphine e Freddy foram para seu quarto, a fim de trocarem de roupa. Assim que ficaram a sós, Delphine disse à irmã:

— Não é emocionante ter um irmão, Freddy? Acho que ele é absolutamente maravilhoso. Não concorda?

— Pode ficar com a minha metade dele — respondeu Freddy.

Delphine virou-se bruscamente, incrédula. Só porque Freddy fora tímida demais para dizer qualquer coisa a Bruno, isso não significava que tinha de fazer algum comentário desagradável sobre o rapaz mais bonito que já haviam conhecido.

— Mas do que está falando?

— Ele pensa que é muita merda — disse Freddy, em tom de desafio.

— Marie-Frédérique! Vou perguntar a vovó se posso ter um quarto só para mim. Não quero mais ficar no mesmo quarto com você. É repulsiva demais.

— Merda num palito — insistiu Freddy. — E com cobertura de açúcar.

Vários dias depois, no início da manhã, quando o frio da noite ainda impregnava as flores, Eve saiu para colher rosas, levando duas cestas rasas e uma tesoura de poda que encontrara na sala das flores, no

andar térreo de Valmont, onde havia três tanques profundos, com as flores à espera para serem arrumadas. A sogra confia-lhe a tarefa na noite anterior.

— Sempre cuidou disso pessoalmente — ela dissera ao jantar —, em vez de deixar aos cuidados dos jardineiros... o roseiral de Valmont sempre foi meu orgulho especial. Estava pensando... não gostaria de cuidar das flores amanhã, Eve?

— Eu adoraria — respondera Eve, feliz, sabendo que a transferência daquele encargo que ninguém mais tinha permissão de fazer era um sinal do quanto mudara a atitude da sogra em relação a ela.

— Você sabe... — A *vicomtesse* hesitara.

— Cortar as hastes debaixo da água?

— Como adivinhou o que eu ia dizer?

— Minha mãe me ensinou a fazer isso quando eu era pequena.

— Ela também ensinou a pôr algumas gotas de decolorante e um pouco de açúcar na água para fazer as rosas durarem mais? — indagara Anette de Lancel.

— Nunca tinha ouvido falar nisso. Púnhamos um cêntimo no vaso.

Adianta alguma coisa?

— Não muito, mas eu faço assim mesmo.

As duas trocaram um olhar de camaradagem que surpreendeu os homens à mesa, que nunca haviam observado um jardim com ansiedade, tentando calcular se as rosas estariam no auge para uma festa ou se encontravam num daqueles irritantes estágios intermediários, em que todas as plantas se encontravam cobertas por botões promissores, mas sem apresentarem ainda qualquer cor; ou, igualmente irritante, se todas as flores ficariam completamente desabrochadas um dia antes de serem necessárias.

O roseiral de Valmont era alcançado através de uma sucessão de sebes altas, bem podadas, quase no padrão de um labirinto, em que as crianças Lancel haviam brincado de esconder por séculos.

Eve vagueou de um lado para outro, a tesoura levantada, colhendo apenas as rosas que estavam prontas para serem cortadas, pois os botões removidos muito cedo não se abriam dentro de casa. Não demorou muito para que as duas cestas ficassem cheias de flores.

Embora soubesse que era um risco, Eve não pôde resistir a empilhar ainda mais, pois as rosas que ficavam no pé, mesmo que apenas por um dia a mais, se abriam muito depressa e murchariam, com o calor do verão. Com uma cesta transbordando estendida à frente e outra atrás, ela seguiu pelo caminho estreito de volta ao *château*.

Ao virar o canto de uma sebe, Bruno apareceu de repente à sua frente, encaminhando-se apressado para o estábulo. Eve parou abruptamente, com um sobressalto de surpresa. Inclinou a cesta estendida à sua frente e as rosas caíram no caminho de cascalho.

— Oh, você me assustou! — murmurou ela, consternada, baixando a outra cesta com todo cuidado. — Espero que nenhuma das rosas tenha se machucado. — Eve ajoelhou-se e começou a recolher as dezenas de flores, com tanto cuidado e rapidez quanto possível. Ao pegá-las, uma a uma, viu que várias rosas haviam caído em cima das botas de montaria de Bruno, que continuavam plantadas no caminho, imóveis.

Levantou os olhos para ele, espantada por Bruno não ter ainda começado a ajudá-la; descobriu que ele se mantinha com os braços cruzados, os lábios contraídos com força, olhando fixamente para a frente, com uma expressão de desdém impaciente, como se ela fosse uma criada que o salpicara com água suja de um balde e agora enxugasse tudo. Ainda ajoelhada, Eve continuou a recolher as rosas, mecanicamente, esperando que passasse a onda de fúria que a dominara.

— Bruno! Por que está parado aí desse jeito? Por que não está ajudando Eve? — A voz da *vicomtesse* soou no instante em que ela contornou a sebe, por trás de Eve, e deparou com a cena.

Eve levantou-se.

— Está tudo bem, Anette. Acho que Bruno não quis correr o risco de se machucar nos espinhos. Ele parece paralisado. Pode continuar, Bruno, corra para o estábulo e dê seu passeio a cavalo, como um bom

menino.

Naquela tarde, Anette de Lancel acertara que Bruno levaria Freddy e Delphine para visitar a catedral em Rheims. Freddy, no entanto, insistiu que preferia passear a cavalo com tio Guillaume a explorar qualquer catedral.

Na verdade, gostaria de visitar Rheims, mas não suportaria uma tarde de cativo, observando Delphine admirar Bruno. Se ele fosse um artista de cinema, pensou Freddy, repugnada, Delphine seria certamente a fundadora e presidente de seu fã-clube.

Freddy amava Delphine com uma profundidade de emoção, um sentimento que era quase maternal, tão primordial que não podia se lembrar de uma ocasião em que não o tivesse experimentado. Nunca houvera um momento em que Delphine não ocupasse o primeiro plano em sua vida, mais próxima até, sob muitos aspectos, do que o pai ou a mãe.

Mas quando pensava que Delphine estava bancando a idiota, Freddy não podia deixar de ficar furiosa. Tinha a convicção de que nascera para proteger Delphine, como se fosse a irmã mais velha, em vez da mais moça. Freddy acalentava a irmã. Só que Delphine era irritante, ingênua, teimosa, acostumada a impor sua vontade, achava que não precisava de proteção e não gostava quando Freddy tentava forçá-la. Por isso, as duas brigavam; e como Freddy era mais forte, tinha de usar palavras em vez de golpes. Bem que gostaria de aplicar um bom tapa em Delphine, refletiu Freddy, enquanto trotava ao lado do tio silencioso. Apenas por princípios gerais.

A ausência da irmã deixou Delphine muito satisfeita. Nunca poderia experimentar seu primeiro cigarro se Freddy estivesse observando, pensou ela, exultante, enquanto Bruno mostrava como tragar, passando-lhe um cigarro aceso, guiando devagar pela estrada, no carro que o avô emprestara para a tarde.

— Não gostei muito — confessou ela, desapontada com a tragada acre e incauta. — Ainda assim, vai fazer com que eu pareça mais velha.

— Quantos anos tem? — perguntou ele, indiferente.

— Quase dezesseis — respondeu Delphine, exagerando em muitos meses.

— Então está se aproximando da idade perigosa. — Bruno soltou uma risada curta.

— Dezesseis? Idade perigosa? Mamãe nem me deixa sair com alguém, pelo menos até meu próximo aniversário. Dezesseis será apenas o começo.

— Sua mãe tem bons motivos para mantê-la trancada. Suponho que ela teme que você tenha herdado suas tendências.

— Ora, Bruno, não diga bobagem. — Delphine soltou uma risadinha. E, depois, decidiu que não sabia se devia ou não se sentir lisonjeada. — O que está querendo dizer com "tendências"?

— Certamente já sabe... ora, dos antecedentes de sua mãe.

— Antecedentes? Ela é de Dijon. É sobre isso que está falando?

— Esqueça o que eu disse. Não é importante.

— Mas isso não é justo! — protestou Delphine, indignada. — Não pode fazer uma insinuação e depois me dizer para esquecer.

— Não se preocupe, Delphine. Digamos apenas que eu acho admirável como sua mãe parece ter se reabilitado. Mostra o que a passagem do tempo pode fazer... isso e a pouca memória da maioria das pessoas. Claro que o passado de sua mãe foi difícil para o pai.

Mas, por outro lado, ele tem você e Freddy para compensar. Tenho certeza que valeu a pena para ele.

— Passado! Bruno, você tem de me contar! — exigiu Delphine, muito curiosa.

— Pergunte a ela você mesma, se quer tanto saber. — Bruno acendeu outro cigarro para si mesmo, como se considerasse o assunto encerrado.

— Acho que você está apenas fazendo uma encenação — disse Delphine, num tom desdenhoso, que

aprendera que nunca deixava de atçar o fogo. Deu uma pequena tragada em seu cigarro e estudou o campo com interesse. — Estamos muito longe de Rheims?

— Sabe onde ela começou a cantar? — indagou Bruno, depois de alguns minutos de silêncio.

— Em Dijon, é claro. Ela teve aulas particulares com o melhor professor da cidade. A mãe está sempre cantando para nós. Freddy e eu sabemos de cor a maioria de suas canções. Claro que ela não canta mais profissionalmente, mas sempre é convidada a se apresentar nos espetáculos beneficentes mais importantes de Los Angeles.

— O tom de Delphine era orgulhoso.

— É mesmo? Espetáculos beneficentes? Muito respeitável... — Bruno soltou uma risada. — Ela contou que fugiu de casa e foi para Paris?

— Oh, Bruno, não! — Delphine estava deliciada. — Não é possível! Que emocionante!

— Não foi emocionante na ocasião — comentou Bruno, sombriamente. — Foi absolutamente... ora, não há outra palavra... sórdido. Ela tinha apenas dezessete anos quando fugiu de casa com um cantor ordinário de *music hall* de terceira classe. Viveram juntos em Paris... como amantes... antes de ela conhecer nosso pai e fazê-lo casar. Todo mundo diz que ela teve também outros amantes.

— Quem disse essas mentiras tão horríveis? — gritou Delphine, batendo na perna de Bruno com os punhos.

Ele empurrou-a para longe e continuou:

— As minhas duas avós, foram elas que disseram. Vovó Lancel falou que foi esse o motivo pelo qual nosso pai tem sido praticamente ignorado na carreira. Com seus serviços na guerra e seu nome, ele deveria ser um embaixador a esta altura, em vez de estar exilado tão longe da França quanto possível. Bruno olhou para Delphine, que virara o rosto para o outro lado. Ele continuou: — A mãe da minha mãe, vovó Saint-Fraycourt, contou-me que ninguém em Paris receberia sua mãe, por causa do escândalo de ela viver abertamente com um homem com quem não era casada e trabalhar como artista num *music hall*... um lugar com palhaços dizendo piadas indecentes e desfiles de moças inteiramente nuas. E depois sua mãe se apresentava, cantando canções de amor populares, num vestido vermelho brilhante e sapatos vermelhos... seu traje característico, pelo que sei. Ela era conhecida como Maddy. É por isso que digo que é admirável como ela conseguiu se tornar uma perfeita dama depois de casar com o pai. Não se pode deixar de admirá-la por isso.

— Não acredito numa só palavra! Está inventando tudo! — gritou Delphine, numa fúria de negativa e choque.

— Então pergunte a qualquer um. Se acha que sou um mentiroso, pergunte a vovó. Pergunte a vovó. Pergunte a seus próprios pais.

Cada palavra é verdade. Fui criado ouvindo a história. Estou espantado que tenham conseguido escondê-la de você. Certamente explica por que esperaram tanto tempo para trazê-la de volta a seu próprio país.

— Fomos enviados para o exterior, tínhamos de ir — disse Delphine, começando a chorar.

Bruno parou o carro à beira da estrada e desligou o motor.

— Lamento muito, Delphine. Por favor, não chore. Pensei que soubesse de tudo isso... aconteceu há tanto tempo que não tem mais importância. Vamos, deixe-me enxugar-lhe o rosto. Não tem sido nada bom para mim, nunca conhecer minha mãe e também não ter um pai, porque ele estava sempre longe. Era quase como ser um órfão. Gostaria de ser criada pelo avós?

— Se queria um pai, por que não foi viver conosco?

— Eu bem que queria, mas meus avós Saint-Fraycourt nem mesmo me permitiam uma visita. São muito antiquados. Estavam convencidos de que sua mãe seria uma péssima influência para mim.

— É a coisa mais estúpida que já ouvi!

— É assim que eles são. Precisa conhecê-los para poder compreendê-los.

— Eu jamais compreenderia pessoas assim! — exclamou Delphine, com veemência.

— Nem vai precisar. Escute, eu não deveria ter dito coisa alguma. Não podemos fingir que você nunca me fez nenhuma pergunta e eu nunca respondi nada? Por que nos preocupamos com o que pensam uma porção de pessoas velhas? Vamos, Delphine, enxugue os olhos. Estamos quase na cidade. Iremos a um café, tomaremos uma limonada, daremos uma volta. Podemos até aproveitar para dar uma olhada na catedral. Para satisfazer vovó.

Ela perguntaria à mãe, pensou Delphine, enquanto Bruno ligava o carro. Não acreditaria em Bruno ou na avó. Mas e se a mãe tivesse fugido de Dijon aos dezessete anos? E se a mãe tivera amantes, vivera com eles?

A mãe nunca falava sobre o tempo em que era jovem, ia a festas, conhecia rapazes, recebia convites para bailes, como conhecera o pai. Havia... sempre houvera... alguma coisa. Não exatamente secreta, mas alguma coisa... que não se falava, misteriosa... algo faltando... algo que não podia sequer definir... um hiato... que revelava à imaginação de Delphine que a mãe era diferente das mães de suas amigas. E se fosse verdade o que Bruno dissera? E se a mãe fora mesmo... Maddy?

Claro que não acreditava nele, mas não diria coisa alguma a ninguém. Não queria saber nada a respeito, pensou Delphine, assumindo uma atitude de desafio. Não era da conta de ninguém. Nem mesmo pensaria a respeito. Não tinha importância. Mesmo que fosse verdade, não tinha a menor importância.

Depois do jantar, durante a primeira semana da visita no verão, Jean-Luc de Lancel pediu aos filhos e a Bruno que o acompanhassem num passeio.

— Acho melhor levarem suéteres — sugeriu ele. — Parece-me frio esta noite.

Paul e Guillaume trocaram um olhar. Era evidente, naquela noite quente, que o pai estava com vontade de visitar as adegas, tão profundas, como acontecia em toda Champagne, que a temperatura nunca variava dos dez graus centígrados, do mais quente ao mais frio dia do ano.

— Não vou me incomodar, vovô — disse Bruno.

Ele não deu atenção quando Jean-Luc pegou um grosso casaco que estava no armário junto da porta do *château* e pendurou-o no braço, junto com o suéter que já vestira.

Então Bruno nunca visitou as adegas, pensou Paul, enquanto os quatro saíam. É possível que não estivesse bastante interessado.

Ou talvez o pai achasse que ele não tinha idade suficiente. Afinal, Jean-Luc não convidara Delphine, Freddy ou mesmo Eve, embora as adegas fossem sem dúvida mais fascinantes do que qualquer outra coisa na propriedade. Não eram tão grandes quanto os 25 quilômetros de adegas pertencentes à gigantesca firma de Moët & Chandon nem tão extraordinárias quanto as de Pommery, em que as galerias interligadas tinham arcadas em estilos diferentes, romanas, góticas e normandas, mas Paul tinha certeza que as meninas gostariam de conhecê-las.

Uma visita a qualquer adega de uma grande casa produtora de champanhe era uma revelação para a pessoa que julgava que uma adega era apenas um lugar escuro, empoeirado e cheio de teias de aranha. As adegas Lancel não eram uma exceção. Os quatro se descobriram no interior de uma cidade subterrânea, bem iluminada, ventilada e pavimentada, com avenidas de acesso muradas levando a ruas muradas mais estreitas, que eram cruzadas a intervalos regulares por outras ruas, até que qualquer um, se não fosse um conhecedor do lugar, ficaria completamente perdido entre os muros de dois metros de altura, formados por milhares de garrafas de champanhe, em ripas finas de madeira, camada sobre camada, em pilhas com três metros de profundidade, protegidas nas beiras da adega por paredes naturais, tão lisas como se tivessem o acabamento de um pedreiro.

Com uma careta de agradecimento, Bruno vestiu o casaco que o avô lhe entregou. Guillaume e Jean-Luc andavam entre as paredes de champanhe como se fossem sebes, parando de vez em quando para pegar uma garrafa de interesse particular e mostrá-la a Paul e Bruno.

— Cada um de nossos vinhedos foi replantado desde a praga de filoxera... não há uma videira doente em toda Champagne, pelo que sei — comentou Jean-Luc, pensativo. — Suponho que não deveria me queixar, mas parece lamentável que os preços tenham caído tanto com a Depressão. Ao que tudo indica, as pessoas não têm mais condições de comprar nosso vinho. Os pedidos baixaram muito, não é mesmo, Guillaume? E a Lei Seca nos Estados Unidos também agravou o problema. Contudo, nós de Champagne já passamos por dias piores e não tenho a menor dúvida de que a situação vai melhorar em breve.

— Enquanto falava, ele parou diante de uma parede que assinalava o final das adegas.

Bruno olhou para trás, incapaz de sequer adivinhar a localização da entrada, espantado com o tamanho das câmaras. Estremeceu ligeiramente e deu um passo para trás, relutante em escutar o discurso do avô no frio.

— Só mais um momento, Bruno. Tenho uma coisa para lhe mostrar.

Todos os Lancel devem ser informados da salvaguarda da família, pois quem sabe o que o futuro poderá trazer? Ou quão cedo? Guillaume, por favor. — O *vicomte* apontou para a parede e Guillaume apontou com firmeza um trecho da parede que não diferia dos outros, exceto por um pequeno arranhão na superfície. O pedaço virou-se numa dobradiça oculta, revelando uma fechadura de metal.

Jean-Luc de Lancel tirou uma chave pequena de seu chaveiro e inseriu-a na fechadura, abrindo uma porta na parede, feita de blocos maciços de greda, de espessura considerável. Além da porta a escuridão era total. Ele entrou na frente dos outros e acendeu as luzes. Diante deles estendia-se uma vasta adega, totalmente ocupada, exceto pelas ruas de acesso, com paredes reluzentes de champanhe.

O vinho, em pilhas de vinte garrafas de altura, quase podia ser barras de ouro, de tão brilhante que era cada garrafa com seus dois rótulos dourados, a parte superior do gargalo e a rolha cobertas por um laminado dourado.

— A maioria é de garrafas de tamanho normal — disse Jean-Luc com um gesto amplo, compreendendo o silêncio reverente dos outros.

— Ali estão as Magnums, Jeroboams, Rehoboams e Meyhuselahs, embora a demanda pelos tamanhos maiores não seja mais como antes, lamento dizer. As condições de estocagem são perfeitas, mas mesmo assim a cada doze anos retiro as garrafas de safra privilegiada e as lanço no mercado, já que até mesmo o melhor champanhe em geral se torna intragável aos vinte anos. É uma regra inviolável substituí-las assim que há outra safra privilegiada, não importa o quanto afete o lucro de nossa casa. Quando a colheita não é bastante boa para uma safra privilegiada, substituo as garrafas dela a cada quatro anos. Mas esta adega está sempre cheia. Sempre. Mesmo que tivéssemos um desastre, um ano em que o vinho seja intragável, nunca tocarei nas garrafas aqui... nem mesmo que ocorram vários anos ruins consecutivos... pois esta é a força da Casa de Lancel.

Este é o nosso tesouro. Nós o chamamos de *Le Trésor*.

— Qual é a vantagem de uma adega cheia de champanhe que se limita a vender e substituir, vender e substituir? — indagou Bruno, perplexo. — Qual o sentido de guardar tudo?

Jean-Luc de Lancel sorriu para o neto e passou o braço por seus ombros. Tudo aquilo, no final das contas, era para a família, e ele sentia o maior prazer na explicação.

— Em 1918, Bruno quando a guerra acabou, voltei para casa e descobri que o general italiano e seus oficiais, que haviam usado o *château* como quartel-general, haviam consumido todo o estoque de champanhe nas adegas. Talvez até tenham usado para tomar banho, pois até a última garrafa, de centenas de milhares, desaparecera.

A mesma coisa aconteceu aqui antes, no tempo do meu avô, em 1870, quando Valmont foi ocupado por tropas alemãs, durante a Guerra Franco-Prussiana. Em 1918 nossos vinhedos se encontravam em estado deplorável... muitos haviam sido bombardeados durante os últimos meses da guerra de trincheiras. Foram necessários três anos e meio de trabalho e cuidados incessantes, Bruno, e uma grande parte da fortuna da família antes que pudéssemos colher a próxima safra completa. Conseguimos nos recuperar,

em grande parte, mas agora que temos um saldo bancário favorável estamos com inúmeras videiras, infelizmente, na meia-idade.

— Como assim? — perguntou Bruno, sem compreender tão bem quanto Paul e Guillaume o que isso significava.

— Ao completar dez anos, uma videira está no auge — explicou Jean-Luc. — Aos quinze anos, alcança a meia-idade. Nenhuma videira é muito útil depois dos vinte anos. É preciso fazer o replantio.

As videiras plantadas em 1919 estão no auge agora, mas só lhes resta de vida útil um máximo de oito anos, talvez dez.

— Ainda não entendi por que guarda estas garrafas aqui — interrompeu Bruno, impaciente, ansioso em deixar a adega fria.

O avô continuou, falando de maneira incisiva:

— Quem sabe o que o futuro trará? Quem sabe até que ponto será fácil replantar conforme o necessário? Quem sabe... e é nesse ponto que sinto maior apreensão... o que acontecerá se tivermos outra guerra? A Alemanha está se rearmando. O primeiro lugar da França para onde os alemães marcham é a Champagne... sempre foi assim.

Somos abençoados por nosso solo e amaldiçoados por sua localização. Não tenho a menor dúvida de que *Monsieur* Hitler já fez planos para a nossa herança. Por isso, tenho feito tudo o que posso.

Guardo sempre uma boa parte do nosso melhor vinho todos os anos, por tanto tempo quanto possível. Caso haja outra guerra, depois que terminar, um Lancel voltará a Valmont e encontrará um tesouro do qual ninguém mais tem conhecimento, exceto pelos Martins, três trabalhadores das adegas... três primos aos quais eu confiaria a minha própria vida. Eles trouxeram as garrafas para cá. Assim, se for necessário, poderemos reconstruir, replantar, restaurar os vinhedos, vendendo este champanhe. Nesse ponto não tenho qualquer receio... sempre haverá um mercado para champanhe, enquanto a civilização existir.

— A mãe sabe de tudo? — perguntou Paul.

— Claro. As mulheres têm dirigido vinhedos tão bem quanto... às vezes até melhor do que os homens. Olhe para a *Veuve Cliquot* e a irresistível *Madame Pommery*. Hoje há a *Madame Bollinger* e a *Marquise de Suarez d'Aulan* em Piper-Heidsieck. Sua mãe sabe, e talvez um dia você queira contar a Eve. Mas as meninas ainda são muito jovens para serem perturbadas com minha visão sombria do futuro.

Agora, antes de irmos embora, vamos beber um copo juntos... estará bastante frio e não precisará passar pela geladeira. — O *vicomte* virou-se para uma mesa perto da porta da caverna secreta, em que copos no formato de tulipas estavam virados para baixo, protegidos da poeira por uma toalha de linho. Pegou uma garrafa de raro champanhe rosa, o mais difícil de produzir, sem mexer nas outras da pilha. Usando a pinça projetada para esse propósito, desenvolveu-a gentilmente. Uma espiral de fumaça, tão frágil quanto um suspiro, apareceu e no instante seguinte desapareceu. Só depois despejou cinco centímetros em seu copo, girando para despertar o champanhe do repouso. Guillaume, Paul e Jean-Luc observaram com aprovação a espuma, branca como a neve, desvanecer-se de cima do champanhe. O *vicomte* levantou o copo contra a luz e eles admiraram a tonalidade rosa-clara incomparável do líquido, inclinaram-se para a frente e inspecionaram as muitas borbulhas formando-se no fundo e subindo à superfície, com uma animação e uniformidade de formato que lhes dizia como o vinho prometia ser bom. Apenas o *vicomte* cheirou o vinho, mas passou o copo para Bruno e lhe recomendou que escutasse as borbulhas, murmurando: — Existem pessoas que não sabem que champanhe fala. — Depois, ele encheu todos os copos, girou o seu e finalmente bebeu o champanhe. — Ao futuro! — disse o *vicomte*.

Todos beberam. Enquanto Bruno esvaziava seu copo, o avô perguntou:

— Notou que o champanhe tinha um gosto em sua boca e outro no fundo da garganta ao engolir?

— Não... para dizer a verdade, não percebi nenhuma diferença.

— Então deve prestar mais atenção na próxima vez, meu rapaz.

Talvez seja mais um ardor do que um gosto definido e apenas um champanhe perfeito o possui. É o

que se chama de Despedida.

Poucos dias depois, numa tarde nevoenta em Paris, o *Vicomte* Bruno de Saint-Fraycourt de Lancel, como seu cartão de visita o apresentava, embora não tivesse sido batizado com o nome da família da mãe, largou as cartas na mesa em seu clube e disse aos amigos com quem jogava:

— Cavalheiros, já chega por hoje.

— Deixando-nos tão cedo, Bruno? — perguntou Claude de Koville, seu amigo íntimo.

— Minha avó pediu para chegar cedo em casa para o chá... espera visitas.

— O neto perfeito — comentou Claude, zombeteiro. — E logo agora que estava com sorte. É uma pena, Bruno. Talvez, na sua ausência, eu possa agora ganhar uma mão, para variar.

— Eu lhes desejo a sorte do empate — disse Bruno, levantando-se e despedindo-se.

Saindo do clube, ele pegou um táxi e seguiu direto para a Rue de Lilly. Desde o encontro com Eve que andava tenso e irritado e recusava-se a permitir que tais emoções o dominassem sem tentar aliviá-las.

— Bom dia, Jean — disse Bruno ao mordomo que abriu a porta da casa grande. — *Monsieur* Claude está?

— Não, *Monsieur* Bruno, ele saiu.

Jean passara a maior parte de sua vida a serviço dos Kovilles e muitas vezes expulsara Bruno e Claude de sua copa, ao longo dos últimos anos; por isso, falava agora a Bruno, com dezoito anos, como o colegial que sempre conhecera.

— É uma pena. Eu esperava tomar uma xícara de chá.

— *Madame* La comtesse está tomando chá agora. Encontra-se sozinha esta tarde. Devo informá-la de sua presença?

— Não precisa se incomodar... pensando melhor, pode avisar, Jean. Estou morrendo de sede.

Poucos minutos depois, o mordomo introduziu Bruno no pequeno *salon* do segundo andar em que Sabine de Koville estava sentada num sofá, na frente de uma bandeja de chá. As pernas compridas se achavam cruzadas sob a saia do vestido Vionett gracioso, de seda verde. Um corpete transversal caía do pescoço branco e no quadril um colchete prendia o vestido no lado, numa atraente linha grega.

Sabine de Koville era uma elegante mulher de 38 anos, cabelos escuros e lisos que passavam por baixo das orelhas, lábios finos pintados com um vermelho intenso. Os olhos eram compridos e indolentes, com uma sugestão de zombaria nos cantos, mas a voz baixa era tipicamente impaciente e insatisfeita, não importava com quem estivesse falando. Sempre vestia as roupas sedutoramente femininas de Vionett, pois a carne firme era um pouco abundante demais para ficar bem no juvenil estilo Chanel e achava que Schiaparelli era muito fácil de ser copiado e talvez engraçado demais para ser usado por alguém que se dedicava com seriedade à *haute couture*.

A Comtesse de Koville era considerada uma das mulheres mais inteligentes de Paris, apesar de nunca ter feito amigas íntimas ou talvez por causa disso. Ninguém jamais recusara um convite para uma de suas festas, mas muitas vezes ela tomava chá sozinha.

— Se está à procura do meu filho Claude, Bruno, não posso ajudá-lo... ele nunca me diz para onde vai ou quando voltará — disse *Madame* de Koville, assim que Jean deixou a sala.

Bruno aproximou-se do sofá e parou a dois passos dela, os olhos respeitosamente baixados.

— Eu sabia que ele não estaria em casa quando vim para cá. Deixei-o no clube. Acho que ele não voltará por horas.

Houve uma pausa, enquanto ela o inspecionava, Bruno mantendo-se de pé, como se aguardasse suas ordens. Ela levantou uma das mãos grandes, quase quadrada, bateu de leve no lábio inferior, como se tentasse tomar uma decisão. Descruzou as pernas, largou a xícara de chá e levantou os olhos para Bruno, como se ele tivesse acabado de contar uma piada extremamente sutil. A voz, quando tornou a falar, dava a

impressão de que o curto diálogo a respeito do filho jamais ocorrera.

— Então isso é tudo, Charles?

A pergunta foi formulada bruscamente.

— É, sim, *madame* — respondeu Bruno, em tom dócil, cabeça baixa, numa atitude submissa.

— Guardou o carro, Charles?

— Guardei, *madame*.

A voz era subserviente, dócil, as sobrancelhas escuras uniam-se em preocupação.

— Foi lavado e polido?

— Foi, *madame*. Exatamente como *madame* ordenou.

— Trouxe todas as encomendas que mandei você buscar, Charles?

— Está tudo aqui. Onde *madame* gostaria que eu pusesse? — perguntou Bruno, o lábio superior mais proeminente do que nunca no rosto submisso.

Sabine de Koville levantou-se, num farfalhar de seda, sem uma palavra ou um sorriso, passou da pequena sala para o seu quarto, onde a criada já fechara as cortinas.

— Pode deixar tudo aqui, Charles — disse ela, a apreensão na voz ainda mais profunda.

Bruno virou-se e trancou a porta do quarto,

— *Madame* precisa mais de mim?

— Não, Charles. Pode ir.

Bruno pegou a mão da comtesse, como se tencionasse beijá-la. Em vez disso, virou-a e comprimiu os lábios contra a palma, sugando a pele macia com boca rechonchuda, de tal forma que ela lhe sentiu os dentes e a respiração quente. Ele continuou a segurar a mão e levantou a cabeça. Os olhos contraíram-se, num prazer súbito, quase relutante.

— Pode ir, Charles — insistiu Sabine de Koville, autoritária.

— Acho que não, *madame*.

Ainda segurando a mão, Bruno puxou-a para a frente e para baixo, encostando-a na virilha, onde o pênis se projetava, por baixo das calças.

— Pare com isso, Charles. — A comtesse tentou se desvencilhar, mas ele segurou-lhe a mão, implacável, forçando-a a envolvê-lo.

Ela fechou os olhos e ficou imóvel, como se prestasse atenção a algum som mínimo, quase imperceptível, enquanto sentia Bruno se crispar e endurecer, contra sua palma e dedos compridos, até ficar enorme. Os lábios finos da comtesse se abriram involuntariamente, ela prendeu a respiração, uma expressão de gula apareceu no rosto sofisticado.

— *A madame* deve ficar absolutamente imóvel — disse Bruno, em tom áspero. — Deve fazer qualquer coisa que eu mandar e nada mais.

Está entendendo?

Ela acenou com a cabeça, solene, sentindo o calor aumentar entre as coxas, enquanto fitava o rosto subitamente impetuoso do rapaz. Uma veia latejava na têmpora de Bruno, e a boca parecia horrível, de uma forma que a deixava com vontade de beijá-la, mas não tomou qualquer iniciativa nesse sentido.

— *A madame* deve se encostar na parede — murmurou Bruno. — *A madame* não vai tirar os sapatos.

Ela obedeceu, empertigada, os seios orgulhosamente empinados.

Bruno postou-se diante dela, bem próximo, as mãos acariciando rudemente os seios, os polegares e indicadores procurando os mamilos por baixo da seda. Encontrou-se e apertou-os, com habilidade, várias vezes, com dedos firmes, que chegavam bem perto de causar dor. Os mamilos endurecidos ansiavam pelo contato da boca de Bruno, que não chegava. Apesar de sua determinação, Sabine afastou-se da parede ao encontro do corpo de Bruno, mas ele empurrou-a para trás pelos ombros.

— Eu disse que a *madame* não devia se mexer. — Com uma das mãos, ele continuou a acariciar um mamilo, enquanto a outra descia com uma lentidão desdenhosa pela seda que cobria o corpo cheio e

firme, até alcançar a elevação que procurava. Parou ali e esfregou a saliência firme com dedos exploradores e duros. Ela tentou outra vez se arquear, a fim de que a pélvis pudesse entrar em contato com a protuberância de Bruno, mas ele forçou-a a permanecer imóvel, enquanto seus dedos gradativamente moldavam a seda, até enfiá-la entre suas pernas, afagando e apertando, numa ação exasperante, ora leve, ora impetuosa, ora se retirando, ora se aventurando com mais ousadia. A respiração de Sabine tornou-se baixa enquanto esperava, a cabeça inclinada para trás, em absoluto abandono. A seda ficou úmida.

— A *madame* pode se ajoelhar na cadeira ao lado da cama — ordenou Bruno.

— Eu...

— A *madame* fará o que eu mandar.

Ela atravessou o quarto, baixando os olhos para o tapete, excitada demais para permitir que o rapaz visse sua expressão. O vestido caía sinuoso em torno do corpo cheio ao se ajoelhar na cadeira de braço, grudado nas costas. Bruno ajoelhou-se no tapete por trás dela e levantou a saia até a cintura. A bunda arredondada e oferecida estava nua, as pernas, ainda com os sapatos de saltos altos, apenas cobertas pela metade com meias de seda, as coxas brancas e roliças divididas por uma linha fina de cabelos pretos.

Por um longo momento, ele contemplou e saboreou a posição de impotência da comtesse, depois inclinou-se para a frente e comprimiu a boca, uma boca que poderia ser de uma linda mulher, contra o cabelo entre as pernas. Ela gemeu.

— Se a *madame* fizer algum barulho, eu vou parar — ameaçou Bruno.

Ela acenou com a cabeça, em obediência absoluta, forçando-se a permanecer imóvel, evitando qualquer reação, de tal forma que todos os seus sentidos concentraram-se na espada quente que era a língua de Bruno, a ação torturante dos lábios e dentes, a força de suas mãos que a mantinham aberta, a fim de poder usá-la livremente.

Pôde ouvir Bruno abrir as calças com uma das mãos e estremeceu com violência, em expectativa abandonada. Ele puxou-a para a beira da cadeira, deixou-a com a barriga encostada no assento, os joelhos no tapete, a abertura no nível do seu pênis distendido. Ela prendeu a respiração ao sentir que ele a montava e enfiava a cabeça do pênis em seu corpo faminto. Sabia que não devia tentar se projetar para engoli-lo por completo, mas tinha de esperar imóvel, a ferocidade contida pela força de vontade, até que ele não pôde mais suportar a própria tortura e arremeteu para a frente, enchendo-a por completo. As mãos de Bruno seguraram a cintura dela, apertando-a contra a cadeira, impedindo-a de se mexer. Ele saiu quase que inteiramente, depois tornou a penetrá-la, de maneira tão brutal e impiedosa quanto um animal. Arremeteu contra a abertura escancarada sem pensamento ou cuidado, num frenesi bestial, até um longo e violento espasmo, o rosto contorcido num grito silencioso.

Bruno encontrou então a sua descarga longa e terrível. Só depois de se satisfazer por completo é que ele estendeu-a no tapete, com o rosto virado para cima. Rudemente, enfiou o rosto entre as pernas da comtesse e ela sentiu seus lábios a sugá-la, começou a tremer e se sacudiu num violento orgasmo. Por um momento, os dois ficaram em silêncio no chão.

— A *madame* precisa de mim para mais alguma coisa? — A voz era submissa, de um criado obediente.

— Não, Charles — respondeu ela bruscamente. — Não, esta noite.

Ele levantou-se, abotoou a braguilha destrancou a porta e saiu sem dizer mais nada. Sabine de Koville continuou estendida no tapete, sem forças para se levantar, um sorriso nos lábios compridos, que Bruno não beijara uma única vez. Ele sabia que era melhor não tentar, pensou a comtesse, sonhadora.

– ESTRATO-CÚMULO, estrato, cúmulo, cúmulo-nimbo – disse Freddy para si mesma, revolvendo as palavras afetuosamente na mente, remoendo-as com prazer intenso, como nunca sentira por qualquer verso. Os termos meteorológicos para as diferentes formações de nuvens baixas não tinham absolutamente o menor proveito prático para ela. Como uma aluna de aviação de quinze anos não teria permissão para voar em qualquer coisa que não fosse em tempo claro, mas não pudera resistir à tentação de procurar os nomes das nuvens na biblioteca da escola, já que não constavam dos livros escolares.

— Pode fazer o favor de me entregar esse saco? — disse uma voz estridente e irritada.

Freddy virou-se, submissa, e entregou o saco com meio quilo de doces. Saboreou mais algumas palavras adoráveis — alto-cúmulo, alto-estrato, nimbo-estrato, as formações de nuvens encontradas acima de dois mil metros — e especulou quem as teria inventado, enquanto servia meio quilo de marshmallows com cobertura de chocolate em outro saco. Trabalhava distraída, mas depressa, pois era a única moça por trás do balcão, e os fregueses esperavam impacientes.

Enquanto trabalhava pela manhã, Freddy começou a calcular a situação de suas finanças. Ao completar quinze anos, em janeiro último, a mesada fora aumentada de vinte e cinco para trinta cents por semana, uma liberalidade naqueles anos da Depressão. Era agora o início de novembro de 1935, e sua mesada alcançava até agora um total de treze dólares e meio no ano.

Freddy sacudiu a cabeça ao pensar na única extravagância pessoal a que não podia resistir, embora consumisse uma grande parte de seus recursos. Era fanática por cinema. Assistira a *The Lost Squadron*, com Joel McCrea, cinco vezes, e *Central Airport* e *Ace of Aces*, seis vezes cada. Só pudera assistir quatro vezes a *The Eagle and the Hawk*, com Fredric March e Cary Grant, por causa dos exames, mas aproveitara as férias para ver nove vezes *Night Flight*, com Clark Gable. *Ceiling Zero* e *Devil Dogs of the Air* entrariam em exibição nas próximas semanas, ela pensou, com o coração apertado, porque sabia que gastaria os dez cents do ingresso, embora não devesse.

Já desperdiçara — não, não desperdiçara, investira — três dólares inteiros em ingressos de cinema naquele ano. Outros três dólares foram consumidos em presentes de aniversário para Delphine e os pais. Se ao menos ela tivesse tempo de fazer os presentes na escola, na aula de trabalhos manuais, em vez de comprá-los, se ao menos tivesse aprendido a costurar, a fazer tricô ou crochê, pensou, irritada consigo mesma, enquanto contemplava os sete dólares e meio que conseguira economizar de sua mesada. Mas chega de pensar no que não ganhara.

A situação da receita que ganhara era mais saudável. Seu trabalho na Woolworth's todos os sábados pagava 35 cents por hora, um total de dois dólares e oitenta cents por semana. Conseguira economizar tudo, menos a passagem para chegar à Woolworth's, no centro, os cinqüenta cents que gastara numa calça Levi's de homem para usar nas aulas e o dinheiro para o sanduíche na hora do almoço.

Fazia três meses que trabalhava ali, sem que a família soubesse.

O dinheiro ganho se elevava agora a vinte e seis dólares e meio, que somados aos sete dólares e meio da mesada davam um total de 34 dólares. E 34 dólares era uma boa soma, pensou, pesarosa... a menos que se estivesse aprendendo a voar. Até agora, tomara três horas de aulas de vôo, meia hora a cada semana, o que lhe custara doze daqueles preciosos dólares. Mac, ainda bem, reduzira seu preço normal de seis dólares por hora para quatro, o preço especial "para menores de dezesseis anos", como explicara. Freddy ainda tinha 22 dólares guardados, o suficiente para mais cinco horas, se pudesse continuar a pegar caronas para ir e voltar de Dry Springs, às sextas-feiras. Seria um total de oito horas de instrução. Se mantivesse o emprego, ainda poderia comprar os presentes de Natal essenciais para a família. Será

que absolutamente ninguém era capaz de aprender o suficiente para voar solo em oito horas? Talvez Mac lhe permitisse voar solo com menos tempo, pensou, esperançosa, enquanto pesava as jujubas.

Afinal, Mathilde Moisant não aprendera a voar em 31 minutos? E não se tornara a segunda mulher a obter o brevê de piloto na América? Mas isso acontecera em 1911, antes de todas aquelas leis e regulamentos irritantes que haviam sido criados para manter as pessoas longe do ar. E mais, os primeiros aviões pareciam tão simples que deviam ser como bicicletas voadoras. Não tinham manete, freios, painel de instrumentos; pareciam enormes e estranhas peças de equipamento de ginástica, com uma roda em algum lugar do meio; nada tinham a ver com o novo Taylor Cub de Mac, vermelho, com a carlinga fechada, além das asas e da capacidade de deixar o solo.

Ela não gostaria de mentir tanto, admitiu para si mesma, pesarosa, enquanto enchia um saco com balas de alcaçuz. Se ainda estivesse no Sagrado Coração, sob o nariz bisbilhoteiro de Delphine, não poderia escapar impune, mas os pais haviam permitido que se transferisse para a escola pública local, a John Marshall High, sem muita luta. A educação do Sagrado Coração fora tão boa que, com a ajuda de um curso de verão, ela conseguira pular o primeiro ano na escola secundária.

Agora, aos quinze anos, estava no primeiro semestre como sênior da John Marshall High. Há três meses, quando as aulas começaram, ela passara a mentir. Para explicar por que se ausentava todo sábado para trabalhar, inventara uma visita semanal a uma melhor amiga fictícia, que morava em Beverly Hills e tinha uma piscina, em que Freddy dizia treinar para ingressar na equipe de natação da escola. Essa mentira em particular fora aceita, de imediato, pois Freddy já era uma estrela na equipe de mergulho, a única garota da escola a se sentir perfeitamente feliz ao se lançar do trampolim mais alto. Para explicar por que voltava da escola tão tarde na sexta-feira, durante as últimas seis semanas, depois da aula de vôo, inventara uma atividade extracurricular que a prendia depois das aulas: a pintura de cenários para a peça anual de Natal. Para explicar a Mac por que só tomava meia hora de aula por semana, embora estivesse determinada a voar solo ao completar dezesseis anos, o que aconteceria em janeiro próximo, inventara uma montanha de deveres de casa, embora na verdade conseguisse fazer tudo às pressas, durante o período de estudo na escola. Para explicar à família por que passava tantas horas depois do jantar estudando as lições de vôo solo de Mac, inventara a determinação de tirar as melhores notas na escola. Eram apenas quatro mentiras, ou melhor, cinco, se contasse as caronas, concluiu Freddy. Nunca fora advertida expressamente a não pedir carona, mas sabia qual a resposta se perguntasse.

Cirro, entou para si mesma, cirro-cúmulo, cirro-estrato — as nuvens que um dia encontraria acima de cinco mil metros. Os reis e rainhas da atmosfera. A única mentira que não fora capaz de conceber era a desculpa para sair mais cedo da escola na sexta-feira, a fim de poder chegar antes ao aeroporto em Dry Springs. Os professores da John Marshall High eram os poderosos cirro-estratos entre os professores. Já haviam ouvido todas as desculpas conhecidas dos adolescentes e somente um bilhete de casa poderia influenciá-los.

Quantos bilhetes de casa ela poderia produzir, mesmo que roubasse o papel de carta da mãe e falsificasse sua letra? E se algum professor ligasse para sua casa e confirmasse com a mãe? Não, não era possível.

Enquanto pesava um enorme saco de balas de goma, Freddy especulou, não pela primeira vez, se não seria uma idéia melhor contar aos pais a verdade, desde o início; e, como sempre, a resposta foi a mesma. E se eles não permitissem? Era um risco grande demais para correr. Já era bastante horrível mentir sobre uma coisa que oficialmente não existia. Seria dez vezes pior ser obrigada a mentir sobre algo que fora formalmente proibida de fazer. E a outra opção — renunciar à idéia de voar até ter idade suficiente para fazer o que bem quisesse — não era absolutamente uma opção. Significaria esperar mais cinco anos, até completar 21 anos. Era legal voar solo aos dezesseis anos, e a 9 de janeiro de 1936 ela voaria solo... tinha de voar. E depois de mais dez horas de instrução, poderia fazer o teste para o brevê de piloto particular. Então — e só então — poderia começar a acumular as horas de vôo que lhe

permitiriam participar de corridas aéreas ou talvez, um dia, realizar um vôo que ninguém jamais tentara. Ainda era muito cedo para definir suas ambições, quando nem mesmo sabia como conseguir o dinheiro para aquelas dez horas de instrução.

Outras mulheres conseguiram, pensou Freddy, rejeitando com firmeza essas dúvidas sombrias. No ano passado, segundo o Anuário da Aviação que encontrara na biblioteca pública, mais de quatrocentas americanas tinham brevês de piloto particular. Todas haviam encontrado uma maneira, e ela também descobriria, Freddy prometeu a si mesma, enquanto se deslocava do balcão para a balança.

Aliviada, ela verificou que estava na hora do almoço. Havia uma lanchonete na Woolworth's, onde o atendente lhe servia às escondidas um copo de leite de graça, junto com seu sanduíche de atum em pão de centeio. Em troca, ela lhe oferecia um olhar agradecido, com olhos que não tinha a menor idéia serem de um azul tão intenso que pareciam conter o céu.

Enquanto comia o sanduíche, Freddy desviou a mente dos problemas de dinheiro para a escola de terra. Mac advertira-a a respeito, prevendo:

— Você quer voar, menina, mas pode estar certa de que vai odiar a escola de terra.

Ela odiava economia doméstica, pensou Freddy, sorrindo, mas adorava a escola de terra. Era apaixonada pela teoria de vôo. Força de ascensão! Não estavam entre as melhores palavras que se podia imaginar? Claro que ela sempre soubera que um avião podia voar — e o mesmo acontecera com Leonardo da Vinci e os irmãos Wright, diga-se de passagem —, mas até a escola de terra não entendia por quê.

Força de ascensão, a gloriosa força de ascensão! E igualmente emocionante, ângulo de ataque, o termo para o ângulo em que as asas de um avião encontravam o ar — tão essencial quanto a força de ascensão e algo que apenas o piloto podia controlar. Se o ângulo de ataque fosse errado, o avião, apontando muito alto ou muito baixo, podia cair. Era uma coisa em que ela pensava por horas a fio. E o que dizer do tempo médio de Greenwich, a hora no meridiano do planeta em que estava localizado o Observatório de Greenwich? Ela sentia um prazer imenso em saber que todos no mundo da aviação, dos melhores pilotos voando os aviões mais potentes a Freddy de Lancel, sentada na frente de um sanduíche de atum, estavam sujeitos de bom grado ao tempo médio de Greenwich.

— Eu pedi isso? — perguntou Freddy ao atendente, que pusera outro sanduíche de atum na sua frente.

— Uma oferta de Barbara Hutton — ele, respondeu generoso.

Será que ela sabia que comera o primeiro sanduíche em seis grandes mordidas e ainda parecia estar faminta? Como uma garota tão espetacular podia ficar com tanta fome? Ele esperava a semana inteira só para vê-la almoçar, mas ela devia estar apaixonada, pois sempre tinha aquela expressão distante nos olhos e nunca queria conversar. Muitas vezes, quando não se achava ocupado durante o dia, ele olhava ansioso para o balcão de balas, sabendo que sempre poderia localizá-la no mesmo instante pelos cabelos compridos, um brilho intenso na loja movimentada; e ela era bastante alta para sobressair na multidão de mulheres.

Enquanto mordia o segundo sanduíche, os pensamentos de Freddy desviaram-se para Delphine, que beirando os dezoito anos estava cada vez mais bonita, até mesmo aos olhos de uma irmã mais moça. A fragilidade terna e quase pungente que ela sempre possuía não desaparecera com os anos, como muitas vezes acontece quando as moças amadurecem. O arco perfeito dos lábios, os cantos virados para cima da boca haviam se acentuado misteriosamente, de uma maneira que Freddy não compreendia e que não podia ser explicado apenas pelo uso moderado de batom de Delphine. Os olhos da irmã haviam se tornado maiores, os cabelos castanhos descreviam uma curva fascinante como um sino, os malares altos e o queixo pequeno tornaram-se mais definidos. Em fotografias da família, ela sempre parecia sobressair no centro do grupo, mesmo quando se encontrava na extremidade, porque os olhos eram imediatamente atraídos para o padrão de extraordinário interesse de luz e sombra criado por suas feições.

Delphine, no entanto, podia continuar tão irritante quanto antes. Um dia ela encontrara Freddy lendo

um livro sobre aviação e concluíra que a irmã ansiava por uma carreira no ar — como uma aeromoça. Delphine encontrara os requisitos para as moças que se candidatavam à função e lera-os em voz alta, com um júbilo que não se dera ao trabalho de esconder:

— Tem de ser uma enfermeira diplomada, com menos de 25 anos, menos de 52 quilos, não mais do que um metro e sessenta e dois de altura... isso a deixa de fora, minha pobre coitada... e solteira... bom, essa parte não é difícil. Mas pense em toda a diversão que vai perder porque é alta... diz aqui que tem de servir comida aos passageiros, ajudar a reabastecer o avião, ajudar a transferir a bagagem, limpar o chão da cabine, ter sempre uma tabela de horário dos trens para o caso de o avião ficar imobilizado em terra e... isso é o melhor de tudo... ficar de olho nos passageiros quando forem ao banheiro, para ter certeza de que não sairão pela porta de emergência por acidente!

— Engraçado, Delphine, muito engraçado — balbuciara Freddy, corando por ser surpreendida com um livro sobre as aventuras de um jovem piloto nas regiões mais remotas do Canadá, quando deveria estar lendo Anthony Adverse, como todas as outras moças que conhecia.

Ela não conhecia todos os versos de *You Do Something to Me* ou *Just One of Those Things*; não gastava sua mesada para suspirar por causa de Greta Garbo em *Queen Christina* ou chorar por Katharine Hepburn como Jo em *Little Women*; não comprava o batom Tangee nem pertencia ao fã-clube de Joan Crawford, depilava as sobrancelhas em segredo ou experimentava os sutiãs da mãe quando os pais saíam.

E isso era apenas o começo da lista de coisas que ela não fazia nem se interessava; Freddy sabia que isso a tornava uma estranha voluntária em sua turma na escola, uma garota que não se preocupava com namoros, bailes ou roupas. Que assim seja, ela pensou, filosoficamente, terminando de tomar o leite. Não era nada demais.

Afinal, as outras não voavam.

— Que tal uma soda de chocolate? — perguntou o balconista. — Por conta da casa?

— Muito obrigada, mas não dá. Trabalho no balcão de balas... perdi o gosto por doce — explicou Freddy, pesarosa.

E ela desejou, em vez disso, ter coragem para lhe pedir outro sanduíche.

Terence McGuire estava sentado por trás da mesa em seu escritório, onde deveria se concentrar nas contas a pagar, mas se descobriu a pensar em sua aluna mais nova, Freddy de Lancel. Já ensinara a muitos homens e rapazes a arte de voar, assim como a uma ou outra mulher, mas Freddy era a primeira menina que se tornava sua aluna.

Estava convencido de que a arte propriamente dita era ensinável a qualquer pessoa com uma noção de lógica básica e bastante desejo e paciência para aprender. Ao contrário de alguns ofícios, não exigia uma predisposição nata, pois nenhum de seus alunos possuía o gene de voar, como ele também não tinha.

O homem não nascera um animal voador; contudo, mesmo que não existisse nenhuma ave no planeta para demonstrar a possibilidade de voar, McGuire tinha certeza de que o homem aprenderia a voar, assim como também teria aprendido a nadar mesmo que não houvesse nenhum peixe. Era mais do que provável que o vôo não acontecesse em seu século, mas um dia, mais cedo ou mais tarde, um dos muitos que levantavam os olhos inquisitivos para o céu, desde os tempos em que o primeiro homem se mantivera erecto, descobriria o segredo de voar, da mesma forma como alguém construía a primeira roda, alguém calculara como construir as pirâmides e alguém inventara a pólvora. Estava na natureza do animal, pensou ele, continuar em frente, querendo mais... sem se importar se a idéia era boa ou má.

Não restava a menor dúvida a respeito, ninguém precisava nascer uma versão voadora do jovem Mozart para se tornar um piloto, mas... mas... poucas pessoas, apenas bem poucas, eram animais voadores naturais — não se podia pensar de outra maneira. A grande maioria das pessoas que ensinara com sucesso não era. Mas houvera uns poucos que demonstraram uma percepção imediata do que ele

pensava como noção do ar. Era como se possuíssem um sentido extra, um sétimo sentido, já que o sexto era tão falado, que Terence McGuire sabia existir, embora não pudesse estendê-lo sobre uma mesa, medi-lo e pesá-lo. Ele o tinha, descobrira isso na primeira vez em que voara, estava convencido de que Freddy de Lancel também tinha.

Não era apenas por sua ansiedade. A ansiedade, por si mesma, era uma coisa nociva numa atividade em que a paciência era tão essencial quanto a capacidade de distinguir a mão direita da esquerda. Não era apenas o destemor de Freddy. Pilotos demais já haviam sofrido acidentes no treinamento por serem destemidos. Não, havia mais alguma coisa envolta naquele sétimo sentido para o qual ele nunca encontrava palavras satisfatórias, uma espécie de condição de energia com que ela entrava no processo de vôo, de tal forma que a garota que entrava correndo em seu escritório, para avisá-lo que chegara na hora, era uma pessoa sutilmente diferente ao se encaminhar para o Taylor Cub.

A concentração era uma parte da coisa. McGuire sempre seguia alguns passos atrás enquanto ela inspecionava o avião; sabia que um relâmpago caindo na pista não romperia a concentração de Freddy, enquanto verificava a hélice, à procura de lascas ou rachaduras, tanto com os olhos quanto com as pontas dos dedos, dando a impressão de que escutava com a pele qualquer defeito no metal.

Podia-se dizer muito de uma pessoa só de observar a maneira com que efetuava o pré-vôo, pensou ele. Havia as pessoas que faziam demais, muito devagar, conferindo duas vezes, desnecessariamente, porque, no fundo de seus corações, queriam adiar o momento de subir no aparelho. Não deveriam tentar aprender a voar. Contudo, com paciência, era possível ensinar-lhes, e eventualmente podiam perder o medo.

Por outro lado, havia as pessoas que apressavam o processo, como se não compreendessem que estavam confiando suas vidas a um equipamento em que cada parafuso, porca e rosca tinha uma função essencial. Tais pessoas não deveriam ter permissão para aprender a voar, e depois da primeira advertência ele se recusava a subir de novo com alunos assim. Podia-se sobreviver à maioria dos erros cometidos por um aluno, mas a inspeção imprópria do aparelho, enquanto ainda se encontrava no solo, não estava entre eles.

Àquela altura, depois de observar Freddy efetuar sete inspeções de pré-vôo, ele subiria num aparelho que ela examinara, mesmo sem tê-la observado pessoalmente. Não que fosse dizer isso a ela, é claro. Ou que viesse a fazê-lo, diga-se de passagem.

Mas ele gostava da maneira como Freddy usava o céu, pensou Terence McGuire, levantando-se de trás da mesa que tanto detestava.

Os alunos tendiam a se sacudir por todo o céu, escorregando e caindo, subindo e descendo bruscamente, exagerando na correção dos erros e depois exagerando na correção do exagero, tão nervosos e ariscos como se fossem cavalos indomados. Sempre cuidava para que houvesse uma abundância de céu em que podiam aprender, mas muitos encaravam o céu como um inimigo, como se não confiassem nele.

O céu gostava de ser tratado com respeito decente, combinando com a mão calma, de reação rápida, mas determinada no manche, os pés dançando sobre os pedais do leme.

Também importante era o fato de que a cada lição ele podia perceber a melhor da precisão de Freddy. A precisão era fundamental naquele jogo... sem precisão, nenhuma outra capacidade de voar ou combinação de capacidade valia qualquer coisa. A cada lição, Freddy alcançava um grau maior de previsibilidade e suavidade nos ângulos das inclinações laterais e curvas, mantendo a velocidade aerodinâmica e altitude exatamente como ele queria, mais e mais tempo. Exatamente, McGuire não hesitara em dizer a seus alunos, significava apenas isso: não havia margem para nenhuma variação.

Com maior freqüência, Freddy executava um retângulo perfeito, a sucessão de manobras meticulosas que proporcionavam uma boa aterrissagem, um processo que envolvia dezenas de elementos de coordenação da mente e corpo. Era absolutamente elementar quando se sabia como fazer, refletiu

McGuire, e um pesadelo de inacurácia frustrante até então.

Os pousos de Freddy estavam se tornando também cada vez mais estáveis: uma descida firme para os números pintados na extremidade da pista e depois a aterrissagem rápida e suave, a roda da cauda tocando no solo ao mesmo tempo que as duas da frente, uma fusão com a pista em que um passageiro comum não seria capaz de distinguir se o avião decidira reduzir a velocidade e pousar por sua própria iniciativa ou se o piloto o conduzira com um complexo conhecimento, tanto na mente quanto no corpo. Era tudo realizado através de etapas lógicas, objetivas, mas mesmo assim, pensou McGuire, não importava quantos alunos já ensinara ou viria ensinar, sempre haveria magia numa boa aterrissagem.

Felizmente a garota não tinha nenhuma passividade. Um piloto com precisão e acurácia não valeria nada se não estivesse sempre alerta, pronto para reagir de imediato a uma mudança nas condições: uma súbita rajada de vento, uma súbita queda no vento, o aparecimento de outro avião fora de rota; uma falha no motor ou qualquer outro dos demônios que sempre estariam à espreita quando homem, máquina e ar se uniam... parte do preço de voar. Ou parte do desafio, dependendo da maneira como se encarava. Se a força de ascensão e a velocidade aerodinâmica eram perdidas, isso representava perigo; mas se perdia as idéias ao mesmo tempo, o piloto estava morto.

McGuire passou as mãos pela caixa de mapa que Freddy lhe dera de presente no Natal. De alguma forma, ela persuadira o pessoal de sua escola a excluí-la de economia doméstica e nutrição e passara a trabalhar na oficina, como ele sugerira quatro anos antes. Quando ela o enganara descaradamente levando-o a dar sua primeira aula de vôo. Ainda podia ver a glória em seu rosto que o levava a dizer ao pai que ela não tinha culpa. A caixa de mapa era um produto de sua aula de trabalhos manuais, de madeira, alta, comprida e estreita, projetada por Freddy, com várias gavetas fundas, cada uma com um puxador de metal e um espaço para uma etiqueta.

A pilha de mapas que Mac costumava folhear se encontrava agora guardada nas gavetas, que deslizavam suavemente, tornando o uso um prazer. Ele lhe dera, como presente, duas horas de vôo no Natal e não sabia quem ficara mais satisfeito com a troca de presentes.

Hoje não seria uma troca, ele pensou, assoviando alegremente na expectativa da expressão de Freddy quando anunciasse que seu presente de aniversário era um vôo pelos campos, o destino à sua escolha, o tempo de vôo a sua oferta. Claro que teriam de voltar antes do pôr-do-sol, pois a pista não era iluminada, e em pleno inverno estaria escuro logo depois das cinco horas.

A escola ainda estava nas férias do Natal, e por isso ela deveria aparecer para a aula no início da tarde, a qualquer momento agora. Depois de uma semana consumida em dar aulas a pilotos em potencial, como o médico local cuja namorada achava que ele parecia com Lindbergh, o banqueiro local cuja esposa esperava que ele parecesse com Lindbergh e o conquistador local que queria parecer com Lindbergh e insistir em usar capacete e óculos de aviador mesmo numa carlinga fechada, era perfeitamente natural, McGuire disse a si mesmo, que estivesse tão ansioso em dar uma aula a alguém que parecia uma mistura da maneira como Carole Lombard devia parecer quanto tinha a sua idade e... ora, por que não admitir, e Amélia Earhart, antes de cortar os cabelos tão curtos.

— Um passeio? Oh, Mac, não posso acreditar! — Freddy transbordava de excitação, pulando como se naquele dia completasse seis anos e não dezesseis. — É o melhor presente de aniversário que já ganhei!

— Mas agora está perdendo tempo — disse ele, reprimindo o sorriso. — Pode se mostrar tão agradecida quanto quiser depois que ficar escuro demais para voar.

— Oh, puxa vida! — exclamou Freddy, no tom de alguém que se lembrou de um impedimento para uma iguaria inestimável.

— Qual é o problema?

— Nenhum — Freddy se apressou em responder. — Está tudo bem.

Apenas preciso chegar em casa a tempo de me vestir. Meus pais vão nos levar para jantar no Brown Derby, pois não permiti que fizessem uma festa dos dezesseis anos. Pode me imaginar numa festa assim?

— Falando francamente, não. E então, para onde vamos?

Freddy já voara para muitos aeroportos em torno de Dry Springs em treinamento de pousos de emergência e alguns a atraíam mais.

— Burbank — ela decidiu, prontamente, escolhendo primeiro o maior e o mais movimentado, o que representava mais desafio — Depois Van Nuys, Santa Paula., um vôo sobre Topanga Canyon... e depois...

— Catalina?

Ele gostaria de vê-la pousar naquele difícil aeroporto na montanha, a pista mais curta da região.

— Não, Mines Field... e depois voltamos.

— Mines Field? Está pensando em se antecipar à Corrida Aérea Nacional?

— Está certo, Mac, só quero dar uma olhada. Estou curiosa, reconheço. Há algo errado nisso? —

Freddy falou com algum embaraço — , enquanto tirava os mapas necessários da caixa, a fim de poder delinear o plano de vôo no papel.

No ar, Freddy compreendeu como progredira em três meses. O terreno, que parecia se projetar em sua direção numa faixa interminável do horizonte às pontas das asas, era outrora desconcertantemente desconhecido. Agora, estava salpicado de pontos de referência amigáveis: fazendas ocasionais; as linhas de estradas de terra; as cicatrizes mais profundas e mais escuras de leitos de rios quase secos, com o verde acolhedor das árvores que cresciam ao longo; conformações particulares da terra seca amarelada do vale de San Fernando; e até mesmo as formas individuais de determinados pontos, onde a vegetação nativa da Califórnia crescia em terra ressequida.

Os olhos de Freddy deslocavam-se constantemente pelo céu e a terra lá embaixo, como Mac lhe ensinara, a cabeça movendo-se de um lado para outro, a fim de que seu conhecimento do que acontecia no céu e no solo fosse o mais completo possível, em todos os momentos. Não ficar atenta ao tráfego era, pelo código de Mac, um erro tão ameaçador à sobrevivência quanto não se certificar de que tinha combustível suficiente antes de decolar. Muitos pilotos experientes deixavam inexplicavelmente de tomar essas precauções elementares e morriam por causa de um momento de distração.

Enquanto ela manejava os controles, Mac manteve-se quieto, deixando-a fazer como quisesse, embora atento a possíveis erros. Não podia haver a menor dúvida, ela era mesmo um autêntico animal voador, nascida para voar como algumas pessoas nasciam para montar em cavalos e outras para nadar. Apostaria o dinheiro que não tinha como um dia Freddy aprenderia tudo o que ele sabia e talvez mais.

Embora Mac não estivesse dando suas instruções normais, Freddy podia ouvir as palavras que ele dissera: "Você voa pela superfície da terra. Alisa-a mentalmente e mantém a fuselagem paralela à superfície sobre a qual está voando. O horizonte não é importante, a menos que tenha uma montanha. Sempre, em todas as ocasiões, deve se manter atenta à superfície da terra."

Freddy ficara desapontada na primeira vez em que ele dissera essas palavras. Imaginara que depois que pudesse controlar um avião experimentaria uma espécie de exaltação intensa, uma libertação da terra. Quanto mais voava, no entanto, mais a terra e o céu se fundiam numa só coisa, de tal forma que sua liberdade existia dentro de uma enorme tigela, em que todas as coisas eram importantes, uma tigela cuja beira era o horizonte, sempre mudando quando se aproximava, atraindo-a a seguir mais e mais adiante, sem fim, porque depois que um horizonte não se encontrava mais à frente outro surgia para chamá-la.

Ela não concordava com Mac que o horizonte não era importante.

Aos olhos de Freddy, a visão do horizonte satisfazia uma necessidade elementar e provocava uma ânsia básica de voar em sua direção e descobrir o que havia além. Sabia que a mesma coisa acontecia com Mac, mas que ele, como seu professor, queria que ela se concentrasse em outras coisas.

Casualmente e tão depressa que ela nem percebeu, Mac puxou o manete para trás, cortando a potência do motor.

— Seu motor acaba de pifar — disse ele, no silêncio súbito. — Onde vai pousar?

— Há um campo não arado na asa direita.

— Onde mais? Esqueça os campos não arados. É muito fácil. Finja que não existem. Vamos supor que este vale está coberto por laranjais. Qual seria sua segunda opção?

— Aquela estrada à esquerda. É bastante larga e não há tráfego.

— Por que não gostaria de pousar naquela faixa entre dois pomares imaginários ali? — indagou Mac, apontando.

Freddy, os olhos deslocando-se do painel de instrumentos para o solo, começou a planar, metodicamente, descendo para o ponto em que iniciaria o padrão de aproximação para um pouso de emergência.

— Gosto mais da estrada... não há tráfego em qualquer direção.

É um pouco mais larga, posso pousar contra o vento e parar depressa. Mais cedo ou mais tarde posso pegar uma carona para a cidade mais próxima e telefonar pedindo ajuda.

— Hum, hum — grunhiu Mac em aprovação, com as mãos na capota da carlinga, enquanto ela efetuava uma manobra perfeita e, quinze metros acima da estrada, planava para o acesso final.

Nesse ponto ele empurrou o manete e o motor voltou a pegar.

Freddy puxou o manche para trás com todo cuidado, a fim de recuperar altitude sem entrar em estol, lamentando como sempre que os pousos de emergência simulados que praticavam com tanta frequência nunca pudessem ser levados até a conclusão. Provavelmente o departamento de estradas não gostaria ou os fazendeiros locais apresentariam um protesto.

Ela aproximou-se de Burbank com cautela. Todas as empresas aéreas com vôos para Los Angeles usavam Burbank; eles podiam se comunicar com a torre de controle, mas ela não tinha rádio e dependia de uma entrada visual no movimentado padrão de tráfego. Alguma coisa em ocupar seu lugar de direito no padrão e esperar até sua vez de pousar lembrava-a da etiqueta formal do curso de dança em que os pais tentaram inscrevê-la e que tivera de suportar por alguns meses angustiantes. Devia ser extremamente polida, como se usasse luvas brancas e o melhor vestido e valsasse numa sala repleta de outros dançarinos, enquanto calculava sua posição apropriada no céu. O aeroporto de Van Nuys, ainda no vale, depois de Burbank, era muito menos movimentado, e ela quase sentiu que só para si quando tocou de leve na pista e, sem parar, tornou a decolar, na direção de Santa Paula.

O aeroporto de Santa Paula tinha apenas cinco anos, uma única pista gramada, margeada por um pequeno rio, ao longo do qual cresciam árvores altas.

— Vamos parar aqui por alguns minutos — sugeriu Mac. — O café tem as melhores tortas do vale.

Depois de amarrarem o avião, Freddy constatou que eram os únicos aviadores no campo. Estava surpreendentemente quieto; nada de sons de motores ou vozes, apenas o vento que sempre sopra nos aeroportos, farfalhando as folhas das árvores. Fazia tanto calor que ela tirou o pulôver azul e prendeu-o na cintura, olhando ao redor, de calça Levi's e camisa branca de homem. Um grosso cinto de couro apertava as calças de brim tanto quanto possível na cintura; ainda assim, ficava folgada em seu corpo esguio, embora não comprida demais, já que Freddy cortara as pernas por cima dos sapatos de tênis.

Santa Paula parecia uma campina bucólica, mas, mesmo que seus olhos estivessem fechados, saberia que era um aeroporto, pois um aeroporto vazio é um aeroporto à espera, e raro é o aviador que pode permanecer longe de um por muito tempo. Está saturado de promessa e excitação, como os bastidores de qualquer teatro vazio antes de um espetáculo.

Freddy e Mac comeram duas fatias de torta de maçã cada um e tomaram café num silêncio pensativo. O balconista lia o jornal, enquanto Freddy tentava impaciente empurrar os cabelos para trás das orelhas e refletia sobre a próxima etapa de vôo com uma curiosidade quase incontrolável. As montanhas de Santa Monica, que ficavam entre o vale de San Fernando e o oceano Pacífico, não se elevavam a mais do que

1.200 metros. Nas curtas lições que tomara até agora, Freddy nunca tivera tempo para sobrevoar aquelas montanhas, e sua experiência de vôo se confinara aos limites do vale.

— Ei, Mac, vamos ou não voar hoje? — perguntou Freddy, quando terminou de comer a torta e levantou os olhos para vê-lo com a expressão de quem pensava em outra coisa, muito distante, perdida no passado.

— Você é quem sabe, menina. O espetáculo é seu.

De volta ao ar, Freddy rapidamente ajustou o curso para sudoeste e começou a subir, mais alto do que jamais voara antes. Planejava cruzar as montanhas no Topanga Canyon. O terreno plano a que estava acostumada mudou de maneira abrupta, as montanhas projetando-se com uma rapidez espantosa por baixo do avião: montanhas selvagens, sem trilhas, em que os afloramentos rochosos, irregulares e ameaçadores, nada tinham a ver com a Califórnia.

Olhando ao redor, Freddy refletiu que poderia estar sobrevoando qualquer área acidentada, perigosa e desabitada do mundo. Em nenhuma parte havia qualquer possibilidade para um pouso de emergência, e ela especulou se não deveria subir mais seiscentos metros, o que lhe daria uma extensão maior para planar se Mac desligasse o motor. Fitou-o, mas ele olhava calmamente para a frente, parecendo entediado. É sempre melhor prevenir, pensou Freddy, decidindo ganhar logo altitude.

— Não precisa se incomodar — disse ele, sorrindo, como se lesse seus pensamentos. — Não farei isso.

Dois minutos depois o desfiladeiro estreito na montanha estava para trás. Como se o planeta decidisse efetuar um gigantesco passe de mágica, surgiu subitamente diante dela uma imensidão de azul, suprema demais para ser imaginária.

Freddy sabia que veria o Pacífico, era evidente no mapa, mas nada podia prepará-la para a visão daquela extensão maravilhosa e cintilante, projetando-se para o infinito, à sua frente. Era um planeta novo e desconhecido. Alguns barcos a vela, lá embaixo, bem distantes, pareciam flutuar para a beira daquele mundo interminável, e Freddy, como se caísse em transe, voou na sua direção. Eram ousados, mas não tanto quanto ela, pois podia sobrevoá-los e deixá-los para trás, pobres criaturas sem asas, dependentes do vento.

Para oeste, ela voou, até os barcos se encontrarem diretamente por baixo, e ainda para oeste, até ficarem muito para trás.

— O Havái é a próxima parada? — perguntou Mac.

A boca de Freddy se abriu, enquanto o encantamento era quebrado. Estava muitos quilômetros fora do curso, voando sem pensar, voando indiferente, encantada, hipnotizada, direto para o horizonte.

— Eu não... como?... oh, desculpe — ela balbuciou, olhando ao redor e começando a fazer a volta para a costa.

— Não se preocupe. Eu a deixei fazer isso.

Ele ficou observando enquanto Freddy se ocupava em recuperar o curso correto, apesar de estar atordoada por seu comportamento.

Havia dois tipos de alunos, pensou Mac, os que viam o Pacífico pela primeira vez, lançavam um olhar rápido e mantinham o curso, como se voar fosse uma mera tarefa e o oceano uma poça, e os que perdiam a cabeça, como Freddy. Do segundo grupo, a maioria ficava tão transtornada ao descobrir que voara para o mar que lhe pedia para assumir os comandos na volta para a costa.

Não demorou muito para que estivessem sobre os cinco hangares e a única pista de Mines Field, onde seria realizada a Corrida Aérea Nacional, dentro de seis meses. Tratores já estavam em ação, prolongando a pista, arquibancadas eram construídas. Freddy circulou a pista e depois, olhando para o relógio, resolveu não descer ali, mas voltar direto pelas montanhas de Santa Monica, a caminho de Dry Springs. Perdera um tempo precioso no vôo pelo Pacífico. Acertou o curso e aterrissou em Dry Springs pouco depois de quatro e meia da tarde do dia de inverno. O sol estava baixo, mas era tão claro que o ar

continuava brilhante. Ao parar no lugar em que o Taylor era sempre amarrado, Mac disse:

— Tenho outro presentinho de aniversário para você. Vou buscar no escritório.

— Já deu o meu presente — protestou Freddy.

Ela sentia-se curiosamente vazia de emoção. O vôo parecia ter consumido todo o seu entusiasmo.

— Não se queixe. Só se faz dezesseis anos uma vez. E enquanto eu dou um pulo ao escritório, Freddy, suba de novo, circule o campo três vezes e desça.

Ele abriu a porta, saltou do avião, bateu a porta sem olhar para trás e afastou-se apressado.

Por um instante, Freddy permaneceu imóvel, observando as costas de McGuire, encaminhando-se para o hangar. Ele dissera para subir sozinha"! Não, não dissera "sozinha", mas era isso o que estava querendo sugerir.

— SIM! — berrou Freddy em vitória para a carlinga vazia. — Sim!

Sim! Sim! — Ela não percebeu que falava em tom sério e autoritário, enquanto taxiava para a extremidade da pista e corria na direção do ponto de decolagem, o manete todo aberto, num êxtase de ímpeto, exortando fervorosamente o avião, enquanto se aproximava daquele instante milagroso e lógico em que teria bastante velocidade e bastante força de ascensão para que as asas se elevassem de maneira irresistível pelo ar dourado, o céu chamando, na direção do sol poente.

Enquanto decolava, subindo depressa, ela era a arqueira, era a flecha. Não olhou um momento sequer para o assento vazio ao seu lado. O tempo existia, mas não para ela. As mãos de Freddy moviam-se calmamente, enquanto alcançava a altitude certa e começava a fazer os ajustes necessários para as inclinações laterais e voltas, o coração disparado com uma alegria que jamais conhecera, o avião reagindo ao contato como se fosse sua própria carne. Os padrões que observara tantas vezes pareciam feitos de um novo material, agora que voava sozinha, os pontos de referência em torno do aeroporto registravam-se em sua mente com um novo significado. Havia uma divindade no momento, uma divindade nas beiras de suas asas, no ronco firme do motor, no conhecimento de que uma máquina e um ser humano, juntos no alto e sozinhos, faziam mais do que uma entidade. Ouviu-se rir e contemplou a estrela vespertina no azul cada vez mais profundo do céu.

Lá embaixo, Mac estava parado na beira da pista, olhando para cima, jamais se desviando da silhueta do avião, cerrando e descerrando as mãos nos bolsos, nervosamente. Por que deixara que ela fizesse o passeio antes de seu vôo solo? Era tarde, e ela estava cansada, provavelmente mais emocionada do que ele imaginava, depois do vôo sobre o oceano. Ontem Freddy tinha apenas quinze anos, jovem demais para o vôo solo, quem poderia afirmar que a passagem de 24 horas a tornara bastante velha hoje? O que estava errado com seu julgamento? E daí se era o aniversário dela... ele poderia adiar para outra ocasião. Poderia e, com toda certeza, deveria.

E, no entanto... no entanto... ela estava pronta. Observando Freddy voar hoje, levava-o a reviver a emoção pura que experimentara quando era um estudante para piloto, uma emoção que acreditava ter esquecido há muitos anos. Pensara que ao se tornar um professor do que fora outrora sua obsessão consumira a alegria na pureza do vôo, mas naquele dia Freddy o fizera reviver a poesia, respirar de novo o ar que o atraía a deixar o planeta. Mas, por Deus, o céu estava se tornando mais escuro a cada segundo. Era quase o dia mais curto do ano. A temperatura devia ter caído uns dez graus desde que haviam deixado Santa Paula. Sentia frio, mas não podia correr para o hangar e pegar o casaco enquanto Freddy estivesse lá em cima. Nunca pensara que um avião pudesse demorar tanto tempo para efetuar três circuitos de qualquer aeroporto.

Freddy continuava a voar. Viu outra vez a estrela vespertina e compreendeu que transmitia uma mensagem, uma mensagem amistosa e importante que ela já aceitara como algo que não podia decifrar, não importava o quanto lhe significasse. Como ansiava em subir pelo céu, até poder contemplar as estrelas da constelação de Capricórnio. Os livros diziam que eram muito distantes, longe demais para serem vistas. Ela não acreditava, nunca acreditaria, pois sabia que voava agora sob Capricórnio, a

constelação de seu nascimento.

Olhando para baixo, ela divisou o vulto de Mac, uma forma escura e solitária na pista. Balançou as asas do avião para informar que o vira, completou o terceiro circuito e, com um suspiro de rebeldia, mas com aceitação, preparou-se para descer.

Mac não se mexeu enquanto Freddy fazia um pouso perfeito, o avião vermelho encostando as rodas da frente na pista suavemente, a pequena roda traseira fazendo contato ao mesmo tempo. Suas mãos ainda se mantinham cerradas enquanto ela taxiava e ia parar não muito longe do lugar em que se encontrava, só relaxaram quando o motor foi desligado. A porta se abriu e Freddy saltou do avião, correu em sua direção e quase o derrubou, com o ímpeto de seu arrebatamento ao abraçá-lo. Ela ardia na noite como os fogos de artifício do Quatro de Julho, os cabelos vermelhos fustigados pelo vento, os olhos tão incandescentes que iluminavam qualquer coisa que contemplassem.

— Consegui! Consegui! — exclamou Freddy, beijando-o por todo o rosto. Ela abriu os braços e olhou para a estrela vespertina, como se a possuísse — Consegui, Mac! Oh, obrigada! Muito obrigada!

Ele descobriu que não podia falar. Sentia-se tão jovem, tão triunfante e tão inebriado quanto ela; as emoções que há muito esquecera lhe obstruíam a garganta, com lágrimas proibidas. Bateu no relógio e sacudiu a cabeça num gesto de advertência.

— Já sei — disse Freddy. — Tenho de ir ou chegarei atrasada. Já estou atrasada. Oh, Mac, não me importo. Está bem, eu já vou, eu já vou. Mas eu voltarei, Mac! Há muita coisa para aprender.

Esquecendo de preencher o registro, ela deu-lhe outro abraço apertado e mais um beijo agradecido, saiu correndo para a estrada, a fim de pegar uma carona para casa. Mac continuou parado na pista. Podia sentir nas faces frias o calor dos beijos impulsivos de Freddy. Os braços fortes da moça pareciam ainda envolvê-lo, a voz transbordando de felicidade ainda lhe ressoava na cabeça. Ele suspirou, sacudiu a cabeça. Começou a amarrar o Taylor, mas parou de repente, esfregou o rosto com um sorriso lento, pensativo, meio espantado. Os doces dezesseis anos, disse a si mesmo, os doces dezesseis anos... então era isso.

Eve teria preferido realizar o jantar de aniversário de Freddy no Perino's, o mais elegante restaurante francês de Los Angeles; mas Freddy estivera uma vez antes no *Hollywood Brown Derby* e se apaixonara pelo lugar, com seu clima tumultuado de show business, picadinho de carne e galinha com creme, garrafas de ketchup em cada mesa, telefones que podiam ser ligados em cada mesa, um conforto que Eve ainda achava inconcebível, não importava quantas vezes fosse ao restaurante.

Eve especulou o que sua mãe ou, diga-se de passagem, a sogra teriam pensado de levar as meninas para um lugar assim. Qualquer das duas damas da velha escola sequer poderia imaginar um restaurante em que, como naquela noite, homens e mulheres a rigor sentavam em reservados nos lados de Tom Mix, que vestia um requintado traje de cowboy e comia uma enorme tigela de *bouillabaisse*; um restaurante em que, todas as noites, os caçadores de autógrafos formavam uma multidão permanente na calçada, em volta do toldo franjado da entrada, à espera que os artistas de cinema aparecessem; um restaurante do qual, como naquela noite, muitas pessoas saíam para as lutas de boxe no Hollywood Legion Stadium, a apenas um quarteirão de distância, às vezes perdendo as notórias lutas a socos que ocorriam regularmente entre alguns dos mais famosos clientes do Derby?

Eve especulou como teria passado seu 16º aniversário. Com certeza houvera um jantar especial da família; talvez lhe permitissem tomar um copo festivo de *Dom Perignon*; possivelmente houvera ainda um chá com *éclairs* e *petit fours* para umas poucas amigas. Não podia se lembrar direito, pois dezesseis anos não era uma idade a que os franceses conferiam muita importância. Aos dezesseis anos uma moça ainda era considerada uma criança; os cabelos ainda caíam infantilmente até a cintura, ela não ia a parte alguma sem uma *chaperone*, nunca pisara num restaurante.

E, no entanto... no entanto... aos dezesseis anos ela não era mais do que uma criança?

Eve sorriu secretamente para si mesma, enquanto contemplava as filhas, empertigadas no lado baixo do reservado, olhando de maneira discreta para os artistas que jantavam ao redor, muitos dos quais cumprimentaram Paul e Eve quando se encaminharam para a mesa, pois o cônsul-geral francês e a esposa eram bastante populares em Los Angeles. Houvera muitos olhares de apreciação quando Delphine e Freddy foram apresentadas, muitos acenos de cabeça ou piscadelas de congratulações endereçados a Paul e Eve à visão de suas filhas.

Naquela noite as duas deixavam-na orgulhosa, pensou Eve, satisfeita. Delphine, com apenas dezessete anos e meio, parecia surpreendentemente sofisticada em seu vestido simples de *chiffon* branco, tendo como ornamentos apenas uma fieira de pérolas e brincos também de pérolas. Mesmo que ela estivesse usando diamantes impróprios, pensou Eve, ninguém perceberia, porque todos estariam absortos na graça com que Delphine empinava a cabeça e na beleza incontestável de suas feições.

Freddy, embora tivesse chegado atrasada da escola, naquela noite entre todas as noites, deixara-se persuadir de alguma forma a ficar com os cabelos caídos em ondas relativamente disciplinadas, em volta do rosto corado e feliz — Eve sempre soubera que ela poderia fazê-lo, se quisesse — usando seu primeiro vestido para a noite, de veludo preto, com um remate largo de cetim branco, fazendo-a parecer mais crescida do que em qualquer outra ocasião anterior. Aquele jantar devia de fato significar muito para ela, pensou Eve, pois Freddy irradiava um novo excitação, um excitação mais intenso do que jamais exibira antes, numa vida repleta de descobertas ruidosas e entusiasmos partilhados na maior ansiedade. Na verdade, Eve compreendeu, Freddy estava tão excitada que mal dissera uma palavra durante toda a noite e já estavam na sobremesa. Ela tocou na mão de Paul e acenou com a cabeça afetuosamente na direção da filha mais nova tão deslumbrante, uma jovem resplandecente, olhos azuis

atônitos e cabelos de fogo.

— Onde ela está? — perguntou Eve, baixinho.

— Nunca saberemos — respondeu Paul.

— Pelo menos sabemos que não é um rapaz.

— Ainda bem.

Delphine, no primeiro ano da UCLA, a Universidade da Califórnia em Los Angeles, saía com rapazes vezes demais para agradá-lo e até mesmo naquela noite, depois do jantar, ia deixá-los para se encontrar com sua melhor amiga, Margie Hall, e comparecer a uma festa de alguma fraternidade estudantil. Se Freddy se interessava por rapazes, ainda não ficara evidente. Agora, aos dezesseis anos, era inevitável que a deixassem sair quando os convites aparecessem, como haviam feito com Delphine. O pai francês nele protestava, mas depois de cinco anos na Califórnia compreendia os costumes da terra e sabia que nada poderia fazer a respeito. Delphine cutucou Freddy.

— Está vendo o que eu vejo? Olhe só quem acaba de chegar! Marlene Dietrich e dois homens... devem ser o marido e o príncipe Felix Rolo do Egito... eles vão juntos a toda parte... Freddy!

— Hem?

— Olhe depressa, pelo amor de Deus, antes que eles passem para o bar! Oh, agora você os perdeu! Eles vão sair dentro de poucos minutos, eu a avisarei.

— Está vendo Howard Hughes em algum lugar? — perguntou Freddy, distraída.

Podia-se contar com Delphine para avistar qualquer pessoa que tivesse a fotografia nos jornais, artista de cinema ou não.

— Não. E por que você poderia querer vê-lo?

— Apenas curiosidade.

— Você parece estranha — comentou Delphine, crítica. — Mãe, não acha que Freddy parece estar com febre?

— Sente calor, querida? — perguntou Eve. — Delphine tem razão... suas faces estão muito vermelhas, e há uma expressão um tanto esquisita nos olhos. Estão brilhantes demais. Talvez esteja começando a ter alguma coisa. O que acha, Paul?

— Ela tem o que é localmente conhecido como "a garota do aniversário", meu bem... sente-se apenas encantada por finalmente completar dezesseis anos. Não é uma febre, mas apenas o crescimento... mais ou menos.

Enquanto os três viraram-se para Freddy e a contemplavam com muita ternura, ela descobriu que não podia esconder por mais tempo seu triunfo.

— Solei hoje — anunciou Freddy, a voz trêmula.

— Você o quê? — perguntou Eve.

— Você o quê? — indagou Delphine.

— Você o quê? — gritou Paul, pois era o único à mesa que sabia o que ela estava querendo dizer.

— Levei um avião para o ar, circulei o campo três vezes e aterrissei.

— Sozinha? — perguntou Paul, embora já soubesse a resposta.

— Tinha de ser sozinha, pai — respondeu Freddy, tentando parecer tranqüilizadora e madura. — De outra forma, não seria um vôo solo.

— Mas não é possível, Freddy, não é possível! — exclamou Eve. — Você não sabe voar. Como pôde subir num avião sem saber o que fazer? Como pôde arriscar a vida? Ficou completamente louca?

— É melhor explicar tudo direitinho, Freddy — disse Paul, furioso, pegando a mão de Eve para acalmá-la.

— É perfeitamente legal — Freddy apressou-se em garantir. — Qualquer pessoa pode solar aos dezesseis anos.

— Isso não é uma explicação.

O tom de Paul era ainda mais furioso.

— Bom... Mãe, lembra quantas vezes nos contou que saiu de casa sem ninguém saber e subiu num balão quando tinha apenas quatorze anos?

— Isso nada tem a ver com qualquer coisa! — retrucou Paul, tão alto quanto podia sem atrair as atenções no restaurante repleto. — Quero os fatos, Marie-Frédérique!

— O avião era Taylor Cub com..

— Os fatos! Como aprendeu a voar?

— Tomei aulas. Oito horas.

— Quando? — indagou Paul, através dos lábios semicerrados. — Quando arrumou tempo para as aulas?

— Nas tardes de sexta-feira.

— Mas é a hora em que dizia estar pintando cenários para a peça da escola — protestou Eve.

— Eu disse uma mentira.

Delphine soltou uma exclamação de espanto, Eve sacudiu a cabeça em incredulidade, e Paul tornou a atacar.

— Como conseguiu o dinheiro para pagar as aulas?

— Eu... eu estava trabalhando na Woolworth's aos sábados, no balcão de balas. Ganhei o dinheiro.

— Mas a equipe de natação, a amiga em Beverly Hills... todos aqueles treinos em sua piscina? — protestou Eve, cada vez mais indignada.

— Menti sobre isso também — confessou Freddy, fitando a mãe nos olhos.

— Onde tomou essas aulas de vôo? — insistiu Paul.

— Em Dry Springs.

— Com o homem que a levou para um passeio naquele dia em que estivemos lá há quatro anos?

— Isso mesmo.

— Como aquele miserável pôde fazer isso sem nos avisar? — A expressão de Paul era ainda mais carrancuda.

— Menti para ele também. Disse que era você quem pagava as aulas. Ele não tem a menor culpa.

— E pode me explicar como conseguia chegar àquele pequeno aeroporto no vale nas tardes de sexta-feira? — perguntou Paul, deixando Freddy na maior aflição, pois até esse momento ainda esperava que não fizesse essa pergunta em particular.

— Eu... ora, todo mundo faz isso, é perfeitamente seguro... pedia carona... mas só a pessoas que pareciam boas.

— CARONA? — explodiram Paul e Eve ao mesmo tempo.

— Não há outra maneira de chegar lá, a não ser de carro — murmurou Freddy, fazendo-se tão pequena quanto possível, olhando para a toalha da mesa.

— Oh, Freddy! — balbuciou Delphine, finalmente chocada.

Mentir não tinha nada demais, todas as crianças o faziam em um momento ou outro, mas pedir carona era uma coisa horrível. Nenhuma moça direita pediria carona. Ela notou Jimmy Cagney passando pela mesa, mas não o acompanhou com os olhos. Aquilo era muito mais interessante.

Houve um silêncio total, ameaçador, prolongado, à mesa. Eve e Paul estavam furiosos demais para se atreverem a falar.

— Eve! Paul! E as belas Mademoiselles de Lancel! Ah, mas que surpresa, que quadro fascinante!

Maurice Chevalier estava parado diante deles, contemplando radiante o belo grupo familiar.

— Oh, *Monsieur* Chevalier, é meu aniversário! — balbuciou Freddy, desesperada. — Não é emocionante? Faço dezesseis anos hoje, e estamos comemorando.

— Mas então devo comemorar com vocês! *Tu permets*, Paul? — Ele sentou na extremidade da banquetta, ao lado de Eve. — Garçom, champanhe para todos. Lancel, é claro. Rosa, se tiver. Isso mesmo,

Paul, eu insisto. — Ele virou-se para Freddy. — Esta é uma grande ocasião, *Mademoiselle* Freddy. Deve estar muito feliz esta noite.

Esperamos grandes coisas de você, minha jovem... não é mesmo, Paul? Não é emocionante, Eve? — Ele virou-se para Eve e sussurrou em seu ouvido: — Uma certa Maddy não ficaria na maior satisfação se pudesse ver o futuro e se contemplar esta noite, cercada por um marido tão galante e por filhas tão adoráveis?

O garçom aproximou-se com uma garrafa de Lancel num balde de gelo.

— Ótimo, aqui está o champanhe. Agora devemos todos fazer um brinde... a *Mademoiselle* Freddy de Lancel e a seu futuro! Que seja glorioso!

Freddy esvaziou o copo. Qualquer coisa terrível que pudesse lhe acontecer agora não poderia ser tão ruim depois de um copo de champanhe. Para voar com a estrela vespertina, sob Capricórnio... poderia haver um preço demais a pagar por isso?

Eve permaneceu acordada depois que Paul finalmente adormeceu. O jantar de aniversário de Freddy acabara logo depois da interrupção de Maurice, e por consentimento mútuo nada mais se dissera a respeito do comportamento inacreditável da menina. O Brown Derby não era o lugar para se realizar uma corte marcial, e o problema podia esperar até o dia seguinte. Ela e Paul sentiam-se cansados e perturbados demais para discutir o assunto enquanto se arrumavam para deitar, mas agora, mesmo cansada, Eve não conseguia dormir. Levantou-se sem fazer barulho, pôs o chambre e foi se sentar junto da janela, entreabrindo a cortina e olhando para o jardim.

Como era possível, perguntou-se Eve, que uma criança tão espontânea, honesta e simples como Freddy sempre parecera ser conseguisse construir uma teia de mentiras tão complexa? Ela levara o que equivalia a uma vida dupla durante meses, desde o início do ano letivo. Como podia ter mentido aos pais que sempre, parecia a Eve, lhe tinham dado as melhores coisas da vida com as mãos abertas e um amor constante? Conseguira ocultar os segredos de Delphine, o que não era fácil, e aparentemente mentira até para o homem que a ensinara a voar.

O que ele podia ter pensado? Que tipo de pessoa irresponsável e imprudente ensinaria uma garota de quinze anos a fazer uma coisa tão perigosa, apenas por dinheiro? Como ele ousava usar o título de professor? Ela ajeitou os pés por baixo do corpo e apertou o chambre na cintura.

Era desconcertante sequer tentar definir a situação, pois havia tantas coisas que não compreendia. Freddy sentara no restaurante, mais atrevida do que se podia imaginar, parecendo orgulhosa do que fizera, nada menos, tentando comparar seu monte de mentiras com o inofensivo passeio da mãe no balão de ar quente em Dijon em... quando fora mesmo?... em 1910, há 25 anos, apenas um quarto de século como o tempo é normalmente contado, mas uma data que pertencia a outro mundo, tão distante quanto Atlântida, aquele mundo eduardiano antes da Guerra Mundial.

Quantos anos ela tinha na ocasião? Quatorze, concluiu Eve, calculando depressa. Ou seja, já era tão velha assim... ou tão jovem assim? Mas escapular da governanta — *Mademoiselle* Helene, tão rigorosa — e tomar emprestado o chapéu da mãe estava muito longe de aprender, por meses de fraude e inverdades, a voar um avião. Só um detalhe, uma inesperada lufada de vento, a fizera perder o chapéu.

Se não fosse por isso, ninguém jamais saberia e ninguém ficaria zangado. De qualquer forma, nenhum mal fora causado por sua ação.

No escuro, os lábios de Eve se contraíram num sorriso que ela não sabia que estava em seu rosto, ao lembrar a imensidade do choque, a surpresa atordoante que experimentara quando abrisse os braços à vista da terra lá de cima, da gôndola do balão, o orgulho que sentira por ser uma das poucas pessoas que conseguira de fato se elevar acima da multidão e ver pessoalmente como o vasto mundo parecia do ar.

Devia admitir que podia sentir alguma empatia em relação a Freddy, se fosse apenas uma questão de querer ver além do horizonte. Sempre compreendera essa necessidade, pensou Eve, relutante.

Era bastante normal querer se sentir livre e especial, particularmente naquela idade.

Mas pilotar um avião sozinha? Havia mulheres que eram aviadoras, é claro. Todo mundo já ouvira falar de Amélia Earhart, Anne Lindbergh e Jackie Cochrane. Suas façanhas eram sempre notícia, mas já eram adultas, não meras garotas, e constituíam uma espécie excepcional de mulheres, interessadas em realizações que pertenciam ao domínio dos homens. Outras mulheres podiam admirá-las, mas não as compreendiam.

Era verdade que Freddy sempre desejara "voar". Dissera isso muitas vezes e demonstrara com suas travessuras ousadas, mas isso não passava de capricho infantil, que uma moça devia deixar para trás ao crescer, abandonando as corridas de patins e os saltos pela janela.

Suspirando, Eve refletiu que poucas vezes se sentira um fracasso tão consumado. A Freddy que descobrira naquela noite não era a filha que conhecia, e isso devia significar que era uma mãe negligente, pouco observadora. Como fora irônico quando Maurice insistira em se sentar com eles e comemorar, imaginando que era tudo alegria para a família Lancel. O que fora mesmo que ele lhe sussurrara? Não prestara muita atenção na hora, tão profundo era o seu choque e a raiva. "Uma certa Maddy não ficaria na maior satisfação..." Uma certa Maddy.

Eve levantou-se, atordoada pela lembrança. Ficou de pé, absolutamente imóvel, escutando as batidas pesadas do coração. Maddy!

Maddy que, sem pensar duas vezes, causara um deplorável escândalo que persistira por muitos anos, um escândalo que causara grande angústia e vergonha para todos em sua família e também, não podia deixar de admitir, acarretara o fracasso para a carreira de Paul; Maddy do vestido vermelho e sapatos vermelhos, das canções de amor, aplausos delirantes, do brilho quente dos refletores; Maddy, que acabara ansiando por toda a glória que o *music hall* podia lhe proporcionar.

Era apenas um ano mais velha do que Freddy agora quando enganara os pais noite após noite em Dijon, tramando para escapular de casa e correr até o Alcazar a fim de ouvir Alain Marais cantar. E inconcebível — para encontrá-lo a sós. Eve corou intensamente na escuridão, enquanto se lembrava da noite em que fora à pensão de Alain. Dois copos de vinho tinto não eram desculpa para o que o deixara fazer ali... e, no entanto, no entanto... ele pedira permissão a cada passo do caminho. Não! Não devia pensar sobre os acontecimentos daquela noite, não deliberadamente, embora nunca pudesse esquecê-los.

Era apenas um ano mais velha do que Freddy quando fugira de casa e fora viver em Paris. Viver em pecado, como todas as pessoas deviam ter sussurrado em vozes chocadas... no mais profundo e negro pecado, embora não parecesse como pecado para uma moça despreocupada que assumira o nome de Madeleine e achava que os *Grands Boulevards* eram seu território; para Madeleine, que ousara e se apresentara em audição para Jacques Charles, fizera-o se sentar e tomar conhecimento de sua presença; para Maddy, mais um nome, apresentando-se num *tour de chant* no Olympia, tão segura de si e de seu direito de fazer qualquer coisa que quisesse, que praticamente expulsara tia Marie-France do camarim quando ela fora lhe pedir que voltasse para casa. Ainda tinha dezessete anos ou já fizera dezoito? Eve ainda podia ouvir suas palavras de desafio.

"Não sou mais uma garotinha a quem pode dar ordens... Como eu poderia me contentar com uma vida como a de minha mãe?... Nada tenho de que me envergonhar." Maddy, que estava absolutamente determinada a se tornar uma estrela, não importava o que acontecesse, que nunca teria deixado o palco se não fosse pela guerra e Paul.

Quando finalmente esquecera Maddy? Quando, em que momento durante todos aqueles anos, tornara-se *Madame la Consule de France*, que cantava apenas para os amigos em festas particulares ou galas beneficentes para muitas obras de caridade em Los Angeles? Quando perdera Maddy?

Andando de um lado para outro do quarto, com apenas um pouco de luar para mostrar o caminho, Eve sentia-se atordoada pela memória despertada. Por muitos e longos minutos, esteve perdida no passado. Voltou ao presente. Paul ainda dormia, mas de alguma forma ela sabia que Freddy estava acordada.

Eve saiu do quarto e avançou pelo corredor até a porta da filha. Uma luz brilhava por baixo. Ela bateu, e Freddy respondeu:

— Entre.

— Não consegui dormir — disse Eve, olhando para a filha, enrascada na cama, em seu pijama de flanela, desamparada e diminuída, segurando um livrete, com uma capa azul e vermelha.

— Nem eu.

— O que está lendo?

— É um manual de aviação para estudantes.

— É bom?

Freddy tentou rir.

— Não há história nem diálogos, apenas muitas descrições detalhadas.

— Diga-me uma coisa, Freddy, esse homem... esse seu instrutor de vôo... ele é... jovem?

— Mac? Nunca pensei nisso. Ele voou na guerra, com a esquadrilha Lafayette, portanto deve ter... ora, não sei. Posso perguntar a ele.

— Não precisa se incomodar. Eu só estava perguntando porque pensei... queria saber quanta experiência ele possuía.

— Mais do que qualquer um. Começou a voar quando era apenas um garoto. Já ensinou a centenas de pessoas. Sabe, mãe, não há realmente nada de extraordinário em solar aos dezesseis anos. Muitos rapazes fazem isso. Pergunte a qualquer um.

— Tenho certeza que está com a razão. Foi apenas... uma surpresa.

— Não parece mais zangada — comentou Freddy, cautelosa.

— Não estou mais. Estive pensando a respeito. Voar significa muito para você, não é mesmo?

— Mais do que posso explicar. Eu não diria tantas mentiras se houvesse algum outro jeito. Sabia que não me dariam permissão para aprender se pedisse.

— Ahn... — Eve refletiu sobre a questão.

— Não teriam deixado, não é mesmo?

— Não. Faríamos com que esperasse.

— Eu não poderia esperar!

— Sei disso.

— Como... como sabe?

— Simplesmente sei. Também já fui jovem, lembra?

— Ainda é jovem, mãe.

— Não tão jovem assim. Nunca mais serei jovem assim... e talvez seja melhor. Com certeza é melhor... e, de qualquer forma, inevitável. O que vamos fazer com você agora, querida?

— Preciso tirar meu brevê de piloto. Não posso mentir sobre isso. Por um lado, prometo não mentir mais... e, por outro, preciso da permissão por escrito de vocês para prestar os exames. Serão mais dez horas de aulas, no mínimo.

— Quais eram seus planos? Trabalhar até poder pagar por tanta instrução?

— Isso mesmo. Eu ia pensar em algumas outras... coisas... não... mentiras para explicar o tempo em que não estaria em casa ou na escola.

— A equipe de tênis? O desfile da Páscoa? A Rainha de Maio?

— São todas boas idéias... exceto pela Rainha de Maio. Se eu não estivesse tão orgulhosa do meu vôo solo e resolvesse contar, aposto que poderia conseguir.

— Até mesmo a autorização por escrito?

— Falsificação — respondeu Freddy, sombria. — Eu faria qualquer coisa.

— Não tenho a menor dúvida. Seja como for, agora sabemos. E considerando tudo, acho que é melhor assim.

— Isso significa que vai me deixar trabalhar na Woolworth's? — indagou Freddy, ansiosa.

— Terei de conversar com seu pai... mas acho que posso fazê-lo compreender. Contudo, não deve haver mais caronas, Freddy. Nenhuma. Absolutamente nenhuma. Promete cumprir isso fielmente?

— Claro que prometo. Mas como chegarei ao aeroporto?

— Se é bastante boa para levar um avião pelo ar, devo presumir que é capaz de guiar um carro nas ruas. A maioria dos rapazes tira a carteira de motorista aos dezesseis anos, não é mesmo? Lembro quando Delphine não falava de outra coisa.

— Oh, mãe!

— Quando aprender a guiar, Freddy, pode levar meu carro emprestado.

— Oh, mãe... você é tão boa para mim! — Freddy jogou-se para cima de Eve e esmagou-a com um abraço apertado. Embora fosse maior do que a mãe, aconchegou-se da melhor forma que podia, precisando do conforto e segurança que o contato proporcionava. Não fora bastante ruim para ser banida da família, como temera durante as últimas horas, sozinha em seu quarto. As duas tinham lágrimas nos olhos.

— Vamos dizer apenas que me sinto grata por certos favores... grandes e pequenos. E agora trate de dormir, querida. Voltaremos a falar pela manhã.

— Boa noite, mãe — murmurou Freddy, parecendo que já planejava passar a noite inteira acordada, regozijando-se por sua sorte.

— Boa noite, querida. O vôo solo foi maravilhoso, não é mesmo?

Posso imaginar... não... posso... lembrar... isso mesmo, à minha maneira, lembrar... como você deve ter se sentido. Parabéns, minha querida. Estou muito orgulhosa de você.

— Vamos, Freddy, está na hora — disse Delphine.

Freddy olhou pela janela para a chuva de inverno que se seguira a seu aniversário e durava há uma semana. Delphine chegara naquele domingo da casa de sua fraternidade e anunciara que estava na hora de fazer a "maquilagem" que prometera a Freddy como presente de aniversário. Freddy não sabia como poderia rejeitar a experiência polidamente, com a desculpa que tinha muito dever de casa. Era evidente que não tinha, e era evidente que devia aceitar aquele presente de Delphine ou ser acusada de ingrata, péssima irmã, alguém que nunca cooperava.

— Vou enrolar uma toalha de banho em você — disse Delphine, depois que Freddy instalou-se na frente do espelho na penteadeira, em seu quarto. — Trouxe sua escova?

Freddy entregou-a com um suspiro silencioso de impaciência; mas quantas amigas de Delphine não dariam qualquer coisa por aquela atenção concentrada?

Delphine, absorta e séria, virou Freddy, deixando-a de costas para o espelho. Escovou os cabelos da irmã para longe do rosto e prendeu-os com enormes grampos de plásticos. Pegou um vidro de limpador, umedeceu um pedaço de algodão com o líquido e limpou o rosto de Freddy, com sua cor intensa de vida ao ar livre. O algodão estava tão limpo quando ela acabou como estivera ao começar, pois Freddy não usava nada sobre a pele.

— Pronto — disse Delphine. — Agora posso começar. — Pegou uma das caixas de base Max Factor que guardava numa gaveta e cobriu as feições firmes de Freddy com uma camada fina, aplicada com extrema habilidade, imprimindo ao rosto uma tonalidade pálida, bem mais clara que a natural. Cobriu o rosto de Freddy com um pó-de-arroz na mesma tonalidade suave de bege e estudou o resultado em silêncio, dando várias voltas em torno da irmã.

Freddy parecia tão pura quanto uma estátua, pensou ela. Uma estátua vigilante, com uma estrutura óssea tão resoluta e inevitável quanto o teto abobadado de alguma grande catedral. Mas ela era irmã de Freddy, não um rapaz... e os rapazes, normais ou excepcionais, não estavam interessados em sair com estátuas de ossos maravilhosos. Não era o que procuravam numa garota.

Embora nunca tivesse feito qualquer comentário para Freddy, Delphine estava preocupada com o fato de que a irmã, aos dezesseis anos, não recebia bastantes convites. Bastantes? Praticamente nenhum. Se uma garota não se tornasse popular aos dezesseis anos, que futuro podia esperar? Freddy ficava em casa em muitas noites de sábado, tentando parecer perfeitamente feliz por se encontrar sozinha com seus insuportáveis livros sobre aviação, mas Delphine sabia que ela devia se sentir profundamente preocupada e era orgulhosa demais para admitir. Freddy dançava de maneira magistral, pois muitas vezes haviam dançado juntas, praticando os mais novos passos, mas quem jamais saberia como ela era leve e coordenada, se nunca saía?

Delphine pegou uma almofada e um estojo redondo de ruge. Bem de leve, aplicou-o delicadamente, misturando-o de forma a parecer natural. Depois, pegou um lápis de sobrancelhas e, com gestos suaves, traçou pequenas linhas castanhas entre os cabelos avermelhados das sobrancelhas de Freddy, escurecendo-as apenas o suficiente para que formassem uma moldura dramática para as órbitas profundas dos olhos de um azul intenso.

Freddy remexeu-se, inquieta.

— Não sabia que tinha todas essas coisas — disse ela. — Sempre usa?

— Claro. Todo mundo usa.

— Eu nunca tinha percebido.

— É esse o ponto. Se está muito óbvio, você fez errado. Mas é toda a diferença. E é muito fácil aprender, Freddy. Quando acabar, vou lhe ensinar exatamente como fazer. Tirarei tudo, farei a metade do rosto e você cuidará da outra pessoalmente. Podemos praticar até você conseguir direito... Não me importo quanto tempo vai levar. Você precisa relaxar e ter a coragem de cometer um erro. Sempre pode limpá-lo.

— É... é muito generoso de sua parte, Delphine.

— Só se tem dezesseis anos uma vez. Este é um grande aniversário, e eu precisava lhe dar uma coisa importante — explicou Delphine, exultante. Ela trabalhou em silêncio por algum tempo e depois acrescentou: — Os garotos da escola secundária são uns chatos.

— Já notei.

— Você tem sorte de ter pulado um ano. Estará na UCLA no próximo outono e lá é outra história. Universitários. Aos milhares. E a maioria não é de chatos.

— Boas-novas. — Freddy ofereceu um sorriso tão inocente quanto podia exibir. Delphine sabia ser adorável quando tentava ser sutil.

— Eles sabem como apreciar uma boa conversa. Ficarão caídos por você.

— Uma notícia ainda melhor.

— Mas só até certo ponto — continuou Delphine, usando as palavras tão habilmente quanto um picador, enquanto pegava a caixinha em que guardava o rímel, seu bem mais precioso.

— É mesmo?

— Sabe como os homens são... Gostam de falar na maior parte do tempo, mesmo com uma garota que é uma boa conversadora.

— Isso é absurdo. Não é um desperdício da outra pessoa?

— Nem tanto. A boa conversa visa no fundo a fazer alguém se sentir brilhante... sabe como é... puxando-o, encorajando-o a se expressar, escutando de maneira criativa. — Delphine mergulhou um pincel num copo com água e depois esfregou-o no rímel preto.

— Se está tentando dizer que falo demais, já sei disso, Delphine.

— Ora, Freddy, não é nada disso. Acontece apenas que os rapazes... até mesmo os que estão na universidade... não são capazes de falar de forma inteligente sobre aviação. Não conhecem coisa alguma a respeito, e certamente não vão querer aprender com uma garota.

— E do que mais posso falar?

— De carros — respondeu Delphine, solenemente.

— Já tentei. Juro que já tentei, mas um carro é uma coisa ridícula. Afinal, para onde a coisa estúpida pode ir, a não ser de um lado para outro de alguma estrada estúpida? É unidimensional demais! Por que os carros deveriam ser tão importantes? — indagou Freddy, com evidente repulsa.

— Se... apenas se... você pudesse não dizer nada sobre aviões e fingir estar interessada em carros, só por algum tempo, os carros podem levar a outras coisas. A maioria das garotas não pode sequer ser semi-inteligente em relação a carros ou motores, e assim você não será muito diferente nesse ponto. E depois... ora, depois a conversa passará para outras coisas.

— Por exemplo? — Freddy estava completamente perplexa, mas disposta a aprender.

— A fraternidade a que ele pertence, suas aulas, professores, o time de futebol americano e o que ele pensa a respeito de suas chances, quais as bandas de que gosta, os filmes novos a que assistiu, quem são suas artistas de cinema prediletas, o que ele planeja fazer depois que se formar, o que ele pensa sobre absolutamente qualquer coisa... até mesmo o que ele lê em histórias em quadrinhos... ora, Freddy, há um milhão de coisas para um homem falar, se você começa com carros e continua a fazer perguntas. — Pestana por pestana, Delphine aplicou o rimei preto, conseguindo fazer, com sua habilidade, que não ficasse muito espesso ou exagerado. Ao final, examinou as pestanas de Freddy, achou que estavam a seu gosto e, lentamente, dramaticamente, transmitiu para a irmã sua percepção mais importante. — Se um homem pára de falar e você não sabe o que dizer em seguida, basta repetir as últimas palavras que ele disse num tom de indagação, como se não o compreendesse.

Ele continuará a falar e dirá mais e mais. Nunca falha. Jamais revelei isso a qualquer outra garota, nem mesmo a Margie.

Impressionada, mas não convencida, Freddy perguntou:

— Basta repetir as últimas palavras? Isso é tudo?

— É, sim. Muito simples, mas os homens não poderão resistir, se fizer direito. Terá uma reputação de conversadora sensacional e com sua aparência, suas pernas espetaculares... eu daria qualquer coisa para ter pernas como as suas... será a garota mais popular do primeiro ano.

— Minha aparência?

— Não olhe ainda para o espelho. Espere até eu acabar. Não arrumei seus cabelos. — Delphine soltou os cabelos de Freddy e escovou-os até ficarem tão perfeitos quanto jamais poderiam ser. Entreabriu a cascata brilhante no lado e depois, com o ferro de frisar que deixara esquentando na penteadeira, fez algumas ondas nos cabelos compridos, ajeitando-os nos lados do rosto de Freddy, com as pontas viradas para dentro. Finalmente aplicou uma camada de batom rosa nos lábios de Freddy e, insatisfeita porque a tonalidade não era mais profunda que a natural da irmã, usou um batom vermelho-claro para cobrir o rosa. Delphine tirou uma echarpe comprida de *chiffon* preto da gaveta da cômoda. Retirou o lençol com que cobrira a irmã e ajeitou a echarpe de tal forma que os ombros triunfantes de Freddy e a vala profunda por cima dos seios foram revelados em sua nudez. Delphine prendeu a respiração, exultante. — Vire-se! — ordenou, como uma fada madrinha.

Ela própria virou Freddy no banco, fazendo-a fitar o espelho.

Freddy contemplou-se num silêncio atônito.

— E então? — balbuciou Delphine.

— Eu... não sei o que dizer...

— Está irresistível! Freddy, está simplesmente deslumbrante!

Não posso acreditar que é mesmo você!

— Não pareço um pouco... velha?

— Parece uma artista de cinema — murmurou Delphine, reverente, concedendo o supremo elogio. — Eu sabia que você poderia, se usasse um pouco de maquilagem. — Delphine inclinou-se sobre sua criação e beijou Freddy no topo da cabeça. Seu gosto era impecável, e Freddy se revelara ainda mais

bonita do que jamais ousara esperar.

Sentiu uma pontada de inveja, mas um rápido olhar para o espelho tranqüilizou-a. Eram tipos tão diferentes que ressaltavam uma à outra. — Vamos mostrar a alguém — suplicou Delphine, puxando a irmã pelo braço.

— Não... não posso. Estou... é um pouco assustador. Preciso de tempo para poder me acostumar. Além do mais, a quem poderia mostrar? A mãe não sabe que você usa todas essas coisas, não é mesmo?

Papai mataria você. E a mim. A mim primeiro, posso apostar.

— Tem razão... Fiquei tão excitada que esqueci. Quando entrar na universidade, Freddy, farei seu rosto a qualquer momento que precisar... essa é a segunda parte do meu presente. — Delphine movimentou-se de um lado para outro, afobada, na maior satisfação, guardando sua bateria de cosméticos, muitos dos quais vira pela primeira vez anunciados em revistas de cinema e pedira pelo reembolso postal.

— Espere um instante, deixe-me dar uma olhada nessas fotografias — disse Freddy subitamente, numa curiosidade abrupta, estendendo a mão para uma pilha de fotografias lustrosas que avistara no fundo de uma das gavetas de cosméticos de Delphine.

— Não são nada! — gritou Delphine.

Mas Freddy já pegara as fotografias e as examinava, uma a uma, vendo Delphine e uma variedade de acompanhantes desconhecidos. Estavam em molduras de papelão que apresentavam os nomes de todos os nightclubs famosos de Hollywood. Havia coquetéis inconfundíveis na mesa diante de Delphine e um cigarro na sua mão, enquanto ela se sentava no Coconut Grove, Trocadero, o salão de baile de Palomar, Circus Cafe e Omar's Dome.

— Mas esses homens... eles não são rapazes da universidade, não é mesmo? — perguntou Freddy.

— Alguns são, outros não — respondeu Delphine, atarantada.

— Ei, espere um pouco... esse sujeito aqui tem trinta anos, nem um dia a menos. Mas até que não é nada feio. Delphine, você fuma e bebe?

— Não muito. Só o suficiente para que eles não pensem que sou uma criança.

— Qual é a idade que eles pensam que você tem? — especulou Freddy, fascinada pela irmã nas fotografias.

Era uma estranha glamourosa, mais velha, aprumada, provocante, sorrindo para os olhos de homens que ninguém na família jamais conhecera.

— Vinte e um anos.

— E como consegue isso? — indagou Freddy, com uma profunda admiração.

— Tenho uma identidade falsa, é claro. Todo mundo tem — respondeu Delphine, evasiva.

Tirou as fotografias da irmã, guardou-as na gaveta e fechou-a.

Freddy insistiu:

— Queria que me respondesse a só mais uma pergunta,

— Só uma?

— Esses homens... eles a levam para dançar em nightclubs, compram orquídeas para pôr em seu ombro e olham para você do jeito como aparece nas fotografias só porque é uma conversadora sensacional? Passa a noite inteira perguntando o que eles acham do time de futebol americano e das histórias em quadrinhos e que tipo de carros possuem?

— Não inteiramente — respondeu Delphine, com extremo cuidado. — Mas é um começo.

Era uma tarde de domingo, em junho de 1936, o dia seguinte à formatura de Freddy na escola secundária; ela estava sozinha num vôo cross-country, o mais longo que já realizara, de Dry Springs a San Luis Obispo, ida e volta. A rota mais direta era ao norte, e um pouco a oeste, sobre a Big Pine Mountain, da serra de San Rafael, através do vale a leste de Santa Maria, passando pelo Reservatório

Twitchell e o Arroyo Grande, diretamente para o aeroporto em San Luis. Uma rota muito mais fácil seria seguir a costa para o norte e virar para leste em Pismo Beach, mas não lhe proporcionaria qualquer prática de navegação, e durante os meses que trabalhara com Mac para tirar o brevê de piloto particular, obtido pouco mais de um mês antes, Freddy estudara navegação com todo o afinco de que era capaz.

A navegação, a navegação de absoluta precisão, era, depois que se podia voar, o passo essencial seguinte para se tornar um autêntico piloto. Não era algo misterioso, refletiu Freddy, como imaginara a princípio. Basicamente, significava voar com o conhecimento de sua posição em todos os momentos, um conhecimento adquirido pela constante observação da terra e seus pontos de referência, comparando no mesmo instante com a carta aberta nos joelhos e permanecendo nos cursos da bússola magnética que determinara antes de decolar. Os ventos lá no alto podiam desviar um avião do curso em poucos minutos de desatenção, e por isso Freddy se mantinha alerta aos pontos de referência que deveriam surgir à direita, à esquerda ou diretamente por baixo das asas. Se havia o menor desvio, ela logo ajustava a bússola, efetuando uma correção para o vento.

Ao passar pela cidadezinha de Ojai, que se encontrava exatamente onde deveria, Freddy permitiu que sua mente se voltasse para o futuro. A partir do dia seguinte começaria em seu emprego do verão, trabalhando seis dias por semana na padaria Van de Kamp, na esquina da Beverly com a Western. A cadeia de padarias, que começara com um doce de fabricação caseira chamado "Darling Henrietta's Nutty Mixture", possuía agora cem lojas na forma de moinhos de vento, espalhadas por toda Los Angeles. Começaria a trabalhar às seis horas da manhã, quando a padaria abria, sairia às duas da tarde, quando entrava o turno da tarde-noite. Por causa do horário inconveniente e da semana de seis dias, seria bem remunerada, 25 dólares por semana, tanto quanto uma secretária experiente poderia ganhar. Para Freddy, significava que poderia voar várias tardes por semana, além dos fins de semana.

Freddy soltou um gemido. Seu destino obviamente seria vender balas, biscoitos e doces, tudo o que detestava, mas aquelas coisas doces pareciam ser dos poucos negócios a salvo da Depressão. De qualquer maneira, a asfixia diária nos vapores de açúcar quente era um problema insignificante, quando representava dinheiro para suas horas de vôo no verão e sobraria o suficiente para começar, apenas começar, só começar, a economizar para dar entrada num avião.

Hoje ela desfrutava a satisfação de voar no mais novo avião de Mac, um monoplane Ryan STA amarelo brilhante, com um motor Menasco C-4 de 125 cavalos, um aparelho mais potente do que o Taylor Cub, e que ela só pilotara cinco vezes antes. O pai lhe dera uma fieira de pérolas verdadeiras como presente de formatura, mas a mãe, bênçãos sobre sua cabeça, oferecera dinheiro, o suficiente para Freddy pagar três daqueles longos vôos cross-country, o de hoje sendo apenas o começo. As pérolas constituíam a primeira jóia valiosa que já possuía. Talvez, especulou Freddy, pudesse empenhá-las.

Ela sabia que não podia esperar qualquer ajuda financeira futura do pai. Ele estava mais do que disposto a lhe comprar um jogo de dispendiosos tacos de golfe ou um título de sócia em algum clube de tênis... até mesmo pagaria aulas de bridge, se fosse esse o seu capricho. Graças à mãe, ele acabara concordando em não se opor formalmente aos seus vôos, mas deixara claro que não contribuiria com coisa alguma para isso, nem mesmo sob a forma de um empréstimo. Ele esperava, obviamente, ao lhe dificultar as coisas, apressar o momento em que ela perderia o interesse.

Parecia não haver sentido em dizer ao pai que estava determinada a possuir seu próprio avião. O mais barato dos três aviões, o Taylor, o Porterfield Zephyr ou o Aeronanca Highwing, custava quase 1.500 dólares, com uma entrada de 450 dólares. Uma fortuna!

Delphine ganhara um cupê Pontiac novo, de seiscentos dólares, por seu 18º aniversário, o que a tornara a inveja da metade da turma da vizinhança. Em termos de carros, querer comprar um avião barato era como desejar possuir um Packard, o carro mais caro da América.

Era evidente que ela teria de procurar um avião de segunda ou terceira mão que pudesse reformar, um avião preço de barganha e em condições de pagamento a longo prazo.

Se não possuísse seu próprio avião, perguntou-se Freddy, espiando o pico da Big Pine Mountain bem no curso e começando a ganhar altitude, que futuro haveria para ela na aviação? Ou, mais exatamente, nas competições?

Competições... Sabia que não tinha a menor chance de conseguir entrar em qualquer das competições de velocidade, que cobriam uma distância relativamente curta, com os aviões seguindo retos para a frente, como cavalos de corrida. Também não podia entrar nas competições de circuito fechado, em torno de postes fixos. Só os aviões com uma potência muito maior do que qualquer um que ela pudesse sonhar possuir tinham possibilidades nas diversas competições de velocidade, e mesmo assim apenas quando eram conduzidos por pilotos com experiência de corridas. Durante os últimos anos, aumentara tão depressa o interesse pelas competições de velocidade no mundo da aviação que alguns recordes só se mantinham por poucos dias, antes que outro piloto conseguisse superá-los.

Mas havia as competições de cross-country realizadas na região de Los Angeles, em que os aviões voavam de um ponto de reabastecimento para outro, na direção de um objetivo que podia estar a centenas de quilômetros de distância. Cada avião tinha um handicap, baseado em seu melhor desempenho possível, a fim de que o vencedor fosse o piloto que passasse menos tempo no ar, o piloto que se mostrasse mais hábil na competição, aproveitando os ventos, a bússola e as cartas da melhor maneira, o piloto mais preciso, o piloto mais engenhoso, o piloto de mais recursos... e às vezes o de mais sorte.

Mas que droga, ela nascera tarde demais! Amy Johnson, a aviadora britânica, cuja carreira Freddy acompanhara com paixão, começara a voar em 1928. Quando a jovem de Hull tinha apenas 75 horas de vôo a seu crédito, decolara de Croydon, nos arredores de Londres, num pequeno e frágil De Havilland Moth de segunda mão, seguindo para a Austrália. Uma tempestade de areia obrigara-a a fazer um pouso de emergência no deserto; quebrara uma longarina ao aterrissar em Bagdá; perdera um parafuso a caminho de Karachi; ficara sem combustível em Jansi, onde tivera de pousar num campo de manobras militares, em meio a um grupo de soldados em fuga; voara através de uma monção entre Calcutá e Rangum, onde tivera de substituir a hélice pela reserva que levava. Na última etapa, passando pela Indonésia, lutara com um motor falhando e a visibilidade precária no mar de Timor, até chegar a Darwin, onde fora aclamada como a primeira mulher a voar solo da Inglaterra para a Austrália e se tornara uma heroína internacional.

Isso sim era voar, meditou Freddy, o culto à heroína se convertendo em ansiedade ao lembrar que Amy Johnson realizara sua façanha quando ela, Freddy, tinha apenas nove anos e sequer subira num avião.

Amy Johnson seguira seu primeiro triunfo com um recorde em avião leve no percurso de Londres a Tóquio e depois conhecera e casara com um piloto desconhecido chamado Jim Mollison, que se tornara famoso ao voar da Austrália para a Inglaterra em nove dias. A lua-de-mel de dois dias fora seguida imediatamente pelo vôo de Jim Mollison através do Atlântico, de leste para oeste, quebrando diversos recordes no processo, enquanto Amy se ocupava em bater seu próprio recorde no vôo solo de Londres para a Cidade do Cabo em onze horas.

Que maneira gloriosa de casar, pensou Freddy, com um suspiro.

Não conhecia ninguém que concordaria com ela, mas se sentia totalmente fascinada pela idéia de dois recém-casados determinados partindo em direções diferentes, cada um em busca de um novo recorde para quebrar. Sorte de Amy Johnson, que conhecera um homem que compreendia a coisa de que ela mais gostava.

Nenhum dos rapazes que Freddy conhecera e com quem saíra durante o último ano tinha o menor interesse por aviões. Pusera em teste o conselho de Delphine e dera certo. Contudo, ser uma boa conversadora sujeitara-a a muitas histórias de uma vida insípida... não valia a pena ser popular, em sua opinião. Fora beijada, é verdade; e várias vezes. Não era grande coisa, pensou Freddy, sacudindo a cabeça na lembrança desapontada de lábios tímidos sobre lábios tímidos, braços desajeitados em volta

de ombros igualmente desajeitados.

Ela permitira os beijos, a fim de não desapontar Delphine, mas havia muitas coisas importantes para as quais estava atrasada, resmungou Freddy para si mesma, enquanto esquadrihava o horizonte. Fazia seis anos que Ruth Nichols quebrara o recorde de velocidade de sua amiga e rival, Amélia Earhart; dois anos depois, em 1932, Earhart voara solo através do Atlântico; em 1934, Marie-Louise Bastie, da França, tornara-se a primeira mulher a efetuar uma viagem de ida e volta entre Paris e Tóquio; em setembro de 1935, Laura Ingalls voara sem escala de Los Angeles para Nova York, quebrando o recorde de Earhart nesse percurso em quase quatro horas.

Oh, merda, não estava tudo já feito? Amy Johnson voara num avião menor e menos potente do que aquele Ryan por mais da metade ao redor do mundo e agora, oito longos anos depois, onde estava ela, Freddy, apenas no curso do Reservatório Twitchell, uma massa de água fedorenta e artificial, não um oceano, um mar, um deserto ou mesmo um grande rio. Nesse ritmo nunca sairia da Califórnia!

No pequeno aeroporto de San Luis Obispo, Freddy comeu o sanduíche de almoço que trouxera e reabasteceu, registrando preocupada que a gasolina de aviação estava a vinte cents o galão. Quando finalmente obtivera o brevê de piloto particular, a mãe insistira em sair com ela e pagar um seguro de acidentes pessoais, além de responsabilidade pública e danos à propriedade. Sem o seguro, que custava cem dólares, ela não poderia continuar a voar; mas Freddy tinha de pagar a gasolina do seu próprio bolso.

Era uma paixão terrivelmente cara, assim ela se sentia em relação aos aviões. Freddy invejava as mulheres que tinham alguém para sustentar seus vôos. Floyd Odlum estava por trás da esposa, Jackie Cochrane; Jean Baten, a grande aviadora da Nova Zelândia, fora patrocinada por Lorde Wakefield, que também ajudara Amy Johnson; Anne Morrow tinha o marido, Charles Lindbergh, para ensiná-la a voar; e Earhart tinha o apoio do marido, o devotado George Putnam.

Não haveria um homem em algum lugar, rico e de preferência bastante velho, sem inclinações românticas, que gostaria de promover a causa da aviação americana ao pagar suas contas?

Não, não havia, respondeu Freddy a si mesma. Talvez pudesse ter havido se ela começasse dez anos antes, quando as mulheres começavam a fazer suas marcas memoráveis no ar, mas agora os grandes dias das pioneiras pertenciam ao passado. Ora, ela podia estar atrasada para a fama, mas ainda havia alguma coisa para fazer, e haveria de descobri-la!

Ela sabia tão certamente quanto sempre soubera que iria voar.

Acertara em relação a isso, pensou, correndo os olhos pelo pequeno e desconhecido aeroporto rural que nunca vira antes e que encontrara sem desperdiçar um quilômetro de céu, como se houvesse placas e flechas suspensas no ar.

No verão passado, ela ainda nem começara a aprender a voar e agora já era uma aviadora experiente. Se tivesse tempo, os mapas e dinheiro para gasolina e comida, levaria o Ryan direto ao Alasca ou até a extremidade da América do Sul. Poderia começar naquele instante mesmo, não precisando saber mais nada além do que já sabia. Sabia o suficiente para um vôo assim. Isso era o essencial. O restante se ajustaria... daria um jeito para que acontecesse.

Freddy agradeceu ao rapaz que abastecera o avião, demorou-se a escovar os cabelos e tornou a subir no Ryan amarelo, com o coração leve.

Várias horas depois, Freddy estava quase chegando a Dry Springs. O vôo de volta fora tão monótono que se sentira tentada a fazer alguns desvios e parar em Santa Maria e Santa Barbara, só para desfrutar o ambiente do aeroporto e conversar um pouco sobre aviação com quem encontrasse na pista, mas sabia que Mac teria calculado a duração do vôo e se preocuparia se ela atrasasse. Navegara com tanta precisão, e os ventos haviam sido tão favoráveis que estava uns vinte minutos adiantada.

Ainda havia tempo, compreendeu ela, com um tenso entusiasmo.

Era o tipo de dia perfeito, com visibilidade ilimitada. E ainda se encontrava muito longe de Dry Springs para que alguém a visse. Não havia outro avião nas proximidades. Era o destino, pensou Freddy, obviamente o destino, que lhe proporcionava aquela oportunidade de experimentar algo que estudava há meses, em seu precioso manual do piloto, de Jack Hunt e Ray Fahringer. Viu a página de introdução ao capítulo de "Fase acrobática" à sua frente. Memorizara cada palavra.

Em primeiro lugar, acima de tudo, o aluno deve compreender que é sempre "uma parte do avião" depois que prende o cinto de segurança. A partir desse momento, independente da posição que o aparelho possa assumir, vertical ou invertida, o piloto está sempre sentado na mesma posição relativa ao a-vião... e os controles reagem de acordo. Isso sendo compreendido, é evidente que o piloto precisa apenas "observar" para onde está indo e "voar" o aparelho. É exatamente o que tem feito em todo o seu vôo normal...

O que podia ser mais claro do que isso? Mais tranquilizador?

...o *loop* é a manobra acrobática mais fácil de realizar e também a menos complicada... mantenha o manete em RPM normal de cruzeiro. Agora, leve o avião num mergulho suave... assim que obtiver velocidade suficiente, puxe o leme de profundidade e inicie o arco para cima do círculo...

Já voara mil *loops* em sua mente, pensou Freddy, enquanto levava o Ryan para 1.500 metros, uma altitude absolutamente segura para realizar a manobra. Podia recitar a lista constante do manual de falhas habituais dos alunos de trás para a frente no sono. Os diagramas inequívocos estavam gravados em seu cérebro. Ainda não executara um *loop* de fato. Não num avião. Mas naquele dia estava voando o avião de escol, com o motor de escol, preferido por Tex Rankin, o campeão nacional de acrobacia aérea. O próprio Rankin não dissera que a precisão acrobática fazia com que um piloto se tornasse mais seguro? E não devia a si mesma fazer algo especial para comemorar? Comemorar sua formatura. Comemorar o brevê de piloto no mês anterior. Comemorar a conclusão a que chegara hoje de que não se deixaria intimidar pelas figuras impressionantes de Amy Johnson, Earhart e Cochrane. Claro que sim!

Cautelosa, Freddy lançou o Ryan num mergulho. Assim que alcançou a velocidade necessária, começou a puxar para cima a proa do avião. Gradativamente, puxou o manete, até o máximo, a fim de obter a potência máxima. Cento e vinte e cinco cavalos inesgotáveis obedeciam ao seu comando, galopando para a frente à pressão mais leve de sua mão. Que alegria, depois de horas de navegação meticulosa, com seus prazeres puros, austeros, matemáticos, executar aquele salto impetuoso para o ar, com o coração disparado.

Ela manteve o Ryan no arco do círculo e ao alcançar a posição parcialmente de cabeça para baixo inclinou a cabeça para trás a fim de observar a proa do avião cruzar o horizonte. Era uma criança num balanço que pode passar por cima, que pode escapar às limitações de gravidade por um momento ofuscante de exultação. Enquanto o Ryan completava o *loop* e tornava a subir, Freddy descobriu-se a rir com a vertigem de uma criança, mas ainda assim no controle total do avião. Fez outro *loop*. E outro. E outro. Só depois de uma dúzia de *loops* é que pôde se persuadir a parar e mesmo assim só por se lembrar como estava perto de Dry Springs.

Sobriamente, voando como um cavalheiro idoso num passeio de carro dominical, exceto pelo sorriso incontrolável no rosto, foi aos poucos perdendo altitude e efetuou o pouso impecável habitual.

Correu os olhos pelo campo. Estava tudo quieto. Vários outros aviadores se encontravam em atividade, alguns decolando para uma volta ao pôr-do-sol, outros guardando seus aviões. Não havia ninguém no hangar da escola de McGuire. Freddy amarrou o Ryan e encaminhou-se para o escritório, arrogante como um pirata, cantarolando *Till We Meet Again*. Estava preenchendo o registro de vôo

quando ouviu o Taylor Cub pousar e o motor ser desligado.

— Mas que diabo você pensava que estava fazendo? — berrou Mac, ao entrar no escritório, furioso, levantando a mão para agredi-la.

Freddy recuou, apavorada, pondo a mesa entre os dois. Ele baixou a mão e gritou, com uma violência que ela nunca imaginara que fosse possível.

— Responda!

— Estava praticando... *loops* — balbuciou Freddy.

— Como pôde se atrever a fazer uma coisa assim? Poderia ter se matado! Será que não entende isso, sua garota estúpida?

— O livro diz...

— Que droga de livro?

— Meu *Manual do aprendiz de piloto*... Está tudo lá, Mac, tudo em detalhes... Eu sabia exatamente como fazer, é a manobra mais fácil do livro, tomei todas as precauções, e o avião é apropriado para todas as acrobacias... — As palavras de Freddy foram interrompidas pela fúria nos olhos de Mac.

— Já chega, Freddy! Ninguém, mas ninguém mesmo, tem permissão para começar a fazer acrobacias sem um instrutor e um pára-quedas!

Nem mesmo foi bastante esperta para saber que todos os aviões que se encontravam no ar esta tarde num raio de oitenta quilômetros podiam vê-la claramente, sua garota estúpida e arrogante! Nunca testemunhei tamanha exibição de negligência criminosa! Poderia ter perdido seu brevê pelo que fez. Poderia ter apagado e caído, sua idiota! O Ryan alcança 450 quilômetros horários no fundo do *loop*.

Por acaso sabia desse detalhe, Freddy? — Mac cruzou os braços, os punhos cerrados, os lábios comprimidos, fitando-a irado, enquanto esperava por uma resposta.

Freddy olhou ao redor do escritório, à procura de um lugar para se esconder; não encontrando nenhum, jogou-se contra uma parede, cobrindo o rosto. Estava impotente para conter a tempestade de soluços profundos que a sacudiram. Mac tinha razão, ela errara e não tinha o que dizer. Tudo o que sentia era a humilhação mais total e vergonhosa. Não teria o menor significado dizer que estava arrependida. O crime era grande demais. Ele a odiava. Sufocada pelo mais amargo sentimento de culpa, Freddy chorou mais e mais, batendo com os punhos na parede, num remorso inútil e abjeto. Finalmente, depois de longos minutos, pôs as mãos diante do rosto e começou a cambalear para fora do escritório, o mais depressa possível, precisando apenas alcançar o santuário do carro da mãe.

— Volte aqui! — berrou Mac.

Ela não parou. Não podia mais suportar a raiva de Mac. Ele segurou-a, obrigou-a a virar-se e baixou-lhe as mãos.

— Alguma vez vai fazer isso de novo?

Ela não podia falar, mas sacudiu a cabeça de uma maneira que não deixava margem para qualquer dúvida e desvencilhou-se, seguindo para o carro. Mac tornou a segurá-la.

— Não vai guiar para lugar nenhum até recuperar o controle! Vamos, sente-se aqui e pare com isso!

Freddy enxugou os olhos e assoou o nariz, ainda trêmula, os soluços diminuindo. Mac ficou de costas para ela, olhando pela janela para os aviões que pousavam, um a um. Os aviadores de domingo voltavam à terra, relutantes. Finalmente Freddy foi capaz de falar:

— Posso ir para casa agora?

— Não, não pode. Não enquanto não deixarmos tudo acertado. Por que fez aqueles *loops*?

— Eu estava me sentindo... feliz.

— E por isso resolveu fazer uma acrobacia?

— Isso mesmo.

— Por que fez tantos *loops*?

— A sensação era maravilhosa. Adorei.

— Promete que nunca mais fará isso?

— Prometo.

— Não acredito em você.

— Mac! Juro que não farei mais. Como posso convencê-lo? Aprendi a lição... não sou uma mentirosa. Não confia em mim?

— Não, não confio. Não acho que seja desonesta. Penso que acredita sinceramente que não vai fazer outra acrobacia, mas um dia, em algum lugar seguro, quando tiver certeza que eu estou a trezentos quilômetros de distância, a tentação será forte demais e não poderá resistir. Agora que começou, não conseguirá mais parar. Sei como são essas coisas. É inevitável que torne a acontecer, não importa o que você diga.

— Não posso impedi-lo de pensar o que quiser — murmurou Freddy, angustiada.

Isso significava que ele nunca mais a deixaria usar o Ryan.

Voltaria a voar o Taylor, mais lento e menos potente, se é que ele a deixaria usar qualquer dos seus aviões.

— A acrobacia aérea é uma ciência, Freddy, não uma explosão de alegria idiota. A imprudência é intolerável. Imperdoável. A acrobacia aérea exige mais trabalho e mais prática de precisão repetitiva do que qualquer outra forma de vôo.

— Sei disso, Mac. Nem sonharia... — Freddy começou a explicar, desolada.

Ele alteou uma sobrancelha, numa expressão cética.

— Nem sonharia? É exatamente o que vai fazer. Eu a conheço muito bem, menina. Se há uma coisa com que posso contar é você sonhar. Vou lhe ensinar acrobacia aérea. É a única maneira de ter certeza que na próxima vez em que tentar alguma coisa como hoje pelo menos saberá o que está fazendo.

— Mac?... Mac?

— E agora saia daqui. Vá para casa.

Enquanto observava Freddy se afastar, McGuire pensou que nunca chegara tão perto, em toda a sua vida, de agredir uma mulher. E quando ela chorara tão desesperada, nunca quisera tanto confortar alguém. Oh, Deus! Aquela garota era mais encrenca do que valia.

Mas aqueles *loops* haviam sido muito bons... E se ele não lhe ensinasse acrobacia aérea, alguém mais o faria.

Eve folheou as páginas do jornal matutino, enquanto relaxava, na copa ensolarada. Paul já partira para o consulado; as duas filhas estavam na escola; as criadas eficientes encontravam-se ocupadas com os preparativos do almoço que ela ofereceria naquele dia a algumas mulheres da comunidade francesa; ontem ela colhera as rosas no jardim e as espalhara pela casa e agora podia, pelo menos por algum tempo, dedicar-se à verificação ociosa das notícias do mundo ou pelo menos a visão do mundo que o jornal de Los Angeles considerava importante.

Era maio de 1936. A França estava paralisada por greves, depois da vitória eleitoral da Frente Popular, cujos membros incluíam uma quantidade surpreendentemente grande de socialistas e comunistas; a guerra de Mussolini contra a Etiópia acabara e um vice-rei italiano reinava sobre milhões de quilômetros da África do Norte; a Wehrmacht de Hitler ocupara a antiga zona desmilitarizada da Renânia, em desafio à Liga das Nações, um movimento condenado pela Bélgica, Inglaterra, França e Itália, embora não se fizesse coisa alguma para detê-lo. Em Los Angeles, a notícia de primeira página era o casamento de Douglas Fairbanks, Senhor e *Lady Sylvia Ashley*.

Com alívio, Eve concentrou-se na notícia sobre o casamento. Ali estava uma mulher que, segundo os rumores, era filha de um lacaio, uma mulher que por algum tempo fora uma *starlet*, o que quer que isso significasse, numa revista teatral em Londres, depois conseguira casar com o herdeiro do título e fortuna do Conde de Shaftsbury. Agora, oito anos depois, divorciada de Lorde Ashley, ela acabara de conquistar um dos maiores artistas de cinema de Hollywood.

Eve inclinou-se fascinada sobre a fotografia do casamento civil em Paris. *Lady Ashley* tinha uma suprema elegância, não se podia negar. O casaco de lã tinha uma enorme gola de zibelina escura; o *corsage* de quatro enormes orquídeas estava preso sob um colar de diamantes e pérolas; as unhas estavam pintadas de um vermelho tão escuro quanto o dos lábios sorridentes. Sob as sobrancelhas depiladas, os olhos eram longos, quase orientais. Apesar das feições clássicas, ela não pode realmente ser considerada bela, e Eve percebeu alguma frieza no rosto. Ao seu lado, um Fairbanks bastante bronzeado sorria radiante, com a alegria de um homem que obtivera o seu desejo mais profundo.

O casal era triunfante. Elevara-se sem esforço acima do escândalo do divórcio de Fairbanks de Mary Pickford, cruzara o mundo no iate dele por um ano antes do casamento, e as recompensas por seu comportamento eram a adulação e inveja. Eve especulou, enquanto estudava a fotografia de uma mulher tão visivelmente envolvida pelo luxo e adoração, tão cobiçada pelos homens que faziam qualquer coisa para conquistá-la, quantas donas-de-casa americanas, que se declaravam chocadas pelo casamento, estariam dispostas a trocar de lugar com *Lady Ashley*. Milhões? Dezenas de milhões?

Ela jogou o jornal na cesta de papel. Os tempos haviam mudado, os padrões haviam mudado, e ela, que fora julgada com tanto rigor, devia fazer um esforço para não se tornar muito rigorosa.

Por outro lado, havia Delphine e Freddy; e se ela não precisava ter nenhuma opinião sobre as *Sylvia Ashley* desse mundo, pelo menos tinha um dever com as filhas. Delphine flutuava com muita facilidade ao longo dos anos que, para Eve, haviam sido repletos de rebelião reprimida. Não podia deixar de admitir que Delphine era como uma criança frívola e indulgente, com a condescendência de uma coquete nata, embora não houvesse um único elemento mesquinho em sua personalidade. Era uma virtuose no relacionamento com o sexo masculino, mas parecia não sentir qualquer prazer em fazer um homem sofrer por sua causa. Era uma jovem afetuosa e volúvel; caprichosa, é verdade, mas essencialmente boa. Inegavelmente, Delphine parecia não ter convicções morais profundas; mas em sua idade, naquela cidade em particular, será que alguém tinha?

Eve sentia saudade de Delphine, que fora morar na casa de sua fraternidade na UCLA. Paul insistira para que ela continuasse em casa, mas o campus era de fato muito longe para as viagens diárias de ida e volta. De qualquer forma, parecia a Eve que a filha mais velha seria muito mais feliz cercada por moças de sua idade. Se permanecesse em casa, perderia a oportunidade de fazer boas amizades... e, pelo que se dizia, eram as amizades da universidade que perduravam pelo resto da vida.

Ela sentia-se extremamente satisfeita por Freddy ainda estar na escola secundária. Quando fosse para a UCLA, no outono próximo, Freddy também poderia ingressar numa fraternidade e querer morar lá, mas Eve torcia secretamente para que isso não acontecesse. Detestava o sistema americano, contra o qual não se podia protestar, que tirava as crianças de casa quase automaticamente, mas pelo menos Freddy não ia querer estudar em qualquer lugar que fosse muito longe de seu precioso aeroporto de Dry Springs.

Por outro lado, preocupava-se por Freddy perder tanto da gloriosa diversão de ser jovem que Delphine desfrutava. Não podia se lembrar de nenhuma amiga íntima de Freddy durante os anos da escola secundária, exceto, é claro, a tal amiga imaginária em Beverly Hills. Os interesses de Freddy eram muito diferentes em relação às suas colegas. Ela parecia jovem demais para se deixar arrebatada por uma paixão pela aviação, jovem demais para ser tão determinada. Se ao menos Freddy fosse um pouco mais como Delphine, e Delphine um pouco mais como Freddy... Você é uma tola, disse Eve a si mesma, encaminhando-se para a cozinha, a fim de verificar se tudo corria bem. Graças a Deus, pensou, enquanto começava a inspecionar as lavandas, a anfitriã não era obrigada a usar um chapéu, ao contrário das convidadas. Era uma coisa a menos com que se preocupar.

Delphine apagou o cigarro e correu os olhos pelo quarto de sua melhor amiga e irmã de fraternidade, Margie Hall. O quarto, luxuoso, recém-decorado, todo em branco e rosa, era um monumento à juventude imaculada. Não combinava com os cachos curtos e louros de Margie, o corpo jovem e sensual ou os olhos verdes insinuantes, mas, como dizia a amiga, se serve para manter sua mãe a distância, então pode-se tolerar a decoração.

A mãe de Margie acabara de se divorciar do terceiro marido e já casara com o quarto. Aquela era a terceira vez em que o quarto de Margie na casa em Bel Air era redecorado desde que ela e Delphine haviam se tornado amigas, seis anos antes. Era o método do antigo Sr. Hall de confortar a filha por qualquer aflição emocional que pudesse estar sentindo; e para Margie, era sem dúvida uma forma mais aceitável do que a compaixão. E talvez o próximo divórcio propiciasse um decorador mais sintonizado com os gostos de Margie.

A mãe de Margie encontrava-se na Europa, em sua mais recente lua-de-mel; o pai, segundo os rumores, estava no México, mas fazia muitos anos que não recebia notícias dele. O casal que cuidava da casa e não fazia perguntas estava, como sempre, escutando rádio, em seus aposentos por cima da garagem. Delphine e Margie aprontavam-se para uma de suas freqüentes "dormidas em casa", para as quais Eve concedera aprovação à diretora da casa da fraternidade.

Eve não podia desaprovar Margie apenas por causa de sua vida doméstica atribulada. Segundo as freiras do Sagrado Coração, interrogadas por Eve, Margie Hall era obediente, pontual, polida e estudiosa, obtendo boas notas. Um tanto animada, é verdade, mas era uma bênção, considerando-se a mãe, que a criança não ficasse deprimida, com facilidade. Os cabelos? Ora, eram naturais, não pintados. Infelizmente chamavam a atenção, mas não havia nada que de pudesse fazer a respeito.

Se Eve fizesse uma incursão aos aposentos de Margie, sabia que havia alguma procedência em seus instintos de apreensão. Margie tinha dez vezes mais maquilagem do que Delphine, guardada em sua penteadeira. Seus armários continham uma quantidade espantosa de vestidos de noite requintados e elegantes, casacos e sapatos de saltos altos, todos destinados a uma jovem madura, não a uma garota de dezoito anos. Num compartimento secreto da escrivaninha rosa e branca de Margie, havia uma grande quantidade de dinheiro, os lucros de muitas ocasiões em que as duas foram jogar com os homens que as

acompanhavam nos cassinos clandestinos espalhados por toda a cidade, sob o olhar indiferente de uma administração municipal que se tornava mais corrupta a cada ano.

Aquelas duas criaturas deslumbrantes inegavelmente davam sorte, costumava comentar um crescente número de homens. Margie e Delphine eram mascotes extremamente decorativas, às quais os acompanhantes entregavam notas de valores altos, com instruções para guardarem seus lucros e voltarem se precisassem de mais. Delphine guardava todas as roupas que comprava com esse dinheiro nos armários da amiga.

A Lei Seca já fora revogada, e agora que as pessoas podiam beber sem qualquer risco, o vício do jogo estava maior do que nunca.

Qualquer pessoa com as ligações certas podia ganhar ou perder muito dinheiro nas dezenas de casas por toda parte, desde os clubes luxuosos no Sunset Boulevard aos barracões na praia, e estendendo-se pelo mar, onde lanchas transportavam jogadores para os navios-cassinos Monte Carlo e Johanna Smith.

Nos clubes, onde Delphine e Margie eram bastante conhecidas, o champanhe e o caviar eram por conta da casa e todos os freqüentadores deviam se vestir a rigor. Havia comentários que os mafiosos do Leste estavam assumindo o controle do jogo na Costa Oeste, o que contribuía para aumentar ainda mais a atração da atividade proibida.

Delphine, é claro, tomara providências para manter os pais na ignorância de sua vida noturna. Era impossível que os acompanhantes fossem buscá-la na casa da fraternidade. A diretora, sempre atenta e desconfiada, Sra. Robinson, ligaria para sua mãe no instante seguinte se visse Delphine saindo com alguém que não fosse um dos rapazes da universidade, garotos desajeitados e muitas vezes sem dinheiro, da idade de Delphine. Esses rapazes haviam se tornado rapidamente muito jovens e pouco sofisticados para que ela perdesse tempo.

As duas moças eram inseparáveis. Conseguiram manter as notas num nível aceitável ajudando-se mutuamente nas provas, mesmo saindo para dançar e jogar três ou quatro noites por semana. Só perto do amanhecer é que concluíam a noitada com ovos mexidos no Sardi's.

Depois, os acompanhantes levavam-nas de volta a Bel Air, para umas poucas horas de sono antes das aulas começarem. Faltavam com freqüência, já que ambas possuíam a capacidade de memorizar com facilidade e podiam compensar as aulas perdidas com uns poucos dias de estudo.

Aos sábados, Delphine e Margie pegavam o dinheiro do jogo e faziam a ronda das melhores lojas de departamentos, adquirindo alegremente novas roupas e lingerie, sentindo-se superiores, durante um almoço tardio, às outras moças em sua fraternidade, cuja idéia de diversão era assistir a uma partida de futebol americano e depois tomarem um ponche de rum e suco de frutas com um grupo de estudantes.

As duas amigas seguravam a cabeça uma da outra quando bebiam demais; experimentavam juntas novos remédios para ressaca; nunca se importavam em trocar de acompanhantes, pois um homem era sempre igual a outro; davam conselhos uma à outra sobre os mais novos penteados e as últimas gírias; faziam as unhas dos pés uma da outra; comparavam técnicas de beijo e carícias; e advertiam uma à outra contra os homens que tentavam levá-las "longe demais", pois ainda eram "boas" moças e consideravam a virgindade muito importante.

O tema predileto, o único que não podiam abandonar e a única parte de suas vidas que era menos do que ideal, era o fato inevitável de serem apenas extras no drama central que ocorria todas as noites nos restaurantes e boates de Hollywood. Não eram artistas de cinema. Não importava quão bonitas ou bem vestidas estivessem, ninguém as olhava com insistência e pedia seus autógrafos. Circulavam com familiaridade no mundo que o restante do país só conhecia pela leitura das revistas de cinema e pelo qual tantas pessoas eram obcecadas, mas uma coisa era ser reconhecida pelo maître do Coconut Grove e outra muito diferente era ser assediada por fãs e fotógrafos.

— Procure ver a coisa por outro ângulo — sugeriu Margie. — Se um retrato seu aparecesse nos jornais, seus pais a trancariam em casa a pão e água.

— Se meu retrato saísse nos jornais, é porque me tornei famosa e meus pais não poderiam fazer nada — argumentou Delphine.

As duas ficaram em silêncio diante desse raciocínio indiscutível. Conheciam atores, mas nenhum deles era mais do que um mero coadjuvante. Os homens que tinham o dinheiro para levá-las a dançar e jogar eram jovens solteiros que trabalhavam como executivos durante o dia; os atores só eram convidados por causa das *starlets* que levavam.

— Anime-se, Delphine — aconselhou Margie, pegando quinhentos dólares do tesouro comum e dividindo em duas pilhas iguais. — As artistas de cinema precisam levantar muito cedo e estão sempre se apaixonando, o que constitui, você deve reconhecer, uma armadilha fatal para quem quer se divertir. Não sei de você, mas eu não tenho nada para usar esta noite e estamos perdendo tempo a nos sentir angustiadas porque você não é Lupe Velez e eu não sou Adrienne Ames... ou será o contrário?

— Seu gosto é péssimo, Margie. Myrna Loy para você, Garbo para mim.

— Vamos, meu bem, temos uma grande noite pela frente... depois do jantar iremos para a praia... um novo cassino flutuante acaba de ser inaugurado, vinte quilômetros ao largo da baía de Santa Mônica, todo mundo que é alguém estará presente. Delphine! Pare de remoer... vamos fazer compras!

Freddy chegou cedo para a aula, mas McGuire fez-lhe um gesto para que esperasse, enquanto conversava com um visitante. Freddy já conhecia o homem. Swede Castelli estava no comando da coordenação de proezas no relativamente pequeno estúdio I.W. Davidson, em Pico.

Muitas vezes aparecia em Dry Springs para consultar Mac sobre problemas que apareciam na hora de fazer mais um filme de aviação na Guerra Mundial, pelos quais o público tinha um apetite insaciável.

Terence McGuire fora um herói de guerra de 22 anos quando a Grande Guerra terminara, em 1918. Voltara da França absolutamente convencido de que o futuro do transporte estava no ar e descobrira, depois de diversas tentativas desapontadoras de criar uma empresa aérea, que nenhum fabricante sequer estava construindo aviões com a capacidade de efetuar longos vôos entre grandes cidades e carregar um grupo de passageiros pagantes. Se as pessoas queriam viajar, usavam os trens.

McGuire acabara enfrentando a realidade e investira todo dinheiro que lhe restara num Curtiss JN-4. Passara a ganhar a vida com alguma dificuldade, trabalhando em feiras, onde a pista de aterrissagem podia ser um campo de beisebol, uma pista de corrida de cavalos ou até mesmo um pasto de vacas. Depois de uma exibição de acrobacia aérea, levava passageiros para um vôo, a cinco dólares por cabeça; mas chegara o dia em que as pessoas só queriam pagar um dólar pelo passeio.

A novidade desgastara a aviação, apenas vinte anos depois dos irmãos Wright terem realizado o primeiro vôo. O Exército e a Marinha não estavam interessados em manter serviços aéreos. Para um homem que não podia se imaginar a trabalhar em qualquer outra coisa que não a aviação, a única solução fora ir para Hollywood e tornar-se um piloto profissional de filmes.

Durante anos trabalhara nos Fox Studios, onde estavam baseadas quinze companhias cinematográficas. Ali, consumira sua competência, coragem e juventude, generosa e alegremente, na companhia de homens como ele, dispostos a trabalharem por um pagamento que variava de cem dólares, para voar de cabeça para baixo poucos centímetros acima do solo, a 1500 dólares para explodir um avião em pleno ar e saltar de pára-quedas. Nenhum dublê jamais ganhava um dólar sem que sua vida corresse perigo e conseguia cada dólar com seu corpo. McGuire voara com Dick Grace e Charles Stoffer, com Frank Backer, Lonnie Hay, Clement Phillips, Frank Clark e Frank Tomick; com Dick Curwood e Duke Green, com Maurice Murphy, Leo Nomes e Ross Cook. Por volta de 1930, entre as dezenas de amigos que fizera, apenas poucos continuavam vivos. Nenhum deles morrera de morte natural. Havia vivido alegremente, bravamente; de um dia para outro, todos morreram, quase que por opção, na juventude.

Fora nesse momento, com o início de uma nova década, que ele compreendera quantos de seus

amigos divertidos e conformados haviam perdido suas apostas com a morte. Terence McGuire pegara então o dinheiro que guardara e abriu uma escola de aviação.

Era rigorosamente uma questão de porcentagem; todos os mortos eram pilotos magníficos, e ele sabia que sua vez haveria de chegar, mais cedo ou mais tarde. Escapara de inúmeros acidentes cuidadosamente planejados, mas tivera sua quota de ossos quebrados.

Talvez fosse diferente da maioria dos outros, mas queria viver para ver o futuro. Mesmo assim, nunca conseguira virar as costas completamente a Hollywood. Embora não mais fizesse proezas simuladas para o cinema, possuía uma reserva de aviões antigos, difíceis de se encontrar, Spads 220 muitas vezes consertados, Fokkers D. VII alemães e Camels ingleses, que alugava para os estúdios, a fim de complementar os ganhos incertos da escola de aviação. A capacidade de McGuire de planejar e organizar combates aéreos simulados fazia com que fosse sempre procurado por companhias que estavam produzindo filmes de guerra. Mas não podia negar que sentia saudades dos velhos tempos, os dias perigosos, terríveis e maravilhosos.

Swede Castelli, como Mac, também fora um piloto para as companhias cinematográficas, antes de se aposentar; ao contrário de Mac, no entanto, pensou Freddy, ele adquirira a aparência acomodada de um executivo... e dos mais bem alimentados, diga-se de passagem. Mac parecia muito jovem ao lado daquele homem de terno, que devia ser tão velho quanto era... Mac dava a impressão de que pertencia a outra geração, mais próxima da sua que da geração de Castelli.

Na verdade, ela achava que Mac não mudara nada desde que o vira pela primeira vez, quando tinha onze anos e meio, há cinco anos.

Perguntara-lhe qual era a sua idade, depois que a mãe levantara a questão, e ele respondera que estava com quarenta, explicando que era muito mais jovem do que seu pai, embora tivessem lutado na mesma guerra. Freddy se sentira bastante encorajada para perguntar se ele era casado, e Mac respondera que todos os pilotos de *stunt* espertos fazem questão de permanecer solteiros, sem qualquer compromisso; e depois de passar pela idade de casar, tornara-se um solteiro empedernido demais para mudar seus hábitos.

— Fim do interrogatório, menina?

Fora a pergunta mais pessoal que já lhe fizera, pensou ela, observando-o planejar um combate aéreo de seis aviões; e, no entanto, Mac era o melhor amigo, que Freddy tinha no mundo. Era engraçado ter alguém que você considera seu melhor amigo, mas que não pensa a seu respeito da mesma maneira, refletiu Freddy. Contudo, assim era o relacionamento entre os dois.

Freddy observou McGuire com toda atenção, aproveitando uma rara oportunidade de estudar seu instrutor. Em sua presença, durante uma aula, estava ocupada demais a se concentrar para vê-lo de verdade, por mais que escutasse atentamente suas palavras. Ele se tornava simplesmente uma parte do avião. Depois que voltavam ao hangar, com seu tempo tão apertado, ela quase nunca ficava ali por mais que alguns minutos, apenas o tempo suficiente para reconstituir os dados principais da aula, antes de deixar o aeroporto e seguir para casa. Enquanto ele falava agora, Freddy pôde visualizar com facilidade os padrões de vôo de cada um dos seis aviões, de tão nítidos e precisos eram os gestos de Mac a explicar como seria a simulação.

Terence McGuire era um escocês-irlandês, como qualquer um perceberia pela abundante cabeleira castanha-clara, com um brilho avermelhado, e os olhos verdes-claros, encimados por pestanas inesperadamente longas. Tinha um rosto simpático e jovial, o bronzeado jamais conseguia encobrir as sardas. Era esguio e vigoroso, tinha cerca de um metro e oitenta de altura, os músculos de um ginasta.

Freddy compreendeu que a vida deixara uma marca nele, indicando a qualquer pessoa interessada que aquele homem passara mais tempo das horas de vigília no ar do que no solo. Havia alguma coisa tão... tão livre na maneira flexível como ele andava, um homem preparado para qualquer desafio, algo diferente na franqueza de seu olhar e na rapidez e totalidade do sorriso. Para Freddy, o sorriso de Mac

sempre significava a promessa de que juntos concentrariam as atenções na coisa que ela mais amava; e agora que pensava a respeito, ela constatava que Mac nunca quebrara a promessa.

Apesar de sua atitude descontraída e franca, ele era um homem determinado, com autodisciplina e autocontrole. Ela especulou se algum dia conheceria outro homem com um sorriso como o de Mac, um sorriso a que podia confiar sua vida.

— Freddy, quer ser boazinha e nos trazer um café? — pediu Mac, apontando para o bule que mantinha sob um bico de gás em cima do arquivo.

Ela levou o bule para a mesa e perguntou:

— Posso tomar também?

— Não, você é jovem demais — respondeu Mac, automaticamente.

— Minha mãe me deixa tomar café.

— Mas eu não deixo.

Mas que droga, pensou Freddy, quem ele pensa que eu sou, uma garotinha de dois anos? Tenho quase dezessete e venho tomando café *au lait* desde a escola secundária, mas esse camarada me trata como uma criança. Até continua a me chamar de "menina", e não gosto nada disso.

Irritada, mas em silêncio, ela ficou escutando a conversa, que deixara de interessá-la. No mês em que vinha se concentrando em acrobacia aérea, compreendera que todas as manobras espetaculares e complicadas baseavam-se em cinco elementos básicos simples — inclinações laterais, rolamento, *loops*, estóis e parafusos — combinados de várias maneiras.

Como muitos pilotos caíam por não serem capazes de controlar parafusos e estóis, a prática árdua e monótona que vinha fazendo a convertia sem dúvida numa aviadora mais segura. A prática também aumentava sua capacidade de voar pelo fundilho, pois depois que se entrava numa manobra, a mera precisão não podia substituir uma capacidade quase inexplicável de captar a "sensação" de um avião. E se isso não fosse suficiente, pensou Freddy, sombriamente, havia uma velocidade ideal diferente em que o Ryan realizava cada manobra. Para um único rolamento, ela precisava mantê-lo a 150 quilômetros horários; para um duplo, era preciso aumentar a velocidade para 190 quilômetros horários. Um rolamento vertical era melhor realizado a 220 quilômetros horários.

Era o que dava ser uma criança com um balanço no céu! Freddy sentiu vontade de sair do escritório e bater a porta, deixar Mac e Swede Castelli absortos em sua conversa, embarcar no primeiro avião que encontrasse e sair voando. Ansiava em decolar para algum lugar, qualquer lugar, sem se preocupar com navegação, precisão, ventos, pontos de referência ou qualquer outra coisa que se interpusesse entre ela e o êxtase, a maravilha que se lembrava do seu solo, quando a estrela vespertina a chamara e Capricórnio lhe acenara. Sabia que não podia decolar assim naquele dia, mas algum dia ainda iria fazer, com toda certeza... assim que possuísse seu próprio avião.

— Acorde, Eve, acorde! — instou Paul, alarmado, depois de atender ao telefone, às quatro horas da madrugada.

— Como...? Que horas são? O que aconteceu? — perguntou ela, sonolenta, os olhos fechados, em protesto contra a luz acesa do abajur na mesinha-de-cabeceira.

— É Delphine. Ela telefonou da delegacia de polícia no centro... não compreendi a metade do que me disse, mas vou até lá agora para buscá-la. Eu a trarei de volta assim que puder, mas não queria deixá-la sozinha aqui para acordar de repente e descobrir a minha ausência sem saber de nada.

— A delegacia de polícia? Houve um acidente?... Ela não está machucada, não é mesmo? — indagou Eve, apavorada.

— Não, não é nada disso. O que ela falou não fazia muito sentido. Disse apenas que estava jogando *chuck-a-luck*, o que quer que isso seja. Mas ela parecia histérica, querida, e mais alguma coisa...

— Mais alguma coisa?

— Bêbada — arrematou Paul, sombriamente.

Mais de duas horas depois Paul voltou com Delphine, agora sóbria pelo pavor, o rosto deplorável e desprotegido, tão limpo de maquilagem quanto fora capaz de remover, mas ainda usando o elegante vestido longo preto e branco com o bolero forrado de pele em que fora presa, a bordo do navio cassino, um cargueiro luxuosamente reformado chamado Rex.

Entrou em casa com toda a dignidade que ainda era capaz de exibir, mas ao ver a mãe desatou a chorar e arriou num sofá na sala de estar, onde Eve os esperava.

Eve olhou inquisitiva para Paul, mas ele se limitou a sacudir a cabeça, a incredulidade e uma tristeza profunda lhe toldando os olhos. Eve foi se sentar ao lado de Delphine, pôs as mãos nos lados do rosto da filha e manteve-o com firmeza.

— Calma, calma, o que quer que tenha acontecido, não pode ter si do tão terrível assim — murmurou, consternada.

Ver Delphine, sempre tão controlada e tão confiante, mas aos olhos da mãe ainda tão vulnerável e tão frágil, em tal estado fez com que Eve não pensasse em outra coisa além de confortar a filha.

— Infelizmente, minha cara, é mesmo terrível — murmurou Paul, fazendo um gesto com a cabeça que indicava que precisava conversar com ela a sós.

— Delphine, querida — disse Eve, empurrando a filha na direção da escada, gentilmente —, suba para o seu quarto e ponha um dos seus roupões velhos. Depois, desça para a cozinha. Vou preparar um desjejum. — Ela virou-se para Paul assim que ouviu a porta do antigo quarto de Delphine fechar. — Por Deus, o que aconteceu?

— Houve uma batida da polícia em um daqueles navios convertidos em cassinos... Delphine e Margie estavam numa cela enorme, com dezenas de outras mulheres. Todas estavam vestidas a rigor, como ela, muitas se encontravam também embriagadas. Algumas haviam desmaiado. Os homens estavam em outra cela. Era um verdadeiro hospício... advogados, agentes de publicidade dos estúdios, fotógrafos, repórteres... Se eu não fosse um diplomata, não conseguiria que a soltassem tão depressa.

— Mas quem poderia ter levado Delphine a um lugar assim?

— Ela me disse o nome do homem. Nada significa para mim. Consegui tirar Margie também. Tive de levá-la para casa... Não havia outra coisa a fazer. Duvido que ela fique sóbria antes de amanhã.

Ela não parava de me dizer que era um "lugar sensacional"... roleta, ao que parece, dados, víspora, vinte-e-um, faraó e trezentas máquinas caça-níqueis. Melhor do que Tijuana, nada menos. Parecia uma grande conhecedora. Insistiu que não havia motivo para preocupação, porque o navio tinha centenas de escaleres, e por isso era absolutamente "seguro". — Paul tentou sorrir, mas não conseguiu. — Ela estava tão bêbada que nem percebeu quem eu era. Disse que ela e Delphine estavam ganhando dois mil dólares quando a batida começou e a polícia roubou o dinheiro. Insistiu, por todo o caminho até a porta de sua casa, que eu devia recuperá-lo. Queria agredir os policiais. — A repulsa de Paul tornava a voz seca e impassível.

— Mas... é incrível, Paul, não é... não é? — murmurou Eve, na mais absoluta confusão. — Aqueles rapazes da universidade... saindo para jogar em sua idade... fazendo as moças beberem tanto? Que tipo de diretora é a Sra. Robinson para deixá-las sair com rapazes assim?

— Não está entendendo direito, querida... mas também não teve a oportunidade de ouvir Margie divagar. A menos que tudo o que ela disse seja mentira... e como estava muito bêbada e muito zangada para mentir, acredito nela... Margie e Delphine ocupam um lugar de destaque na vida noturna de Hollywood, acostumadas a serem tratadas com cortesia, como convém às suas posições. Só freqüentam as melhores boates, que estão a salvo de indignidades como batida da polícia. Margie não podia acreditar que alguém tivera a ousadia de prendê-las.

— Vida noturna? Boates?

— E cassinos, os mais exclusivos. Nos quais os rapazes da universidade por certo não seriam

admitidos. Elas vão com homens, homens adultos, só Deus sabe quem, homens que dão a elas dinheiro para jogar.

— Oh, Paul, não Delphine! Margie talvez, mas não Delphine!

— As duas, querida. Infelizmente, não resta a menor dúvida a respeito. Vem acontecendo o ano inteiro, isso ficou evidente. O que quer que tenha acontecido, elas estavam juntas.

— Não acredito em Margie! Até conversar com Delphine, recuso-me a acreditar naquela moça. Nunca confiei em Margie, e deveria saber que não podia confiar no que diziam as freiras. — Eve resistia ao relato do marido com um coração que já começara a tremer com o conhecimento.

— Devemos comer alguma coisa primeiro — sugeriu Paul, dando de ombros, cansado. — Podemos levar uma bandeja para Delphine em seu quarto depois de acabarmos. Não quero que as criadas escutem qualquer coisa.

— Preciso conversar com Delphine agora. Não conseguiria comer coisa alguma.

Eve notou que a filha terminara de enxugar os cabelos com uma toalha, depois de um banho de chuveiro. Pusera um roupão velho de *chenille* branco e sentara-se na frente da penteadeira, separando os cabelos com todo cuidado no centro, de tal forma que agora caíam, como sempre, em ondas do bico-de-viúva para o queixo pequeno.

O rosto estava mais pálido do que o habitual, mas ela parecia de volta ao normal, os olhos cinzentos claros e serenos como sempre.

Não havia vestígio de lágrimas.

— Querida, seu pai me contou... Margie... ele acha...

— Eu estava no carro, mãe, e sei o que Margie contou — disse Delphine, calmamente.

Havia um distanciamento em sua voz, como se tivesse se afastado da realidade da situação.

— Mas, querida, não é... você não...

— Mãe, acho que você e o pai estão exagerando o que aconteceu... Se houvesse alguma outra maneira de sair da cadeia sem ligar para vocês, pode estar certa de que eu não os chamaria. Há uma chance em um milhão de uma batida da polícia, e esta noite estávamos no lugar errado, na hora errada. Só isso. Ficamos acuadas assim que a polícia subiu a bordo. Pelo menos mil outras pessoas conseguiram escapar. É muito injusto.

— Injusto? — Eve estava incrédula.

— A maior parte de Hollywood poderia ter sido presa esta noite.

Os diretores de estúdios estavam lá, todos os grandes artistas, todo mundo que é alguém. Margie e eu apenas tivemos azar. A notícia da batida pode sair nos jornais, mas não serão mencionados nomes. Nunca são, pode contar com isso. Fiquei assustada, admito, e é claro que fiquei transtornada ao ser jogada na cadeia, mas não é o tipo de coisa que possa acontecer outra vez. — Ela inclinou a cabeça para examinar uma unha lascada, pegou uma lixa e começou a alisá-la.

— Pare com isso e olhe para mim, Delphine! Acha mesmo que estou querendo falar sobre qualquer coisa que acabou de dizer? O que estava fazendo num lugar como aquele? É uma jogadora? Quem eram os homens que levaram vocês até lá? Onde arrumou esse vestido? O que está acontecendo, pelo amor de Deus, em sua vida, Delphine?

— Fala como se fosse uma coisa sinistra, mãe. Margie e eu conhecemos muitos homens simpáticos e divertidos que gostam de sair à noite. São apenas amigos, mais nada. É tudo diversão... jogar faz parte de uma noitada, tanto quanto jantar, dançar ou assistir a um espetáculo. Todo mundo faz isso. Não vejo que mal há nisso...

não é como se perdêssemos dinheiro que não podemos gastar. Na verdade, tenho ganhado o suficiente para complementar a mesada para as roupas. E sabe que não tem prejudicado os estudos, porque continua a receber meus boletins.

— E a bebida?

— Alguém deve ter me servido algo mais forte do que pedi esta noite. Eu deveria ter sido mais cuidadosa. E Margie também. — Delphine fitou Eve, os olhos por baixo do escudo largo e refinado da testa tão francos quanto sempre.

Eve levantou-se, incapaz de suportar a certeza de que Delphine mentia, que aquela não era a primeira vez que Delphine se embriagava, assim como não era a primeira vez que jogava.

— Que idade tinham os homens com quem você e Margie estavam?

— Jed e Bob? Vinte e poucos anos, eu acho — respondeu Delphine, à procura de alguma coisa para vestir no armário.

— E quão bem vocês os conhecem? — insistiu Eve.

— Muito bem. Eles são maravilhosos. Espero que já tenham saído da cadeia. — Delphine soltou uma risada curta e pesarosa, escolheu um vestido rosa de algodão e estendeu-o na cama. — É uma sorte que eu tenha deixado tantas roupas velhas aqui. — Ela sorriu serenamente para Eve, como se a discussão estivesse encerrada.

— Delphine, vou comunicar à Sra. Robinson que você não tem mais permissão para dormir na casa de Margie. Não haverá exceções. Não podemos impedi-la de ser amiga daquela moça, mas não vou mais tolerar o tipo de vida que você tem levado. O mínimo que seu pai e eu podemos fazer é cuidar para que obedeça aos regulamentos da fraternidade e se recolha todas as noites numa hora decente.

— Não pode fazer isso! Vai arruinar minha vida! — O rosto de Delphine estava distorcido por uma raiva súbita.

— Já está arruinando sua vida por si mesma, até onde posso saber — disse Eve firmemente, a decisão tomada. — Ela encaminhou-se para a porta do quarto e abriu-a. Não adiantava continuar a discussão. Era preciso impor um controle rigoroso a Delphine.

A filha correu para a porta e segurou-a, a fim de que Eve não pudesse sair. Inclinou-se para a mãe e sibilou:

— E quem é você para falar?

— O quê? — balbuciou Eve, incrédula.

— Tenho algumas perguntas a fazer, mãe, já que pretende me tratar como uma criança. Quantos anos tinha quando vivia com um amante em Paris? Mais jovem do que sou agora, não é mesmo? E quantos anos se passaram até casar com o pai? E quantos amantes teve?

Eve percebeu a intenção por trás das palavras antes mesmo que o cérebro fosse capaz de analisá-las e tentar encontrar um sentido.

Nenhuma resposta aflorou-lhe aos lábios, mas ela fechou a porta com um gesto rápido a fim de que ninguém ouvisse Delphine. Os lábios da filha contraíram-se numa expressão de justeza.

— Descobri tudo a respeito por intermédio de Bruno, naquele ve-rão que passamos na França. Que hipócrita você é, mãe. Por que não me tranca no quarto aqui em casa? Assim poderia ter certeza absoluta de que eu não farei o que você fez. Acontece que sou uma virgem, para sua informação, e pretendo permanecer assim, mas dizer à Sra. Robinson que não posso dormir na casa de Margie não vai garantir isso. Seus pais não conseguiram impedi-la de fazer o que queria, não é mesmo?

Quantos amantes?, pensou Eve, consternada pela pergunta. Não importava o que dissesse a Delphine, nunca poderia fazê-la compreender a verdade. O veneno estava em sua mente, o mal estava causado. Ela fez um esforço para falar calmamente.

— Não lhe devo explicações sobre a minha vida, Delphine. Não posso impedi-la de escutar os rumores que ainda persistem e de acreditar no que quiser. Isso não muda minha responsabilidade em relação a você. E vou ligar para a Sra. Robinson imediatamente.

— Hipócrita! Hipócrita!

A voz de Delphine alteou-se histericamente, enquanto Eve deixava o quarto. Ela nunca poderia contar a Paul o que Delphine dissera, refletiu Eve, enquanto descia a escada, apoiando-se no corrimão, como

uma velha. Ele ficaria muito zangado, entristecido demais pelas suspeitas de Delphine. Quantos amantes? Delphine nunca acreditaria na verdade... e Paul acreditaria? Não houvera ninguém depois de Alain Marais até que ela conhecesse o marido, mas era um assunto a que nunca haviam voltado, depois daquele primeiro jantar no Ritz. Ela sempre pensara que Paul compreendera aqueles anos cautelosos, distantes, inacessíveis. E se apenas ele tivera medo de perguntar?

No Château de Valmont havia dez grandes quartos de hóspedes, e quando Anette de Lancel recebeu a carta da nora, da Califórnia, a maioria estava reservada para todos os fins de semana de verão.

Não se tratava de um caso de hospitalidade francesa, mas sim de vender champanhe; era por isso que os Lancel recebiam com tanta freqüência e tão prodigamente.

Séculos antes de o perfume francês e a moda francesa organizarem de maneira apropriada suas vendas para o exterior, o desejo humano aparentemente natural de beber tanto champanhe quanto possível, tantas vezes quanto possível, fora promovido com a maior habilidade por um grupo de jovens nobres da Champagne que possuíam vinhedos por ocasião da coroação de Luís XIV, em 1666.

Reunindo-se num grupo, o *Marquis* de Sillery, o *Duc* de Mortmart, o *Vicomte* de Lancel, o *Marquis* de Bois-Dauphin e o *Marquis* de Saint-Evremond, entre outros, foram para Versalhes e deliberadamente fizeram com que seus vinhos da Champagne se tornassem um sucesso na corte, pois apenas a corte lançava a moda para tudo, por toda a França, de botões à arquitetura.

Depois de um sucesso triunfante em Versalhes, eles ampliaram sua ação e conquistaram a Inglaterra, onde a demanda por champanhe tornou-se em breve tão grande que os preços subiram de maneira excepcional. Seus filhos e netos igualmente empreendedores percorreram milhares de quilômetros, vendendo champanhe aos grãos-duques da Rússia e aos fundadores da nova república dos Estados Unidos.

Posteriormente, novos e grandes mercados foram abertos na América do Sul e Austrália. Uma visão similar motivou *Monsieur* Moët quando os exércitos da Rússia, Áustria e Prússia invadiram a Champagne, depois da derrota de Napoleão em Waterloo. Ele estimulou o saque de suas garrafas para o rancho dos oficiais, sob o argumento de que levaria as forças de ocupação a desenvolverem um gosto por champanhe e... "Aquele que bebe uma vez, voltará a beber". E os oficiais tornaram-se de fato bons fregueses, depois que voltaram para suas terras.

Junto com esse espírito de marketing e publicidade, inerente aos proprietários de vinhedos, também se desenvolveu uma atitude atipicamente francesa em relação à hospitalidade. Nunca houve muitos hotéis na Champagne, e por isso, ao longo de centenas de anos, as famílias da região receberam em suas próprias casas ou châteaux visitantes de todas as partes do mundo em que se bebe champanhe. É raro que um fabricante de uma pequena ou grande marca de champanhe jante sozinho, a não ser durante os meses frios do inverno.

— Escute só isto, Jean-Luc — disse a *Vicomtesse* de Lancel, tão excitada que só lia em voz alta uma ou outra frase da carta de Eve... — importante para Delphine experimentar... um mundo em que a tradição desempenha um papel importante, em que ela tenha um lugar e também uma família... obviamente impossível numa cidade tão jovem como Los Angeles... ambos achamos que ela ainda é bastante jovem... uma visita a vocês poderia representar uma mudança crucial em suas atitudes um tanto imaturas...

— Uma visita? Mas claro! Quando?

— Imediatamente! É isso que é tão espantoso. O Normandie deixa Nova York dentro de três dias, e ao que parece ela pode voar para lá em um dia ou menos. Parece-me um pouco súbito, mas nunca se sabe como são os jovens hoje em dia... Eve pergunta se poderíamos ficar com Delphine por todo o verão... como ela pode duvidar disso? Claro que vai perturbar todas as nossas disposições, mas darei um jeito. Jean-Luc, devemos telefonar imediatamente. Que horas são agora na Califórnia?

— Onze da noite? — sugeriu o *vicomte*, contando para trás.

Mas a esposa já desaparecera, a caminho da mesa no vestíbulo onde ficava o telefone, rearrumando mentalmente os ocupantes dos quartos de hóspedes. Atitudes um tanto imaturas, hem? Mas o que Eve esperava daquela criança querida?

Todo banco particular precisa pelo menos de um ou mais funcionários de um tipo particular e muito especial, homens para os quais o conhecimento dos negócios bancários é a qualificação menos importante. Como as gueixas mais consumadas e refinadas do Japão, esses funcionários servem para atrair uma clientela rica e mantê-la fiel, cuidando para que continue divertida e satisfeita.

Quando Bruno de Lancel concluiu o serviço militar em 1935, descobriu que era necessário arrumar algum emprego, um preço irritantemente tedioso que tinha de pagar por não ser um dos seus ancestrais Saint-Fraycourt, cuja única preocupação era a de ocupar seu lazer da maneira mais agradável. Um fato chocante, ele não possuía uma renda pessoal; e não estava mais disposto a viver com os avós.

Contudo, não demorou a descobrir que as exigências no emprego que aceitou com La Banque Duvivier Frères não eram muito diferentes das que poderiam ser feitas a um *Marquis* de Saint-Fraycourt antes da revolução. Era necessário caçar com tanta freqüência quanto possível durante a temporada; era importante jogar cartas bem — mas não muito bem — com as pessoas certas, nos clubes certos; era desejável comparecer à ópera, ao teatro, ao balé e a vernissages das mais importantes exposições de arte; era essencial nunca perder um grande prêmio nos hipódromos da França, Inglaterra ou Irlanda; e, nem precisava dizer, era indispensável ser visto em cada acontecimento social expressivo da sociedade parisiense. O banco pagava as despesas para que ele pudesse participar de tais atividades, além de um pequeno salário e mais uma comissão em todas as contas novas que conseguisse.

Mesmo que Bruno quisesse, naquele mês de junho de 1936, passar mais que uns poucos minutos de vez em quando no banco de Duvivier, teria sido difícil, tendo em vista as demandas de sua posição. Os três irmãos Duvivier estavam muito satisfeitos com sua atuação.

Bruno mais do que valia o que lhes custava; já atraía diversos clientes novos, com os quais eles não poderiam ter a menor esperança de fazer um contato pessoal.

Uma bonificação que não haviam calculado em seu pleno valor, ao contratarem Bruno, era o fato de ele ser solteiro. Dobrava o seu valor, comentou o irmão Duvivier mais jovem.

— Triplica — assegurou o mais velho.

O irmão do meio, como sempre, considerou que ambos estavam errados:

— O valor de Lancel é incalculável até ele casar. Quando isso acontecer, teremos de reavaliá-lo.

Ele escolheria uma moça cujos parentes e ligações sofreriam as mesmas circunstâncias financeiras lamentavelmente reduzidas dos Saint-Fraycourts? Condescenderia em casar por dinheiro, mas fora do seu próprio mundo? Ou, a melhor coisa para o banco, conseguiria fazer uma aliança com uma herdeira que também vinha de uma grande família, uma herdeira cujos pais poderiam razoavelmente acalentar a esperança de casá-la com alguém tão rico quanto ela?

Enquanto os Duviviers ponderavam sobre os resultados finais de seu investimento em Bruno, tinham uma aliada, sem que soubessem disso, na Marquise de Saint-Fraycourt, que nunca passava um dia sem se fazer as mesmas perguntas. A única parte no eventual casamento que quase não se preocupava com o sucesso da ligação era o próprio Bruno. Tinha certeza demais de seu direito à esposa ideal para se preocupar com o futuro. Quem quer que ela fosse, ainda estaria num convento em algum lugar, pois ele estava com apenas 21 anos, aprendendo o que quer que as moças aprendessem nos conventos.

Bruno sabia qual era a única coisa essencial na moça com quem casaria, o único absoluto que exigiria: ela devia lhe trazer a garantia de que herdaria terra. Dinheiro nunca seria suficiente. Por bastante terra, muita terra, terra de família, Bruno estaria disposto até a casar com a filha do diabo... desde que o diabo fosse francês. Os Saint-Fraycourts haviam perdido suas terras antigas e a maior parte

de sua renda na falência do Banque de l'Union Financière, em 1882. A terra Lancel seria dividida entre Bruno e a esposa de seu pai e as outras crianças.

Embora fosse tranquilizador, de um ponto de vista financeiro, saber que um dia, no futuro distante — pois tio Guillaume e seu pai pertenciam a uma família que vivia até uma idade bastante avançada —, partilharia a renda da champanhe Lancel, os vinhedos nunca poderiam lhe pertencer exclusivamente. Portanto, como alguns homens deviam casar por dinheiro, ele precisava casar por terra.

Ansiava em possuir florestas, campos e seu próprio *château*, centenas e centenas de hectares, sobre os quais andaria e cavalgaria como o único e incontestável senhor.

Enquanto isso, havia diversos compromissos prementes em sua vida cotidiana para os quais tinha dificuldade em reservar um tempo precioso, tempo para ir ao alfaiate e escolher novos tecidos para suas camisas, tempo para visitar seu sapateiro, tempo para ajustar um novo traje a rigor. Não obstante, havia coisas que nem mesmo o melhor dos valetes podia fazer por ele, pensou Bruno, esperando impaciente enquanto o alfaiate ajustava uma costura no ombro. Sabine de Koville aflorou em sua mente e ele sorriu para si mesmo.

Ela era perfeita à sua maneira, depois que o instruíra com tanta precisão no que desejava.

Era verdade, Sabine prestara-lhe um grande serviço quando ele tinha apenas dezessete anos e ainda não conhecera uma mulher, refletiu Bruno. Ainda continuava a vê-la de vez em quando, pois as necessidades de Sabine eram simples e diretas. Talvez tomasse um chá com ela hoje. Talvez não. Havia muitas outras mulheres, menos simples do que Sabine em suas exigências, igualmente talentosas e igualmente... picantes. Como ele desfrutava cada nova surpresa que as mulheres podiam oferecer: as fantasias deliciosamente sórdidas da filha de um príncipe; o desejo de punição da orgulhosa anfitriã de um salão literário; e Sabine de Koville, que só podia reagir às ordens de um criado. A degradação era o seu passatempo.

Depois da primeira experiência com a mãe do colega de escola, Bruno descobrira em pouco tempo que não era apenas o caso clássico de um adolescente seduzido por uma mulher experiente. Sua preferência sexual mais profunda, na verdade sua única preferência sexual, era por mulheres ao final dos trinta e início dos quarenta anos.

Não podia compreender por que um homem comeria uma maçã verde se havia uma fruta madura disponível. Um cavalo, talvez, pudesse ser escolhido inexperiente, o que lhe permitiria ajustá-lo às suas próprias exigências.

Mas uma mulher? Era muito mais agradável conquistá-las quando já haviam descoberto o que ansiavam mais profunda e secretamente.

Dez casos em dez, elas não satisfaziam suas necessidades inadmissíveis com os maridos. Era muito simples atender a suas fantasias e observá-las se tornarem extremamente obedientes, as mais orgulhosas se tornando com frequência as mais submissas à sua vontade.

Era uma combinação tão fácil quanto conveniente, refletiu Bruno, pois com as demandas quase impossíveis de seu emprego não lhe restaria um minuto sequer para uma corte. Felizmente, seu apetite insaciável por carne bem cuidada que já passara da inexperiência e ignorância da juventude coincidia com aquele suprimento vasto e tão disponível. Não podia compreender os amigos que gastavam tempo e dinheiro correndo atrás de moças, como se elas possuíssem alguma coisa que valesse a pena possuir. Como qualquer homem inteligente podia preferir sua carne sem tempero?

— Olá, Bruno — disse uma voz às suas costas.

— Guy... não posso me mexer — respondeu Bruno. — Mas acabarei num instante.

Marcara uma partida de tênis na hora do almoço com Guy Marchant, um amigo relativamente recente. Guy poderia tentar lhe explicar a atração das jovens, pois estava sempre se apaixonando por uma ou outra, pensou Bruno; mas não era uma indagação que pudesse formular, pois revelaria suas preferências particulares.

— O que achou da vitória de Schmelling sobre Joe Louis por nocaute ontem? — perguntou Guy, puxando uma cadeira.

Era um jovem alto e magro, com um sorriso agradavelmente torto e olhos inteligentes.

— Não me surpreendeu — respondeu Bruno. — Para ser franco, não gosto muito de boxe. No próximo mês irei a Wimbledon... por que não vai também? Gottfried von Cramm, Fred Perry... não deveria perder.

— Verei se posso dar um jeito de escapar do escritório. Nem sempre é possível.

— *Monsieur* de Lancel, poderia fazer o favor de virar um pouco na minha direção? — pediu o alfaiate, pegando mais alfinetes.

Bruno virou-se e descobriu que estava de frente para o espelho.

Concedeu-se um olhar rápido e superficial, desprovido de vaidade.

Sabia muito bem como parecia e não tinha necessidade para se tranqüilizar com olhares para o espelho, como acontecia com muitos homens. Era gratificante, mas não muito surpreendente, as mulheres o acharem extraordinário. O fato de que alguma coisa na maneira como se combinavam suas feições levava os homens a confiarem nele... isso sim era importante.

Bruno descobrira, para sua surpresa, que gostava dos negócios bancários; ou melhor, gostava de ganhar dinheiro e a atividade bancária figurava entre os poucos meios dignos de um cavalheiro para isso. Ao começar a trabalhar com Duvivier Frères, fora porque precisava ter uma ocupação. Seus sucessos iniciais na atração de novos clientes para o banco haviam ocorrido quase que espontaneamente; numa quadra de *squash*, durante uma caçada de fim de semana perto de Tours, depois de um leilão de cavalos puros-sangues em Newmarket.

As comissões desses clientes lhe proporcionaram o primeiro gosto da liberdade econômica. Encontrara um apartamento a seu gosto numa enorme casa particular na Rue de l'Université. Pertencia a um primo distante que, como tantos outros, perdera recentemente a maior parte de seu dinheiro na *Bourse* e fora obrigado a converter a metade de sua casa em apartamento, com entradas particulares.

Mais comissões, que Bruno agora procurava com uma ansiedade alerta, logo pagaram por uma criada, o melhor alfaiate, os serviços de um criado pessoal e os dois primeiros cavalos que já possuía.

Agora, um ano depois de ingressar no banco, ele se tornara um ambicioso sério. Compreendia que podia haver muito dinheiro a ganhar sem se aventurar além de sua própria classe, mas havia muito mais no movimentado mundo além dos limites rigorosos e imutáveis do Faubourg Saint-Germain, naquele rico mundo burguês de Guy Marchant, que estava sentado agora a bater com o pé, impaciente, querendo ir logo para a quadra de tênis.

Atrair esse tipo de dinheiro era uma questão de aceitar convites; ou melhor, de provocar convites, que normalmente não seriam formulados por causa de quem ele era, pensou Bruno, enquanto o alfaiate, com uma precisão irritante, definia um punho perfeito. Implicava agir de uma maneira que o fazia parecer mais acessível, um pouco menos de um aristocrata apartado do que as pessoas previam; em escolher homens mais velhos que nunca, sob quaisquer circunstâncias, entrariam no *salon* de sua avó Saint-Fraycourt; e em se mostrar à vontade na companhia deles, por menos que fosse, a fim de que suas esposas ousassem apresentar um convite que numa situação normal não fariam, com receio de uma recusa.

Os primeiros convites, ele já notara, eram sempre para grandes reuniões formais, o tipo de convites que, em teoria, podiam ser recusados sem fazer com que a anfitriã em potencial sentisse que exorbitara. Quando Bruno aceitava, os anfitriões ficavam lisonjeados e, estimulados pelas esposas, tornavam-se mais ousados.

Sua juventude era um trunfo inestimável. Podia-se convidar um *Vicomte* de Saint-Fraycourt de Lancel de 21 anos quando não se convidaria — nem se sonharia convidar — um membro mais velho daquela aristocracia do *Ancien Regime*. As comissões de Bruno aumentaram ainda mais. Dos muitos convites, aqueles que ele resolvia encorajar eram para jantares íntimos, passeios de iate, fins de semana no campo;

convites que lhe proporcionavam as oportunidades para o que estava procurando. Não demorou muito para que o salário de Bruno se tornasse ridiculamente pequeno em comparação com a receita das comissões.

Guy Marchant, a quem ele conhecera menos de seis meses antes, era o filho único de Pierre Marchant, que possuía a mais próspera empresa de atualidades cinematográficas da França, a *Marchant Actualités*. Tinha uma distribuição internacional e era maior do que a Fox-Movietone, Pathé Journal e Eclair-Journal combinadas.

Bruno fora apresentado primeiro a *Monsieur e Madame Marchant* no Polo Club, no Bois. Pouco depois conhecera Guy, que era apenas três anos mais velho do que ele, já profundamente envolvido na administração cotidiana do vasto empreendimento da família.

Guy era bom sujeito, concluía Bruno, o tipo de produto bem-educado e astuto da classe média superior que podia eventualmente, através do casamento — pois é claro que não havia outro meio — elevar-se aos níveis inferiores da classe superior. Aos cinquenta anos, podia esperar que uma filha casasse com um bom título, talvez mesmo um título excelente, se fosse isso o que ele quisesse.

Seu neto poderia nascer um aristocrata.

Guy Marchant era uma parte do futuro tanto quanto o próprio Bruno, e os dois se tornaram amigos, embora não da maneira que Bruno sempre reservaria aos que haviam sido seus colegas de escola. Ainda não houvera uma aplicação dos recursos da família no banco dos irmãos Duvivier, e Bruno pensava ainda melhor dos Marchants por isso. Se tivessem se precipitado a fazer negócios com seus empregadores, como acontecera com tantos outros, ele teria achado Guy menos atraente, menos digno de ser cultivado. Os Marchants, na verdade, esperavam que Bruno se associasse a eles apenas pelo que eram. E isso merecia um respeito relutante. Demonstrava, se nada menos, um senso de amor-próprio.

— Quanto tempo ainda vai demorar, Bruno? — perguntou Guy, olhando para o relógio.

— Ainda vai demorar muito, *monsieur*? — indagou Bruno ao alfaiate, impaciente.

— Tudo no seu devido momento, *Monsieur* de Lancel — respondeu o alfaiate, impassível.

Outro homem que conhecia o seu valor, refletiu Bruno, resignando-se a mais quinze minutos de espera.

Era meados de julho, e em seu quarto, no Château de Valmont, o melhor quarto de hóspedes, Delphine estava sentada no chão, cercada pelo conteúdo de uma enorme arca guarda-roupa, que chegara apenas uma hora antes. Margie, a fiel Margie, num gesto inútil de conforto, empacotara todas as roupas a rigor de Delphine e as despachara de navio. Delphine rebuscou a arca, tirando um vestido depois de outro, um casaco depois de outro, comprimindo-os ternamente contra o corpo, depois ajeitando-os com todo cuidado no tapete, num catavento de cores e tecidos suntuosos. Em suas centenas de anos de superioridade cultural, os espertos franceses nunca haviam conseguido inventar o guarda-roupa; seu armário já estava atulhado e não havia lugar para pendurar as dezenas de trajes a rigor.

A arca estava completamente vazia agora, e Delphine, dominada por um pesar crescente, abriu uma das bolsas e verificou o que havia lá dentro. Encontrou um lenço de renda, um estojo preto e prateado para pó-de-arroz, um alfinete de cabeça de pérola que outrora prendera um buquê em seu ombro, duas moedas de 25 centavos, um baton Coty, uma caixa de fósforos do Trocadero e uma de suas muitas cigarreiras. Reverente, como se estivesse contemplando as relíquias de uma civilização morta, ela tirou os objetos e ajeitou-os no colo, enquanto sua melancolia crescia. Abriu a cigarreira e encontrou um único Lucky Strike amassado. Rolou-o afetuosamente entre os dedos, cheirou-o e depois, lembrando que a porta estava trancada, acendeu-o com um dos fósforos do Trocadero, tragou fundo e no instante seguinte desatou a chorar.

O ato familiar trazia tudo de volta: a música de dança que enchia o ar; o flerte delicioso, sempre parando à beira de se tornar perigoso; o primeiro gole de um coquetel gelado; a piscadela de conspiração

de Margie; o som dos dados; os gritos do crupiê e o excitamento, aquela dieta vertiginosa de emoção a que se acostumara, sabendo que uma noite alegre e desenfreada seria seguida por outra, que nada jamais seria rotina ou previsível.

Detestava a Champagne, pensou Delphine, enquanto as lágrimas escorriam pelas faces, odiava aquele lugar! Não havia nada para fazer ali, nenhum lugar para ir, ninguém para conversar além da avó, que parecia convencida de que ela estava interessada pelos detalhes mais remotos da história da família, e o avô, que tentava lhe explicar os mistérios do vinho, até que ela quase desfalecia de tédio. E ser obrigada a comer uma refeição depois de outra polidamente, com os muito visitantes, todos velhos demais para serem interessantes, que não falavam de outra coisa que não os anos de bons vinhos e comida, enquanto ela representava o papel da neta visitante da América, a quem se devia fazer várias perguntas condescendentes e depois esquecer, quando uma nova garrafa era desarrolhada. Ah, como odiava tudo aquilo! E era uma prisioneira ali, até o momento de voltar à universidade; e quando lá chegasse, o que poderia esperar, a não ser a vida na casa da fraternidade, sob vigilância rigorosa da Sra. Robinson?

Delphine apagou o cigarro depois de uma tragada, porque tinha de preservá-lo para um consumo adicional. Não havia fumo na casa, exceto o tabaco do cachimbo do avô e os charutos do tio Guillaume; e eles só fumavam depois do jantar, passando para a sala de fumar, para onde ela nunca era convidada. Seria inconcebível para eles se ela comprasse cigarros franceses — aquelas coisas horríveis — na aldeia e os fumasse em sua presença.

Nada disso; todos esperavam que ela se sentasse com a avó e aprendesse o ponto grosso, lesse Balzac ou escutasse música clássica na vitrola, até chegar o momento de ir para a cama. Era essencial, Delphine sabia, tornar-se um paradigma de todas as virtudes aos olhos da avó, pois compreendia que fora longe demais, mas muito longe mesmo, em sua última conversa com a mãe. Cometera um grande erro de tática, e somente os relatórios da avó, de que se tornara um modelo de decoro e gentileza, poderiam causar um relaxamento nos planos dos pais para os seus próximos dois anos na UCLA.

Todas as noites ela ia para a cama cedo e sóbria, naquele quarto enorme e solitário, cujas paredes estavam cobertas por um tecido azul e branco, do mesmo padrão da colcha na cama, um pouco puída, com um assoalho da madeira muito encerada que rangia. Sem guarda-roupas, soluçou Delphine, sentindo mais e mais pena de si mesma, sem guarda-roupas, um assoalho que rangia, um tecido puído e provavelmente sequer uma única gota de gim em toda a maldita província produtora de uvas... e mesmo que houvesse, ninguém lhe ofereceria.

Anette de Lancel, passando pelo corredor, ouviu os soluços de Delphine através da porta grossa. Parou, indecisa. Não queria parecer bisbilhoteira, mas como podia seguir adiante, como se não tivesse ouvido o choro da amada neta? A criança estava com um pouco de saudade de casa, é claro, isso ficara patente desde o início, mas ela se mostrara tão doce e atenciosa, demonstrara tanto interesse em ouvir tudo sobre o *château*, a família e os vinhedos, que parecia que Eve tinha razão sobre a necessidade de Delphine de sentir uma ligação mais profunda com sua família.

A *vicomtesse* tomou uma decisão e bateu à porta.

— Quem é? — indagou a voz abafada de Delphine.

— Vovó, querida. Há alguma coisa que eu possa fazer?

— Não... não, obrigada. Estou bem.

— Não está bem, não, querida. Por favor, deixe-me entrar.

Delphine enxugou os olhos no lenço, suspirou e abriu a porta para *Madame* de Lancel, que avançou pelo quarto e parou abruptamente ao deparar com o tapete coberto pelo tesouro de seda e cetim dos vestidos a rigor.

— De onde veio isso? — perguntou ela, espantada.

— De Los Angeles. Minhas roupas a rigor... olhe só, vovó... olhe como são bonitas... tão bonitas... — Delphine prorrompeu num novo fluxo de lágrimas, comprimindo um casaco de pele branco contra o peito,

balançando para a frente e para trás em seu desespero. Anette de Lancel abraçou a neta e tentou confortá-la, afagando-a como se fosse uma criança, enquanto olhava aturdida para a maior coleção de roupas a rigor que já vira, maior do que já imaginara que qualquer mulher, até mesmo da sociedade de Paris, pudesse possuir.

— Mas... Delphine, querida... você precisa de tudo isso em casa?

— Preciso, sim — soluçou Delphine. — Todo mundo precisa... temos tanta diversão... oh, vovó, tanta diversão...

— Mas então deve ser terrivelmente insípido para você aqui, querida. Eu nunca tinha imaginado.

Anette de Lancel sentiu-se consternada pela compreensão de que Delphine fora exilada de uma vida em que saía com tanta freqüência que necessitava de todas aquelas roupas a rigor. No mínimo, Eve deveria tê-la avisado... e como Delphine fora educada e boa ao não deixar ninguém desconfiar que se sentia entediada.

— Não é isso... não é mesmo... apenas sinto saudade dos meus amigos... eu não deveria chorar... tem sido tão boa para mim... — murmurou Delphine, baixando aflita a cabeça adorável e tentando exhibir uma sorriso triste.

— É fácil ser boa para você, querida, mas eu deveria compreender que precisava de amigos de sua idade. Não posso me perdoar por isso. Mas aqui no campo... os jovens... francamente, não sei onde eles estão. Mas falarei com todas as minhas amigas e verei se seus netos... Tentarei o melhor possível, Delphine, prometo.

— Obrigada, vovó — disse Delphine, agradecida, pensando tristemente como deviam ser os netos dos vizinhos. — Mas juro que isso é importante. A única coisa... acha que eu poderia ter outro *armoire* no quarto?

— Mas claro, minha querida! Mandarei trazer imediatamente. Não pode deixar todas essas coisas lindas no chão! — Anette de Lancel saiu afobada, contente por ter alguma coisa prática para fazer por Delphine. Quanto aos netos de suas amigas, teria também de providenciá-los. Sem dúvida, devia haver muitos rapazes e moças apropriados, passando o verão no campo. Alertaria cada família na Champagne e os encontraria e... e... daria um baile! Isso mesmo, um baile para os jovens, um baile em pleno verão, como poucas vezes já fora promovido na Champagne, se é que alguma vez, no auge da estação.

— Jean-Luc, não sei mais o que fazer — disse Anette de Lancel ao marido, depois de um dia ao telefone. — Os netos dos Chandons estão visitando a Inglaterra, os Lansons têm cinco netos... isso mesmo, cinco... mas nenhum é esperado em casa por semanas, as crianças dos Roederers estão todas na Normandia... sabe que nada pode mantê-la afastada de seus cavalos... *Madame* Budin em Perrier-Jouet diz que seu filho infelizmente é muito jovem, *Madame* Bollinger tem dois sobrinhos, mas ambos estão ausentes, todos os Ruinarts foram visitar Bordeaux... consegui, ao final, encontrar quatro moças e dois rapazes, depois de falar com todo mundo que conheço. Todos sem exceção!

— A ocasião oportuna para bailes é no Natal — comentou o *Vicomte* de Lancel.

— É um comentário extremamente útil, Jean-Luc.

— Está se transtornando por nada, Anette. Se Delphine sente-se entediada, não há nada que se possa fazer. É uma boa menina, mas se lembre de que não foi idéia nossa convidá-la para o verão.

— Como pode ser tão cruel? Aquela pobre menina, com todas as suas esplêndidas roupas... não pode ao menos imaginar a alegria a que ela está acostumada?

— Não seria talvez demais? Não seria por isso que Eve a mandou para cá? Para que tenha algum tempo para refletir? Tenho a impressão de que havia alguma coisa a respeito na carta.

— Ela já teve seis semanas sem distrações para a reflexão. Tenho de lhe oferecer uma festa, Jean-Luc, mesmo que não seja um baile. Mas quatro moças... cinco, contando com Delphine... e dois rapazes... não, não é possível.

— Poderia convidar apenas as moças. O importante não é que ela se encontre com as pessoas de sua

idade?

— Jean-Luc, juro que às vezes não consigo entendê-lo. Não recorda mais nada da juventude?

— Tanto quanto você, eu diria, já que ambos nos aproximamos dos oitenta anos.

— Não precisa me lembrar, Jean-Luc. De qualquer forma, sou muito mais nova do que você.

— Três anos e dois meses.

— Ora, por que casei com você?

— Eu era a grande atração da região.

— Eu é que era. Já esqueceu quantos *arpents* de vinhedo eu trouxe comigo?

— Duzentos e sessenta.

— Duzentos e sessenta e um!

— Sua memória continua tão boa como sempre, meu amor. Seja como for, telefonei para Bruno antes do jantar. E fiz com que me promettesse trazer alguns rapazes, no momento em que você quiser. Rapazes apropriados. E agora não vai me dar um beijo?

— Bruno! Como não pensei nele?

— A visão, minha cara, é o que torna o homem diferente da mulher, a largura de visão, a capacidade de pensar além da Champagne, de perceber uma oportunidade e executar o plano com presteza e... calma, calma, Anette, sabe que detesto ser atingido com um travesseiro... acalme-se, comporte-se de acordo com sua idade...

Os visitantes parisienses, para o jantar que os Lancel ofereceram em homenagem a Delphine, foram convidados a passar a noite no *château*. Bruno trouxera três dos seus amigos invariavelmente apresentáveis; dos seis jovens franceses que estavam presentes ao jantar, cinco apaixonaram-se por Delphine. Bruno tinha de admitir que sua meia-irmã americana tornara-se incontestavelmente um crédito para ele. Nenhum dos cinco ficou tão fascinado quando Guy Marchant, que ficou sentado a olhar pela janela para a noite enluarada por muito tempo depois de fechar a porta do seu quarto, tão atordoado pelo amor que nem mesmo afrouxou a gravata ou tirou os sapatos.

Nunca existira uma moça assim. Nunca haveria outra igual. Ele morreria se não pudesse passar o resto da vida com ela.

Guy levantou-se e começou a andar pelo quarto, terminando, depois de vários circuitos, por voltar para a janela, contemplando as estrelas. Guy Marchant tinha o interesse de um amador inteligente por astronomia, e durante a viagem para Valmont distraíra Bruno com uma dissertação filosófica sobre os altos e baixos da situação do mundo, extraídos de um livro que lera, do inglês Sir James Hopwood Jeans.

— Jeans calcula — dissera ele —, baseado no que se pode ver do universo pelo grande telescópio do monte Wilson, que há tantas estrelas que, se fossem grãos de areia e espalhados sobre a Inglaterra, criariam uma camada de centenas de metros de profundidade.

Centenas de metros, Bruno. E não se esqueça que nosso planeta é um milionésimo de uma parte de um desses grãos de areia, apenas um milionésimo. Está entendendo, Bruno? Apenas um milionésimo de apenas um dos grãos de areia que formariam uma camada de centenas de metros sobre a Inglaterra... e seria igualmente profundo se fosse na França... pode entender, não é mesmo, Bruno, que nada do que fazemos tem realmente importância nesse contexto?

Mas isso fora antes de Guy conhecer Delphine. Agora, o tamanho do universo não apenas estava esquecido, mas também era totalmente imaterial e irrelevante, suas próprias emoções eram de uma importância mais essencial e mais imediata.

À medida que as horas foram se passando, ele pôde começar a pensar como o esperto homem de negócios que era. Obviamente, refletiu, não podia esperar que os Lancel o convidassem a passar o resto do verão ali. Obviamente, tinha de casar com Delphine antes que ela voltasse aos Estados Unidos, onde devia haver centenas de homens disputando sua mão. Obviamente, a fim de conquistá-la, precisava ter

Delphine só para si, sem perda de tempo, pois sabia, com o instinto seguro de um homem apaixonado, que os outros quatro rapazes ao jantar haviam caído sob o seu encantamento.

O que ele tinha que os outros não tinham?, Guy perguntou a si mesmo, tentando ser tão racional quanto possível. Delphine lhe sorria com mais frequência do que para os outros? Dançara com ele mais vezes depois do jantar? Dissera-lhe alguma coisa sobre os seus interesses que permitisse aprofundar o relacionamento? Não, ela repartira igualmente os sorrisos e danças, flertando com todos, de uma maneira que era tão frustrante como se não tivesse flertado com nenhum.

Mas... mas... ela era de Hollywood. Ser de Los Angeles era ser de Hollywood, não importava em que lugar de Los Angeles se vivia... o negócio internacional de jornal cinematográfico lhe ensinara isso. E de todas as pessoas em Valmont naquela noite, apenas ele tinha uma noção, por mais vaga que fosse, do que significava ser de Hollywood. Apenas ele sabia que uma pessoa de Hollywood tinha de ser fascinada pelo cinema, porque sempre, de uma maneira ou de outra, até a mais remota, considerava-se parte do mundo do cinema. Delphine estaria mais interessada em visitar o famoso *château* dos pais de Max no Loire, os afamados estábulos do pai de Henri, o iate da família de Victor... ou seus próprios estúdios? E todos os outros estúdios, os grandes estúdios de cinema que podia lhe mostrar, em Billancourt e Boulogne? Isso mesmo, ele tinha uma vantagem! Agora, o que devia fazer era acertar tudo, pensou, finalmente bastante calmo para começar a se despir. No dia seguinte daria um jeito. Ao desjejum.

Não, antes do desjejum, antes que os outros tivessem uma oportunidade.

Poucos dias depois estava confirmada a visita de Delphine a Paris, para passar alguns dias com *Monsieur* e *Madame* Marchant, devidamente precedida por uma longa e persuasiva conversa de Bruno com a avó e de uma carta de *Madame* Marchant para a *vicomtesse*.

— Não, Jean-Luc, claro que não acho que Eve queria que Delphine permanecesse aqui todos os dias, até voltar aos Estados Unidos.

Isso é bobagem. Ela não é nossa prisioneira, e você está sendo vitoriano demais, meu caro — falou Anette de Lancel, em tom azedo, satisfeita porque Delphine teria um pouco de movimento e um vislumbre da vida na capital. — De qualquer forma, o que esperava quando pediu a Bruno que trouxesse alguns amigos para o jantar?

— Está convencida de que ela será bem acompanhada?

— *Madame* Marchant assegurou-me que a vigiaria com tanto cuidado quanto faz com a própria filha. Além disso, Bruno também estará com ela. Ora, Jean-Luc, você me espanta.

— Você nem mesmo conhece *Madame* Marchant pessoalmente — resmungou o *vicomte*, contrariado porque seria privado do prazer de falar mais a Delphine sobre a cultura das uvas, pois passara tantas horas agradáveis a distraí-la.

— Bruno diz que ela é uma mulher simpática e refinada, absolutamente confiável.

— E Bruno está sempre certo? — perguntou ele, bruscamente.

— Mas que pergunta é essa?

— Das mais tolas, minha cara. Talvez eu esteja ficando velho.

E, nesse caso, devo aproveitar o único preventivo possível que a natureza nos oferece e tomar outro copo de champanhe. Também quer?

— Claro, meu querido, claro..

O charme inato e a beleza delicada de Delphine, já bastante potentes em combinação, eram ampliados mil vezes por uma ausência de empenho interior básica. Os franceses, acostumados ao longo da história a estrangeiros que tentavam compensar por não serem franceses, que se esforçavam para tirar alguma coisa da cartola de mágico pessoal que persuadissem os franceses a admiti-los como membros da raça humana, ficaram imediatamente fascinados pela atitude que ela projetava. Delphine sinceramente não notava nem

se importava se os franceses na França a aprovavam ou não.

Fora criada em três países em que o francesismo era apenas algo em relação aos pais que os tornava nitidamente diferentes dos nativos, mas não necessariamente melhores. O francesismo relacionava-se com o emprego do pai e a maneira como a mãe treinava uma cozinheira nova, mas não chegava a ser algo sagrado. Ser um Lancel nada significava para ela em comparação com ser um Selznick, um Goldwyn ou um Zanuck; e dez anos de preleções sobre as gloriosas tradições da Champagne não mudariam isso.

Os Marchants ficaram deliciados pelo que perceberam como uma ausência do formalismo que era de se esperar em membros de aristocracia antiga. Nunca acreditariam que a única aristocracia que impressionava Delphine era a de um grupo de famílias que haviam faturado milhões nas últimas décadas e os atores e atrizes cujas fotografias apareciam nas páginas das revistas de cinema americanas.

Ficaram perplexos com os planos de Guy para a visita de Delphine. Mas ela não preferia ir à Torre Eiffel, túmulo de Napoleão, Place Vendôme, o Louvre? Que conversa era aquela de Gaumont, Pathé-Cinema, Kodak-Pathé? Os turistas nunca iam a Billancourt, não é mesmo? Por que ela haveria de querer visitar lugares assim, com os quais devia estar familiarizada em Hollywood?

— Não, *Madame* Marchant, posso lhe assegurar que estou ansiosa em conhecê-los — apressou-se Delphine em dizer.

Em diversas ocasiões, quando ainda estava na escola secundária, alguns amigos dos pais ligados ao mundo do cinema haviam convidado a família para visitar um estúdio. As espiadas rápidas nos cenários — quase prejudicadas pelo terror de atrapalhar as pessoas tão importantes que corriam de um lado para outro, confiantes, com funções a cumprir — proporcionaram a Delphine um vislumbre do paraíso que estava condenada a conhecer apenas como uma estranha.

— Como quiser então — disse *Madame* Marchant, resignada. — Basta me dar um minuto para pôr o chapéu. — Ela ajeitou os cabelos azu-lados com as mãos bem-cuidadas, em que diamantes faiscavam.

— Não precisa ir, se não quiser, mamãe — interveio Guy. — Bruno vai se encontrar conosco lá.

— Pensando bem, nesse caso... tenho muitas outras coisas que preciso fazer — murmurou a mãe de Guy, com um alívio evidente nos olhos.

A perspectiva de passar um dia inteiro observando pessoas a fazerem filmes era muito tediosa. Houvera um tempo, muitos anos antes, em que também pensara que seria divertido observar o processo, mas várias horas de atenção acabaram com a ilusão.

De qualquer forma, a idéia de ela agir como uma *chaperone* era totalmente absurda. Guy, o filho mais novo e o predileto, era um perfeito cavalheiro, e podia-se confiar a ele qualquer moça... ainda mais uma moça por quem estava visivelmente tão apaixonado. A preocupação desnecessária da *Vicomtesse* de Lancel com a neta tão autoconfiante vinha de outro século. Os aristocratas provincianos estavam atrasados no tempo, embora de uma forma encantadora. E mais importante, se não fizesse hoje a terceira prova de suas novas roupas de Chanel nunca ficariam prontas para o começo da temporada. Ela acompanhou-os até a porta com um sorriso vagamente benevolente, perdida em felizes devaneios de tweeds, botões e forros.

A viagem do enorme apartamento dos Marchants, na Avenue Foch, até o Gaumont Studio, em Billancourt, pareceu durar uma eternidade para Delphine. Falou pouco, mas Guy percebeu que ela fervilhava de emoção, sentada ao seu lado, e atreveu-se a acalentar a esperança de que fosse por se encontrar a sós em sua companhia. De vez em quando, ele lançava um olhar para seu perfil, mas Delphine, embora sentisse os olhos dele fixados em seu rosto, decidiu não dar atenção. Poderia estar hoje com Max, Victor ou Henri, pois todos haviam telefonado com convites tentadores depois do jantar; mas o plano de Guy dera certo, e ela resolvera morder a isca. E isso era suficiente para mantê-lo feliz por enquanto.

Bruno encontrou-se com eles no estúdio, mais por curiosidade do que por qualquer senso de obrigação de vigiar Delphine. Os Marchants ainda não haviam se tornado clientes de La Banque Duvivier

Frères, e depois dos enormes favores que prestara a Guy, isso lhe parecia uma falta de gratidão totalmente inaceitável. Convidara-o para jantar na casa de seus avós, intercedera junto à avó para permitir a visita de Delphine... será que Guy não percebia o quanto devia a Bruno? Ou não teria bastante influência nos negócios do pai para sugerir uma nova aplicação dos recursos? Qualquer que fosse a possibilidade, ambas eram imperdoáveis. Talvez tivesse sido precipitado demais ao encorajar a amizade de Guy, era bem possível que se tivesse deixado tomar como um fato consumado. Guy era um arrivista, pensou ele, furioso. Bruno não se permitia facilmente a culpa por um julgamento errado.

Ele ficou satisfeito ao observar, enquanto os três esperavam à entrada no estúdio, que Delphine parecia distante, muito menos galante do que na noite do jantar em Valmont. Apreciou sua incontestável elegância num costume de xantungue vermelho, adornado com azul-marinho, que ela comprara na Bullock's para visitas ao hipódromo em Santa Anita, e refletiu que Delphine parecia mais velha do que em qualquer outra ocasião em que já a vira, com um pequeno chapéu de palha azul-marinho inclinado por cima de um olho.

— Ah, aqui está meu companheiro — disse Guy, apresentando-os a um jovem baixo e louro, com um sorriso cordial, que chegara apressa do ao portão principal. — Jacques Sette, *Mademoiselle* de Lancel, Vicomte de Lancel... Jacques é o assistente de Bufford... vai nos mostrar tudo.

— Lamento fazê-lo esperar, Guy, mas sabe como são essas coisas.

Mademoiselle, monsieur, queiram me acompanhar... Guy já conhece o caminho. Não estamos com muito movimento hoje. Infelizmente, vários filmes estão sendo filmados em locações e outros se encontram na fase de pré-produção, mas Gabin e Michèle Morgan estão trabalhando no Palco Cinco, sob a direção de René Clair... achei que seria a maneira mais interessante de começarem.

Ele pronunciou os grandes nomes com uma demonstração de indiferença, como se lhe pertencessem. Delphine fitou-o com inveja.

Havia uma luz vermelha acesa por cima da pequena porta na parede corriqueira do Palco Cinco, e tiveram de esperar até que apagasse. Lá dentro, descobriram-se numa estrutura vasta e confusa.

Algumas partes estavam na escuridão e outras com uma iluminação tão intensa que parecia irradiar um ruído, como um zumbido baixo.

— Tomem cuidado onde pisam — advertiu Jacques Sette.

Ele pegou o braço de Delphine sem a menor cerimônia para guiá-la entre os cabos que levavam aos refletores e em torno dos obstáculos criados por adereços que se projetavam do chão. Ela olhava por toda parte ao mesmo tempo, sem entender nada, até que Sette os fez parar de repente à beira de uma área em que a aura de concentração era tão palpável quanto as luzes eram brilhantes.

Ela podia cheirar, pensou Delphine, o coração disparado, cheirar o excitação. Estavam a seis ou sete metros do cenário, o interior de uma sala de jantar, em que Jean Gabin e Michèle Morgan se sentavam à mesa, a refeição interrompida, em companhia de quatro outros atores, nenhum dos quais Delphine reconheceu. Uma maquiladora circulou pela mesa, passando pó-de-arroz em testas, retocando lábios, ajeitando mechas de cabelos. Os atores sentavam-se pacientes, numa espécie de limbo; Gabin murmurou um gracejo, e todos riram, comedidos, mas por alguns minutos não se mexeram, enquanto dois homens, um de pé e outro numa cadeira de diretor, conferenciavam. As conversações finalmente cessaram, a maquiladora retirou-se do cenário, o homem de pé foi para sua câmara e falou com outro homem. No silêncio profundo que se seguiu, alguém invisível anunciou com uma autoridade agressiva:

— Silence! On tourne.

Delphine estremeceu de emoção. Dera alguns passos, silenciosos, como se estivesse num sonho, antes que Sette percebesse. Ele se adiantou apressado, segurou-a pelo ombro, e a fez voltar para a área dos visitantes. Embaraçada, ela assumiu uma expressão de desculpa. Nem notara que se mexera. A cena foi interrompida outra vez um minuto depois.

— Vamos embora — sussurrou Bruno, no ouvido de Delphine. — Isso não está mais interessante.

Delphine sacudiu a cabeça em recusa. A filmagem recomeçou, e dessa vez não se prolongou por mais que dois minutos antes que René Clair, insatisfeito, a interrompesse com um abrupto "Corta".

Ele foi até o cenário e conversou longamente com os atores, em voz baixa demais para ser ouvida. Gabin acenou com a cabeça várias vezes, Michèle Morgan deu de ombros e sorriu; para Delphine, era como se os deuses do Olimpo se dignassem a aparecer para ela sob forma humana.

As luzes foram reformuladas, o fotografo pôs um pequeno objeto no olho, deu instruções, falou com seu assistente; e depois, com Bruno e Guy esperando impacientes e Delphine tão imóvel como se fosse um ornamento de jardim, a filmagem recomeçou, mais uma vez.

E finalmente chegou ao fim.

— Corta... e pode copiar — disse René Clair, com alguma satisfação. As luzes se apagaram, os atores levantaram e se dispersaram em todas as direções.

— Já era tempo — murmurou Bruno, soltando um suspiro de tédio.

— Eles voltarão a fazer a mesma coisa durante toda a tarde — explicou Sette. — Fizeram um intervalo para o almoço. Essa última foi a primeira tomada boa. Mas tenho a impressão de que vocês já cansaram.

— Pelo resto de minha vida — respondeu Bruno.

— Eu avisei — disse Guy.

— Mas não com a insistência que devia. Vamos embora, Delphine.

— Não — disse ela.

— Como assim? Não resta mais nada para ver.

— Quero vê-los fazer tudo de novo.

— Como quiser, *mademoiselle* — disse Jacques Sette, lançando um olhar espantado para Guy. — Mas nada acontecerá por aqui durante duas horas. O almoço é sagrado, particularmente durante uma filmagem. Posso convidá-los para almoçarem comigo no refeitório?

— Oh, por favor! — exclamou Delphine.

— Está exagerando, Delphine — censurou-a Bruno.

Mas ele estava com fome, depois de todo aquele tempo horrível parado, sem fazer nada, e não tinha outro compromisso para o almoço. Era sempre preciso comer em algum lugar.

O refeitório, como todos os refeitórios de estúdio, tinha uma sala particular grande, reservada aos executivos e aos atores mais importantes. Delphine olhou ao redor, ansiosa, imaginando que estava prestes a deparar com Jean Gabin e Michèle Morgan no almoço, mas os dois haviam preferido comer em particular, nos seus camarins, depois da manhã inteira sentados a uma mesa de jantar.

Sette conduziu-os a uma, instalando Delphine na cadeira que oferecia a melhor visão da sala.

— Primeiro, um copo de vinho — sugeriu ele, fazendo o pedido ao garçom.

— Por favor, diga-me quem é todo mundo — suplicou Delphine.

Sette olhou ao redor, esperando encontrar um artista famoso que fizesse com que o desejo evidente da moça se tornasse realidade; mas à exceção dos diretores, Jean Renoir, Pierre Prévert, Marcel Carné, Nico Ambert e Autant-Lara, ele só viu atores coadjuvantes, que eram desconhecidos nos Estados Unidos. Delphine observou cada um dos diretores que ele indicou, mas eram apenas homens comuns, não artistas de cinema, e seu anseio ficou insatisfeito. Desapontada, ela tomou um gole do vinho e tornou a correr os olhos pela sala, os olhos enormes tristonhos, mas alertas.

Três homens comiam juntos a uma mesa não muito longe da que Sette escolhera.

— Dêem uma olhada naquela moça — sugeriu Nico Ambert a seus dois companheiros de almoço. — A que está com Sette.

Os três viraram-se ligeiramente e examinaram Delphine da cabeça aos pés, como se ela fosse um sofá num leilão.

— Alguém sabe quem ela é? — indagou Jules LeMaitre, o diretor de elenco de Ambert.

— Não é uma atriz — concluiu Yves Block, o cinegrafista de Mayerling de Ambert, que deveria entrar em produção dentro de um mês.

Os três haviam se reunido durante o dia inteiro, discutindo detalhes do filme, que se encontrava nos estúdios semifinais de planejamento.

— Por que diz isso, Yves? — perguntou LeMaitre.

— Ela é desinibida demais — respondeu Block. — Olha ao redor como uma turista... nenhuma atriz se permitiria fazer isso, mesmo num estúdio estranho. E tem mais: nunca vi seu rosto antes. Se ela fosse uma atriz, não acha que um de nós... ou todos nós, poderia reconhecê-la?

— Se ela fosse uma atriz, teria me reconhecido — comentou Nico Ambert, calmamente.

O diretor, um homem corpulento, de trinta e poucos anos, tinha a pele azeitonada, cabelos pretos e a aparência típica de sangue quente de um homem do sul da França, mais italiano do que francês.

Possuía um grande vigor mesmo em repouso, uma aura de autoridade, um nariz aquilino proeminente, olhos brutais e um jeito implacável na boca. Era um homem acostumado ao poder e que o usava bem; um homem temido por muitos homens e cobiçado por muitas mulheres.

Delphine sabia que os três homens a observavam, mas para ela não eram ninguém, como todos os demais naquele refectório decepcionante. Estava tão acostumada a ser o alvo dos olhos de homens que flutuava livremente sob as atenções, com tão pouca curiosidade por eles quanto a sentida por um peixinho tropical em exposição num aquário.

— Ela não é francesa — disse Ambert. — Há alguma coisa muito controlada na maneira como ela se comporta, e olhem só para os sapatos... não podem ser franceses.

— Mas ela fala francês, Nico — ressaltou Jules LeMaitre. — O jeito como os lábios se contraem, o modo como usa as mãos... o que você acha, Block?

O cinegrafista estudava em silêncio o rosto de Delphine. Era um enciclopedista da sintaxe das feições. Por que, muitas vezes se perguntava, as pessoas achavam tão maravilhoso que não houvesse dois flocos de neve iguais, quando nenhum rosto humano, mesmo o de um gêmeo idêntico, era igual a qualquer outro?

Block não acreditava na beleza. Sabia que o rosto mais impecável podia se transformar numa paisagem insípida sob os refletores.

Já vira muitos olhos extraordinários perderem sua força para projetar a luz das estrelas quando a câmara os focalizava.

Os enormes refletores e a lente de sua câmara se uniam numa conspiração diabólica para reduzir a aparência de homens e mulheres que eram, na vida real, criaturas de esplendor natural. Contudo, às vezes as luzes e a câmara pareciam lamentar seu veredicto rigoroso e faziam um acordo para encontrar o fascínio num rosto que dava antes a impressão de ter apenas uma beleza comum. A mulher mais encantadora que já tentara captar em filme possuía um nariz que projetava uma sombra horrível, não importava como a iluminasse. Já filmara outra mulher cuja beleza era absolutamente banal, mas na frente da câmara a disposição das feições assumira o mistério impressionante de uma sacerdotisa consagrada ao silêncio ritual.

Block, sem pensar, podia distinguir os essenciais num segundo: julgar se os olhos estavam bastante apartados, se o nariz tinha qualquer das inconveniências óbvias e incontáveis da maioria dos narizes; avaliar o volume de um queixo, a extensão de um pescoço, a geometria essencial e absolutamente crucial da disposição da boca em relação aos olhos; mas até que as luzes falassem, que a câmara respondesse, ele preferia que não lhe pedissem uma opinião.

— É impossível dizer — respondeu Yves Block finalmente, dando de ombros para o diretor de elenco.

— Não quer fazer um teste com ela? — insistiu Julian LeMaitre.

— Cabe a Nico decidir isso.

— Yves, ponha aquela moça no filme — decidiu Nico Ambert.

— Para o papel de Marie, Nico?

— Quem mais?

— Podemos ter Simone — lembrou Jules.

— Só se a quisermos... ainda não tem nada assinado. Jules, você conhece Sette, não é mesmo?

— Claro. O assistente de Blufford.

— Vá até lá e apresente-se. Se ela não fala com um sotaque insuportável, diga-lhe o que queremos. E providencie tudo para esta tarde. Tenho um encontro com o agente de Simone daqui a dois dias.

— Espere um instante, Nico. Por que sequer considera aceitar uma desconhecida para o papel de Marie?

— Para ser franco, prefiro uma desconhecida. Mayerling já foi produzido antes, no cinema e no teatro; todo mundo conhece a história de Marie Vetsera, o Arquiduque Rudolph e seu pacto de suicídio em Mayerling. Uma desconhecida acrescentaria um toque de inesperado.

— Suponho que não haverá mal algum em vê-la — concordou Jules, sem entusiasmo.

O elenco já estava definitivamente escolhido em sua mente e não gostava de qualquer interrupção depois de formada a constelação, mas fazer a vontade do diretor era parte das funções de todos. Com Ambert, nem mesmo era fazer a vontade, mas obedecer. Ele largou o garfo e encaminhou-se para a mesa de Sette.

— E então, Jacques, está oferecendo uma excursão hoje?

— Tenho essa honra. Deixe-me apresentar... *Mademoiselle* de Lancel, permita-me apresentar Jules LeMaitre, diretor de elenco sem ilusões nem escrúpulos, em outras palavras, um dos grandes. Jules, nossos outros convidados, *Vicomte* de Lancel e Guy Marchant... da Marchant Actualités.

Enquanto cumprimentava Delphine, LeMaitre constatou, nas poucas palavras que ela disse, que o seu sotaque era tão francês quanto o dele, embora compreendesse, por nuances de atitude sutis demais para exprimir em palavras, que não era francesa e não era do mundo do cinema.

— Está visitando Paris, *mademoiselle*! — perguntou ele, polidamente, desviando-se dos três homens, depois de trocar apertos de mão.

— Por alguns dias. E depois volto à Champagne.

— Quer dizer que mora na Champagne e cuida dos seus melhores vinhos?

— Moro em Los Angeles — respondeu Delphine, sorrindo.

Ele era claramente um daqueles homens insinuantes.

— Ahn... Então deve estar no cinema.

— Não. — Delphine riu, lisonjeada, apesar da familiaridade do comentário. Nunca o ouvira antes de um diretor de elenco. — Na verdade, sou estudante na universidade.

— Ou seja, uma intelectual. Maravilhoso. Tenho outra pergunta, não muito indiscreta, para apresentar-lhe, *mademoiselle*. Meu chefe, Nico Ambert, o diretor, quer saber se não se incomodaria de fazer um pequeno teste de tela para nós. Esta tarde, para ser mais preciso, se puder nos dispensar uns poucos minutos.

— Essa não! — explodiu Sette, irritado com a intromissão com seus convidados. — Eu sabia que você estava tramando alguma coisa, LeMaitre!

E se Blufford, seu próprio chefe, quisesse fazer um teste com ela? Deveria ter pensado nisso antes.

— É impossível, Delphine! — protestou Guy Marchant, imediatamente alarmado. — Bruno, diga a Delphine que ela não pode fazer isso de jeito nenhum. Tenho certeza que sua avó ficaria furiosa.

— Não diga bobagem, Guy — respondeu Bruno. — Por que ela não deveria fazê-lo? Não há nada de imoral num teste para o cinema, até onde eu sei. — Quem Marchant pensava que era, especulou ele, tomando decisões sobre o que era certo ou o que não era para Delphine, dizendo-lhe o que sua própria

avó pensaria? Um inferior sempre seria presunçoso. Era algo para lembrar.

— Mas só porque algum sujeito a vê e a acha atraente, Bruno? Há algo de indecente nisso... como se ele estendesse a mão, batesse em seu ombro e dissesse "Siga-me". Não é *comme il faut*.

Guy se levantara em sua agitação.

— Não é *comme il faut*? — escarneceu Bruno. — Creio que posso julgar por mim mesmo, Guy. Não é *comme il faut*... mas que coisa!

— Guy e você também, Bruno, posso perguntar o que isso tem a ver com qualquer dos dois? — interveio Delphine, calmamente. — *Monsieur* fez-me uma pergunta, e minha resposta é que me agradaria muito.

— Eu lhe suplico, Delphine, pense duas vezes — balbuciou Guy, desolado. — Levará a tarde inteira.

— A tarde é minha, Guy, não sua. *Monsieur* Sette, gostei muito do almoço. Obrigada por sua hospitalidade. — Delphine levantou-se e fitou o diretor de elenco. — Estou pronta para o teste... ou estarei depois que alguém cuidar da minha maquilagem. Devo acompanhá-lo?

— Por gentileza, *mademoiselle*.

— Só um instante, LeMaitre — interveio Sette. — Em que palco estarão trabalhando?

— No Sete. Dentro de uma hora, mais ou menos.

— Vamos todos encontrá-los lá.

— Acho que preferia fazer o teste sem uma audiência de amigos e família — retrucou Delphine. — Guy, pode fazer o favor de me encontrar do lado de fora depois que acabar? Bruno, você não precisa esperar. Estarei absolutamente segura com *Monsieur* LeMaitre.

— Tenho certeza que sim. Falarei com você amanhã. Divirta-se. — Bruno beijou-a no rosto e saiu apressado do refeitório, acompanhado de Guy Marchant, ainda gesticulando num vão protesto. Jacques Sette assinou a conta do almoço com uma expressão sombria. Blufford saberia de tudo e, independente do resultado do teste, tudo se tornaria culpa sua de alguma forma.

A maquiladora era gorda e afável, uma profissional brilhante. Tratou Delphine com familiaridade e admirou seu chapéu, mesmo enquanto o tirava para reajeitar os cabelos, soltando-os das ondas com uma escova, a fim de que se afastassem do rosto e caíssem até os ombros, revelando dramaticamente o bico-de-viúva. Ela realizou maravilhas jamais imaginadas com o rimel e reformou as faces de Delphine, os ossos da mandíbula e as órbitas dos olhos, criando sombras que acentuavam os contornos naturais do rosto de uma maneira muito mais ousada do que Delphine jamais acreditara possível ou desejável. Explicou diante dos protestos que no filme em preto e branco seu trabalho pareceria tão natural como se Delphine usasse apenas a maquilagem comum. Louvou a largura da testa de Delphine, o tamanho dos olhos e o queixo oval pequeno e perfeito.

— Um verdadeiro formato de coração este aqui, um autêntico coração — murmurou ela, quase que para si mesma.

O batom foi finalmente aplicado, e Delphine estava livre para deixar a sala de maquilagem. Encontrou LeMaitre no outro lado da porta, esperando-a pacientemente.

— Está ótima. E agora vamos encontrar *Monsieur* Ambert. — Conduziu-a pelo crepúsculo do Palco Sete, na direção da cadeira do diretor.

Nico Ambert levantou-se e, ao estender a mão, avaliou-a de novo, da cabeça aos pés, com uma expressão franca e implacável; mas a voz era gentil quando disse:

— Fico contente que tenha aceitado meu convite, *mademoiselle*.

Espero que não esteja nervosa.

— Eu deveria ficar? — Delphine ouviu-se dizer, provocante, como se ele fosse um rapaz em Los Angeles.

Ela só queria que Margie estivesse ali para testemunhar tudo.

Só isso podia fazer com que fosse real.

Desde que o diretor de elenco a abordara no almoço que ela experimentava a sensação de que se encontrava num sonho febril, mas milagroso. Cada átomo de realidade era realçado pelo ambiente inebriante do estúdio, onde a porta de aparência mais comum podia se abrir para um mundo de maravilhas. Mal pensara na mecânica de um teste para o cinema, tão emocionada ficara com as vistas e cheiros do que julgava, confusamente, como os bastidores. Tentava absorver e lembrar tudo ao redor, fundir-se, assim como se perdera na cena com Gabin e Michèle Morgan.

— Deveria? — repetiu Ambert. — Não, claro que não. Sente-se aqui, ao meu lado, eu lhe mostrarei o que vai ler. É muito simples, lerá apenas as linhas sublinhadas em vermelho, e eu lerei as outras para você... um pequeno diálogo entre nós. Não deve olhar para a câmara, se conseguir evitar. Gostaria primeiro de ler sozinha?

— Não sou uma atriz — disse Delphine. — Portanto, de que adiantaria?

— Talvez para se orientar?

— Contarei com sua orientação, *monsieur*. Acho que será melhor assim.

— Conhece a história de Mayerling?

— Não muito bem.

— Não tem importância. Esta cena é apenas um encontro entre uma moça da nobreza e o herdeiro dos Habsburgos. Ocorre num baile...

eles dançam juntos... e se apaixonam.

— Parece familiar — comentou Delphine, sorrindo. — Onde quer que eu fique?

— Ali. Por que não deixa seu casaco aqui? Sentirá calor sob as luzes.

Delphine tirou o casaco vermelho e largou-o no encosto de sua cadeira. Usando apenas a saia que combinava e uma blusa branca de seda simples, ela andou cinco metros até o banco alto, indicado por Ambert. Assim que se sentou, o diretor deu uma ordem e as luzes foram acesas, fazendo-a levantar um braço diante dos olhos, com um grito de surpresa.

— Avise-me quando puder ver o suficiente para ler — disse Ambert, falando através da distância que os separava tão claramente como se estivesse sentado o seu lado.

Delphine esperou, realmente consciente, pela primeira vez, do peso de muitos olhos masculinos a avaliá-la, com um ávido interesse profissional. Como as luzes, era um golpe e tanto; e também como as luzes, era extremamente desejável, uma atenção primeva. Nunca se sentira tão viva, tão ela própria, tão no controle.

Nos minutos que levou para se acostumar ao clarão, sentiu alguma coisa se avolumando em seu íntimo, irresistível, alarmante. Não era o calor da luz em sua pele. Era um ardor que começou na barriga e estendeu-se de maneira rápida e inexorável, até alcançar e se fixar entre as pernas, levando-a a cruzar as coxas, a fim de que não revelassem o tremor involuntário e súbito dos lábios inferiores. Ela ficou imóvel sob as luzes, segurando-se no banco com as duas mãos. O *script* caiu no chão quando foi dominada por um orgasmo intenso. Mordeu os lábios, empertigou-se tão rígida quanto pôde, projetando os seios para a frente e os ombros para trás, as pernas comprimidas com toda força, a fim de não deixar transparecer coisa alguma aos homens que a observavam. Nico Ambert sentiu o pênis inchar e subir em reação ao excitação de Delphine. Há anos que isso não lhe acontecia. Havia um silêncio total no cenário.

— Jules, dê-lhe o *script* — murmurou Ambert, quando percebeu que Delphine recuperara um pouco de controle.

Ele próprio estava duro demais para se mover. LeMaitre entregou o *script* a Delphine. Nico começou a ler, um discurso longo, escolhido deliberadamente para deixar uma atriz à vontade.

Delphine escutou, os olhos vendo mas não entendendo as palavras, a respiração muito acelerada na esteira do orgasmo para lhe permitir dizer suas falas. O ardor ainda estava ali, insistente e premente, ela

sabia que seria preciso muito pouco para levá-la a outro orgasmo. Devia ser por causa das luzes, pensou ela, devia ser por causa das luzes.

— *Mademoiselle?*

— Pois não? — balbuciou ela.

— Não consegue ler?

— Tentarei. — Delphine respirou fundo e concentrou-se com toda intensidade no *script*. Não demorou muito para que as linhas fizessem sentido, e ela leu, alheia à câmara, alheia aos espectadores, empenhando todo seu ser nas linhas sublinhadas em vermelho, porque só assim podia controlar o corpo. A voz de Ambert respondia às suas falas. Quem a ensinara a foder com a câmara?, especulou ele.

Delphine continuou a ler, ele respondeu, ela respondeu, até que replique se sucedendo a replique, numa dança de palavras, concluíram a cena curta.

O diretor fez sinal para que as luzes fossem desligadas e na escuridão súbita ele se levantou apressado e foi ao lugar em que Delphine continuava sentada, chocada pelo fim abrupto. Pegou-a pelo braço, onde estava nu, abaixo da manga curta.

— Esteve esplêndida — disse ele, em voz baixa. — Receio ter sido bastante difícil.

Delphine teve a sensação de que a cena recomeçara.

— Foi tão... brilhante.

— Eu compreendo. Gostaria de se sentar em sossego em algum lugar antes de se encontrar com seus amigos?

— Gostaria.

— Então venha comigo.

Ele levou-a para longe do palco, viraram uma esquina, entraram em seu camarim. Nico virou-se, de costas para a porta, puxou-a.

Beijou-a na boca entreaberta, um beijo rude, um beijo extasiado.

— Você sabe... você sabe? — indagou ele, a voz brutal.

— Sei o quê? — balbuciou Delphine, sabendo muito bem.

— O que fez comigo? Sinta.

Ele comprimiu-se contra o corpo de Delphine, de tal forma que sua extensão inflada, longa, animal, gravou-se em sua barriga. Os homens já haviam tentado se comprimir contra Delphine dezenas de vezes, mas ela sempre se esquivara. Agora, quase desfaleceu ao encontro de Ambert, os olhos fechados, a boca sequiosa de seus beijos brutais e necessários. Ele levou-a para o sofá e deitou-a, abriu a blusa, pairou por cima de tal jeito que os lábios nunca perderam contato com os mamilos, enquanto tirava as roupas de ambos. Delphine já permitira que homens tocassem em seus mamilos, mas nunca que os beijassem, muito menos que os vissem; e agora, nua, exposta, alegremente constrangida, era como se estivesse outra vez sob a luz dos refletores. A língua experiente e implacável de Ambert a levava à loucura, mas ele já sabia demais a seu respeito para permitir-lhe outro orgasmo. Puxou-lhe os cabelos, dolorosamente.

— Ainda não — sussurrou ele. — Ainda não, sua sacana, não sem esperar por mim.

Abrindo-lhe as coxas, ele inclinou a cabeça para aspirar a fragrância de sua conquista fácil, mas teve o cuidado de não tocar em qualquer lugar perto dos pêlos púbicos. Delphine projetou-se para cima, subitamente longe, muito longe, de qualquer recato, mas ele apenas grunhiu em negativa, ajoelhando-se por cima dela, pegando o pênis. Empurrou-o com a lentidão sensual de um homem que foi mantido à espera por tanto tempo que tem a cautela de não agir depressa demais. Devagar, bem devagar, penetrou-a, com uma gula voraz e egoísta, disfarçada como gentileza. Delphine estava tão molhada, tão aberta e tão ansiosa em ser possuída que ele rompeu a tênue barreira de sua virgindade antes que qualquer dos dois percebesse, mergulhando por toda a extensão. Ainda segurava os cabelos de Delphine e só agora os largou, a fim de que ela pudesse se concentrar no pênis voraz que lhe enchia o ventre. Os dois mal respiravam, sentindo-o ficar cada vez maior, impossivelmente maior, dentro dela. Sem se mexer, ele

murmurou:

— Cada homem naquele estúdio estava com o pau na mão. E você sabia disso, sabia disso, sua sacana.

Delphine gritou:

— Não posso esperar, não posso mais! — E ela gozou, num desvario de movimentos selvagens, que igualaram a explosão intensa, dolorosa e ardente de Nico Ambert.

A 3 de setembro de 1936, Los Angeles estava na véspera de se tornar, por quatro dias, o centro da aviação internacional. Arrumado e ampliado, Mines Field fora rebatizado como Aeroporto Municipal. Os organizadores locais da 16ª Corrida Aérea Nacional, que se realizava todos os anos e acontecia pela primeira vez na Cidade dos Anjos, haviam decidido que se alguém podia mostrar ao mundo como montar um espetáculo, eram eles.

Freddy praticamente memorizara o fluxo de notícias nos jornais sobre os eventos que estavam prestes a ocorrer. Sabia que Harold Lloyd, como o mestre-de-cerimônias, conduziria um grande desfile de aparelhos para o aeroporto; sabia exatamente a que horas uma bomba, explodindo no ar por cima do campo, anunciaria a chegada das esquadrilhas de elite do Exército, Marinha e Fuzileiros Navais, realizando uma demonstração de vôo em formação e acrobacias em ataque e defesa aérea; sabia em que momento haveria as demonstrações de vôo em planador e quando esperar a competição de saltos de pará-quedas. Sabia que o Sr. e Sra. Douglas Fairbanks, Sr. e Sra. Benita Hume planejavam promover um piquenique antes das competições, levando uma cesta amarela com copos amarelos e pratos amarelos; que Adrienne Ames, num tweed marrom, era esperada com seu ex-marido, Bruce Cabot, que Carole Lombard e Kay Francis estariam entre os convidados de honra. Conhecia até os nomes e os rostos das moças da sociedade de Beverly Hills que haviam sido escolhidas para receber os aviadores militares como anfitriãs, no baile que encerraria o primeiro dia da Corrida Nacional.

E não se preocupava com nada disso. Era tudo ostentação, recheio, entre as competições.

Apenas três eventos dominavam a atenção arrebatada de Freddy: a competição transcontinental de velocidade Bendix, da Costa Leste a Los Angeles; o Derby Ruth Chatterton, para "pilotos desportistas", que começara seis dias antes em Cleveland e prosseguia em etapas, até Los Angeles; e o Troféu Amélia Earhart, uma competição de velocidade em circuito fechado, em torno de estacas, a única prova do programa que era limitada às mulheres, com a participação de oito concorrentes.

Dessas três competições, era o Derby Chatterton que mais incendiava sua imaginação, a tal ponto que ela ansiava participar, como nunca ansiara por outra coisa desde o seu vôo solo. Era uma prova em que poderia ter entrado, se tivesse um avião. Poderia ter entrado. Teria entrado. E poderia até vencer. Se tivesse seu próprio avião.

Havia 32 concorrentes, homens e mulheres, pilotando todos os tipos de aviões, em competição contra suas próprias melhores velocidades possíveis. Os jornais não paravam de falar da moça chinesa, Katharine Sui Fun Cheung, que voava um pequeno Cessna, e de Peggy Salaman, a jovem da sociedade de Londres cuja mãe dissera a um repórter, sorridente: "Não se pode dançar durante o dia inteiro, não é mesmo? Por isso Peggy dedicou-se à aviação."

Oh, como ela odiava Peggy Salaman, pensou Freddy, uma tempestade de inveja, Peggy Salaman e sua mãe tão generosa!

Era tão angustiante pensar no Derby Ruth Chatterton que ela vivia quase em transe, tentando se concentrar apenas no Bendix, óbvia e misericordiosamente inacessível, com seus pilotos famosos, que ainda agora efetuavam os ajustamentos de última hora em suas aeronaves, no Campo Floyd Bennett, depois de semanas de rumores e contra-rumores, histórias de máquinas superaerodinâmicas jamais vistas antes; túneis de vento secretos para testar novos projetos de alta potência; novos e mais potentes motores como nunca se sonhara antes; esforços desesperados, prolongando-se pela noite fora, para acrescentar velocidade a cada avião, por todos os meios possíveis; misteriosas inscrições no último instante e histeria na imprensa.

A Bendix era uma prova aberta a todos, a única regra era a de que os pilotos deixassem Floyd Bennett ao amanhecer do dia 4 de setembro e chegassem a Los Angeles por volta das seis horas da tarde do mesmo dia. Aviation Magazine, a bíblia de Freddy, anunciara que o favorito era Benny Howard, que ganhara a competição no ano anterior com seu famoso avião, Mister Mulligan. Aviation escolhera Amélia Earhart, com seu novo Lockheed Electra, como o melhor azarão, seguida de perto por Jacqueline Cochrane. Howard Hughes fora citado pela revista como autor do gesto mais esportivo; recusara-se a participar da Bendix, sob a alegação de que seu avião experimental não podia ser vencido por pilotos com menos dinheiro para gastar.

Freddy, obstinadamente praticando *Immelmans* e *Chandelles* no dia anterior à corrida, no Taylor Cub de Mac, que desenvolvia uma média de 150 quilômetros horários no máximo, meditava sobre Howard Hughes e seus 120 milhões de dólares e sobre Earhart no avião em que a Lockheed investira oitenta mil dólares. Não restava a menor dúvida de que ela estava nas ligas menores, pensou Freddy, angustiada, enquanto fazia as manobras com o velho e confiável Taylor.

Ela passara a maioria de suas tardes livres em junho, julho e agosto treinando os elementos básicos da acrobacia aérea. Com Mac sentado ao seu lado, acabara progredindo para as manobras mais complexas: *Oregon Sea Serpent*, *Cuban Roll*, *Cuban Eight*, *Frank Clark Reversement Roll* e *Rakin Roller Coaster*. Tudo ótimo, refletiu Freddy, mas hoje não estava mais próxima do que antes de seu objetivo de guardar dinheiro para comprar um avião, já que não fora capaz de resistir à tentação de gastar tudo o que ganhava nas aulas de acrobacia aérea.

Dentro de duas semanas, começaria seu primeiro ano na UCLA, pensou Freddy, sombriamente. Já recebera uma cópia do horário das aulas. A mãe a levava para comprar as roupas necessárias. Quando poderia voar, a não ser nos fins de semana? Fora essencial aproveitar a maior parte do verão, mesmo que isso consumisse todo o seu salário.

O primeiro ano, ela lembrou a si mesma, consternada, implicaria fazer todos os cursos exigidos, projetados por uma universidade bem-intencionada para lhe proporcionar uma boa educação nas artes liberais.

— Mas que droga, não quero ter uma boa educação! — explodiu Freddy, em voz alta, para o altímetro indiferente, o desafortunado indicador de velocidade aerodinâmica, o manche que só existia para lhe obedecer.

Mas o que mais podia fazer? Ingressar na Marinha e conhecer o mundo? A Legião Estrangeira? Fugir com o circo? Merda, qualquer dessas coisas aceitaria um garoto... e também uma moça que estava para completar os dezessete anos? Não havia a menor possibilidade.

Seu destino levava-a para uma sala de aula na universidade abafada e insípida.

Se pudesse tirar os pés dos pedais do leme, Freddy os bateria no chão em pura frustração, talvez mesmo abrindo um buraco no avião. Em vez disso, executou uma última e impecável *Chandelle*, a subida íngreme, a volta em 180 graus, depois pousou em Dry Springs.

Mac e Swede Castelli, que viera ao aeroporto para conversar com McGuire sobre novas proezas para o cinema, estavam fora do hangar, observando-a pousar. Freddy saltou do avião, tirou os óculos escuros, desafivelou o pára-quadras e pendurou-o no braço, aproximou-se dos dois, os cabelos avermelhados esvoaçando ao vento, uma figura esguia, com seu andar de Robin Hood, aquele jeito jovial e arrogante, suave e inconsciente, acentuado pelo culote e botas de cano baixo que comprara quando a calça Levi's se acabara. Enrolara as mangas da camisa de homem que sempre usava para voar.

— Oi, minha pequena dama. Foi uma linda *Chandelle* que fez lá em cima — disse Swede Castelli, no que Freddy decidiu no mesmo instante que era um tom condescendente.

Todos os veteranos pilotos de acrobacia, pensou ela, estavam convencidos de que ninguém jamais poderia voar tão bem quanto eles. Isso é, talvez nem todos, talvez não Mac. E ela detestava ser chamada de "pequena dama"

— Puramente decorativo, Sr. Castelli — respondeu Freddy, bruscamente. — Uma coisa de nada.

— Pois me pareceu muito bom, garota — comentou McGuire.

— Ora, Mac, acho que não vou agüentar tanta admiração — disse ela, asperamente. — Posso corar.

— Freddy desapareceu no escritório. Mac também. Eram todos iguais, ela disse a si mesma, amargurada.

— O que a está corroendo? — perguntou Castelli.

— Ela quer ser Amélia Earhart — explicou Mac.

— E eu também. Não é o que todo mundo quer?

— Ela é uma garota emocional — acrescentou Mac, dando de ombros.

— Garota? Escute, Mac, essa garota não é mais uma garota. É um prato cheio, um sonho, uma...

— Ela é uma garota, Swede. E você não passa de um velho obscuro. — A voz de Mac se tornou inesperadamente irada.

— O que não é tão ruim assim, McGuire, lembre-se disso — comentou Castelli, jovial como sempre.

Freddy reapareceu, a caminho de seu carro. Castelli acenou para Mac e virou-se para ir embora. Enquanto andava junto de Freddy, seguindo para seus respectivos carros, ele virou a cabeça para trás e gritou para Mac:

— Tem certeza que não quer reconsiderar?

— Absoluta — respondeu Mac.

— É um bom dinheiro — insistiu ele, obviamente sem esperança de alterar a recusa de Mac.

— Não há a menor possibilidade, Buddy. Já lhe disse, estou fora do negócio.

— Ele faria por mim, sei que faria, só que sempre foi contra essa história de usar perucas — disse Castelli para Freddy. — Mas valia a pena tentar.

— Qual era o serviço? — indagou Freddy, indiferente.

Mac ainda recusava os trabalhos que os esperançosos coordenado-res de acrobacias aéreas continuavam a lhe oferecer, não acreditando que se aposentara para sempre.

— Um filme chamado *Tail Spin*. Ofereci-lhe alternativas: Alice Faye, Constance Bennett ou Nancy Kelly... ele poderia substituir qualquer uma. Roy Del Ruth, o diretor, pediu Mac expressamente.

Nunca esqueceu como ele foi verossímil fazendo Jean Harlow em *Hell's Angels*.

— Mas esse foi um filme mudo... lembro dele há sete anos.

— Não querem que ele fale, minha pequena dama, querem apenas que ponha uma peruca e voe. É demais esperar por isso? É um insulto?

— Não. — Freddy riu, arrancada de sua depressão pela imagem de Mac com uma peruca loura platinada.

— Vou tentar com outros três sujeitos. Eu mesmo faria isso, mas já perdi a silhueta esguia de uma mulher. Vai à Corrida Aérea?

— Todos os dias — respondeu Freddy, lembrando-se subitamente.

— Escute, minha pequena dama, talvez no próximo ano ou no outro possa participar — sugeriu ele, gentilmente, observando a expressão sombria de Freddy. — Nunca se sabe.

— Obrigada, Sr. Castelli, mas acho que não será possível.

— Ei, tive uma idéia! O que me diz de você? Poderia fazer as manobras com a maior facilidade... Mac me contou o quanto já aprendeu... não há nada que planejamos que não poderia executar. O que acha?

— Isso é mesmo impossível — respondeu Freddy, rindo da ansiedade de Castelli —, ainda mais impossível do que a minha participação na Corrida Aérea no ano que vem.

— Por quê? O que poderia impedi-la?

Freddy aproximou-se do LaSalle conversível de Eve. Estendeu a mão para o interior, pegou um cardigan azul-claro e pendurou-o no pescoço. As mangas, presas com um nó apressado por baixo do queixo, capturaram os cabelos agitados pelo vento, convertendo-os numa moldura flamejante para o rosto

sério.

— Para começar, tenho de iniciar a universidade dentro de duas semanas — explicou ela, encostando-se na porta do carro. — Tenho um encontro marcado com Beowulf, Sr. Castelli. Além disso, meu pai é um homem muito conservador e me mataria, depois minha mãe me mataria... e se ainda restasse alguma coisa de mim, Mac terminaria o serviço.

A posição firme de Freddy, ainda mais do que o carro elegante e caro, convenceu Swede Castelli de que estava batendo na porta errada. Aquela jovem em particular era da alta sociedade, com um hobby insólito.

— Já entendi. Não há mal em perguntar, não é mesmo?

— Claro que não, Sr. Castelli.

— Dê meus cumprimentos a Beowulf. Ele é um sujeito de sorte.

Quando a Corrida Aérea terminou, a 9 de setembro, o dia da grande recepção de Eve ao Tenente Michel Detroyat, o único aviador francês nas competições, Freddy fervilhava com tantas emoções que não reconhecia a si mesma.

Observava com o coração disparado quando Louise Thaden voara sobre a linha de chegada da Bendix, tão modestamente convencida de que chegara em último que taxiara o avião quase para fora do campo, antes que uma multidão correndo e gritando, de milhares de pessoas, pudesse alcançá-la e fazê-la compreender que ganhara. Ela cruzara o país em menos de quinze horas, deixando para trás todos os concorrentes com novos aparelhos experimentais e especialmente adaptados. E vencera num Beechcraft, pensou Freddy, atormentando-se, dividida entre a admiração e novas ondas da inveja mais insidiosa, um pequeno e comum Beech Staggerwing, um avião que qualquer pessoa podia pilotar, um avião que qualquer pessoa com dois mil dólares podia comprar.

Na noite da Bendix, Freddy pairava nas proximidades da tenda egípcia armada pela Ninety-Nines, a organização nacional de aviadoras licenciadas, vira Thaden e a segunda colocada, Laura Ingalls, vira Earhart, Cochrane e dezenas de outras aviadoras entrarem para comemorar as vitórias, mas fora incapaz de se juntar a elas, por mais simples que teria sido. Descobrira-se dominada por uma timidez paralisante que era muito mais forte do que o seu desejo de conhecer e dar os parabéns às suas heroínas. Seu brevê estava na bolsa, mas não conseguira entrar e se apresentar, embora soubesse, sem a menor dúvida, que seria muito bem recebida. Não tenho nada a mostrar, dissera ela a si mesma, angustiada, escutando a diversão dentro da tenda por alguns minutos, até não suportar por mais tempo e fugir.

O *Chatteron*, graças a Deus, fora vencido por um homem, e ela tratara de esquecê-lo.

— Freddy, você sabe que a espero na minha recepção hoje — disse Eve, entrando no quarto da filha.

Freddy estava sentada, olhando para as paredes. Eve sentia a preocupação de uma mãe que observara a filha tornar-se mais e mais remota a cada dia das competições aéreas. Ficara confiante que Freddy se mostraria excitada e emocionada pelos grandes eventos da aviação ocorrendo em sua própria cidade. As notícias ocupavam os jornais a tal ponto que até mesmo Eve e Paul sabiam tudo a respeito. Mas isso não acontecera. Freddy passara cada minuto de cada dia no aeroporto, voltando para casa imersa em seus pensamentos, com os olhos estranhamente turvos, o que Eve atribuía aos longos dias sob o sol forte nas arquibancadas.

— Claro, mãe — respondeu Freddy. — Estarei lá.

Uma boa dose dos luminares da colônia francesa afastaria a mente de si mesma e do quanto se sentia incapaz, concluiu ela. Além do mais, estava curiosa em dar uma olhada no convidado de honra, o rei dos pilotos de acrobacias do mundo. Ele se encontrava tão distante do âmbito da inveja de Freddy como se fosse Charles Lindbergh. Ou Saint-Exupéry, diga-se de passagem.

Michel Detroyat deixara a França orgulhosa e se tornara o incontestável astro das competições, com suas exibições extraordinárias no *Caudron* com motor Renault, um aparelho em cujo desenvolvimento o

exército francês gastara um milhão de dólares. Era o primeiro avião completamente aerodinâmico já construído e com ele Detroyat ganhara o Troféu Thompson, de vinte mil dólares, a corrida aérea para homens aberta a todos, muito à frente dos concorrentes.

A superioridade do seu avião era tão grande que ele se abstivera de participar nas outras corridas, "a fim de dar aos outros uma chance de vencer".

— Querida, use seu vestido novo de linho branco — instruiu Eve.

— Mas, mãe...

— É o mais apropriado que você tem. — Eve encerrou a conversa num tom de voz que só empregava nos dias em que exercia as funções oficiais de esposa de diplomata.

Freddy compreendeu que não adiantaria insistir na discussão.

Ao final daquela tarde, os jardins da casa dos Lancel estavam cheios, com centenas de convidados. Muitos haviam entrado na fila de recepção para apertar a mão de Detroyat, enquanto Freddy só podia observá-lo e ouvir, de sua posição por trás de Eve, ao lado do famoso aviador francês. Não era um homem bonito, pensou ela, com o nariz muito comprido e muito largo e o queixo duplo, mas os olhos, sob sobranceiras pretas retas e excepcionalmente espessas, compensavam todo o resto. Ele parecia tão despreocupado quanto um menino feliz, e visivelmente estava acostumado a ser tratado como uma celebridade, pois respondia sempre aos mesmos comentários triviais sem perder o ânimo.

— Isso mesmo, *madame*, planejo voltar no próximo ano para defender o troféu. Obrigado, *madame*, fico contente que tenha gostado das exposições. Claro, *monsieur*, acho Los Angeles uma cidade maravilhosa, muito obrigado. É verdade, *madame*, meu pai é o supremo-comandante do Corpo Aéreo Francês. Transmitirei a ele seus cumprimentos, *madame*, obrigado. Também acho, *monsieur*, o clima aqui é perfeito, e espero voltar assim que puder. Concordo, *madame*, a Califórnia é mesmo um lugar lindo. Obrigado, *madame*.

Conversa fiada, pensou Freddy, enquanto a fila diminuía e os convidados avançavam para as bebidas, parece ser o preço da fama.

Ao final, como sempre acontece com cada convidado de honra, Detroyat descobriu-se sozinho, no meio de uma horda de estranhos, que já haviam apresentado seus cumprimentos e agora o esqueciam no interesse uns pelos outros. Ela adiantou-se, quase como se emergisse do nada.

— Tenente Detroyat — descobriu-se Freddy a dizer, num francês rápido —, poderia explicar se é a hélice Ratier de duas velocidades e dois passos e o trem de aterrissagem retrátil operando pelo ar de seu Caudron que tornam possível as decolagens tão rápidas?

— Como?

— Eu disse...

— Entendi o que disse, *mademoiselle*. A resposta é sim.

— Foi o que pensei. Quantos graus de variação há entre a decolagem e as posições de alta velocidade da hélice?

— Doze graus, *mademoiselle*.

— Também pensei nisso. Hum... doze graus. Não é de admirar que ganhasse o tempo todo. O que aconteceria se falhasse o sistema de trem de aterrissagem? É operado por ar comprimido, não é mesmo?

— É, sim, *mademoiselle*. Felizmente, tenho uma bomba de emergência manual.

— E o túnel do carburador... estende-se até a proa do Caudron?

— Talvez queira... — Ele parou de falar, incapaz de manter por mais tempo a expressão séria. Finalmente recuperou-se do acesso de riso. — Não gostaria de inspecionar o avião, *mademoiselle*?

— Gostaria muito. Mas posso perguntar o que achou tão engraçado?

— A única pessoa nesta festa que faz uma pergunta inteligente é uma *jeune filie*. Ora, aquele túnel do carburador... — E ele desatou em outro acesso de riso incontrolável.

— Sou uma aviadora, *monsieur*, não uma *jeune filie* — declarou Freddy, com tanta dignidade que ele

parou de rir e fitou-a com toda atenção.

— Eu deveria ter imaginado — ele acabou dizendo. — E deveria mesmo.

— Afinal, não poderia adivinhar — admitiu Freddy, em tom de quem perdoava.

— Ao contrário. Claro que poderia. É evidente. Tem um bronzeado de aviadora. — Ele apontou para o decote largo e as mangas curtas do vestido, o bronzeado intenso descendo pela garganta e formando um V na brancura por cima dos seios. — Até mesmo os braços — acrescentou Detroyat, olhando para os braços bronzeados, que abruptamente se tornavam brancos na metade por cima dos cotovelos, o ponto em que enrolava as camisas que usava para voar.

— Tentei ressaltar isso para minha mãe, mas ela insistiu que eu tinha de usar esse vestido.

— Até mesmo os aviadores têm mães. O que você voa?

— Um Ryan... quando posso pegá-lo.

— *Tiens*, conheço esse avião. Tex Rankin e eu competimos uma vez em dois *Ryans* idênticos, só pela diversão, e quase não consegui acompanhá-lo.

— Já fez o *Oregon Sea Serpent* que Rankin inventou? Acabei de aprender.

Detroyat mostrou-se alarmado.

— Não é uma manobra para uma jovem aviadora, *mademoiselle*. Na verdade, é das mais insensatas. Eu a aconselho a não tentar de novo.

— Eu faço... acrobacias aéreas — murmurou Freddy, tão modestamente quanto possível, já que falava com o campeão do mundo, mas não pôde evitar que o orgulho lhe ardesse nos olhos. — Sou apenas uma aprendiz de piloto, mas...

— Mas que já dominou o *Sea Serpent*?

— Isso mesmo.

— Devo lhe dar os parabéns, *mademoiselle* — disse ele, sério, visivelmente impressionado, sem qualquer vestígio de escárnio. —

Eu a cumprimento, de um aviador para outra. — Detroyat pegou a mão de Freddy e a apertou quando Eve aproximou-se e levou-o sem a menor cerimônia.

— *Madame* de Lancel, quem é aquela moça de aparência incrivelmente romântica num vestido de linho branco? — perguntou Detroyat.

— Eu gostaria de convidá-la para inspecionar meu avião.

— Está se referindo à minha filha, tenente? — indagou Eve, alerta no mesmo instante.

— Sua filha? A aviadora?

— Isso mesmo. Não acha que é espantoso, para uma moça que só tem dezesseis anos?

— Só... dezesseis?

— Só dezesseis — repetiu Eve, com firmeza. — Ainda uma criança, tenente.

— Ahn...

— Vamos, tenente, o diretor do Hospital Francês está ansioso em cumprimentá-lo.

— Será um prazer — suspirou o galante oficial. — Mal posso esperar.

Na noite depois da recepção a Detroyat, Freddy não conseguiu dormir, o sangue acelerado em excitação nervoso. "Eu a cumprimento, de um aviador para outra", dissera ele. Um aviador para outra! Não "pequena dama", não "garota", mas aviadora. Por que ninguém mais parecia pensar nela como aviadora? Para Mac, ela era a eterna aprendiz. Ele a vira dar os primeiros passos de criança e nunca mais esqueceria. Nunca a deixaria esquecer. Ah, como ela gostaria de agredi-lo! Para o pai, ela era primeiro a filha, por último e acima de tudo. Aviadora só por tolerância, e ele preferia não pensar a respeito, muito menos ouvi-la falar sobre isso. A mãe, depois de acertar o empréstimo do carro, parecia ter esquecido para onde ela ia e o que fazia quando chegava lá. Nenhum dos dois jamais soubera que ela estava aprendendo acrobacia aérea, porque haviam deixado claro, mesmo sem palavras, que não queriam nem esperavam relatórios de progresso.

E, por uma questão de justiça, se ela realmente pensava em si mesma como uma aviadora, então por que não entrara na tenda da Ninety-Nines e se juntara às únicas outras mulheres no país que partilhavam sua paixão? Afinal, não era uma delas? Não era?

A verdade é que andara se menosprezando, aceitando as avaliações e rejeições das únicas pessoas com quem se importava, não se permitindo compreender, exceto por um minuto ou outro muito rápido, até que ponto ela já progredira. Aviadora. E muito boa!

Seria porque ainda não era bastante velha? Teria dezessete anos dentro de poucos meses... não era idade suficiente para acreditar, quando menos não fosse em seu íntimo, no que era?

Olhe só para Delphine, nem mesmo um ano e meio mais velha, a frágil Delphine, sempre necessitada de proteção, que não distinguia uma vela de uma batata, que só podia navegar de uma manicure para outra, já ocupada a estrelar um filme francês, sem ao menos pedir licença. Primeiro, os telefonemas histéricos da avó e depois uma carta da própria Delphine, que misteriosamente se encontrava inacessível ao telefone, uma carta que levava muitos dias para chegar, contendo o comunicado serenamente feliz de que assinara contrato com a Gaumont. Delphine começara a trabalhar no filme antes mesmo de receberem a sua carta. De alguma forma, todos concluíram que a culpa exclusiva era de Bruno, mas ninguém podia pensar no que fazer a respeito, como impedir.

Assim, Delphine já se lançara no grande mundo, enquanto ela, Freddy, recusava automaticamente uma proposta para executar algumas manobras aéreas que sabia que podia fazer sem a menor dificuldade, porque os mesmos pais que entravam num alarme frenético mas inútil porque Delphine se tornara uma atriz de cinema haviam decidido que ela devia continuar uma estudante. Ora, que se danasse tudo! Não ia acontecer, não com aquela aviadora em particular.

O escritório de Swede Castelli no I.W. Davidson Studio era tão desarrumado quanto Freddy esperava, mas maior do que imaginara. Além da escrivaninha, ele tinha uma grande mesa de reunião, a superfície ocupada por modelos de aviões; mapas estavam pendurados em todos os espaços de parede disponíveis, fotografia de aviões da Grande Guerra empilhavam-se no chão, nos cantos, instantâneos do próprio Swede Castelli, de seus tempos como piloto de acrobacias, apareciam aqui e ali.

— Muito agradável — comentou Freddy, com sinceridade, instalando-se na cadeira na frente da escrivaninha. — Gosto daqui. — Estava de culote e pusera as botas de montaria que subiam quase até os joelhos. Por uma questão de conforto, nunca voava com aquelas botas, mas sabia o efeito prussiano que causavam. Enfiara uma velha suéter preta de gola rulê por dentro do culote e pusera o seu maior cinto de couro. Do pescoço para baixo, pensou ela com satisfação, não se podia distingui-la do Barão von Richthofen.

— Sua oferta ainda está de pé? — perguntou ela diretamente.

— Claro que está. Mas o que me diz daquele encontro com Beowulf? E os seus pais, minha pequena dama?

— Deixe que eu me preocupe com eles. E meu nome é Freddy, não "pequena dama".

— Isso não é alguma brincadeira? — insistiu Castelli, ainda cético.

— Não gosto de brincadeiras, Swede. Sou uma aviadora. Já viu como sou boa. E eu já observei Mac planejar uma centena de manobras. Além disso, se há uma coisa que eu sei é que pode montar uma câmara no meu avião muito mais próxima do que com qualquer homem, já que não projeto uma sombra tão grande. Ponha-me uma peruca e parecerei mais com Alice Faye ou Constance Bennett do que qualquer outra pessoa no ofício. É ou não verdade?

— É, sim. E verdade absoluta. Mas Mac... você me disse que ele protestaria se trabalhasse como dublê num filme. Não quero encrencas, estamos sempre trabalhando juntos, e ele é o meu melhor amigo.

— Já pensei nisso, Swede. Mac me ensinou a voar e é muito protetor. Uma autêntica mãe galinha.

— Já notei.

— Isso significa que tenho de viver para fazê-lo feliz? Quantas galinhas querem que os pintos deixem o ninho? Nenhuma, certo? Mas os pintos permanecem no ninho para sempre? Sabe que não. É uma lei da natureza. Agora é a minha vez de sair, e Mac terá de compreender. Preciso deste trabalho. E preciso de verdade. Prometo que darei tudo o que posso.

— Uma moça rica como você? Ora, deixe disso. Para que precisa do trabalho?

— Trabalhei no turno da manhã na padaria Van der Kamp durante todo o verão, a fim de pagar minhas horas de vôo. Agora, preciso ter meu próprio avião. Ter, Swede, não apenas querer. — Freddy inclinou-se para a frente, os cotovelos nos joelhos, o queixo nas mãos, fitando-o nos olhos, com uma força objetiva e imperturbável.

Amadurecera da noite para o dia.

— Eu a tomava por uma garota rica.

— Rica significa que tenho dinheiro. Errado. Meus pais estão bem de vida, mas não me dão uma moeda sequer para voar. O carro é emprestado, se estava especulando a respeito. Escute, Swede, se não me quer, conheço outra pessoa que vai querer. Estão produzindo filmes de avião em todos os estúdios de Hollywood. Procurei você primeiro porque o conheço; mas se tem alguma dúvida, basta dizer e irei embora.

— O emprego é seu, Freddy. Já era desde ontem.

Ela riu, exultante.

— Farei Alice Faye ou Constance Bennett?

— As duas e a Nancy Kelly também. Vou usá-la tanto quanto possível.

— E o dinheiro? — indagou Freddy, levantando-se, as mãos nos quadris.

— O dinheiro?

— Disse que era um bom dinheiro, mas ainda não me falou quanto.

— Cinquenta dólares por dia, o mesmo que pago a Mac. Trabalhará cinco dias por semana, talvez seis, a partir do momento em que começar as filmagens.

— Extras para manobras especiais?

— Tenho a impressão, Freddy, que você conhece a tabela de extras tão bem quanto eu. A mesma coisa que todos recebem. Cem para voar de cabeça para baixo, embora isso não esteja no roteiro, 1.200 para um parafuso na direção do solo com fumaça saindo e 1.500 para uma explosão no ar com salto e pára-quadras... e com esses você pode contar. Estão no roteiro. Não há desastres no solo.

Eu não a deixaria de qualquer maneira, nenhuma mulher jamais fez isso. É uma tradição. Quanto a comprar um avião... ao terminar este filme, poderá ter uma esquadrilha.

— Merrrda — murmurou Freddy.

— Não é exatamente uma merda — protestou Swede Castelli, ofendido. — Ao contrário, é um bom dinheiro.

— Falei em merda como em "merda, por que esperei tanto tempo?"

Eles não iam gostar quando contasse, refletiu Freddy, mas talvez a ocasião oportuna lhe desse uma vantagem. O momento mais agradável do dia era antes do jantar, enquanto os pais partilhavam a maior parte de uma garrafa de champanhe, na sala de estar. Abrir uma mera meia garrafa de champanhe era inconcebível, alegava o pai, a menos que três coisas fossem verdadeiras: primeiro, que você estivesse sozinho; segundo, que fosse hora do almoço; e terceiro, que não tivesse nascido na província do vinho mais nobre. Como era o costume, umas poucas gotas de champanhe haviam sido pingadas em sua boca assim que nascera, e a mãe tomara o resto do copo, na maior satisfação porque o novo filho, como todo os bebês da Champagne, parara de gritar imediatamente.

Também não mencionaria o dinheiro, decidiu Freddy. Se fosse contratada para trabalhar apenas num número razoável de filmes por ano, ganharia mais do que o pai. E é claro que prometeria continuar a

viver em casa, exceto quando tivesse de filmar em locações.

— Ora, querida, você parece... excepcionalmente bem esta noite - comentou Eve, quando a filha se juntou a eles.

Ela achava que não devia dizer às filhas com o eram bonitas, embora fosse difícil naquele momento, não usar a palavra para Freddy. Era evidente que a criança se recuperara da depressão, qualquer que fosse o motivo, que a dominara durante a Corrida Aérea; aquela expressão estranhamente angustiada desaparecera, e o gracioso vestido azul refletia-se no azul ilimitado de seus olhos, sob as sobrelhas inclinadas para cima, como as de Eve.

Havia alguma coisa estranhamente irresistível em sua pose determinada e dinâmica, apesar de Freddy se manter imóvel, apoiada no consolo da lareira, a fitá-los com um sorriso que Eve não reconhecia, um sorriso que pairava em volta da boca proeminente e bem torneada, quase escapando pelos cantos dos lábios. Era um sorriso interior, mal reprimido, inegável, iluminando todo o rosto com uma espécie de alegria triunfante, em óbvia contradição com a solenidade de sua expressão.

— Quais são as boas notícias? — Eve não pôde resistir a perguntar. Freddy sempre fora muito transparente. Era uma das suas qualidades mais cativantes. — Não o Tenente Detroyat, eu espero.

— Claro que não. Embora eu tenha gostado dele. Não, é muito melhor do que isso. Arrumei um emprego.

— Fale sério, por favor, Freddy. Tem trabalhado durante todo o verão. E deve compreender que não pode trabalhar em outro emprego enquanto estiver na universidade.

— Sua mãe tem razão — interveio Paul. — Já discutimos esse problema e resolvemos financiar suas aulas de vôo nos fins de semana, a fim de que possa tirar boas notas. Não podemos permitir que faça duas coisas ao mesmo tempo, e não queremos que renuncie completamente à aviação.

— Fico grata por isso, papai. Sei como se sente a respeito. Mas não é um emprego de meio expediente. É um emprego de verdade.

— E o que isso significa? — perguntou Paul, baixando os óculos.

— Um emprego em horário integral.

— É impossível.

— Mas do que está falando, Freddy? — gritou Eve.

— Não vou para a universidade, mãe. Não poderia. Seria uma péssima estudante. Compreendi isso ontem à noite. Já deveria ter percebido há muito tempo, mas não me sentia bastante segura... segura de mim mesma, segura do que era melhor para mim, segura do que era certo para mim.

— E o que a faz pensar que já tem idade suficiente para saber o que é melhor agora? — indagou Paul, reprimindo a raiva da melhor maneira que podia.

— Sei disso, pai. Simplesmente sei.

— Espere um instante, Paul. Ainda não nos disse que tipo de emprego arrumou, Freddy.

— É um emprego de voar, como não podia deixar de ser. Envolve o vôo de precisão para o cinema.

— Oh, Deus, você perdeu o juízo! O que significa "vôo de precisão"? — A voz de Eve tremia em alarme.

— Vôo especial, o tipo de vôo para o qual venho treinando, vôo de exibição, se preferirem assim. Tenho um talento para isso, e faço muito bem.

— Não o tipo de coisa que Detroyat fez? — insistiu Eve, atordoada.

— Não, mãe. Ele é o melhor do mundo. Sou boa, mas não tanto assim. Ainda não.

— Não vou permitir, Freddy! — explodiu Paul, levantando-se e assomando diante dela. — De jeito nenhum! Não deixarei que faça uma coisa assim! É impossível, absoluta e completamente impossível! Não tem permissão, está me entendendo? Não pode fazer isso!

Não tem a nossa permissão!

— Terei de fazer mesmo sem a permissão de vocês — respondeu Freddy, adiantando-se, destemida.

— Não há a menor possibilidade de me impedirem.

— Marie-Frédérique, estou avisando e não vou avisar de novo. Já foi demais esse comportamento de Delphine. Não cometerei o mesmo erro duas vezes. Se pensa que pode fazer o que bem quiser e escapar impune, está redondamente enganada. Ou faz o que estou mandando ou sairá desta casa imediatamente e não voltará enquanto não recuperar o juízo. Nenhuma filha minha vai me desobedecer. Está me entendendo?

— Estou, pai. — Ela virou-se e começou a deixar a sala.

— Freddy! Para onde vai?

— Arrumar as malas, mãe. Não levará muito tempo.

Freddy encheu apressada uma mala pequena com as necessidades básicas, deixando para trás as blusas, suéteres e saias, todo o dispendioso guarda-roupa para a universidade, cada peça ainda com uma etiqueta de preço. Pôs o blusão de couro de aviadora por cima do vestido e lançou um último olhar pelo quarto. Não parecia mais seu quarto; não havia emoção por deixá-lo. Sabia que Eve não subiria para tentar impedi-la. Em questões de disciplina, os pais sempre ficavam unidos, e a única ocasião que se lembrava em que a mãe assumira uma posição basicamente diferente do pai fora quando compreendera por que a filha fizera seu vôo solo.

Os dois estavam na sala de jantar quando Freddy saiu de casa, pondo a chave da porta e as chaves do carro de Eve na mesinha no vestíbulo. Não havia indecisão quando ela pegou uma carona para o vale de San Fernando. Sabia para onde ia, e 45 minutos depois percorreu a pé as últimas centenas de metros até a pequena casa próxima do aeroporto de Dry Springs, onde McGuire vivia. Nunca estivera lá, mas memorizara o endereço.

Estava quase escuro agora, mas mesmo assim não havia nenhuma luz acesa na casa. A garagem, no entanto, estava iluminada; ao se aproximar, Freddy pôde ouvir um assovio e o barulho de marteladas.

Mac, os cabelos castanhos caindo para a frente até tocarem nas pestanas compridas, encontrava-se ocupado a reformar um dos seus últimos achados, um raro Fokker D.VII de vinte anos, com uma Cruz de Ferro pintada na cauda e outra na fuselagem comprida e delicada. Os filmes de guerra eram muitas vezes produzidos com Curtiss Hawks e M.B. 3 disfarçados como Fokkers, mas nada se comparava à coisa autêntica, e os aviões genuínos se tornavam cada vez mais valiosos, desde que Howard Hughes consumira a maioria em Hell's Angels.

A vasta coleção de aviões da Grande Guerra de Mac, que crescera bastante nos últimos seis anos, era usada e reusada constantemente, pois nenhum aparelho jamais precisava morrer, desde que todas as suas peças não ficassem em pedacinhos depois de uma queda. McGuire empregava vários ajudantes agora, só para cuidar dos aviões, mas num trabalho difícil preferia fazer tudo pessoalmente.

Freddy largou a mala e entrou calmamente na garagem, as mãos nos bolsos do blusão de couro.

— Oi, Mac. Precisa de ajuda?

Ele baixou o martelo com uma batida espantada.

— O que está fazendo aqui?

— A alternativa era ir para um hotel. Não me pareceu uma boa idéia.

— Você saiu de casa? — perguntou, incrédulo.

— Fui convidada a sair. Expulsa. Nunca mais apareça na minha porta... esse tipo de saída. — Freddy falou com uma desfaçatez e um sorriso que teriam enganado qualquer outro.

— Espere um pouco. O que está acontecendo? Seus pais nunca a mandariam sair de casa sozinha à noite. O que você fez para se meter nessa confusão?

— Disse a eles que decidira não ir mais para a universidade.

Não poderia agüentar, Mac. Juro que não poderia. A perspectiva me dava a sensação de que seria enterrada viva na poeira da biblioteca. Não é coisa para mim.

— Oh, Deus, que reação mais exagerada! — exclamou ele, revoltado. — Posso compreender que

eles ficariam desapontados, nada mais natural, mas tratá-la como se fosse o fim do mundo... isso é um absurdo. — Ele largou o martelo e apagou as luzes da garagem.

— Vamos para casa, garota, e poderá me contar a história toda.

Tenho certeza que poderá explicar sem todo esse melodrama. Eles sabem onde você está?

— Não. Não me perguntaram, e não informei.

— Vou avisá-los para não ficarem preocupados... mas primeiro temos de conversar. — Ele pegou a mala de Freddy, levou-a para a casa escura, acendeu as luzes da sala de estar. — Sente-se e fique à vontade. Quer uma Coca? Não? Pois nesse caso terei de beber sozinho.

— Por acaso não haveria um sanduíche por aqui? — perguntou Freddy, enquanto o observava despejar scotch num copo e acrescentar água.

— Saiu de casa antes do jantar? Uma péssima ocasião. Vamos para a cozinha e verei se posso encontrar algum resto de pão seco.

Freddy olhou ao redor na maior curiosidade. A casa era imaculadamente limpa e arrumada, quase impessoal. A vida real de Mac era no ar, mas ela esperava alguma coisa como o escritório de Swede Castelli, um lugar masculino, meio desarrumado, cheio de lembranças. Mas ali não havia fotografias, não havia quadros nem plantas.

As estantes estavam repletas de livros muitos lidos que ela nunca vira no escritório no aeroporto, a sala era confortavelmente mobiliada, bem decorada, só que parecia evidente que nunca era usada.

A cozinha era tão impecável quanto a sala de estar, só que ali ela encontrou sinais de existência humana: uma velha e confortável mesa de cozinha pintada, com uma garrafa cheia de aguardente para se misturar a outras bebidas em cima; um fogão de bom tamanho e diversos utensílios de cozinha no balcão. Havia uma panela grande no fogão, e Mac acendeu o fogo por baixo.

— Ensopado. Está com sorte, garota. Vou esquentar.

Freddy sentou numa das quatro cadeiras Windsor em volta da mesa. Não percebera até aquele momento como se sentia cansada e faminta. Ainda se encontrava tão incendiada por sua decisão, tão determinada, que não se dera a oportunidade de fazer qualquer coisa além de se mover desde a cena com os pais.

— Posso tomar um pouco disso, por favor? — indagou ela, apontando para o copo de Mac.

— Perdeu o juízo, Freddy? Isto é uísque. Se está com sede, tenho muita Coca.

Freddy explodiu numa raiva súbita.

— Já estou cansada de me perguntarem se perdi o juízo, se fiquei maluca. Estou mais sã do que em qualquer outro momento de minha vida, e quero tomar um uísque, professor.

Mac virou-se da panela de ensopado e fitou-a com os olhos contraídos.

— E eu já estou cansado de ser chamado de "professor".

— Numa o chamei assim antes!

— Uma vez já é demais. Pare com isso.

— Está bem... veterano.

— Procurando por encrenca, hem? — murmurou ele. — Não é de admirar que seu pai a tenha expulsado de casa. Também chamou-o de "veterano"?

— Não... embora isso não seja da sua conta.

— Fez com que se tornasse da minha conta ao vir para cá. E agora coma esse ensopado e cale a boca. Está apenas com fome.

Freddy devorou voraz dois pratos de um dos melhores ensopados de carne que já experimentara em toda a sua vida. Mac sentou-se no outro lado da mesa, tomando o uísque e observando o topo de sua cabeça lustrosa inclinada sobre o prato. Depois que Freddy se alimentasse, pensou ele, meteria um pouco de juízo em sua cabeça e ligaria para os pais.

Ela devia ir para a universidade, refletiu ele, por mais que pessoalmente achasse isso uma estupidez,

um tremendo desperdício para uma grande aviadora. Mas até mesmo um piloto extraordinário precisava voar constantemente para manter todas as habilidades necessárias... não era como aprender a guiar um carro. Depois que fosse absorvida pela vida universitária, entre os estudos e passeios, Freddy nunca teria tempo suficiente. Acabaria se transformando numa aviadora de fim de semana, do tipo com que ele lidava todos os dias, um dia poderia deixar de voar completamente, como as poucas outras mulheres que ele conhecera que haviam tirado seus brevês. Freddy iria a partidas de futebol americano em vez de perseguir as nuvens, ao que tudo indicava. A vida faria isso... um marido e alguns filhos...

Era uma história óbvia, com um final óbvio. Mac não sabia por que experimentava tamanha sensação de perda pessoal, quase de dano pessoal, até mesmo de algo curiosamente parecido com o medo. Mas, no final das contas, era para o melhor. Freddy nascera um animal voador, assim como ele, mas era também um animal faminto, e não havia futuro na aviação para ela. Já era bastante difícil para um homem persistir, se manter à tona, como ele sabia tão bem. Daí as piadas, disse ele a si mesmo, sentindo uma pontada de angústia total à perspectiva do futuro inevitável de Freddy, a tal ponto que precisou prender a respiração para não trair o ataque de emoção.

Aquele era o momento, como nenhum outro, para se mostrar paternal e firme. E impessoal.

— Está melhor? — perguntou Mac, enquanto ela limpava o prato.

— Muito. Onde aprendeu a cozinhar?

— A fome é a única alternativa para um homem que mora sozinho, Como ir para a universidade no seu caso, não tive opção que não aprender.

— Muito bem posto, mas me tire dessa história.

— Sei como se sente, Freddy, sei mesmo, mas você está numa situação difícil, e bancar a teimosa não vai fazê-la desaparecer.

Quanto dinheiro tem no mundo?

— Três dólares e meio. No mundo inteiro. E as roupas no corpo e as que trouxe na mala. Ah, sim, minha escova de dentes também.

Lembrei de trazê-la.

— Não sei por que parece pensar que é engraçado.

— Gosto da sensação de viajar com um mínimo de bagagem.

— E até onde pode viajar com três dólares e meio?

— É o que vamos descobrir, não é mesmo? — Freddy levou as mãos à nuca, sob o peso dos cabelos, afastou-os do pescoço, num gesto adorável e orgulhoso, pensando: Constante Bennett, Alice Faye, pronta ou não, aqui vou eu.

— Escute, garota, você está apenas um pouco inebriada consigo mesma esta noite. Conheço o sentimento. Mas amanhã será diferente.

Amanhã eu estarei voando, e você irá para casa e fará as pazes com seus pais, definindo algum acordo... Se for para a escola, talvez eles lhe dêem dinheiro suficiente para voar nos fins de semana. É a única maneira e é muito melhor do que nada. Sabe disso tão bem quanto eu.

— Eles já me ofereceram isso — disse Freddy suavemente. — E eu recusei.

— Essa não! Depois de tantos anos catando dinheiro para as aulas, você recusou a ajuda deles?

— Isso mesmo. — Ela levantou-se, levou os pratos e os talheres para a pia, lavou-os. — Tem um pano de prato, Mac? Ou apenas deixa escorrendo aqui? Qual é a opção neste caso? Qual é o impasse?

— Está tão espertinha esta noite, Freddy, que não vou perder meu tempo tentando lhe incutir um pouco de juízo. Não vai escutar, não importa o que eu diga. Qual é o telefone de sua casa? Vou ligar para os seus pais agora e acabar com a angústia deles. Não quer me dar? Não há problema, pedirei à telefonista. — Ele pegou o fone do aparelho na parede da cozinha.

— Espere! Não os chame. Por favor, Mac!

— Desculpe, Freddy, mas não posso deixar de fazer isso. — Ele discou 0 para falar com a

telefonista.

Freddy arrancou o fone de sua mão e desligou.

— Há mais... uma coisa... que não contei a você. Não é apenas a universidade.

— Eu já devia ter imaginado — disse ele, sem qualquer humor. — Qual é o problema?

— Arrumei um emprego. Posso me sustentar.

— Vai desperdiçar sua vida numa confeitaria ou algo parecido?

Não vai, não.

— Um emprego de aviadora.

— Como assim? Não há empregos de aviadora para uma garota.

— Há agora. Estou trabalhando para Swede Castelli. Ele me contratou para ser dublê de Alice Faye,

Constance Bennett e Nancy Kelly em *Tail Spin*.

— Um emprego para fazer acrobacias aéreas?

— Você recusou...

— Isso é demais!

— Não é nada que eu não possa fazer. E se alguém sabe disso, é você...

— Li o roteiro, Freddy. Você não vai fazer isso... um parafuso para a terra! Uma explosão no ar com salto de pára-quadras... não vai fazer porra nenhuma!

— Uma ova que não vou! — gritou Freddy, no rosto uma máscara de determinação absoluta.

McGuire levantou-se e deu-lhe um tapa no rosto com toda força.

— Não enquanto eu estiver vivo! — gritou ele.

Freddy avançou para ele, chutando suas pernas, batendo furiosa em sua cabeça com as mãos fortes.

Ele conseguiu finalmente imobilizar os braços de Freddy nos lados do corpo e manteve-a assim, sem dar atenção aos chutes, até que a fúria se dissipou. Continuou a apertá-la firmemente, paralisado, incapaz de largá-la. Ficaram assim por um minuto, unidos, imóveis, ofegantes, fitando um ao outro com olhos chocados e inquisitivos. Depois, Freddy, não mais perplexa, inclinou-se para a frente e comprimiu a boca contra seus lábios.

— Não vou fazer isso... — balbuciou Mac, mas beijando-a com todo o amor faminto, ansioso e insano que tentara não enfrentar por tanto tempo.

E não podiam mais parar de beijar. A cada vez que respiravam, a visão do rosto amado, os lábios que ambos haviam se recusado a admitir que sonhavam e ansiavam, durante mais tempo do que imaginavam, tornavam a uni-los numa tempestade de beijos desvairados e dolorosos, tão necessitados que era a dor mais doce e mais penetrante. Não podiam ficar bastante perto um do outro, queriam soldar suas peles, possuir os lábios um do outro, ficar presos um ao outro, possuir um ao outro de uma maneira que dois seres humanos não podem conseguir. Oscilaram e cambalearam ao redor, tão tontos pelos beijos que mal podiam ficar de pé, no meio da cozinha, até que Freddy balbuciou:

— Por favor, faça amor comigo...

— Não posso, você sabe que não posso.

— Mas eu o amo tanto... sempre amei... é tarde demais para dizer não... não podemos parar agora...

— Eu não poderia... não é certo...

— É a coisa mais certa do mundo. Você me ama tanto quanto eu amo você.

— Mais, mais do que pode imaginar, mais do que pensei que era possível amar. Você é o amor da minha vida. Eu morreria por você.

— Então como pode não ser certo? — indagou Freddy, com uma expressão de ternura implacável, com uma alegria tão intensa e insistente que ele compreendeu que não tinha forças para resistir.

E pior ainda, ele não queria resistir. Era uma situação irremediável.

Em sua cama, Mac descobriu-se desajeitado, subitamente hesitante, até que ela o conduziu, sua absoluta inocência como a nota baixa de um celo que tocava uma melodia que só os dois podiam ouvir. A

ânsia em se fundir um no outro que os dominara na cozinha tornou-se mais calma, agora que haviam confessado o amor que existia há anos.

Parecia, de repente, que tinham todo o tempo do mundo, tempo para fazer, uma a uma, as descobertas por que ansiavam sôfregos e ofegantes poucos minutos antes. Havia tempo para tocarem um ao outro com uma maravilha delicada. Cada fio de cabelo na cabeça de Mac era maravilhoso para Freddy, cada pêlo nas faces era precioso.

O formato das orelhas de Mac tinha de ser aprendido pela boca, as sobrancelhas empurradas na direção contrária pelas pontas dos dedos. Ela nada sabia sobre a maneira como devia sentir o rosto de um homem e foi invadida por uma enorme curiosidade, mas sem pressa. Foi pródiga em suas carícias inexperientes. Mac recostou-se e aceitou as explorações, feliz demais para pensar além daquele momento milagroso. Fitou-a, debruçada tão atentamente sobre ele, fez um esforço para ser paciente, mesmo enquanto ela corria os dedos longos e suaves por seu pescoço e ombros, até que lhe beijou o pescoço, quase timidamente.

— Não — sussurrou Mac. — Ainda não.

O corpo nu de Freddy era tão requintado que ele não podia correr o risco de contemplá-lo por muito tempo. Os mamilos, constatou ele espantado, já estavam se enrijecendo, os mamilos de um rosa profundo e pontudos nos magníficos seios brancos, e ainda nem os tocara. Ah, mas tinha de fazê-lo agora, não é mesmo? Pediam por isso, pensou ele, confuso, virando-se e estendendo Freddy no lençol, baixando a cabeça sobre ela.

Freddy ficou paralisada pelo choque. Fechou os olhos, apertando com toda força. Nada em sua vida jamais fora tão bom. Nenhuma indicação, nenhuma insinuação, nada jamais a alcançara, levando-a a especular se era possível uma sensação tão loucamente agradável.

Ela recostou-se, quase incapaz de respirar, desejou que ele continuasse, sentindo, enquanto ele a acariciava reverente, uma corrente elétrica, tão intensa e ardente quanto um raio, disparar dos seios para baixo, até informá-la de coisas que nunca imaginara.

Por quanto tempo poderia permanecer imóvel e suportar aquela delícia antes de enlouquecer, perguntou a si mesma e depois, ao sentir os dedos de Mac se deslocarem de leve e hesitantes por seu quadril, compreendeu que não havia lei que lhe dissesse que devia permanecer imóvel. E projetou-se para cima, ao encontro de Mac.

O tempo, que Freddy julgara tão ilimitado, tão inesgotável, subitamente desapareceu, com sua necessidade vibrante e ardorosa de conhecê-lo por completo, ser conhecida por completo. Impaciente, ela abriu as pernas, num sinal estranho, de que não se julgaria capaz. Mac compreendeu, mas ainda relutava, ainda hesitava, até que ela o puxou com tanta insistência que teve de penetrá-la. E parou no instante seguinte. Encontrara a barreira que havia esquecido.

— Não, já chega, vou machucá-la — murmurou ele.

— Quero você! — gritou Freddy, consumida pelo amor e desejo. — Quero você! Quero você!

Como Mac ainda se mantivesse resolutamente imóvel, ela fez força, bruscamente, impaciente, arqueando-se para cima com toda a força das costas, pernas e quadris, de tal forma que a opção não era mais dele. E agora os dois se projetaram, com uma única vontade, uma única necessidade e um único objetivo. A moça inocente e o homem experiente alcançaram o orgasmo juntos, tão profundo era o amor dos dois, tão bem se conheciam, tantas vezes um ensinara ao outro o que fora a coisa mais importante no mundo para eles, até descobrirem a verdade de seu amor.

Paul de Lancel não era um homem que a natureza formara para a raiva. Sua criação na Champagne fora influenciada, dia a dia, pela tranqüilidade que se elevava como uma neblina das suaves encostas da fértil região. Alcançara a maturidade nos anos pacíficos antes da Grande Guerra. Fora bem treinado nos compromissos artísticos da diplomacia e vivera em alegria com a mulher que adorava por quase duas décadas.

Agora, com o frio ato de desafio de Freddy, um estado de raiva, uma raiva implacável e impensada, dominara-o. Era uma raiva absoluta, ainda mais inexorável porque nunca aprendera, como poderia acontecer com um homem naturalmente irascível, que é improdutivo manter uma raiva, a todo vapor, durante um período prolongado. Ficou tão transformado pela raiva que Eve não foi capaz de discutir com ele, porque Paul nem mesmo lhe permitia pronunciar o nome de Freddy. Ele se enterrou em sua raiva com a mesma determinação de um prisioneiro escavando um túnel de fuga, pois como um prisioneiro não tinha outro meio de evitar a realidade da situação.

Ela precisava aprender uma lição. Uma lição que nunca esqueceria. Alguém tinha de lhe obedecer! Toda a sua raiva se concentrava nessas palavras, como se fosse um domador de leões de terceira classe, em vez de um membro racional de uma profissão pragmática.

Não se permitia pensar além disso.

Freddy pagava por toda a fúria desviada e não absorvida que Paul sentira contra Bruno, o filho que só o tratava com a polidez devida a um estranho, o filho que o rejeitara por razões angustiantes demais para analisar. Freddy pagava por toda a amargura recente do desapontamento que Paul sentira em relação a Delphine, a filha cuja conduta fora insidiosa e suspeita, a filha que o deixara impotente para fazer qualquer coisa que pudesse reverter o *fait accompli* de seu contrato com a Gaumont.

A impotência como um pai, com os três filhos, era tão exasperante para Paul de Lancel que ele não podia pensar objetivamente a respeito. Era mais fácil expulsar Freddy de sua vida, rejeitá-la de uma vez por todas. Ela nada merecia. Podia passar sem a família, não é mesmo? Pois que assim fosse. Alguém tinha de lhe obedecer!

Freddy tornou-se o foco de todas as suas frustrações inexprimíveis com Bruno e Delphine. O comportamento de Freddy — seu motim imperdoável — era a insurreição final contra a qual resistiria, não importava quanto custasse.

Eve mal reconhecia o marido nas semanas subseqüentes à partida de Freddy. Paul se levantava tão cedo que muitas vezes saía para o consulado antes mesmo que ela descesse para o desjejum, deixando-lhe apenas um recado com Sophie, a cozinheira. Voltava para casa e se refugiava nos jornais, mal falando com Eve até o jantar. Durante o jantar, ele servia-se três mais copos de vinho do que Eve já o vira beber antes, o que lhe permitia manter uma conversa com ela, uma conversa trivial sobre suas diferentes rotinas diárias; e depois do jantar ele saía para uma longa e solitária caminhada, voltando apenas para informá-la que dormira tão mal na noite anterior que iria para a cama agora. Não soltara uma risada desde que Freddy fora embora, e beijava Eve apenas como um dever.

Será que Paul estava zangado com ela também?, especulou Eve.

Tinha de acreditar que sim, embora ele nunca fosse admiti-lo. Afinal, fora ela quem o persuadira a deixar Freddy continuar com as aulas de vôo, depois de seu vôo solo; e fora ela quem emprestava o carro a Freddy. Paul não podia considerá-la inocente, mas como não toleraria de jeito nenhum qualquer menção a Freddy, Eve não podia arcar com sua quota justa nos acontecimentos que levaram ao ato de anarquia da filha.

Eve nem mesmo podia dar ao marido notícias de Freddy, pois toda semana recebia um breve telefonema da filha, numa ocasião em que Paul estava no trabalho. Freddy não oferecia a Eve detalhes de sua vida. Não dizia onde se alojava, mas tranqüilizava a mãe ansiosa, garantia que estava bem e segura. A felicidade era patente em sua voz. Eve tentara transmitir as notícias a Paul, mas ele a detivera assim que compreendera o que ela começava a contar.

— Não tem nada a ver comigo — disse Paul, num tom de voz tão inflexível, tão repleto de fúria, que ela deixou a sala sem dizer mais nada, apavorada, pela primeira vez na vida, com o homem com quem casara.

Eve suportou a angústia dessa vida até pouco antes do Natal de 1936. Paul poderia, a qualquer momento, descobrir onde Freddy trabalhava, com um telefonema para qualquer de seus contatos nos estúdios. Era uma ligação que ele nunca faria, concluiu Eve, mesmo que estivesse disposto a admitir que não sabia onde se encontrava a filha. Mas ela estava além de se preocupar com o orgulho do marido depois de quase três meses, pensou Eve, furiosa, fazendo a ligação pessoalmente. Ansiava em ver a filha, precisava abraçá-la.

Um dia depois recebeu a resposta e partiu em seu carro para a fazenda perto de Oxnard, onde a companhia de *Tail Spin* trabalhava.

— O que deseja, madame? — perguntou o guarda na cerca de arame que fora erguida em volta dos campos em que parte do filme era ro-dado, a fim de manter afastados os curiosos locais.

— Sou esperada — respondeu Eve, bruscamente.

O guarda abriu o portão sem fazer mais perguntas. Ela deixou o carro por trás de um grupo de balcões em que viu outros carros estacionados, encaminhou-se para o galpão maior, em passos firmes.

Não sentia a menor inibição em se intrometer no ambiente de uma filmagem em locação. Alguém que já fora estrela no Olympia mantinha-se livre para sempre de qualquer apreensão em se aventurar na área do *spetacle* que era oficialmente vedada ao público. Bastidores eram bastidores em toda parte, tanto no seu mundo hoje quanto no reinado de Jacques Charles.

— Freddy de Lancel está por aqui? — perguntou ela à primeira pessoa que encontrou que parecia que podia saber.

— Freddy? Deve perguntar ali. Não estou a par da programação de *stunt* — respondeu o homem, apontando para outro galpão, que continha um improvisado escritório de produção.

— Programação de *stunt*? — repetiu Eve, incapaz de reprimir a surpresa.

— Isso mesmo.

— E o que me diz do vôo de precisão? Eu não deveria perguntar lá?

— É a mesma coisa.

— Como... acrobacia aérea? Vôo de exibição?

— *Stunts*... vôos de exibição... é tudo a mesma coisa.

— Obrigada.

Eve encaminhou-se para o galpão que o homem indicara. Não pensaria a respeito até que soubesse mais, pensou, consternada. A terminologia técnica do que Freddy fazia era obviamente tão relaxada que uma coisa podia significar outra ou uma terceira ou uma quarta.

No escritório de produção indicaram outro prédio, um hangar a várias centenas de metros de distância. Eve foi andando, sentindo o vento fustigar a saia do elegante costume verde-escuro e quase levantar seu chapéu de feltro. O céu se encontrava distante, sem importância, pintado com o azul aguado, sem nuvens, causado pelo vento Santa Ana, que era para a Califórnia como o Mistral para o sul da França. O campo que ela cruzou estava seco, com o amarelo insípido do inverno na Califórnia, antes da chegada das chuvas de janeiro, que anunciam a primavera. Enquanto andava, tão esguia e elegante aos quarenta anos quanto fora aos vinte, os olhos cinzas ainda fascinantes em sua escuridão, os cabelos ainda de um romântico louro avermelhado, Eve despertou uma onda de olhares curiosos e apreciativos dos

ocupados técnicos, que sempre conseguiam encontrar uma folga para contemplar uma mulher bonita.

Eve espiou pelo interior do hangar, escuro depois da claridade do sol lá fora. Havia várias pessoas reunidas em volta de um avião que parecia tão moderno e potente quanto qualquer outro da Corrida Aérea que vira nas fotografias de jornal. Ao se aproximar, reconheceu Alice Faye, usando uma blusa creme, com tantas abas e bolsos que parecia um uniforme militar, enfiada na calça comprida mais justa que Eve já vira. Um cinto de camurça creme envolvia a cintura pequena, uma echarpe de seda branca se enrolava no pescoço e os inconfundíveis cabelos louros platinados saíam por baixo do capacete de couro creme. Os óculos de proteção estavam empurrados para cima do capacete, revelando o rosto inteiro, as sobrancelhas pretas familiares, os olhos grandes emoldurados por pestanas pretas exageradas, os lábios polpudos, com um batom brilhante, um contraponto intrigante para a lourice agressiva.

Dois homens inclinavam-se com ela sobre a carlinga do avião, um gorducho, quase de meia-idade, outro mais jovem, a quem Eve reconheceu como Spencer Tracy. Era mais alto do que ela pensara. E depois, ao chegar mais perto, ainda despercebida, ela constatou que não era Tracy, apenas um ator parecido com ele. Os dois homens mantinham uma conversa animada sobre as tiras de couro que seguravam o piloto no assento do avião, o mais jovem visivelmente insatisfeito com os arreios.

— Não quero saber, Swede, se esse é o melhor equipamento disponível no mundo inteiro — insistiu ele, enquanto Eve se aproximava.

— Faça novos. Devem ser três vezes mais fortes ou Freddy não voa.

— Perderemos um dia — protestou Swede Castelli —, talvez dois.

— Ouviu o que ele disse, Swede — interveio Alice Faye. — Seja como for, há vento demais para voar hoje. O avião com a câmara balançaria demais.

— Freddy! — balbuciou Eve.

Alice Faye virou-se.

— Mãe! Oh, Deus, como estou contente em vê-la! Oh, mãe, mãe, como você está? Dê-me um beijo. Como está papai? E Delphine? Conte-me tudo! Como me descobriu? Dê-me outro beijo. Oh... este é Swede Castelli e este é Mac... Terence McGuire. Esta é minha mãe há tanto tempo perdida. Aposto que pensou que eu não tinha uma, não é mesmo, Swede? Oh, mãe, deixei-a toda manchada de batom! Deixe-me limpar. Emprésteme seu lenço, pois não há espaço neste traje estúpido para outra coisa além da minha pessoa.

Freddy girava na maior alegria em torno de Eve, abraçando-a e afastando-se, a fim de poder contemplá-la, tornando a abraçá-la. A criança certamente não estava faminta, pensou Eve, aturdida, pois parecia não apenas ter ficado mais alta, mas também o corpo esguio se tornara igual ao da sensual estrela de cinema. Freddy percebeu sua surpresa.

— É enchimento, mãe, não sou eu. Continuo a sua garotinha dentro deste traje.

— Você me enganou — murmurou Eve. — Não a reconheci. Pensei que era Alice Faye.

— É essa a idéia, Sra. de Lancel — interveio Swede Castelli, radiante. — Devia vê-la como Connie Bennett. Ela fica sensacional.

— Swede, vamos levar minha mãe para tomar um café. Já acabamos aqui, não é mesmo?

— Tenho de providenciar os tais arreios de segurança, Freddy. E preciso também conversar com Roy del Ruth sobre algumas coisas.

Você e Mac podem ir. Tornaremos a nos encontrar aqui amanhã de manhã, nem que eu tenha de fazer tudo pessoalmente.

— Que pressa é essa, Swede? Você tem tempo para um café — insistiu Freddy, enquanto os quatro deixavam o hangar e se encaminhavam para o refeitório improvisado.

— É melhor eu ir. Prazer em conhecê-la, Sra. de Lancel. Espero encontrá-la de novo. — Ele se afastou apressado à procura do diretor do filme, antes de cuidar do problema dos arreios. Com Mac organizando todos os vôos de Freddy, Castelli calculava que dias e dias de produção haviam sido

consumidos no atendimento de suas exigências de segurança e precauções redobradas. Por outro lado, depois que Freddy estava voando, ganhavam muito mais tempo do que perdiam, e nunca houvera manobras na história de seu ofício pelas quais sentisse menos ansiedade. E também não houvera cenas de vôo de uma mulher mais convincentes na história do cinema.

Enquanto tomava o café e comia o bolinho que Freddy insistira que ela aceitasse, Eve sentiu-se envolvida por um turbilhão de impressões que a confundiam. Não eram apenas a maquilagem extravagante e a peruca platinada que faziam Freddy parecer tanto com uma estranha. Havia alguma coisa... ela não podia determinar o quê... mas alguma coisa diferente na filha. A voz era a mesma, a atenção afetuosa era a mesma, mas alguma coisa básica mudara. Não era apenas o fato de ter crescido, de viver por sua própria conta e levar sua própria vida — temas que Freddy e Eve evitaram por consentimento tácito —, era algo mais, que Eve não podia identificar. Algo novo.

Eve arriscou-se a fazer umas poucas perguntas ao Sr. McGuire, na esperança de que alguma coisa que ele dissesse em resposta fosse uma pista para a mudança na filha, mas suas palavras foram apenas o que se poderia esperar do instrutor que ensinara Freddy a voar... comedidas, calmas e sensatas. Ele explicou a mecânica de várias manobras de uma forma que ela pôde compreender. Era um homem excepcionalmente tranqüilizador, pensou Eve, enquanto o escutava; se o tivesse conhecido antes, ficaria certa que Freddy se encontrava em boas mãos durante as aulas de vôo.

Voltaria outro dia, pensou Eve, tentaria conversar com Freddy a sós, quando a filha não estivesse usando a maquilagem que parecia uma máscara. Mas já sabia da única coisa essencial que viera descobrir: Freddy estava mesmo bem. Talvez pudesse encontrar alguma maneira de transmitir essa garantia a Paul. E mesmo que não conseguisse, pelo menos ela e Freddy haviam restabelecido o contato.

Eve tomou todo cuidado para não cair numa atitude exageradamente maternal. Não apenas porque houvera um afastamento de três meses por causa da independência declarada de Freddy, mas também porque o Sr. McGuire, um estranho, se encontrava presente. Nunca discutiria problemas de família se não estivesse a sós com Freddy.

Não perguntou onde Freddy morava, quem preparava suas refeições, como lavava sua roupa ou quais eram seus planos depois que o filme terminasse. Contentou-se em se sentar, em sua confusão vaga mais insistente, deixou que a felicidade evidente da filha a envolvesse. Freddy trabalhava na coisa que amava e, segundo o Sr. McGuire, tinha um desempenho brilhante. Esse conhecimento era suficiente por hoje, refletiu Eve, enquanto partia de volta para casa.

Concentrou-se em guiar pela estrada litorânea sinuosa que saía de Oxnard. Ainda se sentia um pouco abalada da emoção de se reencontrar com a filha e, resoluta, esvaziou a mente dos pensamentos de Freddy, a fim de poder recuperar o semblante normal antes de chegar em casa e encontrar Paul, sem lhe explicar onde passara o dia inteiro.

Cantou trechos de canções que quase esquecera e pensou, de uma maneira vaga, nos homens do *music hall* que as haviam tornado famosas. Por longos minutos Eve desapareceu e Maddy ressuscitou. Lembrou-se de Chevalier e um dos seus primeiros sucessos, *Não posso viver sem amor*.

— *Je n'peux pas vivre sans amour* — cantou Maddy. — *J'en rêve la nuit et le jour*.

Lembranças, espontâneas, com quase 25 anos, afloraram e perduraram. Subitamente, Eve parou o carro à beira da estrada, com um ranger de freios. Ficou sentada imóvel no elegante cupê, o coração disparado, as faces vermelhas, as mãos trêmulas.

Mas, por Deus, como ela era estúpida! Era tão evidente como se eles tivessem feito um anúncio. Tão patente quanto ver o batom na boca de Freddy. Aqueles dois estavam loucamente apaixonados. Amantes. Não podia haver a menor dúvida. Evidente. Evidente... em cada olhar que não haviam trocado, em cada vez que as mãos não se tocaram, em cada palavra que não pronunciaram. Como ela pudera deixar de perceber uma paixão tão óbvia? E tão... sólida. Sem adornos.

Incontestável. Fora a máscara de Alice Faye no rosto de Freddy que a deixara cega? Fora porque a

olhava e ainda via apenas a sua garotinha? Oh, mas ela fora muito fundo, sua filha fora, levada para longe, muito longe, para uma terra em que as mães não podem seguir. E ele, pobre homem, nunca se recuperaria de Freddy. Era o que havia para ele.

Eve tornou a ligar o carro, com um suspiro que era ao mesmo tempo de resignação e experiência. Não era importante como acontecera. O que aconteceria não era algo que ela ou qualquer outra pessoa no mundo pudesse controlar. Freddy estava absolutamente feliz. E ela própria... isso mesmo, tinha de admitir, sentia uma pontada de inveja. Admita tudo, enquanto está sozinha, enquanto tem tempo... inveja pela loucura lembrada de uma primeira paixão que só ocorre uma vez na vida. e até isso mesmo, admita para você, enquanto ainda se encontra atordoada pelo choque da descoberta, apenas um pouco de inveja feminina normal pela posse daquele homem. Aquele homem extremamente atraente, com seu charme suave e vigoroso, com seu corpo forte e musculoso, aquele homem... excepcionalmente... desejável. A filha escolhera muito bem.

La matinée grasse, pensou Delphine, no prazer vago, estendida na cama, meio cochilando, não era uma invenção francesa exclusiva, mas dar um nome e uma espécie de status oficial à idéia de uma manhã "gorda", uma manhã totalmente indolente, inútil, que não servia para nada, fazia com que parecesse menos uma indulgência e mais uma tradição. De qualquer forma, ela merecia uma *matinée grasse*, se alguém merecia, depois de fazer um filme depois de outro, por meses a fio. Instruíra sua criada pessoal, Annabelle, que passaria a manhã no quarto e não devia ser interrompida, nem mesmo por uma orquídea, caso alguma chegasse.

De qualquer forma, estava chovendo, naquele 10 de abril de 1938, mas Delphine se acostumara à chuva em seus quase dois anos como uma parisiense, e se mantinha indiferente. Nunca a deprimia, pois nunca a incomodava. O motorista a levava a toda parte em seu lindo Delahaye cor de chumbo; passava a maior parte dos dias no estúdio, onde o tempo não fazia diferença; sua casa se encontrava sempre repleta de ofertas de flores; e, ao contrário de muitos lares franceses, era sempre quente e aconchegante.

Depois do enorme sucesso em Mayerling, Delphine procurava um lugar para viver, enquanto seu novo agente negociava um contrato melhor com a Gaumont do que o primeiro que assinara. Perto da Avenue Foch, no 16° Arrondissement, a parte mais rica da Rive Droite, há várias ruas sem saída pouco conhecidas e muito encantadoras, conhecidas como vielas, construídas na década de 1850. As casas, naquelas ruas tão pouco francesas, são como os chalés ingleses: pequenas, aconchegantes, proporcionando toda privacidade, um jardim nos fundos. Delphine encontrara uma na Villa Mozart que a lembrava de sua casa de boneca vitoriana, pintada de branco, as janelas em turquesa. Uma glicínia subia pela fachada da casa, ensombreado as janelas, no jardim atrás havia hortênsias e um salgueiro. O sol, sempre que por acaso aparecia, entrava pela frente de manhã e pelos fundos à tarde. Havia dois cômodos e um banheiro em cada um dos andares superiores, uma sala de jantar, um salão e uma cozinha no primeiro andar, um porão pequeno mas com bom isolamento. O sistema de aquecimento era novo e eficiente. Delphine comprou-a imediatamente, com o primeiro dinheiro que já ganhara.

Outra jovem de dezoito anos que acordasse para se descobrir uma estrela, embora com apenas um filme a seu crédito, poderia muito bem gastar o dinheiro em peles, jóias ou um carro, até mesmo ficar atordoada demais para gastar em qualquer coisa.

Delphine só queria uma coisa: uma fortaleza. Sempre vivera em casas em que uma pessoa mais velha se encontrava em posição de pedir-lhe explicações de suas ações. A casa na Villa Mozart era a garantia de que as crescentes demandas de seu corpo poderiam ser sempre satisfeitas em privacidade.

Não havia uma faxineira curiosa e intrometida ao pé da escada, como sempre acontecia, por lei, em todos os prédios de apartamentos parisienses, para registrar as idas e vindas de seus visitantes. Na Villa Mozart havia apenas um vigia e sua esposa, Louis e Claudine, que moravam na entrada da rua, a várias dezenas de metros da porta de Delphine, literalmente fora de vista, já que a rua fazia uma curva.

Sempre que os avisava que esperava um convidado, eles abriam o portão, que vedava o beco em saída, ao tráfego casual, assim que seu nome era mencionado, sem fazerem mais perguntas. Delphine lhes dava boas gorjetas com frequência. Embora o casal não estivesse instalado em seu prédio, ela já era bastante parisiense para saber da necessidade de contar com sua boa vontade.

Delphine contratou criados, mas não exigia que nenhum deles vivesse na casa. O motorista, Robert, a criada pessoal, a cozinheira e a *femme de chambre* chegavam para trabalhar no início da manhã e partiam quando suas tarefas eram encerradas. Pagava-lhes muito bem — muito mais do que pagaria se fornecesse casa e comida —, mas valia a pena para ela. Sempre que encontravam, pela manhã, indícios de que Delphine não dormira sozinha, fingiam que não viam, pois estavam muito satisfeitos com o emprego fácil para deixá-la desconfiar de que não levava a vida de absoluta privacidade como desejava.

Entre si, tinham muito o que comentar sobre *Monsieur* Nico Ambert e sua jovem amante. Louis, em admiração, comentava para a esposa que Ambert passara na casa cinco noites da semana passada.

Annabelle, a criada pessoal, que recebia as notícias diretamente de Claudine ao entrar na rua, sussurrava com uma piscadela para Helene, a cozinheira. Claudine instalara sua irmã, Violet, como a *femme de chambre*, fazendo todo o trabalho de arrumação, o que lhe permitia conhecer cada detalhe do estado do quarto de Delphine, quantas vezes era preciso trocar os lençóis da cama e exatamente por quê. Ele devia ser um bruto de sangue quente, aquele Nico Ambert, comentou ela para as outras, com uma careta de inveja. Não se satisfazia tão depressa e era rude como um estivador, dava para se perceber. Mas também ainda era jovem.

Delphine, em sua fortaleza na Villa Mozart, era o centro de uma rede de informações mais precisa e mais explícita do que se vivesse no quintal dos fundos de Hedda Hopper, mas nunca seria bastante parisiense para compreender isso.

Nico Ambert durara seis meses, até que Mayerling acabara, e Delphine assinara contrato para contracenar com Claude Dauphin num filme intitulado *Rendez-vous d'Amour*.

Ambert lhe ensinara mais do que tencionara, e Delphine, apenas horas depois de sair de seus braços, desfilava lentamente por um cenário do filme, como se estivesse pensando em sua próxima cena, enquanto especulava quais dos muitos homens trabalhando ali haviam começado a endurecer em excitação, enquanto os olhos acompanhavam sua passagem. Ela se demorava, de vez em quando, a cumprimentar um jovem assistente em qualquer dos ofícios, deixava os olhos baixarem para sua virilha, avaliando o tamanho com um olhar imperceptível e experiente, enquanto fazia uma pergunta objetiva sobre o seu trabalho. Sugava o lábio inferior em reflexão enquanto ele respondia, fitava firmemente sua boca; e só quando via seu rosto se afoguar em desejo é que tornava a baixar os olhos, a fim de verificar quão grande ele ficara, até que ponto a calça estofava. E depois despedia-se com um sorriso afável, imaginando o membro duro que poderia tirar de seu esconderijo com a maior facilidade, aquele pedaço maravilhoso de carne intumescida pelo sangue que estava pronta para absorver, que podia agora enfiar bem no fundo de seu corpo.

Mas nunca o fazia. Alimentava-se gloriosamente com o desejo dos técnicos, inflamava-os, mas sem nunca lhes dar um pretexto válido para classificá-la como uma provocadora. Delphine tornou-se viciada em necessidade sexual. Adorava a aflição inebriante e agradável de sua tensão crescente, a imaginação desvairada; com o maior prazer, passava horas de desejo intenso, molhada e necessitada, até que as luzes se acendiam, até que chegava o momento das câmaras rodarem, até que o diretor a soltava em cena. Só então se permitia os orgasmos que escondia tão bem.

Trocou Ambert pelo diretor de *Rendez-vous d'Amour*. Ele relutara em devolver a chave de sua porta, e Delphine nunca mais cometera esse erro em particular. Ao estrelar seu próximo filme, *Affaire de Coeur*, com Charles Boyer, passara para os braços do produtor. O diretor não a tentara. Ela não dava atenção aos atores. Eram egocêntricos demais para interessá-la. E quanto mais bonitos eram, menos atraentes se tornavam para ela. Os beijos na tela nunca possuíam a realidade sensual da visão das mãos

grandes de um eletricitista em ação.

A paixão que a câmara captava nas cenas de amor mais requintadamente românticas de Delphine era inspirada pelo conhecimento incontestável de que os técnicos, se tivessem a menor oportunidade, cairiam em cima dela e a possuiriam, um depois do outro. E, ela pensava com avidez, ainda saboreando a manhã na cama, estaria pronta para eles. Mais do que pronta. Só que eles eram um fruto proibido. Haveriam de se gabar. Um escorregão, um passo em falso, e todos saberiam. Diretores, produtores, compositores, cenógrafos ou escritores eram parceiros aceitáveis para uma estrela, mas ela não podia se arriscar a intrigas por meros trabalhadores, não importava o quanto a virilidade rude e agressiva de tais homens a fizesse tremer por dentro.

Sequer chegara a insinuar tudo isso para Margie. A amiga viera visitá-la no Natal, e Delphine imaginara, antes de sua chegada, que poderia lhe confidenciar alguma coisa de sua nova vida. O que teria sido uma péssima idéia, concluíra ela depois, ironicamente.

Margie Hall se mostrara tão visivelmente impressionada com o estrelato de Delphine que não era mais capaz de tratá-la com a camaradagem descontraída do tempo em que as duas eram renegadas.

E o que era pior, Margie, aos vinte anos, permanecera virgem, continuando a viver pelo código da moça direita a que haviam sido fiéis na universidade. Agora, no último ano do colégio na UCLA, Margie estava noiva de um promissor médico de Pasadena e, parecera a Delphine, fora profundamente alterada pelas solenes perspectivas de um gigantesco casamento em junho. Depois de uma ou duas excursões ao estúdio, Margie confessara que preferia passar seu tempo em Paris provando lingerie sob medida para seu enxoval, comprando luvas e perfumes, encomendando toalhas de linho para sua futura mesa de jantar. Sua mesa de jantar, pensou Delphine, incrédula.

Era verdade, Margie Hall estava prestes a assentar e se tornar uma matrona de Pasadena dentro de poucos meses. Um dia, não muitos anos mais tarde, ela encontraria um fio branco nos cachos louros e nem mesmo pensaria em tomar uma providência a respeito. Ninguém o fazia, em Pasadena.

Como era possível se tornarem tão totalmente apartadas?, especulou Delphine. Margie apaixonada era uma completa estranha. O amor. Algum dia ela se apaixonaria? Esperava que não. Mudava as pessoas, e não tinha o menor desejo de mudar qualquer coisa em sua vida. Margie tinha tão pouco em comum com ela agora quanto as pessoas que entravam na fila para assistir a seus filmes. Já fizera sete desde Mayerling e todos foram sucesso. As únicas iguais a ela, aos olhos do público francês, eram Michèle Morgan e Danielle Darrieux.

A existência dessas duas atrizes era o motivo pelo qual não se sentira tentada pelas ofertas que recebera de Hollywood. Ambas estavam fazendo filmes na França num ritmo igual ao seu. Eram mais velhas, ambas deslumbrantes e tão ambiciosas quanto ela. Se interrompesse sua carreira triunfante para fazer um filme na Califórnia, uma ou outra com certeza pegaria um papel que deveria ter sido de Delphine. Ficara bastante aborrecida quando Morgan recebera o papel que ela cobiçava para contracenar com Gabin em *Quai des Brumes*. O filme de Marcel Carne estava prestes a estreiar, e todas as pessoas que ela conhecia há meses que falavam a respeito, usando uma expressão irritante, obra-prima.

Delphine pegou um exemplar de *Le Figaro* que Annabelle pusera na bandeja do desjejum e abriu na página da entrevista de Carné, uma página que já lera de cima a baixo. Ainda não trabalhara com Carné ou Gabin, e não ficaria satisfeita enquanto não o fizesse.

Ela desviou os olhos da entrevista com o rosto franzido em contrariedade. A fim de afastar os pensamentos desse problema, deu uma olhada na primeira página. Noventa e nove vírgula sete por cento dos eleitores da Áustria haviam votado a favor da "reunificação" de seu país com a Alemanha, proposta por Hitler... esse número parecia um absurdo, pensou ela, vagamente. Otto von Hapsburgo, notou ela, não tivera permissão para votar, porque fora preso sob suspeita de alta traição, por exigir que as grandes potências européias reagissem contra a Alemanha. Ora, os Hapsburgos não haviam sido tão simpáticos assim com a pequena Marie Vetsera, não é mesmo? Na França. Léon Blum deixara o governo e Daladier

entrara... quem podia distinguir um do outro? Que diferença poderia fazer? Quem se importava? A política francesa era ainda mais confusa do que a política mundial, mas ela refletiu que deveria tentar se informar um pouco, já que as pessoas falavam tanto a respeito. Não era conveniente parecer totalmente ignorante. A Tunísia se encontrava em alguma espécie de comoção... mas não estava sempre? Havia uma nova maneira de viajar... William Boeing fabricara um imenso avião, chamado de 314. Era a única coisa realmente interessante no jornal. Aparentemente, os passageiros podiam descer por uma escada interna e se reunirem num bar... Delphine especulou o que Freddy estaria fazendo naquele momento. Assistira a *Tail Spin* e não conseguira ver qualquer sinal da irmã, por mais que tentasse; mas sabia, pelas cartas da mãe, que Freddy estava trabalhando em sucessivos filmes, como ela. Só que Freddy não era uma estrela. Delphine jogou o jornal maçante no chão. Uma *matinée grasse* nunca devia incluir jornais. Ela instruíra Annabelle.

Naquela noite jantaria com Bruno, lembrou Delphine, o mau humor momentâneo desaparecendo. Era maravilhoso ter um homem em quem se podia confiar. Bruno e ela tinham um relacionamento diferente do que poderia ter com qualquer outro homem. Ele nunca bisbilhotava, nunca fazia perguntas sobre sua vida particular, nunca julgava ou tentava agir como se devesse vigiá-la, mas sempre podia lhe pedir qualquer tipo de conselho e contar com uma resposta franca.

Bruno compreendia as nuances sutis da vida francesa de uma maneira que ela tinha de admitir que nunca conseguiria. Sabia que convites tentadores ela nunca deveria aceitar, em quaisquer circunstâncias; que costureiros deveria procurar; onde encomendar seu papel timbrado e a única maneira correta de imprimi-lo; e por que era necessário para sua carreira que comparecesse ao Prix de L'Arc de Triomphe e ao Prix Diane, mas nunca fosse vista em Monte Carlo.

Ele estocara sua adega, recomendara o *bottier* que fazia os melhores sapatos de Paris, insistira para que ela jogasse fora todas as suas roupas americanas e escolhesse o carro perfeito para sua posição. Delphine sabia que era uma bênção para ela que todos soubessem, de seus agentes aos criados e protetores, que se encontrava sob a proteção do irmão, o *Vicomte* de Saint-Fraycourt de Lancel. Por Deus, como os franceses se impressionavam com um título!

Em troca, ela se mantinha disponível como uma anfitriã para Bruno sempre que ele pedia. Bruno telefonava e dizia:

— *Chérie*, pode me fazer um grande favor e presidir minha mesa na próxima semana? Há um cavalheiro idoso que virá jantar, e porei à sua direita... ele possui uma enorme quantidade de dinheiro que ainda não decidiu como aplicar.

E ela punha o seu mais atraente vestido novo e encantava até a si mesma ao desempenhar, num equilíbrio excepcional, um papel duplo nos pequenos jantares de Bruno: Delphine de Lancel, estrela de cinema, e Mademoiselle de Lancel, filha da velha aristocracia da Champagne, que dependia totalmente do conselho do irmão, em tudo.

Só um olhar de vez em quando para Bruno revelava a admiração que ele sentia pela maneira como ela cumpria seu papel. Ele era um es-plêndido parceiro. Eram do mesmo tipo, pensou Delphine, e talvez a melhor coisa em Bruno fosse a maneira decidida com que concordava com ela em relação ao amor. A emoção absolutamente inútil, inconveniente, como ele a chamava, inventada por alguém com uma imaginação exagerada e nada melhor para fazer. Algum trovador pequeno-burguês desempregado.

Uma semana depois do jantar, às vezes antes, ela recebia uma pequena jóia magnífica de Cartier, com um bilhete de Bruno, informando que o cavalheiro já decidira — com toda inteligência — onde aplicar seus recursos. Era muito divertido estar do lado de Bruno para realizar aqueles pequenos jogos, refletiu Delphine; e o fato de serem irmãos tornava o interesse mútuo.

Afinal, um dia ela, Bruno e Freddy possuiriam a Casa de Lancel.

Felizmente, ele saberia o que fazer com os vinhedos, porque com toda certeza nem ela nem a irmã haveriam de querer arcar com essa responsabilidade. Embora... pensando bem... poderia ser divertido

possuir um *château*. Michèle Morgan não tinha um *château*. Nem Danielle Darrieux. E ainda que alguma das duas viesse a comprar um *château*, não seria a mesma coisa que herdar. Ainda assim, Valmont era tedioso demais para sequer considerar, decidiu Delphine, saindo da cama e espreguiçando-se. Adorava sua casinha, e quando saía era apenas para uma suíte num grande hotel em algum balneário, para breves férias entre filmes.

Ao tocar a campainha para chamar a criada, ela compreendeu que sua manhã de indolência estava encerrada. Naquela tarde teria a primeira reunião com o diretor de seu novo filme, *Jour et Nuit*.

Seu nome era Armand Sadowski, e todos no mundo do cinema comentavam sobre ele e seus três primeiros filmes. Brillhante, diziam, difícil, diziam, um gênio, diziam, insuportável, diziam. Mas como ele parecia?, especulou Delphine, enquanto esperava por Annabelle.

Gostaria de levá-lo para a cama? Até que ponto ele seria bom? Eram perguntas que não podia fazer a seu agente.

Normalmente, Delphine se encontraria primeiro com um novo diretor num restaurante escolhido por seu agente, Jean Abel, que gostava de controlar seus negócios tanto quanto possível, e o homem que escolhia o restaurante, pedia o vinho e pagava o almoço, se fazia tudo direito, ficava no comando da ocasião. As negociações para a participação de Delphine em *Jour et Nuit* haviam sido prolongadas.

Claro que não houvera necessidade de uma audição. Os contratos foram assinados, mas mesmo assim eram inevitáveis os conflitos no decorrer de qualquer produção, e Abel queria começar numa base firme com Sadowski. O diretor, no entanto, estava ocupado na supervisão da edição de seu último filme e recusara-se a deixar o estúdio por tempo suficiente para almoçar.

Em vez disso, marcara uma reunião com Delphine ao final da tarde, em seu escritório em Billancourt, com o que Abel finalmente — e com a maior relutância — tivera de concordar, já que Sadowski estava concluindo seu atual filme e iniciando o novo com Delphine, tendo apenas um fim de semana de intervalo. Abel planejava pegar Delphine e levá-la à reunião profissional demais, sem o estímulo de comida e vinho, mas ela lhe dissera que não seria conveniente.

Preferia ir ao estúdio em seu próprio carro, pois planejava depois uma visita há muito adiada à sua fabricante de lingerie. Ele poderia encontrá-la em Billancourt.

Delphine vestiu-se com todo cuidado para o encontro com Sadowski. O papel em *Jour et Nuit* era de uma moça rica e desmiolada, suspeita de assassinato, que se apaixona por um inspetor da polícia. Já sabia que os trajes, de autoria de Pierre Goulard, haviam sido inspirados pelas roupas surrealistas, alegres e muitas vezes loucas de Schiaparelli. Inspiradas? "Copiadas" seria uma palavra mais honesta, concluiu ela. As roupas, vistosas e ostensivamente agressivas, seriam certas para a personagem, mas erradas para a maneira como ela queria que qualquer diretor desconhecido a visse pela primeira vez.

Delphine dominara a arte de se vestir discretamente. Quanto mais famosa se tornava, mais descobria como o trajar discreto era uma arma poderosa em qualquer relacionamento. Todos esperavam que uma estrela de cinema parecesse com uma estrela de cinema. Mas isso era muito fácil, muito ortodoxo. Óbvio. Talvez fosse perdoável ser ortodoxa, mas nunca óbvia. Uma estrela de cinema com o mais novo vestido do caro Jean Patou, usando o chapéu mais extravagante de Paulette, com uma estola de raposa prateada pendurada num braço... não, nunca. Isso era ótimo para os aparecimentos em público, mas não para o início de uma escaramuça incerta, em que poderia ter de utilizar todo o seu armamento. Por que alertar tão cedo as defesas do diretor? Afinal, ela poderia detestar o homem. Já acontecera.

Ela escolheu uma suéter simples de lã, fina, numa tonalidade de cinza tão suave e tão insubstancial que ressaltava a brancura de sua pele ainda mais do que o preto poderia fazer. Acrescentou uma saia absolutamente simples, de corte impecável, tweed, num cinza apenas um pouco mais escuro que a suéter; meias de seda num cinza-claro; sapatos pretos de saltos baixos, sem qualquer adorno; e uma capa clássica, com cinto, da Inglaterra. Pequenos brincos de âmbar negro e uma boina preta de veludo, do tipo

usado pelos estudantes, completavam o conjunto. Podia ser anônima, podia não ser ninguém, podia ser qualquer uma, se não se olhasse para seu rosto, se por acaso não fosse uma das mulheres mais belas do mundo, pensou Delphine, imparcial. Não era vaidosa. Em sua carreira, a aparência tinha de ser avaliada de maneira tão fria e objetiva quanto o ba-lancete trimestral de uma companhia. Um lapidador de diamantes de Amsterdam não julgava uma pedra com mais rigor do que Delphine aplicava ao ângulo de seu nariz, as curvas perfeitas do lábio superior, as sombras por baixo dos málares. Satisfeita, ela apertou o cinto da capa e baixou a boina, a fim de cobrir o bico-de-viúva que a tornava instantaneamente reconhecível.

Chegando ao estúdio, encaminhou-se para o departamento de edição. Abel deveria estar esperando-a no estacionamento, mas talvez tivesse se atrasado; o tráfego estava horrível com a chuva. Passou por diversas pessoas que conhecia superficialmente, mas nenhuma a notou, a não ser quando atraía sua atenção deliberadamente, sorria e acenava com a cabeça. A capa conseguia mesmo transformá-la numa pessoa das massas, pensou, satisfeita.

Puxa, como era bom voltar ao estúdio! Há duas semanas que não trabalhava, desde o último dia de seu último filme. Precisara do tempo para cuidar dos muitos detalhes de seu requintado guarda-roupa pessoal, para o que nunca tinha folga durante uma filmagem.

Fora como um retiro de duas semanas numa espécie de convento mundano, superperfumado e superaquecido, pensou ela, um mundo de mulheres inebriadas, tagarelas e excitadas, com apenas uma coisa na cabeça. Agora voltava ao mundo dos homens, graças a Deus.

Delphine parou na porta aberta de um estúdio que acabara de ser desativado. Pôde sentir o odor metálico característico das luzes enquanto esfriavam e observou os eletricitas e carpinteiros desmontarem o enorme cenário, a respiração acelerando ao contemplar a força bruta com que levantavam, puxavam e empurravam, trabalhando sem notá-la, as vozes altas e descuidadas gritando uns para os outros, na pressa de acabarem o trabalho e voltarem para casa. Delphine recuou da porta aberta para o corredor, a fim de não ser esmagada por uma enorme peça do cenário que estava sendo retirada do estúdio. E, subitamente, foi atingida no ombro esquerdo por um golpe pesado da mão de um homem que passava, gesticulando amplamente, em conversa com outros três.

— Ei, isso doeu! — exclamou ela, chocada.

O homem que a atingira acidentalmente, ainda andando depressa e já distanciado vários passos, olhou para trás e sacudiu um dedo em advertência.

— Desculpe, mas é um lugar muito estúpido para ficar parada, embasbacada — gritou ele, já se virando enquanto voltava à sua conversa animada.

— Ora, vá se foder! — disse Delphine, em voz alta, em inglês.

Ela olhou ao redor, furiosa, à procura de alguém a quem pudesse se queixar por tanta grosseria, mas o corredor estava vazio agora.

O atraso de Abel era imperdoável, pensou ela, não mais satisfeita por ter conseguido se tornar invisível. Desceu pelo corredor, finalmente encontrou o departamento de edição, abriu a porta sem cerimônia e falou bruscamente para uma recepcionista:

— *Monsieur Sadowski*, por favor.

— Ele não pode ser interrompido. O que deseja?

— Sou esperada — respondeu Delphine, irritada.

— Seu nome, por favor?

— *Mademoiselle de Lancel* — disse Delphine, friamente.

A recepcionista piscou, surpresa.

— Desculpe, *mademoiselle*, não a reconheci. Vou avisá-lo imediatamente. Não quer se sentar?

— Não, obrigada. — Delphine permaneceu de pé, batendo com o pé, impaciente. Não ia se sentar como se não tivesse nada melhor para fazer do que esperar pelo chamado de Sadowski numa sala de

recepção. Deveria ser introduzida imediatamente em sua sala. O desgraçado do Abel teria providenciado isso.

— *Mademoiselle* de Lancel está aqui, *Monsieur* Sadowski — disse a recepcionista ao telefone em sua mesa. — Está bem. — Ela desligou e virou-se para Delphine. — Ele a receberá assim que terminar sua reunião, *mademoiselle*.

Delphine ficou indignada. Olhou para seu relógio de pulso. Estava atrasada. Se tivesse chegado na hora marcada, já estaria esperando há dez minutos. Parecia uma tola, pensou ela, de pé como uma suplicante. Sentou-se numa cadeira desconfortável e olhou furiosa para a porta do corredor, esperando ver Abel entrar a qualquer instante, desmanchando-se em desculpas. Mais cinco longos minutos transcorreram em silêncio, com a recepcionista lendo uma revista. Delphine levantou-se. Não tencionava esperar por mais um segundo sequer. A situação já fora além de todos os limites possíveis. Vários homens saíram pela porta da sala interna, conversando, passaram por ela sem fitá-la.

— Ele a receberá agora, *mademoiselle* — disse a recepcionista.

— Não me diga! — explodiu Delphine.

A recepcionista parecia confusa, conduziu-a a uma pequena sala e desapareceu, fechando a porta. Um homem sentava lá dentro, sozinho, de costas para Delphine, levantando uma tira de filme para a janela e examinando atentamente. Praguejou alto, uma fieira de palavrões, enquanto Delphine parava na frente da mesa. Era o homem que a atingira no corredor. Ela mal podia esperar para que se virasse. Ele ficaria mortificado ao descobrir com que falta de cortesia tratara sua estrela. Ela já possuía a vantagem, nada podia mudar isso. Ainda olhando para o filme, o homem falou calmamente:

— Delphine, meu bem, sente-se. Falarei com você num instante. Por sorte não a machuquei no corredor. Deveria tomar mais cuidado. Só bato em mulheres de propósito. — A voz definiu, enquanto ele examinava o filme com toda atenção. — Mas que droga! Maldito cinegrafista! O cretino, um Neanderthal! Vou lhe arrancar as tripas na próxima vez em que o encontrar! Não, não é possível, o que ele fez é absurdo demais, e agora é tarde demais para fazer qualquer coisa, a não ser alterar toda a cena! Passaremos todo o fim de semana aqui! Merda! — Ele largou o filme, virou a cadeira e sorriu abruptamente. Meio que se levantou, inclinou-se para a frente e estendeu a mão por cima da mesa. O aperto de mão foi rápido. — Um *métier* horrível, não é mesmo, meu bem?

Ele era muito alto, Delphine constatou, com uma cabeça espantosa. Massas de cabelos pretos, lisos, ridiculamente compridos, desgrenhados em todas as direções. Era jovem, não muito mais do que 25 anos, o rosto era a idéia que ela fazia de um gavião, todo olhos e nariz e transbordando de energia. Parecia haver mais energia irrompendo de trás da mesa do que se ele estivesse travando um duelo. Usava óculos enormes de aros de chifre, que tirou e pôs em cima da mesa, esfregando o ponto em que se apoiavam no nariz.

— Abel ainda não chegou? Ótimo, eu não o queria mesmo aqui, mas ele insistiu. — Ele falava depressa, com veemência.

Delphine estava aturdida. O diretor usava a forma de tratamento familiar em francês, tu, chamava-a pelo primeiro nome. Isso podia acontecer entre um diretor e um membro categorizado da equipe técnica, mas nunca de outra forma. Absolutamente nunca entre um diretor e uma estrela, a menos que fossem amigos pessoais antigos.

Quem ele pensava que era?

Sadowski recostou-se e estudou-a em silêncio, através dos óculos, unindo as pontas dos dedos na frente e escondendo parcialmente o rosto, fitando-a como se estivesse sozinho numa sala, diante de um quadro que comprara num momento de distração e não tinha certeza se gostara.

— Tire a boina e a capa — disse ele finalmente.

— Não — respondeu Delphine, tensa.

— Está com frio?

— Claro que não.

— Então tire a capa e a boina — insistiu ele, impaciente. — Vamos ver como você parece.

— Não assistiu a meus filmes? — Delphine enfatizou o *vous* formal, mas ele não prestou atenção.

— Claro. Não a teria contratado de outra forma. Quero ver como parece para mim, não para os outros diretores. Vamos, meu bem, depressa. Não temos o dia inteiro.

Ainda sentada, Delphine removeu a boina e a capa, deixando-a cair até a cintura, observando seus olhos se alargarem em admiração. Mas a expressão desconfiada e relutante de Sadowski não se alterou. Ele suspirou. Delphine esperou, tão impassível quanto ele.

— Levante-se e vire-se — pediu ele abruptamente.

Os olhos, agora descobertos, eram pretos, as íris enormes, as pupilas pequenas, como se fosse um hipnotizador.

— Como ousa? Não sou uma corista!

— Espera que eu fique de joelhos e suplique? — Sadowski fitou-a nos olhos. — Alguma coisa similar seria aceitável, não é mesmo?

Ah... atrizes! Qual é a novidade? Esqueça, meu bem, veio ao lugar errado. Faço filmes aqui, não discursos bonitos. Sem sutiã?

— Nunca uso — mentiu Delphine.

— Eu decidirei isso. — Ele gesticulou para que ela se levantasse.

Delphine inclinou a cabeça zombeteira e decidiu levantar, sabendo que sua beleza era a suprema censura àquele comportamento grosseiro e ofensivo de Sadowski. Virou-se alguns centímetros, dando-lhe tempo para se tornar humilde. Não permitiu-se uma expressão de triunfo, nem mesmo o menor altear de uma sobrancelha, quando tornou a fitá-lo. Ele apoiava o queixo numa das mãos, balançando a cabeça negativamente.

— Não sei... simplesmente não sei..., talvez sim, talvez não... mas acho que vale a pena tentar.

— Do que está falando?

— Esse seu pequeno disfarce, a merda de colegial, o número de saia e suéter de Shirley Temple. Pode dar certo. Não é tão estúpido quanto parece, você pode ter encontrado um bom caminho... Faremos um teste de traje e maquiagem de Chloe para descobrir.

— Como assim?

Ele estalou os dedos.

— Acorde, Delphine! Chloe, a personagem que você vai representar, a sacana rica? Não é por isso que está aqui? Obviamente, compreendeu que Chloe podia decidir se vestir discretamente, a fim de despistar o inspetor de polícia, depois do assassinato. É uma idéia. Graciosa. Infantil, reconheço, e é claro que completamente óbvia para qualquer pessoa com um mínimo de inteligência, mas sem dúvida atraente. Faz com que você pareça quase inocente. Gosto de uma atriz que tenta fazer uma contribuição criativa. Mas não com muita frequência, é claro. Não se entusiasme demais, meu bem.

— Eu...

— Muito bem, já acabamos. Pode ir. — Ele virou a cadeira e recomeçou a examinar o pedaço de filme, outra vez de costas para Delphine.

— Está precisando cortar os cabelos — balbuciou Delphine.

— Sei disso. Já me disseram. Terá de esperar até eu acabar de reformular a porra desta cena. Traga uma tesoura e sirva-se, se isso a incomoda. Esteja à vontade.

— Idiota! — disse Delphine, em inglês.

Sadowski virou-se e fitou-a com um brilho de genuíno prazer.

— Maravilhoso! Eu tinha esquecido que é americana. Tenho primos em Pittsburgh... você é de algum lugar por perto? Asshole... idiota... não há nenhuma palavra em francês equivalente, não é mesmo?

— Ele acenou com a mão, indicando a porta. — Vejo-a na segunda-feira. Com toda disposição e

cedo. E quando digo cedo, meu bem, é cedo mesmo. Não durma demais. Uma advertência justa. E será a última que terá.

— E se, por acaso, eu dormir demais? — indagou Delphine, ofegando em fúria.

— Não se preocupe com isso, pois não vai acontecer. Não vai querer me causar problemas, meu bem, porque sabe que não daria certo. Entendido? E agora vá logo embora. Será que não percebe que estou ocupado?

Freddy certificou-se de que o capacete estava preso com firmeza. Os cachos escuros da peruca de Brenda Marshall sopravam em volta de seu rosto, faziam cócegas no nariz e cobriam os olhos, enquanto se sentava nos controles da carlinga aberta modificada do pequeno e velho Gee Bee. Sabia que era melhor, depois de quase dois anos como piloto para o cinema, nem tentar convencer o departamento de guarda-roupa que uma aviadora jamais voaria com os cabelos se derramando cativantes do capacete para os ombros. Além do mais, na opinião de Freddy, a ladra de jóias com um coração de ouro e nervos de aço, que sempre escapava do local do crime pelo ar, o papel que representava em *Lady in Jeopardy*, era capaz de quase qualquer coisa, inclusive pilotar um avião num vestido a rigor, como fizera na semana passada.

Ela conferiu a altitude. Estava exatamente a 1.200 metros, como planejara. Freddy tirou as mãos dos controles. Equilibrara o avião com todo cuidado; não havia turbulência lá em cima naquele dia no início de agosto de 1938, o aparelho voava reto e nivelado por si mesmo, assim poderia continuar por um longo tempo. Havia um espelho costurado na aba interna da manga do casaco, que Freddy usou agora para inspecionar o batom. Estava tão brilhante quanto no momento em que a maquilagem terminara de prepará-la, uma hora antes.

Pronta para começar, ela olhou ao redor, à procura dos quatro aviões com as câmaras, um à esquerda e três por baixo, cada um numa altitude diferente, voando em formação cerrada para garantir uma cobertura completa de seu salto de pára-quadras. Ela balançou as asas, o sinal de que estava pronta para começar, observou cada um dos quatro aviões. Não era o tipo de cena que podia permitir uma segunda tomada.

Os aviões grandes e resistentes com as câmaras responderam ao sinal, indicando que estavam rodando. Muito bem, Brenda, é hora de entrar em ação, disse Freddy a si mesma; assumiu uma expressão de alarme que logo se transformou em determinação. Pegou a bolsa de veludo cheia de jóias, meteu-a dentro do blusão, levantou o zíper e deslocou-se para o lado do avião, com pára-quadras e tudo.

— Até a próxima, pessoal, aqui não tem mais nada — gritou Freddy, uma fala que julgava tão implausível quanto a trama.

Pôde ver a câmara no avião ao lado focalizando sua boca a pronunciar as palavras, que mais tarde seriam dubladas por Brenda Marshall. Apertou um botão vermelho no lado da carlinga que acionaria a dinamite em quinze segundos, depois que já estivesse tão distante que nenhum dos fragmentos da explosão poderia alcançá-la.

No instante seguinte saltou do avião, esquivando-se habilmente da fuselagem e tomando cuidado para não deixar o vento pegá-la, entrando em queda livre. À contagem de dez abriria o pára-quadras.

— Um... dois... três... — contou ela, começando a estender a mão para a corda de abertura.

Por cima, doze segundos antes do momento previsto e perto demais, o avião explodiu. A onda de choque da explosão prematura deixou-a inconsciente. Gasolina em chama, em borrifos de fogo, fragmentos pontiagudos do avião foram arremessados em todas as direções, ao redor de seu corpo caindo. O pesado motor deixou de atingi-la por um metro, uma asa em chamas, por centímetros.

Ela continuou a cair, inerte, um pedaço de carne imóvel num traje de vôo, a caminho do solo. Quando recuperou os sentidos, Freddy não tinha idéia de há quanto estava caindo. A reação instantânea foi puxar a corda de abertura. Em segundos a descida foi retardada, enquanto o enorme pára-quadras de seda branca se abria por cima. Não estava em chamas, ela compreendeu, num arroubo desorientado de alívio. A gasolina não a atingira. Balançando de um lado para outro, Freddy esquadrinhou o céu em 360 graus, a

fim de verificar se havia algum fragmento muito perto. O ar à sua volta era uma confusão de fragmentos caindo, mas se encontravam a uma distância aceitável. Os três aviões de câmaras ainda pareciam manter cursos firmes.

Dessa vez receberam mais do que pagaram, pensou Freddy, enquanto olhava para cima, a fim de inspecionar o bandido pára-quadras que abrira tão prontamente. Círculos de chamas, causados por gotas de gasolina em chama, abriam enormes buracos, em muitas partes, no guarda-chuva salvador, espalhando-se depressa, consumindo a seda que significava sua vida. Ela olhou para o solo. Calculou que ainda restavam cerca de seiscentos metros de descida. No tempo necessário para isso o pára-quadras queimaria por completo, o fogo atizado pelo ar por que mergulhava. Mesmo que não ardesse inteiramente, não haveria o suficiente para reduzir a queda.

Abrir um pára-quadras era fácil... fechá-lo em pleno ar era impossível, pensou ela, desesperada, enquanto puxava todas as linhas que podia alcançar, lutando por sua vida com todas as forças de que dispunha. Pouco a pouco, o pára-quadras e o ar que o enchia cederam, enquanto ela reunia os cabos no fundo, impedindo a passagem de mais ar. E passou a cair mais depressa. Agora, apenas o topo estofado do pára-quadras de seda, onde o ar ainda se encontrava preso, reduzia sua queda para a terra. Freddy recusou-se a levantar os olhos para verificar se o pára-quadras ainda ardia. Todos os sentidos concentravam-se na escolha do momento certo para soltar os cabos que permitiriam a abertura do pára-quadras a tempo de deter sua queda e antes de queimar por completo.

— Agora! — ela gritou, por cima da área marcada com um círculo em que podia ver os cinegrafistas rodando no solo.

Avistou Mac correndo para o lugar em que ela deveria pousar.

Abriu os braços, deixando todos os cabos escaparem ao seu controle. Com um solavanco, a seda tornou a se estofar, mas o solo ainda se aproximava depressa demais. Caiu de mau jeito, o corpo se encontrando com a terra num tremendo impacto. O braço esquerdo e o tornozelo direito quebraram no mesmo instante e depois, ainda se esforçando com o braço ileso para tirar o ar do pára-quadras, Freddy desmaiou. Quando voltou a si, Mac caíra por cima dela para fazer seu corpo parar, enquanto as câmaras continuavam a rodar. A última coisa que ela ouviu foi o diretor gritando:

— Continuem, continuem, vamos incluir essa cena no roteiro!

— Promete que não vai deixar cair sabão nos meus olhos? — Freddy pediu a Mac, ansiosa, ajoelhada no chão do banheiro, nua até a cintura.

O tornozelo e o braço ainda estavam engessados, e ela fora advertida a não molhá-los, ao deixar o hospital, poucos dias antes.

Mac calculara que a única maneira pela qual poderia lavar os cabelos seria Freddy inclinar a cabeça para a banheira, ajoelhada no chão, os ombros encostados na beira.

— Por que eu deixaria cair sabão nos seus olhos?

— Por acidente... é um mistério... não importa o quanto as pessoas tentem aplicar um xampu em alguém sem dor, sempre acabam deixando cair sabão nos olhos. E não há nada que eu deteste mais.

— Gosta de saltar de aviões e detesta a aplicação de um xampu?

— Está começando a me compreender.

— Abaixei a cabeça, fechei bem os olhos e não se preocupe.

— Espere! — exclamou Freddy, alarmada. — A parte perigosa não é ensaboar, mas enxaguar. Como vai fazer isso?

— Com esta panela. É muito simples. Encherei com água das torneiras quente e fria e despejarei em sua cabeça.

— Vá buscar um jarro com um bico. Uma panela... só mesmo um homem pensaria em usar uma panela.

— Que tal um regador? Isso me daria um controle perfeito, uma gota aqui, uma gota ali...

— Boa idéia. Não... pensando melhor, levaria muito tempo. Basta um jarro com bico.

— Não saia daqui, Freddy. Voltarei num instante.

Mac desceu correndo para a cozinha e encontrou um jarro. Sabia que tentava em vão tratar Freddy exageradamente como mãe, mas se sentia tão contente por tê-la de volta inteira que lavaria seus cabelos uma mecha de cada vez, com uma escova de dentes molhada, se fosse isso o que ela desejasse. Os gessos pesados ressaltavam os contornos delicados de seus pés e pulsos, mas Freddy era tão forte que volta e meia ele a surpreendia pulando de um lado para outro, sentindo medo de que caísse e quebrasse mais alguma coisa.

Era tão corajosa, tão extraordinária, tão invencível, aquela sua preciosa garota... até demais, ele pensou, enquanto subia a escada correndo, de três em três degraus.

Depois da lavagem dos cabelos, Mac pegou Freddy no colo, apesar de seus protestos, levou-a para a cama e começou a enxugar sua cabeça com uma toalha. Por sorte, estavam mais curtos do que antes de Freddy começar o trabalho para o cinema, porque tinha de pôr perucas com muita frequência, mas ainda era difícil lidar com a massa emaranhada de cabelos rebeldes. Depois que estavam meio secos, Mac começou a penteá-los, gentilmente, uma mecha úmida de cada vez. Ela fitou-o com olhos sonhadores, meio criança, meio mulher, como um anjo de Da Vinci, pensou ele, numa cena da Anunciação.

— Onde aprendeu sua técnica? — perguntou ela.

— Tive um cachorro grande, fedorento e peludo quando era garoto.

— Nunca me contou.

— Ele fugiu.

— É a história mais triste que já ouvi — balbuciou Freddy, desatando a chorar.

Aturdido, pois estava apenas brincando, Mac tentou fazê-la parar; quanto mais a aconchegava e dizia que não acontecera na verdade, no entanto, mais ela chorava. Freddy acabou passando para pequenos soluços, misturados com gemidos de "Pobre cachorrinho", até que finalmente silenciou, fungando nos braços de Mac.

— O que foi? — perguntou ele, quando Freddy se acalmou.

— Não sei — murmurou ela, a voz abafada, o rosto comprimido contra seu peito.

— Acho que está tendo uma reação retardada ao acidente.

Ela se sentou e ofereceu-lhe um fragmento de seu antigo sorriso, sacudindo a cabeça em negativa.

— Não, não pode ser isso. Já decifrei completamente o acidente - garantiu Freddy, como fizera muitas vezes durante a semana no hospital. — Os homens que armaram a dinamite calcularam mal a extensão dos pavios, embora jamais venham a admitir isso. É a única coisa que pode ter acontecido. Todo o resto correu com perfeição.

— Compreender é uma coisa, Freddy, mas absorver emocionalmente, ser capaz de aceitar que de fato lhe aconteceu, é outra. Sofreu um grande choque, mesmo que se recuse a admiti-lo.

— Não disse que não foi um choque. E estraguei meu melhor pára-quedas. Mas já havia sofrido outros acidentes, já havia quebrado outros ossos.

Sua fanfarronice continuava intacta.

— Mas não acidente como este — insistiu Mac, sombriamente. — Quando vai desistir desses vãos para o cinema, Freddy?

— Quando você vai casar comigo?

Um silêncio caiu entre os dois. Desde que Freddy completara dezoito anos, mais de um ano e meio antes, já mencionara o casamento diversas vezes, de maneira indireta, jovial, de passagem, de uma forma que ainda permitia a McGuire altear uma sobancelha, sardônico, encarar suas palavras como se não pudessem ser consideradas outra coisa que não uma de suas piadas impudentes, continuando a falar o que vinha dizendo, independente do que fosse. Agora, ela formulara a pergunta de um modo direto, objetivo,

um apelo absoluto que clamava por uma resposta. Mac vinha temendo aquele momento.

Tornara-se inevitável, assomando mais e mais a cada mês. Ele hesitou, acabou sacudindo a cabeça e disse:

— Freddy, escute...

— Não gosto das respostas que começam assim. Quando, Mac?

— Freddy, querida, eu...

— Olhe para mim. Quando, Mac, quando?

— Não posso — murmurou ele, em agonia. — Não posso.

— Não é casado. O que está querendo dizer com não pode? Claro que pode, nada seria mais simples, poderíamos voar para Las Vegas hoje e casar antes do pôr-do-sol. O que está querendo dizer é que não quer, não é mesmo?

— O que estou querendo dizer é que não vou fazer isso. Não seria justo, Freddy. Seria imperdoável. Tem apenas dezoito anos... eu estou com 42... gerações nos separam... sou velho demais para você!

— E sabe muito bem que isso não faz a menor diferença para mim — respondeu ela, com veemência. — Nunca amei ninguém além de você.

Nunca casarei com ninguém além de você. Juro que nunca. E não importa quão velho você seja, nunca se livrará de mim... e sabe disso, Mac. E ainda estarei por perto quando você chegar aos cem anos e eu estiver beirando os oitenta. Quanto mais velho ficarmos, menos diferença haverá.

— É o argumento mais ridículo que já ouvi, Freddy, um absurdo total. Omite todos os anos entre os dezoito e os oitenta. Ainda é uma criança... já sei, já sei, mas é a pura verdade... com toda a vida como uma jovem pela frente, enquanto eu sou um homem de meia-idade, que já viveu a maior parte dos seus melhores anos. Essa é a realidade.

— Não está sendo justo! — protestou Freddy, consciente da injustiça

— E pensa que não sei disso? Não fui justo quando fiz amor com você pela primeira vez, porque se tivesse me contido na ocasião, isso nunca aconteceria. Culpo a mim mesmo todos os dias por ser tão fraco, mas não pude evitar, estava apaixonado por você há muito tempo, não fui capaz de resistir e ainda não posso resistir a você em coisa alguma... exceto isso. Não vou casar com você, Freddy. Não seria justo.

— Não é de admirar que seu cachorro tenha fugido — comentou Freddy, jovialmente. — Não quero mesmo casar com você. Pensei apenas que deveria convertê-lo num homem honesto, mas é um velho tão moralista que mudei de idéia.

— Eu sabia que você veria a luz — disse Mac, mentindo tão facilmente quanto ela.

Então ela ainda pensava que ele não podia perceber o que havia por trás de suas palavras, depois de tantos anos? Freddy, a garota que nunca, em toda a sua vida, jamais renunciara a coisa alguma que queria, Freddy, que pensava que ele poderia mudar de opinião em relação ao casamento?

— Pronta para o banho de esponja?

— Não. Ainda estou limpa do banho de esponja de ontem. Pode me examinar se não acredita. Vamos, não sinto cócegas.

— Delphine perguntou-me a coisa mais estranha esta manhã — comunicou Anette de Lancel ao marido, caindo em silêncio.

O *Vicomte* Jean-Luc de Lancel suspirou com a resignação agradável que só muitas décadas de casamento proporcionam. Sabia que o comentário estranho de Delphine, qualquer que fosse, seria relatado em todos os detalhes, acrescido de especulações e comentários sobre o comportamento humano, tão pouco essenciais ao que fora dito quanto o esclarecimento de uma única letra num longo manuscrito medieval, mas só depois que se mostrasse digno da informação básica por arrancá-la da esposa. Ele se lançou à tarefa familiar, fortalecido pelo champanhe gelado que estavam bebendo antes de se deitarem,

numa noite excepcionalmente quente em agosto de 1938. Ao final, em menos tempo do que em geral levava, ele foi bem-sucedido.

— Ela queria saber, apenas em termos hipotéticos, é claro, se eu já ouvira falar de alguma maneira segura de se desapaixonar —

revelou Anette de Lancel, em tom de fascínio, misturado com preocupação.

— E o que você respondeu? — perguntou o *vicomte*, interessado, contra a vontade.

— Está perdendo inteiramente o fundamental, Jean-Luc. Obviamente, se ela quer se desapaixonar, é porque deve estar apaixonada por alguém impróprio. E deve estar desesperada para me consultar.

Alguém tão independente quanto Delphine não pediria conselhos a uma simples avó em quaisquer outras circunstâncias.

— Nunca pensei que ela fosse capaz de se apaixonar — comentou Jean-Luc, um pouco surpreso.

— Jean-Luc! — Anette estava sinceramente chocada. — Jamais conheci uma moça tão improvável de se deixar levar por uma emoção, ainda mais não correspondida. De qualquer forma, ela fez uma exibição impressionante de abatimento, ao se convidar para nos visitar.

Pensei que fosse alguma coisa relacionada com sua carreira teatral.

— Não é no teatro, querido... é no cinema.

— É tudo a mesma coisa, um monte de bobagem. Mas ainda estou esperando para ouvir o que você aconselhou.

— Eu disse a ela para imaginar que se uma mulher, uma mulher hipotética, estivesse apaixonada e não quisesse estar, deveria imaginar, tão intensamente quanto possível, que o homem em questão tinha todos os tipos de hábitos pessoais extremamente repulsivos, que ela só descobriria quando já fosse tarde demais... e ela disse que era uma boa idéia, mas sem a intenção de sequer tentar, pude perceber... e acho que não é absolutamente um mau conselho, diga-se de passagem, não concorda? Ela me agradeceu àquela sua maneira muito doce e triste, depois pegou o carro do pobre Guillaume para um passeio sozinha.

— Ahn...

Jean-Luc pegou a mão de Anette. O filho mais velho morrera de câncer apenas três meses antes, sem ser lamentado pela esposa e filhos que nunca tivera, mas deixando muita saudade nos pais e em todos os trabalhadores nos vinhedos, que o respeitavam, embora não gostassem muito dele.

— Não se preocupe, minha cara — acrescentou o *vicomte*. — Com moças nessa idade, o amor nunca é muito sério. Delphine vai superar, o que quer que seja.

— Ela tem vinte anos, Jean-Luc, não quatorze. Já tem idade suficiente para... ora, qualquer coisa... e tudo. Não posso deixar de me preocupar.

— Só lhe peço, Anette, que não se deixe envolver. A última vez em que se envolveu com os problemas de Delphine, oferecemos um jantar e pense no resultado — advertiu ele, preparando-se para subir na cama antiga que partilhavam há quase sessenta anos.

Delphine estava sentada à janela de seu quarto, contemplando a lua cheia de agosto e censurando-se amargurada. Uma coisa assim não podia lhe acontecer! Era contrária a todas as suas idéias inflexíveis sobre a maneira como se devia levar a vida, com um máximo de prazer; era contrária de seus anos de treinamento sobre a maneira de conquistar e manter o poder sobre os homens; era contrária a toda a sofisticação que adquirira, começando na universidade e depois se expandindo confiante, até se tornar uma pessoa experiente em Paris, sob a orientação de Bruno; era contrária a tudo o que aprendera sobre seu corpo e como satisfazê-lo com meia dúzia de amantes. Era contra a sua vontade, uma vontade que tinha certeza que podia usar na promoção de seus interesses. Pior de tudo, era contrária a seus instintos mais profundos de autoproteção.

Não se pode ficar apaixonada por um homem como Armand Sadowski!

Ela bateu com os punhos no peitoril da janela, até que as beiras das mãos ficaram doloridas. Não se

pode nem mesmo gostar de um homem como Armand Sadowski. Mas ela gostava! Estava apaixonada!

Quando acontecera aquela coisa inconcebível? Fora depois das primeiras semanas de filmagem, quando compreendera que ele estava lhe arrancando o melhor desempenho de sua vida e que seu trabalho não era o resultado da sensualidade irreprimida, com que contava desde aquele primeiro teste para Mayerling, com Nico Ambert? Seria talvez apenas isso... o conhecimento de que podia representar de verdade, que não era, como às vezes temera, sem coragem de admitir para si mesma, apenas uma jovem narcisista, que se tornava tão excitada pela equipe técnica, as luzes e a câmara, o que de alguma forma se transmitia a seu desempenho?

Desde o primeiro dia em que trabalharam juntos, Delphine esquecera a existência da equipe técnica. Os homens estavam ali apenas para cumprir as ordens que outros lhes davam. As luzes só eram acesas para a iluminação, as câmaras rodavam exclusivamente como um meio de fazer um registro em filme. Ela não fora tocada por um homem desde que começara o filme.

Isso mesmo, talvez seus sentimentos fossem puramente profissionais, a admiração normal por um homem que podia dirigi-la como nenhum outro jamais o fizera. Uma forma da clássica admiração de uma Galatéia por um Pigmalião? Não era tão extraordinário que tal admiração parecesse amor. Transferência, como ouvira outras atrizes comentarem... e atores também. Todos sabiam que era preciso sentir um pouco de amor por seu diretor. Os diretores tinham todos personalidades extremamente sedutoras, de um jeito ou de outro, ou não conseguiam seus trabalhos. Um pouco de amor, pensou ela, apenas um pouco de amor. Seria aceitável. Mas se era apenas um pouco de amor, deveria ter cessado quando a filmagem terminara, em junho. A essa altura, já teria arrumado um amante — se fosse apenas um pouco de amor — e estaria curada.

Talvez os sentimentos derivassem da descoberta de que Armand Sadowski, entre todos os homens que já conhecera, era o menos impressionado com ela. Menos não era uma palavra acurada, refletiu Delphine, corrigindo-se mentalmente. Ele não era apenas o menos impressionado... não se mostrara absolutamente impressionado. E não era típico da natureza humana que uma mulher, tão acostumada quanto ela a inspirar amor, se tornasse masoquisticamente atraída por um homem que, como Margie Hall costumava dizer, era difícil de conquistar? Impossível de conquistar? Devia ser isso. Se ele exibisse algum dos sinais de atração por ela, todos os quais conhecia tão bem, seu suposto amor teria uma oportunidade de desaparecer.

Não teria? Ela não tivera a oportunidade de descobrir. Por um momento, Delphine permitiu-se imaginar Armand Sadowski demonstrando um interesse romântico por ela; e sua cabeça flutuou tão vertiginosamente que a lua balançou no céu, como uma pipa na extremidade de um cordão num dia de vento.

Não, tudo começara em algum momento indefinido durante a filmagem, como uma decorrência direta da personalidade manipuladora de Sadowski, concluiu ela, apressando-se em desviar os olhos da lua. De que mais se podia chamá-lo, a não ser de manipulador? Ele sabia que cordões psicológicos puxar, as palavras e atitudes corretas a usar para levar as pessoas a cumprirem sua vontade. Ela o observara com os outros membros do elenco. Sadowski pressionava, gracejava, persuadia e ludibriava todo mundo, usando sua energia impetuosa para conseguir o que queria.

Então, por que as outras atrizes no filme não se haviam apaixonado também por ele? Delphine passara horas em conversa deliberada mas indireta com elas, demonstrando uma cordialidade que as surpreendera. Todas discutiram Sadowski livremente. Ele as interessava, mas como um diretor, nada mais, nada menos. Tinham certeza de que não era casado, achavam que não tinha uma namorada em particular, sabiam que sua família viera da Polônia para a França há muito tempo e presumiam que era judeu, mas quem sabia com certeza em relação aos poloneses? Sadowski não lhes oferecera nada mais para comentarem, não demonstrara qualquer atenção especial por nenhuma, e por isso o interesse das atrizes só ia até esse ponto; e depois elas voltaram a falar de suas próprias vidas, para a irritação de

Delphine, bem disfarçada. Talvez judeu, talvez sem qualquer ligação, de origem polonesa com certeza. Não era muito para remoer.

Tente ser honesta uma vez na vida, disse ela a si mesma, com todo rigor. Começou quando ele tirou os óculos e fitou-a. Isso é tudo o que ele teve de fazer para levá-la a se apaixonar. Virar-se na cadeira e fitá-la. *Fácil*. Uma patética mulher fácil, você não passa disso. E o que vai fazer agora?

Os gessos no braço e tornozelo de Freddy foram removidos ao final de agosto, e era evidente que não passaria muito tempo para que ela recuperasse todo o seu vigor. Contratou um treinador para exercícios diários, um membro da equipe de acrobatas com que aprendera muitos truques para diversos trabalhos. Agora que ela era capaz de se movimentar sem cair, Mac podia deixá-la sozinha em casa e retomar sua movimentada rotina de dar aulas e administrar seu duplo negócio, alugar aviões antigos e dirigir as manobras aéreas para o seriado dos sábados da Universal, *Ace Drummond*, inspirado originalmente pelas aventuras de Eddie Rickenbacker.

No último dia de setembro de 1938, Freddy pôde voar outra vez seu próprio avião. Dera a entrada no extravagante Rider com o primeiro grande dinheiro que ganhara, incapaz de resistir ao avião de projeto excepcional, um dos primeiros aparelhos completamente aerodinâmicos, acionado por um motor Twin Wasp Júnior de 450 cavalos, da Whitney & Pratt. Era todo pintado de branco, as asas baixas em cantiléver, o trem de aterrissagem retrátil. Freddy tinha mais visibilidade em sua carlinga do que em qualquer outro avião que já pilotara, e com ele ganhara seus primeiros troféus, na Competição Internacional de Acrobacia Aérea, em St. Louis, em maio de 1937. Competira valentemente na Corrida Aérea Istres-Damasco-Paris, em agosto de 1937, chegando em terceiro lugar por causa de um atraso provocado por uma tempestade inesperada sobre os Alpes.

Em novembro de 1937, participara da corrida de Vancouver a Agua Caliente, no México, completando o percurso em cinco horas e oito minutos, apenas quatorze minutos depois de Frank W. Fuller, Jr.

Não tivera do que se envergonhar dessa vez, mas foram quinze minutos a mais para a vitória. Ainda assim, ganhara o troféu do segundo lugar e conquistara outros, de primeiro lugar, em diversas corridas locais, no início de 1938. Do início da primavera em diante, tivera tanto trabalho no cinema que não lhe sobrara tempo para entrar em qualquer competição.

Agora, enquanto subia pela costa, na direção de Santa Cruz, ela tentou decidir se queria tirar algum tempo de folga do trabalho de cinema que lhe fora oferecido e começar a tentar novos recordes.

Perdera a Corrida Aérea Nacional por causa do acidente, e agora não se importava. E daí que Cochrane tivesse vencido o Bendix? Voar era suficiente, por si mesmo. Não precisava provar coisa alguma, pensou, enquanto esquadrihava os campos dispersos de margaridas formadas pelas nuvens, em suas manobras tangidas pelo vento.

Não sentia vontade de lutar por aquele minuto extraventorioso, não se importava se sua navegação era desleixada, se estava deixando o Pacífico, naquela manhã uma lagoa serena cor de lavanda, sabia onde se encontrava, sem precisar consultar qualquer carta.

Aquela alegria era a que todos os pilotos exprimiam ao deixarem o hangar para seus aviões, dizendo apenas "Vou voar", as palavras sempre casuais em que nunca faltava o entusiasmo. Freddy sentia-se atônita pela necessidade do contentamento que se concedera.

Sentira falta, mais do que se permitira compreender, do contato físico puro e simples com seu avião: o som firme do motor, que não era um rugido, um ronco, um zumbido ou uma vibração, mas um som a que nada mais se podia comparar, o som de um motor de avião. Sentira falta do assento de couro de cheiro agradável e da sensação dos arreios em seu corpo, do manete, manche e pedais do leme. Sentira falta de sua máquina.

Não reconhecera até hoje a plena dualidade do vôo. Podia encher páginas com descrições líricas do

céu, mais páginas com descobertas infinitamente detalhadas de como a terra parecia lá de cima, mas sem o contato pessoal com sua máquina não seria mais do que qualquer passageiro poderia ver. Se não estivesse nos controles, não seria livre. Era muito simples. E era a única liberdade pura que já conhecera, nunca deveria se manter afastada por muito tempo.

Por algum tempo ela voou sem pensar, automaticamente cuidando dos controles, deixando os reflexos assumirem o comando, enquanto mergulhava mais e mais fundo na emoção primitiva e indescritível que a ligava a seu avião.

Eventualmente, Freddy percebeu que estava com fome e olhou a carta para descobrir o aeroporto mais próximo. Estaria em Santa Cruz em menos de meia hora. O Rider branco podia desenvolver quatrocentos quilômetros horários quando desejasse, e o café do aeroporto em Santa Cruz era bom. Desejou ter trazido um sanduíche, enquanto virava o avião na direção da pequena cidade costeira. Mesmo tão pouca navegação num dia como aquele era quase demais, mas era melhor do que ficar com fome.

Como se sentia feliz, pensou Freddy, enquanto se preparava para perder altitude. Não era apenas porque saía voando, refletiu. Era Mac. Quando não fora Mac? Mas ontem à noite, depois do jantar, ele pegara o carro para ir comprar sorvete, porque ela manifestara um súbito desejo; e quando Mac voltara, com mais do que poderiam consumir, ela comentara, de leve, em tom de gracejo, sem qualquer insinuação, que ele daria um pai maravilhoso. Mac nem mesmo amarrara a cara. Não ficara irritado, não protestara que estava muito velho ou que não seria certo, não levantara nenhum de seus outros escrúpulos ridículos. Limitara-se a dizer "Não preciso de outra criança, quando já tenho você", mas alguma coisa aflorara em seus olhos, e ela compreendera que tocara num ponto sensível. Provavelmente ele estava ansioso em ter filhos, mas não se permitia saber disso. Freddy finalmente se convencera, naquele exato momento, que conseguiria casar com ele algum dia, mesmo que para isso tivesse de engravidar. Algum dia muito em breve.

No último dia de setembro de 1938, Paul de Lancel leu os jornais vespertinos com uma atenção angustiada. Durante todo o mês, concentrara-se quase que exclusivamente na crise na Europa, uma crise que a maioria dos californianos encarava como apenas mais uma das confusões de países distantes, cujas brigas intermináveis estava disposta a ignorar tanto quanto possível.

Por três vezes naquele mês, houvera ameaça de guerra. No início de setembro, Hitler finalmente exigira a anexação absoluta da região dos Sudetos da Tchecoslováquia à Alemanha, abandonando a posição anterior, de que queria apenas proteger os direitos da minoria alemã que vivia na região, tão rica em minas, indústrias e fortificações.

Por três vezes, o primeiro-ministro britânico, Neville Chamberlain, voara até a Alemanha para apaziguar o ameaçador ditador. Os tchecos queriam lutar por seu país, mas eram os únicos na Europa que tinham coragem para a batalha, à exceção de Stalin, que foi ignorado. Os aliados da Tchecoslováquia, Inglaterra e França, não tinham ânimo para a luta, apenas vinte anos depois que milhões de seus homens haviam morrido por nada na Grande Guerra. A 30 de setembro, Hitler e Chamberlain assinaram o Acordo de Munique, com a concordância de Daladier, o primeiro-ministro da França. Dessa vez não haveria guerra. O bom senso prevalecera.

— Graças a Deus por isso — comentou Paul para Eve.

— Acredita mesmo que não há mais nada com que se preocupar?

— Claro que não. Há sempre mais com que se preocupar... mas pelo menos este pedaço de papel demonstra uma boa vontade básica.

Escute só, querida – Ele leu em voz alta um trecho do jornal – "Consideramos o acordo assinado ontem à noite e o Pacto Naval Anglo-Germânico como simbólicos do desejo de nossos povos de nunca entrarem em guerra um com o outro." Devo dizer, mesmo como um diplomata cético, que parece um passo

no rumo certo.

— E o que me diz da Tchecoslováquia?

— A França e a Inglaterra assumiram o compromisso de proteger sua integridade. Os tchecos sempre foram um problema, mas não o suficiente para desencadear outra guerra. Podemos agora retomar nossos planos. O que me diz, querida, de tentarmos obter passagem para a França ao final de outubro ou reservar para o início da primavera?

— Quanto tempo pode tirar de licença?

— Já tirei um pouco este ano. Se esperarmos até a primavera, poderemos passar vários meses, mas se partirmos no próximo mês, poderia ser um pouco tarde para encontrar a Champagne na melhor época do ano.

— Eu gostaria que tivéssemos ido quando Guillaume morreu — comentou Eve, pensativa.

— Eu também. Mas as cartas do pai deixaram bem claros seus sentimentos. Ele não admite que eu renuncie ao serviço diplomático para ajudá-lo a administrar o negócio. Parecia achar que eu criaria mais problemas do que valeria a pena. — O tom de Paul era pesaroso. — É verdade que não sei muita coisa sobre a produção e venda de champanhe, mas nunca é tarde para aprender. Ele diz que seus capatazes podem substituir Guillaume sem qualquer dificuldade. Seus pais já trabalhavam para ele e os avós para seu pai, até onde qualquer um pode se lembrar, assim como os Martins, os três adegueiros em quem confia tão cegamente. Além do mais, o pai continua muito vigoroso para renunciar a dirigir as coisas à sua maneira... muito vigoroso e muito enraizado em seus hábitos.

— E o que você acha de se ajustar à vida agrícola aos 53 anos?

— indagou Eve, em dúvida. — E ainda mais num lugar em que o final de outubro pode ser desagradavelmente frio e a cinco meses da primavera, na melhor das hipóteses?

— Está insinuando que a Califórnia me estragou?

— Acontece com os melhores. Até mesmo com os franceses. Alguma coisa química muda no seu sangue quando vive aqui por bastante tempo... é como os trópicos. Um dia... um dia muito em breve... a Casa de Lancel e Valmont pertencerão a você, quer goste ou não. Ou quer eu goste ou não também, diga-se de passagem. Para ser franca, a perspectiva me deixa apreensiva. Por que antecipar? Acho que devemos esperar até a próxima primavera. Podemos passar um mês em Paris com Delphine e outro mês na Champagne.

— Combinado. Maio em Paris com Delphine, junho na Champagne com meus pais, aprendendo exatamente como uma abelha faz amor com uma flor de videira.

Ele conseguiu mais uma vez, pensou Eve, passar por uma conversa que incluía tudo, à exceção da China e Japão, sem qualquer referência ao fato de que tinham outra filha, que vivia, como ela desconfiava que Paul devia imaginar, a poucos quilômetros deles.

Se ele não queria saber coisa alguma a respeito, não seria ela quem contaria. Era suficiente ter Paul de volta, recuperado da emoção cruel que o dominara nos primeiros meses depois da partida de Freddy, demonstrando outra vez o mesmo amor profundo pela esposa. O assunto de Freddy era como um acordo de Munique, sem nada falado, sem nada escrito... há muito que haviam decidido não entrar em guerra um com o outro por causa disso.

Delphine iniciou outro filme no início de setembro, contracenando com Jean-Pierre Aumont. E começou o filme com a esperança de que acontecesse alguma coisa que mudasse a natureza de sua obsessão, pois concluíra que só podia ser obsessão, não amor.

Contudo, ao final de setembro ela compreendeu que se encontrava numa situação mais crítica do que imaginara. Ainda podia representar. Ainda podia contar com seu verdadeiro talento natural e a técnica que absorvera nos dois últimos anos de trabalho quase incessante, a fim de passar muito bem de uma cena para outra. Não importava quão complexa fosse a cena, quando outro ator lhe jogava a bola, sempre a

pegava. Escutava com absoluta competência, o que era metade da batalha. A câmara continuava a descobrir muito mais emoção em seu rosto do que ela sentia. Seu novo diretor estava bastante contente com ela, e Delphine achava sua direção satisfatória, embora não muito inspirada. Abel trabalhava no acerto de um filme com Gabin, e o futuro sorria.

Era o presente que cheirava mal. Ela ia para a cama tarde e tinha dificuldade para dormir, porque ficava pensando em Sadowski.

Acordava muito cedo, com uma saída abrupta da inconsciência, pensando em Sadowski. Durante o dia, sempre que não estava trabalhando, pensava em Sadowski. Não dava para continuar assim.

Só havia uma maneira de exorcizar o homem, e era confrontá-lo.

A obsessão não resistiria à realidade, mas primeiro, para se livrar, teria de expô-la ao ar livre, permitir o acesso da curadora luz do dia. Seria embaraçoso, humilhante e ridículo, contra todos os seus princípios, mas se apenas lhe dissesse como se sentia, ele seria tão insensível e indiferente que provocaria um choque, arrancando-a de seu estado anormal. O melhor de tudo, ele podia até sentir pena dela. E é claro que seria bastante vil para dizê-lo.

Compaixão! Seria o suficiente para acabar com aquilo de uma vez por todas.

Delphine telefonou e disse que precisava de um conselho sobre seu novo filme. Problemas com o diretor.

— Escute, meu bem, ando muito ocupado, mas tentarei arrumar um tempo para você, se está com problemas. Encontre-se comigo no Lipp's às oito e meia... não, é melhor eu comer no estúdio, pois estamos refilmando uma cena muito complicada. Apareça em minha casa às dez horas. Se eu não estiver em casa até lá, é porque matei um ator. Sabe onde eu moro? Certo. Até mais tarde.

Se sabia onde ele morava? Sabia há seis meses, já passara por lá dezenas de vezes, na esperança de esbarrar com ele; podia ir até lá de ônibus, metrô ou a pé. Podia rastejar, se fosse necessário, por toda Paris. Contudo, Delphine chamou um táxi, pois não queria que seu motorista especulasse sobre o motivo pelo qual ia a algum lugar às dez horas da noite e saía meia hora depois, como um arrombador fracassado.

Não havia sentido em se preocupar como se vestir de alguma maneira particular. O que quer que usasse, não faria a menor diferença para ele. Por outro lado, só um vestido preto parecia apropriado para um exorcismo. Alguma coisa de sacerdotisa. Austera, rigorosa. O novo Chanel, com apenas uma fieira de pérolas. Aquela que era a melhor, comprada no ano passado, a conselho de Bruno. As segundas melhores pérolas também serviriam, mas estaria mais... pronto, já começou de novo, sua tola insuportável!, Delphine censurou a si mesma, os dentes batendo apesar do calor do quarto, já pensa em se vestir para seduzir um homem que não pode ser seduzido. Mas o Chanel serviria para a sua moral, racionalizou ela, enquanto punha o vestido preto e decotado que fora o grande sucesso da coleção de outono. Os oficiais do exército usavam seus melhores uniformes na corte marcial. Até mesmo Mata Hari se dera ao trabalho de parecer atraente em sua execução, pensou ela, enquanto aplicava a maquiagem, com mãos trêmulas mas hábeis, e arrumava os cabelos, até parecer ainda mais jovem do que vinte anos e duas vezes mais bonita do que nunca, porque os olhos estavam tão assustados e o rosto em formato de coração tão triste.

Pôs o casaco preto de Chanel de meia-estação e decidiu não usar um chapéu, já que era bastante tarde para sair sem um. Sentada no táxi, cruzando o Sena para a Rive Gauche, desejou acima de tudo ter um roteiro. Um exorcismo, um exorcismo apropriado, sempre tinha seu roteiro, consagrado pelo tempo, mas ela nada tinha para orientá-la exceto a convicção de que precisava acabar com a obsessão ou alguma coisa terrível logo aconteceria.

Armand Sadowski vivia quase que diretamente por cima do Chez Lipp, num prédio de apartamentos velho e mal conservado, que parecia se inclinar para a frente, dando a impressão de que a qualquer momento poderia cair no Boulevard Saint-Germain. Delphine olhou ansiosa para a multidão no terraço do Café Flore, no outro lado da rua; pessoas felizes, bebendo, chamando os garçons, conversando,

parecendo transbordar de boas notícias, enquanto desfrutavam a última noite quente do outono. Ela desviou-se da vista agradável e maravilhosamente comum, forçou-se a tocar a campainha para abrir a pesada porta externa. Perguntou ao porteiro em que andar ele morava e subiu a escada íngreme e sem tapete até o alto do prédio.

Armand Sadowski, parecendo estranhamente excitado, abriu a porta do apartamento ao segundo toque da campainha. Estava em mangas de camisa, sem a gravata, precisava fazer a barba. Não se lembrara como ele era alto, pensou Delphine, confusa pela transição abrupta demais da casa para o apartamento.

— O que acha disso? — perguntou ele no mesmo instante, sem um cumprimento, estendendo o jornal vespertino.

— Ainda não tive tempo de ler.

— Parece a paz. Os alemães não querem lutar, tanto quanto nós também não queremos. Hitler finalmente assinou um acordo.

— Talvez ele não quisesse atacar a Linha Maginot.

— Quer dizer que até você tem conhecimento da Linha Maginot?

Espantoso! — Ele sorriu e acenou para que Delphine se adiantasse pela sala.

— Todo mundo sabe da Linha Maginot. Os franceses não falam de outra coisa. Ah, por que eu vim?

— Em busca de um conselho. Disse que tinha problemas com seu novo diretor.

— Não é exatamente isso.

— Foi o que desconfie. É mais provável que ele esteja tendo problemas com você. Aceita um drinque?

— Gim, basta despejar um pouco num copo.

— Ah, os americanos... — murmurou ele, balançando a cabeça. — Só os americanos bebem gim puro.

— Os ingleses também — respondeu ela, cansada. Não lhe restava mais qualquer energia.

— Ei, meu bem, sente-se. Esqueci as boas maneiras. — Sadowski entregou-lhe um copo e apontou para uma poltrona de couro.

Ela nem mesmo correu os olhos pela sala grande e desarrumada, apenas arriou na poltrona e tomou um gole.

— Então por que veio? Qual é o problema?

— Eu amo você.

Foi mais difícil dizer do que Delphine imaginara, porque falou em francês, e isso sempre proporcionara uma máscara, como qualquer outra língua, à exceção do inglês. As palavras teriam sido insuportáveis em inglês. Ela esvaziou o copo e fixou os olhos sem ver em seu fundo vazio.

Sadowski tirou os óculos, pensativo, fitou-a em silêncio por um ou dois minutos.

— Parece que é mesmo verdade — disse ele finalmente, num tom de confirmação de tudo o que Delphine se forçara tão devagar a compreender.

— Nem mesmo está surpreso! Santo Deus, que ego! — Delphine levantou a cabeça bruscamente, numa ira inesperada, uma ira bem-vinda.

— Demorou muito para chegar a essa conclusão — acrescentou Sadowski, como se não a tivesse ouvido, como se continuasse uma conversa que começara de maneira diferente — Talvez com outra pessoa?

— Esteve falando a meu respeito? — perguntou ela, desconfiada.

— Por que deveria?

— Não importa. Muito bem, agora já sabe. Tem alguma coisa a dizer?

— Você é indescritivelmente mimada.

— Sei disso. Mais alguma coisa? — Delphine falou em tom incisivo. Ser infirmada de que era mimada não iria exorcizá-lo, com ou sem raiva. Se ao menos ele demonstrasse compaixão... E o

desgraçado ainda tirara os óculos. Ela sentia vontade de acariciar as tênues marcas que faziam no nariz, entre os olhos, aqueles olhos extraordinários, míopes, com hipermetropia ou qualquer outra coisa.

Queria esfregar o rosto contra as cerdas da vergonhosa barba de um dia, queria pegar punhados de seus cabelos muito compridos e emaranhados, puxá-lo, comprimi-lo contra seus lábios.

— Você é privilegiada demais. Nada fez para merecer, exceto ser abusivamente decorativa. Sempre foi e sempre será e sempre tirará todo proveito disso.

— Isso não é culpa minha. Não posso evitar.

— Eu não disse que era. Apenas é aterrador. — Ele se calou, pensativo.

— O que isso tem a ver com o fato de eu amar você? — Delphine forçou a usar as palavras de novo. Ele parecia não ter prestado a devida atenção na primeira vez.

— Por um lado, ouvi dizer que já fez algumas coisas dolorosas com vários homens.

— O que posso fazer se os homens se apaixonam por mim? — retrucou Delphine, na defensiva. — Não posso amá-los também a pedido.

O que exatamente ele ouvira? Até que ponto ela parecia abominável?

— Soube que é uma volúvel em questões sexuais. Deviam pôr avisos de tempestade quando está à solta, meu bem.

— Nunca estive apaixonada antes — murmurou Delphine, esperando que fosse uma desculpa.

— Isso não é desculpa.

— Fala como minha mãe.

— E daí? Soube que se especializou em diretores, com um produtor ocasional como sobremesa.

— Isso é repulsivo.

— Mas verdadeiro. A notícia se espalhou. Não estou interessado em me tornar parte de sua vida de fantasia, mais um dos diretores que honrou com seus favores.

— Nunca pedi isso a você! Não tomei uma única iniciativa quando trabalhávamos juntos. E eu bem que gostaria que fosse apenas uma fantasia. Não é mais meu diretor. Será que não compreende? Eu amo você!

— Compreendo perfeitamente, meu bem. Há um toque demoníaco em você. Para ser franco, deixa-me apavorado.

— Maricas! É isso que você é! E agora vou embora! — Delphine levantou-se para ir embora. Sadowski já dissera o suficiente para um bom exorcismo, e ela não poderia suportar mais. Doía demais estar ali e não poder tocá-lo, mesmo que ele estivesse falando a seu respeito, não importava o que dissesse, pois era melhor do que ignorá-la.

— Sente-se. Ainda não acabei com você. Não se pergunta como eu sei que me ama?

— Não estou interessada. É típico de você tentar analisar tudo.

— O tom de Delphine era amargurado. — É o seu ofício saber como as pessoas se sentem. Provavelmente deixei transparecer uma dúzia de vezes. E que diferença isso faz? Vamos ter agora um seminário sobre a representação da emoção de amor relutante, conforme percebida através dos olhos do brilhante diretor, Armand Sadowski?

— Cale-se, Delphine. Você fala demais. — Ele parecia animado por alguma piada secreta.

— Está tão satisfeito consigo mesmo que chega a ser nojento.

Lamento ter vindo aqui. Eu devia saber que não adiantaria.

— Eu também amo você. — Falou ele devagar, e a piada se desvaneceu. — Amo você mais do que me sinto assustado por você. É por isso que sei que está dizendo a verdade.

— Você me ama? — murmurou Delphine, aturdida. — Não pode me amar. Se amasse, já teria me falado. Eu não precisaria vir aqui... e... me jogar a seus pés.

— Esperava que se você me amasse, acabaria me fazendo saber, no momento que mais lhe conviesse?

— Se?

Onde estava seu exorcismo? Por que estavam falando assim, entrando em minúcias sobre um amor que não existia, não podia existir ou ele não seria capaz de escondê-lo? Por que ela não estava mais zangada? Por que o escutava como se sua vida dependesse disso?

— Como eu teria certeza enquanto a estava dirigindo? Poderia ser parte do seu padrão tão conhecido.

— Oh, não!

— Exatamente.

Eles continuaram sentados de frente um para o outro, olhando para o chão, extasiados, inibidos, exultantes, sem saber o que falar, o passado eliminado, o futuro desconhecido, enquanto o mundo virava e virava, até que mudou para sempre ao redor deles.

— Quando? — finalmente perguntou Delphine, retornando ao familiar para se certificar do presente desconcertante. — Quando se apaixonou por mim?

— Não importa.

— Tem de me dizer.

— É estúpido demais.

— Quando? — Delphine manteve-se inexorável. Ele lhe devia isso.

— Quando me virei e fitei-a em minha sala, naquele primeiro dia, aquele primeiro encontro... não sabia coisa alguma a seu respeito. Nem mesmo Hollywood aceitaria uma coisa tão simplória.

— Eu aceitaria. Mas por que... por que se apaixonou por mim?

— Quem está analisando tudo agora?

— Tenho os meus direitos — insistiu Delphine, convencida de que tinha mesmo. — Por quê?

— Você me pegou nessa, meu bem. Não sei. Não há um bom motivo, apenas amor à primeira vista, que Deus me ajude. Acredite em mim, foi involuntário. Venha até aqui.

— Qual é a minha motivação? — Se pudesse escarnecer, pensou Delphine, a obsessão deveria ser exorcizada. Agora era amor comum, simples, inestimável, perfeito. Magia.

— Atrizes! — Ele se levantou, deu um passo grande na direção de Delphine e levantou-a. Estendeu as mãos em volta de seu pescoço e abriu o fecho do colar de pérolas.

— Guarde o colar em algum lugar. É bom demais para se perder nesta confusão.

— Não vai me beijar?

— Tudo no momento oportuno. Primeiro preciso despi-la. Botão por botão. Preciso tomar cuidado com seu vestido. É absolutamente certo.

— Certo para quê?

— A cena em que a mulher vai dizer ao homem que o ama, é claro.

É um vestido esperto, austero, neutro, decotado. E muito decotado.

O pobre otário não tinha a menor chance.

Freddy fora dormir excepcionalmente cedo na noite depois de subir com seu Rider branco pela primeira vez desde o acidente. Mac sentou-se à mesa da cozinha, com uma folha de papel em branco na frente, o jornal que acabara de ler jogado no chão, num gesto cansado de repulsa. Duelara no ar com muitos intrépidos e astutos pilotos alemães para acreditar que eles pudessem desistir. Os últimos vinte anos pareciam-lhe apenas uma meia trégua longa e inquietante, Munique era apenas mais uma batalha que eles haviam vencido.

Onde atacariam em seguida? E quando? O ritmo vinha se acelerando desde 1933, quando ele ouvira claramente, pela primeira vez, o som dos canhões se aproximando. Não era mais uma questão de se, agora que a região dos Sudetos fora sacrificada, apenas uma questão de quando. Qualquer homem, pensou ele, amargurado, que compreendia como as fronteiras dos países desapareciam quando se tenta descobri-las do ar, sabia que o isolacionismo não podia durar. Um ano? Talvez menos?

As notícias de Munique só reforçavam a decisão que ele tomara no dia anterior, quando Freddy comentara que daria um bom pai. Mas soara como uma advertência, empurrando-o pela beira da linha em que vinha hesitando, angustiado e com ódio por si mesmo, durante as últimas semanas. Freddy não estava grávida. Tinha certeza. Ainda não estava, mas, como a próxima guerra, era apenas uma questão de tempo. Ele pegou uma caneta e começou a escrever, procurando com dificuldade cada palavra que estava condenado a escrever, até se limitar apenas ao essencial.

Freddy querida:

Tenho de deixá-la. É a única coisa para nós. Sei que você quer casar. Sei que compreende que eu casaria com você se estivesse grávida. Por isso, vou embora, a fim de lhe dar a oportunidade de levar sua vida como deve. Ainda nem mesmo começou sua vida. Não posso cortar suas asas.

Sabe como me sinto em relação ao casamento com você. Por mais injusto que eu tenha sido no passado, seria pior tirar esse proveito muito maior de você. Já lhe disse isso, tão objetivamente quanto posso, poderia dizer muitas e muitas outras vezes, mas de nada adiantaria. Nunca acredita que falo sério de verdade. E nunca renunciará a mim, a menos que eu vá embora.

Tudo o que tenho é seu, a casa, os aviões, o negócio. Mantenha tudo ou venda, como preferir.

A única coisa que nunca deve pensar é que não a amei o suficiente. Se eu fosse um jovem, casaria com você amanhã... já teria casado com você há muito tempo. É porque a amo demais que a estou deixando. Não sou seu futuro, minha amada.

Mac

Ele releu a carta, largou a caneta, dobrou o papel ao meio, escreveu o nome de Freddy no lado de fora. Depois, meteu-o por baixo de um canto do vaso com flores silvestres que ela sempre mantinha na mesa, foi até o armário para pegar a mala que arrumara enquanto Freddy voava. Se havia alguma maneira melhor de fazer aquilo, pensou Mac, já a haveria descoberto àquela altura. Mas não havia.

Freddy se recuperaria da angústia. Ele não.

Muitas horas depois, enquanto guiava o carro a toda velocidade para o norte, ele compreendeu para onde estava indo. Seu único pensamento, por centenas de quilômetros, fora se distanciar ao máximo antes de mudar de idéia, seu único destino, um lugar sem lembranças. Só quando a manhã rompeu é que se sentiu seguro, porque em breve Freddy leria a carta.

Poderia ter usado um dos aviões, refletiu. Iria se alistar em Vancouver, no outro lado da fronteira. Devia haver uma base da Força Aérea Canadense ali. Ou se não houvesse, em Toronto. Sempre precisavam de instrutores, e não davam muita importância à idade.

Ninguém jamais queria esse emprego, não depois que aprendia a voar. Pelo menos poderia dar uma ajuda, pelo menos ainda lhe restava uma coisa válida para fazer, no que sobrava de sua vida.

Freddy atravessou a pista de pouso em Dry Springs, tão depressa quanto o carro podia levá-la. Pisou no freio bruscamente, o carro derrapando ruidosamente, até parar a um metro de seu avião. Saltou correndo, desamarrou o Rider, chutou os calços de baixo das rodas, subiu na carlinga, apertou o botão do motor de arranque, decolou poucos segundos depois. Pela primeira e última vez em sua vida, ela não inspecionou o avião antes de embarcar e também não efetuou o procedimento necessário para testar o motor antes da decolagem.

Encontrara a carta de Mac menos de meia hora antes e compreendera no mesmo instante que não suportaria a angústia se não subisse pelo ar imediatamente. Não tinha como absorvê-la. Não tinha capacidade de existir com aquele mergulho no sofrimento que obliterava tudo o mais. Tinha de escapar ou enlouqueceria. Levantou a proa do avião tão alto quanto possível e subiu na velocidade máxima, pelo céu nublado e sombrio, o sinal de estol guinchando sem parar, de tal forma que ela se manteve ocupada a corrigir a posição, a fim de evitar um mergulho do avião. Ofegava como um cachorro, piscando a todo instante para o cinzento que era iluminado por um clarão branco. Esquecera os óculos de proteção, estava apenas com a Levi's, blusa e suéter com que descera para o desjejum, não demorou muito a tremer com o frio da altitude. E continuou a subir, cada vez mais, a altitude seu único objetivo. E de repente irrompeu pela coberta, descobrindo-se acima das nuvens. O azul do céu desfechou o golpe necessário que procurava, como um corredor esforçando-se para alcançar a fita na linha de chegada, ela arriou sobre os controles, sem mais nenhuma força.

O Rider, incontrolado, assumiu rapidamente a configuração para a qual fora projetado, e logo Freddy voava nivelada, algumas dezenas de metros acima do lençol branco.

O sol na carlinga aqueceu-a e pouco a pouco parou de tremer.

Levantou a cabeça e retomou o controle do avião. Agora, por baixo, havia aberturas dispersas nas nuvens e ela mergulhou através de uma, como um boto, tornando a subir por trás da nuvem seguinte, mergulhando, subindo, mergulhando e subindo, o movimento irracional seu único foco. Avistou uma nuvem com um formato insólito e contornou-a meticulosamente, pela beira, uma asa dentro, outra fora. Encontrou avenidas estreitas, sinuosas e intensamente iluminadas entre os paredões brancos, seguindo-as para onde quer que a levassem; entrou em nuvens e permaneceu escondida lá dentro, incapaz de ver por mais de quinze metros em qualquer direção, até que de repente, ao acaso, saía, procurando pelo que havia além.

Freddy brincou com as nuvens por tanto tempo quanto pôde, cruzando-as, contornando-as, cortando-as para cima, para baixo, para os lados, às vezes espetando-as como se fossem bolhas de sabão, às vezes tocando-as de leve como se fossem feitas de renda antiga, sem jamais olhar para baixo. Quando, finalmente, verificou os controles, constatou que estava quase sem combustível. Não tinha idéia do tempo em que se encontrava no ar. Agora, alguma determinação restaurada, ela mergulhou abaixo das nuvens para descobrir onde estava.

Lá embaixo, em todas as direções, estendia-se o deserto. Não havia estradas, árvores, pontos de referência de qualquer tipo.

Todos os pilotos que conhecem o vale de San Fernando sabem que apenas uns poucos minutos além há um vasto deserto, que nenhum homem jamais foi capaz de mapear. Freddy se encontrava totalmente perdida, como se tivesse avançado mil quilômetros pelo mar, só que, como todos os navegadores, tinha uma bússola. Obediente às leis antigas que se aplicam a todos os que desejam se aventurar e todos os que desejam sobreviver, ela virou o Rider para oeste e encontrou Dry Springs minutos antes de ficar

completamente sem gasolina.

No solo, taxiou para uma extremidade da pista e parou. Desligou o motor, mas não foi capaz de sair do avião. Enquanto permanecesse ali, pensava estar resguardada, segura. Enquanto ficasse na carlinga, nada de ruim acontecera realmente. Mesmo enquanto as palavras se formavam em sua mente, compreendeu que a realidade voltara. Depois de perceber que o avião era um refúgio, deixou de ser um refúgio. Tão de leve como um fantasma, Freddy tocou nos controles, agradecendo-lhes. Hoje haviam perdoado, hoje não a haviam obrigado a pagar qualquer preço por sua decolagem insanamente negligente. Atordoada pelos pensamentos do que poderia ter ocorrido, taxiou o Rider e abasteceu-o, antes de levá-lo à sua área de estacionamento e prendê-lo com uma meticulosidade relutante.

E agora?, pensou, depois que o ultimo nó fora feito e refeito.

O que farei agora? Ficou parada ao lado do avião, tocando na fuselagem, uma figura alta e esguia, sem a menor idéia do que fazer ou para onde ir. Cruzou os braços e encostou-se no Rider, olhando sem ver para a terra a seus pés.

— Freddy, onde está Mac?

— Como?

Ela levantou os olhos. Gavin Ludwig, um dos assistentes de Mac, estava na sua frente.

— Não sei o que ele queria que eu fizesse com o Stuka em que estava trabalhando — explicou Gavin.

— Ligo para Swede e aviso que está pronto ou espero Mac fazer uma inspeção?

— Ficou satisfeito com o trabalho?

— Está melhor do que na ocasião em que era novo, se é que eu posso dizê-lo.

— Então ligue para Swede e descubra onde ele quer o Stuka.

— É melhor eu esperar. Mac é muito exigente com os aviões.

— Mac teve de viajar. Deixou-me no comando até sua volta. Pode ligar para Swede.

— Está certo, Freddy... você é quem manda. Quando Mac voltará?

Ele nunca disse que ia a algum lugar.

— Dentro de uma ou duas semanas. Foi cuidar de problemas de família. Sabe como são essas coisas.

— Quem não sabe? Quer dizer que você ficará pelo escritório?

— Bem cedo, Gavin, todos os dias, bem cedo.

— Há uma porção de recados na mesa de Mac que chegaram esta manhã. Acho que poderiam esperar até amanhã, mas se você vai ficar por lá hoje...

— Para onde mais eu iria, Gavin?

— Já voou.

— É verdade.

— Não era um grande dia para isso — comentou ele, olhando para o céu nublado.

— Não foi tão ruim assim — respondeu Freddy. — Melhor do que não voar, com toda certeza.

Deixando o aeroporto e voltando para casa, ao final da tarde, Freddy passou pelo mercado local e comprou todos, os ingredientes para o ensopado mais complicado de Mac, feito com vinho tinto e sete legumes. Quando ele voltasse, ela já saberia fazê-lo, prometeu Freddy. Por que deveria ser Mac o único a conhecer os segredos daquele prato? Por que deveria continuar a permitir que ele a relegasse para pratos fáceis como hambúrgueres e galinha frita? Hesitou na frente do balcão do açougue. Deveria pedir ossos com tutano e um jarrete de vitela, a fim de poder fazer uma sopa do nada? Era outra das especialidades de Mac que ela nunca tivera permissão para tentar. Isso mesmo, pensou ela, enquanto conversava com o açougueiro, aquela era a oportunidade perfeita para alcançá-lo na cozinha.

Ao voltar para a casa, Freddy largou as compras na cozinha. A carta de Mac continuava em cima da mesa, dobrada. Pegou-a, acendeu um dos bicos de gás no fogão, queimou a carta sem desdobrá-la, depois subiu para arrumar a cama que deixara desfeita naquela manhã.

Depois que o quarto se encontrava em perfeita ordem, ela passou para o banheiro. Havia um cesto

pela metade com camisas de Mac, Colocou-as num saco para entregar à lavanderia na manhã seguinte.

Quando voltasse, ele encontraria todas as suas camisas empilhadas de maneira impecável nas prateleiras. Freddy arrumou o guarda-roupa, tomando o cuidado de alinhar todos os sapatos de Mac, pendurar direito os seus poucos casacos; dobrou de novo os suéteres e pôs todas as meias e cuecas que encontrou perto da pia, para lavá-las depois.

Ao terminar, já estava escuro lá fora. Acendeu todas as luzes no quarto e desceu para a sala de estar, acendeu todas as luzes ali também, notou que as estantes exigiam sua atenção. Mac jamais compreendera que os livros deviam ser alinhados com perfeição nas estantes. Aquela era a sua oportunidade de arrumá-los, deixando-os na ordem que deviam ter. Podia até encomendar algumas estantes novas para o excesso. Quase não havia espaço suficiente para os livros que ele já possuía, espremidos por toda parte, de qualquer maneira; quando Mac comprasse mais livros, no futuro, acabariam empilhados no chão, se ela não tomasse alguma providência durante a sua ausência.

Freddy serviu-se de uma pequena dose do uísque de Mac e foi para a cozinha, a fim de começar a cuidar dos legumes. Era uma perita em descascar, cortar e picar. Era um dos trabalhos que Mac lhe ensinara quando fora viver com ele. Enquanto raspava rapidamente as cenouras, ela especulou por quanto tempo Mac conseguiria evitar a volta para casa. Certamente semanas, a confiar em sua capacidade de julgamento. Nada menos de duas semanas satisfaria os escrúpulos de Mac. Ainda mais depois de uma carta tão desnecessariamente dramática. Se retornasse em menos de poucas semanas, ele pareceria apenas tolo, e ambos saberiam disso, por mais que tomassem o cuidado de não admitir um para o outro. Um mês? Era possível. Até provável, agora que pensava a respeito. Mac era um filho da mãe intransigente e bem capaz de deixar que aquela situação absurda se prolongasse por um mês, ou até mais, mas não muito mais. Ele não poderia resistir por mais do que isso.

Não havia a menor dúvida, concluiu ela, enquanto descascava as ervilhas e a carne tostava numa frigideira quente, que Mac voltaria... logo depois do início de novembro. No ano passado, no Dia das Bruxas, haviam feito uma enorme lanterna de abóbora e posto na varanda, para as crianças dos vizinhos. Ela não deveria esquecer esse ano, ou as crianças ficariam desapontadas.

Ela cortou o aipo com uma faca afiada. A cozinha estava precisando de uma mão de tinta, refletiu Freddy, enquanto começava com as batatas. Na verdade, toda a casa precisava ser pintada, por dentro e por fora. Era o tipo de coisa que Mac invariavelmente adiava e adiava, quando deixado por si mesmo. Aproveitando sua ausência, enquanto estava sozinha ali, ela providenciaria a pintura.

Ao voltar, ele teria de admitir que a casa estava muito melhor. E já que ia começar, podia também escolher um bom tecido e trocar as cortinas do quarto, talvez mesmo as capas dos móveis da sala de estar. Podia ficar muito melhor do que estava agora. Se fosse uma sala bonita, passariam mais tempo ali, em vez de viverem entre a cozinha e o quarto. Havia tanta coisa para fazer antes de Mac voltar que ela não sabia se poderia conseguir tudo a tempo.

Não tinha importância. Depois que os serviços estivessem iniciados, mesmo que ele voltasse antes de serem concluídos, nada poderia fazer para impedi-la.

Mac detestava mudanças. Aquele homem era mesmo uma criatura de hábitos. Desde que o conheceu que ele nunca mudara um único móvel em seu desconfortável escritório, a não ser para acrescentar a caixa de mapas que ela fizera na oficina da escola. Pois ela também tornaria o escritório confortável, enquanto pudesse. Nada de *chintz*, isso seria ir longe demais, mas um tapete e umas poucas cadeiras decentes não fariam mal algum. Seria uma boa lição para ele por lhe dizer para fazer o que quisesse com o negócio. Mac aprenderia a não lhe dar carta branca com tanta facilidade, quando se encontrava momentaneamente com um ânimo vil, pois de que outra forma se podia explicar que um homem tão honrado se esgueirasse de casa sorrateiro no silêncio da noite?

Alguém teria de assumir suas aulas particulares numa base temporária, durante sua ausência, ou ele perderia os alunos. Ela poderia obter a licença de instrutor até o final da semana. Era apenas uma questão

de marcar o exame. Não sabia por que não se dera ao trabalho de obtê-la antes. Os alunos de Mac teriam de ser avisados para esperar até que ela pudesse assumi-los. E poderia também cuidar do planejamento das manobras aéreas para o seriado, desde que não tivesse mais de realizá-las pessoalmente. Considerando-se tudo, seria melhor para ela tomar conta do negócio do que aceitar outro emprego. Queria que Mac fosse obrigado a admitir, quando retornasse a todas as coisas que abandonara de maneira tão precipitada, que ela fora uma boa intendente durante sua ausência.

Freddy pôs todos os legumes numa panela alta de ferro batido, junto com alguns tomates cortados, acrescentou a carne tostada, três folhas de louro e um pouco do caldo de carne de fabricação caseira que Mac sempre mantinha na geladeira. As mãos nos quadris, ela examinou o conteúdo da panela. Acrescentaria o vinho depois, assim como os temperos. Parecia não haver mais nada para fazer, exceto esperar que cozinhasse. Freddy olhou para o relógio. Nove horas. Como já era tão tarde? O tempo voava quando se mantinha ocupada. O jantar estaria pronto... à meia-noite. O ensopado levava três horas para cozinhar. E o que era pior, nunca estava no ponto para comer, na opinião de Mac, ao terminar de cozinhar pela primeira vez. Devia esperar até o dia seguinte ou, melhor ainda, por dois dias, depois requentar, antes que o sabor se desenvolvesse plenamente. Pois comeria na primeira noite, e que se danasse o refinamento do sabor, decidiu Freddy. Isso lhe daria tempo para começar a arrumar os livros na sala de estar. Serviu-se de outra pequena dose de uísque e marchou para atacar as estantes.

Durante o período em que Delphine recebera uma série de amantes em sua pequena casa, as mulheres que trabalhavam para ela encararam seu comportamento livre como uma fonte de interesse extremamente agradável e diversão indireta. Não era menos do que esperavam de uma estrela de cinema. Ela teve uma série de ligações, é verdade, sem dúvida, mas de uma maneira apropriada, sob o seu próprio teto; e por mais que comentassem a respeito, não havia crítica moral direta.

Contudo, agora que Delphine passava todas as noites fora de casa, e ficavam na completa ignorância de seu paradeiro, a patroa lhes parecia pior do que uma vagabunda ordinária. Quem podia saber, especulou desdenhosa, Annabelle, a faxineira, quantos homens diferentes estavam envolvidos? Quem podia saber que tipo de lugares sórdidos *Mademoiselle* de Lancel freqüentava, sugeriu Claudine, a esposa do vigia, fungando em indignação. Quem podia saber com que espécie de homens ela andava fazendo amor, conjecturou Violet, a criada pessoal de Delphine, o tom deixando claro que desconfiava que Delphine se entregava a uma variedade de depravações fascinantes, cada uma mais aviltante do que a outra.

Delphine, elas se diziam em honrada indignação, era culpada da atividade pecaminosa conhecida como *découcher*, um verbo que literalmente significava "dormir em outro lugar que não em sua própria casa", mas que continha implicações especificadamente imorais. Em 1939, apenas as francesas que eram totalmente indiferentes às suas reputações sexuais se comportavam de uma maneira que permitia às outras usarem o termo *découcher*, uma palavra que chegava perto de significar "dormir por aí", mas era ostensivamente mais pejorativa.

As três mulheres, assim como Helene, a cozinheira, eram como uma só em sua nova opinião a respeito de Delphine. Sentiam-se pessoalmente insultadas por Delphine escapar à sua observação; ressentiam-se profundamente por não mais possuírem o conhecimento que, por tanto tempo, lhes proporcionara um sentimento de poder sobre ela. E pior ainda, havia a ameaça que a nova liberdade de Delphine representava para suas bolsas.

Todas perdiam dinheiro quando Delphine não usava a própria casa. Ela continuou a pagar os salários, mas muitos extras acabaram, já que não se preocupava mais em manter a casa tão pródiga como antes. As criadas perderam o dinheiro que costumavam surrupiar das contas da casa, que Delphine nunca se dera ao trabalho de examinar, em seu tolo e confiante comportamento americano. Além disso, ela tinha o hábito de lhes dar freqüentes presentes e gorjetas, tratando aquelas presumidas guardiãs de sua

privacidade com uma generosidade descuidada e ingênua. Isso acabara também, agora que ela nunca estava em casa. A inveja natural que as quatro mulheres sempre sentiram por alguém tão rica, tão jovem, tão bela e tão livre como Delphine afluente e se tornou mais forte com a passagem dos meses, enquanto ela continuava a passar todas as noites em camas desconhecidas.

Ninguém no mundo sabe onde estamos, pensou Delphine, inundada com tal felicidade que tinha de ser inalterável, uma felicidade tão completa que até esquecera de ser supersticiosa a respeito. Era completa, pela primeira vez na vida, completa de uma maneira que nunca sonhara que pudesse existir, ela disse a si mesma, aconchegada sob uma pesada colcha no sofá da sala de estar do apartamento no Boulevard Saint-Germain, observando Armand ler o roteiro de seu novo filme, o mais complexo de sua carreira, que trouxera do estúdio. Delphine estava despojada de cálculo, despojada de ambição, despojada da constante observação dos outros, que fora parte de sua vida por tanto tempo quanto podia se lembrar.

— Em que está pensando? — perguntou Armand, sem levantar os olhos da página.

— Em nada. Absolutamente nada.

— Ótimo. Fique assim. — Ele continuou a ler. Era incapaz de passar mais de quinze minutos, não importava quão absorto no trabalho estivesse, sem fazer algum contato com ela. Se Delphine estava perto, ele se inclinava e tocava por um instante em sua mão; se se encontrava no outro lado do cômodo, dizia alguma coisa, e qualquer resposta o satisfaria.

Delphine especulou se ele escutara de fato o que ela dissera ou apenas o som de sua voz. Nunca perguntava, porque não tinha importância. De sua parte, era suficiente que Armand estivesse ali, e ela também. Horas podiam se passar com ele absorto em sua leitura, sem que Delphine desejasse qualquer outra ocupação que não estar no mesmo cômodo, mantendo o fogo aceso. Quando Armand saía para o estúdio, ela se movimentava durante o dia inteiro, sonhando muito e arrumando bem pouco, numa suspensão animada, até sua volta.

A única coisa de sua vida anterior de que sentia falta era a fornalha, que mantinha sua casa tão aquecida. O calor irradiado por qualquer dos aquecedores do apartamento de Armand só era evidente quando se ficava a menos de meio metro do aparelho. Delphine tinha uma teoria, a de que os moradores dos andares inferiores absorviam todo o calor disponível, impedindo que os alcançasse. Armand insistia que o calor subia para o topo de qualquer estrutura e que deviam estar obtendo o máximo. Era a única coisa em que não concordavam, e agora, ao final de março, o porteiro não fornecia mais aquecimento, eliminando o tema de discussão.

— Assim que casarmos, encontraremos um lugar com aquecimento melhor — dissera Armand, muitas vezes, durante o inverno.

Mas Delphine já decidira particularmente que preferia congelar a sair daquele apartamento, que mais de cinco anos de residência haviam marcado com a personalidade de Armand. Ali, pendurados ao acaso nas paredes, estavam as dezenas de quadros de *avant-garde* que ele comprara de marchands da vizinhança; ali estava o piano de cauda em que ele tocava, com igual entusiasmo, o *ragtime* com grande inspiração e Chopin muito mal; ali estavam os móveis usados e confortáveis que ele encontrara, os tapetes que os pais lhe deram quando passara a morar sozinho. Ali estava a sala em que ele dissera que amava e ali estava o quarto em que dormiam e faziam amor; nenhum outro lar que viessem a ter no futuro poderia significar tanto para ela.

Delphine levantou-se e pôs mais lenha no fogo. Dali a pouco desceriam para jantar num pequeno restaurante próximo, como faziam quase todas as noites. Nenhum dos dois jamais cozinhava. Quando não comiam fora, compravam saladas prontas, queijos e frios, em uma das muitas lojas de comestíveis no bairro, faziam um piquenique na frente do fogo, que fora necessário quase todos os dias, desde o início de outubro. Todas as manhãs, Armand descia e lhe comprava um *croissant*, levando para ela, enquanto ainda se aconchegava na cama, junto com uma xícara de café *au lait* que de alguma forma aprendera a

preparar.

Era uma vida, pensou Delphine, em que não mais precisava das roupas que comprara no passado, uma vida em que não havia lugar para um fabricante de lingerie ou um *bottier*. Parecia-lhe que as roupas que trouxera da Villa Mozart, pouco a pouco, durariam pelo resto de sua vida, pois passava a maior parte do tempo em sua calça velha de Chanel, ao estilo de marujo, e com as suéteres de Armand, muitas vezes duas ou três ao mesmo tempo. Quando voltava por algumas horas à Villa Mozart, a fim de pagar à criada e certificar-se de que a casa ainda estava lá, vestia um costume e chapéu, mas nunca usava seu carro ou seu motorista para vir ou ir ao Boulevard Saint-Germain. Não vendera a casa ou o carro porque sabia que a posse lhe proporcionava uma fachada que ainda era necessário manter.

Delphine estava convencida de que resguardara sua vida com Armand Sadowski dos olhos do mundo. Depois que ele falara de sua aversão a se tornar apenas mais um numa sucessão de amantes, ela decidira que a ligação deveria permanecer em segredo, até estar pronta para casar. Rejeitou todos os filmes que lhe ofereceram desde a primeira noite que passaram juntos, dando a seu agente uma desculpa engenhosa depois de outra. Não podia contar a verdade a Abel: que estava emocionalmente muito concentrada em seu amor para despender energia em representar, decorar falas e lidar com as complexidades da vida de uma estrela. Também se recusara a fazer o novo filme com Armand, sabendo que revelaria seus sentimentos ao estúdio inteiro se trabalhasse com ele. O mundo do faz-de-conta não mais a atraía.

Nem a realidade. Franco conquistara a Espanha e fora reconhecido pela França e Inglaterra, mas Delphine conseguiu não ler nada a respeito, da mesma forma que não lera sobre o sucesso do filme de Marcel Pagnol, *A mulher do padeiro*. O triunfo de Katharine Hepburn em *Bringing Up Baby* era tão estranho para ela quanto os motivos para Enrico Fermi ganhar o Prêmio Nobel pela reação atômica. Ela não queria saber. Até mesmo o casamento era um ato que envolveria enfrentar a realidade pública. E dera um jeito de adiar o problema cada vez que Armand sugerira que deviam casar.

Todos os poderes de percepção de Delphine empenhavam-se em bloquear o mundo, em permanecer invencivelmente segura na caverna do verdadeiro amor que ela e Armand haviam criado, em que a única coisa que a preocupava era garantir o suprimento de lenha para a lareira, um problema resolvido com uma boa gorjeta para o entregador carregá-la escada acima.

Ela atravessava a rua para não passar pelos quiosques de jornais, nunca olhava para os cartazes nas paredes, escolhia restaurantes em que não se podia ouvir a conversa das pessoas na mesa ao lado, nunca se sentava e tomava um drinque num café, todos sempre repletos de pessoas falando de política, nunca ligava o rádio; e Armand sabia que nunca devia trazer um jornal para casa.

Durante todo aquele sinistro inverno e a lúgubre primavera de 1939, Delphine manteve o mundo a distância e levou uma vida de alegria com Armand Sadowski, que a amava o bastante para compreender o que ela estava fazendo, para destruir sua frágil estrutura de ilusão com uma única palavra.

— *Mademoiselle* de Lancel — disse Violet, uma semana depois, no início de abril, quando Delphine fez a sua próxima visita à casa na Villa Mozart —, *monsieur le vicomte* telefonou duas vezes na semana passada. Informei-o que não estava em casa e prometi transmitir seu recado de que ligara. O que devo dizer quando ele telefonar de novo? Parecia preocupado por não ter notícias suas.

— Não se preocupe, Violet, vou ligar para ele — respondeu Delphine, relutante.

Ela conseguira evitar Bruno desde setembro, encontrando para ele um jogo de desculpas diferentes, mas igualmente convincentes, das que inventara para rejeitar as ofertas de filmes. Contudo, Bruno era mais persistente do que Abel; e ao contrário de Abel, seus pedidos para vê-la eram pessoais, não profissionais. Delphine sabia que não podia continuar a se esquivar por mais tempo, embora o seu instinto mais profundo fosse o de não permitir que ninguém, nem mesmo Bruno, rompesse o idílio tão bem construído de sua existência. Mesmo assim, a razão lhe dizia que deveria enfrentar, pelo menos no caso de Bruno. Talvez um almoço, pensou ela, enquanto ligava para o banco.

— Preciso vê-la de qualquer maneira, Delphine — disse Bruno. — Já se passaram meses e meses desde que nos encontramos pela última vez.

— Sinto-me aflita por tê-lo negligenciado, Bruno, meu anjo, mas foi um inverno absolutamente louco para mim. Negócios sem parar, muitas reuniões, muitos produtores, todos querendo alguma coisa, sem um único segundo para mim, sinto-me como uma prisioneira. Ah, o cinema! Mas sinto saudades de você. Podemos almoçar? Os jantares são impossíveis.

— Que tal depois de amanhã?

— Perfeito. Onde vamos nos encontrar?

— O que acha da minha nova casa? Ainda não a conhece, e tenho uma excelente cozinheira. Não gosto de almoçar em restaurantes...

tenho de fazê-lo com muita frequência para tratar de negócios.

— Está na Rue de Lille, não é mesmo? Tenho o endereço.

— À uma hora, então. Até quarta.

Delphine desligou com um suspiro de resignação e foi ao guarda-roupa procurar alguma roupa para o almoço com Bruno. Não comprara roupas novas para a primavera, mas havia dezenas de conjuntos do guarda-roupa do ano passado, penduradas, passadas com perfeição.

Escolheu um costume Molyneux azul-marinho, com uma blusa de seda estampada em azul e branco, que combinava com o forro do casaco.

Tinha uma cintura justa, uma saia rodada que descia até pouco abaixo dos joelhos, os ombros com algum enchimento, o que ainda estava em moda. Molyneux não envelhecia, pensou ela, azul-marinho e branco sempre seriam um sinal de primavera. Violet pegou o chapéu de palha de aba larga de Reboux, com um laço atrás feito da seda da blusa, os sapatos de saltos altos, a bolsa, as luvas e meias, todas as peças compradas para usar com o costume.

— Pode fazer o favor de arrumar essas coisas para mim e chamar um táxi, Violet? — pediu Delphine.

— Não vai precisar de outras roupas, mademoiselle? Nada para a noite?

— Hoje não — respondeu Delphine, numa voz que impedia qualquer outra pergunta.

Ao chegar à Rue de Lille, dois dias depois, Delphine ficou surpresa ao constatar que Bruno ocupara obviamente toda a excelente casa. Um mordomo de casaca atendeu ao toque da campainha e encaminhou-a a um vestíbulo grande, com chão de mármore preto e branco.

Armaduras e tapeçarias com cenas de batalha eram a única decoração da sala estritamente masculina, como um museu, deixando Delphine com a impressão de que pertencia a um *château* medieval. Ela foi conduzida por uma escada larga para uma biblioteca em vermelho e dourado, onde Bruno levantou-se de um pulo para cumprimentá-la.

— Finalmente! — exclamou ele, beijando-a na face. — E mais elegante do que nunca!

— Obrigada, Bruno, meu anjo. Estou feliz em vê-lo. E esta é a sua "casinha", hem? As coisas devem estar indo muito bem para o seu lado.

— E estão mesmo, para falar a verdade, embora não graças a você, que me abandonou.

— Quando começou a coleção de armaduras?

— Pertenciam a meus ancestrais Saint-Fraycourt. Vovô deixou-me tudo quando morreu. E finalmente encontrei um lugar para colocá-las.

— Ah, sim, eu tinha esquecido os sagrados ancestrais Saint-Fraycourt. É uma pena que eu não tenha conhecido seus avós antes de morrerem.

— Sabe como eles eram antiquados, a um ponto absurdo. Nunca puderam superar seus sentimentos em relação à sua mãe.

— O que talvez tenha sido pior para eles — comentou Delphine, jovialmente, recusando-se a ficar ressentida pela esnobação de pessoas com quem não se importava.

O que sua mãe poderia ter feito que ela própria não fizera dez vezes mais? Gostaria de poder dizer a

Eve, numa das cartas, que a compreendia agora, mas isso seria revelador demais.

— Claro que foi pior para eles — concordou Bruno, estendendo-lhe um copo de champanhe. — Vamos brindar a nossos avós mútuos? Aos Lancel!

— A vovó e vovô — disse Delphine, sentindo-se culpada.

Negligenciara-os por seu amor, como negligenciara a todos. Telefonara para Valmont algumas vezes durante o inverno, mas não tornara a visitá-los desde que se refugiara ali na tentativa de se livrar da obsessão por Armand Sadowski. Parecia outra vida, mas fora na verdade em agosto último, apenas oito meses antes. Tempo demais, em sua idade, pensou ela, jurando que iria até lá em breve, mesmo que fosse para uma visita de um dia apenas.

Delphine comeu, sem apetite, um almoço de cinco pratos servido por dois criados, enquanto Bruno conversava sobre os seus cavalos mais novos, sua nova paixão pelo *squash*, suas viagens para La Banque Duvivier Frères. Tentaria persuadi-la a fazer alguma coisa por ele, Delphine sabia, ou então por que a urgência, por que precisava tanto vê-la? Mas até que ele fosse direto ao ponto e pedisse, ela contentou-se em ficar sentada em seu traje deslumbrante, reagindo com seu sorriso deslumbrante, enquanto especulava por que um homem solteiro optava por viver de uma maneira tão requintada.

— Você é uma grande beldade, Delphine — comentou Bruno subitamente, quando voltaram à biblioteca e tomavam café, a sós.

— Parece haver muitas pessoas que pensam assim. — Portanto, estava certa, pensou Delphine. Ele precisava de sua ajuda e era relacionada com algum homem que tinha de conquistar.

— Uma grande beldade e um talento genuíno. E tem mais, é uma grande sedutora, algo mais raro do que a beleza e tão valioso quanto o talento. Ainda por cima, é uma Lancel, uma aristocrata, de uma das mais antigas famílias da nobreza provinciana. Possui tudo o que uma mulher pode ter. Não há homem algum que não possa subjugar.

— Bruno, está prestes a me vender a alguém? — Delphine não pôde deixar de rir da solenidade do irmão.

— Deve parar de se desperdiçar, Delphine. É um crime.

— Mas do que está falando? — perguntou ela, perplexa. Será que ele sabia que há meses não fazia nenhum filme?

— Estou falando de sua ligação com Armand Sadowski.

— Isso não é da sua conta, Bruno! Como se atreve? Está indo longe demais! — Delphine largou a xícara com um estrondo.

— Não, Delphine, você precisa me escutar! É para o seu próprio bem. Todos em Paris sabem que está vivendo com ele. Já ouvi de uma dúzia de pessoas diferentes.

— Como as pessoas descobriram? — falou ela espantada, a ira esquecida.

— Não pode esconder de ninguém neste bairro. Vive apenas a poucos quarteirões daqui... o apartamento fica no coração do Sexto Arrondissement, por mais boêmio que possa lhe parecer. Vocês comem em todos os bistrôs das proximidades... e não são os únicos clientes. Compram comida nas mesmas lojas que são freqüentadas pelas cozinheiras de todo mundo, entram e saem do prédio, que fica ao lado do *Chez Lipp*, onde mais cedo ou mais tarde todas as pessoas no mundo do cinema, teatro e política almoçam ou jantam.

— E daí, Bruno? Elas passam todo o tempo olhando para os transeuntes? Não têm nada melhor para fazer?

— Será que não entende que as pessoas reconhecem você, Delphine? Tem um rosto tão famoso que não pode atravessar a rua sem causar uma comoção. Não importa como se vista, sabem quem você é no instante em que a vêem. E quando sai de uma loja com seus ovos ou queijos, as pessoas comentam: "Vocês a viram, Delphine de Lancel, a artista de cinema? Ela tem uma ligação com Sadowski, o diretor, os dois estiveram aqui no outro dia, comportando-se como namorados." O dono da loja fala para a

cozinheira da duquesa, a cozinheira fala com a criada da duquesa, e na semana seguinte a duquesa zomba de mim a propósito. É simples assim. Quanto ao mundo do cinema, Guy Marchant já sabia há meses. Ouviu de três pessoas diferentes, todas freqüentadoras assíduas do Lipp. Ele foi o primeiro a me contar.

— Pois que todos fiquem com suas intrigas! Todas as duquesas do Bottin Mondain e todos os Guy Marchants do mundo do cinema! Que sufoquem! E já que estamos falando nisso, você também, Bruno!

— Pare e escute! Se fosse uma ligação comum, eu não me daria o trabalho de tentar fazê-la recuperar o bom senso, mas Sadowski, aquele judeu... como pôde, Delphine?

Ela ficou aturdida pelo desdém frio na voz de Bruno. Estava tão chocada como se um garoto na rua acabasse de lhe jogar na cara um pedaço de estéreo. Não era possível que Bruno tivesse mesmo dito o que ela acabara de ouvir.

— "Aquele judeu"? Não falou a sério, não é mesmo, Bruno?

— Claro que falei. Ele é um judeu, um judeu polonês, você não pode negar isso.

— E por que deveria? Claro que ele é judeu. E daí? Quanto a ser polonês, seus pais nasceram na França e ele se sente muito mais francês do que eu. É tão francês quanto você, Bruno. — Delphine tremia de raiva.

— Ele saiu de um gueto polonês há duas gerações apenas, mas mesmo que seus ancestrais vivessem na França por séculos isso não o tornaria menos judeu.

— Então o que você tem contra ele é apenas anti-semitismo? Não se envergonha, Bruno? Não fica nauseado por dentro ao saber que se sente assim?

— Eu sabia que você não entenderia. Não sou mais antijudeu do que qualquer outro. Se eles não se metem comigo, eu não me meto com eles. Mas é meu dever protegê-la. Você é minha irmã... meia-irmã... mas ainda do meu sangue. Se está envolvida com um judeu, isso só lhe acarretará problemas. Deve ter lido sobre as medidas que Hitler adotou contra os judeus alemães. Deve ter compreendido que eles vão se despejar para a França, de todos os países da Europa, não apenas da Alemanha, à procura de um lugar onde estarão seguros. Alguns, os mais espertos, estão partindo para os Estados Unidos ou Suíça. Acha que seu Sadowski vai se tornar menos judeu porque é francês? Acha que os alemães vão tratá-lo de maneira diferente só porque seus pais nasceram aqui?

— Os alemães tratá-lo de maneira diferente? Por que ele teria algo a ver com os alemães? — Delphine falou num tom em que havia medo, misturado com indignação.

— Por Deus, Delphine, não posso acreditar como você é ignorante! Teremos de lutar com a Alemanha e vamos perder.

— Você está louco. Vou embora. — Delphine levantou-se e pegou a bolsa.

— Sente-se e escute. — Bruno pôs as mãos nos ombros de Delphine e forçou-a de volta à cadeira. — E agora fique quieta. Já que está... envolvida com um judeu, pelo menos você deve perguntar-lhe o que está acontecendo. No mês passado, Chamberlain garantiu que a Inglaterra iria à guerra pela Polônia. Daladier acrescentou sua promessa à de Chamberlain. Isso significa que a França também irá à guerra pela Polônia. A guerra, Delphine, a guerra...

— Por que a Polônia? — gritou Delphine, os olhos arregalados em horror. — Por que temos de lutar pela Polônia?

— Só Deus sabe. Há seis anos poderíamos ter detido Hitler. Agora é tarde demais.

— Não pode dizer isso, Bruno. É um derrotista, um alarmista.

Temos a Linha Maginot e o maior exército da Europa. — Falou Delphine freneticamente, forçando-se a discutir coisas sobre as quais tanto se empenhara em não pensar.

— A Linha Maginot não vai detê-lo. — Bruno sacudiu a cabeça em desdém. — A Bélgica é neutra, Luxemburgo é neutro, a Rússia é neutra. Os americanos estão convencidos de que a guerra é inevitável e não pretendem entrar. Seu Charles Lindbergh, que conhece mais sobre poderio aéreo do que qualquer pessoa na França, excursionou pela Alemanha e viu a Luftwaffe. Ele diz que a Alemanha é tão forte que

ninguém pode derrotá-la...

— Mas o Acordo de Munique...?

— Ora, Delphine, não me venha com Munique. — O desdém de Bruno por suas palavras era como ácido. — Munique só serviu para dar permissão a Hitler para seguir em frente. Haverá uma guerra, e nós vamos perdê-la...

— Você é um gênio militar... ou um adivinho?

— E quando perdermos a guerra, minha cara Delphine, seu namorado judeu será tratado como os judeus da Alemanha. Não terá trabalho, nenhum lugar para viver, nenhuma cidadania, nem mesmo a carteira de motorista. Será obrigado a fugir da França, se tiver dinheiro para comprar sua saída. Quer partilhar isso? Porque terá de fazê-lo, se continuar com ele.

— Está mentindo! Não vai acontecer. Se houver uma guerra, a França e a Inglaterra derrotarão Hitler. Você não passa de um idiota covarde e nojento, Bruno. Estou envergonhada de ter algum parentesco com você. — Delphine levantou-se e foi até a porta. — Por que não desce e se mete numa das armaduras que pertenceram a seus ancestrais tão bravos? Talvez possa lhe dar alguma coragem. Por outro lado, se Hitler vier à sua procura, seria um bom esconderijo.

— Vai voar até Nova York para a Feira Mundial, Freddy? — perguntou Gavin Ludwig, em maio de 1939.

Ele entrara no escritório em Dry Springs para tomar uma Coca e encontrara-a à mesa, pagando contas.

— Não tenho condições de pagar a gasolina.

Gavin soltou uma gargalhada. Somente Freddy sabia como suas palavras eram verdadeiras. Fora obrigada a contratar três pilotos para dar as aulas de vôo. Os americanos se mostravam mais interessados em aprender a voar do que em qualquer outro momento da história, mas nenhum deles, um único que fosse, estava disposto a aceitar uma mulher como instrutora. Ela só conseguira manter os alunos de Mac com a promessa de que providenciaria um homem para ensinar. Nos oito meses desde a partida de Mac, ela contratara dois outros instrutores e tivera de dar entrada em outro avião, um Waco N & C, com um motor Jacobs e um confortável assento traseiro, que podia ser usado para instrução e também para a sua nova especialidade aérea, o "expresso matrimonial" para Las Vegas, ida e volta na mesma noite. Detestava a insipidez do trabalho, mas era necessário bancar a motorista de táxi matrimonial, se queria comer.

Por que as pessoas confiavam nela para levá-las à igreja a tempo, especulou Freddy, mas não para ensiná-las a voar? Era uma das poucas mulheres nos Estados Unidos, apenas 73 no total, que tinham licenças comerciais, mas qualquer homem, não importava quão recente fosse sua licença de instrutor, tranqüilizava os alunos mais do que uma mulher que podia fazer uma centena de manobras com um avião, que ele cairia se tentasse. Será que pensavam que se voava com o pau?

Os três homens que, em teoria, trabalhavam para ela, tinham de ser pagos por hora, os aviões precisavam de manutenção, o salário de mecânico de Gavin devia ser pago a cada semana, o seguro custava uma fortuna, o aluguel do hangar e escritório vencia todo mês, a gasolina não era barata... a escola, refletiu Freddy, apenas cobria os próprios custos e a manutenção de seu Rider. As viagens ocasionais a Las Vegas garantiam a comida e as prestações do novo Waco. Se não fosse por isso, ela teria de fechar a escola.

Irrequieta, Freddy levantou-se e vagueou pelo hangar, onde se encontrava a coleção de aviões antigos, todos polidos e brilhando, sem poeira, sem ferrugem tão recentemente pintados quanto na ocasião em que eram novos: o Curtiss Pusher de 1910, o Fokker D. VII os dois Nieuport 28, o Thomas Morse Scout, o Garland Lincoln LF-1 e os Stukas. Por que não colecionar cavalos e charretes?, pensou ela, irritada, enquanto batia numa das rodas de um Nieuport com a ponta da bota. Ou unicórnios ou

monociclos? Seriam mais úteis do que aqueles velhos pássaros, para os quais o cinema não tivera qualquer necessidade no ano anterior. O mercado para filmes da Grande Guerra acabara, à medida que a sombra de uma nova guerra se tornava cada vez mais escura. Freddy cuidava pessoalmente da manutenção de todos os aviões antigos, aprendendo a lidar com os motores, sem condições de pagar a alguém para fazer direito esse delicado trabalho, relutante, apesar da impraticabilidade, em deixar que se desintegrassem em ferro velho.

Wings of the Navy, uma produção de um milhão de dólares, estreara em janeiro último; a Marinha emprestara à Warner Brothers cerca de 450 aviões de caça e treinamento, além de cinquenta dos PBV-1, os gigantescos hidraviões Catalinas. Seus pobres e velhos pássaros não eram mais desejados. Aquela antiga esquadrilha de orgulhosos aviões tinha tanta relação com os filmes de 1939 quanto os artistas do cinema mudo. E ela tinha tanta relação com os pilotos da Marinha que voaram nas seqüências filmadas em Pensacola para *Wings of the Navy* quanto tinha com Lillian Gish. Poderia ter sido contratada para ser dublê de Olivia de Havilland, que fazia o papel romântico no filme, só que a Marinha nunca permitia que uma mulher se aproximasse de um dos seus aviões para fazer outra coisa que não lhe soprar um beijo. Não havia a menor dúvida, os negócios andavam péssimos e não iam melhorar. Ainda assim, ela podia continuar a voar, mesmo que fosse um hábito dispendioso. Mas necessário. Muito necessário.

Sempre que Freddy se descobria dominada pela raiva, mais raiva do que podia ser disfarçada por aquele inventário sombrio por mais que uma ou duas horas, entrava no Rider e subia para o horizonte azul, até descarregar o suficiente para sentir que era seguro tornar a pôr os pés em terra firme.

Conseguira de alguma forma sobreviver aos primeiros meses da ausência de Mac com a convicção de que ele voltaria amanhã; mas numa manhã de um desses amanhã vazios compreendera subitamente que ele não ia mais aparecer, pelo menos por muito tempo, e ficara sufocada pela raiva que conseguira evitar com suas atividades frenéticas.

Era uma raiva visceral, quase forte demais para as palavras.

Como ele pôde fazer isso comigo? foram as únicas palavras que afloraram em seu cérebro, repetidas muitas e muitas vezes, como uma mantra de alguma religião oriental que se apossara de sua mente, até temer por sua sanidade. Apenas essas seis palavras, repetidas com emoções que iam das profundezas da autoconsciência ao ódio mortal contra o homem que a abandonara, deixara-a sozinha para lutar pela vida sem a única pessoa de quem dependia. Como ele pôde fazer isso comigo?

Era uma pergunta que Freddy não pudera apresentar a ninguém, porque não podia admitir que Mac fora embora. Ele dissera que a amava tanto que tivera de ir embora... O que quer que isso significasse, não era suficiente, pensou, angustiada, parecendo em carne viva da cabeça aos pés com a raiva que nunca desaparecia e não diminuía. O que quer que isso significasse, nunca podia ser bastante bom, e seu único desejo era que Mac voltasse de joelhos, a fim de que pudesse lhe dizer o quanto a magoara, quanto lhe faltara, quanto o odiava e depois deixá-lo para sempre.

Quando estava em casa à noite, sozinha, Freddy encontrava algum alívio depois do jantar em tomar uísque e estudar jornais e revistas de aviação com a maior atenção, tantos quantos podia encontrar, até se embalar para o sono. Talvez encontrasse o nome de Mac em algum lugar daquelas publicações, surpreendia-se ela a pensar com muita freqüência.

Nunca viu o seu nome, mas adquiriu um conhecimento extenso dos acontecimentos mundiais. Agora, é claro, as notícias de aviação haviam adquirido uma importância mundial, e ela acompanhava fascinada o rápido e crescente desenvolvimento da força aérea nas nações européias, assim como nos Estados Unidos. O editor de *Aviation Magazine*, de volta de uma viagem de observação, classificara a Alemanha e a Rússia no primeiro lugar em número dos aviões militares; a Itália em seguida; depois Grã-Bretanha e Estados Unidos; e a França no final de sua lista. Em qualidade, classificara a Alemanha e os Estados Unidos em primeiro lugar. Na produção, a Alemanha estava outra vez em primeiro.

Na Inglaterra, os ingleses haviam iniciado um plano de Guarda Aérea Civil um dia depois do Acordo

de Munique, passando a financiar treinamento de vôo para mulheres também, além dos homens, disponível a qualquer pessoa entre dezoito e cinqüenta anos, contanto que pudesse passar por um exame médico. Freddy seguiu essa experiência com interesse, ainda mais quando surgiu uma tempestade na imprensa pelo uso de mulheres na aviação; elas estavam incluídas em tudo, exceto os serviços de combate da RAF, apesar dos muitos protestos clamorosos e furiosos.

CG. Grey, o editor de *The Aeroplane*, a equivalente inglesa da *Aviation Magazine*, escreveu um editorial que permitiu a Freddy sentir uma fúria que nada tinha a ver com Mac.

A ameaça é a mulher que pensa que deve estar voando um bombardeiro de alta velocidade, quando na verdade não possui a inteligência para varrer direito o chão de um hospital, ou que quer circular por aí como uma guardiã de ataque aéreo, mas não é capaz de preparar o jantar do marido.

O que fariam, especulou Freddy, as duzentas aviadoras inglesas que já pertenciam à Guarda Aérea Civil e que haviam sido informadas pelo comandante Balfour, o subsecretário de Estado para o Ar, que seriam usadas para transportar aviões no caso de uma emergência nacional, com o Sr. CG. Grey, se lhe pudessem pôr as mãos?

O destino problemático de CG. Grey proporcionara um assunto para conversar com a mãe quando almoçaram no 19º aniversário de Freddy, em janeiro último. Tomara a precaução, durante os últimos meses, de não se encontrar muito com a mãe, receando que Eve, obviamente cativada por Mac, fizesse perguntas a seu respeito que ela não poderia responder; mas a mãe mantivera a conversa em termos amenos e gerais.

Na verdade, em todos os encontros a mãe se abstera de sondar sua vida particular, refletiu Freddy, agradecida. Nunca podia lhe falar de sua angústia ou raiva — a mãe provavelmente cairia morta de choque se soubesse que a filha não era mais virgem e ainda por cima vivera com um homem —, mas detestava ter de lhe mentir, como fazia com Swede Castelli, quando ele telefonava ou aparecia, fielmente, até demais para o seu gosto, todas as semanas. Swede demonstrava um interesse paternal pela maneira como ela conduzia a escola de aviação e se mantinha muito obtuso ou preocupado para aceitar a história que Freddy contava a respeito da prolongada permanência de Mac na Costa Leste. Freddy sabia que Mac não tinha mais família em qualquer parte, mas inventara uma mãe idosa e um pai enfermo no Maine, que ele tinha de acreditar; e Swede, abençoado fosse o seu coração, acreditava em cada palavra.

Swede Castelli era o único homem com quem Freddy podia conversar sem levantar a guarda. Tivera de despedir diversos instrutores que contratara porque a haviam cantado insistentemente, o que acarretava o problema constante de substituí-los. Quando Mac partira, ela deixara de se contemplar no espelho, mas aparentemente as emoções que a corroíam por dentro não transpareciam no rosto, porque apenas o mais bem casado dos homens que trabalharam para ela nos últimos oito meses não tentara conquistá-la. O que ela deveria fazer... usar um saco de papel na cabeça?

Freddy ainda vagueava pelo hangar, encontrando um pouco de conforto pela proximidade dos veneráveis e aristocráticos aviões que amava quase tanto quanto Mac os amara, quando ouviu o barulho de um carro parando lá fora, diante do escritório da escola de aviação. Ela saiu, piscando ao emergir para a claridade intensa da primavera, protegeu os olhos com a mão. Swede Castelli saltou com dificuldade do seu velho sedã, com uma solene lentidão. Ele devia ter mais cuidado com o peso, pensou Freddy, está se movendo devagar demais para um antigo piloto de acrobacias. Swede ficaria feliz por verificar que todos os seus três instrutores estavam dando aulas. Se apenas um estivesse por ali, à espera que seu aluno aparecesse, sempre dava a impressão de que os negócios não iam bem.

Ela se adiantou, jovial, os cabelos tão fustigados pelo vento que quase lhe cobriam os olhos. Inclinou-se para a frente e beijou-o no rosto.

— Olá, Freddy — disse ele, estendendo um braço por seus ombros.

— Ninguém por aqui além de você? O lugar parece quieto demais.

— Swede olhou ao redor, observando o aeroporto movimentado e a escola de aviação deserta.

— Não precisa ficar tão desolado por isso, Swede. Todos os meus instrutores estão no ar. Ganhando uma grana. Espere mais um pouco e lhe prometo que verá alguns pousos terríveis de alunos.

— Por acaso não tem um café para oferecer?

— Como se pode dirigir uma escola de aviação sem café? — Freddy refletiu que Swede dava a impressão de precisar de algo mais forte do que café. O homem corpulento e calvo estava tão pálido que ela se sentiu subitamente preocupada. Swede parecia ter envelhecido anos desde a última visita, apenas uma semana antes. Talvez estivesse doente... não exibia a sua expressão jovial habitual.

— Vamos para o meu magnífico escritório e experimente uma das cadeiras novas — disse Freddy, com um floreio, tentando fazer com que ele voltasse a sorrir.

Ela deu a Swede uma caneca grande com o café que fazia constantemente, de forma que sempre havia um bule pronto. Os alunos pediam café, trêmulos, antes de subirem e assim que pousavam, sempre eufóricos depois de uma hora do processo de aprendizado. Entre os estudantes instrutores e Gavin, Freddy calculava que servia mais café do que vendera doces na Van de Kamp. Deveria cobrar. Isso poderia converter a escola numa operação lucrativa, em vez de um negócio precário.

Freddy instalou-se em outra das cadeiras de braços, baratas mas confortáveis, que comprara para tornar o escritório mais acolhedor, fitou afetuosa o homem excepcionalmente silencioso que se ocupava em tomar o café aos goles. Quando a caneca ficou vazia, Swede colocou-a em cima da mesa com todo cuidado como se fosse uma frágil porcelana.

— Escute, Freddy, há uma coisa que preciso conversar com você.

— Ele tirou um lenço do bolso e enxugou a testa, com um suspiro inconsciente — É sobre Mac.

— Não pode esperar, Swede? — disse Freddy, persuasiva, tentando esconder seu sentimento de impaciência.

Ela não estava com ânimo de inventar outra história sobre a devoção filial de Mac no Maine. Swede Castelli pareceu não ter ouvido sua pergunta.

— É sobre Mac — repetiu ele, cansado. — Eu... tenho mantido contato com ele, Freddy.

— Não é possível!

As palavras afloraram da boca de Freddy sem um momento de pensamento.

— Mac me telefonava para casa todas as semanas... desde que foi embora. Ele... precisava saber como você estava... tinha de ter certeza que você ia bem.

— Sabia durante todo o tempo e não me disse nada! — Ela levantou-se de um pulo e postou-se diante dele, com uma expressão irada de acusação e traição.

— Mac me obrigou a prometer que não diria nada. E jurei que não falaria. Não podia enganá-lo, Freddy. Somos velhos amigos... compreende o que isso significa. Ele confiava que eu manteria a promessa, e foi o que fiz, Freddy. Não pense que foi fácil. Detestei fingir que não sabia a verdade... por Deus, Freddy, sentime muito mal por ouvi-la inventar todas aquelas histórias, mas tinha de continuar. Quando me ligava, Mac ficaria frenético se eu não pudesse lhe dizer que você estava bem. Oh, Freddy...

— O que aconteceu? — perguntou Freddy, alarmada, sem saber por que usou essas palavras, parada diante de Swede, ameaçadora.

— Espere um pouco, Freddy, deixe-me contar tudo à minha maneira... Mac, Freddy... Mac... no Canadá.

— ONDE, NO CANADÁ? — Ela iria ao seu encontro. Poderia estar com ele amanhã. Se partisse imediatamente e exigisse o máximo do Rider, estaria com Mac em algumas horas.

— Perto de Ottawa, numa base de treinamento da Força Aérea Canadense — respondeu Swede.

Freddy virou-se e encaminhou-se para a porta. Swede levantou-se e estendeu o braço para detê-la.

— Não, Freddy, não. Escute. Há mais.

— Mais? — repetiu ela, o pânico dominando-a, um tom novo, apreensivo, em sua voz.

— Mac morreu, Freddy — murmurou Swede, desesperado, as lágrimas aflorando aos olhos. —

Houve um acidente... ele caiu, Freddy...

acabou em segundos. Recebi uma carta de seu comandante esta manhã.

Mac não tinha nenhum parente próximo, e por isso dera meu nome, para qualquer emergência. A carta dizia que aconteceu quando ele instruíra um garoto que ficou paralisado nos controles. Pelo menos é o que eles pensam que causou o acidente. Isso ou algum problema com o avião. Ainda não sabem com certeza. O general disse que talvez nunca saibam. O... funeral... foi ontem. Um funeral militar... para os dois.

— Funeral... — repetiu Freddy. — Funeral? Mac! Mac! Meu Mac?

Está mentindo, não é mesmo? Por favor, diga que está mentindo, Swede. Por favor, diga que é mentira. — A voz suplicante tremia, enquanto o choque se convertia em compreensão.

Swede Castelli, meio desajeitado, abraçou-a, como se pudesse assim protegê-la de suas palavras.

— Eu bem que gostaria que fosse mentira, Freddy. Ele era o único irmão que já tive.

— Oh, Swede — balbuciou ela, quase inaudível, em meio aos soluços violentos —, como posso viver se Mac está morto? Como, Swede, como? Por que eu haveria de querer viver?

— Oh, Freddy, sinto muito. Era... lindo ver vocês dois juntos.

— Você não precisava me deixar, Mac, não precisava ir embora.

— Ele tinha certeza que devia, Freddy. Sempre me disse que sabia que fizera a única coisa certa. E ele a amava tanto que isso o deixou desesperado.

Os dois levantaram os olhos ao ouvirem a voz de um dos instrutores de Freddy lá fora, a pergunta respondida por um aluno. Um avião devia ter pousado enquanto conversavam. Freddy apressou-se em trancar a porta do escritório.

— Não seria melhor voltar para sua família, Freddy? — indagou Swede, ansioso, enquanto o choro dela se tornava mais intenso. — Lembra que conheci sua mãe? Seria bom para você ficar com ela.

— Swede... como eu poderia deixar nossa casa? — Em meio à sua dor profunda e aniquiladora, Freddy tentou reagir da melhor forma possível aos esforços dele para confortá-la. — Não conhece nossa casa... uma casinha tão aconchegante... como eu poderia deixá-la?

É tudo o que me resta de Mac.

— Eu compreendo. Mas quando estiver pronta... promete que pensará a respeito?

— Quando eu estiver pronta? Nunca estarei pronta, Swede, nunca, nunca, pelo resto de minha vida.

— Por favor, Freddy, tem de me deixar fazer alguma coisa para ajudá-la.

— Poderia... ir lá em casa amanhã de noite e contar tudo o que Mac lhe disse? Tudo o que aconteceu com ele no Canadá? Pode ir e me dizer de novo... o quanto ele me amava?

Naquela noite, depois que escureceu, Freddy voltou ao hangar em que eram guardados os velhos aviões. Um a um, rolou os aviões frágeis e magníficos, tão amados, para fora, até um espaço aberto, gramado, ao lado da pista. Cada um ainda podia ser voado, cada um podia carregar um homem — ou uma mulher — para o horizonte azul.

Depois que estavam todos agrupados, bem juntos, Freddy meio que empurrou e meio que empilhou os mais leves sobre os mais pesados.

Depois, pegou um latão de gasolina e despejou sobre e em volta do avião. Contornou-os lentamente, acariciando as asas e longarinas, as fuselagens, pela última vez, deu um giro final em cada hélice, disse em voz alta os nomes lendários, os nomes que Mac adorava pronunciar. Não havia um avião em que ele não empenhara centenas de horas de trabalho para levá-lo de volta à glória original.

Finalmente, relutante mas determinada, Freddy riscou um fósforo e encostou a chama na beira do avião mais próximo. Quando a fogueira estava no auge, quando a nobre esquadrilha fantasma quase decolara ao seu encontro, ela disse apenas três palavras, antes de se afastar:

— Bom vôo, Mac.

— Você dá nomes às suas frieiras, Jane, ou prefere numerá-las?

— perguntou Freddy à sua colega de quarto, enquanto saíam relutantes de baixo das cobertas geladas para um quarto ainda mais gelado, no início da manhã de 6 de janeiro de 1941.

Ela foi abrir uma fresta nas cortinas, espiou o amanhecer britânico escuro e gelado, apressou-se em fechá-las de novo.

— Ora, nomes, carinhos... nomes de homens, mas só daqueles que me passaram uma cantada, é claro.

— A honorável Jane Longbridge bocejou, conseguindo parecer animada enquanto cambaleava para o lavatório. — Números seria muito deprimente. Alguém quer mesmo saber quantas tem?

— Mas você nunca se queixou — protestou Freddy, ainda sonolenta, meio indignada.

As frieiras, inflamações dolorosas, vermelhas, quentes ao contato, cocando e latejando, causadas pelo frio, assumiam uma forma intermediária entre um calo e uma verruga. Cresciam e floresciaam nos dedos dos pés e mãos no inverno, apesar dos vários pares de meias de lã que se punha sob as botas ou das luvas forradas que se usava para sair.

— Costumava me queixar na escola. E com a maior veemência, mas nunca adiantou. A diretora só cuidava delas quando ficavam ulceradas. Era horrível, mas pelo menos me proporcionava uma desculpa para passar algumas semanas afastada dos jogos. Quase que valia a pena. Eu detestava os jogos.

Jane, de cabelos castanhos, lavou o rosto apressada, escovou os dentes com vigor, contemplou-se no espelho com uma expressão de aprovação, admirando-se por um instante, como fazia imperturbável todas as manhãs, os cabelos lisos, os dentes retos e o nariz afilado se combinando com os enormes olhos castanhos, maliciosamente francos, e o sorriso insinuante, provocado com a maior facilidade, para convertê-la numa das jovens mais bonitas, como muitas vezes comentava, de maneira complacente mas correta, de toda a região.

— É terrivelmente dickensiano — comentou Freddy, enquanto ocupava o lavatório.

— As frieiras?

— Mandar crianças para escolas em que podem pegá-las. De que serve ser filha de um barão? Não contava à sua mãe?

— Não me dei ao trabalho. Perda de tempo. A mãe era entusiasta dos jogos. Suas frieiras provavelmente eram motivos de orgulho. — Jane cerrou os dentes e tirou os grossos pijamas, um de cada vez, apressou-se em vestir um precioso conjunto de roupas de baixo de lã, anterior à guerra.

Freddy dormia também com pijamas de lã, além de um volumoso casaco de forro felpudo, a única maneira de alcançar uma temperatura do corpo próxima do conforto, no quarto virtualmente sem aquecimento do alojamento, que partilhava com Jane. Era um dos piores invernos da história. Durante o último mês, até mesmo a força aérea alemã fora obrigada a suspender a blitz. O maciço bombardeio noturno que começara depois do fracasso da Luftwaffe em liquidar a RAF na Batalha da Inglaterra, no verão anterior, fora temporariamente interrompido pelo tempo impenetrável sobre a Inglaterra.

Freddy estava na Inglaterra há quase um ano e meio, desde o final de junho de 1939, quando encerrara sua vida na Califórnia. Com a morte de Mac, não havia mais qualquer motivo para que mantivesse aberta a escola de aviação. Ao se perguntar o que pretendia fazer, apenas uma resposta lhe parecera possível: encontrar um meio de se juntar à causa pela qual Mac morrera. Os Estados Unidos mantinham-se neutros, e de qualquer forma não havia lugar para uma aviadora em suas forças. Mas havia a Guarda Aérea Civil da Inglaterra, com seus quatro mil novos recrutas, que queriam aprender a voar.

Mac deixara tudo o que possuía para Freddy, num testamento em poder de Swede Castelli. Ela

vendera a casa e todos os aviões de treinamento da escola, inclusive o seu amado Rider branco. Antes de partir para a Inglaterra como voluntária, despedira-se de Eve e Paul, finalmente fazendo as pazes com o pai. Fora imediatamente aceita como instrutora no programa de treinamento de pilotos.

Três meses depois, a 1º de setembro de 1939, Hitler invadira a Polônia, e dois dias depois a Inglaterra e a França, levadas além dos limites que demoraram tantos anos para traçar, declararam guerra à Alemanha.

A 1º de janeiro de 1940, um pequeno grupo de aviadoras muito experientes que eram, como Freddy, instrutoras na Guarda Aérea Civil, fora cuidadosamente escolhido para assinar contrato com o Transporte Aéreo Auxiliar. O ATA era antes uma organização exclusivamente masculina, responsável pelo transporte de aviões por toda a Grã-Bretanha para a RAF, voando-os das fábricas em que eram construídos para as bases em que eram tão desesperadamente necessários.

Agora, um ano depois, o número de mulheres no ATA estava aumentando, permitindo que mais e mais homens se devotassem ao combate aéreo. As mulheres haviam demonstrado que podiam voar nas mesmas condições extremamente rigorosas e hostis dos homens: trabalhando treze dias consecutivos antes de receberem dois de folga; decolando e entregando aviões com um tempo tão perigoso que os caças não se arriscavam a alçar vôo; pilotando sem rádio ou qualquer instrumento de navegação além da bússola; esquivando-se, contornando e desviando-se por cima de campos cobertos por dezenas de milhares de balões de barragem, cujos cabos de aço eram armadilhas para qualquer avião, amigo ou hostil. Sobre a ilha que era a Grã-Bretanha, o tempo totalmente imprevisível podia mudar de um momento para outro, assumindo condições em que um piloto se descobria perdido em poucos segundos; a paisagem era pontilhada por bases da RAF, protegidas por baterias antiaéreas que atiravam primeiro e faziam perguntas depois, pois o país se encontrava numa guerra em que o inimigo estava tão próximo que um piloto do ATA prestes a pousar nunca ficava surpreso ao deparar com Messerschmitts mergulhando sobre a pista para a qual seguia.

No inverno, o sol se levantava por volta das nove horas e se punha às cinco, já que a Inglaterra manteve o "horário de verão", um nome muito otimista, designado a poupar energia, pelo ano inteiro, durante a guerra. Ainda era escuro lá fora quando Freddy e Jane chegaram à base em Hatfield, no MG todo amassado com que Jane outrora aterrorizava a região. Hoje era um aniversário, pois fazia um ano que as mulheres haviam começado a transportar aviões para a RAF. Pauline Gower, a comandante, organizara uma festa de comemoração para aquela noite.

O dia anterior fora terrível — gelado, com neve caindo, nevoeiro, muita chuva, nublado, "tudo o que se pode imaginar", comentara Jane, jovial — e todos os vôos em Hatfield foram cancelados pouco depois de meio-dia. Freddy e Jane passaram a tarde em seu alojamento, tomando chá, cochilando e deleitando-se com aquele lazer raro e inesperado. Não obstante, em outras bases, algumas aviadoras tomaram a decisão de decolar, entre as quais Amy Johnson — agora divorciada de Jim Mollison —, que ingressara no ATA pouco depois de Freddy. A aviadora de fama mundial, heroína de Freddy por tantos anos, deixara Blackpool, no litoral do Lancashire, levando um bimotor de treinamento Oxford, o mesmo aparelho que Freddy e Jane pilotavam com mais frequência. Seu destino não era muito distante, Kidlington, uma base da força aérea perto do litoral de Somerset.

Freddy e Jane seguiram apressadas do MG para o calor relativo da sala de operações, onde pegaram as ordens das escalas de vôos daquele dia, dependendo das condições do tempo. Foram para o rancho, um barracão de madeira que era a fonte de chá, café e conversa interminável, com uma prancha de dardos, uma mesa de bilhar e exemplares dos jornais diários. Algumas aviadoras até levavam tabuleiros de xadrez e gamão para o rancho, e se falava de uma escola de bridge no alojamento da comandante, uma escola que Freddy e Jane haviam decidido que não freqüentariam. O jogo preferido de Jane era o de dardos; o de Freddy era jogar cartas no quepe, que ela alegava que exigia mais coordenação e habilidade do que qualquer outro. Na verdade, quando estava de serviço, ela ficava tensa demais para se concentrar

em qualquer jogo mais complexo.

— Ei, temos encrenca! — disse Jane, no instante em que entraram no rancho.

As aviadoras estavam agrupadas, o café esquecido, falando em voz baixa, expressões chocadas.

— O que aconteceu? — perguntou Freddy a Helen Jones.

— Amy Johnson caiu ontem no estuário do Tâmisia.

— Oh, Deus... não! — exclamou Freddy.

— Ela estava muito atrasada ao final da tarde — relatou Helen, Deve ter ficado sem combustível e perdeu-se por cima das nuvens, pois se encontrava a 150 quilômetros de Kidlington. É oficial agora... recuperaram sua bolsa de vôo. Saltou de pára-quadras por cima da capa de nuvens e caiu na água. Foi quase salva... uma traineira em serviço de comboio viu o Oxford afundar e tentou recolhê-la, mas ela desapareceu sob a proa.

Freddy afastou-se abruptamente das outras e foi postar-se junto de uma janela. Olhou para fora, sem ver coisa alguma, em profundo estado de choque. Amy Johnson, que sobrevivera a tempestades de areia, monções e dezenas de pousos forçados, ao se tornar a primeira mulher a voar solo para a Austrália, a temerária por quem milhões de pessoas haviam cantado "Amy, Wonderful Amy", a incrivelmente corajosa Amy, cuja resistência não tivera limites ao estabelecer um recorde em avião leve no percurso de Londres a Tóquio, a arrojada Amy que quebrara um recorde no vôo solo de ida e volta entre Paris e Cidade do Cabo vestindo um costume de Schiaparelli e um casaco combinando... era impossível que Amy Johnson, a sua Amy, a mais experiente aviadora da Inglaterra, fosse a primeira delas a morrer.

— Eu compreendo, Freddy — murmurou Jane, passando o braço por seus ombros.

— Quando eu tinha nove anos, ela voou até a Austrália num pequeno Moth; agora estou quase com 21 e Amy morre ao tentar levar um bimotor sólido de Blackpool a Kidlington. Ela estava com apenas 38 anos. Não dá para acreditar. Como pode ter acontecido?

— Talvez nunca saibamos. Vamos, Freddy, vamos jogar cartas no seu quepe. Quem vencer paga o jantar.

— Se ela não estivesse sobre a água... se não estivesse tão gelado...

— Nada de ses, menina. Cobia a Amy decidir se era seguro decolar ontem. Ela poderia ter ficado em Blackpool. Todas nós temos a opção em cada momento que voamos. Podemos pousar sempre que a situação parecer difícil e permanecer no solo até melhorar. Você sabe disso, e ela sabia também. Tomou a decisão de voar ontem. Quase todo mundo achou melhor ficar em terra. A rota é bem para o interior, nós duas já a voamos dezenas de vezes. Amy foi para cima das nuvens, Freddy, acabou se perdendo. Se não fosse assim, não estaria sobre a água. Não deveríamos subir acima das nuvens... nunca.

Foi uma questão de caráter tanto quanto do tempo, meu bem.

— Caráter... — repetiu Freddy, pensativa.

— Cada uma de nós não voa de acordo com seu caráter específico?

Freddy correu os olhos pelas muitas mulheres na sala, fixando-se por um instante em Winifred Crossley, que também fizera acrobacias aéreas; Rosemary Rees, que fora bailarina, além de exploradora de novas rotas aéreas; Gabrielle Patterson, esposa e mãe, instrutora de vôo desde 1935; Joan Hughes, que começara a voar aos quinze anos e não era mais velha do que ela e Jane; Margie Fairweather, filha de Lorde Runciman, cujo irmão era diretor-geral da BOAC e cujo marido também era um piloto do ATA. Formavam a mais esplêndida e honrosa companhia de aviadoras que se podia encontrar em qualquer lugar do mundo; e era verdade, cada uma voava de acordo com seu caráter, cada uma encarava uma nova decolagem com uma combinação diferente de coragem e cautela, de competitividade e apego às regras, de precisão e risco. Qual delas decolaria ontem de Blackpool? Possivelmente nenhuma... ou uma... ou até mesmo duas. Era impossível determinar, impossível até mesmo adivinhar. Ela virou-se para Jane.

— Estou começando a entender por que você foi líder em sua horrível escola, mesmo detestando jogos.

— Vamos jogar as cartas ou prefere continuar me adulando?

— Vamos jogar. Pela aparência desse suposto nascer do sol, talvez não tornemos a voar hoje. Já lhe falei sobre o nascer do sol na Califórnia? Temos um todos os dias, acredite ou não, até mesmo no inverno. Sabia que a Inglaterra está na mesma latitude do Labrador? Um lugar estranho para se viver.

— Mais uma palavra e arrumo outra colega de quarto.

A festa de aniversário do ATA naquela noite foi cancelada. Freddy, Jane e umas poucas outras reuniram-se no pub de Hatfield, tomaram um drinque em memória de Amy Johnson e depois voltaram para os alojamentos, pelas ruas geladas e escuras da cidadezinha em blecaute.

Nos dias 9 e 10 de janeiro de 1941, Freddy e Jane tiveram uma folga. Pela primeira vez desde que se conheciam, Freddy pôde aceitar o convite permanente de Jane para visitar sua família, no solar no Kent. Longbridge Grange era o lar do pai de Jane, Lorde Gerald Henry Wilmot, o 14º Barão Longbridge, e da mãe de Jane, *Lady Penelope Juliet Longbridge*, nascida uma Fortescue.

Sob os enormes sobretudos em azul-marinho, elas usavam uniformes bem cortados e austeros, de aparência masculina: calça azul-marinho e túnica também azul-marinho, com dois bolsinhos abotoados no peito e dois bolsos grandes abotoados por baixo do cinto com fivela de latão. Por cima do bolsinho direito havia um par de asas de ouro com dez centímetros de largura, costurado na túnica. Nos ombros havia dois galões dourados de segundo-tenente, um largo, outro fino. No braço de Freddy havia uma insígnia vermelha, azul e branca, que a identificava como uma americana. Por baixo das túnicas, ambas usavam camisas azuis da RAF e gravatas pretas de homem.

Por causa do frio, haviam resolvido usar a calça comprida e as botas de vôlei, que em termos rigorosos nunca deveriam ser usados fora dos aeródromos. Levavam as saias azuis-marinhos, os sapatos e meias pretos que eram o traje oficial para todas as ocasiões em que não estivessem voando. O casquete azul-marinho estava inclinado sobre a testa.

Conseguiram pegar uma carona num Anson, um dos aparelhos indispensáveis na operação do ATA, funcionando como táxi aéreo, levando os pilotos para buscar os aviões que transportariam e depois, concluída a missão, trazendo-os de volta à base. Tanto Freddy como Jane de vez em quando pilotavam um Anson, que era bastante grande para conduzir quinze pilotos com seus pára-quadras apinhados lá dentro. A perda de um único Anson seria uma catástrofe, e por isso a missão de voá-lo só era entregue aos pilotos mais confiáveis.

Depois de uma curta viagem, elas desembarcaram num aeroporto em Kent, onde a mãe de Jane as esperava, tendo economizado nas rações de gasolina para a visita há muito planejada. *Lady Penelope* abraçou a filha e estendeu a mão para apertar a de Freddy, mas mudou de idéia e abraçou-a também.

— Estou contente que esteja aqui, minha cara. Jane falou muito sobre você em suas cartas. Acho que finalmente ela encontrou uma boa influência.

Era uma mulher bonita, cabelos castanhos avermelhados, contemplando discretamente a filha, com uma expressão de orgulho, enquanto falava.

— Na verdade, Jane é que é uma boa influência sobre mim — comentou Freddy, rindo.

— Isso é bobagem. Impossível. Conhecemos a nossa Jane. Ela é irrecuperável... mas pode ser muito doce de vez em quando. E agora entrem no carro antes que fiquem congeladas. Não devemos chegar atrasadas para o almoço.

Ela guiou com rapidez e eficiência, apontando os muitos lugares em que haviam caído bombas, nos campos agora cobertos de neve, durante o auge da blitz.

— Tenho certeza que não estavam na verdade mirando em nós... afinal, não somos perigosos... mas a casa fica quase que diretamente sob o percurso entre Londres e os portos do canal. Uma coisa horrível... uma das bombas derrubou todo o reboco da sala de estar... A quadra de tênis já havia sido destruída por aquela bomba incendiária no outono passado, e ainda há aquela incômoda bomba que não explodiu na

estrada para a aldeia. Espero que alguém se lembre de vir desarmá-la quando a neve derreter. Um absurdo. Contudo, a confusão sempre me faz lembrar que devo manter a casa em blecaute absoluto todas as noites.

— Quem é a pessoa encarregada, mamãe? — perguntou Jane.

— Ora, Jane, isso é pergunta que se faça? Claro que sou eu! Não poderia contar com mais ninguém, não é mesmo? Seu pobre pai não consegue ver no escuro, por mais que tente, embora Small, o novo jardineiro... deve ter pelo menos 75 anos, nem um dia a menos...

seja bastante esperto. Aproveita o tempo de folga fazendo coquetéis-molotov, para o caso de uma invasão. Já lhe disse que a ameaça de invasão acabou... não é mesmo, Jane?... mas ele é surdo demais para prestar atenção. — Ela olhou para Freddy. — Jane nos informou em carta que seus pais estão em Londres, minha cara. Estão passando por coisas terríveis?

— Não muito, até agora. Inconvenientes e um pouco assustadoras, mas nada pior do que isso. Fui visitá-los em Londres na última vez em que tive uma licença. Uma casa fora bombardeada no final da rua em que moram, mas estavam bem afora isso.

— Seu pai veio se juntar ao General de Gaulle, pelo que sei.

— Ele deixou Los Angeles assim que De Gaulle fez seu discurso pelo rádio de Londres e veio se juntar à França Livre aqui. Está trabalhando com Gustave Moutet e alguns jornalistas que fundaram um jornal diário chamado France. Minha mãe trabalha como motorista de ambulância.

— Bom para ela — disse *Lady Penelope*, tomando cuidado para não pedir notícias de Delphine, pois Jane escrevera que ninguém sabia direito o que acontecera com ela desde a ocupação de Paris. O carro passou por uma pequena aldeia e diminuiu a velocidade ao se aproximar de um portão grande. — Aqui estamos. Sejam bem-vindas, minhas caras.

Lady Penelope seguiu por um caminho longo, margeado por carvalhos, parou na frente de uma casa que parecia ter aflorado da neve, numa ótima combinação com as árvores desfolhadas mas de atraentes formatos e com as sebes e teixos ainda com as folhas que a cercavam. Tinha uma estrutura de madeira, com grossas paredes de vigas de carvalho e tijolos cremosos, materiais encontrados na região, com seu solo gredoso e colinas cobertas de bosques. Ninguém jamais conseguira contar os vários níveis do telhado de Longbridge Grange, nem os diferentes estilos de frontões de telhas e alvenaria e a multidão de chaminés. As muitas e assimétricas janelas tinham fileiras de pequenos painéis de vidro, a maioria tão antiga que apresentava uma tonalidade lavanda. Na última vez em que *Lady Penelope* mandara remover algum reboco, na menor das despensas, os trabalhadores haviam encontrado duas moedas cunhadas em 1460. O tempo fora rigorosamente seletivo com *The Grange*, nada preservando que não fosse indescritivelmente agradável à vista.

Longbridge Grange tinha cinco alas, todas construídas em períodos diferentes e refletindo os sucessos da família. Apesar do tamanho, nada no prédio maravilhosamente irregular sugeria o formalismo clássico de um solar pomposo. Sempre fora o centro de um grande e próspero grupo de fazendas de propriedade dos Longbridges, possuindo uma moenda de sidra, um enorme estábulo, um galpão de carruagens, um pombal e inúmeros celeiros e anexos. Ao entrar em *The Grange*, Freddy experimentou a sensação de que se encontrava numa floresta fragrante e acolhedora. Galhos de pinheiro enfeitavam cada vão de porta e os consolos das muitas lareiras, o azevinho de Natal ainda estava pendurado no vestíbulo. Cachorros latiam e pulavam por toda parte, em boas-vindas.

Jane Longbridge era a segunda de sete filhos. Os dois irmãos mais jovens estavam na escola, mas as três meninas menores — gêmeas de nove anos e a caçula da família, que tinha sete — ainda estudavam na escola da aldeia próxima e se encontravam em casa.

Não haviam ido à escola naquele dia em homenagem à chegada de Freddy e Jane, e timidamente apertaram a mão de Freddy, antes de pularem em cima de Jane, quase derrubando-a.

— Vamos todo mundo, o almoço será na cozinha — disse *Lady Penelope*, olhando para a prole e os

cachorros a pularem, como se não pudesse imaginar por que estavam ali.

— Na cozinha, mamãe? — indagou Jane, surpresa.

— É o cômodo mais aquecido, querida. Fechei a maior parte da casa e deixei entregue ao mofo. Quando ganharmos a guerra, teremos o maior trabalho para limpar tudo, mas só vou me preocupar com isso quando chegar a ocasião.

Jane e Freddy brincaram com as meninas durante a maior parte da tarde, deleitando-se com suas atenções docemente respeitadas.

Freddy acabou indo para seu quarto, a fim de tirar um cochilo antes do jantar, tomando o cuidado de fechar as cortinas de blecaute. Dormiu profundamente por uma hora, pensando agradecida, enquanto resvalava para o sono, que se sentia quase feliz, se não totalmente, desde que chegara. *The Grange*. Cinco horas inteiras de conforto... ou seriam cinco horas e meia?

Uma batida à porta despertou-a. Jane entrou, usando um roupão, meias grossas e chinelas.

— Preparei um banho para você — informou ela, num sussurro de conspiração.

— Um banho?

— Um banho quente. Um banho de verdade. Do tipo que se tomava antes da guerra. Rigorosamente ilegal. Conto com você para não contar nada a ninguém. Deve permanecer um segredo, só entre nós.

— Está querendo dizer...

— Tem mais de dez centímetros de água na banheira — anunciou Jane, solenemente.

— Oh, Jane, como pôde fazer isso? Sabe que não deveria. É contra todos os regulamentos.

— Não faça perguntas bobas. Basta me acompanhar. Em silêncio...

todos estão ocupados em outras partes da casa. Não quero ouvir nem mais um pio de você.

Ela levou um dedo aos lábios, entregou um roupão a Freddy e seguiu na frente pelo corredor, até a porta de um banheiro grande, em que uma vasta banheira vitoriana, montada sobre patas de leão de bronze, ocupava o lugar de honra. Freddy aproximou-se da banheira na ponta dos pés, deu uma espiada e ficou aturdida. Devia haver uns quarenta centímetros de água fumegando na banheira. Não via uma banheira com tanta água desde que a guerra fora declarada.

No alojamento, ela e Jane conseguiam apenas, da senhoria sempre se queixando, apenas um banho morno por semana, com os dez centímetros regulamentares. Afora isso, a limpeza era apenas no lavatório no quarto. Ali estava uma riqueza incalculável!

Freddy despiu-se e entrou na banheira, descobrindo que a água subia um pouco acima da cintura. Pegou o sabonete que Jane lhe estendeu, ensabou os cabelos e enxaguou meticulosamente, antes de começar a esfregar o corpo com uma enorme esponja, que se encontrava numa cadeira ao lado da banheira.

— Oh, Deus, como é bom, muito bom! Ficarei aqui dentro até esfriar. Até a água congelar. Nada conseguirá me arrancar!

— A água está esfriando, menina? — perguntou Jane, ansiosa.

— Bom... para dizer a verdade... está, sim. Mas só um pouco.

Não, Jane, não abra a torneira. Não é justo com os outros. Já me sinto terrivelmente culpada por isto. Como poderei encarar sua mãe? — Os cabelos molhados escorriam de um rosto inundado de satisfação. O corpo estava rosado de tanto esfregar.

— Não diga bobagem. Mamãe ainda tem montanhas de lenha. — Abruptamente, Jane foi até a porta do banheiro e abriu-a.

— FELIZ ANIVERSÁRIO! — entoou um coro de vozes.

As três irmãs pequenas de Jane entraram, cada uma carregando uma chaleira fumegante com água quente. Foram seguidas por *Lady Penelope*, sorrindo, segurando uma enorme chaleira, também fumegante. Cercaram a banheira e, lideradas por Jane, cantaram "Parabéns pra você", enquanto cerimoniosamente despejavam mais água quente.

Ao final do último verso, uma voz de homem aderiu ao canto.

— Levante, levante e mostre seu rosto! — bradou o homem.

As cinco mulheres Longbridges largaram as chaleiras ruidosamente e gritaram "Tony!", esquecendo-se da hóspede, enquanto envolviam o irmão mais velho.

Encolhendo-se na água, Freddy ficou observando a cena, sacudida por risadinhas. Jane teria planejado aquilo também? Poderia qualquer coisa tão típica de Jane ser um acaso?

— Tony, venha até aqui e dê um alô — ordenou Jane. — Segundo-Tenente Marie-Frédérique de Lancel, permita que eu lhe apresente meu irmão, líder de esquadrilha, o honorável Antony Wilmot Alistair Longbridge. Freddy, Tony.

— Tem certeza? — perguntou Freddy à amiga, desconfiada, os braços cruzados sobre os seios.

— Claro — respondeu Jane. — Lembro-me dele nitidamente.

— Boa noite, líder de esquadrilha Longbridge.

Freddy conseguiu acenar com a cabeça graciosamente, mesmo sem levantá-la.

— Boa noite, segundo-tenente. Vejo que está sem uniforme.

— Estou de licença, senhor.

— É o que todo mundo sempre diz.

— Posso lhe garantir, senhor, que é verdade.

— Tem condições de provar?

— Não.

— Então terei de aceitar sua palavra.

— Obrigada, alteza.

— Não precisa ir tão longe. Um simples "senhor" já serve. À vontade.

— Antony, saia do banheiro imediatamente! — interveio *Lady Penelope*. — Deixe Freddy acabar o banho em paz.

— Mas é o aniversário dela, mamãe. Não acha que ela quer companhia. Ficarei sentado aqui, conversando. Jane, pode se retirar.

Crianças, vão buscar mais água quente para a nossa oficial.

— Antony, você está esgotando a minha paciência — disse a mãe, em tom de advertência.

— Está bem, está bem, minha velha mãe, já que insiste — murmurou ele relutante, sem se afastar da beira da banheira. — Sabe que estamos numa guerra, não é mesmo? Os antigos padrões devem dar lugar aos novos e todo o resto... Ora, mamãe, não precisa me beliscar! Já estou saindo.

Murmurando o que parecia ser encantamentos druidas, Jane vasculhou seu armário, examinando os vestidos a rigor anteriores à guerra.

— Não sabia que as pessoas ainda se vestiam a rigor para o jantar — comentou Freddy, observando.

— Pensou que teria permissão para comemorar seu jantar de aniversário de uniforme?

— Desde o meu banho público que não sei mais o que pensar... ou o que esperar. — Freddy escovou os cabelos, tentando assentá-los, mas, por causa do ar frio, pareciam ter mais vontade própria do que o habitual; embora o mantivesse cortado no comprimento padronizado do ATA, a fim de não cobrir a gola do uniforme, podia ouvi-lo crepitar e sentir as descargas vigorosas que lhe faziam cócegas nas mãos.

— É muita sorte que Tony tenha aparecido — disse Jane, com um sorriso. — Acho que ele gostou de você.

— Espero que ele não tenha podido me ver direito com todo aquele vapor. Não tive coragem de olhar para ele.

— Todas as americanas são tão pudicas assim?

— Todos os ingleses são tão confiados assim?

— Tony? Ele é absolutamente inofensivo — respondeu Jane, olhando para trás, com o ar ponderado

de uma irmã mais moça avaliando o irmão de 25 anos. — Ele não entrou na banheira com você, não é mesmo? Isso é que poderia ser um gesto confiado, impudente, até mesmo grosseiro... podia até indicar ausência fundamental de boas maneiras. Ele queria apenas fazer uma nova amizade. Nosso Tony é um camarada gregário, de bom coração, o chamado sal da terra. Não lhe dará problemas, menina. A menos que você esteja à procura...

ou seja um piloto alemão voando lá em cima num Messerschmitt ou um Junkers 88, caso em que estará metida numa encrenca das maiores.

Ah, aqui está! Já começava a me perguntar onde o guardara. — Jane adiantou-se com um cabide em que estava pendurado um vestido prateado, sem alças, que estilhaçava a luz no quarto em flechas de intensa claridade. A saia era tão larga que podia dançar uma valsa sozinha. A cintura era marcada por uma faixa de veludo preto, com um laço num lado, de onde saíam fitas de veludo que quase encostavam no chão. Em outro cabide havia uma estola de veludo preto, na forma de um enorme laço, margeada com prateado. — Acho que é bastante festivo — comentou Jane, estendendo os cabides. — E se sentir frio, pode pôr a estola. Experimente para ver se cabe.

— Vai caber! Vai caber! Nada me impedirá de usar este vestido!

— Freddy estava ofegante, com uma satisfação quase incomunicável.

Tudo o que acontecera desde que entrara em Longbridge Grange parecia um piquenique na relva, improvisado, no impulso do momento, gloriosamente impróprio para a realidade da Inglaterra em guerra.

Sentia-se inebriada, indecentemente excitada, inadmissivelmente satisfeita consigo mesma. Até mesmo as frieiras não doíam mais.

— Sapatos! — exclamou Jane, batendo com a mão na testa e correndo para o armário e voltando com sapatos prateados e um punhado de roupas de baixo de *chiffon*. — O que mais esqueci?

— Não há tiara?

— Não é absolutamente necessário para um jantar. Mas... mas...

— Eu estava brincando.

— De qualquer forma, está tudo guardado no cofre. Não há tiaras até o final da guerra. Mas é uma pena... É melhor nos vestirmos.

Papai já deve ter chegado em casa a esta altura, e pode resmungar se não tomar seu drinque antes do jantar. Grite se precisar de alguma ajuda. Caso contrário, lá em baixo dentro de meia hora?

— Claro. Obrigada por me arrumar o vestido, Jane.

— Fui pedida em casamento cinco vezes com esse vestido... um vestido de sorte... mas não para eles, é claro, os pobres coitados. Até que sinto pena deles.

— Azar deles — disse Freddy, girando e girando, observando a saia do vestido enfundar. — Foda todos eles, Jane.

— Foi o que fiz, menina, foi o que fiz.

Enquanto Freddy terminava de vestir os trajes desconhecidos, aplicar o batom e efetuar uma última tentativa inútil de domar os lustrosos cabelos vermelhos, que insistiam em se manter numa desordem gloriosa, os Longbridges adultos haviam acabado de se reunir na biblioteca, diante da lareira acesa, todos falando depressa e, ao que parecia, simultaneamente, com Lorde Gerald, armado com uma coqueteleira de prata, começando a preparar os martínis.

Freddy hesitou antes de passar pela porta, sem ser vista, sentindo uma confusa combinação de emoções. Eles formavam uma família, ela era uma estranha, mas fora muito bem acolhida naquele dia, como nunca fora acolhida por qualquer outro grupo de estranhos.

Sentia que conhecia Jane melhor do que jamais conhecera a própria irmã, mas ainda não conhecia o pai, e apenas vislumbrara Tony como uma figura impressionante num uniforme da RAF. Sentia-se inegavelmente tímida — uma emoção que há anos não experimentava — mas não podia ficar inibida, não naquele vestido tão sublime e dramático, que se ajustara com perfeição, como já sabia antes que

aconteceria. Era o seu 21º aniversário. Era a convidada de honra. E, por Deus, todos a esperavam.

Esse pensamento — o pai de Jane sacudia o gim e vermute, e pelo som ela podia dizer que estaria pronto para servir dentro de um instante — levou-a a entrar na sala num passo comprido e elástico.

E logo parou, a inibição tornando a prevalecer, porque as quatro pessoas ali pararam de falar e se viraram para contemplá-la. Houve um momento de silêncio total e aturdido que Freddy não compreendeu ser um supremo tributo à sua beleza; depois, Lorde Gerald Longbridge largou a coqueteleira e adiantou-se.

— Feliz aniversário, Srta. de Lancel. — Ele pegou as mãos de Freddy e fitou, surpreso, o azul esplendoroso de seus olhos indomáveis. — Meu filho me diz que perdi o ponto alto do dia, talvez do ano. Acho que é uma injustiça. Não sei como poderá cair nas minhas boas graças depois de um tratamento tão perverso. Suponho que terei de abrir uma exceção para você... ou, melhor ainda, pode repetir a performance amanhã, mas me dando um aviso antecipado, a fim de eu não ficar de fora outra vez. Por acaso gosta de martíni?

— Gosto, sim, Lorde Gerald. E pode me chamar de Freddy? — Ela riu, a inibição banida por aquele homem encantador, bonito, cabelos grisalhos, cujos olhos eram tão maliciosos quanto os de Jane.

— Então é Freddy. — Ele ofereceu-lhe o braço. — E agora vamos para junto do fogo. Preciso servir os drinques antes que fiquem aguados. — Lorde Gerald conduziu-a pela sala enorme, um pouco escura, teto alto, até o lado de Jane, sem nada de pudica num magnífico vestido de cetim vermelho, e *Lady Penelope*, suntuosa num vestido de veludo marrom e renda marfim. Tony recuara, apressado e sem ser percebido pelas mulheres, para junto da árvore de Natal ornamentada com prateado no canto, fingiu ajeitar uma fieira de pequenas lâmpadas, a fim de poder observar Freddy antes que ela o cumprimentasse.

A partir do momento em que ela entrara na sala, Tony tivera a impressão de que Freddy andava dentro de um nimbo de luz. Havia alguma coisa quase celestial em seu aparecimento súbito, silencioso e prateado na porta, alguma coisa o levava a pensar no primeiro vislumbre, sempre surpreendente, sempre de certa forma perigosa, sempre pungente, da estrela vespertina. Poderia ser a mesma moça jovial e risonha, como uma foca, que encontrara na piscina? A metamorfose era tão fácil? Ela se transformaria numa clareira de árvores floridas antes do jantar terminar?

— Tony, dê-me uma ajuda — pediu o pai. — Pode levar um martíni para Freddy?

Ao levar o copo gelado para a lareira, o líder de esquadrilha Antony Longbridge quase tropeçou num tapete que estava no mesmo lugar por cinco gerações antes do seu nascimento. Freddy levantou os olhos.

— Boa noite outra vez, líder de esquadrilha — disse ela. — Está sem o uniforme.

— Ah, isto... — Ele olhou para o seu smoking. — Pensei... bom, uma ocasião especial... minha túnica precisava ser passada... e isto parecia... ahn... mais confortável... afinal, em casa... de licença...

— Eles sempre conseguem arrumar uma desculpa, não é mesmo, Jane? — murmurou Freddy, sacudindo a cabeça, zombeteira.

— Chocante. Não há moral entre esses oficiais da RAF. Vestem-se como bodes. Pensam que se vestir direito é coisa para os outros.

Provavelmente ele nem mesmo fez a barba antes do jantar.

Freddy teve de se controlar para não levantar a mão e verificar. Saber que Tony só podia ser inglês mesmo que o visse apenas por uma fração de segundo em Sumatra ou Antártida, pensou ela, enquanto pegava o drinque. Possuía aquela estrutura óssea inconfundível, harmoniosa, os contornos previsíveis dos ossos, um rosto comprido, afilado, com uma determinação que não permitia neutralidade das feições. A testa era alta e os cabelos castanhos, repartidos do lado, penteados para trás, com uma ligeira ondulação. Os olhos eram de um azul pálido, sob sobrancelhas claras, o nariz tão pontudo e definido quanto o de um cruzado, a boca larga, firme e fina, as faces achatadas e avermelhadas, as orelhas grandes e quase grudadas na cabeça. Não havia nada de relaxado, nada de frívolo, na cabeça imponente. Tony

tinha os ossos grandes, mas parecia, por causa da altura, quase esguio. Exibia o hábito de autoridade e a presença de comando. Um típico britânico, concluiu Freddy, sorrindo-lhe como não sorrira para nenhum outro homem em quase três anos.

— Consegui fazer a barba — disse Tony, ignorando a irmã —, embora a água não estivesse tão quente quanto deveria.

— Aceito sua palavra por isso — respondeu Freddy, jovialmente.

Inspirada pelo movimento coquete mais calculista de sua vida, ela virou-se para perguntar a *Lady Penelope* sobre a proveniência de sua renda.

O jantar, numa sala aquecida por suas enormes lareiras, foi servido por uma mulher idosa, ajudada por um garoto de quatorze anos, ambos residentes da aldeia próxima e ainda disponíveis para ajudar a cozinheira em ocasiões especiais. Aquele insólito sortimento de serviço doméstico foi o único lembrete, durante a refeição alegre e descontraída, de que a Inglaterra estava em guerra. Todos à mesa abençoaram o frio enregelante que provocara uma suspensão temporária nas hostilidades, mas ninguém mencionou o tempo, como se qualquer comentário pudesse quebrar o encantamento.

Se os irmãos Wright tivessem sido estrangulados nos berços, se os descendentes de George III ainda reinassem sobre o Novo Mundo e os descendentes de Luís XIV ainda dominassem a França, não faria a menor diferença para a conversa em volta daquela mesa civilizada, à luz de velas. Mas se as uvas de champanhe não mais crescessem na Champagne, se Mozart e Gershwin nunca tivessem vivido, se cavalos não fossem reproduzidos pela velocidade e força, se Bloomsbury nunca tivesse surgido ou Fred Astaire nunca tivesse comprado seu primeiro par de sapatos de sapateado, eles teriam de encontrar outros assuntos para conversar.

Ao final do jantar despreocupado, Lorde Gerald foi até a cozinha e voltou com uma Jeroboam de Dom Perignon. Abriu a garrafa quase tão habilmente quanto Freddy lembrava do avô fazê-lo, serviu champanhe a todos, com a ajuda de Tony.

— Este é um brinde muito especial — disse ele. — Hoje a Srta. Marie-Frédérique de Lancel... Freddy para os amigos... alcançou uma idade das mais fascinantes. Alexander Pope escreveu sobre "o efervescente menor "que "anseia pelos 21"... Samuel Johnson falou sobre "o arrebatamento na confiança dos 21"... Thackeray escreveu sobre "os dias admiráveis em que eu tinha 21". Todos nesta sala já passaram por essa idade mágica, talvez por apenas uns poucos meses, como você, Jane, ou por muitos anos, como eu, mas isso não vem ao caso. O importante é que Freddy não precisa mais ansiar pelos 21... está vivendo nos dias admiráveis e merece toda a alegria que podem lhe proporcionar. Que a alegria possa ser grande e que possa crescer a cada ano que passa. A Freddy!

Freddy ficou sentada, corando, enquanto todos bebiam à sua saúde. E se tornou ainda mais corada quando *Lady Penelope* tocou a campainha e o garoto, que obviamente esperava no outro lado da porta da cozinha, adiantou-se com várias caixas embrulhadas em papel de presente e colocou-as à sua frente.

— Oh, não! — protestou ela. — Já foram todos muito bons para mim. Aquele banho fantástico foi meu presente.

— Não diga bobagem, minha cara — retrucou *Lady Penelope*. — São apenas presentes improvisados. Não pudemos ir às lojas, mas você não podia deixar de ter lembranças de uma ocasião tão importante.

— Vamos, Freddy, abra logo — acrescentou Jane, ansiosa.

O presente de *Lady Penelope* era uma suéter grossa, macia, azul-celeste, de gola rulê, que ela mesma tricotara e que só Jane sabia que se destinava à filha. Lorde Gerald contribuíra com um frasco de prata monogramado que sempre levava quando caçava e uma garrafa de precioso uísque maltado para enchê-lo.

— Leve-a sempre — explicou ele —, para o caso de cair ou ser atropelada por um elefante

extraviado.

Jane descobrira, em seu armário de Ali Babá, uma camisola preta de *chiffon* e renda que decidira ser divinamente indecente para ser usada em qualquer ocasião que não alguma muito especial, mas que de forma inexplicável não se apresentara antes de seu alistamento.

— acredite ou não, menina, vai descobrir que vem a calhar, agora que tem idade suficiente — sussurrou ela para Freddy.

Freddy foi bastante sensata para não ousar se lembrar da última ocasião em que se sentira tão feliz.

Já se passava, e muito, da meia-noite quando ela finalmente foi para a cama. Oficialmente, não era mais seu aniversário, mas um espírito festivo ainda borbulhava como champanhe em seu sangue, e Freddy estava bastante excitada para dormir. E também não queria dormir. Aquela exultação de emoção era agradável demais para permitir que definhasse em meros sonhos. Ficou sob as cobertas com os olhos abertos, na escuridão do quarto, usando a camisola preta de *chiffon*, a suéter azul e meias de lã, sorrindo para o teto invisível.

Soou uma batida de leve na porta. Jane, pensou ela, querendo uma conversa sobre a noite.

— Entre — chamou Freddy.

A porta foi aberta, revelando Tony, com uma vela num pequeno castiçal. À luz bruxuleante, Freddy pôde ver que ele ainda vestia a calça e a camisa do jantar, mas um cardigan substituíra o paletó. Não entrou no quarto, permaneceu parado na porta.

— Trouxe um presente de aniversário. Não sabia que era seu aniversário hoje, nem mesmo sabia que a encontraria aqui, por isso não estava preparado ao jantar... não gostaria de vê-lo?

— Pode esperar até amanhã? — sugeriu Freddy.

— É um presente rigorosamente noturno. — Ele estendeu um objeto comprido, amarrado com muitas fitas e ornamentos de árvore de Natal presos dos lados, de maneira que não se podia adivinhar o que era, — Não serve pela manhã.

— Então acho que terei de recebê-lo agora.

— Foi o que pensei... muito melhor imediatamente. — Ele aproximou-se da cama e pôs o objeto reluzente nas mãos de Freddy. Era muito quente e mexeu-se quando ela tocou.

— Santo Deus... — balbuciou Freddy. — O que...?

— É meu saco de água quente — explicou ele, satisfeito com a surpresa. — Enchi-o há dois minutos. Levou mais tempo para arrumá-lo.

— Oh, Tony... não o seu próprio saco de água quente? Eu não poderia privá-lo disso!

— Tenho uma ligação sentimental muito forte com a coisa... afinal, estivemos juntos por muitas noites longas e frias... mas agora o saco quer pertencer a você. Terei de arrumar outro e domá-lo... não deve ser muito difícil. Em geral vêm quando se assovia.

Por favor, fique com ele.

— Se tem certeza... vou adorar. E pensarei em você cada noite que o encher. E agora vou dormir. Boa noite, Tony.

— Boa noite, Freddy. — Ele puxou uma cadeira para o lado da cama, sentou-se e pôs a vela no chão. — Havia uma outra coisa... já que ainda não está dormindo... se eu pudesse conversar um pouco com você...

— Só um pouco. — Freddy removeu as fitas do saco de água quente e ajeitou-o ao seu lado, por baixo das cobertas, que puxou até o queixo.

— É que acabo de ser transferido, sou o comandante de uma nova esquadrilha, de um bando de sujeitos que nunca encontrei antes, sujeitos que... pensei que poderia me explicar como poderei me dar bem com esses sujeitos.

— Explicar a um comandante da RAF como "se dar bem" com seus pilotos? Essa é demais! Boa noite, Tony.

— São ianques, a Esquadrilha Águia, estão aqui desde setembro, mas ainda não participaram de muita ação... não havia ninguém para treiná-los durante a Batalha da Inglaterra... estão de prontidão desde que o mau tempo começou, o comandante da esquadrilha ficou doente... seja como for, eles são agora a minha esquadrilha, e pensei que você, sendo uma meia-ianque, poderia me aconselhar sobre a maneira de começar com o pé direito. Estou completamente confuso sobre a melhor maneira de tratá-los. Sinto-me um tanto confuso... um bando de tipos estrangeiros, esses camaradas, pode compreender por que preciso de ajuda.

— Basta chamá-los de "meus chapas", em vez de "sujeitos", "camaradas" ou "tipos estrangeiros", e se dará muito bem. Boa noite, Tony.

— Meus chapas? Parece uma terrível grosseria. Tem certeza, Freddy?

— Tenho. Pode usar também "rapazes" ou "turma"... como em "ei, turma, vamos dar um show!... é adaptação lingüística mais do que suficiente. Para todo o resto, pode contar com eles para absorver o jargão da RAF ou lhe ensinar o deles. Boa noite, Tony.

— Fico profundamente agradecido, Freddy. Fez com que me sentisse muito mais seguro. — Ele saiu da cadeira e foi se sentar na beira da cama. — Foi terrivelmente generoso de sua parte me dispensar o tempo, Freddy.

— Sempre tenho o prazer de ajudar. Boa noite, Tony.

— Boa noite, Freddy. — Ele inclinou-se e beijou-a na boca risonha. — Oh, Freddy, querida, linda Freddy, é melhor experimentarmos isso de novo, eu acho. — Tomou-a nos braços e beijou-a muitas vezes, os dois perigosamente ansiosos pela proximidade um do outro, dominados por um impulso inexorável de tocar, apertar, agarrar, que fora inevitável desde que Freddy entrara na biblioteca, no início da noite.

Ficaram surpresos pela explosão de beijos há tanto tempo reprimida, como se os beijos não fossem maravilhosamente inevitáveis, uma necessidade suprema, adiada ao ponto da angústia. Tony gemeu alto, extasiado de felicidade, estendendo-se por cima das cobertas, passando os braços pela suéter de Freddy, a fim de poder comprimi-la contra seu peito. Por longos e deliciosos minutos, entregaram-se às descobertas deslumbrantes dos beijos sem palavras, separados por muitas camadas de lã, que podiam ser como uma trouxa de roupa, podendo apenas ter vislumbres um do outro, à pequena claridade da vela no chão.

— Tony... você está confortável? — murmurou Freddy depois de um longo tempo.

— Não muito...

— Poderia... tirar os sapatos.

— Já tirei.

— A suéter... a camisa... as calças...

— Eu ficaria congelado.

— Não se preocupe que manterei você aquecido.

— Tem certeza? Eu não posso... não devo... ah, querida, se eu me meter por baixo das cobertas...

— Tem certeza que é um piloto? — perguntou Freddy, maliciosa, compreendendo finalmente que ele era cavalheiro demais para fazer amor com ela sob seu próprio teto sem um encorajamento inequívoco.

— Absoluta.

— Pois então pare de tremer nessa hesitação. — Enquanto ela falava, a vela trazida por Tony apagou-se, deixando-os numa escuridão total.

— Droga! — murmurou ele, enquanto tateava à procura da vela. O movimento foi tão brusco que ele ouviu o castiçal voar para um canto do quarto. Tentou encontrar outra vela na mesinha-de-cabeceira e só conseguiu derrubar o abajur ao lado da cama, que caiu com um estrondo e o ruído de vidro quebrado.

— Merda! — murmurou Tony.

Ele se levantou com todo cuidado, tirou as roupas o mais depressa possível, deixando-as cair no

chão. Nu, pulou apressado para a cama e estendeu as mãos para Freddy.

— Ai! — gritou ela, quando as testas se bateram, sonoramente.

— Doeu? — perguntou Tony, nervoso.

— Claro que doeu... e você?

— Acho que quebrei o nariz. Pegue aqui... sintam... não, isso é a minha orelha.

— Não quero sentir seu nariz, posso furar seu olho — protestou Freddy.

— Não tem visão noturna? — resmungou ele, tentando lhe tirar a camisola.

— Está rasgando minha camisola! Cuidado! Oh, seu bruto, largue-me! Rasgou uma alça! E tire o joelho da minha barriga!

— Acho que é meu cotovelo.

— O que está fazendo aí embaixo? Volte aqui para cima imediatamente! É muito alto...

— Não tem um fósforo? — suplicou Tony, o pescoço preso sob a axila de Freddy.

Ela desatou a rir.

— Fique quieto, Tony. Sei onde estou. Tirarei minhas roupas e se você não se mexer por um minuto poderei senti-lo todo e determinar sua posição.

— Está bem. — Ele ficou imóvel, enquanto Freddy tirava a suéter pela cabeça e depois a camisola e as meias, escutando o farfalhar de cada peça enquanto as empurrava para o lado. Depois, Tony submeteu-se às suas mãos inquisitivas, quentes e triunfantes, respirando o ar na caverna fragrante sob as cobertas.

— Mas o que temos aqui, líder de esquadrilha? Oh, é o saco de água quente... por um momento fiquei preocupada... mas o que é isto!

— Não... toque... isso... ainda não...

— Por que não? — indagou Freddy, muito inocente. — Parece... amigável.

— Largue...

— Por quê? Não sabe que estamos em guerra? Quem guarda sempre tem. — Ela estendeu uma perna comprida por cima do quadril de Tony, num movimento pródigo e irresistível. — O que me diz? Tenho o lugar certo para guardar.

Houve apenas um sono intermitente para Freddy e Tony naquela noite de inverno, enquanto cochilavam juntos para despertar e descobrir que a necessidade ressurgira. Encontraram os lugares mais quentes e íntimos dos corpos um do outro, um casal de exploradores pacientes e dedicados, com dedos, línguas e narinas substituindo os olhos. Murmuraram palavras de louvor e agradecimento um para o outro e voltaram a dormir, acordando desorientados, até que se tocavam o suficiente para estabelecer novas fronteiras a cruzar, novas regras a romper. O último sono pareceu a Tony se prolongar por muito tempo; forçou-se a sair da cama e entreabrir as cortinas de blecaute. Pulou para trás e meteu-se sob as cobertas.

— Droga!

— Qual é o problema? — indagou Freddy, alarmada.

— As crianças... estão lá fora... acabaram de fazer um boneco de neve debaixo de sua janela, e não estava ali ontem. Só Deus sabe que horas são.

— Olhe em seu relógio, querido.

— Deixei no meu quarto ontem à noite.

— Ora, vão pensar que dormimos até tarde.

— Não, Jane — murmurou ele, com absoluta convicção.

— Não me importo. Dê-me um beijo, seu tolinho.

— Quero que todos saibam! — exclamou Tony, exultante. — Contarei a todo mundo!

— Não se atreva!

— Qual é o endereço de seus pais em Londres?

— O que pretende fazer, ligar para eles e anunciar que acaba de passar a noite comigo? — indagou

Freddy, subitamente alarmada.

Tony parecia capaz de qualquer coisa.

— Estarei em Londres na próxima semana. Quero conversar com seu pai.

— Para quê?

— Para informá-lo das minhas intenções, é claro, pedir sua permissão — explicou Tony, com tanta dignidade quanto qualquer um era capaz no estado em que se encontrava.

— Santo Deus! — murmurou Freddy, visualizando a cena. — Não creio que seja uma boa idéia... poderia... surpreendê-lo.

— Mas pretendo casar com você. E presumo que já sabe disso. É o motivo pelo qual preciso conversar com ele.

— Não deve conversar comigo primeiro?

— Claro que falarei com você. Tudo no momento devido. Mas primeiro, é claro, tenho de me apresentar. Será que ele vai se importar por eu não falar francês muito bem?

— Eu diria que não. — Freddy soltou uma risadinha. — Pretende mesmo... pedir permissão para... ah... me cortejar?

— Exatamente. A menos que você tenha alguma objeção.

— Não posso protestar com muito vigor. Não tenho mais forças.

— Então irei falar com ele, está bem?

— Pensando bem... ele merece uma surpresa agradável depois de tantos anos.

— O que isso significa, Freddy querida?

— Talvez um dia eu lhe conte. Ou talvez não.

— Um dia me contará tudo — declarou Tony, confiante.

— Só depois de uma corte longa e persistente. E talvez nem mesmo então. Tenho receio que os acontecimentos recentes, Antony, possam levá-lo a me tomar como favas contadas.

— Oh, Freddy, eu adoro você... de maneira absoluta e eterna.

Você me ama?

— Um pouco.

— Não mais do que isso?

— Muito mais do que isso.

— Quanto mais?

— Eu lhe diria... mas o saco de água quente está vazando.

Delphine ficou parada na porta do apartamento no Boulevard Saint-Germain, atordoada, escutando os passos de Armand pela escada abaixo. Um minuto antes, ela estava envolvida por seus braços, ainda meio protegida, ainda defendida pelo baluarte de seu amor, embora a verdade de sua partida se insinuasse em seu coração titubeante. Agora ela estava realmente sozinha, pois no instante da partida, Armand se tornara apenas um entre milhões de franceses que deixavam suas casas por um período imprevisível, integrando-se em suas unidades militares, na mobilização geral de 2 de setembro de 1939. Por algumas horas desoladas e incrédulas, triste demais para chorar, ela vagueou desnorteada pelo apartamento, tocando melodias no piano, encolhendo-se sob a colcha axadrezada, tentando em vão fingir que a qualquer momento o ouviria subir a escada de volta e enfiar a chave na fechadura, entrar na sala.

No momento em que Armand foi embora, desapareceu a capacidade de Delphine esquivar-se à realidade. Fora o que a sustentara por muitos meses, um número de equilíbrio, como se tivesse passado toda a sua vida a se apresentar na corda bamba. O equilíbrio, no entanto, dependera da presença de Armand, pois ela o criara para escapar ao dia que se recusava a acreditar que pudesse chegar.

Agora, o instinto de autopreservação veio em seu socorro, e Delphine reconheceu que era o momento de voltar à sua pequena fortaleza na Villa Mozart, o momento de avaliar a nova situação, no meio das armas de posse e posição que adquirira nos anos antes de conhecer o único homem que já amara.

A primeira providência, depois de trancar a porta do quarto na casa vitoriana rosa e turquesa, foi abrir a gaveta da escrivaninha e tirar seu pequeno cofre. Ali, entre outros documentos e as muitas caixas de veludo que continham sua coleção de jóias, estavam seu passaporte azul francês e o verde americano. Anos antes, quando ficara aparente que a permanência em Los Angeles seria prolongada, Paul de Lancel tomara as providências necessárias para que as filhas tivessem dupla cidadania, francesa e americana. Embora ambas tivessem nascido francesas, de pais franceses, sempre haviam vivido fora da França: e como um diplomata, ele nunca subestimara a força de um passaporte americano.

Tinha uma decisão a tomar, compreendeu Delphine, enquanto suspendia os passaportes nas mãos. Podia deixar a Europa, como a maioria dos americanos na Europa se apressava em fazer naquele momento, retornando à América neutra. Em pouco tempo, talvez menos de duas semanas, estaria de volta a Los Angeles. Ficaria no Beverly Hills Hotel... poderia ligar a reservar uma suíte, bastava estender a mão para o telefone na escrivaninha. Pensou na idéia por um momento, imaginando-se a pedir uma salada Cobb no Hollywood Brown Derby, almoçando com um agente, discutindo a escolha de roteiros de filmes. Nada na cena era implausível ou produto de um mero desejo. Ao contrário, cada detalhe era viável, possível, precisando apenas de uma visita a uma loja de passagens para que se convertesse em realidade. Contudo, ela rejeitou essa visão do futuro com todas as suas emoções mais profundas, embora a visse nitidamente na imaginação.

Qual era a alternativa se não comprasse aquela passagem de navio? A indústria cinematográfica francesa suspendera suas atividades, como a maioria dos negócios civis no país, no dia da mobilização. Atores, técnicos e assistentes haviam todos desaparecido, da mesma forma que Armand. Vinte filmes no meio da produção foram interrompidos. Delphine não tinha trabalho, ninguém em sua dependência, nenhuma função útil num país em guerra.

Mas não podia ir embora. Armand Sadowski se encontrava em algum lugar próximo, os pés plantados no mesmo solo francês, respirando o mesmo ar francês. Por enquanto, não havia a menor possibilidade de saber exatamente onde estava qualquer soldado, mas sem dúvida as coisas se assentariam em breve. A qualquer momento, ele poderia telefonar de seu quartel, presumindo-se que estivesse num quartel e não

numa trincheira. Poderia até obter uma licença em dois ou três meses, já que, pelo menos até agora, ainda não houvera combates ativos em qualquer parte. E a qualquer dia agora ela esperava receber a primeira carta de Armand... ele prometera escrever com toda a frequência possível. Enquanto ela permanecesse onde estava, enquanto continuasse ali mesmo em Paris, estariam ligados, partilhariam um futuro. Como sequer poderia cogitar a possibilidade de pôr dez mil quilômetros de distância entre os dois?

Delphine tornou a guardar os passaportes no cofre, com uma sensação de alívio. No final das contas, não havia mesmo uma decisão a considerar.

Durante aquele inverno de 1940, a *drôle de guerre* ou a "Guerra de Mentira", em que nenhum exército francês entrou em ação, e até mesmo a RAF limitou-se a lançar folhetos de propaganda, Armand Sadowski permaneceu em sua unidade do exército a noroeste da Linha Maginot. Em abril, os alemães invadiram a Noruega e a Dinamarca. A 10 de maio, Hitler encerrou a "Guerra de Mentira", atacando a Holanda, Bélgica e Luxemburgo, países não-beligerantes, em seu caminho para conquistar a França. O exército francês, em desintegração e desmoralizado, lutou contra o inimigo a avançar, junto com as tropas britânicas. Duas semanas depois, os aliados batiam em retirada para as praias de Dunquerque.

O milagre da evacuação de Dunquerque, durante o mês de maio, resgatou a maioria das forças britânicas para continuar a luta, mas os franceses descobriram-se derrotados nas praias de sua pátria, isolados, sem possibilidade de retirada, a não ser pelas águas do canal da Mancha. Armand Sadowski, com centenas de milhares de outros franceses, tornou-se um prisioneiro de guerra. Poucos dias depois, foi enviado para trabalhar numa fábrica de armamentos na Alemanha.

Durante a batalha de Dunquerque, Delphine permaneceu em Paris, esperando por notícias. Continuou a esperar durante a ocupação de Paris; esperou pelo dia em junho em que foi assinado um armistício entre França e Alemanha, e o que restava do exército francês, em território francês, foi desmobilizado; esperou, firme e obstinada, por todo o caos de julho e agosto. Ao final de setembro, foi recompensada. Recebeu um cartão postal de algum lugar da Alemanha, informando que Armand estava vivo e tinha o suficiente para comer.

Agora que a Alemanha não estava mais em guerra com a França, tornou-se importante evitar a agitação civil na França ocupada. Os prisioneiros de guerra tinham permissão para enviar cartões-postais de duas em duas semanas. Delphine logo compreendeu, como todos os cidadãos franceses que recebiam aqueles cartões-postais, que deviam ser encarados apenas como prova de que o prisioneiro continuava vivo e ainda era capaz de empunhar um lápis; mas ela, como milhares de outras mulheres, contava cada dia que passava entre os cartões-postais, que chegavam com uma terrível irregularidade.

Agora, no outono de 1941, havia um total de dezenove cartões no maço inestimável que Delphine guardava em seu cofre. Em junho de 1941, quatro meses antes, o mundo da cinematografia francesa ressuscitara, com 35 novos filmes entrando em produção em menos de quatro meses, sob uma organização chamada COIC, que contava com o apoio unificado da indústria em suas negociações com o governo francês de Vichy e os ocupantes alemães.

Delphine constatou claramente que não havia mais judeus trabalhando no cinema, mas o despertar da indústria cinematográfica coincidiu com os acordos que possibilitaram o retorno de muitos prisioneiros de guerra. Mesmo que Armand não pudesse mais trabalhar como diretor até que os alemães fossem derrotados, pensou ela, havia agora a possibilidade de sua volta à França. Essa esperança era suficiente para que ela continuasse a esperar.

A mais forte, melhor financiada e mais ativa produtora da França era uma companhia nova chamada Continental. Diretores importantes como Marcel Carné, Georges Lacombe, Henri Decoin e Christian-Jaque, artistas famosos como Pierre Fresnay, Danielle Darrieux, Jean-Louis Barrault, Louis Jourdan, Fernandel, Michel Simon e Edwige Feuillère, todos assinaram contratos com a Continental. Delphine de Lancel também assinou, tão ignorante ou tão apolítica quanto todos os outros, que não sabiam ou não se

importavam que a Continental era totalmente controlada pelos alemães e que seu diretor, Alfred Greven, o homem que supervisionava todas as atividades, reportava-se diretamente a Goebbels, e era amigo íntimo de Goering.

Filmes de mistério burlescos e descontraídos e comédias sofisticadas de ritmo rápido eram a especialidade da Continental, produzidos para substituir os filmes americanos que haviam feito tanto sucesso antes de serem proibidos. A Continental também produzia filmes policiais, escritos por Georges Simenon sobre seu imortal inspetor Maigret, além de clássicos requintados e meticulosos, adaptados de Zola e Balzac.

Na antiga tradição dos cineastas por toda parte, a Continental produzia os filmes que o público queria ver, o equivalente do tempo de guerra dos filmes de Hollywood durante a Depressão, quando os filmes sobre os ricos eram tão populares. Nos filmes da Continental não havia propaganda pró-Alemanha, já que a guerra nunca acontecera; todos tinham mais do que o suficiente para comer, o tabaco não era racionado, o álcool era abundante, ninguém jamais sentia frio, nunca se falava em alemão. O período da maior parte da produção era um tempo idealizado em meados da década de 1930, numa França habitada exclusivamente por franceses.

Delphine sentiu-se grata pela necessidade de voltar a trabalhar, a obrigação de se manter ocupada, que felizmente lhe deixava bem pouco tempo para pensar. Trabalhou numa série extremamente popular, copiada de *The Thin Man*. Fazia o papel de Mila-Malou, a namorada de um certo inspetor Wens, representado pelo grande ator Pierre Fresnay. Delphine, que nunca invejara de verdade outra mulher, não pôde deixar de invejar a despreocupada, tola e frívola Mila-Malou. A jovem estouvada a fazia lembrar de si mesma apenas três anos antes.

Quando o corpo de elite de tanques de Bruno, que não chegou a entrar em ação, foi desmobilizado logo depois do armistício, ele voltou a Paris tão depressa quanto possível. Não encontrou qualquer conforto por ter previsto o resultado da guerra — o problema agora era como projetar seu futuro, que não tinha a menor dúvida de que seria vivido sob o Reich de Mil Anos, da forma mais agradável possível. Era verdade, refletiu ele, que um homem esperto de verdade, que não se importasse de viver no tédio, teria se transferido para a Suíça anos antes, mas não adiantava lamentar a oportunidade perdida. *La Banque Duvivier Frères* não reabriria suas portas, e na confusão monumental dos primeiros dias após o armistício, Bruno não podia prever o futuro de qualquer banco particular.

O que qualquer francês sensato faria naquelas circunstâncias?, perguntou-se ele. Qual o lugar que cada francês sabia ser o melhor para viver durante uma convulsão da ordem política? Onde era o refúgio natural para permanecer até que a situação se definisse e fosse seguro retomar uma vida normal? Onde sempre havia algo para comer e algo para vender? Na fazenda da família, se havia uma fazenda, ou no *château* da família, se havia um *château*. Terra. Era a única coisa que importava, no final das contas, pensou ele, enquanto seguia para a Champagne.

Quando Bruno chegou a Valmont, um *Führer* da Champagne já fora designado pelas autoridades de ocupação: Herr Klaebisch, membro de uma proeminente família de fabricantes de vinho da Renânia. Quando o *Vicomte* Jean-Luc de Lancel informou ao neto que o gabinete de Klaebisch em Rheims ordenara que entre trezentas e quatrocentas mil garrafas de champanhe deviam ser enviadas para as forças armadas alemãs todas as semanas, Bruno limitou-se a dar de ombros. Era o que se podia esperar, pensou ele, sem dúvida indicava que os alemães estavam determinados a manter produtivos os habitantes da Champagne e os proprietários de vinhedos em atividade. Ele resolveu aprender tudo o que pudesse sobre um negócio que nunca o interessara antes. Os fados da guerra, pensou, enquanto se empenhava em dominar os segredos da vinicultura, incluíam por necessidade tanto o bem quanto o mal.

Em um ano, Bruno, sempre lembrando que a Wehrmacht era o seu maior freguês, conseguira aprender muita coisa sobre a produção de champanhe. Excursionava pelos vinhedos Lancel vigilante, num

excelente cavalo, para o qual nunca deixava faltar forragem. E ele próprio também nunca sentia fome, como previra. Mesmo antes da invasão de maio, Anette de Lancel, lembrando a Grande Guerra, dera ordens para que o solo fértil de seu roseiral fosse convertido numa horta, e vários dos empregados mais velhos foram incumbidos de criar galinhas, coelhos, porcos, um touro e várias vacas, em cercados feitos em clareiras ocultas na pequena floresta que pertencia ao *château*. Os empregados de Valmont dedicaram-se a essas tarefas com todo empenho, pois sabiam que a *vicomtesse* não os deixaria passar fome, mesmo que não pudessem contar com os banquetes na cozinha que havia antes da guerra.

O valioso triunvirato de adegueiros de Jean-Luc, os primos Martin, estavam todos além da mobilização automática. Porque eram essenciais em seus trabalhos especializados, tiveram permissão para permanecer na terra. Duas vezes por ano, muitos dos outros competentes trabalhadores nos vinhedos, que haviam caído prisioneiros quando o inimigo invadira a França através da Champagne e agora trabalhavam na Alemanha, tinham permissão para voltarem, a fim de ajudarem na poda vital das videiras em março e na colheita em setembro. Mesmo assim, como todos os outros produtores, a Casa de Lancel dispunha agora de uma força de trabalho bem reduzida; e, como já acontecera na Grande Guerra, as mulheres, crianças e velhos passaram a trabalhar nos campos. Sob a supervisão vigilante de Bruno, esses camponeses vigorosos, bastante motivados e leais aos Lancel, conseguiam manter os vinhedos produtivos. O velho *vicomte* tornara-se enfermo de um momento para outro, com a deflagração da guerra. Todos contavam que Bruno o substituiria, e ninguém questionava suas ordens.

Por que, Bruno se perguntava durante suas inspeções a cavalo, ele deveria ser tão estúpido a ponto de presumir que o caráter alemão era monolítico? Com certeza a natureza humana, em todas as suas variações fascinantes, operava entre os vitoriosos, como ocorrera entre os ricos de Paris, quando ingressara no mundo bancário. Era verdade que sua moeda pessoal fora desvalorizada; seu título e família não mais impunham respeito instantâneo, sua aceitação de um convite não era mais suficiente para lhe proporcionar uma vantagem social que podia ser usada para alcançar um ganho financeiro.

Contudo, não era possível que entre os conquistadores houvesse homens que reagiriam a um tratamento sem a hostilidade velada da maioria da população? Ficariam desconfiados de qualquer atitude que parecesse exageradamente amistosa de um Lancel ou de qualquer francês, mas decerto a cortesia... a mera cortesia, a pura cortesia... poderia ser a abertura que o levaria a... alguma oportunidade. Tinha de haver uma oportunidade, pensava ele, uma oportunidade que ainda era muito cedo para definir com clareza. Havia sempre oportunidades para um homem que se mantinha alerta, em tempo de guerra e também na paz; e agora, naquele momento de armistício, naquele período ambíguo e indefinido, deveria haver mais oportunidades do que nunca. A França perdera a guerra, mas Bruno não pretendia perder o armistício.

O gabinete do *Führer* da Champagne enviava inspetores regulares, em seus reluzentes Citroéns pretos e botas de cano alto impecavelmente engraxadas, para se certificar de que as firmas produtoras de champanhe estavam fazendo tudo o que era necessário para cumprir suas quotas. A poderosa *Luftwaffe* e a poderosa Marinha tinham prioridade num constante suprimento de champanhe — a decorrência de uma poderosa sede —, e era bem conhecido que os astutos *champenois* precisavam ser vigiados com atenção. Esses inspetores, por isso mesmo, eram quase sempre que tinham conhecimentos de viticultura, pois só fazia sentido enviar quem pudesse distinguir um cacho de uvas Pinot Meunier bem cuidadas de um nabo.

Como, remoía Bruno, se podia demonstrar cortesia com um conquistador sem cair na subserviência? Não se podia convidar um homem para saborear um copo de um vinho excelente que, para todos os efeitos e propósitos, lhe pertencia. Podia-se ser polido, é verdade, mas a polidez tinha pouco valor quando a sua ausência poderia custar a vida.

Mas não se podia, sem levantar suspeitas, pedir um conselho a esses experientes viticultores, especialmente quando não se era um *champenois*, quando não se fora criado ali? E, ao se pedir conselho, não se podia transmitir a impressão de que se estava confidenciando seus problemas pessoais, como se

estivesse na presença de um... não de um amigo, talvez não isso, talvez nunca isso...

mas na presença de um igual? Quantos homens não experimentavam algum prazer secreto ao serem tratados como iguais por um aristocrata, mesmo um aristocrata vencido?

Num tempo surpreendentemente curto, tornou-se conhecido por certos representantes do gabinete do *Führer* da Champagne em Rheims que o jovem Lancel, de Valmont, era um tanto ignorante, algo compreensível, de certos fatores fundamentais da cultura do vinho.

Conforme explicara ao acompanhá-los em suas inspeções, ele só ocupava aquela posição de responsabilidade porque o avô estava velho demais para dirigir direito o negócio, velho demais para patrulhar os vinhedos a cavalo, como ele sempre fazia.

Um banqueiro de Paris retido ali — ora, não sentiam pena dele, pois também estavam retidos na Champagne —, mas, por outro lado, não era um homem difícil de se lidar, como acontecia com tantos outros. E tem mais, Lancel era muito esperto para pedir conselhos quando precisava, o que ocorria com frequência, e não era orgulhoso demais para deixar de aproveitá-los. Se mais franceses fossem como Lancel, o trabalho deles seria bem mais fácil. E, pensando bem, muito mais agradável. Eles não gostavam de ficar longe de suas casas e famílias, não gostavam de viver com a burocracia infernal de Berlim, com a pressão para fornecer quotas de vinho ou com a invisibilidade meticulosa com que eram tratados pela maioria da população de Rheims e Epernay.

Com Bruno de Lancel, nenhum dos inspetores era tratado como um ocupante, jamais desconfiava de seu orgulho bem escondido ou de sua arrogância natural. Contudo, a política de Bruno era imperceptível a qualquer francês que pudesse se dar o trabalho de observá-lo. Baseava-se exclusivamente numa crucial nuance de atitude, numa atitude de neutralidade simpática, numa voz afável, numa disposição de fitá-los nos olhos, de arriscar um gracejo pequeno e inofensivo, de fazer a pressuposição que partilhavam uma humanidade comum, tudo feito com a gentileza inata com que ele se empenhara por comissões bancárias há poucos anos.

Poucos meses depois de sua chegada a Valmont, Bruno já obtivera um *Ausweis*, o documento que lhe permitia viajar para Paris. Não fora difícil conseguir a autorização para a viagem, já que sua residência anterior em Paris proporcionava a explicação para uma ausência de vários dias, a fim de se certificar de que sua casa estava intacta.

Ao se aproximar da porta da frente, ela avistou um soldado alemão montando guarda ali. Cauteloso, deu a volta para a entrada dos fundos e tocou a campainha. Georges, seu velho mordomo, abriu a porta e exclamou, com surpresa e felicidade:

— *Monsieur le vicomte*, graças a Deus!

— Como conseguiu voltar, Georges? — perguntou Bruno, depois de entrar no "escritório", uma espécie de despensa geral, ao lado da cozinha. — Quando passei por Paris, depois do armistício, encontrei a casa vazia.

— Todos fugimos de Paris, e ao voltarmos soubemos que o senhor tinha ido para o *château*. Claro que compreendemos... seu dever estava lá.

— Quem vive aqui agora? — Bruno notara, num rápido olhar, que Georges polia sua melhor prataria. Da cozinha vinha o cheiro de carne assada, e todas as superfícies ali brilhavam de limpeza.

— A casa foi requisitada por um certo General von Stern. Ele trabalha para o General von Choltitz, no departamento de assuntos culturais, fala um francês excelente. Fomos afortunados, *monsieur le vicomte*, o general manteve todos, até mesmo seu criado pessoal, Boris, que está convencido de que von Stern nunca contou antes com os serviços de um criado pessoal. Graças a Deus, ele é um homem sossegado, interessado por antiguidades, um grande admirador de sua coleção de armaduras e livros. Nada mudou, *monsieur*, a casa continua exatamente como a deixou.

— Ele não tem esposa, filhos?

— Duvido muito. Não há fotografias, e isso é um sinal infalível, na minha experiência. Muitas vezes

ele traz para casa uma mulher das ruas, mas nunca a mantém pela noite toda.

— Ele recebe?

— De vez em quando, uns poucos oficiais, homens também discretos. Discutem pintura e arquitetura, não a guerra. — Georges deu de ombros. — Os jantares estão longe de brilhantes, *monsieur*, mas eles comem com grande apetite e apreciam as melhores garrafas de sua adega.

— Um pequeno preço a pagar, Georges. Deixou-me tranqüilizado.

Não seria prudente, pelo bem de todos nós, se eu oferecesse a esse general a cortesia de agradecer por tomar conta de meus tesouros?

— Um cuidado puramente temporário, não é mesmo, *monsieur le vicomte*? — perguntou Georges, em voz baixa, esperançosa.

— Claro que apenas temporário, Georges. Por que sequer deveria duvidar dessa perspectiva? — Bruno entregou seu cartão ao mordomo.

— Apresente isto a von Stern. Pergunte se posso vir amanhã, na hora que lhe for mais conveniente, para agradecer. Eu gostaria de conhecer pessoalmente o tipo de homem que está dormindo na minha cama.

— Eu compreendo, *monsieur le vicomte*. Quais são as notícias de *Mademoiselle* de Lancel? E de *madame*, sua avó, e *monsieur*, seu avô, se me permite perguntar?

— Triste, Georges, muito triste. *Mademoiselle* Delphine parece ter se afastado de todos... nem mesmo eu tenho notícias suas... e meu avô finalmente se dobra à idade. Só minha avó ainda conserva alguma coisa do seu velho espírito.

— Todos contamos com a sua atuação, *monsieur le vicomte*. Está sempre em nossos pensamentos.

— Obrigado, Georges. Deixe o aviso sobre o encontro com seu general no meu hotel.

— Nunca "meu general", *monsieur le vicomte* — protestou Georges, enquanto Bruno se retirava.

— Uma piada, Georges. Ainda devemos rir, não é mesmo?

Em poucos minutos Bruno teve uma avaliação do General von Stern.

Um prussiano da aristocracia menor, calculou ele, de uma família há muito empobrecida, um homem que não tinha o feitio para o título de general mais do que o próprio Bruno, um *scholar* no início da meia-idade, um dos especialistas escolhidos por Goering por causa de seu conhecimento especializado, passando os dias a procurar as maiores obras de arte da França, a fim de serem enviadas para a coleção pessoal do marechal na Alemanha. Um homem agradável, concluiu Bruno, não antipático e com um mínimo de educação para se sentir um pouco contrafeito na presença do *vicomte*, como se soubesse que, conquistador ou não, não tinha direito à magnífica casa na Rue de Lille. Bruno tratou de deixá-lo à vontade.

— Tenho ouvido histórias de horror sobre casas, general, casas históricas que foram tratadas como casernas... pode imaginar como me sinto aliviado ao constatar que ama e compreende a beleza — disse Bruno, correndo os olhos pela biblioteca com um ar de convidado perfeito, como se não tivesse qualquer ligação de proprietário com a sala, mas se sentia livre para admirá-la como merecia.

— É uma das mais belas casas na mais bela de todas as cidades, *vicomte* — comentou von Stern, o prazer brilhando nos olhos, bem disfarçado, mas ainda visível.

— Foi construída quando Luís XV ainda era jovem. Sempre achei que aqueles bastante afortunados para viverem nela são apenas zeladores, como os afortunados curadores de museus.

— É um freqüentador de museus, *vicomte*?

— Era a minha paixão, a razão de viver. Antes da guerra, eu passava cada hora de folga em museus, devotava as férias a viajar... Florença, Roma, Londres, Berlim, Munique, Madri, Amsterdam... ah, eram bons tempos, não concorda, general?

Von Stern suspirou.

— Eram mesmo. Mas voltarão, estou convencido. Muito em breve, sob o *Führer*, toda a Europa estará em paz.

— Devemos torcer pela paz em toda parte, general, caso contrário toda a beleza do mundo será destruída. Creio que podemos concordar sobre isso sem qualquer dificuldade.

— Vamos beber à paz, *vicomte!*

— Com o maior prazer, general, com o maior prazer...

As regras contra a confraternização com o inimigo se destinavam aos soldados alemães e prostitutas francesas, não a cavalheiros que podiam ter alguma coisa de interesse mútuo para oferecer um ao outro. Von Stern não era um homem que ficasse sozinho por opção, não podia haver a menor dúvida quanto a isso, pensou Bruno, enquanto relaxava em sua poltrona, esperando pelo convite para jantar, que sabia ser inevitável.

Eu amo você, eu amo você, pensou Freddy, extasiada. Amo cada um dos seus 1.250 fogosos e vigorosos cavalos, amo a sua capota de perspex sem bolhas, amo suas asas afiladas e no formato de elipses, amo sua descarga ruidosa e indiferente a tudo, amo sua carlinga estreita e aconchegante amo seu painel de instrumentos incrivelmente abarrotado, amo até a capota muito comprida de seu sublime motor Merlin, que bloqueia minha visão dianteira no pouso e decolagem, o peso da proa que significa que tenho de frear como se fosse um carrinho de bebê, amo você dez vezes mais do que qualquer Hurricane confiável que já voei, daria qualquer coisa para levá-lo pelo céu à vontade, subir com você a toda velocidade com suas 2.850 maravilhosas RPM, depois lançá-lo num mergulho diabólico e vertiginoso, até ambos termos um pouco de diversão bem merecida, e como sobremesa nivelaria a 750 quilômetros horários e voaria até não poder mais, porque sei que eu poderia fazer isso, e Deus sabe, todo mundo sabe, que você também pode, porque depois que sai do chão é muito fácil de voar. Uma coisinha linda! É isso o que você é, uma coisinha linda, adorável, maravilhosa. Estou falando com você, meu Mark 5 Spitfire. O que tem a dizer?

— Mas que droga! — exclamou ela, à visão de uma marca branca lá embaixo, na paisagem de brinquedo que era a Inglaterra, lembrando-a que estava apenas rotineiramente levando um Spitfire da fábrica da Vickers Supermarine, em Estleigh, para uma base em LeonSolent.

De sua altitude, ela podia ver claramente através do canal, até os campos verdes da França, de onde os ataques alemães eram diariamente lançados contra a Inglaterra.

Hoje, setembro de 1941, era um dia feito para voar. Não havia nevoeiro, nem mesmo uma neblina sobre a Inglaterra, apenas poucas nuvens grandes dispersas sobre o mar. O sol do fim de tarde, inclinado e excepcionalmente brilhante, esquentava-lhe a nuca, entre o capacete e a gola. Naquele dia extraordinário, após duas outras missões de transporte, Freddy fora incumbida de uma viagem curta demais para seu gosto, que demorava apenas meia hora. Pior ainda, os novos Spitfires eram voados pelo ATA à sua velocidade de cruzeiro de 320 quilômetros horários, a fim de amaciar os potentes motores, o que era extremamente frustrante para Freddy, não importava o quanto estivesse acostumada.

Agora voava Spitfires todos os dias, pois ela e Jane haviam sido enviadas para serviço temporário no 15º Centro de Transporte, baseado em Hamble, levando da fábrica da Vickers os sofisticados aviões, produzidos em maior quantidade a cada mês. Havia um grande perigo em deixar que qualquer grupo de aviões novos ficasse no campo ao lado da fábrica, proporcionando um alvo natural para um bombardeiro alemão; por isso, os aparelhos precisavam ser removidos o mais depressa possível.

Quando Freddy entregasse o Spitfire em sua nova base, seria pintado com os números de identificação, armado, talvez acrescentassem tanques de combustível especiais para longos percursos ou câmaras, se viesse a ser usado como avião-espião; seria também pintada a insígnia da nacionalidade de seu piloto, e se fosse um líder de esquadrilha ou um comandante de grupo, suas iniciais seriam acrescentadas na parte posterior da fuselagem. Tornar-se-ia o avião de algum afortunado piloto de caça,

seu bem mais orgulhoso, ninguém mais o voaria, a menos que seu dono estivesse doente ou morto. Agora, só agora, era dela, totalmente dela.

Freddy acabara de olhar para a esquerda, a fim de verificar quão longe se encontrava de seu destino na costa, quando dois pontos emergiram de uma massa de nuvens particularmente grande sobre o mar. Alguma coisa atraiu a atenção imediata de Freddy e ela ficou observando, com toda a sua extraordinária capacidade de visão.

Havia uma anormalidade ali, que se podia perceber mesmo àquela distância. Como a metade da Inglaterra, Freddy estava acostumada à observação de combate aéreo do solo; mas agora, no ar, as posições relativas dos dois aviões lhe revelaram de imediato que um perseguia o outro.

Deveria perder altitude e sair do caminho, pensou ela, mesmo enquanto ganhava altitude a fim de poder observá-los. Estava invisível, com o sol por trás. Os aviões alcançaram rapidamente um lugar no céu, talvez a um quilômetro e meio de distância, quando pôde reconhecê-los. O primeiro aparelho, fugindo por sua vida, era outro Spitfire, uma asa mais baixa do que a outra, numa atitude que indicava que os controles de *aileron* haviam sido atingidos. O segundo avião, um Messerschmitt 109F, cujo desempenho rivalizava com o de qualquer Spitfire, aproximava-se do avião inglês, grudado em sua cauda. O Spitfire movimentava-se veloz, na tentativa de evitar as balas disparadas do Messerschmitt; balas agora claramente visíveis para Freddy, já que eram projéteis luminosos, usados para informar aos pilotos quando se encontravam prestes a ficarem sem munição.

— Não! — gritou Freddy, quando o tanque de combustível do Spitfire foi atingido e as chamas começaram a se espalhar para trás do motor, na direção da carlinga.

A cobertura foi aberta e o piloto pulou. Freddy prendeu a respiração até ver o pára-quedas abrir. O vitorioso Messerschmitt, ostentando a cruz de Malta e a suástica, circulou a área. Certificando-se da vitória, pensou ela. Mas depois, em vez de seguir para sua base quando o Spitfire bateu nas águas do canal da Mancha, o alemão continuou a circular, sem abrir fogo, em espirais descendentes, em volta do piloto do Spitfire. O filho da mãe vai fuzilá-lo no ar, compreendeu Freddy; e como está com pouca munição, não se apressa, esperando pelo tiro perfeito.

No mesmo instante, Freddy abriu o manete ao máximo e disparou para a frente, o motor reagindo prontamente. Ao fazê-lo, tudo o que já aprendera sobre combates aéreos de Mac, todo o saber da RAF que Tony lhe ensinara e todas as acrobacias que planejara para o cinema fundiram em sua mente, numa só peça de conhecimento absoluto: a única esperança estava num ataque frontal.

Freddy tinha exatamente uma chance, num avião desarmado, para afugentar um Messerschmitt. Devia avançar diretamente, a toda velocidade, para seu canhão. O alemão precisava se convencer de que ela se aproximava para destruir seu pára-brisa e pretendia esperar até o último segundo para disparar.

Ele percebeu sua aproximação agora, compreendeu Freddy, pois parou de circular e virou-se, apresentando o pára-brisa de frente.

Estavam separados por cerca de três mil metros, calculou Freddy, automaticamente. Ela manteve o curso temerário e inexorável, enquanto os dois aviões se aproximavam um do outro, num instante que pairavam no ar, como uma pintura estática de uma dança de guerra.

Um tiro acurado era efetuado a 250 metros. Quando se encontravam a cerca de trezentos metros, na última fração de segundo possível, o Messerschmitt desviou-se, fez uma volta fechada, subindo, fugiu para leste.

— Peguei você, seu filho da puta, peguei você! — gritou Freddy, pulando no assento em vitória, enquanto partia atrás do caça alemão.

Levou alguns minutos para recuperar o controle e compreender que se comportava como uma maníaca. A pulsação disparada, com mais adrenalina do que em qualquer outra ocasião anterior, Freddy escutou relutante a voz da razão e voltou para o oeste, onde podia avistar o piloto do Spitfire prestes a alcançar a água.

Usando o colete salva-vidas Mae West, ele fez um esforço para livrar-se dos arreios do pára-quadras, enquanto Freddy circulava protetora por cima, depois inflou o pequeno bote de borracha oval que já salvara as vidas de tantos aviadores aliados. O piloto sacudiu um remo em sua direção, num gesto tranqüilizador, mas Freddy continuou a circular baixo, até avistar uma das lanchas do Serviço de Salvamento Aeromárítimo, partindo de uma estação na praia e aproximando-se. Ela não pôde resistir a reduzir o Spitfire à velocidade mínima, pouco mais de 103 quilômetros horários, em que entraria em estol. Impulsivamente, empurrou a cobertura para trás e inclinou-se para fora, a fim de tentar trocar algum cumprimento com o piloto, balançando numa correnteza forte. Só a mancha de seu rosto bronzeado e sorridente era distinguível.

Freddy percebeu que ele tentava gritar-lhe alguma coisa, mas não pôde ouvi-lo. Empurrou o capacete para trás, deixando os ouvidos descobertos, mas ainda ia depressa demais para entender as palavras. A lancha quase o alcançara agora e ela não tinha mais desculpa para continuar por ali, concluiu, expelindo a respiração.

Pesarosa, Freddy fechou a cobertura, empurrou o manche para a frente e preparou-se para seguir para seu destino, sobre uma região tão familiar àquela altura que podia dizer quando um lavrador em particular estava cortando o feno.

— Sabe alguma coisa sobre isto, Freddy? — perguntou o Capitão Lydia James, comandante do grupo feminino de transporte, levantando um exemplar de um jornal.

Freddy deu uma olhada na página. SPIT MISTERIOSO SALVA PILOTO

DA RAF, dizia a manchete, sobre a matéria de sua façanha, escrita por um repórter que se encontrava no posto de salvamento quando o piloto do Spitfire derrubado fora trazido, molhado mas ileso.

— Não estou entendendo, Lydia.

— Fui interrogada sobre esse incidente... esse "Spit misterioso". Você voou nessa área ontem. Viu alguma coisa fora do normal?

— Não, Lydia. Devo ter perdido a ação.

— É muito estranho... não consigo encontrar ninguém que tenha testemunhado qualquer coisa. O piloto alega que não divisou marcas de identificação no avião que o salvou, mas afirma que o piloto tinha cabelos vermelhos. Pensam que pode ter sido uma das nossas.

— Seria bem pouco provável, um avião desarmado atacando um Messerschmitt. Quem faria uma loucura dessas... a menos que fosse um dos homens? Por que perguntaram a você? Há três homens para cada mulher em nosso serviço. Para não dizer que é contra todos os regulamentos do ATA. O piloto da RAF provavelmente ficou em estado de choque.

— Foi o que expliquei — disse Lydia James, com a formalidade normal do ATA. — Bom, Freddy, boa sorte amanhã... ou não é exatamente a coisa certa a se dizer a uma noiva?

— Acho que é extremamente apropriado, Lydia. Obrigada... e obrigada mais uma vez pela semana de "licença compadecida".

— Normal, nas circunstâncias, não concorda?

— Normal, mas maravilhoso. — Freddy virou-se para deixar a sala, ficando de costas para a comandante.

— Ah, Freddy... mais uma coisa...

— Pois não?

— Se quer continuar no ATA...

— O que tem, Lydia?

— Nunca mais faça isso.

Longbridge Grange parecia cochilar, recendendo à fragrância das últimas rosas amarelas a

desabrocharem, ao sol indolente do final de setembro, no dia do casamento de Freddy. Eve e Paul de Lancel, assim como dois irmãos colegas de escola de Tony, Nigel e Andrew, haviam chegado na noite anterior. Com todos os outros Longbridges, esperavam impacientes do lado de fora da porta da frente, quando Freddy e Jane finalmente chegaram, no MG, acionado pela gasolina oferecida como presente de casamento por alguns pilotos do ATA.

Fora um longo namoro, como Freddy advertira a Tony, pois não estava disposta a se lançar no matrimônio sem pensar nas conseqüências. Não fora contagiada pelo sentimento de que era seu dever tornar algum combatente feliz, como acontecia com tantas mulheres não-combatentes, pois era desesperadamente necessária em sua função, como poucas mulheres jamais foram na história da guerra.

Embora a escala de Freddy de treze dias de serviço e dois de folga raramente coincidissem com as ocasiões em que Tony conseguia um dia de licença, podiam de vez em quando passar algumas horas juntos, à noite, depois de encerradas as missões de vôo do dia.

Ela acabara capitulando à paixão e determinação de Tony. Apaixonara-se relutante, com muitas indagações interiores, muitos olhares secretos para trás, o que se tornara, na percepção de Tony, uma hesitação fascinante.

Sob aclamações e beijos, ela saiu com dificuldade do MG, quase sem poder caminhar, pois os braços das três meninas estavam em volta de suas pernas.

— Onde está meu Antony? — perguntou ela a *Lady Penelope*, surpresa por não vê-lo ali.

— Já está a caminho. Ele telefonou há dez minutos... é um absurdo, minha cara, mas parece que terá um estranho como padrinho... Patrick caiu de cama com caxumba, logo hoje!

— Melhor hoje do que amanhã — interveio Jane. — Quem Tony disse que está trazendo?

— Um dos homens de sua esquadrilha, eu imagino... a ligação estava ruim e ele tinha pressa.

Freddy virou-se para beijar Eve e Paul, que pareciam perfeitamente à vontade no meio do enxame de crianças Longbridges. Já haviam visitado Longbridge Grange algumas vezes antes, saindo de Londres de trem, durante a primavera e verão de 1941, a convite de *Lady Penelope*; os dois casais mais velhos iniciaram uma amizade fácil, motivados tanto pela simpatia mútua quanto pelas esperanças de que Freddy e Tony viessem a casar, como era óbvio que deveria acontecer.

— É certo uma noiva passar fome? — indagou Freddy, sem se endereçar a ninguém em particular.

Paul passou o braço por seus ombros, levantou-lhe o queixo e beijou-a na testa. Graças a Deus por aquela criança, pensou ele, trocando um rápido olhar com Eve. Onde estava Delphine? Os olhos formularam um para o outro a indagação que há tanto tempo os atormentava. Havia aprendido a falar de Delphine tão pouco quanto possível, pois dentro da França ocupada ela se encontrava tão inacessível como se estivesse no lado escuro da lua, mas o problema nunca saía de suas mentes.

Eve virou-se para Freddy.

— Vai precisar de todas as suas forças — aconselhou ela à filha. Eve participara de todos os acertos do casamento na igreja da aldeia, ao qual todas as pessoas na área estavam convidadas, à recepção em *The Grange*, na qual esperavam apenas a família, limitada pelos problemas de viagem em tempo de guerra a cerca de sessenta pessoas, o que já parecia um número enorme para Freddy.

Acompanhadas pelas meninas, Sophie, a caçula, e Sarah e Kate, as gêmeas, Freddy e Jane comeram sanduíches na copa, advertidas a sequer pensar em entrar na cozinha, onde várias mulheres das fazendas próximas ajudavam *Lady Penelope* e Eve a darem os retoques finais no banquete do casamento.

Tradicionalmente, o casamento deveria ocorrer ao meio-dia, mas como os noivos não podiam garantir a chegada a tempo, fora marcado para três horas da tarde, a fim de aproveitar a luz do dia e ainda permitir que todos os convidados para a recepção chegassem antes do escurecer e do blecaute.

— Não creio que seja uma idéia tão boa — murmurou Freddy para Jane, enquanto comia o último pedaço de sanduíche.

— Qual é o problema... dor de barriga? Comeu muito depressa.

Está excitada, só isso.

— Excitada porra nenhuma, estou em pânico. Apavorada. Não posso fazer isso, Jane. É um erro. Mal conheço Antony. Nunca deveria ter deixado que você me persuadisse.

— Eu? — Jane ficou indignada. — Nunca falei nada. Pensa que quero você como cunhada, sua ianque idiota? Meu irmão poderia ter uma filha de duque... e agora vai se perder com mais uma carinha bonita. Você nunca teria a menor chance com ele em tempo de paz. E o que é pior, você não passa na verdade de uma francesinha idiota, no final das contas, e na minha família nunca perdoamos Guilherme o Conquistador. Deveria ter ficado no seu lado do canal e deixado a Grã-Bretanha para os anglo-saxões. Escute, se você quiser, direi a mamãe para cancelar todo o espetáculo. Já perdemos o padrinho, então por que não o noivo também? As pessoas compreenderiam...

desde a guerra que todo mundo teve de aprender a ser flexível. Se Antony não fosse meu irmão, eu mesma poderia casar com ele, a fim de não desapontar os convidados. Mas basta você dizer uma palavra, e voltaremos a Hamble antes que percebam a nossa partida. Melhor ainda, podemos ir para Londres e pegar alguns soldados bonitos, de sangue quente e famintos por sexo, para nos divertirmos um pouco.

— Está bem, está bem, irei quietinha — murmurou Freddy, sombria. Ela vestiu-se no quarto de Jane, com Eve e *Lady Penelope* pairando ao redor. O sótão fora revirado em busca de vestidos de noiva, mas nada se encontrara que coubesse direito em Freddy, pois ela era mais alta que qualquer das noivas Longbridges das últimas gerações. As restrições de tempo de guerra e a carência de cupons de roupas faziam com que fosse impossível a compra de um vestido de noiva novo, mas *Lady Penelope* estava determinada a dar um jeito para que a noiva do filho mais velho parecesse de fato uma noiva.

A guerra convertera seu talento para o petit-point numa habilidade quase profissional na produção de roupas. Para o corpete, *Lady Penelope* aproveitou a parte superior de um vestido do final da época vitoriana, com um decote baixo, largo, ornamentado com fitas, as mangas estofadas, que começavam logo na extremidade dos ombros nus de Freddy. Implacável, *Lady Penelope* canibalizou dois vestidos do período de George III, um deles possuindo uma saia pregueada de cetim, presa na cintura por um cinto largo. Não era bastante comprida para chegar ao chão, mas ficava muito bem por baixo de uma sobre-saia toda rendada, da qual saía uma cauda de renda de mais de um metro. Sophie, Sara e Kate passaram a manhã fazendo uma grinalda de pequenos botões de rosas brancas, que seguravam no lugar um véu até a altura dos ombros, uma herança de família, preservado com todo cuidado por mais de trezentos anos, desde o tempo de Carlos II.

Enquanto contemplava no espelho a sua transformação, sem qualquer resistência, Freddy pensou que se tornava um pouco mais fácil aceitar a perspectiva do casamento a cada camada adicional daquela extravagância de muitos séculos, pois reconhecia cada vez menos o seu eu sem uniforme. A única visão familiar no espelho eram os cabelos, projetando-se como um espetáculo de fogos de artifício das nuvens de marfim que a envolviam.

Muitas pessoas casavam, disse ela a si mesma. Sua mãe era casada, *Lady Penelope*, a quem deveria agora chamar apenas de Penelope, mas nunca de Penny, era casada..., conhecia centenas de mulheres casadas que não pareciam considerar o seu estado anormal ou oneroso. Por que então casar parecia uma coisa tão estranha para se fazer numa tarde adorável? Por outro lado, era o momento certo do dia para voar.

— Antony está todo arrumado também? — perguntou ela a Jane, por pura curiosidade. — O uniforme passado e todo o resto?

— Antony?

Jane tinha uma expressão vaga, muito absorvida em ajeitar o vestido verde-claro de dama de honra para prestar atenção.

— Seu irmão Antony. O noivo... ou pelo menos foi o que me disseram.

— Oh, Deus!

Jane saiu correndo para verificar e voltou alguns minutos depois, balbuciando histérica:

— Não há menor sinal dele! Ninguém sabe de nada!

— O que foi mesmo que você disse antes sobre soldados, Jane? — perguntou Freddy.

— Acalme-se, Jane — interveio Eve. — Ele não telefonou para dizer que estava a caminho?

— Há horas!

— Talvez ele tenha mudado de idéia — sugeriu Freddy. — Acontece nas melhores famílias.

— Falei com ele — anunciou Sophie, de seis anos.

— Quando, sua diabinha? — perguntou a mãe.

— Há poucos minutos. Eu estava lá embaixo, o telefone tocou, atendi e era Antony. Ele me deu um recado.

— Por que não nos disse nada? — quase sussurrou *Lady Penelope*, para não gritar.

— Foi para mim que ele deu o recado. Não pediu para contar a ninguém. Teve um pneu furado e vai se atrasar. Disse para todo mundo ir encontrá-lo na igreja.

Lady Penelope olhou para o relógio.

— Sophie, Kate, Sarah ponham os seus vestidos de damas de honra. Sairemos dentro de vinte minutos, sem atraso.

— E se tivermos de esperar na igreja, mamãe? — indagou Sophie, em tom solene, ansiosa por atenção.

— Sophie Harriet Helena Longbridge., você... está... começando... a abusar... da minha... paciência.

A essas palavras extremamente ameaçadoras, as três meninas desapareceram, num turbilhão de meias e sapatos brancos.

O cortejo nupcial, em carruagens puxadas por cavalos, seguido por toda a aldeia e os vizinhos a pé, a cavalo e em outras carruagens, chegou bem a tempo de ver o carro do noivo alcançar a igreja a toda velocidade. Tony e seu padrinho conseguiram correr para os fundos da igreja, pouco antes de o sino na torre anunciar as três horas.

A partir do momento em que começou a descer pela nave, no braço de Paul, Freddy tornou-se uma figura de uma tapeçaria. Avançou pela marcha familiar, o centro de uma imponente sarabanda, à música que ninguém na igreja podia escutar sem também permanecer, em alguma parte do cérebro, alerta ao som de bombardeiros lá no alto.

— Então essa é a sua garota — suspirou o padrinho, Jock Hampton, ao contemplar pela primeira vez a figura alta, magnífica, velada, que se aproximava; apenas poucas horas antes ele estava prestes a partir para Londres, com um passe especial. — Agora compreendo o motivo para toda a pressa.

— Cale-se! — murmurou Tony, pelo canto da boca, não querendo que o som de uma voz humana se interpusesse entre ele e a visão de Freddy, embora ela estivesse irreconhecível.

Apesar de alto e empertigado, Tony ainda era cerca de seis centímetros mais baixo do que o californiano esguio e louro que estava com a esquadrilha *Águia* desde o início, meses antes de Tony se tornar o líder da esquadrilha. Os dois jovens, no uniforme azul da RAF, esperaram em silêncio, enquanto o órgão tocava, até que Paul conduziu Freddy ao altar e pôs sua mão na de Tony.

Jock Hampton deu um passo para trás e observou-os repetirem os votos. Mal podia divisar o rosto velado de Freddy na semi-escuridão da igreja antiga. A renda cobria a cor de seus cabelos e foi só quando ela empurrou o véu para trás, depois da cerimônia, a fim de poder beijar Tony, é que ele pôde ver seu rosto direito pela primeira vez. Os cabelos na nuca se arrepiaram antes mesmo de ter um pensamento coerente. Não apenas porque ela era linda, de uma beleza extraordinária, mas também porque já a vira antes e sabia que nunca mais poderia esquecer seu rosto. A primeira vez em que a encontrara fora 24 horas antes, quando ela empurrara o capacete para trás e acenara, logo depois de lhe salvar a vida.

A maior das salas da ala mais antiga de Longbridge Grange fora aberta para a festa do casamento.

Freddy dançou com cada um de seus novos parentes, antes que Jock Hampton achasse que era apropriado tirá-la, no momento em que ela estava com seu novo cunhado, Nigel.

— Eu estava querendo lhe agradecer — disse ele, enquanto começavam a dançar.

O véu de Freddy há muito que fora removido, e agora os cabelos esvoaçavam brilhantes em volta do rosto, do esforço de dançar com tantos homens, dos doze aos oitenta anos, cada um dos quais alegava algum parentesco com ela. O padrinho era o único homem ali que Freddy não esperava que fizesse alguma exigência a seu cérebro confuso.

Aturdida com as palavras, Freddy levantou os olhos para Jock Hampton. Um rosto da Califórnia, foi seu primeiro pensamento. Cursara a escola secundária com tipos iguais, os heróis do futebol americano, mais altos do que qualquer um à volta, heróis atléticos, jovens dourados, não muito mais jovens do que aquele oficial, cujos cabelos louros caíam sobre a testa de uma maneira contra os regulamentos e que também destoava da moda em voga, que obrigava os homens a usarem uma gomalina para manterem os cabelos grudados na cabeça. Ele parecia rude, pensou Freddy, enquanto constatava aliviada que o americano dançava maravilhosamente, rude insubordinado, com um brilho curiosamente risonho nos olhos azuis, em volta dos quais as linhas da contração dos olhos eram mais profundas que as de qualquer homem, à exceção de um piloto. Aquele cavalheiresco vikingue, que aparecera inesperadamente em seu casamento, era indomável e inconquistável, ela teve certeza. Onde Tony o teria encontrado? Freddy fitou-o com uma expressão inquisitiva? Do que ele estava falando?

— No outro dia eu queria lhe agradecer por salvar a minha vida... o sujeito no bote... não se lembra de mim? Faz aquilo todos os dias?

— Você?

— Isso mesmo. Uma grande manobra, Sra. Longbridge.

— Ora, seu miserável! Seu falastrão! Seu cretino! Quase provocou minha expulsão do ATA com sua história. Por que não pôde ficar de boca fechada, seu palhaço? Imbecil! Tinha de sair por aí e dar com a língua nos dentes para algum repórter.,, nunca vi nada tão estúpido... — Ela parou de dançar abruptamente e quase arriou nos braços de Jock Hampton, espantada demais com a explosão para continuar.

— Não resta a menor dúvida de que possui um talento e tanto para se expressar — comentou Jock, amparando-a. — Fico contente que não esteja com seus canhões carregados hoje.

— E também não estava naquele dia. Voamos desarmados, espertinho.

— Estava blefando com um Messerschmitt?

— Não pensei muito a respeito, para lhe dizer a verdade.

— Ora, ora Sra. Longbridge, não tenho muita certeza se invejo nosso esplêndido líder de esquadrilha. Ele sabe com que tipo de maníaca casou?

— Ora, não encha, espertinho! Eu tinha de me divertir um pouco, para variar. Vocês ficam com toda a ação, e nós temos de nos contentar apenas com o serviço de entrega. Gostaria de fazer isso durante todo o tempo? Qual é mesmo o seu nome?

— Jock Hampton.

— Pois muito bem, Jock Hampton, nunca se atreva a contar a Antony o que eu fiz. Nunca pense em sequer mencionar o assunto a qualquer pessoa neste mundo, está me entendendo? Ou vou pegar você, e pegar de jeito. E quando pego alguém, é para valer.

— Tem a minha promessa. Estou apavorado demais para sequer me lembrar...

— Lembrar o quê? — indagou Freddy, contraindo os olhos, desconfiada.

— Já nem lembro o que era que não ia lembrar.

— Talvez não seja tão incrivelmente obtuso quanto eu pensava.

— Creio que está na hora de cortar o bolo, Sra. Longbridge.

— Pare de tentar mudar de assunto.

— Não é isso. Estão mesmo à sua espera. Mas permite-me acrescentar só uma palavra de explicação, circunstâncias atenuantes e tudo isso. E depois nunca mais tocarei no assunto, está bem?

— Pode falar.

— Eu não disse ao repórter que era uma mulher. Só disse que tinha cabelos ruivos. Percebi logo que eram compridos demais para um homem.

Freddy pensou por um momento.

— Pensando bem, acho que não falou mesmo. Isso significa que devo pedir desculpas por todas as coisas horríveis que falei?

— Uma noiva nunca tem de pedir desculpas por coisa alguma.

— Pedirei mesmo assim. Eu não deveria ter falado tudo aquilo para você. Não no dia do meu casamento.

Ah, mas eu quero essa garota!, pensou Jock Hampton. Ela tem de ser minha!

O cartaz pregado por todas as paredes de prédios na França inteira, no início de 1943, mostrava um jovem francês monumentalmente musculoso e bem nutrido, vestindo um macacão azul, de pé numa atitude arrojada sob um céu laranja, na frente de um jogo de ferramentas. A distância podia-se ver uma Torre Eiffel mínima, a legenda proclamando, em letras grandes, vermelhas, brancas e azuis: TRABALHANDO NA ALEMANHA, VOCÊ É O EMBAIXADOR DA QUALIDADE FRANCESA.

A qualidade francesa, refletia Bruno, sempre que passava por esse cartaz em particular, seria em todas as ocasiões um artigo desejável, sob qualquer forma que fosse encontrada... embora se congratulasse consigo mesmo por não ter de demonstrar pessoalmente a qualidade francesa sob a força de trabalhos forçados na Alemanha, que o cartaz oferecia de maneira tão insinuante. Suas funções em Valmont lhe proporcionavam a imunidade desse trabalho. Desde 1942, quando o avô, Jean-Luc de Lancel, morrera de pneumonia, Bruno descobrira-se o senhor da Casa de Lancel, do Château de Valmont e de todos os seus vinhedos. Depois da morte do marido, Anette de Lancel, desolada, retirara-se permanentemente para seus aposentos e não demonstrara mais qualquer interesse pela administração da propriedade.

Apesar da relativa boa vontade que Bruno cultivara e mantinha com os representantes do *Führer* da Champagne, não podia alterar o fato básico de que seu champanhe era tratado como despojos de batalha. Era verdade que os alemães haviam finalmente permitido que os produtores vendessem quase 25% de sua produção anual para fontes civis na França, Bélgica, Finlândia e Suécia, mas essa concessão possibilitava apenas continuar a produzir e não permitia qualquer luxo.

Como o negócio de champanhe se tornara terrivelmente improfícuo, pensou Bruno, irritado, depois do funeral do avô, contemplando o mar de vinhedos no vale ondulante, abaixo do *château*. A qualidade francesa estava ali, não podia negar, mas ele podia muito bem ser um açougueiro olhando para um balcão coberto por vísceras — tripa, fígado, miolos, molejas —, por todo o senso de prazer estético que a vista lhe proporcionava. Depois dos dois últimos anos, ele sabia tudo o que precisava para supervisionar o cultivo das uvas de champanhe, muito mais do que pretendia aprender.

Não tinha a menor intenção de permanecer naquele tedioso canto da França depois que a guerra terminasse, como acabaria mais cedo ou mais tarde, depois que todos os países do mundo se esgotassem.

Contudo, quem podia adivinhar quantos anos ainda faltavam para o fim? Quem podia ter certeza sobre os novos centros de poder? As pessoas pouco sabiam do progresso da guerra em Paris, muito menos ali, na Champagne, longe dos campos de batalha. Bruno presumia, como milhões de outros, que a França acabaria de alguma forma ligada à Alemanha, com alguma sorte seria tratada como uma aliada inferior do Reich, em vez de um território derrotado.

Bruno apalhou a chave das vastas adegas cheias com o champanhe Lancel escondido, intactos desde o início da guerra, sua existência ignorada pelos alemães e agora conhecida apenas dele e dos três Martins, que haviam guardado ali as garrafas da safra de 1939. Só no dia anterior à sua morte é que o avô finalmente lhe concedera a posse da chave sagrada.

Quando visitara as adegas secretas pela primeira vez, em 1933, lembrou Bruno, o avô comentara que, no caso de uma guerra, um Lancel de volta a Valmont poderia restaurar e reconstituir os vinhedos, vendendo aquele extraordinário estoque de champanhe. No que lhe dizia respeito, pensou Bruno, o *château* podia cair em ruínas, o solo dos vinhedos podia ser usado na plantação de repolhos...

teria o maior prazer em nunca mais ver outra videira, nunca mais supervisionar outra colheita. Que se danasse a qualidade francesa!

Amaria aquela terra se tudo fosse lhe pertencer algum dia, sem a poluição das heranças iguais de suas meias-irmãs? Não, concluiu ele, nunca, nem mesmo assim. Ficaria... gratificado... pela posse de tudo, mas nunca poderia amar uma terra que exigia tanto de seu proprietário. A terra devia existir para ser desfrutada, não para ser servida. Um *château* devia ser renomado por suas riquezas em caça, por seus cavalos, pelo esplendor dos objetos de arte e arquitetura, pelas visitas de reis há muito mortos e a pompa dos séculos, como os châteaux dos Saint-Fraycourts, antes de serem perdidos. Valmont não era bastante esplêndido; sua arte consistia em retratos da família e bons móveis, mas sem nada de espetacular. E

aquela terra da Champagne era decididamente agrícola, não importava o quanto se louvasse a peculiaridade de seu solo, a nobreza da uva.

Se ele fosse o único proprietário, contrataria um administrador para extrair até a última gota de lucro de cada hectare, e só viria a Valmont para se certificar de que não estava sendo trapaceado. De que adiantava ser um aristocrata, quando ali, em Valmont, tinha as mesmas preocupações de um camponês, um dos muitos trabalhadores que possuíam seus poucos *arpents* de uvas de champanhe?

Mas aquele tesouro em champanhe nas adegas... ora, era algo muito diferente! Era riqueza, melhor agora do que ouro, devia lhe servir de alguma coisa. A morte do avô libertara-o para vender tudo e devia tomar as providências o mais depressa possível, pois a cada dia que passava, com as garrafas verdes adormecidas, festivamente adornadas com seus reluzentes rótulos dourados, mais se aproximava o fim da guerra. Com o inevitável cessar-fogo, mesmo que os alemães se tornassem os senhores incontestáveis de toda a Europa, haveria um período de incerteza e confusão, como ocorrera depois da queda da França.

Mas, a esta altura, Bruno prometeu a si mesmo, ele estaria melhor preparado. O champanhe teria sido convertido numa moeda segura e depositada num país estável, a fim de que pudesse aproveitar a melhor oportunidade que a paz oferecesse. Já estava com 28 anos, desperdiçara três anos ali. Ah, a qualidade francesa!

Bruno foi fazer uma visita, o que procurava efetuar com toda a frequência possível, a seu simpático amigo, o General von Stern, que àquela altura se sentia inteiramente à vontade na casa da Rue de Lille. Não levou muito tempo para que chegassem a um acordo de cavalheiros sobre o destino das muitas centenas de milhares de garrafas, em pilhas com seis metros de altura, que constituíam a força conquistada com o maior esforço pela Casa de Lancel, seu sangue vital, seu futuro.

O general adquirira, no curso de sua busca por obras de arte, um amplo conhecimento de quem estava vendendo o que e a quem na França ocupada, mais até do que era a rigor necessário para sua missão. Compreendeu no mesmo instante o problema de Bruno, e com vários telefonemas, uma reunião, um acordo sobre a divisão dos despojos, resolveu tudo, para satisfação mútua.

Foram feitos os acertos para o desvio de um comboio de caminhões à disposição do general, efetuando uma viagem noturna até Valmont. Disciplinados soldados alemães carregaram as garrafas de champanhe Lancel para os caminhões, com o mesmo cuidado e respeito com que transferiam quadros e esculturas. Não houve quebras, não houve saques, não houve vandalismo, não houve qualquer distúrbio que atraísse a atenção de uma única alma no *château*. Os emissários do gabinete do Führer da Champagne também não tomaram conhecimento de coisa alguma, pois nunca permaneciam nas adegas da região depois do escurecer.

As adegas secretas de Valmont foram esvaziadas de seu tesouro, mês após mês, até que a força dos Lancel desapareceu para sempre no mercado negro, e Bruno, através de ligações bancárias na Suíça, consolidou uma base forte para sua fortuna. Ninguém foi prejudicado, exceto os três primos Martins, os leais adegueiros, que tinham o infortúnio de saber da existência do champanhe oculto. Bruno concluiu que seria prudente se livrar deles e de suas memórias inconvenientes. Nunca deveriam ver as adegas vazias de Le Trésor.

Na próxima vez em que um agente do gabinete do Führer em Rheims veio inspecionar os vinhedos Lancel, encontrou Bruno bastante preocupado, mais uma vez precisando dos conselhos que procurava

com tanta frequência.

— Sinto que é meu dever informar que tenho motivos para acreditar que três dos homens que mereciam minha confiança ingressaram na Resistência. Não sei o que fazer... meu avô amava esses homens... mas não posso, de boa-fé, protegê-los, porque isso significaria na verdade apoiá-los.

— *Vicomte*, tomou uma decisão prudente e patriótica. Dê-me os nomes e não pense mais a respeito. Entregarei o problema ao escritório da Gestapo em Rheims.

Sentiria a falta da mão-de-obra experiente, refletiu Bruno, ao saber que os três Martins haviam sido executados. Contudo, tinha de admitir que a Gestapo era muito útil para algumas coisas.

Daria tudo para ouvir Cary Grant soltar sua risada irônica, ver Fred Astaire sapatear despreocupado por uma escada acima ou ver Myrna Loy espirituosamente transformar algum homem num idiota, pensou Delphine, enquanto mantinha a cabeça firme para que o cabeleireiro pudesse esconder seus próprios cabelos sob uma peruca que a transformaria na Imperatriz Joséphine. Mas os filmes americanos eram apenas lembranças nostálgicas, já que estavam proibidos em 1940. Estava sendo preparada para mais um dos formais e suntuosos dramas históricos e biográficos que se haviam tornado tão populares entre os produtores de filmes franceses nos últimos anos.

"Prestígio" e "alta arte" eram agora os termos fundamentais no mundo do cinema, os produtores sentavam-se nos refeitórios debatendo os valores de um roteiro, para determinar se glorificavam ou não devidamente a cultura e tradição francesas. A França ocupada estava isolada do mundo, mas sempre teria seu sublime passado. O cinema virava-se para trás, para o nacionalismo orgulhoso dessa grandeza antiga, para uma visão do esplendor passado.

Muitos produtores alegavam que recorriam ao épico para oferecer esperança e inspiração ao povo francês naquele período de derrota; outros, resignavam-se abertamente ao novo regime, admitiam que encontravam um refúgio acolhedor e seguro na história, assim como na eternidade do mito e lenda, já que nada da trágica realidade podia ser apresentado na tela. O conquistador era astucioso demais para deixar de compreender que o espetáculo devia continuar, particularmente para o povo de uma nação derrotada, que lotava os cinemas como nunca antes.

Delphine usara perucas de época e vestidos que desciam até o chão em seus últimos cinco filmes, todos filmados em châteaux que os alemães haviam posto à disposição para o trabalho em locação ou em estúdios decorados com requinte. Os roteiros eram repletos de linguagem literária bombástica, e a ação dos filmes transcorria num rigor de forma e uma busca de perfeição de sentimento, um retorno ao classicismo que não deixava margem para a diversão espontânea e a sofisticação das produções iniciais da Continental.

Delphine estudou o rosto com a crueldade de uma profissional no espelho do camarim. Ainda podia se submeter ao escrutínio de um close, embora não pudesse compreender como isso era possível, quando há quase quatro meses não recebia um único cartão postal de Armand. Em casa, sozinha, sem maquiagem, podia ver as linhas em volta dos olhos, os resíduos de longas noites a chorar, a tentar lutar contra o desespero e a insônia. Se ela pudesse ver as marcas hoje, a câmara as veria amanhã, pensou Delphine, preocupada, pois não podia se dar o luxo de ficar sem trabalho, como todo mundo.

Tinha de procurar conselho, conversar com alguém, compreendeu Delphine, enquanto uma tiara de diamantes e esmeraldas era ajeitada na peruca, caso contrário acabaria desabando sob o peso do medo crescente pela segurança de Armand.

Mas a quem podia procurar? Mantivera uma correspondência constante com a avó em Valmont desde 1940, encontrando o mesmo conforto em despejar para a velha o que havia em seu coração que sentiria se escrevesse um diário. Recebia respostas cada vez mais infreqüentes às suas cartas — era quase como remetê-las numa garrafa ao sabor das ondas —, mas mesmo assim lhe proporcionavam uma sensação de família, pequena mas muito necessária, tão reconfortante quanto um aquecedor de mão levado dentro de

um regalo por alguma dama vitoriana. Sem dúvida, Anette de Lancel, após entrar na casa dos oitenta anos, não podia mais encontrar uma resposta para os problemas da neta como acontecera outrora, quando oferecera aquele jantar no verão há quase sete anos — ou seriam setecentos? — no *château* na Champagne, mudando a vida de Delphine.

Relutante, Delphine concluiu que chegara o momento de procurar Bruno. Ele acertara sobre a guerra, acertara sobre a maneira como os alemães tratariam os judeus na França, e Delphine desejava, vezes demais para contar, que tivesse possuído o bom senso para escutá-lo. Agora, com uma percepção tardia, era quase impossível acreditar como ela e Armand haviam continuado cegamente com suas vidas... e, no entanto, tinham agido com tão pouca previdência quanto quase todo mundo, à exceção de poucos sabiamente pessimistas — entre os quais Robert Siodmak, Max Ophuls, Bros Kaufman e Jean-Pierre Aumont — que deixaram a França a tempo.

Ao telefonar para Bruno em Valmont, Delphine descobriu que ele estava passando alguns dias em Paris. Encontrou-o no hotel, ficou surpresa ao perceber em sua voz tanto prazer como se o último encontro entre os dois nunca tivesse ocorrido.

— Claro que tenho tempo para ir visitá-la, tolinha. Como poderia ser de outra forma?

Marcaram um encontro para o dia seguinte, na casa na Villa Mozart. Delphine vestiu-se e maquilou-se com todo o cuidado para o encontro; ao terminar, avaliou a imagem e concluiu que não parecia muito diferente da moça que ele vira pela última vez há quase quatro anos. Não devia dar a impressão de que estava dominada pelo pânico que quase a sufocava, pois o instinto a aconselhava contra qualquer demonstração de fraqueza.

Ela continua tão bela quanto sempre, pensou Bruno, enquanto a cumprimentava. Delphine estava agora com 25 anos, e seu aprumo, sempre formidável, passara de moça para o de mulher. O charme fascinante do rosto em formato de coração e a disposição dos olhos enormes e inclinados para cima possuíam uma qualidade mágica que o tempo só contribuíra para aumentar. O que poderia tirar de Delphine o poder que possuía, exceto a privação concreta, especulou ele, até que observou seus olhos cinzas enevoados e percebeu no mesmo instante que ela estava apavorada.

Ela ofereceu um aperitivo, e por alguns minutos conversaram sobre amenidades, um tempo em que Delphine convenceu-se de que Bruno continuava tão imparcial e fácil de conversar quanto nos dias em que haviam sido íntimos, quando prestavam favores um ao outro sem perguntar sobre os motivos.

— Estou preocupada, Bruno — disse ela abruptamente. — Armand caiu prisioneiro em Dunquerque e foi enviado à Alemanha para trabalhar numa fábrica. Até quatro meses atrás, enviava-me cartões-postais para dizer que estava bem... e agora só há silêncio.

— O que fez para descobrir onde ele se encontra? — indagou Bruno, objetivo.

Portanto, pensou ele, ainda era o problema daquele maldito judeu. Como era lamentável e tolo. E desnecessário.

— O que posso fazer, Bruno? Nem sei por onde começar.

— Mas deve ter amigos... pessoas que se interessariam...

— Tenho amigos no estúdio, colegas mais do que amigos de verdade, mas como poderiam ajudar?

— Não estou me referindo a eles. Delphine, *chérie*, presumo que é convidada ao salão de Obetz, do embaixador alemão, e ao de Herr Epting, do Instituto Alemão...

— Convidada... é claro... mas ir? Sequer considerarei a possibilidade de fazê-lo.

— Pois aí está um erro, menina, se me permite dizê-lo. Isolou-se de amigos em potencial, de contatos importantes, pessoas que poderiam ajudá-la.

— Os alemães?

— Quem mais? Eles controlam a Europa... quem mais além dos alemães?

— Por que algum alemão me ajudaria a encontrar um judeu?

— Ah, Delphine, você vê tudo em preto e branco, exatamente como antes. Era uma qualidade

encantadora em tempo de paz, mas desnecessariamente ingênua nas atuais circunstâncias. Teve notícias regulares de Sadowski por anos... para mim, isso indica que ele era considerado um francês de origem polonesa, tratado como qualquer outro prisioneiro de guerra. Ele era circuncidado? Não? Ainda bem, sorte dele. Seria uma insensatez nos tempos de hoje sair por aí em busca de notícias de um judeu chamado Sadowski, mas de um cidadão francês, o conhecido diretor de cinema Armand Sadowski... por que não? É natural esperar que use sua influência para tentar obter notícias dele.

— Minha influência? Que influência?

— Será que não percebe, Delphine, que é muito mais famosa hoje do que nunca? E fama é influência, se administrada da maneira apropriada. Deixar tal influência sem uso é como queimar dinheiro, minha cara. Não dura para sempre, como barras de ouro escondidas sob o assoalho.

— Eu nem saberia como começar.

— Não foi para isso que me procurou?

— Eu... queria seu conselho...

— Ponha-se nas minhas mãos, Delphine.

— Oh, Bruno, você acha mesmo que há esperança? — gritou Delphine, incapaz de esconder por mais tempo a precariedade de suas emoções.

— Claro que há esperança — garantiu ele, tranqüilizador. — Terei de pensar no melhor lugar para começar, mas se cooperar comigo, se seguir meus conselhos, estará fazendo o máximo possível por Sadowski, onde quer que ele se encontre hoje.

— Claro, Bruno, farei tudo o que você disser!

Enquanto voltava apressado para seu pequeno hotel na Rive Gaúche, Bruno cantarolava satisfeito. O afastamento de Delphine de sua vida privara-o de um trunfo importante. A posse de uma irmã assim no passado fora valiosa e agora poderia ser ainda mais valiosa. Obviamente, ela precisava acreditar que o judeu ainda estava vivo. Uma pena... ela seria muito mais útil se tivesse a inteligência para compreender que ele devia ter morrido. Contudo, Delphine seria inútil se fosse privada dessa esperança. Muito bem, podia lhe dar a esperança — afinal, a esperança nada custava —, mas o que ela poderia fazer por ele?

Não queria favores do embaixador alemão em Paris ou dos representantes da cultura e artes alemãs, pensou Bruno, enquanto atravessava o Sena. Não tinha importância que Delphine não tivesse cultivado Obetz e Epting, até mesmo Greven, seu chefe na Continental, o que seria absurdamente fácil.

Mas seu General von Stern, por outro lado... isso mesmo, von Stern era outra coisa. O homem demonstrara uma habilidade espantosa no problema do champanhe. Por que não poderiam fazer mais negócios juntos?

Enquanto andava pelas calçadas de Paris, Bruno considerou as notícias... ou melhor, os rumores, pois a imprensa não apresentava quase nenhuma notícia... da derrota de uma vasta força alemã em Stalingrado, apenas poucos meses antes, no início do inverno de 1943. Seria um sinal, especulou ele, de que havia uma possibilidade de que os alemães pudessem não emergir como a única potência na Europa ou seria apenas um erro de cálculo entre muitas vitórias?

Afinal, nem mesmo Napoleão fora capaz de vencer o inverno russo.

Não tinha importância que não pudesse interpretar a lição de Stalingrado, concluiu Bruno, pois o que quer que significasse só reforçava sua convicção de que era o momento para construir sua fortuna agora, antes do término da guerra. Von Stern era um homem sutil demais para não concordar. Ambos queriam a mesma coisa, a riqueza garantida no futuro.

Mas von Stern queria uma outra coisa, aquela coisa que todo conquistador de uma cidade grande e glamourosa desejava: aceitação. Crescera em poder e posição, seus jantares não mais se limitavam aos colegas oficiais. Convidava alguns franceses, homens e mulheres, como também faziam o embaixador e o presidente do instituto; muitos aceitavam — embora nem todos — e jantavam com ele na Rue de Lille.

Muitas vezes von Stern insinuava a Bruno que gostaria de ser apresentado a Delphine. Bruno fora obrigado a apresentar desculpas, embaraçosas na ocasião, que agora pareciam fortuitas. Poderia apresentar Delphine muito melhor agora, depois dos desapontamentos passados de von Stern, do que se o tivesse feito antes, quando as adegas em Valmont ainda estavam cheias.

Isso mesmo, Delphine podia ser controlada pela esperança. Poria as jóias mais lindas e o vestido mais elegante, sentaria à mesa de von Stern, e ele diria as poucas palavras que lhe permitiriam continuar a sentir esperança. Cada um teria o que queria... nada mais... mais seria tão valioso para Bruno quando Le Trésor, que agora estava guardado e esquecido, como se nunca tivesse existido.

Ela amava Freddy mais e mais, pensou *Lady* Penelope Longbridge, enquanto se movimentava por sua cozinha de lajes de pedra, num domingo excepcionalmente quente no início de maio de 1944, organizando um piquenique para a família, mas ela não estaria absorta demais no trabalho de pilotar enormes bombardeiros por todo o país? Um ano inteiro já transcorrera desde que Freddy e Jane haviam sido treinadas para voar os aviões quadrimotores em Marston Moor, e era de se pensar que nesse ano Freddy teria se acostumado a uma aventura que, em sua opinião particular, era um pouco... imprópria para uma dama. *Lady* Penelope sentia-se um pouco contrafeita ao pensar em qualquer das duas nos controles de um bombardeiro, mesmo que fossem acompanhadas por um engenheiro de vôo, e às vezes por um co-piloto.

Era esplêndido para uma mulher voar um Spitfire de um só lugar, da fábrica ao aeródromo, entregando-o a um piloto de caça, assim como um cavaleiro montava um cavalo de corrida e o levava em trote suave ao jóquei que o conduziria no páreo, mas era diferente, algo que ela jamais comentaria para alguém, exceto o querido Gerald, era um tanto inconveniente para as moças voarem os gigantescos Stirlings, Halifaxes e Lancasters, para não falar nada daqueles enormes Boeings B-17, as Fortalezas Voadoras, como vinham fazendo desde o verão passado. Nunca imaginara que passaria todo um desjejum a escutar a filha e a nora discutindo sobre a pressão de carga de um "supercompressor-turboeletrônico" — o que quer que isso significasse —, enquanto devoravam os ovos mexidos, feitos com um pó esplêndido que Jock trouxera ontem, quando chegara para o fim de semana. Pareciam dois velhos mecânicos numa oficina suja.

Ela gostaria de saber o que Freddy faria depois da guerra, quando teria de levar uma vida comum. A invasão do continente não podia estar muito longe, a julgar pela expectativa de tensão que percebia nos rostos de Tony, Jane, Freddy e Jock. Há séculos que os quatro não conseguiam estar ali ao mesmo tempo, compreendeu Penelope Longbridge, enquanto cortava fatias da iguaria rara e fabulosamente luxuosa de carne enlatada, também um presente de Jock Hampton.

E por que ela se preocupava com o ajustamento de Freddy ao futuro e não com o de sua própria filha? Seria porque Freddy enfrentaria um tipo de vida inteiramente novo, enquanto Jane voltaria a uma existência em que fora criada? Por outro lado, ela não esperava que Freddy se transformasse numa inglesa exemplar da noite para o dia. Era exuberante demais, com seus cabelos flamejantes, andar arrogante e gestos expansivos, para se imaginar que poderia se encaixar sem qualquer dificuldade no papel de uma dama britânica. E, no entanto... no entanto... um dia ela se tornaria a senhora de Longbridge Grange, a esposa do 15º barão, a mulher a quem as outras olhariam para dar o exemplo, em sua parte do Kent. Não se podia negar que Freddy não tinha a menor indicação do que se esperaria dela... embora, é claro, ela tivesse apenas 24 anos. A jovem precisaria aprender a ter um interesse mais do que apenas passageiro pela festa da igreja, o Baile da Caça, a Associação Feminina, o hospital, a festa campestre, a exposição local de cavalos, as festas de debutantes no condado... ah, depois da guerra haveria muita coisa para ressuscitar! Freddy tinha alguma noção do tempo e planejamento necessários para um jantar apropriado? Algum dia saberia como fazer uma lista de compras? E estava disposta a aprender bridge? Não poderia jogar cartas num chapéu para ir a Ascot! Certamente ela devia compreender que o bridge seria essencial quando viesse viver no campo com Tony. Penelope Longbridge suspirou, sem perceber

isso.

Quanto a Jane, ela era tão escandalosa que uma mãe tinha de levantar as mãos em diversão ou enlouqueceria. Não havia sentido em ficar chocada... claro que sabia sobre Jane e os homens, embora nem mesmo o querido Gerald desconfiasse, mas de certa forma isso não a perturbava. Toda boa família produz sua lendária Jane de vez em quando — aquela moça terrível, muito terrível, ainda acabaria casando bem, muito bem mesmo, teria meia dúzia de filhos felizes — isso mesmo, Jane era um fenômeno, mas não preocupava tanto como Freddy.

Mas haveria tempo suficiente para pensar em tudo depois que a guerra acabasse, disse bruscamente Penelope Longbridge a si mesma, enquanto contemplava os preparativos. Barras de chocolate como sobremesa, uma garrafa de uísque para beber antes do almoço, muitos sanduíches de carne nas fatias finas do pão de guerra, com uma camada de manteiga em lata, uma salada de batata, couve-de-bruxelas e cebolas, com um molho especial, que compensava a falta de azeite com o uso generoso de pimenta; era uma refeição que só se tornara possível, exceto pelo pão e salada, graças à generosidade de Jock.

Agora que a Esquadrilha Águia se transformara na Oitava Força Aérea Americana, ele nunca visitava Longbridge Grange sem levar um cesto com comida fornecida pelo seu sargento do rancho, para quem nada era bom demais para seu comandante, o Tenente-Coronel Hampton. O querido Jock, pensou Penelope Longbridge, como poderiam passar sem ele?

Amava Freddy loucamente, pensou o comandante de grupo, o honorável Antony Longbridge, enquanto depositava uma pilha de mantas e travesseiros corroídos pelas traças sob uma das pereiras em flor, perto do local do piquenique, mas de certa forma ela mudara, não era mais a moça com quem casara. Ou, para ser justo, não teria ele mudado, desde que surgira aquela droga daquele problema de sinusite? A coisa não o incomodava absolutamente, a não ser quando estava subindo para seis mil metros ou mergulhando de seis mil metros, mas o tornara incapacitado para o serviço, prendendo-o a uma escrivaninha, comandante de um grupo de 36 caças, em vez de ter permissão para pilotar seu próprio aparelho. Se era impossível voar ao limite, então não prestava. Sinusite! Mas que coisa horrível!

Para ser justo, escrupulosamente justo, até mais do que justo, não seria talvez a diferença entre estar limitado ao solo, como ele, e a liberdade de voar, como Freddy tinha, que o levava a sentir uma diferença nela?

E qual era exatamente essa diferença? Sem dúvida ela nem sempre tivera a aura de... seria de autoridade?... que agora possuía.

Freddy parecia ostensivamente no topo do mundo naquele uniforme que ele planejava queimar no segundo em que a guerra acabasse.

Queimaria o uniforme, encheria os sapatos pretos com pedrinhas e os afundaria no rio, cortaria o casquete em um milhão de pedacinhos, tiraria suas asas e as esconderia por mil anos, iria obrigá-la a deixar os cabelos crescerem até os joelhos e a usar vestidos que mostrassem os peitos até os mamilos, não importava o que as pessoas dissessem e lhe aplicaria uma boa surra, só para ela saber quem mandava... mal podia esperar! Com toda certeza, ela nem sempre fora tão totalmente encantada pelo que fazia, a tal ponto que nas ocasiões em que conseguiam passar dois dias juntos, falava o tempo todo sobre bombardeiros, até que ele se sentia tentado a mandá-la calar a boca? Tinha orgulho de Freddy, é claro — quem não se orgulharia de uma esposa tão corajosa? — mas um bombardeiro, no final das contas, não passava de um grande ônibus com asas, será que ela não estendia isso? Será que não entendia que não chegara nenhum messias quando se inventara o visor Norden? Não era de se pensar que ela deveria ter um pouco mais de... tato... sobre a emoção que encontrava em seu trabalho, levando-se em consideração que ele não podia fazer direito o seu, não da maneira como queria?

Na verdade, pensou Tony, sentando-se numa das mantas e passando os braços pelos joelhos, não teria sido normal se ela se afastasse de todo o espetáculo há dois anos, quando Annie nascera? O ATA era uma

organização civil, no final das contas, e Freddy poderia sair sem críticas de ninguém; mas não, continuara a voar todos os dias, até o início do sexto mês, quando não podia mais se espremer no uniforme, não importava o quanto alargasse as calças. Só então ela resolvera ficar em *The Grange*, provavelmente levando sua pobre mãe à loucura, como fizera com ele... era verdade, ele admitia, que não haviam planejado uma criança no meio de uma guerra, mas essas coisas sempre davam um jeito de acontecer quando se estava casado; o que ele deveria fazer, pedir desculpas? E depois ela tivera a criança ao final de oito meses, como se não pretendesse esperar um segundo além do necessário, três meses depois voltara ao ATA, tão vigorosa e animada como sempre, deixando a querida Annie com a mãe dele, Eve, Sophie, Kate, Sarah e qualquer outra pessoa que estivesse disposta a tomar conta, o que acontecia com todo mundo, é claro, por isso Annie provavelmente pensava que tinha seis ou sete mães, a coitadinha.

O pensamento de Annie fez Tony sorrir. Era uma diabinha curiosa, que nunca andava se podia correr; já conhecia todos os legumes na horta, cada árvore e sebe em volta da casa, cada rosa, cada cachorro e cavalo que se aproximava da casa. Tinha um interesse compenetrado, quase precoce, por essas coisas vivas, que preferia aos brinquedos. Possuía um equilíbrio delicado sobre os pezinhos, era graciosa como um lariço nas pernas esguias, fastidiosa como um gatinho, a sua pequena Annie, e não voava coisa alguma, nem mesmo um balão, nunca o faria, se ele pudesse impor sua vontade. Nada disso, Annie cresceria tão recatada e graciosa quanto era agora, aprenderia equitação e bordado tão bem quanto *Lady Penelope*, falaria francês, é claro, o que já fazia com Eve, que vinha a Longbridge Grange sempre que podia. Ah, a sua Annie seria uma típica dama inglesa. E assim que a guerra acabasse, no instante em que a paz fosse proclamada, ele tornaria a engravidar Freddy, e depois que ela desse à luz começaria tudo de novo, até que ela tivesse bastante filhos e especulasse sobre o que encontrava para preencher todas as horas compridas e indolentes que desperdiçara durante a guerra. Bombardeiros? Caças? O que era isso?, ela perguntaria. Como qualquer máquina poderia jamais atrair o interesse da mãe de tantos filhos... especialmente quando ela tinha de pôr o marido em primeiro lugar, como qualquer boa esposa?

Amava Freddy, amava de verdade, pensou Jane, enquanto ajudava a mãe a carregar a comida para o piquenique, mas quanto mais a conhecia, mais compreendia que havia alguma coisa na cunhada que resistia a se entregar e se fundir na unidade que constituía uma família adequada. Pensava às vezes que haviam conversado sobre tudo que duas mulheres poderiam falar, ainda mais quando eram cunhadas e colegas aviadoras, mas de repente Freddy se tornava remota, como se visse alguma coisa que Jane nunca avistara, como se pensasse em alguma coisa que Jane nunca poderia compreender. Nunca interrogara Freddy sobre esses momentos, mas sabia que havia um mistério em seu passado — relacionado com um homem, é claro, o que mais poderia ser? —, que significava muito para que ela jamais o revelasse.

O azul eternamente surpreendente dos olhos de Freddy ficava enevoado, o sorriso fácil e jovial desaparecia, e por um instante ela parecia nem estar ali.

Qualquer que fosse o mistério, explicava por que voar representava mais para Freddy do que jamais seria para ela. De certa forma, Jane invejava a paixão constante de Freddy, da maneira como uma mulher casada, não desagradavelmente entediada com o marido, invejaria o amor jovem em seu primeiro arroubo. Após o término da guerra, Jane achava que nunca mais ia querer ver um avião. Muito em breve seriam cinco anos a subir e descer dos malditos aparelhos — ah, fora maravilhosamente emocionante, um grande desafio, ser capaz de cumprir a missão, em especial à medida que se tornava mais complicada —, e sem dúvida ainda era a maneira mais direta possível de substituir um homem no máximo de batalha que uma mulher jamais poderia conhecer. Em algumas ocasiões, era sensacional, especialmente quando se possuía um bombardeiro para transportar. Freddy estava redondamente enganada sobre aquele miserável supercompressor ianque Minneapolis-Honeywell... era muito mais confiável usar as hélices de cada motor, mas quem podia ganhar tal discussão teórica? E já que estava pensando nisso, será que se importava mesmo ou só começara a discutir para ser sociável?

Jane largou a travessa com sanduíches e cobriu-os com todo cuidado, contra o ataque em potencial de insetos. Olhou para Tony, sentado, imerso em pensamentos, teve a impressão que o irmão se sentia como ela. Uma parte do seu ânimo acabara quando Margie Fairweather, que começara com elas nos primeiros dias, morrera no momento em que o Proctor que pilotava sofrera uma pane no motor.

Conseguira ainda pousá-lo num campo, mas explodira ao cair numa vala oculta, antes que o motor pudesse ser desligado. Houvera outras mortes no ATA, muitas outras, mas a de Margie fora a mais triste, pois ela deixara uma criança pequena. O marido, Douglas, também do ATA, morrera numa missão voluntária, sobre o mar da Irlanda, com mau tempo, quatro meses antes. Freddy nunca pensava na pequena Annie quando assumia os controles dos aviões mais pesados que já haviam sido voados naquela guerra? Não era algo que se pudesse perguntar a ela, da mesma forma que não se podia perguntar a Jock por que continuava a voar com sua esquadrilha, quando já realizara tantas missões que poderia escolher, com toda honra, uma função burocrática. Tinha-se de aceitar o fato de que Freddy estava disposta a correr o risco, com ou sem filha.

Onde estava Jock?, especulou ela. Provavelmente, naquele dia excepcional, em que todos puderam voltar a *The Grange* por algum tempo, conversava com Freddy sobre — o que mais poderia ser? — o bombardeio da Alemanha, que em breve, muito em breve, prepararia o caminho para a invasão. Toda a Inglaterra parecia, quando se voava por cima, um vasto campo de preparação para o combate iminente.

Homens e material se acumulavam de tal forma no solo, concentravam-se nos portos, que era de admirar que a ilha não afundasse sob o peso. E depois da invasão, depois da vitória pela qual todos rezavam, o que Jock faria?

Com toda certeza, Tony e Freddy viveriam ali no campo, levando a mesma vida de quinze gerações de Longbridges. Ela, Jane, iria para Londres, teria uma série de aventuras fabulosas, uma depois de outra, cada uma mais emocionante do que a anterior, até a paixão final, quando encontraria o homem com quem poderia assentar e fazer o que era direito por sua mãe.

E Jock? Jane Longbridge sentou-se sobre uma manta, de costas para o irmão, a fim de não dar a impressão de que queria interromper seus pensamentos. Refletiu sobre o problema de Jock Hampton.

Talvez, no final das contas, ela tivesse sorte por terem fracassado as tentativas furtivas e engenhosas de Freddy para uni-la a Jock. E se Jock se apaixonasse por ela, como Freddy desejara? Estaria agora se preocupando com a ida para a Califórnia em companhia de um marido americano, com a adaptação a um novo país e um novo modo de vida. Outra esposa de guerra.

Isso mesmo, fora uma sorte que não tivesse acontecido. Quase deixara de sentir-se apaixonada por Jock. Se alguém lhe dissesse alguma vez que faria algo tão infantil e banal quanto gostar de um homem que não a amava, ela bateria em sua cabeça com a garrafa que tivesse à mão... mas, infelizmente, ela o amava, com uma intensidade absurda, apaixonada e angustiante, embora ninguém mais soubesse disso, nem mesmo Freddy. A cura escolhida era tão humilhante quanto segura.

Bastava olhar para Freddy e Jock juntos e constatar que o belo, louro e tolo californiano — cujo rosto Jane ansiava em tocar, desde o casamento de Freddy e Tony — ainda estava apaixonado por sua cunhada, embora Freddy não o soubesse, para sentir seu coração se endurecer mais um pouco contra ele. Em breve, muito em breve a carapaça em volta de seu coração se tornaria tão dura quanto a de um caranguejo, os pensamentos de Jock Hampton, seus olhos e lábios, seu rosto de vikingue, não mais perturbariam suas noites e toldariam seus dias.

Quanto a Freddy, Jane deu os parabéns a si mesma, podia dizer sinceramente, no fundo de seu coração, que nunca sentira ciúme de outra mulher e não pretendia começar agora. Pobre Jock... quando a guerra acabasse, ele deixaria a Inglaterra; embora tivesse se tornando um membro honorário da família, quem podia saber com que frequência seria capaz de voltar? E quando se encontrasse com Freddy depois da guerra, uma Freddy numa saia de tweed, com um bando de filhos e uma casa para administrar, ainda ficaria apaixonado por ela? Provavelmente Freddy estaria um tanto roliça então, talvez os cabelos já

começassem a perder o brilho, até mesmo começassem a ficar grisalhos, preocupada com um novo bebê, um cachorro doente ou uma cozinheira que não viera trabalhar... isso mesmo, era inevitável que Freddy se tornasse assim dentro de poucos anos.

Perderia um pouco do encanto... a Inglaterra ainda a pegaria. Por outro lado, pensou Jane, com aprovação, ela estaria desfrutando suas aventuras. Dez anos de aventuras amorosas mal dariam para compensar as privações de treze dias de serviço e apenas dois de folga. Será que demoraria muito para surgir meias decentes no mercado depois da guerra?

Ainda sentia alguma coisa por Freddy, pensou Jock Hampton, no peitoril da janela de seu quarto, contemplando Tony e Jane, sentados em mantas no que parecia ser um silêncio confortável, sob a pereira florida, mas por que não podia parar de cantar *Till We Meet Again* para sua afilhada? Quando a Esquadrilha Águia ainda estava intacta, por um ano depois de seu casamento, Freddy e Tony freqüentavam o *pub* predileto dos pilotos americanos, sempre que ele tinha uma licença. Todas as noites, enquanto se sentavam a beber e fumar, tentando não pensar nos homens que não haviam voltado de suas últimas missões, Freddy cantava para eles por horas a fio, canções atuais e canções da Primeira Guerra Mundial, que aprendera com Eve. A noite nunca estava encerrada para ninguém até que Freddy cantasse aquele último verso adorável, aquelas últimas palavras, *Till We Meet Again*, até nos encontrarmos outra vez, que Jock sempre acreditara, contra toda a lógica, ser uma promessa particular para ele. Ela não sabia disso... mas ele sabia, e era isso o que importava.

O quarto de Annie ficava ao lado do seu, e podia ouvir, mesmo através das grossas paredes, a voz alegre de Freddy, enquanto dançava com a menina de um lado para outro. Será que Freddy não percebia que era o tipo de melodia que ficava em sua mente e não parava de levá-lo à loucura por meses? Por que não podia cantar *Mairzy Doats* ou alguma outra coisa facilmente esquecível? Sempre podia pedir a ela para parar, ele refletiu, mas como se podia dizer a uma mãe que o som de seu canto para a filha é um tormento? Como podia explicar que se descobria a ouvir aquela melodia antiga quando deveria estar se concentrando em uma das várias moças bonitas e acessíveis que quase se precisava afugentar em Londres? Não era sem motivo que chamavam as divisas de piloto de "abridores de pernas"... funcionavam até mesmo para um segundo-tenente, embora o posto tivesse seus privilégios.

Sempre podia sair e se sentar com Jane e Tony ou então encontrar com *Lady Penelope* na cozinha e ajudá-la — a cozinheira estava velha demais para ser de muita serventia —, mas alguma coisa o tornara incapaz de deixar seu posto de observação. Devia ser o tempo. Todos na Inglaterra diziam que era o mês de maio mais quente de que podiam se lembrar... nos Estados Unidos, em San Juan Capistrano, Califórnia, seria apenas mais outro dia bonito, o tipo de dia em que se teria dificuldade para decidir entre surfar e jogar tênis, a tal ponto que se acabava fazendo as duas coisas. Ou talvez fosse o tipo de dia em que um sujeito como ele, apaixonado pela velocidade, apaixonado pelo perigo, apaixonado pela emoção, apaixonado por voar, pudesse ouvir mais uma notícia sobre o grande espetáculo que se desenrolava no exterior, lá na Inglaterra, conseguindo arrumar o dinheiro para a passagem de trem até o Canadá, recebendo treinamento de vôo suficiente para ingressar na Esquadrilha Águia.

Fora exatamente num dia assim, há quatro anos, que ele se despedira da família e partira... talvez fosse por isso que se sentia inquieto. Não apenas inquieto... mal-humorado. Na verdade, estava irritado por algum motivo inexplicável... indubitavelmente irritado, o que era muito estranho, pois não tivera nenhuma oportunidade de vir a *The Grange* por meses e deveria agora estar desfrutando cada segundo. Não era melhor do que levar sua esquadrilha pelo ar hostil, escoltando os bombardeiros de vôo lento, protegendo-os das baterias antiaéreas e dos caças alemães, até se aproximarem do alvo? Não era melhor do que voar de volta através de um céu repleto de fogo antiaéreo, até se avistar a linha da costa lá embaixo, quando a única preocupação passava a ser a de cair na água, o que resultava apenas em ficar todo molhado e com frio? E, no entanto, nunca ficava irritado daquele jeito quando realizava suas

missões.

Podia se sentir entediado, apavorado, furioso ou loucamente vitorioso, mas uma coisa boa quando se voava o Mustang P-51, aquele espetacular aparelho de caça, aquela gloriosa plataforma de canhões com asas, era que o piloto nunca tinha tempo de se sentir irritado. Para ele, ficar irritado era tão angustiante quanto uma febre baixa constante, uma coceira que não se podia coçar, uma sede que não se podia satisfazer, independente do quanto se bebesse.

Um dos motivos para continuar a voar era a certeza de que ficaria irritado durante todo o tempo, em vez de apenas uma parte do tempo, se deixasse que o prendessem ao quartel-general. O comando do grupo deixava-o em terra por algum tempo de vez em quando, alegando que precisava de um descanso, mas não podiam mantê-lo longe do ar por um período prolongado. Se queria voar e não estava doente nem era maluco, eles não podiam impedir, tenente-coronel ou não.

Quando saíra de casa para ingressar na Esquadrilha Águia, ele era apenas outro inexperiente universitário de vinte anos, impetuoso, fascinado pelo céu, que não podia suportar a idéia de perder a diversão. Tinha agora 24 anos; aprendera que diversão e guerra não eram a mesma coisa durante a primeira missão, mas se sentia profundamente satisfeito por ter vindo para o lugar certo, embora pelos motivos errados. Antes dos Águias serem transferidos para o Corpo Aéreo do Exército dos Estados Unidos, haviam abatido o equivalente a seis esquadrilhas da Luftwaffe, e isso fora em 1942. Não era tão ruim assim. E nem tinham seus Mustangs naquele tempo.

Merda, por que continuava sentado ali, bancando o filósofo, quando podia estar na cozinha, fazendo alguma coisa proveitosa?

Claro que Freddy não estava lá... provavelmente nem mesmo sabia como fazer um bom sanduíche de presunto. Seria uma esposa irremediável para Tony depois da guerra... e ele ficava triste só de pensar a respeito. Um sujeito sensacional como Tony merecia algo melhor. Tony merecia uma garota criada para fazer coisas de maneira graciosa, uma garota com as tradições dele no sangue, uma garota que assentasse nos prazeres do tempo de paz, sem se preocupar com outra coisa que não fazê-lo feliz. Seu melhor amigo — o melhor amigo que já tivera em toda a sua vida — tinha todo o direito a uma esposa que o pusesse em primeiro lugar em tudo. Esse era o único tipo de garota com o qual ele próprio pensaria em casar, com toda certeza.

Em vez disso, o pobre Tony estava preso a Freddy, a sacana mais mandona que um homem podia imaginar. Tudo estava errado com Freddy. Ela era muito teimosa, muito corajosa, muito agressiva, muito determinada a impor sua vontade, nada mais importando. E daí se ela lhe salvara a vida? Servia apenas para demonstrar como era uma mulher absolutamente irracional. Não dava para entender como os pobres Eve e Paul haviam-na aturado por todos os anos em que ela estava aprendendo a voar. Seria muito melhor se tivessem um filho homem, em vez de uma garota estouvada como Freddy, que parecia não saber que era uma mãe, muito menos uma esposa.

Jock olhou para o gramado e viu Freddy e Annie aparecerem numa corrida alegre. Ela vestira a menina num macacão azul... não era uma estupidez típica, querer transformar sua afilhada numa garota impetuosa? Não era suficiente uma mulher assim na família Longbridge, que há muito sofria por isso? E olhe só para ela; o que pensava que estava fazendo, num vestido estampado sem alças, como se estivesse na porra da Riviera Francesa? Merda, ela estava até de sandálias vermelhas de saltos altos... devia ter vasculhado de novo os armários de Jane. Bom, pelo menos era uma variação do uniforme azul-marinho com que ela normalmente se apresentava, dando a impressão de que esperava uma continência sua, com aquele enorme sorriso de espertinha e aquela irritante expressão afável nos olhos.

Jock levantou-se, sem perceber, desceu e saiu atrás de Freddy, incapaz de resistir ao impulso de ficar próximo dela, assim como não podia se livrar do som de sua voz ao cantar para a filha.

Freddy estendeu-se numa das velhas mantas, uma versão esguia de uma das exuberantes ruivas de

Renoir, que por acaso tomara um vestido emprestado de Matisse. Cruzara os braços nus sobre os olhos, a fim de resguardá-los da claridade intensa do sol a que se tornara desacostumada, tirou os sapatos para poder retorcer os dedos dos pés sob o seu calor.

Uísque, sanduíches de carne em conserva e chocolates constituíam uma combinação misteriosamente satisfatória, concluiu ela; cada coisa era uma forma de perfeição por si mesma, mas quando saboreadas uma depois da outra, transformavam-se numa iguaria excepcional, que não podia ser explicada pelas partes individuais. Estaria sentindo aquele contentamento profundo porque tantas das pessoas que amava se encontravam à sua volta? Dentro de poucas horas seus pais deveriam chegar de trem de Londres, e tudo ficaria completo... só faltando Delphine. No instante em que o pensamento lhe aflorou na mente, ela sentiu o mesmo inesperado aperto no coração que a dominava cada vez que compreendia há quanto tempo não tinham qualquer notícia de Delphine.

A França era dolorosamente próxima. Quase não passava um dia sem que avistasse seu litoral de uma carlinga, mas parecia haver um muro de concreto erguido em volta do país, projetando-se pelas nuvens, um muro de prisão impenetrável que não permitia que alguém visse o que ocorria lá dentro. O pai teria sido avisado, através do quartel-general da França livre em Londres, com sua rede de comunicações pelo rádio com a Resistência, se alguma coisa fora do normal tivesse acontecido com Delphine; e há anos que ele não recebia notícias. Todos tinham de se tranqüilizar uns aos outros que Delphine estava conseguindo sobreviver de alguma forma, mas a falta de contato era cada vez mais angustiante. Era um assunto que ela e os pais só discutiam entre si; não era justo impor outro fardo aos Longbridges, que já possuíam tantos filhos com que se preocupar, para não falar de Annie.

A querida Annie, pensou ela, escutando Jock, Tony e Gerald tentando atraí-la para seus respectivos colos, provavelmente causara menos preocupação do que qualquer bebê que já nascera. Parecia um pouco com Delphine; tinha o mesmo queixo pequeno e perfeito, os lábios que se inclinavam para cima nos cantos, mesmo quando não estava sorrindo. Recebera o nome em homenagem a Anette de Lancel, para grande satisfação de seu avô, mas para Freddy o nome de Annie sempre lembraria o apelido que todos no ATA usavam para os fiéis táxis Ansons em que todos haviam voado, por cerca de setenta milhões de quilômetros, dentro da Inglaterra, desde o início da guerra. Ela abriu os olhos para deparar com Annie sentada nos ombros de Gerald, os braços em volta de seu pescoço.

Perto dele, Jock estava deitado, olhando para o céu, com o rosto franzido. Afinal, o que havia de errado com Jock?, especulou ela por um instante. Se ao menos ele não vivesse tão ocupado a parecer um saltador, poderia formar um belo casal com Jane, como ela sempre tramara, E todos seriam então uma única e feliz família. Freddy recostou-se e tornou a fechar os olhos, pensando que algumas pessoas — inclusive Jock, desconfiava ela — não aprovavam a sua decisão de voltar a voar logo depois do nascimento de Annie, deixando-a em Longbridge Grange com sua sogra e o bando de tias pré-adolescentes. Mas viera para a Inglaterra em 1939 com a finalidade de realizar uma missão — não importa o que a trouxera para cá, não importa que estivesse seguindo os passos de Mac, em vez de pensar por si mesma —, e essa missão só estaria encerrada depois que ganhassem a guerra. Como uma de apenas treze mulheres na Inglaterra que tinham treinamento para pilotar quadrimotores, como sequer podia cogitar de se retirar e passar todo o seu tempo com uma criança pequena, quando Penelope se mostrava tão disposta a assumir Annie sob seus cuidados práticos e experientes?

Sempre que tinha dois dias de folga ou mesmo apenas uma noite, se conseguia pegar uma carona com outro piloto do ATA até o pequeno aeroporto recém-construído nas proximidades de *The Grange*, ela vinha visitar a filha, desde que fosse possível se apresentar sem falta a White Waltham na manhã seguinte.

Em que outro país do mundo os aeródromos eram tão próximos um do outro que pareciam paradas do metrô?, especulou ela. Havia agora um a cada quinze quilômetros, muitos em vastos gramados de grandes propriedades, em campos de críquete, pólo e futebol, muitos tão novos que não estavam incluídos em

qualquer mapa; por isso, como tantos outros pilotos do ATA, ela costumava passar muito tempo no Serviço de Mapas e Sinalizações, memorizando as posições das pistas mais novas em seus percursos e dos pontos de referência ao redor.

Stirlongs entregues em Keevil, Spitfires em Brize Norton, Warricks em Kemble, Mosquitos em Shawbury, Halifaxes em Yorkshire, pensou ela, numa litania sonolenta... assim transcorriam seus dias. O único avião que não fora treinada a pilotar era um Flying Boat, mas apostava que poderia manejá-lo, se fosse necessário.

Deitada ali, com os olhos fechados, Freddy visualizou a ilha que era a Inglaterra como um mapa vasto e complexo, entrecruzado por muitas rotas, todas gravadas em sua mente: as linhas férreas, estradas, florestas, fábricas, rios, castelos e solares, os corredores estreitos criados por milhares de balões de barragem que protegiam as grandes cidades, as torres de igrejas e até mesmo os vestígios das antigas estradas romanas, que ainda podiam ser divisadas do ar. Algum dia se tornaria uma terra tridimensional para ela, passaria a ser não mais — ou não menos? — do que seu lar, com os muitos hectares férteis delimitados, ou permaneceria para sempre como um mapa bidimensional?

Por que especular? Não valia a pena se incomodar com o que pudesse acontecer depois da guerra, porque a única coisa que importava agora era vencer. Quando? Quando ocorreria a invasão? Ficar estendida ali, ao sol, indolente, fazia-a se sentir errada, embora o cansaço dos últimos treze dias fosse intenso e soubesse que precisava do descanso. Jane estava tão cansada quanto ela... ou estaria inquieta? Mostrara-se muito brusca ao desjejum. Será que estava precisando ser trepada?

E se ao menos Tony parecesse mais feliz... Aquela expressão cansada e tensa, quase furiosa, que ele exibia no rosto fino e vincado parecia mais firme a cada vez que ela o via, depois das ausências prolongadas que seus trabalhos impunham. O que podia ser enviar 36 aviões para o céu a cada noite, depois de passar o dia inteiro fazendo planos com os oficiais responsáveis pelo armamento, abastecimento e manutenção, depois dormir irrequieto, pois que comandante de grupo podia ter um sono de verdade quando seus homens se encontravam sobre a Europa? Devia ser o peso dessa responsabilidade que deixava Tony assim. Ele estaria de pé antes mesmo do momento previsto para o retorno, angustiando-se, até que os a-aviões chegassem, na manhã seguinte. Não era de admirar que ele parecesse tão tenso e remoto. Freddy tentava puxar conversa para afastar a mente de Tony das preocupações sempre que podia, pois o transporte dos aviões era um trabalho simples em comparação com o dele, mas parecia que isso de nada adiantava.

Graças a Deus que tinham *The Grange* para voltar de vez em quando. Ela vivia com Jane e um grupo de outras garotas num chalé que haviam alugado perto de White Waltham, enquanto Tony vivia na base. Era uma maneira horrível de conduzir um casamento, mas a guerra era uma maneira horrível de conduzir um mundo, e seria preciso suportar a primeira até que a segunda acabasse.

— Annie — murmurou ela, entreabrindo os olhos —, acha que poderia deixar esses simpáticos homens sozinhos pelo tempo suficiente para vir dar um beijinho em sua mãe?

Delphine saiu resoluta de sua casa na Villa Mozart, mas parou abruptamente no instante em que viu o enorme Mercedes preto estacionado na rua estreita, como se uma proibição involuntária a tornasse incapaz de entrar no carro que o General von Stern mandara para buscá-la. Carregava uma estola de *chiffon* preto, margeada de raposa prateada. Estendeu-a agora pelos ombros e fechou-a com as mãos, como se a peça frágil pudesse protegê-la.

— Por gentileza, *mademoiselle* — disse polidamente o motorista, em seu uniforme nazista, abrindo a porta.

Só a fórmula cortês familiar permitiu-lhe forçar as pernas a levarem-na para o carro. Durante o percurso até a casa na Rue de Lille, manteve-se rígida, tão afundada no assento quanto possível, a fim de não ser vista através das janelas, mas relutando em permitir que as costas recostassem nas almofadas do carro. A respiração era superficial, o olhar fixado, num transe de aversão, por cima dos capacetes nas cabeças do motorista e do soldado armado sentado ao seu lado.

Fora obrigada a permitir que o general mandasse o carro buscá-la. Delphine não tinha carro nem motorista desde que a ocupação começara; não havia combustível para táxis na primavera de 1943, nenhum meio de transporte além de bicicleta, a pé ou o metrô... e como poderia de outra forma comparecer ao jantar formal, usando um vestido longo, de ombros nus, com diamantes, como Bruno a aconselhara a se apresentar? Bruno prometera que o general refinado e surpreendentemente decente que requisitara sua casa escutaria suas apreensões e desencadearia a busca por Armand. Também garantiria a Delphine que não precisava ficar nervosa, pois era a convidada de honra e estaria entre pessoas de seu mundo.

Depois que entrou na casa da Rue de Lille, Delphine descobriu que, embora tudo devesse conspirar para deixá-la à vontade, ainda permanecia entorpecida e gelada de repulsa. Não era o nervosismo que a deixava contrafeita, mas o asco. Embora Georges, o mordomo de Bruno, a quem conhecera tão bem nos tempos antigos, a cumprimentasse de maneira efusiva e sem surpresa ao pegar sua estola, ela não foi capaz de fitá-lo nos olhos, só entregou a estola com relutância. Embora o próprio Bruno, sorrindo com o sucesso de seu plano, a esperasse no vestíbulo para oferecer-lhe o braço protetor, enquanto subiam a escada, a caminho do *salon*, o vestido preto de *chiffon* parecia pesar como se fosse uma cota de malha. Embora o General von Stern a cumprimentasse com uma cortesia antiquada, inclinando-se corretamente sobre sua mão, os lábios de Delphine mostravam-se resistentes e o sorriso tênue só surgiu por causa de seu treinamento.

Ao jantar, sentada empertigada e rígida como uma princesa eduardiana, na mesma cadeira que ocupara em tantas outras ocasiões, Delphine correu os olhos pela mesa, num espanto desolado e profundo. Não haveria coisa alguma, além do canibalismo direto, que pudesse afetar a superfície elegante de um jantar parisiense?, perguntou-se ela.

Arletty, a encantadora atriz de cabelos escuros, discorria à sua maneira cômica e espirituosa sobre os problemas de pré-produção de seu próximo filme, *Les Enfants du Paradis*, que começaria a ser filmado em Nice, dentro de poucos meses. No outro lado da mesa posta com perfeição, Sacha Guitry, que dirigira Delphine em um dos vários filmes napoleônicos que ela fizera, *Le Destin Fabuleux de Desirée Clary*, tentava em vão desviar a conversa para o seu lado, enquanto Albert Préjean, Junie Astor e Viviane Romance, que estava prestes a estrelar *Carmen*, com Jean Marais, escutavam fascinados a descrição de Arletty dos planos para o filme mais caro que já fora projetado na história do cinema francês.

Podia ser 1937, pensou Delphine, bebendo de um copo de vinho que fora outrora de Bruno, um copo

cujo peso e formato eram familiares à sua mão, se o jovem e simpático oficial, que todos em Paris sabiam ser o amante de Arletty, não usasse um uniforme nazista. Podia estar tendo um jantar descontraído com um grupo de colegas, se Junie, Albert e Viviane não estivessem entre o pequeno grupo de atores da Continental que haviam ido a Berlim no ano passado e se encontrado com Goebbels, numa demonstração da união franco-alemã. Só o pensamento de Armand impediu-a de se levantar, descer correndo a escada e deixar aquela casa, em que pessoas "do seu mundo", como Bruno prometera, eram na verdade os mais notórios colaboracionistas do cinema.

Depois do jantar, Bruno conduziu-a à biblioteca em que o General von Stern sentava-se apartado, tomando conhaque. Ele se levantou, enquanto Delphine levantava as dobras da saia e sentava na cadeira indicada ao seu lado.

— Sou um grande admirador de sua arte, *mademoiselle* — disse von Stern, ansiosamente, inclinándose para a frente, a fim de lhe oferecer um cigarro.

— Não, obrigada, general, só fumo nos filmes, quando o roteiro exige.

— Creio que está sob contrato com a Continental. Bravo, *mademoiselle*.

Ele avaliou a parte superior dos seios com os olhos, tão depressa que Delphine quase não percebeu seu olhar.

— Isso mesmo, general — respondeu ela secamente. — Trabalho para a Continental.

— Greven é um grande amigo meu. Ele tem feito maravilhas, não é mesmo? — disse von Stern, jovial, tocando de leve no braço nu de Delphine.

— Imagino que os filmes são tão bons quanto se poderia esperar.

— Delphine balançou graciosamente para a outra extremidade da cadeira, cruzou as mãos no colo, apertando-as com toda força. Depois, incapaz de suportar por mais tempo a conversa amena, começou abruptamente: — General, meu irmão me disse...

— Expliquei ao general que você tem uma certa preocupação, Delphine — interrompeu Bruno. — Ele compreende sua posição.

— Como sabe, *mademoiselle*, sempre encorajamos o talento no cinema — comentou o General von Stern, com um gesto expansivo, sorrindo direto para os olhos de Delphine.

— *General, pode me ajudar a encontrar Armand Sadowski?* — suplicou Delphine, a voz muito alta, a indagação muito específica, a atitude muito brusca, para a delicada transação que Bruno planejava.

— Eu gostaria de ser capaz de tranqüilizá-la, *mademoiselle*, se estiver ao meu alcance — disse o general, o sorriso nada perdendo de sua insistência.

— Minha irmã está querendo dizer que ficaria profundamente grata por qualquer informação que lhe permita ter esperanças, general

— interveio Bruno, apertando o ombro de Delphine.

— Será que compreende que essa informação... esperançosa... é normalmente impossível de obter? — indagou o general. — Até mesmo para mim?

— Minha irmã está a par do problema, general. Sabe o quanto ficaria lhe devendo. E compreende que pede uma coisa excepcional, das mais irregulares.

— Mas tentará descobrir onde ele está? — insistiu Delphine, bruscamente, removendo com impaciência os dedos de advertência de Bruno. — *Posso ter esperança?*

O General von Stern contraiu os lábios, pensativo, enquanto avaliava Delphine abertamente, da cabeça aos pés. Ficou satisfeito, enquanto calculava as profundezas de seu desespero, deixou o tempo passar sem dizer nada, tão neutro, como se ela fosse uma vendedora, e ele virasse uma peça antiga de prata entre as mãos, inspecionando as marcas e tentando decidir se poderia ser uma compra interessante... a um preço determinado, é claro.

— É verdade que nada é impossível — disse o general finalmente, recuperando o sorriso. — É uma questão de tempo... investigações muito cuidadosas... um assunto que exige tato... delicadeza... minha

atenção pessoal. Terei de pedir favores... favores importantes... favores que teriam de ser retribuídos. Não se obtém esperança com facilidade hoje em dia, infelizmente. Mas também você é uma mulher do mundo, não é mesmo? Meu amigo, seu irmão, com certeza lhe deixou tudo isso bem claro. Enquanto isso, eu teria o maior prazer em recebê-la aqui com frequência, *Mademoiselle* de Lancel.

Com muita frequência até. Ilumina cada sala em que entra. Honra a minha casa.

— Obrigada, general, mas sobre *Monsieur Sadowski*...

— Não esquecerei nossa conversa. — Ele tornou a tocar no braço de Delphine. Encerrando assunto, autoritário. Acariciando. — Tome um pouco desse conhaque. Ainda não tocou em seu copo. Seu irmão lhe contou que assistiu a todos os seus filmes? Não? Um erro dele.

Sou um dos seus maiores fãs. Talvez... quem sabe?... eu possa ter notícias para você em breve... se as coisas correrem como devem. E

agora, *Mademoiselle* de Lancel, o que acha de ser minha convidada ao teatro na próxima semana? Raimu vai estrear em *Le Bourgeois Gentilhomme* na *Comédie-Française*. Tenho lugares excelentes... posso contar com você?

Delphine obrigou-se a acenar com a cabeça, numa falsa concordância. Não, pensou ela, não, não pode contar comigo, general, assim como também não posso contar com você.

Bruno ofereceu-se para acompanhar Delphine até em casa. Atravessaram o Sena em silêncio. Ele mandou o motorista esperar, enquanto a conduzia sã e salva para dentro de casa.

— Espere um instante, Bruno — disse Delphine. virando-se, logo depois de entrar.

— Preciso ir. Não me agrada ficar na rua até tão tarde, depois do toque de recolher.

— Não vou prendê-lo por muito tempo. Qual é o acordo nojento que está fazendo com o general, Bruno?

— Como se atreve a me falar assim? Não tenho nenhum negócio com ele!

— O general me tratou como se eu estivesse à venda. Não, como se eu já estivesse vendida e ele apenas aguardasse a entrega.

— O General von Stern foi absolutamente correto. Como ele ofendeu sua sensibilidade superdelicada?

— Viu e ouviu tudo, Bruno. Não finja que não sabe o que ele espera de mim.

— Imagina que ele se daria o trabalho de encontrar seu judeu a troco de nada? É tão ingênua assim? Pensa que é tão especial que a esperança é uma coisa que todos lhe devem? Claro que tem de dar alguma coisa a ele em troca.

— Era a isso que se referia quando falou em usar minha influência? — indagou Delphine, num desdém amargo tão intenso que o deixou furioso.

— Você não merece ajuda. Acha que pode se dar o luxo do orgulho em tempos como este? Pois tenho notícias para você, sua idiota, o orgulho é para o conquistador, não para o vencido. Pensa que sua xoxota é preciosa demais para usar a fim de conseguir o que quer?

Pedi-me para ajudá-la, veio suplicando, estava disposta a fazer qualquer coisa... "Ajude-me, Bruno, ajude-me, há esperança, Bruno, há esperança?"... e quando lhe ofereço uma oportunidade que não terá mais, nunca mais, você a desperdiça. Pois vou lhe dizer uma coisa, Delphine... se quer ajuda, esteja preparada para pagar por isso! Se insiste em ter alguma esperança, venda-se enquanto ainda tem um bom freguês.

— O preço dele é muito alto. — O desdém na voz de Delphine era ainda maior. — Darei um jeito sem isso. Mas nenhum preço é alto demais para você, não é mesmo, Bruno? Ainda não me contou qual é o negócio nojento em que vocês dois estão metidos. Não pode ser apenas o cafetão do general. Qual é a moeda com que ele lhe paga, tão preciosa para você querer levar sua própria irmã para a cama dele?

— Você está louca! Não lhe darei uma segunda oportunidade.

— É a única boa notícia que tenho em muito tempo. — Delphine fitou o rosto bonito de Bruno na escuridão, riu desdenhosa, antes de empurrá-lo com toda a sua força, fazendo-o cambalear para trás, enquanto batia a porta em sua cara.

Em seu desafio a Bruno, Delphine encontrou uma exultação temporária que a sustentou pelos poucos dias subseqüentes, mas logo suas palavras passaram a atormentá-la. Dissera que conseguiria sobreviver sem esperança, até acreditara no momento em que falara, mas não era possível descartar-se da esperança como se fosse um vestido inadequado. A esperança era sua tortura, e tinha de ser suportada como uma febre, uma febre constante e caprichosa, que subia e descia sem aviso, uma febre irracional e corrosiva, que nenhum medicamento podia controlar.

Ela despertava abruptamente à noite, como se alguém tivesse gritado seu nome, sentia a infecção indesejável da esperança que jogara fora, tão intensa que os cabelos vermelhos ficavam molhados, o suor pingava do pescoço e testa. Na manhã seguinte, enquanto fazia a prova de um traje, sentia o resqúicio da esperança frágil, obstinada e tola esvair-se, como se fosse uma hemorragia, como se a costureira, com alfinetes na boca, possuísse de repente o poder de condená-la à morte. Uma canção — *Chevalier*, no rádio, cantando alegremente *A sinfonia das solas de madeira*, um reconhecimento ao fato de que não havia mais couro para sapatos — podia causar uma erupção espontânea de esperança, subindo tanto que ela experimentava a sensação de que podia se elevar como uma centelha da janela de seu quarto e flutuar sobre Paris. Contudo, naquela mesma noite, escutando Charles Trenet lamentar melodiosamente *O que resta de nossos amores?*, seu coração era invadido por uma onda de vasta desolação, inesperada e total, uma angústia como jamais conhecera antes, levando-a a querer pagar dez vezes por cada momento de esperança espontânea e irracional que experimentara.

Um nascer do sol ou uma nova lua podiam transportá-la a um momento de esperança agonizante e infundada, mas ao mesmo tempo farejava o desespero em cada flor morta, ouvia no canto de um passarinho, via na poeira numa escada. Desamparada, ela oscilava entre o afloramento irracional da esperança que prometera dispensar e a realidade da desesperança, tão pacífica quanto uma sepultura, que sabia que devia aceitar, mas não era capaz de suportar.

Delphine tornou-se supersticiosa como nunca fora antes: parou de ler os jornais e consultou uma dúzia de adivinhos, enquanto os americanos desembarcavam em Anzio e os russos libertavam Leningrado; procurava astrólogos, enquanto os alemães ocupavam a Hungria e a Luftwaffe perdia 450 aviões em apenas uma semana, em fevereiro de 1944. Quando o General de Gaulle foi designado para supremo-comandante dos exércitos da França livre, em abril desse mesmo ano, Delphine circulava por Paris à procura de quiromantes e clarividentes. Apenas os falsos profetas podiam atenuar a angústia da esperança inesgotável de seu coração. Foi se tornando cada vez mais magra e cada vez mais bela. E se encontrava à beira da loucura.

Em toda a longa história de Paris, nenhuma praga, coroação, revolução, onda de adulação popular ou reinado de terror pôde se comparar com a histeria e frenesi de massa que dominaram a cidade em meados de agosto de 1944. Só os rumores desenfreados e a incerteza incontrolável estavam livres para correr como uma matilha de cães raivosos pelas ruas, que pareciam eletrizadas por tantas possibilidades, sob o sol de verão. As pontes haviam sido fechadas com barricadas pelos soldados alemães, o movimento deveria ser impossível, mas ainda assim as pessoas enxameavam por toda parte, não sabiam direito por quê, desapareciam tão depressa quanto chegavam.

Havia expectativa, medo e perplexidade em cada rosto.

A libertação estava chegando! Mais de dois meses depois de os americanos, ingleses, canadenses e franceses livres desembarcarem nas praias da Normandia, finalmente a libertação era iminente!

Não, não haveria libertação! Eisenhower contornaria a cidade, empenhado em perseguir os alemães

na direção do Reno. Nada podia impedir a libertação! O General Leclerc desobedeceria Eisenhower e marcharia para Paris!

De boca em boca, os rumores espalhavam-se; acreditava-se em tudo, não se acreditava em nada, mas havia por toda parte uma exultação e os primórdios confusos de uma insurreição. Os ferroviários entraram em greve. Os trabalhadores do metrô entraram em greve. A polícia reconquistou seu quartel-general, no mesmo momento em que mil pessoas eram rotineiramente deportadas para um campo de concentração alemão.

Adolescentes franceses, recém-armados com rifles, eram massacrados nas esquinas em que haviam brincado como crianças. Os estampidos de tiros — alemães ou franceses, ninguém sabia — eram ouvidos nos telhados, janelas, ruas. O sangue escorria pelas calçadas, acumulava-se nas esquinas. O delírio desabrochava incontrolável no ar de verão. O que estava acontecendo? Alguém sabia?

A 20 de agosto o General Dietrich von Choltitz negociou uma rendição, prometendo não destruir Paris, como Hitler ordenara, em troca de uma retirada ordenada de seus homens. Contudo, o levante irreprimível continuou, mais intenso do que antes. Núcleos de resistências de soldados alemães sofreram os ataques de atiradores de tocaia sem qualquer treinamento. Os jornais da Resistência, que haviam sido impressos na clandestinidade por anos, eram agora vendidos em plena luz do dia para os transeuntes temerários, enquanto a mil metros de distância as Forças Francesas do Interior lutavam pelo controle do prédio da prefeitura.

A Continental fora tomada pelo *Comité de Liberation du Cinema Français* no dia 19, e toda a produção estava interrompida. Delphine, que vivia tão perto do quartel-general da Gestapo, na Avenue Foch, onde se travava uma batalha encarniçada, ficou em casa e descobriu-se totalmente sozinha. Violet, Helene e Annabelle, prudentes demais para se arrisquem nas ruas, haviam abandonado o emprego, e os vizinhos, que não sabiam mais do que ela, refugiavam-se dentro de suas casas, por trás de portas e janelas trancadas.

Quando espiava por suas janelas, Delphine não avistava qualquer sinal de vida na rua vazia.

No dia 22, exceto por umas poucas garrafas de vinho, não havia provisões na casa, nem mesmo um pedaço de pão velho. Ao final da tarde do dia seguinte, Delphine estava com tanta fome que decidiu arriscar uma excursão até o mercado na rua próxima, a fim de tentar encontrar alguma coisa para comer. Há anos que não comprava comida. Nem mesmo sabia direito onde ficava a padaria. Procurou as roupas mais discretas que possuía e encontrou uma saia azul de algodão anterior à guerra, com cinto vermelho e uma velha blusa branca sem mangas. Instintivamente cautelosa, com receio de ser reconhecida, não usou maquiagem e escovou os cabelos para cair sobre o rosto, em sombras protetoras.

Ao passar pela casa do vigia, vazia e inexplicavelmente fechada, entrando na rua principal, ela sentiu-se exposta, em perigo, pelo silêncio anormal e surrealista da vizinhança. Seria possível que todos tivessem deixado a cidade?, especulou ela. Ou todos estavam sendo sensatos e esperando em suas casas para descobrir o que aconteceria? Deviam ter ficado também sem comida... ou tiveram a providência de estocar algumas provisões, por mais escassas que fossem?

Havia apenas duas lojas abertas na rua do mercado, e Delphine, armada com seu bloco de talões de racionamento, só conseguiu comprar dois nabos murchos, uma cebola e três pãezinhos duros. Mastigou um deles, vorazmente, enquanto voltava apressada para casa, mantendo-se ao abrigo dos prédios e andando tão rápido quanto podia sem correr. Agradecida, entrou na segurança relativa da Villa Mozart, agora correndo sem hesitação para a proteção de suas paredes. Sem fôlego, tirou do bolso a chave da porta da frente e quase a inserira na fechadura quando dois homens emergiram subitamente do lado da casa. O medo invadiu-lhe o coração, pois eram vagabundos, vestidos em farrapos, barbudos, desesperados e aterradores.

— Não, por favor, não! — balbuciou ela, apavorada demais para gritar, olhando ao redor, frenética, em busca de uma ajuda que sabia que não encontraria.

Ela estendeu a bolsa de compras, tentando se esquivar à ameaça com a oferta de comida, mas eles continuaram a avançar em sua direção. Podia sentir o cheiro horrível que exalavam.

— Está tudo bem — disse um dos vagabundos, em voz rouca.

— Como?

Delphine recuou, mas sabia que eles já haviam visto a chave em sua mão e que era tarde demais.

— A sua disposição — balbuciou o vagabundo, a voz trêmula —, simples, patriótica... está tudo bem, querida...

— *Armand!*

— ... para receber um soldado... acolhê-lo de volta ao lar... — E ele desfaleceu nos braços de Delphine.

No dia 25 de agosto, o General Ornar Bradley ordenou que duas divisões entrassem em Paris: a 2ª francesa, sob o comando do General Leclerc, e o 12º Regimento da 4ª Divisão americana, acompanhado pelo 102º Grupo de Cavalaria americano.

Chorando e aclamando, numa maré enchente de tanto êxtase que superava qualquer regozijo individual, os cidadãos de Paris deixaram todos os prédios e ocuparam as ruas. Os sinos repicavam constantemente em cada torre de igreja, enquanto no prédio da prefeitura, quando lhe pediram para proclamar a existência da República, De Gaulle declarava:

— A República nunca cessou de existir.

O Coronel Paul de Lancel era integrante do grupo que acompanhou De Gaulle. Ajudara a pôr em prática a idéia inspirada de Gustave Moutet de usar os mapas do seu *Guide Michelin* de 1939 para ajudar nas operações do Dia D, mapas que proporcionaram às Forças Aliadas informações valiosamente detalhadas. Paul não conseguiu entrar em contato com a Champagne pelo telefone, pois ainda estava ocupada pelos alemães. Três dias depois, assim que soube que o Terceiro Exército de Patton libertara Épernay, ele tomou emprestado um jipe americano e partiu à procura dos pais.

Ele só conseguira passar umas poucas horas com Delphine. Quando ela abria a porta, em resposta à campanha inesperada, o entusiasmo de sua recepção quase derrubara Paul. A emoção de Delphine fora absoluta, mas, ainda assim, secundária; e quando ela o levava apressadamente para o segundo andar, a fim de conhecer Armand Sadowski, Paul não precisara mais procurar o motivo para a felicidade da filha.

Delphine estava leve e frágil, mas isso não a impedia de cuidar de seu soldado de volta e do amigo dele, um normando chamado Jules, incansável, despachando as mulheres da casa a circular por todo o bairro, à procura de ingredientes para a sopa que dava ao homem alto, muito magro e muito cansado, mantido como prisioneiro em seu quarto, sem permissão para fazer outra coisa além de comer e descansar.

— Ela era mandona assim em casa? — perguntara Armand Sadowski a Paul de Lancel, insistindo, como de um homem para outro, que mesmo fraco ainda tinha forças suficientes para se barbear.

— Era, sim, mas suas intenções básicas sempre foram boas — respondera Paul.

Estabelecera prontamente um relacionamento fácil com aquele homem de cuja existência acabara de tomar conhecimento. Delphine pedira a Armand que contasse sua fuga a Paul, mas Sadowski só conseguira murmurar "Tivemos a maior sorte...", antes de resvalar outra vez para o sono. Mais tarde, Delphine relatara a Paul os escassos detalhes que Armand lhe transmitira de sua fuga da vasta fábrica de rolamentos de Schweinfurt, onde trabalhara por anos, preservado da morte pela necessidade alemã de trabalho escravo. Durante um dos repetidos bombardeios americanos da enorme fábrica, Sadowski e seu amigo Jules, que também aprendera um pouco de alemão ao longo dos anos, vestiram os uniformes de guardas alemães mortos e iniciaram a perigosa travessia a pé através da Alemanha, atravessando a fronteira para a França.

Haviam se tornado quase invisíveis, protegidos pela tremenda confusão da guerra e a movimentação

de milhões de refugiados, desabrigados pelo incessante bombardeio aliado. Alcançando o território francês, receberam a ajuda de camponeses e de grupos locais da Resistência, que lhes deram roupas para vestir. Passados de um grupo da Resistência para outro, efetuaram um progresso terrivelmente lento até Paris, escondendo-se das patrulhas alemãs, que poderiam exigir seus documentos inexistentes.

— Não foi sorte, pai, foi um milagre — comentara Delphine, crescendo em seu amor por Armand.

Paul compreendera que sua filha frívola, volúvel e voluntariosa desaparecera para sempre, dando lugar a uma mulher de 26 anos, cuja força ele ainda teria de avaliar.

Paul conseguira enviar uma mensagem para Eve em Londres, avisando que Delphine se encontrava sã e salva, antes de partir, bem cedo, pela estrada para a Champagne. A viagem levou mais tempo do que ele esperava, pois em cada aldeia o jipe era detido e aclamado por multidões excitadas, como se ele fosse um herói de conto de fadas, montado num dragão. Já era de tarde quando Paul se descobriu diante da enorme porta do Château de Valmont. Hesitou por um instante antes de saltar do jipe, recordando uma conversa com Eve em 1938, logo depois de Munique, quando decidira, na maior tranqüilidade, tolamente, como se o mundo dispusesse de todo o tempo desejável, esperar para visitar a França até a primavera seguinte.

Os negócios consulares obrigaram-no a adiar a visita planejada da primavera por alguns meses e depois, enquanto o mundo ficava paralisado numa incredulidade impotente, seu país mergulhara na longa, escura e terrível noite da ocupação.

Fazia mais de dez anos que ele não pisava no solo da Champagne, mas Paul compreendeu logo que alguma coisa estava muito errada em Valmont, pois passara por uma paisagem vazia de vinhedos vazios, em que ninguém trabalhava, nem mesmo uma criança. A porta da frente abriu-se sobre as dobradiças sólidas e ninguém apareceu para verificar quem estava ali.

Paul atravessou o limiar do lar de sua infância e correu direto para a cozinha, o coração da casa, sem encontrar ninguém. Vasculhou rapidamente as salas de recepção e depois os quartos, em vão.

O *château* estava silencioso e vazio, tão intacto e inalterado como se estivesse enfeitado, embora todos os cômodos apresentassem sinais de ocupação humana recente. Era evidente que não fora tomado pelos alemães. Ele voltou à porta da frente e estava parado ali há um minuto, profundamente perturbado, quando avistou uma fila comprida de homens e mulheres vestidos de pé a se aproximarem devagar, a pé. Uma velha desligou-se do grupo e correu desajeitada em sua direção.

— *Monsieur* Paul? — gritou ela, aflita, o rosto vincado virado para Paul, quase como se esperasse que fosse outra pessoa. — É mesmo o senhor?

Ele reconheceu Jeanne, a governanta, que era uma jovem criada gorducha durante a sua adolescência, há mais de quarenta anos.

— Jeanne, Jeanne, minha querida Jeanne, claro que sou eu! O que aconteceu? Por que o *château* ficou vazio? Onde estão meus pais?

— Estamos voltando do cemitério. Enterramos sua mãe hoje — respondeu ela, desatando a chorar.

— E meu pai... onde ele está, Jeanne? — indagou Paul, embora já soubesse a resposta.

— Tem mais de dois anos que ele nos deixou, que Deus guarde suas almas.

Paul virou-se, os vinhedos vazios, o *château* deserto, tudo já lhe sussurrara a verdade. Era sempre assim quando toda a população de Valmont sepultava um dos seus. Mas ele se atrevera a esperar que não fosse um de seus pais. Jeanne puxou-lhe a manga.

— *Monsieur* Paul, pelo menos Bruno está vivo, lembre-se disso — murmurou ela, tentando confortá-lo.

— Bruno... — Ele virou-se e esquadrinhou a multidão ao redor, à espera para cumprimentá-lo, o pesar misturado com a surpresa pela visão nova de um oficial francês de uniforme. — Isso mesmo, Bruno... por que ele não está aqui?

— Bruno partiu logo depois do funeral. Disse que tinha negócios a tratar em Paris, mas voltaria esta

noite. Ele está bem, *Monsieur Paul*, ficou aqui são e salvo desde que o armistício começou. Foi um período terrível, tão longo... o pior tempo de que posso me lembrar... Ainda não posso acreditar que já acabou. Vamos entrar, *Monsieur Paul*. Providenciarei alguma coisa para comer. Deve estar faminto.

— Obrigado, Jeanne, mas terá de esperar um pouco. Primeiro, preciso ir ao cemitério.

Depois de voltar de uma hora de vigília silenciosa junto aos túmulos dos pais, Paul passou horas guiando pelas estradas entre os vinhedos da Casa de Lancel, parando sempre que encontrava trabalhadores e indagando sobre seu bem-estar. Aos 59 anos, no uniforme que usava desde que se juntara a De Gaulle em 1940, Paul de Lancel era um homem bem-apeçoado; os cabelos louros abundantes estavam agora grisalhos, mas o porte era empertigado, o corpo grande continuava tão vigoroso quanto antes, o olhar determinado e cético ao mesmo tempo, tranqüilo e imperioso. Muitos trabalhadores nunca o tinham visto antes. Paul não voltara à Champagne, exceto em umas poucas férias, desde o início da Primeira Guerra Mundial, trinta anos antes. Contudo, muitos trabalhadores mais velhos lembravam-no como um jovem, e todos de sua idade lhe concederam uma recepção de herói, pois era um Lancel de volta para sua casa, e nenhum deles jamais trabalhara para outra pessoa que não um Lancel, da mesma forma que seus pais e os pais de seus pais.

Paul recolheu fragmentos de informações em suas conversas pelos vinhedos: os alemães haviam assumido por completo a administração da Moët & Chandon e Piper-Heidsieck no início de 1944; durante os últimos anos, muitos empregados e chefes de outras casas haviam sido presos pela Gestapo por atividades antialemãs; várias centenas de membros da Resistência local foram assassinados ou deportados; os maciços bombardeios aliados em Mailly destruíram toda a divisão de von Stauffen, que fora concentrada ali antes da invasão da Normandia; houvera bombardeios aliados ainda mais destrutivos em Rilly, onde os alemães haviam estocado foguetes V-2, no túnel que passava sob a montanha de Rheims. Apenas dez dias antes uma composição ferroviária inteira, carregada com champanhe, deixara Rheims, a caminho da Alemanha. Agora, por toda a província de Champagne, havia uma escassez de garrafas; mas, como todos os trabalhadores se apressaram em lhe dizer, o distrito produzira colheitas de qualidade excepcional durante os últimos três anos. Todos concordavam que os vinhedos haviam sofrido muito durante a guerra, a invasão danificara muitas plantas, não ocorrera o replantio, mas olhe só, *Monsieur Paul*, repare nas uvas amadurecendo... não é uma vista maravilhosa? A colheita da libertação seria das melhores.

Era verdade, por Deus, era verdade, pensou Paul. A Champagne sobrevivera a mais uma guerra, pois seu povo era indomável, com uma força a que ele reagiu com tanta intensidade que descobriu lágrimas aflorando aos olhos, enquanto observava os homens empenhados em arrancar com as mãos as ervas daninhas em volta das delicadas videiras, efetuando sem se queixarem uma das 27 tarefas obrigatórias que garantiam a colheita. Haviam sido libertados ontem, naquela manhã sepultaram sua mãe, a quem tinham amado por todas as suas vidas, mas à tarde, como sempre, o trato das videiras era mais importante do que tudo. Eram obstinados, determinados, corajosos, os únicos trabalhadores em vinhedos da França a perseverarem em seu trabalho tão ao norte. Sem sua afeição à terra chamada Champagne, o vinho chamado champanhe há muito que teria deixado de existir, pois só podia ser produzido num clima frio.

Paul jantou com Jeanne na cozinha e depois passou horas sozinho, fumando, pensando, vagueando pelo *château* que agora, com a morte de Anette de Lancel, tornara-se sua responsabilidade.

Nunca sonhara que Bruno seria a força da família, Bruno que devia ter sido dedicado e valente para assumir a função que o avô desempenhara por tanto tempo, conseguindo manter os vinhedos, a Casa de Lancel e o *château* num curso firme, em meio às dificuldades dos últimos quatro anos. Devia muito ao filho, refletiu ele, com uma crescente felicidade. Como pudera subestimar o garoto? Seria agora possível que ele e Bruno, finalmente unidos como pai e filho, trabalhassem juntos, no grande trabalho de recuperação dos vinhedos que se estendia pela frente?

Eram os únicos homens Lancel que restavam; alcançar o sucesso naquele empreendimento era um

dever, assim como a herança de ambos, tinham de assumir a tarefa pelo bem da família, pela Casa de Lancel e por todos os trabalhadores fiéis dos vinhedos. Paul sabia que seriam anos árduos de reconstrução, mas se sentia cheio de energia e com um sentimento de absoluta integridade. Tinha muito para aprender — tudo! —, mas a produção de champanhe não era um mistério, seguia regras rigorosas que haviam sido fixadas, uma a uma, desde que Dom Perignon tornara-se o adegueiro em Hautvillers, em 1668. Os principais trabalhadores de seu pai, o chef de cave, os capatazes de vinhedos, ainda estavam vivos, vigorosos e ativos, prontos para lhe ensinarem tudo de que precisava saber.

Paul ficou andando de um lado para outro do vasto salão, tornando-se mais exultante a cada passo. Uma vida nova, depois de tantos anos no serviço diplomático! Ele a acolhia com todo o seu coração, aquela vida que exigiria toda a sua força ainda abundante e os frutos de sua inteligência. Ele e Eve haveriam de rejuvenescer na Champagne! E como ela seria uma magnífica *châtelaine*! Quatro anos a guiar uma ambulância na Londres bombardeada provavam que não havia nada que ela não pudesse fazer... não que jamais tivesse havido. Com Bruno, restaurariam aquela vida de graça, dignidade e produtividade que os Lancel haviam levado, século após século.

Paul compreendeu, o choque lento aumentando ao mesmo tempo que seu excitação imprevisto, que carecera totalmente de previdência. Absorto em seus problemas, longe da França por várias décadas, não pensara de maneira objetiva sobre aquele possível futuro.

Não planejara para o dia em que poderia se descobrir subitamente como o único proprietário da antiga Casa de Lancel, o dono exclusivo dos vinhedos que se estendiam até onde a vista podia alcançar em torno do *château* tão amado, o senhor da floresta, estábulos, de tudo o que o cercava, até o último ovo posto por uma das galinhas nos galinheiros escondidos de que Jeanne tanto se orgulhava. Deixara a Champagne muito jovem, ainda imaturo, para sonhar com o futuro que agora se apresentava a ele, com a sedução e o mistério de uma noiva.

Mínuto a minuto, Paul foi se tornando mais exultante. Recuperar a Casa de Lancel daria sentido ao resto de sua vida. Também era um *champenois*; embora tivesse passado tanto tempo ausente da terra natal, não era tarde demais para voltar. Paul resolveu, com toda a força de seu coração, enfrentar o desafio que acabara de reconhecer e assumir. Com essa determinação, como sempre costuma acontecer com um verdadeiro *champenois*, Paul sentiu sede e saiu em busca da melhor garrafa de champanhe que a província podia oferecer.

Algum tempo depois, na hora mais escura da noite, pouco antes do amanhecer em agosto, Bruno voltou a Valmont, procedente de Paris.

Fizera a viagem para verificar como estava a situação na Rue de Lille. O General von Stern deixara sua casa; tudo estava em ordem, e Georges, o mordomo, já orientava os criados, na expectativa de Bruno retomar a posse de tudo o que lhe pertencia.

O general, é claro, encontrava-se agora nas mãos dos oficiais que haviam aceito a rendição da guarnição de Paris, mas Bruno não temia por seu futuro. Von Stern era tão engenhoso quanto era filosófico, e juntos, durante o último ano, ele e Bruno haviam reunido seus talentos e ligações para ganharem várias fortunas no mercado negro. O fracasso com Delphine não ofuscara o general para o aspecto do lucro, e agora seu dinheiro estava a salvo na Suíça, como também acontecia com o de Bruno.

Ao entrar no *château* em que passara a guerra, Bruno desejou não ter de voltar, mesmo que fosse apenas por poucas semanas, já que o clima atual em Paris era perigosamente explosivo. Várias facções da Resistência lutavam entre si; acusações e contra-acusações espalhavam-se por todos os lados; estavam ocorrendo prisões de colaboracionistas conhecidos; grupos de jovens impetuosos vagueavam pelas ruas, promovendo julgamentos sumários; e, o mais ameaçador, cada hora trazia novas denúncias de alguém que era suspeito de manter relações cordiais com o ex-conquistador. Quatro anos de frustração e fúria entravam em erupção por toda Paris. *Les réglements de comptes* — o acerto final pelas ações

durante a guerra — estava na ordem do dia. Bruno nada tinha a temer, é verdade, pois ele e von Stern haviam sido extremamente discretos... mas não se podia ter certeza absoluta, não é mesmo? As pessoas sempre encontravam uma maneira inconveniente de saber mais do que se esperava. Homens inferiores, invejosos de seus superiores, sempre existiam, as denúncias eram um meio de se vingarem pelas desigualdades das circunstâncias. E por que, perguntou-se Bruno, ele deveria correr até o menor risco, se a razão lhe dizia que alguma cautela ainda era desejável? Não, ainda não era seguro voltar para sua linda casa em Paris, ainda não era o momento para deixar a proteção do campo.

Mas como ele ansiava pelo momento em que tudo estaria normal outra vez! Faltavam apenas poucas e curtas semanas para o futuro glorioso. Paris, como sempre ao longo da história, voltaria a ser como antes, e ele estaria lá para se deleitar com sua ressurreição. Ele, *Vicomte* Bruno de Saint-Fraycourt de Lancel, mais uma vez ocuparia seu lugar no único mundo que já conhecera em que valia a pena viver. Agora nunca precisaria disputar um emprego, nunca seria obrigado a fazer outra coisa que não deixar que seu dinheiro se multiplicasse, enquanto desfrutava o esplendor e tranqüilidade de um cavalheiro, circulando à sua vontade de um salão para outro do Boulevard Saint-Germain, recebendo em sua linda casa, colecionando novas mulheres — outra vez parisienses, depois de uma dieta necessariamente limitada de provincianas, embora não destituída de encantos — da mesma forma como colecionaria grandes quadros, móveis esplêndidos e objetos preciosos dos novos pobres estúpidos, arruinados pela guerra. Compraria de volta um dos châteaux Saint-Fraycourts e nele viveria como se a história desde a revolução nunca tivesse acontecido. Isso mesmo, pensou Bruno, enquanto subia depressa para o seu quarto em Valmont, isso mesmo, levando tudo em consideração, tivera uma guerra muito boa, e em semanas, apenas semanas, voltaria a Paris, triunfante como um príncipe no dia da coroação, ao mundo da aristocracia antiga, que era, no final das contas, o único amor de sua vida.

Entrou em seu quarto, acendeu a luz e ficou paralisado, todos os músculos contraídos em alarme.

— Mas o que é isso? — gritou ele.

O vulto alto de Paul levantou-se da cadeira em que estivera sentado, no escuro, à espera pelo filho.

— Santo Deus!

— Eu o assustei, Bruno?

— Mas é impossível... como pode... onde... quando? — balbuciou Bruno, chocado à imobilidade.

— Cheguei aqui esta manhã.

— Mas isso é ótimo... isso mesmo, maravilhoso, uma grande surpresa, veio quase tão depressa quanto Patton... já falou com Jeanne? Espero que ela tenha lhe servido um bom jantar.

As boas maneiras de Bruno, que nunca o abandonavam, vieram em seu socorro para sustentá-lo durante aquela confrontação com o pai, que não previra por onze anos... ou não se importara.

— Um jantar excelente. Não vai me oferecer um copo de champanhe, Bruno?

— Está querendo dizer que Jeanne não abriu uma garrafa? É muito tarde para champanhe, está quase amanhecendo... mas é claro, para brindar sua volta... por que não? Como os demais, tivemos de vender quase tudo que produzimos para os alemães... tenho certeza que Jeanne já contou... mas ainda posso arrumar alguma coisa apropriada para se beber.

— Por que não um champanhe rosado, Bruno, um champanhe rosado de uma safra privilegiada, do tipo de que seu avô tanto se orgulhava? Não vai se oferecer para abrir uma garrafa do melhor champanhe Lancel?

— Fala de uma maneira estranha, pai, está diferente. Posso compreender... o choque da morte de vovô... um triste retorno... eu deveria ter pensado nisso antes. Talvez seja melhor descansar um pouco.

Paul tirou uma chave de ouro do bolso.

— Meu pai me deu isto quando parti para a guerra em 1914, a fim de que eu pudesse me lembrar de Valmont, onde quer que estivesse.

Usei a chave esta noite, para abrir *Le Trésor*.

Involuntariamente, Bruno deu um passo para trás.

— Não preciso lhe contar o que descobri.

— Não, não precisa se dar a esse trabalho — concordou Bruno, friamente.

— Havia meio milhão de garrafas ali, Bruno.

— Usei-as, como faria qualquer homem inteligente. Enquanto travava sua guerra fácil em Londres, longe de seu país, acompanhando seu general tão corajoso e loquaz, nunca se encontrando com um alemão, eu fiz o que tinha de fazer.

— E por quem você fez isso, Bruno?

A voz seca de Paul estava desprovida de emoção. Era como se estivesse apenas curioso.

— Por mim mesmo.

— Nem mesmo pelos alemães.

— Repito, por mim mesmo. Não tenho a menor intenção de me dar ao trabalho de mentir para você.

O desdém profundo na voz de Bruno estalava como um chicote em carne tenra.

— Foi o mercado negro, é claro.

— Se prefere dizer assim. Um mercado é um mercado... a única diferença é quem vende e quem compra.

— E o dinheiro que ganhou?

— Está bem guardado. Nunca poderá encontrá-lo.

— O que o faz pensar que pode escapar impune?

— Pensar? Tenho certeza. Está tudo acabado. Não poderá recuperar aquelas garrafas, não é mesmo?

E não pode provar coisa alguma.

Além de nós dois, ninguém mais neste mundo jamais soube que estavam lá.

— Sua palavra contra a minha?

— Exatamente.

— Deixe a Champagne — ordenou Paul.

— Com o maior prazer.

— Deixe a França.

— Nunca! Este é o meu país.

— Não tem mais nenhum país, deste momento em diante. Se não deixar a França, eu vou denunciá-lo, e todos acreditarão em mim.

Eu lhe prometo uma desonra como sequer pode imaginar. Desonrou seu nome, desonrou sua família, desonrou sua tradição, desonrou nossos mortos. Ninguém na França jamais pensará em você sem horror. Temos memórias longas. Seu país está perdido para você.

— Não será capaz de fazer com que as pessoas acreditem em tudo isso. — Bruno ainda se mantinha desdenhoso.

— Não se atreva a assumir o risco. O homem que foi capaz de vender o sangue de Valmont no mercado negro certamente não parou por aí. Que outros crimes você cometeu durante a guerra? Todos os criminosos deixam uma trilha, ainda mais quando não agem sozinhos.

Pensa que o governo de uma França livre deixará de cuidar dos homens como você? Não lhe ofereço opção.

Bruno virou-se e correu para a escrivaninha, onde guardava um revólver. Enfiou a mão na gaveta, mas nada encontrou, pois Paul revistara o quarto enquanto aguardava o retorno do filho.

— Faria até isso, não é mesmo? — gritou Paul.

Ele levantou o chicote de montaria que pegara na mesinha-de-cabeceira de Bruno e, com a força anormal de um homem que é obrigado a matar uma cobra traiçoeira e mortífera, golpeou e abriu o lábio superior de Bruno, de tal forma que os dentes apareceram brancos através do sangue.

— Saia! — disse Paul, mantendo a voz baixa. — Saia!

Como Bruno continuasse parado, Paul usou o chicote outra vez e mais outra, até que o filho se virou e começou a descer a escada correndo, seguido de perto pelo pai, com o braço levantado, disposto a destruir o rosto de Bruno, se o repulsivo traidor não deixasse a terra que profanara.

A coisa que faço melhor... todo mundo concorda... é vender doces — comentou Freddy para Delphine, com um sorriso entusiasmado.

— Tive uma experiência das mais valiosas na Van de Kamp's, lá em Los Angeles, e o jeito para vender doces é uma coisa que nunca se perde. Minha sogra ficou extremamente satisfeita... disse que nunca houve uma venda de doces tão bem-sucedida em qualquer bazar de inverno da igreja, desde que podia se lembrar... não sobrou um único bolinho na mesa, e as tortas de maçã que eu mesma fiz foram as primeiras a sair. Conseguimos fazer 25 libras para o Dr. Barnardo.

Delphine estava recostada languidamente nas almofadas de um sofá na sala de estar do novo e espaçoso apartamento que ela e Armand, finalmente casados, haviam alugado na Rue Guynemer, em frente aos Jardins Luxemburgo. Freddy e Tony Longbridge hospedavam-se com eles por alguns dias, antes de seguirem para uma visita a Eve e Paul em Valmont, na sua primeira viagem fora da Inglaterra desde o fim da guerra, um ano antes.

— Quem é o Dr. Barnardo? — indagou Delphine, numa curiosidade ociosa.

— Ele dirige orfanatos... o dinheiro serve para comprar presentes de Natal para as crianças. Também participei da venda de doações, a fim de levantar recursos para o novo telhado da igreja da aldeia. Todas as manhãs de domingo sentamos ali a entoar os hinos tão baixinho quanto possível, à espera que o antigo caia a qualquer momento. Um sermão mais veemente poderia causar um desastre.

— Uma maneira horrível de morrer, depois de tantos anos sem que uma bomba caísse em sua cabeça — concordou Delphine, meio indiferente.

— Exatamente! Foi por isso que me ofereci para ajudar! — O tom de Freddy era fervoroso. — Como a gasolina ainda não é disponível, mesmo quando se tem os cupons de racionamento, atrelei um cavalo a uma carroça e fui a todos os lugares... não pode imaginar as coisas que as pessoas me deram! Reviraram os sótãos; pilhas de quinquilharias, livros velhos, porcelanas que nem se lembravam possuir, roupas velhas... e tudo o mais que puder pensar. Não recusei uma única doação... nunca se sabe o que vai atrair as pessoas... e tivemos uma venda quase total. É espantoso o que se pode conseguir com apenas um cavalo velho... Tony ficou muito orgulhoso de mim.

— Como não poderia deixar de ser, honorável Freddy — comentou Delphine, condescendente.

— A festa de verão da igreja em junho será realizada no gramado do vicariato. Todo mundo me diz que é incrivelmente pitoresca. — Freddy transbordava de expectativa. — Teremos a dança em volta do mastro colorido, passeios de pônei e uma exposição de animais de exposição, mas as atrações principais são mesmo os concursos das melhores flores e melhores legumes. A competição pode ser muito acirrada, pelo que me contaram. Há tanto prestígio envolvido! Ainda não decidi se devo me concentrar nas peônias ou tomates, mas já começo a especular se não deveria concorrer com os dois. Tenho de me decidir logo, antes de voltarmos, e começar a trabalhar. Não acha que é um desafio maior, Delphine, quando não se especializa em apenas uma coisa?

— Claro que sim. Concordo plenamente. Por mim, eu participaria da dança.

— Ora, Delphine, isso é para as crianças, não para as velhas casadas como nós.

— Tome cuidado com quem chama de velha casada — resmungou Delphine, afagando a barriga, complacente.

— Velha casada e grávida, ainda por cima.

— Corte a "velha" e concordarei com todo o resto.

— Você sempre foi tão vaidosa... acho que tem direito a essa concessão... e 28 anos não é tão velha

assim.

— Vinte e seis também não é — comentou Delphine, irônica. — Mesmo que você tenha a pequena Annie.

— Nunca penso na idade — disse Freddy, jovialmente. — Há coisa demais para fazer em Londbridge Grange. Tenho as aulas de bridge, e agora que uma parte da criadagem voltou ao trabalho, Penelope está me ensinando todos os detalhes de um jantar formal. Também estou aprendendo a bordar para fazer toalhas de bandeja e a tricotar para fazer protetores de bule para o próximo bazar... tortas de maçã é uma coisa muito fácil... e ainda tenho minha escola dominical.

— Sua própria escola dominical? — indagou Delphine, manifestando tanta surpresa quanto a posição supina permitia.

— Exatamente. É uma tradição Longbridge, todas as tardes de domingo, das três às quatro horas... apenas para crianças até dez anos de idade. Depois, as crianças vão para o vicariato, a fim de se prepararem para a crisma. Mantenho livros de presença e, se uma criança comparece por seis semanas consecutivas, ponho um lindo carimbo; mas se alguma falta por uma única semana, tem de começar a contagem desde o início para obter o carimbo.

— Parece-me um tanto drástico — protestou Delphine.

— Consecutivas têm de significar consecutivas — insistiu Freddy, com ardor. — É um excelente treino de caráter. Penelope toca hinos no piano. As crianças cantam, e eu leio histórias da Bíblia. Estou ficando cada vez melhor nisso.

— Nunca pensei que você fosse do tipo religioso... mas as pessoas mudam, não é mesmo? E não nos vemos há tanto tempo... está se tornando a perfeita dama inglesa.

— Espero que sim... afinal, casei com cavalheiro rural, não é mesmo? Ah, quase esqueci de lhe contar o mais emocionante de tudo... estou fazendo meu próprio *pot-pourri*! Penelope tem uma receita secreta... está na família há centenas de anos... e por isso decidi inventar a minha. Comecei com lavanda e rosas, naturalmente, depois acabei enlouquecendo: pétalas de cravo, centáurea, urze, sálvia, consolda real, cravina, verbena, tomilho, matricária, folhas de hortelã, aspérula, macis, flor de camomila, risoma de lírio em pó... só uma pitada... violetas, flores de gerânio, um pouquinho de noz-moscada em pó... deixe-me ver... esqueci alguma coisa? Oh, não! Canela! Nunca tente fazer um *pot-pourri* sem canela! O segredo, é claro, está na escolha do momento certo de colher as flores para secar... só de manhã, depois que o orvalho evaporou, e apenas quando a flor é perfeita. Misture tudo, com muito cuidado, acrescente os óleos essenciais ao final. Todo o processo é muito mais complicado do que parece. Meu *pot-pourri* ficará maravilhoso quando envelhecer devidamente. Neste momento, ainda cheira um pouco... está inacabado... mas minha sogra se mostra muito otimista. Enviarei um pouco para você quando me sentir satisfeita com o resultado. Delphine... Delphine?... está dormindo?

Uma hora depois, quando voltou de seu passeio com Tony, Armand encontrou Delphine escovando os cabelos, antes do jantar, revigorada pelo cochilo.

— Teve uma boa conversa fraternal e íntima com Freddy? — perguntou ele.

— Fascinante. E você com Tony?

— Extremamente informativa. Sei mais do que jamais desejei conhecer sobre a estupidez do governo trabalhista, escassez, falta de recursos, controle de preços, baixa produtividade, impostos elevados e a impossibilidade absoluta de se conseguir fazer qualquer coisa na Inglaterra. Fiquei desejando estar aqui, escutando vocês duas a se divertirem numa conversa sórdida e sexual.

— Não se sinta frustrado, pois não perdeu muita coisa. A menos que goste de assistir a uma péssima atriz em ação.

— Que péssima atriz?

Delphine bocejou sensualmente.

- Minha irmãzinha, seu pateta. Eu fui brilhante, fingindo acreditar nela.
- Tão brilhante quanto sempre?
- Pode apostar que sim, Sadowski. Acho que, no final das contas, vou deixá-lo ficar por aqui.

Freddy levantou os olhos de seu bastidor, enquanto ouvia Tony rasgar folhas de papel de correspondência aérea em pedacinhos e jogá-los no pequeno fogo que ardia ineficazmente em seu quarto em Longbridge Grange, contra a umidade enregelante de uma tarde chuvosa de abril de 1946, uma primavera austera de botões por abrir e crescente racionamento.

— Não era de Jock? — protestou ela. — Eu queria ler também.

— Eu não queria desperdiçar seu tempo — disse Tony, visivelmente irritado com a carta do amigo.

— Mais sobre o amor inexorável de sua vida? Até que eu gostaria de tomar conhecimento de todos os detalhes repulsivamente sórdidos. Seria uma mudança um tanto Trollope.

— Nem mesmo isso, querida. Ele teve outra de suas idéias malucas. Agora quer arrendar um bando de aviões excedentes e iniciar uma empresa aérea de transporte de carga.

— Isso significa que Jock ainda não tem um emprego — comentou Freddy, pensativa. — Quanto tempo ele espera que dure a fortuna que ganhou no pôquer?

— Não será muito, se ele continuar assim. Está entusiasmado com a idéia... diz que pode alugar alguns DC-3 a quatro mil dólares por ano, uma taxa especial para veteranos... "apenas quatro mil", pense nisso... e propõe que nós tiremos as raízes daqui e mudemos para Los Angeles, entrando como sócios em seu negócio. Nós! Ele diz que o lugar está apinhado com pilotos e mecânicos desmobilizados, dispostos a trabalharem quase de graça para terem um emprego na aviação. Diz que estaríamos entrando no início de toda uma nova indústria. Pois eu digo que ele é doido.

— Algumas coisas nunca mudam — concordou Freddy. — Ele disse que tipo de carga pretende transportar?

— Conhece Jock... está pensando em produtos frescos... pode imaginar um DC-3 repleto de legumes e hortaliças? Jock diz que o avião pode transportar uma carga de três toneladas e meia... uma autêntica quitanda voadora.

— Por mais estranho que possa parecer, faz algum sentido — murmurou Freddy, pensativa.

— Como assim? — perguntou Tony, surpreso com o tom pensativo inesperado da mulher.

— Cultivamos na costa oeste muitas coisas que são fora de estação no leste, e perecíveis demais para irem de trem... deve haver um bom mercado. — Freddy largou o bastidor e fitou o fogo, com olhos sonhadores, visionários, contemplando uma terra que Tony Longbridge nunca acreditara realmente existir.

— Espere um pouco, querida. Em primeiro, segundo e terceiro lugares, se fosse mesmo um plano infalível e nós quiséssemos participar, o que não é e não queremos, não seria possível tirar qualquer dinheiro deste país para entrar numa sociedade, nem mesmo com Jock, o tolo sonhador. Restrições cambiais, está lembrada? Não poderíamos ter ido a Paris se os Sadowskis não nos hospedassem.

— Sabe muito bem que tenho quinze mil dólares em Los Angeles, acumulando juros, desde 1939.

— São as suas economias pessoais.

— É o meu dote, minha contribuição ao casamento... você não casou com uma esposa de mãos vazias.

— Jamais concordei com você a respeito. É seu dinheiro... não tem nada a ver comigo.

Freddy não deu atenção a seu protesto familiar.

— Se... e estou dizendo apenas "se", Tony, apenas "por exemplo", portanto, não tire conclusões precipitadas... se, apenas por exemplo, usássemos esse dinheiro, poderíamos arrendar dois aviões e ainda sobraria o suficiente para as despesas, antes de começarmos a ter lucro. Se Jock arrendasse mais dois aviões, talvez três, apenas por exemplo, teríamos um total de cinco...

— Ei, espere aí!

— Deixe-me terminar o pensamento. Gostaria de saber o que Jock está sugerindo ao dizer que os

homens trabalhariam quase de graça... o quanto exatamente seria esse "quase"?

— Freddy! Por que está delirando assim? Uma frota de cinco cargueiros! Não está levando isso a sério, não é mesmo?

— Hum... apenas pensando, só pela diversão, deixando fervilhar na cabeça...

— É isso mesmo?

— Que mal faz imaginar, Tony, apenas imaginar, aqueles DC-3 carregados com legumes, decolando para Nova York, Boston ou Chicago... mas é claro que estou sendo apenas extravagante, não seria possível deixarmos *The Grange*.

— De jeito nenhum.

— Afinal, você passou toda a sua vida aqui. Como poderia sequer cogitar a possibilidade de levantar acampamento e se mudar para um lugar estranho, em que o sol brilha em cada dia do ano ou devolvem seu dinheiro?

Freddy foi até a janela e ficou olhando para a chuva melancólica e inexorável que caía há semanas, durante a primavera inglesa.

— Como estará o tempo lá em cima? — murmurou ela. — Será que a estrela vespertina continua no mesmo lugar?

— O que disse, querida?

— Nada. — Ela sorriu-lhe, gentilmente. — De qualquer maneira, Jock não precisa de nós, se quer entrar no negócio de carga aérea.

Como ele disse, a Califórnia está enxameando de pilotos. E temos nossa vida aqui... você tem a terra para administrar, e eu tenho Annie, os bazares, aulas de bridge e a escola dominical. Mesmo assim... se nenhum de nós tivesse um salário... ora, não importa.

— Não importa... duas das palavras mais irritantes que alguém pode ouvir. Se nenhum de nós tivesse um salário... e que mais?

— Eu estava apenas especulando sobre... ahn... os lucros. Não haveria nenhum, não por algum tempo. Não seria nada fácil. Primeiro, teríamos de chegar lá, encontrar um lugar para morar, comprar um carro, alugar um escritório, providenciar espaço de hangar, pagar o pessoal de escritório, entrevistar pilotos e mecânicos...

custaria muito dinheiro só para abastecer os cinco DC-3... A voz definiu enquanto ela contemplava os teixos pingando por baixo da janela. Parecia isolada do quarto iluminado pelo fogo por um nevoeiro de anseio tão palpável que tremia no ar.

— Cinco DC-3? Já são reais para você? — indagou Tony, com um tom enigmático.

— Estou apenas lembrando todos os problemas financeiros que tive com minha escola de aviação.

— Foi difícil, não é mesmo?

— Foi, sim, muito difícil. — Enquanto se virava para responder à pergunta de Tony, uma criança apaixonada, impetuosa e esperançosa fitou dos olhos de Freddy, apenas por um segundo, antes que ela baixasse as pálpebras, mas era tarde demais, e Tony percebeu.

— Foi mais difícil que a venda de doces?

— Não no mesmo nível.

— Foi, ou não?

— Muito mais.

— Mas você se saiu bem, não é mesmo?

— Mais ou menos.

— Tão emocionante quanto fazer um *pot-pourri*?

— Pare de zombar, Tony. É como comparar... ora, voar a... a... não há nada com que se possa comparar, não é mesmo? — Empinando o queixo, numa atitude determinada, Freddy abotoou o *cardigan*, sentou-se e tornou a pegar o bordado.

— Querida, quem você pensa que está enganando? Está morrendo de vontade de se lançar nessa aventura de carga aérea. Acha que não percebo você parar qualquer coisa que esteja fazendo e ficar prestando atenção cada vez que um avião passa por aqui?

— Hábito, mero hábito — murmurou Freddy, corando intensamente.

— Não diga bobagem. Se suas orelhas pudessem adejar, tenho certeza que o fariam.

— Mesmo que a idéia de Jock me atraísse, como poderíamos sequer pensar em dar um passo tão grande? Significaria afastar-se de sua família, uma mudança completa de nosso modo de vida. Você detestaria, Tony, tenho certeza. Portanto, não vamos mais falar a respeito.

— Mas você está ansiosa em tentar, não é mesmo? Quero ver se é capaz de dizer que não é verdade.

— Não sou muito boa em mentir para você, não é mesmo? Mas os tempos mudaram. A guerra acabou, Tony. Eu... assentei nesta ilha real... este outro Éden... este semiparaíso.

— Tudo isso é besteira, querida. E tem mais, esqueceu "esta terra de majestade" e "este campo de Marte". Nunca dará certo. Fez uma encenação maravilhosa, reconheço, mas o que a guerra jamais teve a ver com a maneira como você se sente em relação a voar? Minha pobre criança obrigada a permanecer no solo, reduzida a um único cavalo de força... e um velho matungo ainda por cima.

— Nunca me queixei.

— Não, e isso é a parte mais assustadora. Não é típico de você se mostrar dócil... deixa-me nervoso. Escute aqui, Freddy, eu não me importaria sinceramente com uma pequena mudança. Estou sempre atrapalhando meu pai. Ele é muito menos impaciente do que eu com a burocracia, e muito mais experiente. Se ele precisasse mesmo de mim aqui, eu sequer poderia considerar, seria impossível, você sabe disso, mas não será para sempre... em suma, por que não? O velho Jock não tem nada de estúpido, possui um espírito empreendedor. E quando estourarmos todo o dinheiro e voltarmos com o rabo entre as pernas...

— Será o meu dinheiro? — indagou Freddy, ainda não acreditando.

Tony acenou com a cabeça para a esposa, sem negar coisa alguma.

— HURRA! — Freddy projetou-se da cadeira, pulando tão alto pelo ar que as pontas dos dedos roçaram nas vigas do teto.

Uma batida de leve à porta e Annie entrou, vestida para dormir, numa camisola comprida de flanela, estampada.

— Hurra o quê?

— Adivinhe o quê, Annie? Vamos todos visitar seu amigo Jock naquele lugar em que mamãe foi criada... a Cidade dos Anjos, como ela costumava chamar.

— Como na escola dominical? — indagou Annie, cautelosa, mas pronta para ficar encantada.

— Nada parecido. Como um dia de verão, como uma grande viagem, quente e azul até a praia. E quer saber do melhor? Seu papai não terá mais de jogar bridge com sua pobre mamãe, porque... e não diga que fui eu quem contou... ela ainda não sabe a diferença entre trunfos e espadas, e tudo indica que jamais saberá!

— Como vamos chamá-la? — perguntou Jock, servindo-se de uma cerveja, no quintal dos fundos da pequena casa que Freddy e Tony haviam finalmente encontrado, perto do Aeroporto Burbank.

— Alguma coisa que inspire confiança, eu acho — respondeu Tony.

— O que me diz de "Expresso Nacional de Carga Aérea Limitada"?

— Um pouco pomposo, meu velho, se não se importa que eu diga.

— Indubitavelmente tem uma sugestão melhor, companheiro?

— Gosto de "Carga Rápida". — Jock sorriu orgulhoso de sua inventividade.

— Eu não entregaria minhas cargas a uma empresa com um nome assim — protestou Freddy. — Parece uma tática de equipe de futebol americano de escola secundária... e uma escola de segunda

categoria ainda por cima.

— Ora, Freddy, acho que a sugestão de Jock é fabulosa — interveio Brenda, a última namorada de Jock e gerente voluntária do escritório.

— Poderíamos até chamar de "Carga Aérea Fabulosa"... e aposto que eu poderia convencer Hedda Hopper a dar uma notícia.

— Brenda, você não chega a ter um direito de voto aqui — apressou-se Jock em dizer. Virando-se para Tony e Freddy, ele explicou:

— Brenda conhece muitas pessoas no *show business*.

Freddy examinou Brenda com espanto. Os cabelos escuros eram tão compridos e lustrosos que até parecia que ela tinha poças nos ombros. Os peitos espetaculares indicavam uma plena maturidade feminina, mas seria possível que já tivesse idade suficiente para ter se formado na escola secundária? Onde Jock as encontrava? Ele jurara que Brenda sabia datilografia, podia tomar ditados, arquivar e atender ao telefone, mas ela dava a impressão de que sequer fizera as próprias unhas, compridas, perfeitas, pintadas com um vermelho-escuro. E por que ela tinha um sotaque sulista, quando dizia que era de San Francisco?

— Alguma idéia, querida? — perguntou Tony a Freddy.

— Águias — respondeu Freddy sem hesitação.

— Águias? Mas que tipo de nome é esse? — objetou Jock prontamente.

Ele ainda se ressentia pelo fato de Freddy ter passado vários dias a ensinar-lhe e a Tony como voar os enormes e desconhecidos bimotores, depois de ela própria conseguir aprender tudo em apenas meia hora de instrução. Seis anos em Spits, e agora ele precisava receber horas de instrução de Freddy, como se fosse um garoto.

— Vocês são heróis e se conheceram por causa da Esquadrilha Águia — explicou Freddy, paciente. — Portanto, faz sentido se tentarmos tirar algum proveito disso. Águias... curto, objetivo, fácil de lembrar, sem iniciais para confundir.

— E tem valor sentimental — concordou Tony. — Despache sua couve-flor pelos Águias... memorável.

— O que acha, Jock? — perguntou Freddy.

— Parece que já perdi. "Águias" está ótimo, eu acho.

— Jock, meu bem — interveio Brenda, em seu arrastado sotaque sulista —, o que foi exatamente a Esquadrilha Águia?

— E onde está Nossa Senhora do DC-3 esta manhã? — perguntou Jock a Tony, enquanto se sentavam no escritório apertado, examinando as Páginas Amarelas de Los Angeles em busca de clientes em potencial, enquanto na sala de recepção Brenda tentava em vão explicar a um grupo de empregados que ainda não haviam começado a contratar.

— Desaparecida.

— Dava para se prever. Agora que vocês têm uma boa garota para tomar conta de Annie, ela provavelmente foi fazer compras. Freddy bem que está precisando de roupas novas... ou será que ainda não tinha notado? Talvez esteja fazendo os cabelos ou almoçando com uma amiga... talvez uma matinê, talvez um joguinho de gin rummy...

as mulheres podem fazer menos e gastar mais do que se imagina possível. Ela virá esta tarde?

— Freddy estará ausente por alguns dias. — Os lábios de Tony estavam contraídos.

— É mesmo? Para onde ela foi?

— Para ser franco, não sei. Dê uma olhada neste bilhete que ela me deixou. — Ele estendeu um pedaço de papel e Jock leu em voz alta.

— "Querido, supervisione, por favor, o jantar de Annie e sente-se com ela. Helga cuidará de tudo. Dê

banho em Annie, leia para ela do livro vermelho na mesinha-de-cabeceira, não mais do que vinte minutos, ponha-a na cama, pode deixar a luz noturna acesa, se ela quiser. Helga servirá o jantar para você às sete e meia.

Por favor, verifique como está Annie várias vezes durante a noite, deixe sua porta aberta, para o caso de ela acordar. Pela manhã, cuide para que Annie coma todo o desjejum. Helga a levará ao jardim de infância e irá buscar. Avise a Helga o que vai querer jantar, antes de sair para o escritório. Não se preocupe comigo. Voltarei em poucos dias. Annie compreende. Eu amo você, querido. Fui voar. Freddy."

— Encontrei o bilhete esta manhã quando acordei — disse Tony, furioso. — Estava em cima do meu peito.

— Notou que ela escreveu "por favor" duas vezes? Muito decente de sua parte. E o que ela está querendo dizer com "fui voar"?

— Se eu soubesse, teria o maior prazer em partilhar a informação com você.

— O que ela poderia pegar?

— Não foi um dos nossos aviões — respondeu Tony, sombriamente.

— Já verifiquei. Talvez ela tenha convencido alguém a lhe emprestar seu avião.

— Ou roubou um — acrescentou Jock, pensativo.

— Ela nunca faria isso lá na Inglaterra... não em um milhão de anos. É inconcebível levantar acampamento assim. Deve ser a porra deste lugar! Ela não é mais a mesma desde que chegou à Califórnia.

Não consigo definir direito, mas ela está... diferente. Como se fosse a dona da porra do mundo. Oh, Deus, como eu gostaria de lhe dar umas palmadas!

— Brenda tem pavor de Freddy. Diz que ela a faz sentir-se inferior.

— Brenda não é tão estúpida quanto parece.

— Vamos, Tony, ela é, sim.

No veloz avião que alugara, Freddy partiu para diversas escalas no vale Imperial, no deserto do Colorado, as grandes áreas agrícolas do sul da Califórnia, seguindo depois para o norte, para as terras úmidas de delta, onde os aspargos e tomates cresciam dez meses por ano; de lá, continuou para Salinas, com centenas de milhares de hectares férteis, voltou para Fresno com seus figos e uvas, pousando muitas vezes na abundância do Condado Imperial, Condado Kern e Condado Tulare, as mais destacadas regiões de produção agrícola da nação. Por toda parte a que ia, passava por vastas plantações e pomares que só haviam se tornado maiores e mais lucrativos desde que os vira pela última vez.

Seguiu um plano de vôo gloriosamente irregular, que dependia apenas de seu capricho e ânimo. Extraviou-se, vagueou, voou rasante, mergulhou e subiu, dançou com o avião de um lado para outro do estado. Nunca se deu o trabalho de fazer cálculos, bastava que tivesse combustível suficiente, a navegação baseada no instinto e memória, na fantasia arbitrária. Estava livre para qualquer fantasia, disse a si mesma, enquanto se perdia no delírio de voar de novo, voar sem regras ou regulamentos, voar num êxtase da liberdade a que renunciara sete anos antes, libertada outra vez para a aventura absoluta e os inebriantes tempos antigos, com os ventos, o céu, as nuvens e o espaço. Espaço! Oh, Deus, como sentira falta de espaço na Inglaterra! As rotas do ATA eram tão restritas que era como se esgueirar por um labirinto para entregar um avião, mas a Califórnia era um êxtase de espaço brilhante, interminável, fluente, um espaço que voltava a lhe pertencer. Como pudera viver tanto tempo sem aquela ligação direta com o horizonte? Como agüentara, como se deixara enganar, acreditando que alguma coisa podia substituir a sublime maravilha do céu?

Sempre que avistava os prédios principais de cada enorme centro agrícola, ela realizava um par de *loops* espetaculares, acrescentava uns poucos Immelmans e Chandelles, para anunciar sua chegada, antes de pousar com precisão num estacionamento meio vazio ou, se não houvesse, um campo qualquer,

em condições que qualquer um no ATA teria considerado ridiculamente fácil.

Enquanto entrava no escritório, à procura do patrão, ela empunhava um bloco de aparência oficial e uma caneta Parker nova, com uma pena de ouro. Usava um uniforme que inventara, consistindo na saia do ATA e uma blusa da RAF, sem gravata e desabotoada até quase o sutiã, com as asas de dez centímetros de largura costuradas por cima do bolso direito. Os cabelos vermelhos estavam penteados para trás num estilo austero e presos na nuca, insistindo em escapar convenientemente do inadequado laço de veludo. A saia fora encurtada dez centímetros, atraindo as atenções de maneira admirável, com um cinto de couro vermelho de verniz, bastante apertado para justificar uma corte marcial. Freddy trocara os sensatos sapatos de cordões do ATA e as meias pretas por meias de nylon transparentes e o par de sapatos vermelhos com os saltos mais altos que pudera encontrar em Los Angeles. Se o patrão por acaso não estava, logo chegava, assim que era avisado da visitante.

Em quatro dias, Freddy conseguiu fazer amigos efusivos e admiradores entre os maiores expedidores de produtos agrícolas na região de maior desenvolvimento do mundo inteiro, anunciando-lhes, com os desvios mais delicadamente afrontosos da verdade, a formação de uma grande companhia de transporte aéreo de carga. Fez referências discretas e freqüentes a seu grande contingente de pilotos americanos da Esquadrilha Águia, todos incluídos entre os heróicos *Poucos a quem Muitos deviam Tanto*. Os Águias podiam transportar tanta produção agrícola quanto os fazendeiros conseguissem cultivar, informou aos homens interessados, inclinando-se ansiosa para a frente, os seios se projetando contra o tecido, a conversa de vendedora quase lançando-a em seus colos. O bloco de anotações foi se enchendo com ordens em potencial, com fatos e cifras valiosos, os nomes dos maiores atacadistas nas grandes cidades por todo o país, que queriam frutas, legumes e flores da Califórnia, já que poderiam vendê-los a preços com ágio, o suficiente para cobrir o custo de transporte aéreo, se não fosse alto demais.

Só o faminto mercado de flores da cidade de Nova York, dependendo de estufas, poderia absorver toneladas incalculáveis de flores recém-cortadas todas as semanas, se fossem estabelecidas as ligações certas, concluiu Freddy, sentada no café do aeroporto em Santa Paula, pouco antes da etapa final de volta para casa, refletindo sobre duas fatias de torta de pêssego. Quantas toneladas de pêssegos frescos poderiam vender em Chicago? E se os pêssegos fossem convertidos em tortas, por Van de Kamp, por exemplo, quanto uma cadeia de padarias da costa leste poderia cobrar no meio do inverno? E como se poderia transportar as tortas sem parti-las?

Fique longe das mercadorias feitas no forno, sua idiota! Quando vai aprender? Muito bem, mas então como se pode transportar pêssegos sem machucá-los? Como se pode transportar uvas, morangos, alfaces tenras, salmão fresco de Monterey Bay? Como se pode transportar orquídeas! Os Águias poderiam mudar por completo os buquês de vestido dos bailes de formatura.

Tudo isso é um problema secundário, disse alegremente a si mesma, enquanto arrancava a receita da torta do dono do café. Tony e Jock que se preocupem com os detalhes. Ficariam na maior satisfação quando ela voltasse com tantas informações... mas fora absolutamente necessário ir sozinha. O marido, sem dúvida, voara por toda a Batalha da Inglaterra, mas o honorável Antony Wilmot Alistair Longbridge não era exatamente um ianque. Jock era tão americano quanto um jogo de dados que se prolongava pela noite inteira, mas não chegara a voar por toda a Batalha da Inglaterra, e teria prejudicado o estilo de Freddy se precisasse deturpar... apenas um pouco... o extraordinário contingente de pilotos da companhia na presença dos dois, escutando tudo. Ou, Deus me livre, falando.

— Onde está a nova Brenda? — gritou Jock, desesperado, segurando dois fones contra o peito, a fim de que a dupla de plantadores de uvas com que tentava falar ao mesmo tempo não pudesse ouvi-lo. — Preciso de ajuda imediata!

Freddy, acuada por trás de sua escrivaninha, dizendo a três ex-pilotos de bombardeiros desapontados, mas ainda ansiosos, que 250 dólares por mês era o máximo que a companhia podia

oferecer por enquanto, gritou por cima de suas cabeças:

— Ela foi embora ontem... e ainda não tive tempo de arrumar outra! Por que era a encarregada de arrumar Brendas?, perguntou-se ela, irritada. Houvera quatro mudanças na administração do escritório nas duas semanas desde que a Brenda original quebrara sua última unha e fora embora em lágrimas de raiva. O destino conspirava contra ela. As Brendas não vicejavam na histeria, as Brendas não podiam controlar o pânico, e a viagem de Freddy desencadeara uma avalanche de demandas prematuras de clientes, que eles não tinham condições de controlar sem meia dúzia de competentes escriturários.

— Quem está atendendo aos telefones na sala de recepção? — perguntou Jock. — Parece que está havendo uma festa de Ano-Novo por lá. Tenho até a impressão de ouvir a voz de Annie.

— E ouve mesmo, líder de esquadrilha. Helga está atendendo aos telefones, e Annie veio com ela.

— E onde está Tony, pelo amor de Deus? — gritou Jock.

— O comandante de grupo está voltando de Newark. Entregou aquelas três toneladas e meia de cravos. Os Coronéis Levine e Carlutti entregaram os morangos e tomates em Detroit e Chicago... e também estão voltando.

— Alguma alegria? — indagou Jock, usando as duas palavras com que os pilotos da RAF perguntavam uns aos outros, depois de uma missão, se haviam derrubado aviões inimigos.

— Nenhuma.

A resposta indicava que nenhum dos três pilotos conseguira obter cargas para a viagem de volta, o apoio essencial para que as entregas se tornassem lucrativas. Os três aviões retornavam a Los Angeles "vazios", a palavra mais terrível no negócio, superada apenas por "desastre".

— Vocês podiam esperar lá fora por um momento? — pediu Jock aos pilotos, que acompanhavam a conversa com o maior interesse. — Preciso ter uma rápida conferência com minha sócia. — Assim que a sala ficou vazia, ele disse a Freddy, frenético: — Não vai dar certo. Como podemos aceitar novos negócios e operar com prejuízo ao mesmo tempo? Como? Por quanto tempo acha que podemos continuar assim? Por quanto tempo? Aqui estamos, sob uma tonelada de trabalho burocrático, quando a idéia original era que nós três voássemos sem salários; as suas Brendas desaparecem da noite para o dia; ainda não contratamos mecânicos em número suficiente; tenho uma carga inteira de pêssegos maduros esperando para deixar Bakersfield... tem alguma idéia do quanto são precíveis?... mas não posso despachar um único avião sem mais pilotos além de Tony, Levine e Carlutti; e hoje recebi pedidos para mais três cargas amanhã...

oh, merda! Eu e minhas grandes idéias! Mais algumas semanas e não poderemos cobrir a folha de pagamento! E ficaremos devendo!

Freddy inclinou a cadeira para trás, pôs as divinas pernas em cima da mesa, levantou a saia alguns centímetros acima dos joelhos, cruzou os pés com os sapatos vermelhos de saltos altos. Parecia estar consultando o teto em silêncio, enquanto Jock tamborilava furioso sobre a mesa, à espera que ela dissesse alguma coisa.

Freddy enfiou a mão na bolsa e tirou o estojo de maquilagem, aplicou uma nova camada de batom vermelho brilhante, contemplou sua imagem com aprovação. Depois, pôs os pés, no chão, levantou-se e encaminhou-se para a porta, em passos ágeis.

— Não pode me deixar sozinho aqui! Para onde pensa que vai?

— Pretende voar de novo? Isso acabará com a gente!

— Líder de Esquadrilha Hampton — disse Freddy, com um sorriso jovial, deliberado e injusto —, tente se acalmar. Detesto vê-lo tão agitado. Vai acabar com uma úlcera. Respire fundo. Pense em coisas boas... até mesmo a sua mente deve ser capaz de um bom pensamento de vez em quando. Para ser franca, não parece estar muito bem. — Ela desmanchou os cabelos e beliscou de leve a orelha de Jock, antes de acrescentar: — Tem comido direito, líder de esquadrilha? Vitaminas em quantidade suficiente? Já sei o que pode fazer, fique com o almoço de Annie... e coma tudo. Eu a levarei comigo.

— Vai mesmo sair? — indagou ele, numa fúria incrédula. — Não posso acreditar!

— Helga cuidará de você. Eu vou... comprar um casaco de pele.

— Mas isso é uma sacanagem! — berrou Jock, enquanto seus dois telefones e os dois de Freddy tocavam ao mesmo tempo. — Sei agora por que não me deixou morrer quando teve a oportunidade! Estava me poupando para poder me matar pessoalmente!

— Não está ficando um pouco paranóico? Eu nem o conhecia na ocasião — murmurou Freddy, enquanto saía e fechava a porta.

Jock deixou os telefones tocarem, não fez o menor esforço para atender. Balançou a cabeça loura de um lado para outro, com uma expressão de consternação. Por que se sentia de repente tão solitário? Por que tinha a sensação de que fora abandonado? "Paranóico"? Rezava para que fosse essa a resposta. Podia aceitar a mera paranóia sem a menor hesitação.

O escritório familiar de Swede Castelli estava cheio de fotografias e modelos de aviões e relíquias aéreas como sempre, mas o próprio Swede parecia menos jovial do que Freddy o lembrava. Saudara com prazer sua visita de surpresa, mas o rosto parecia desolado sob a satisfação. Pegou Annie no colo e contemplou suas pequenas perfeições com admiração, sacudindo a cabeça pela passagem do tempo.

— Sente-se aqui, minha pequena lady — murmurou ele, pondo-a numa cadeira.

— Não sou uma lady — disse Annie, solenemente. — Minha avó Penelope é uma baronesa, e minha avó Eve é uma viscondessa, minha tia Jane está noiva de um marquês, o que significa que será duquesa um dia, mas eu sou apenas a pequena Annie.

— Isso é lamentável, minha pobre criança. Talvez um príncipe apareça para você.

— Que tipo de príncipe? — perguntou Annie, interessada.

— Não quer brincar com os modelos de aviões, Annie? — apressou-se Freddy em interferir.

— Prefiro conversar com o Sr. Castelli, mamãe.

— Depois, Annie.

Freddy tratou de afastá-la.

— Estava me perguntando quando viria me procurar, Freddy — comentou Swede, num tom de suave censura. — Há semanas que voltou.

— A vida anda muito complicada, Swede. Não dá nem para começar a descrever.

— Não se incomode, posso imaginar muito bem. Não há trabalho para fazer, por mais que tente, exatamente como aqui. Lembra daqueles anos em que vivíamos tão ocupados a planejar manobras aéreas que eu quase tinha de dormir no escritório? Lembra quando você passava de um filme para outro sem sequer um fim de semana de folga, e a mesma coisa acontecia com todo mundo? Lembra daquela grande pequena organização que eu dirigia? Está tudo acabado, Freddy. Ninguém mais faz filmes de aviação. Durante a guerra, ainda tive muitos negócios com filmes assim, mas agora não há mais nada. Podemos esquecer. As pessoas só querem saber de cercas de madeira pintadas de branco, chalés cercados por roseiras, amor desabrochando. Nenhum estúdio está interessado pelo velho azul lá em cima. Fico sentado aqui, olhando para as paredes e torcendo para o telefone tocar. Mas há meses e meses que não acontece nada. Talvez eu acabe a companhia.

— A situação está tão ruim assim, Swede? Lamento muito.

— Ou tão boa assim, dependendo do ponto de vista. Nunca pensei que se pudesse ter tanto dinheiro e tão pouca diversão, menina. Há alguma coisa errada nisso. — Ele arriou na cadeira, desolado.

— Tanto dinheiro? Sem negócios? Como é possível?

— Puxa, você passou mesmo muito tempo fora! Todo mundo ganhou dinheiro durante a guerra, e alguns conservaram. Como eu. Tudo aquilo em que investi se transformou em ouro. Estou rico, menina rico de verdade. Parece que tenho um toque mágico para ganhar dinheiro. Mas não sou do tipo de ficar sentado de braços cruzados a me deleitar com o dinheiro. Gostaria que houvesse alguma diversão, mas

acho que no fundo não tenho do que me queixar. Já tive muita diversão.

— Estou vendo que cheguei bem a tempo, Swede. Tenho um emprego para você.

Ele alteou as sobrancelhas.

— Onde? Não naquela sua empresa de carga aérea, não é mesmo?

Tem alguma idéia, Freddy, de quantas pequenas companhias como a sua foram iniciadas e liquidadas em Los Angeles durante o último ano? Centenas.

— Já soube disso. Ao que parece, Jock Hampton não foi o único veterano a ter uma idéia sobre carga aérea. Mas poucas companhias vão sobreviver e crescer. É inevitável, tem de acontecer, é o futuro. A nossa será uma delas.

— O que a faz ter tanta certeza?

— Porque eu digo que será. — Freddy acuou-o com seu sorriso e a certeza inabalável dos olhos azuis.

— A mesma Freddy de sempre. Mandona, cabeça-dura, obstinada, autoritária... se você não fosse tão bonita, seria insuportável. —

Swede suspirou, reminescente. — Algumas coisas nunca mudam, graças a Deus.

— Precisamos de você, Swede.

— Para fazer o quê? Não posso me imaginar a transportar uma carga, mesmo que você conseguisse arrumar alguma. Estou muito velho e muito rico para isso, menina. E provavelmente gordo demais.

— Quero que você dirija a Águias, assuma o comando de nossas operações. Nosso problema é negócios demais e muito depressa. Temos seis telefones tocando durante o dia inteiro. É de dar água na boca. É o seu tipo de piquenique, Swede, a coisa de que tanto gosta. Terá a maior diversão acertando a nossa confusão... quase que o invejo. Primeiro, terá de decidir quantos aviões mais devemos arrendar e quantos pilotos a mais precisamos, porque, se não pegarmos os negócios que estão nos oferecendo, passarão para outros.

E depois terá de resolver o problema da carga na volta... já devia ter feito isso ontem... encontrar alguém para comandar a manutenção, outro para tratar dos contratos. E terá de contratar pessoal para o escritório imediatamente, reformular as nossas tarifas para diferentes cidades...

— Isso é tudo? — O rosto redondo de Swede perdera a expressão sombria, e ele se empertigava na cadeira.

— É apenas o começo. Pode também atender aos telefonemas nos momentos de folga, mas creio que não terá nenhum momento de folga.

— E o que usamos como dinheiro?

— Ainda me restam alguns dólares. E é claro que você, como presidente de nosso conselho de administração, vai querer uma parte do negócio, já que tudo aquilo em que toca se transforma em ouro, como disse. Além do mais... faremos muitas promessas.

Castelli examinou Freddy atentamente. A criança estava usando botas de sete léguas. Estava com o ânimo de saltar do avião sem pára-quadras e voar com sua própria força... e ele não duvidava de que Freddy seria capaz. Além do mais, nunca fora capaz de resistir a Freddy, e ela já o ajudara a ganhar muito dinheiro. E qual era a coisa pior que poderia acontecer? Perderia alguns dos seus dólares que não lhe proporcionavam a menor diversão. Arriscaria mais do que isso por uma porção de telefones tocando.

— Muito bem... conte comigo. Só precisarei de alguns dias para acertar as coisas aqui...

Freddy abraçou-o apertado e beijou-o sonoramente nas faces.

— Prometo que não vai se arrepender. Oh, Swede, tenho certeza que vai adorar! Não temos nada além de problemas! — Ela pegou um pequeno cartaz que dizia "Volto em cinco minutos", sacudiu-o, pensativa.

— Deixei o carro em fila dupla lá embaixo. Vamos, Swede, tenho de sair daqui logo! Pendurarei isto na porta. Não vai querer que eu pegue uma multa de estacionamento, não é mesmo? E tenho de levar uma

carga de pêssegos para Nova York dentro de uma hora. Quando voltar, eu o ajudarei a resolver tudo.

Tomado de surpresa, o antigo dublê de acrobacias aéreas seguiu Freddy, enquanto ela saía apressada do escritório, com Annie correndo em seus calcanhares. Apenas quando se encontravam na metade do caminho para Burbank foi que ele compreendeu que Freddy não poderia receber uma multa no estacionamento do estúdio, mas a essa altura já estava excitado demais para se importar.

A pior coisa no *new look* de Dior, pensou Freddy, enquanto saía graciosa do Buick, era o fato de ser tão comprida que escondia as pernas por cima dos tornozelos. Por outro lado, realçava sua cintura fina e exagerava o volume dos quadris e seios. Mas as pernas, pense nisso, *Monsieur Dior*, as pernas eram o que mais atraía a atenção masculina. Mas, pensando bem, depois que uma mulher estava deitada na cama, o que as pernas tinham a ver com o ato sexual?

Podia-se estendê-las em volta do homem, mas se ele não fosse um fetichista de joelhos ou um tarado por coxas, para que serviam as pernas?

Ela foi andando devagar, consciente da armação sob o costume extremamente elegante, com um casaco de seda natural todo abotoado e uma saia rodada e preta, também de seda natural. Primeiro, havia o espartilho de tule, que também servia como um sutiã baixo, sem alças, um traje de aparência enganadoramente frágil, mas dotado de uma implacável vontade própria, com dezenas de barbatanas estreitas e flexíveis, ocultas nas camadas de tule que a envolviam do alto dos seios até abaixo dos quadris. Depois havia crinolinhas de diferentes espessuras, para estufar a saia nas dimensões apropriadas; a saia propriamente dita tinha três forros, um de tule, outro de organza e o terceiro de seda ponjê, a fim de que os outros forros não puxassem um fio das meias. Ela especulou se a avó fora alguma vez moldada e comprimida por alguma roupa. Se ousasse respirar um pouco mais fundo, refletiu Freddy, provavelmente estouraria meia dúzia de botões. E não dava nem para pensar em estender os braços por cima da cabeça. Deveria sentir-se grata por ainda ser capaz de dobrar os cotovelos. Naquela roupa, tinha de se contentar com passos curtos e gestos comedidos, não podia correr ou pular.

Esse era o preço da elegância em 1949, e Freddy compreendia porque Dior, em sua primeira visita aos Estados Unidos, fora recebido em uma cidade depois de outra por grupos de mulheres furiosas, empunhando cartazes que diziam "Volte para sua terra, Christian Dior", e até mesmo "Abaixo Dior". Ao descobrir que não havia outra tendência na moda além do *new look*, ela o aceitara com relutância, mas estabelecera seu limite no uso de chapéu. Não usava um chapéu desde que largara o uniforme, e não pretendia mudar isso agora. Os cabelos haviam sido cortados e arrumados com todo cuidado por um cabeleireiro dos mais caros, mas agora, apenas um dia depois, já rejeitara tudo o que ele tentara fazer, recuperando a sua própria forma, imprevisível e indescritível, uma combinação de ondulação, cachos caídos e rebeldia que era, se nada mais, pelo menos familiar. Ela sacudiu a cabeça em desaprovação pela desobediência dos cabelos à moda e foi como se uma enorme e brilhante dália cor de cobre faiscasse ao sol.

— Sra. Longbridge? — disse Hal Lane, o corretor imobiliário, tentando apressá-la. — A porta da frente é aqui, Sra. Longbridge.

Aquele era o segundo dia em que mostrava casas a Freddy, e ainda não estava disposto a acreditar que, ao contrário de seus outros clientes, a última coisa em sua mente parecia ser a compra de uma casa. Contudo, o importante na Sra. Tony Longbridge era o fato de que ela precisava se mudar de qualquer maneira; não era apenas uma mulher de aparência, como tantas outras com que desperdiçara seu tempo. Ela precisava sair da pocilga que alugara três anos antes. Não era um lugar apropriado para dois dos sócios da maior empresa de carga aérea do país, tão apertado e desmantelado. E mesmo deixando de lado o conforto pessoal, eles não podiam receber ninguém ali. Imagine só convidar pessoas para jantar num lugar que nem ao menos era agradável como uma casa de loteamento. Os Longbridges, em sua opinião, há muito que já deveriam estar numa casa que refletisse sua posição. Não dava para entender

por que haviam esperado tanto.

— Esta é provavelmente uma das melhores casas em Hancock Park — anunciou Hal Lane, ao se aproximarem da porta da frente. — Possui uma qualidade muito especial de Velho Mundo.

Freddy levantou os olhos da contemplação de rosto franzido da bainha estufada e parou subitamente na calçada.

— Sr. Lane, eu lhe disse ontem, quando começamos, que só dispunha de dois dias para devotar à procura de uma casa, e avisei que o falso inglês era absolutamente inaceitável. Por que está desperdiçando meu tempo?

— Mas... mas... isso não é falso inglês, Sra. Longbridge, é autêntico... ahn... Queen Elizabeth. Espere só para ver o interior.

É excepcional. Um banheiro principal espetacular.

— Vejo meias-vigas que não têm qualquer propósito, tijolinhos vermelhos horríveis, vidraças pequenas que impedem a entrada da luz. Desculpe, mas não adianta nem entrar, Sr. Lane. — Ela olhou para o relógio. — Temos mais seis horas.

Essa não!, pensou ele, enquanto a ajudava a voltar para seu Buick. Talvez, no final das contas, uma daquelas mulheres que gostavam de ver todas as casas e não paravam de conversar fosse preferível. Por que ela estava com tanta pressa? Hal Lane verificou as casas disponíveis, descartou a metade... era evidente que a Sra. Longbridge não tinha sofisticação suficiente, na linguagem do mercado imobiliário, para compreender que em Los Angeles uma casa ao estilo inglês, de preferência Tudor, impunha respeito imediato e conferia um status instantâneo. Ele ligou o carro.

Freddy recostou-se, nem mesmo olhando as ruas arborizadas, com seus jardins coloridos de flores de inverno, os irrigadores molhando os gramados naquele dia de novembro. Tinha sentimentos contraditórios sobre a mudança da casinha apertada em Burbank, onde tanta coisa acontecera. Nunca esqueceria aqueles dias inebriantes e alucinados de 24 horas, depois que Swede Castelli assumira o comando do escritório, quando contrataram quinze novos pilotos, no meio da pior crise habitacional do pós-guerra. Entre as viagens de entrega, os homens procuravam trailers ou motéis em que pudessem se instalar com suas famílias, enquanto dormiam no chão de sua sala de estar — exceto pelo afortunado que conseguira partilhar uma cama com Helga —, e Freddy cozinhava seus enormes ensopados todas as noites em que não estava voando. Annie providenciava o leite, biscoitos e guardanapos de papel. Tony cuidava do bar, e Jock comandava o jogo de pôquer.

Eram os primeiros dias do traga-qualquer-coisa na viagem de volta: a tragédia das três valiosas cargas de lagostas do Maine vivas que haviam morrido de pavor, até onde se podia imaginar, durante uma tempestade; a emoção das centenas de embarques de vestidos e blusas, peças quentes que eram vendidas em minutos, enviadas diretamente das fábricas na Sétima Avenida e entregues sem qualquer amarrotado, pois voavam através do país em cabides pendurados em armações instaladas às pressas nos aviões; as cargas semanais de Life e Time, a que acrescentaram pouco a pouco uma dúzia de outras grandes revistas; os "entes amados", como eram chamados os cadáveres encaixotados com todo cuidado e levados para suas cidades natais, onde receberiam caixões direitos e funerais apropriados; os cavalos de corrida que se recuperavam muito mais facilmente de uma viagem de avião do que de uma longa viagem de trem ou caminhão, a tal ponto que os pilotos passaram a apostar seus salários neles; e o mais importante de tudo, os vôos fretados.

Sem corpos humanos — corpos humanos vivos, respirando —, nunca teriam conseguido, Freddy sabia. Fora o afretamento de aviões inteiros que lhes permitira sobreviver aos primeiros dias: as equipes de futebol americano, os participantes de convenções, os coros de igrejas a caminho de competições; os militares de licença, grupos de estudantes, os circos encalhados em algum lugar, com animais e tudo; as bandas marciais; as freiras e enfermeiras; todos, enfim, que não podiam esperar pelo congestionamento dos meios de transporte no pós-guerra. Passaram do DC-3 para o DC-4 quadrimotor, descobriram o tipo

certo de assento desmontável e o tipo certo de lancheira, vendiam espaço a 99 dólares por pessoa para atravessar o país, a incontáveis grupos dispostos a suportar um vôo de austeridade, a fim de chegarem aonde queriam de maneira barata e segura.

Hal Lane parou na frente de uma casa de colunas brancas.

— Sra. Longbridge, tenho certeza que esta residência excepcional é digna de seu tempo.

— Deus tenha piedade! — murmurou Freddy. — Estou de volta a Tara.

— Tara foi copiada desta mansão.

— Darei uma olhada — disse ela, tão jovial quanto possível, já que a casa se encontrava dentro do círculo que traçara no mapa para mostrar a Lane a distância do aeroporto além da qual não estava disposta a viver.

Enquanto passava pelos muitos cômodos enormes e vazios, bloqueando os comentários de Lane tão automaticamente como se ele fosse o ruído de motor, Freddy especulou quanto tempo levaria para se acostumar a viver naquela vasta quantidade de metros quadrados.

Saíra de seu quarto na casa dos pais para a casinha de Mac, os apinhados alojamentos do ATA que partilhara com Jane, o quarto confortável e a pequena sala de estar que tinha com Tony em Longbridge Grange e finalmente a pequena casa em Burbank. Poderia algum dia se sentir tão aconchegada ali como estivera durante os últimos 29 anos?

Será que Jane tivera esse problema de ajustamento ao casar com seu marquês, o adorável Humphrey, mudando-se para o venerável monstrego Tudor em Norfolk? Nem precisava se preocupar com isso, não com a sua Jane. Provavelmente ela convertera metade dos cômodos do castelo em guarda-roupas e agora que produzira um herdeiro para o ducado, com a admiração de toda a Inglaterra, e engravidara de novo, sem dúvida requisitara uma ala inteira para os quartos dos bebês, com suas babás e atendentes embasbacadas de todos os tipos. Jane sempre fora feita para um castelo. *The Grange* fora apenas sua rampa de lançamento.

— Sra. Longbridge, permite chamar sua atenção para este toucador? Muito requintado, não é mesmo? Como tenho certeza que sabe, uma anfitriã é julgada pelo toucador, tanto quanto pela lista de convidados.

— Por que não damos uma olhada no porão? — sugeriu Freddy.

Relutante, ele conduziu-a por um lance de escada traiçoeiro e observou-a contornar a fornalha com a maior atenção, desfechando diversos chutes e depois desabotoando o casaco e examinando cautelosamente os canos que subiam.

— O sistema de aquecimento está péssimo — anunciou Freddy. — Lamento, mas não estou interessada. Peço desculpas, Sr. Lane. O que temos a seguir em sua lista?

— Tenho um clássico contemporâneo que lançou uma tendência. Alguma coisa me diz que vai adorar.

A casa moderna era fria e institucional, apesar da luz do sol que entrava pelas clarabóias, concluiu Freddy, olhando pensativa para o único lugar aconchegante, um guarda-roupa revestido com cedro. Mas tinha hectares de espaço. Não seria isso o que estava errado com Tony... ausência de espaço suficiente para viver? Poderia ser parte do motivo pelo qual ele se tornara tão... remoto? Quando percebera pela primeira vez seu crescente afastamento? Começara, sem que ela prestasse muita atenção, durante o trauma de dois anos da implacável guerra de tarifas com a American Airlines? Todos ficaram tão preocupados, tentando se manter à tona, enquanto perdiam dinheiro, mês após mês, para se preocuparem com nuances nos relacionamentos pessoais, refletiu Freddy, pesarosa. Havia muito pouco tempo para ser uma família, com uma monstruosa folha de pagamento a cada sexta-feira.

Swede investira todos os seus recursos pessoais na companhia, mas o principal motivo da sobrevivência àqueles dois primeiros anos fora um contrato providencial com o Comando de Transporte Aéreo, para voar pessoal militar da Califórnia para o Havaí, Guam e Honolulu. Quando a Comissão de Aeronáutica Civil — CAC, agindo com sua lentidão infernal e mortífera, finalmente encerrara a guerra de tarifas, a companhia era uma das poucas independentes ainda em operação, entre mais de dois mil

empreendimentos similares iniciados por veteranos depois da guerra.

Freddy piscou, saiu do guarda-roupa de cedro e encaminhou-se para a porta da frente.

— Vamos em frente, Sr. Lane, vamos em frente — disse ela, com uma expressão paciente, seguindo pelo corredor comprido, em sua panóplia de saia e crinolinas.

A casa seguinte era agradavelmente colonial e inofensiva.

Freddy percorreu-a, prestando tanta atenção quanto podia, enquanto procurava o momento exato em que lhe ocorrera que Tony não apenas cuidava do bar quando se reuniam com os pilotos, mas também ancorava ali todas as noites, mesmo quando não tinham hóspedes.

Os anos entre 1946 e 1949 haviam incluído uma luta conhecida como o Caso da Carga Aérea, durante o qual eles tentaram obter uma rota própria, concedida pela CAC. A última e mais importante batalha vencida pela companhia só fora vencida três meses antes, em agosto de 1949; das treze empresas que haviam solicitado o certificado em 1946, apenas outras quatro não estavam falidas no dia da vitória.

Quando, indagou Freddy, exatamente quando, durante aqueles anos longos e tensos, sem nenhum lucro para recompensar por tanto trabalho, sem dinheiro algum para gastar livremente, apesar dos milhões em contratos, em que ponto preciso daqueles anos em que tiveram de continuar a operar por todos os meios possíveis, muitas vezes até aceitando contratos de vôos fretados de outras companhias, quando o problema de bebida de Tony se tornara sério? Desesperado e sério além de sua compreensão?

Até três meses atrás, todos viviam em suspense. Ela não podia se lembrar da primeira vez em que fora obrigada a compreender que a única maneira de Tony se acalmar e parar de esbravejar contra a CAC era tomar muitos drinques, além da conta. Quando fora a primeira vez em que ele ficara em casa, a ressaca impedindo-o de voar ou mesmo de ir ao escritório? Há um ano? Dois anos?

Nada podia mudar sua decência intrínseca, mas havia agora uma acusação cansada nos olhos de Tony, durante o dia e também à noite, encobrendo sua natureza afável, a polidez e senso de humor de um cavalheiro. O pior era que mesmo agora, quando os frutos de tanto esforço eram colhidos, quando um lançamento de ações ao público tornara a todos milionários da noite para o dia, Tony continuava a beber tanto quanto antes... ou estaria bebendo ainda mais agora?

— Esqueça, Freddy, esqueça — dizia ele, sempre que ela tentava levantar o assunto; e havia alguma coisa em seus olhos opacos que a silenciava.

— E então, Sra. Longbridge, o que acha? — perguntou Hal Lane.

Freddy tirou o casaco e dobrou-o sobre o braço, levantou um pouco a blusa na cintura, abriu uma janela da casa colonial, puxou a saia até os joelhos, subiu num aquecedor e estendeu a mão para fora. Desceu poucos segundos depois, acenando com um longo pedaço da calha de metal que se desprendera.

— Todo o telhado está perdido — disse ela. — E quem sabe da madeira podre que não posso ver? Vamos embora, Sr. Lane. — Ela tornou a pôr o casaco e saiu da casa, voltando para o carro, tornando a enfiar a blusa pela cintura da melhor forma possível.

Depois de um curto percurso, o Buick tornou a parar.

— Uma extraordinária propriedade, Sra. Longbridge, recém-reformada, de alto a baixo. Uma casa de sonho.

— Espero que sim — murmurou Freddy, adiantando-se, impaciente.

Não era inglesa, pelo menos isso podia-se dizer em seu favor, mas era francesa demais. Para ser justa, ela não dissera ao corretor para não mostrar qualquer coisa francesa, lembrou a si mesma enquanto entrava na casa. Não era contra o falso francês com a mesma intensidade com que Tony detestava o falso inglês.

— *Regardez* essa jóia de escada — disse Lane. — Tem uma filha, não é mesmo, Sra. Longbridge? Imagine-a descendo esta escada como uma noiva. Esta residência excepcional foi feita para casamentos.

— Annie tem apenas sete anos.

— Ahn... Nesse caso, vamos para a sala da família e o bar?

— Um bar no Petit Trianon? O que temos mais, Sr. Lane?

— Não se esqueça de que isto é a Califórnia, Sra. Longbridge... bares, salas da família, toucadores, suítes principais com guarda-roupas e dois banheiros... é assim que somos, não é mesmo?

— É o senhor quem está dizendo, Sr. Lane. Onde fica a cozinha?

— Freddy enfiou a cabeça no forno, inspecionou a geladeira, observou a água correndo na pia.

— Hum... Acho que vou puxar a descarga em alguns banheiros. Não precisa me acompanhar.

Ela voltou três minutos depois.

— Os encanamentos precisam de uma reforma total, Sr. Lane. Eu gostaria que tivessem cuidado disso antes de pintarem aqueles murais no banheiro de hóspedes. E, infelizmente, não temos muito tempo.

— Vamos visitar algumas casas recém-construídas, Sra. Longbridge? — murmurou Lane, torcendo o nariz. — Pelo menos isso eliminaria os pequenos defeitos de construção.

— Duvido muito. A construção do pós-guerra não é tão boa como antes. Os construtores reduzem os custos ao máximo.

Freddy visitou uma réplica de pavilhão de caça bávaro, uma villa italiana e uma fantasia mourisca, verificando metodicamente os sistemas vitais, enquanto Hal Lane segurava em silêncio seu casaco abandonado. Enquanto subia e descia em lugares que Hal Lane nunca vira uma mulher investigar, levantando as saias sem a menor cerimônia, chutando, espiando, levantando, batendo e cutucando as coisas, Freddy descobriu-se estranhamente incapaz de se imaginar a viver com Tony, Annie e Helga, além dos criados ainda desconhecidos, em qualquer daquelas casas.

Contudo, precisava decidir-se por uma casa hoje, lembrou-se Freddy. O restante da semana seria dedicado à entrevista e fotografias para a *Life*, com os repórteres vindo de Nova York para fazer uma grande reportagem sobre a companhia. Haviam recebido muita divulgação durante os anos de luta e sempre acolhiam com satisfação, porque significava mais negócios.

Os repórteres tendiam a se concentrar em Freddy, porque era uma mulher num mundo dos homens, por causa de seus troféus de aviação, seu trabalho como dublê de acrobacias aéreas em Hollywood e pelo nascimento como uma Lancel. Seria possível que Tony estivesse transtornado por causa de tanta publicidade? Freddy refletiu apenas um instante sobre a possibilidade, antes de descartá-la. Tony nunca seria tão mesquinho assim. Seria possível que ele estivesse transtornado porque agora tinha um patrimônio pessoal de milhões, embora não tivesse investido nenhum dinheiro seu? Esse detalhe técnico poderia incomodá-lo? O orgulho nunca lhe permitira aceitar totalmente a situação, mas ela não acreditava que isso, por si só, pudesse ser o fator responsável por Tony beber tanto.

Quando souberam da vitória, Jock saíra e perdera dez mil dólares no pôquer... devia estar tentando perder de propósito; Swede voara para Tijuana e desaparecera por uma semana; ela entrara na Bullock's e comprara uma dúzia de vestidos, vinte pares de sapatos... mas Tony não fizera nada de especial para comemorar, exceto ir para o quintal dos fundos e esvaziar quase toda uma garrafa de uísque, tão absorto, a beber sem parar, que nem mesmo Annie fora capaz de atrair-lhe a atenção.

Freddy fora até lá, servira-se de um drinque, arriara numa cadeira de lona ao seu lado, observando-o de vez em quando, sem ser notada por Tony, mergulhado numa profunda tristeza, a contemplar o longo pôr-do-sol da tarde quente de agosto. A estrutura comprida de sua cabeça continuava tão nobre quanto antes, sua atitude britânica não fora atenuada pela descontração californiana, mas algo mais básico mudara. Quando Freddy o conhecera, Tony era o senhor indiscutível daquele momento crucial na própria existência do mundo. Não fosse pela RAF e pilotos de caça como Tony, não podia haver a menor dúvida agora de que Hitler teria vencido a guerra. Nenhum deles pensava em termos históricos naquele tempo, pois estavam todos absortos demais na mera sobrevivência de um dia para outro, mas Tony vivia o seu próprio eu; era a essência da coragem pura, a alegria da competência de um guerreiro e o domínio destemido do céu, a dedicação a um dever maior e perigoso, assumido com toda satisfação.

Mas agora? Alguma coisa vital afrouxara, o senso de determinação praticamente desaparecera, mas

não houvera coisa alguma para substituir. Ele era um guerreiro que não via adversário, um gladiador sem armas, um comandante sem tropas. Ela estaria apenas sendo romântica, especulou Freddy, ou seria possível que ele ainda estivesse lembrando a glória de liderar sua esquadrilha em combate?

Alguma coisa na vida de Tony já correspondera ao narcótico magnífico daqueles anos heróicos? Ele nunca falava a respeito, nem mesmo com Jock, ao contrário da maioria das dezenas de pilotos da guerra que ela conhecia e que adoravam uma reconstituição detalhada daquelas batalhas aéreas, quando se encontravam com outros homens que haviam partilhado as mesmas experiências.

Tony estaria nostálgico da família que deixara para trás, no Kent? Mesmo em 1949, a Inglaterra ainda não se recuperara o bastante para permitir que seus súditos viajassem ao exterior, a não ser a negócios. Assim, Tony não via os pais ou os irmãos fazia três anos. Ou seria possível que estivesse remoendo sua fantasia dos filhos que não tinham? Freddy se remexera, apreensiva, observando o rosto inexpressivo do marido, os olhos foscos, o jeito apático da boca fina. Não tinha idéia do que Tony pensava, e ele bebera tanto que não era possível descobrir.

Ainda não tinha trinta anos, Freddy lembrou a si mesma; e agora, finalmente, com o futuro da companhia garantido, podiam tentar a família que ela sempre soubera que Tony desejava. Podia se permitir o tempo para ter outro filho... até mesmo vários filhos. Pela primeira vez, desde o dia em que tomara a decisão de preservar a escola de aviação de Mac até sua volta, ela não era necessária num trabalho ou outro. Podia se tornar aquela criatura que lhe parecia tão estranha, uma mulher de lazer.

Delphine e Armand tinham gêmeos e um terceiro filho, o que não impedia que Delphine fosse agora a maior estrela do cinema francês. Os filhos não precisavam significar o fim de uma carreira.

Mas para engravidar era preciso fazer amor. E ela e Tony não faziam amor há meses. Muitos meses. Tantos meses que ela nem ousava contá-los. A mudança para uma casa nova alteraria isso? Seria possível que a extrema familiaridade do quarto pequeno e apinhado o levasse a dormir tão depressa, todas as noites, que não havia tempo sequer para um beijo de boa noite, que poderia conduzir a outras coisas? Ou seria apenas a consequência da bebida? Tony teria conhecido outra mulher durante um dos muitos vôos, enquanto um outro estava ausente?

De certa forma, não parecia ser essa a resposta. Tony estava mesmo ausente, mas não de uma maneira que a fizesse acreditar que se concentrava em outra pessoa. Ela estaria sendo ingênua? Ou, sem perceber, tornara-se desgraciosa para ele, de um jeito que não podia remediar? Tony não deixara de notar cada um dos seus novos vestidos, tão femininos e românticos em sua atração complexa e requintada, comentara cada um com uma admiração suave, distante e gentil, que a deixara com vontade de chorar ou agredi-lo, pois simbolizava a lenta e não-violenta desintegração da vida conjugal.

Não podia atribuir a falta de interesse de Tony em fazer amor às saias que pareciam sinos e cobriam-lhe as pernas até os tornozelos. O problema era anterior ao dia em que ela pudera se dar o luxo de comprar a *new look*.

Se houvesse a menor possibilidade de que uma casa nova os ajudasse a recuperar a intimidade, ela tinha de aproveitá-la.

— Pare aqui! — disse Freddy ao corretor, abruptamente, muito excitada. — Naquela placa de "À venda".

Ele encostou no meio-fio.

— Não tenho esta casa na minha relação. Lamento, mas não podemos entrar. É apenas uma... casa, Sra. Longbridge, não uma propriedade de luxo, uma mansão... uma mera... casa... grande, reconheço, mas sem nada de excepcional. Tem um bom jardim, mas pode reparar que está abandonado. E não recomendo este bairro sob o ponto de vista de investimento. Ainda é bom, mas não bastante para oeste. Tenho certeza que posso lhe arrumar algo muito mais conveniente, uma moradia mais representativa de sua posição na comunidade. Esta... esta casa... foi construída há tanto tempo que provavelmente nem tem um bar.

Freddy ficou olhando para a casa por alguns minutos, sem se adiantar para verificar seu estado.

— Ficarei com esta — disse ela. — Telefone-me para informar o preço amanhã. Apresentarei uma contraproposta, é claro, mas pretendo comprá-la.

— Mas ainda nem entrou, Sra. Longbridge!

— Sei como é por dentro — murmurou Freddy. — Fui criada nesta casa.

— Faça uma ligação para a agência de empregos, Srta. Kelly — disse Bruno à secretária, ao entrar em seu imponente gabinete no Beecham Mercantile Trust, um poderoso banco de investimentos, firmemente consolidado na cidade de Nova York há mais de cem anos.

— Pois não, senhor. Aqui estão seus recados, e já coloquei a correspondência em sua mesa. Bruno entregou a ela seu sobretudo, para pendurar no armário.

Ventava e fazia frio em Manhattan naquele dia no início de dezembro de 1949, mas ele fazia questão de sempre vir a pé de sua casa na Sutton Place com qualquer tempo, a não ser uma chuva forte. Tinha 34 anos, e seu cargo importante no banco exigia com frequência que cancelasse a partida diária de squash em favor de um almoço de negócios. Pelo menos a caminhada, da Rua 57 e East River até Wall Street, garantia um mínimo de exercício.

— A Sra. McIver está ao telefone, senhor.

— Bom dia, Visconde de Lancel. Em que posso servi-lo, senhor? — perguntou a dona da mais exclusiva agência de empregados domésticos de Manhattan, num tom de voz otimista.

— Mande-me mais pessoas para serem entrevistadas, Sra. McIver.

Mordomos, *chefs*, criados pessoais.

— Já lhe encaminhei os melhores que pude encontrar, senhor, há apenas duas semanas. Nenhum deles foi satisfatório?

— Nenhum deles conseguiria arrumar um emprego em Paris. Terá de fazer melhor do que isso, Sra. McIver.

— Eu lhe asseguro, Visconde de Lancel, que já coloquei cada um daqueles homens em posições nas quais permaneceram por anos. Não havia um único que eu não gostaria de ter trabalhado em minha própria casa.

— Mas para mim eles não são bastante bons. Tente de novo.

— Farei o melhor que puder, senhor. Como sabe, nunca é fácil.

Providenciarei o mais depressa possível, e falarei com a Srta. Kelly para marcar as entrevistas.

— Está certo. — Bruno desligou bruscamente.

No outro lado da linha, Nancy McIver sorriu satisfeita para o telefone. Se todos os seus clientes fossem tão difíceis de agradar quanto aquele francês, sua mina de ouro do escritório estaria produzindo platina pura. Cada vez que ele tinha um problema com algum empregado, ela cobrava uma comissão pelo substituto... e ninguém durara mais de dois meses na casa de Lancel nos três anos em que o vinha atendendo. E Lancel não tinha outro lugar para recorrer que não à sua agência, pois ninguém em Nova York operava com criados tão exclusivos, a nata da nata, o máximo em serviço doméstico, de lavadeiras que mal se dignavam lavar outra coisa além de peças de linho antigas a mordomos que não aceitavam trabalhar para uma família que não tivesse pelo menos três casas plenamente equipadas.

Os nomes das pessoas que ela colocava e os nomes das famílias com quem as colocava formavam uma realeza específica, que se deslocavam regularmente de uns poucos quarteirões de Manhattan para Sea Island, Palm Beach, Saratoga ou Southampton, dependendo da época do ano.

— Lancel está agitado outra vez, Genny — comentou ela jovialmente para seu assistente.

— O que há com ele? É o homem mais difícil da cidade. Não há uma única viúva maluca em nossos livros que nos dê tanto trabalho quanto esse solteirão.

— Quem sabe? Mas não se esqueça, Genny, que não ganhamos dinheiro quando não há renovação. Passe-me o arquivo dele, por favor.

— Mas praticamente todo mundo em nossas listas de disponíveis já passou pela casa dele — protestou Genny, enquanto pegava a pasta volumosa. — Rebuscamos o fundo do baú por Lancel muitas vezes.

— Ele nem perceberá se eu tiver de mandar pessoas que já despediu. Sua casa é dirigida como uma roleta de metrô. Quando um cliente não consegue manter bons criados, invariavelmente o problema é seu, não deles. É a regra de ouro deste negócio. Nunca se esqueça disso.

— Como ele será realmente?

— Aceite minha palavra, não gostaria de saber — disse Nancy McIver, desdenhosa. — A verdadeira pergunta é outra: quem ele pensa que é?

— Bruno de Lancel? — disse Cynthia Beaumont para sua secretária, — Ora, Marjorie, é uma sugestão ridícula.

— Pensei que valeria a pena tentar, com Larry Bell cancelando o jantar no último minuto — respondeu Marjorie Stickley.

— Maldito Larry Bell! Uma garganta inflamada não é desculpa.

Ele é incapaz de fazer um pequeno esforço? Como espera que eu arrume um homem extra em tão pouco tempo? Ninguém teria notado... eu não planejava olhar a droga de sua garganta com um estetoscópio.

— Talvez ele estivesse com receio de ser contagioso — arriscou Marjorie, enquanto sua patroa, Cynthia Beaumont, andava de um lado para outro da sala de estar, olhando furiosa para o esquema de disposição do seu jantar a rigor, planejado com tanto cuidado.

— Não ele! Transmitiria lepra às pessoas se soubesse que nunca descobririam. Larry está apenas preocupado com sua preciosa saúde, o filho da mãe egoísta. Por que se importaria com meu jantar?

— Ora, Srta. Beaumont, sabe que será a festa da temporada — disse Marjorie, tão suave quanto possível.

Ela sabia, depois de anos como secretária social de algumas das mais importantes anfitriãs de Nova York, que nada podia transtornar tanto uma mulher sofisticada e segura quanto a deserção no último momento de um homem extra. Não havia uma só que fosse capaz de enfrentar a temida perspectiva de sentar duas mulheres lado a lado, embora, em sua opinião pessoal, os homens acrescentassem pouca alegria ou charme a uma festa, ao recostarem e esperarem para serem entretidos, enquanto se podia contar com qualquer mulher animada e interessante para cantar por seu jantar.

— O que fazer, Marjorie? O que fazer? É uma catástrofe! E só nos restam poucas horas. Acha que Tim Black poderia... não, ele acaba de anunciar seu noivado. Risque-o de sua lista permanentemente; de qualquer forma, jamais gostei de Tim. O que acha... ora, não importa, jurei que nunca mais o convidaria, depois que ele ficou tão repulsivamente embriagado e fez um comentário indecente para a Sra. Astor na última festa. Oh, por que ainda tento oferecer um jantar em dezembro? Deveria saber a esta altura que do Dia de Ação de Graças ao Ano-Novo não há um único homem extra apresentável que tenha uma noite livre.

— Mas e a comemoração do aniversário do Sr. Beaumont — protestou a secretária social.

Mesmo na movimentada sociedade de Nova York, aquela ocasião anual particular era sagrada.

— Pois ele terá de mudar no próximo ano, e ponto final. Não passarei por este inferno outra vez. Vamos, Marjorie, seja criativa!

— Irei para a minha sala e ligarei para todos os corpos quentes solteiros em sua lista de emergência.

— Experimente todos os nossos médicos e o dentista também. Talvez um deles seja solteiro ou esteja se divorciando. E ligarei pessoalmente para James Júnior em Princeton.

— Ele está no meio dos exames finais, Sra. Beaumont.

— Mas pode fazer um pequeno sacrifício por sua mãe, não é mesmo? Ah, é terrível ter cinco filhos e quatro casarem ao saírem da universidade! De que adianta? Por que me dei trabalho de dar à luz esses

brutos ingratos? Pense um pouco, se nenhum deles casasse, eu teria à disposição quatro dos jovens extras mais atraentes da cidade... cinco, quando James Júnior se formar. Mas não, nenhum deles sequer pensou em mim ou meus problemas. Ingratos! Só se preocupam com a própria felicidade. Os jovens de hoje não têm o menor senso de dever, tradição, família. Sorte sua por não ter filhos, Marjorie. Salvou-se assim de muito sofrimento.

— Talvez eu tivesse uma menina, Sra. Beaumont.

— Uma mulher extra? Deus me livre! Tentarei me vestir enquanto você telefona.

— Eu ainda gostaria de tentar Bruno de Lancel.

— Marjorie! Como eu poderia convidá-lo no último minuto... planejo um jantar em homenagem a esse homem! Uma coisa tenho de dizer em relação a Bruno de Lancel: ele nunca cancelaria um compromisso no último minuto, a não ser que estivesse no leito de morte. É muito bem educado para fazer isso. Que maneiras maravilhosas ele tem!

— Pediu-me para ser criativa, Sra. Beaumont.

— Criativa de uma maneira razoável. Não esperava sua lista de Natal. Além do mais, ele ficaria insultado se fosse convidado para a mesma noite, a fim de preencher o lugar de outro que caiu fora.

— Ele já esteve aqui tantas vezes que certamente vai compreender. Qualquer bom amigo entenderia. Não deve haver problema.

— Ele não é esse tipo de amigo. Se fosse americano, eu diria que sim, teria o maior prazer em ajudar, mas sabe como ele é...

frio. Nunca senti que o conhecia melhor do que na primeira vez em que o encontrei, apesar de tê-lo sentado à minha direita mais vezes do que posso contar. Suas maneiras maravilhosas não incluem a conversa a respeito de si mesmo. Contudo, não se pode negar que ele tem uma aparência absolutamente divina, é muito rico, solteiro... além do título, é claro... mas pode ser tão fechado quanto a esfinge por tudo o que me importo, tão inacessível quanto o papa sem uma audiência, tão formal quanto a rainha da Inglaterra... espera um pouco... o papa... talvez o cardeal Spellman? O que acha, Marjorie?

— Como um homem extra no último minuto... não, Sra. Beaumont, acho que não seria apropriado.

— Tem razão. — Cynthia Beaumont suspirou em frustração, mas era nessas pequenas nuances que Marjorie Stickley era tão competente.

Compensava ter a melhor secretária social da cidade, mesmo que tivesse de pagar o dobro de qualquer outra secretária. Mesmo que o cardeal estivesse disponível, e ela podia apostar que estava, não seria apropriado.

Quando Cynthia Beaumont saiu do banho e começou a aplicar maquiagem suficiente para receber o florista, que chegaria a qualquer momento para iniciar a decoração, Marjorie voltou, exultante de triunfo.

— Falei com Bruno de Lancel. Ele disse que teria o maior prazer em vir.

— Fantástico! Que tesouro você é! Salvou meu jantar. O que disse a ele? Como apresentou o problema?

— Esse é um pequeno segredo meu, Sra. Beaumont. E agora tenho de avisar ao florista que estará com ele dentro de poucos minutos, ou o homem terá um colapso nervoso.

Enquanto afastava-se pelo corredor, na direção da sala de jantar, a secretária social refletiu sobre sua regra fundamental. O pior que alguém pode dizer é "Não, obrigado". Construía uma carreira longa e satisfatória, com economias confortáveis, dando telefonemas que as patroas se sentiam muito tímidas para fazer pessoalmente. As mulheres da sociedade... às vezes quase que podia sentir pena delas. Mas não com frequência. Quanto a Bruno de Lancel, sua reputação de ser retraído e insociável apavorava tantas anfitriãs que se podia até apostar que estaria livre naquela noite. Muito bem, ele podia ser um esnobe, a sociedade compreendia isso, mas não com as pessoas que estavam no mesmo nível. Quem ele pensava que era?, especulou Marjorie, desdenhosa.

Bruno deixou o banco cedo na tarde de sexta-feira e seguiu a pé até J.M. Kidder Inc., para a quarta prova de um casaco de montaria que encomendara há meses.

— Quer dizer que vai a Main Line para caçar, Visconde de Lancel? — perguntou amavelmente Allensby, o velho chefe dos ajustadores.

Bruno soltou um grunhido neutro. Não podia entender por que um alfaiate sequer considerava que suas idas e vindas fossem do interesse dele.

— Atendemos a muitos cavalheiros de Main Line. Há muito tempo.

Tem boa caça por lá, todos me dizem isso.

Bruno soltou uma risada. Se podia se considerar uma boa caçada sair com um bando de insípidos e pomposos corretores, advogados e executivos, de uma coleção de tediosas comunidades suburbanas, homens que nada sabiam do nobre esporte, homens que nunca haviam passado um dia inteiro caçando em suas próprias terras, então ele supunha que devia se achar uma boa caçada. De qualquer forma, mesmo que lamentável, era a melhor caçada a poucas horas de Nova York.

— Fairfield não passava de uma piada —, e a vida sem caçar era inconcebível.

— A gola ainda não está cortada direito, Allensby.

— Ora, senhor, tornei a cortá-la depois da última prova. É uma peça inteiramente nova. Observe como se ajusta a seu pescoço.

Bruno deslocou o pescoço para a frente e para trás, virou a cabeça de um lado para outro, conseguindo fazer com que a gola impecável se abrisse dois ou três centímetros.

— Não serve. Não há a menor possibilidade. Tire-a e comece tudo de novo. — Ele tirou o casaco e largou-o numa cadeira. — Ligue para minha secretária quando estiver pronto para outra prova.

— Pois não, senhor — disse Allensby, amavelmente. Enquanto pegava o casaco, ele pensou em sua regra fundamental. Apenas um certo tipo de homem descarregava sua irritação no alfaiate, e não valia a pena se preocupar com esse tipo de homem. O francês, com um título que parecia pensar que tinha importância ali, podia ter tantas provas quanto quisesse; tais contingências estavam incluídas no preço do casaco, desde o início. A velha firma sobrevivera a gerações de clientes difíceis, embora nunca a um com um tronco tão fino. Seria um prazer ajustar um casaco num homem assim, pensou Allensby, desdenhoso, se ele não fosse tão mesquinho. Quem ele pensava que era?

Bruno olhou para o relógio ao deixar o alfaiate. Ainda tinha quase duas horas antes de precisar começar a se vestir para o jantar. A uma curta caminhada de distância, havia uma mulher à sua espera, enroscada com a graça orgulhosa de uma gata excepcional e valiosa, na frente de um fogo. Haveria música suave de fundo e no rosto dela, com a boca polpuda e espichada que atraía o olhar como um ornamento bárbaro, haveria uma expressão de impaciência. Era uma mulher exuberante, com uma carne cremosa e maravilhosamente abundante, enormes mamilos marrons-escuros, uma boca que preferia chupar a falar, uma bunda cheia que convidava a deliciosa punição que Bruno era tão hábil em infligir. As mãos eram insistentes, perversas e inventivas, aquela mulher que era uma das grandes damas da cidade, ainda não chegara aos quarenta anos, imensamente rica por si mesma. E há três meses lhe pertencia.

Bruno refletiu sobre o fato de que naquele exato momento a mulher se encontrava pronta para ele, pronta para deixá-lo fazer qualquer coisa que lhe agradasse, pois telefonara antes e relatara, em detalhes explícitos, como queria que ela se acariciasse, antes de sua chegada. Podia ver a maneira como as coxas deviam estar abertas, a fim de que ela pudesse estender a mão e se tocar sem a menor dificuldade, com os dedos úmidos e experientes que estivera lambendo. Sabia que ela devia estar se contorcendo irrequieta e mordendo o lábio para não chegar a um orgasmo prematuro.

Se chegasse naquele momento e se jogasse no sofá, dizendo que se sentia cansado, que desejava apenas que ela inclinasse a cabeça e o levasse a uma satisfação lenta, usando apenas a boca larga e

ansiosa, a mulher obedeceria. Se se deitasse no sofá e não a tocasse, se esperasse até que ela o deixasse bem duro com as mãos hábeis e depois mandasse que o montasse, se desse ordens ríspidas para que subisse e descesse até alcançar o orgasmo que procurava, a mulher cumpriria tudo sem protesto. Se ordenasse que ela se deitasse no tapete, puxasse a saia, levantasse os joelhos e abrisse as pernas, penetrando-a e possuindo-a de maneira tão rápida e egoísta quanto um colegial, a mulher ficaria agradecida. Se dissesse a ela para ficar na cadeira, enquanto se postava à sua frente, abria a calça e a penetrava pela boca, a mulher ofereceria um prazer requintado, sem reclamar. Se apenas se sentasse numa cadeira, um espectador, mandando que ela se acariciasse até tremer de prazer, a mulher atenderia.

Era esse tipo de mulher. Estava na idade que Bruno sempre preferira. Ela sabia o que queria, e o que queria era ser tratada como uma prostituta. Nenhum outro homem em Nova York jamais se atrevera a tratá-la como ele a tratava. Bruno só precisava começar a fazer todas as coisas humilhantes pelas quais ela ansiava. Era uma criatura sua.

E era justamente esse o problema, pensou Bruno, enquanto se afastava do quarto perfumado em que a mulher esperava e seguia para sua casa. Podia prever cada um dos segredos da mulher. Não eram novidades para ele. Quase alcançara a idade daquelas mulheres experientes que sempre preferira e, a cada ano que se passava, se tornava mais e mais difícil encontrar uma mulher cujas fantasias mais íntimas e proibidas não fossem histórias repetidas. Raramente, agora, ele ainda se sentia excitado por alguma mulher nova, ainda mais entre as mulheres da sociedade de Nova York, cujas atitudes em relação ao sexo eram quase sempre monótonas e banais, sem intrigas secundárias, carecendo dos enredos sinistros e proibidos que se descobria entre as mulheres de Paris.

Isso mesmo, ele as culpava, aquelas ricas e reluzentes americanas, com suas imaginações simples e desapontadoramente higiênicas, por sua falta de desejo. Não sentia qualquer movimento na virilha ao pensamento da mulher que o aguardava naquele exato momento, ardente, ansiosa e molhada. Invejava a excitação dela. Pelo menos, naquela noite, quando compreendesse que ele não compareceria ao encontro, ela encontraria alguma maneira de aliviar o desejo que se acumulava desde o seu telefonema de manhã. Ela era afortunada, desfrutara horas de excitação, horas que, para ele, haviam sido tão vazias de expectativa quanto todo o seu dia, quanto o jantar que tinha pela frente.

O que se podia aguardar com ansiedade naquela cidade, perguntou-se enquanto andava sem ver pelas ruas movimentadas de Nova York antes do Natal, onde havia, para todos os outros, uma dúzia de promessas pairando no ar eletrizado; onde, para todos os outros, as vitrines intensamente iluminadas disputavam as atenções; onde, para todos os outros, havia um ímpeto de energia e vitalidade, a se descobrir na travessia de cada rua.

Nova York. Uma cidade feia, muito feia, sem charme, sem intimidade, sem história. Os prédios eram muito altos ou muito baixos e, em todos os casos, muito novos. Todas as suas proporções eram erradas, desinteressadas, desajeitadas. As ruas eram retas demais, estreitas demais, regulares demais, uma rede de tédio. Não havia árvores — e até mesmo esse pretexto para um parque era encerrado num retângulo rigoroso —, não havia pátios ocultos, não havia becos inesperados, não havia lugares em que se podia virar uma esquina e estacar abruptamente pelo impacto da vista. Não havia a miragem de rio necessária serpenteando pela cidade, sem o que qualquer paisagem urbana era apenas meio viva. As pessoas que se consideravam elegantes contentavam-se em viver em prédios de apartamentos numa rua escura e larga demais chamada Park Avenue, onde qualquer curioso podia olhar por suas janelas, já que não havia muros para proteger a privacidade.

A sociedade de Nova York. Um reflexo perfeito da cidade, muito ruidosa, espalhafatosa e frívola, sem charme ou história, aberta a qualquer um que pudesse pagar a taxa de admissão. Uma sociedade que nunca compreenderia e nunca dispensaria a atenção devida aos direitos de família, à herança. Uma sociedade que ele sequer podia relacionar com a palavra aristocracia. Uma piada elaborada que tinha a pretensão de se levar a sério. Bruno especulou se alguma de suas anfitriãs tão ansiosas teriam a menor

idéia do que ele pensava a respeito delas. Provavelmente não... eram estúpidas demais para esperarem seu desdém profundo, e suas boas maneiras eram automáticas demais para insinuarem qualquer coisa. Ainda bem, porque eram as únicas pessoas disponíveis. A colônia francesa era constituída por cabeleireiros e maîtres.

A única qualidade redentora de Nova York era não ser uma cidade européia. Bruno não suportaria viver na Europa de segunda classe, egocêntrica e provinciana de Roma ou Madri, com Paris a apenas poucas horas de distância, mas com o seu acesso proibido. Pelo menos ali, naquele exílio completamente insípido, o tema principal da cidade era dinheiro... e dinheiro, ao contrário de sexo, nunca deixaria de fasciná-lo, nunca se tornaria previsível e inosso; sua busca nunca poderia se tornar desprovida de interesse. Mesmo enquanto acumulava mais e mais, nunca se perguntava com que propósito, quando sequer podia comprar um criado pessoal decente, pois dinheiro era absolutamente bom, por si mesmo.

Ao se aproximar de sua casa, para a qual nunca convidava ninguém, uma casa que decorara exatamente da mesma maneira que a casa na Rue de Lille, Bruno especulou se haveria uma carta de Jeanne.

A governanta de Valmont permanecera-lhe leal. Escrevia regularmente, de seu chalé da aposentadoria em Epernay, transmitindo as notícias da família, e ele sempre respondia, pois ela era seu único meio de saber o que estava ocorrendo na Champagne. Paul de Lancel tinha apenas 64 anos, e os Lancel eram uma família de vida longa. Seus avós só morreram perto dos oitenta anos. Contudo, acidentes ocorriam todos os dias a pessoas com genes igualmente bons; acidentes de automóvel, acidentes de equitação, infecções negligenciadas, até mesmo uma queda no banheiro. A doença podia atacar de repente. Seu tio Guillaume morrera relativamente jovem.

Isso mesmo, ele sabia que em breve — se não hoje, então em breve, pois ficaria louco se pensasse de outra forma — haveria de chegar uma carta pesarosa de Jeanne que lhe devolveria a vida.

Freddy empoleirou-se na mesa de Tony numa tarde de sexta-feira, em março de 1950, e fitou-o com uma expressão esperançosa.

— Tony, vamos dar uma volta. Jock e Swede estão pregados em suas mesas, mas não há motivo para que todos os diretores permaneçam no escritório ao mesmo tempo. É um dia lindo demais.

Tony levantou os olhos da mesa vazia para a qual franziu o rosto quando ela entrara na sala.

— Dar uma volta? Para onde? Qual é a maravilha cênica que a atrai? A vista espetacular do cartaz de Hollywood? As areias beges de Santa Monica? Por acaso está pensando em subir no seu novo Bonanza? É uma volta de avião ou um mero passeio de carro?

— Apenas uma volta de carro — respondeu Freddy, paciente. Tony estava de mau humor. Uísque demais no almoço ou apenas irritação em geral?

— Vamos logo — acrescentou ela. — Podemos arriar a capota do meu carro. Estou ansiosa em sair daqui. Não é mais tão divertido, com tudo correndo bem e os negócios em ascensão. Vamos, querido.

Tony suspirou, relutante, mas se levantou e seguiu-a para o estacionamento do novo prédio de escritórios, no Aeroporto Burbank, permaneceu sentado apático enquanto ela deixava o vale de San Fernando e passava pelas colinas, entrando no bairro de Los Feliz.

Freddy foi direto para uma rua que parecia ter escolhido ao acaso e parou na frente de uma casa no alto da colina, uma versão tipicamente californiana de uma hacienda espanhola, a casa antiga e irregular, com varanda e dois pátios, que comprara em novembro, menos de cinco meses antes. Insistira na assinatura da escritura o mais depressa possível, e no dia seguinte tinha um empreiteiro com duas turmas trabalhando na reforma, enquanto uma decoradora se ocupava em tempo integral na escolha dos móveis e ornamentos. As velhas laranjeiras que margeavam o caminho de acesso estavam floridas e fragrantas, um paisagista acabara de podar cada árvore e restaurar o jardim de que Freddy se lembrava tão bem, revolvendo e fertilizando o solo negligenciado, plantando canteiros de prímulas e pequenas violetas púrpuras. Havia amores-perfeitos por toda parte, amarelos, brancos e vermelhos-escuros, misturando-se

com os pontos azuis menores dos atrevidos miosótis. Mais um mês e as roseiras, cujos botões começavam a surgir, estariam desabrochando; todos os gramados se mostravam verdejantes, com a terra vegetal recente. A casa fora toda repintada, e as telhas vermelhas se encontravam em perfeitas condições. Ela desligou o carro.

— Pensei que você queria dar uma volta — disse Tony. — Não chegamos a andar quinze minutos.

— Gosta desta casa?

— Para dizer a verdade, gosto, sim. Provavelmente é o único tipo de casa que parece se ajustar com perfeição à Califórnia. Sempre disse isso, como você sabe muito bem.

— Precisamos de uma casa nova, não é mesmo?

— Não posso discordar.

— Algo parecido com esta, por exemplo? — insistiu Freddy, ansiosa.

— Posso presumir que isso significa que já a comprou? — Tony olhou para o rosto de Freddy. Ela estava com os olhos abaixados para ocultar a expressão, mas por sua cor intensa e o jeito cuidadosamente neutro do rosto sempre instável e legível, ele já sabia a resposta. E continuou, sem esperar que ela dissesse qualquer coisa: — Parece mesmo muito bonita, e imagino que em boas condições. Em perfeita ordem, de alto a baixo. Todos os sistemas em funcionamento, devidamente conferidos, pronta para ser habitada.

— Não parece surpreso. — Freddy sentia-se vazia, com o excitamento extinto. Todos os dias, enquanto o empreiteiro e o pessoal dos jardins trabalhava na casa, dera um jeito de se esgueirar do escritório e vir até aqui, a fim de supervisionar o andamento das obras, pressionando e adulando, ameaçando e fazendo charme, até tudo ficar exatamente de acordo com suas especificações, e em menos tempo do que qualquer um poderia prever. Falara pelo telefone com a decoradora meia dúzia de vezes por dia, encontrara-se com ela para tomar as decisões finais todas as semanas, sem que ninguém na companhia tivesse conhecimento do que fazia. E ficara transbordando de alegria por seu maravilhoso segredo.

— Para ser franco, como poderia ficar? Agora que estamos muito ricos, uma casa nova era apenas uma questão de tempo. Gosta de fazer as coisas, não é mesmo, Freddy?

Ele falou com uma gentileza que a atingiu fundo, deixando-a tão inquieta quanto um acorde estranho numa melodia muito conhecida.

Não era uma gentileza que já ouvira antes daquele homem essencialmente gentil. Havia algo novo em sua atitude, algo forçado, como se a gentileza encobrisse outro sentimento que ela não podia identificar.

— Mesmo que não esteja surpreso — disse Freddy, escondendo seu desapontamento infantil pela maneira como ele encarava sua realização como um fato corriqueiro —, não está com vontade de ver como parece por dentro?

— Tenho certeza que está absolutamente encantadora. E como já sei que vai me oferecer a grande excursão, vamos logo — respondeu Tony, saindo do carro e encaminhando-se para a porta da frente.

Em todas as ocasiões em que projetara aquela cena na cabeça, tentando imaginar a reação de Tony à nova casa, imaginando sua satisfação pela visão nova da vida cotidiana que oferecia, as novas possibilidades que se abriam para eles, Freddy nunca pensara naquela reação indiferente, quase resignada, como se lhe fosse oferecido um prato que tinha de comer por polidez, embora não sentisse a menor fome. Talvez Tony estivesse de ressaca, pensou ela, enquanto o seguia, enfiando a mão na bolsa para pegar a chave. Talvez ele estivesse se mostrando tão simpático quanto podia com uma terrível dor de cabeça e a boca ressequida. Era impossível saber com Tony. Ele escondia muito bem o quanto bebia. Era enganador. Às vezes só depois que ele apagava é que Freddy compreendia o quanto estava bêbado.

Freddy levou Tony por todos os cômodos principais da casa. Havia palmeirinhas e flores em vasos por toda parte; os chãos eram cobertos por grandes quadrados de terracota mexicana, com tapetes de cores suaves; os móveis, muito bem-feitos mas simples, constituíam uma ilustração do significado mais

profundo da palavra conforto; e os tecidos eram linhos e algodões brandos, em padrões simples. Havia tantas janelas que em cada cômodo as pessoas podiam passar horas de tranqüilidade observando a luz mudar. Era, deliberadamente, uma casa sem grandiosidade, apesar da escala generosa dos cômodos e dos tetos altos; e também deliberadamente era uma casa em que um homem podia se sentir tão à vontade quanto uma mulher.

Enquanto passavam de um cômodo para outro, Tony parava em cada porta e murmurava:

— Encantador, muito encantador...

Chegou um ponto em que Freddy sentiu vontade de agredi-lo. Ele parecia um visitante bem-educado, não um homem que via sua própria casa pela primeira vez. Não espiara um único armário, não abrira uma gaveta, não demonstrara a menor curiosidade por qualquer detalhe, como se fosse uma pessoa entrando num quarto de hotel. "Encantador." Mas ela não comprara a casa e a arrumara para isso. Fizera tudo para torná-lo feliz. Ou, pelo menos, mais feliz.

— Onde fica o bar? — perguntou Tony, ao se sentarem finalmente na sala de estar, onde seis portas em arcadas, do chão ao teto, davam em três lados para jardins cativantes.

— Ali — respondeu Freddy, apontando para uma mesa comprida, de aparência hospitaleira, em que havia copos de cristal de todos os formatos e tamanhos, inúmeras garrafas, soda, ginger ale, potes com amendoins e azeitonas e uma tigela de prata com limões.

— E onde se consegue gelo? — indagou Tony, servindo-se de uísque.

— Traz-se um balde de gelo da cozinha — explicou Freddy, forçando um sorriso. Era a primeira pergunta que ele fazia. — Mas como você não usa gelo, querido, só teremos de fazer isso quando recebermos convidados. — Ela sentia-se como uma vendedora impingindo um produto a um comprador relutante. Tony tomou a dose de uísque de um só gole e serviu-se de outra.

— Também quer um drinque?

— Quero, sim, por favor. O mesmo que o seu.

— A nossa! — brindou ela.

Tony entregou-lhe o copo e foi se sentar no outro lado da mesinha.

Nunca, pensou Freddy, ela fizera um brinde num clima tão insólito. Era tão... tentativo... mas ele sabia sem qualquer dúvida que a casa era deles, mesmo que carecesse do entusiasmo que ela esperava com tanta convicção.

Tony levantou um pouco o copo, numa saudação vaga, mas não disse nada antes de beber a metade.

O silêncio envolveu-os. Freddy inspecionou o conteúdo de seu pesado copo de cristal, como se pudesse haver folhas de chá informativas espreitando no fundo. Nervosamente, ela terminou o drinque. Tony devia estar sentindo a casa, pensou ela, deixando que entrasse por seus poros. Talvez ele estivesse na verdade mais surpreso do que deixava transparecer, e não sabia direito o que dizer.

— Não acha que é grande demais, não é mesmo, Tony? — perguntou ela, rompendo o silêncio. — Porque não vai parecer tão grande como agora, só nós dois sentados aqui, quando tivermos mais filhos, recebermos e acolhermos hóspedes, quando as crianças trouxerem seus amigos para casa.

— Já planejou tudo, hein? Você é maravilhosa, Freddy. Eu nunca deveria subestimá-la. Sei que não pode ter concebido uma criança, mas é bem possível que já tenha enviado os convites para a inauguração da casa nova, não é mesmo?

Freddy sentiu que a irritação a dominava. O que havia de errado com ele? Por que aquela desaprovação? Do que ele a culpava?

— Claro que não mandei convite nenhum — respondeu ela, tão jovialmente quanto podia, ignorando o tom do marido. — A casa só ficou pronta ontem. A tinta mal secou. Mas qual é o problema em sonhar com o futuro? Que tal outro drinque?

— Não, obrigado.

— Como? — Freddy estava aturdida.

— Preciso estar sóbrio para isto.

Ela sentiu o sangue congelar. A voz de Tony tinha agora um tom assustador, como se ele reprimisse a raiva.

— Sóbrio?

— Isso mesmo, sóbrio, absolutamente sóbrio. Com frequência, não estou, como você já deve ter percebido. Eu esperava poder fazer isso bêbado, mas a coragem do álcool não funciona no meu caso. Em particular, não para isso.

— Isso? Não gosta da casa? Está tentando me dizer que não quer morar aqui?

— É uma ótima casa. E acontece também ser o tipo de coisa que você faz que eu não posso suportar. É uma casa para você, Tony, prontinha para se mudar. Aqui está um futuro para você, Tony, festas, hóspedes, uma família grande, vai se divertir muito. Aqui está um negócio para você, Tony, pode se intitular um vice-presidente, aqui estão milhões de dólares, Tony, aqui está toda a sua vida definida, Tony, numa bandeja de prata. Freddy dará tudo para você! — Ele pegou seu copo e arremessou-o contra as pedras da lareira. — Santo Deus, Freddy, seus sonhos são os fatos de amanhã!

Quando você quer alguma coisa, nada pode se interpor em seu caminho até conseguir. Por si mesma. Eu sou secundário, apenas a porra do seu consorte! Estamos errados juntos, Freddy. É isso que eu tinha de dizer a você, há muito e muito tempo. E precisava permanecer sóbrio para proclamar esse fato simples. Estamos completamente errados. Quero sair deste casamento. Quero o divórcio. Não posso mais continuar casado com você.

A brutalidade na voz de Tony deixou-a tão atordoada quanto as palavras. Ele parecia tão agoniado e determinado quanto um animal mordendo a própria pata para escapar de uma armadilha.

— Está louco! Está bêbado! E não me importo que você diga que não está. Provavelmente tem bebido desde que acordou, seu miserável! — escutou-se Freddy, de algum lugar distante, mesmo enquanto se levantava de um pulo e continuava a gritar. — Ficaria envergonhado se pudesse se ouvir!

— E estou mesmo envergonhado. Há anos que estou envergonhado.

Quase que me acostumei... mas não totalmente, graças a Deus. Escute, Freddy, só quero que me preste um pouco de atenção. Não importa se acha que estou bêbado ou sóbrio. Não é esse o problema. O fato é que você assumiu o comando de nossas vidas desde que nos mudamos para cá, há cinco anos. Não demorou muito para que se tornasse todo o espetáculo. Era invencível, imbatível. E eu não tinha a menor chance. Se não fosse por você, teríamos falido e voltado à Inglaterra em poucos meses. Fez a companhia dar certo. Jock e eu não poderíamos agüentar sem você. Você precisava de Swede, mas ninguém precisava de mim. Não contribuí com coisa alguma, exceto voar algumas cargas... qualquer piloto poderia fazer isso. Fui excesso de bagagem desde o início, e você...

— Pare com isso, Tony! Como pode ser tão terrivelmente injusto?

Eu não teria condições de agüentar durante todos esses anos sem você, nunca teria a coragem, não poderia resistir quando as coisas eram tão difíceis...

— Tudo isso é besteira. Poderia e agüentaria. Nunca desistiria, sempre encontraria uma saída. Fiquei me vendendo essa mentira para salvar as aparências, insisti que você precisava de mim. Que Annie precisava de mim. Era a única maneira de não ter de encarar a verdade... isso e a bebida. Agora que somos um grande sucesso, não resta mais nenhuma desculpa, não há jeito de continuar a me enganar. A grande luta terminou. Mas não tente me fazer acreditar que algum dia vai parar de comandar o espetáculo. Não é desse tipo.

Não posso competir e não quero continuar a viver assim. Está me matando, Freddy. Não me restou nenhum amor-próprio. Compreende o que isso significa?

— Retornarei à Inglaterra com você, Tony, deixarei de trabalhar, podemos voltar à situação de antes, só que agora teremos dinheiro... não se esqueça de que voltar para casa foi apenas uma experiência, ninguém disse que seria para sempre. — Freddy falou tão controlada quanto podia. Tony não podia estar

falando a sério todas aquelas coisas. Se permanecesse calma, se não ficasse transtornada, se argumentasse com ele...

— Pobre Freddy. Acredita de fato que pode dar um jeito em tudo, não é mesmo? Pensa sinceramente que é capaz de voltar a assumir o papel de senhora do solar? Sofria demais naquele tempo... embora conseguisse disfarçar tão bem, quando não tínhamos opções, que nem adivinhei o que estava lhe fazendo. Mas agora... seria uma farsa ridícula, como um grande cavalo de corrida, no auge de sua forma, fingindo preferir puxar uma carroça por uma estradinha rural. Não prestou atenção ao que acabou de dizer... "voltar para casa foi apenas uma experiência"... a casa para você é bem aqui, na Califórnia, assim como para mim é Longbridge Grange. E sinto uma tremenda saudade, Freddy. Com chuva e tudo o mais. Nós... você e eu... não somos culpados. Nenhum dos dois foi feito para ser um expatriado feliz. Você é americana demais, eu sou britânico demais. Não podia dar certo. Se não nos mudássemos para a Califórnia, você não conseguiria continuar a viver na Inglaterra sem reprimir todas as coisas que a caracterizavam... a moça que eu amei.

— Mas... mas... o que saiu errado? — Ela compreendeu, angustiada, que Tony estava sóbrio. E mesmo em sua aflição, não podia negar que os anos como aristocrata rural na Inglaterra pareciam uma piada de mau gosto. Tinha de haver palavras para explicar tudo aquilo, palavras que os levariam de volta ao início, palavras que acabariam com aquele pesadelo, fariam com que não fosse verdade. — Diga-me... por favor, Tony, conte-me qual é o problema!

— Quando casamos, conhecíamos apenas uma parte um do outro. Não se lembrava que só conversávamos, quando não estávamos fazendo amor, sobre aviação e combate? Estávamos no mesmo jogo, você e eu, tínhamos as mesmas paixões. Eu adorava a guerreira em você, mas como podia imaginar que continuaria a se precipitar para a batalha após o término da guerra? Para dominar o mundo? Jamais entendi o tipo de mulher que você realmente era até que começamos a companhia. Eu a admiro, Freddy, sempre admirei, mas não é a mulher que quero como esposa. Não temos realmente nada em comum, exceto Annie e os velhos dias de glória. Não é suficiente. Lamento muito, mas não é suficiente.

Freddy fitava-o fixamente. Tony parecia dez anos mais moço do que no momento em que haviam entrado na casa, a expressão de alívio estampada no rosto era patente demais para que ela pudesse duvidar da verdade de suas palavras.

— Tem outra mulher, não é mesmo, Tony? — perguntou Freddy, com uma súbita certeza.

— Tenho, sim. Pensei que isso estava entendido. O que podia imaginar quando passei tanto tempo sem tocar em você?

— Não sei. Não isso. Quem é ela?

— Apenas outra mulher. Quieta, dócil, simpática, relaxante, o tipo de mulher que você imaginaria que eu poderia ter.

— Quer casar com ela?

— Claro que não. Não quero casar com ninguém. Quero apenas cair fora, Freddy. Quero voltar para casa.

Delphine leu a carta de Freddy e depois a estendeu através da mesa do café da manhã para Armand. Ele deu uma rápida olhada, depois leu com mais atenção, finalmente estudou-a devagar, enquanto Delphine observava seu rosto. Assim que ele largou a carta, Delphine comentou.

— Está surpreso?

— Absolutamente perplexo. Quem poderia esperar um divórcio? Oito anos de casamento sem qualquer problema mais terrível, pelo menos nenhum de que tivéssemos tomado conhecimento, e de repente isso, inesperadamente... está acabado, liquidado, e ela ainda diz que não é culpa de ninguém! Quando dois seres humanos decentes permanecem casados por oito anos, quando têm uma filha, uma vida em comum, como podem se divorciar sem motivos, sem culpa? É alguma nova e brilhante idéia

americana?

— Não. É apenas a maneira de Freddy de nos avisar que não falará a respeito no futuro e não quer saber de perguntas. É seu orgulho, pobre criança. Ela é terrivelmente orgulhosa, não quer demonstrar suas emoções. Não é por vaidade, não é isso que estou querendo dizer, mas uma coisa diferente... um sentimento de privacidade que é quase... selvagem. Lembra da primeira vez que eles nos visitaram, quando ainda viviam na Inglaterra? Freddy jamais deixou transparecer que era infeliz, até tentou me persuadir que sua vida era um sonho de bem-aventurança, mas se não foi capaz de contar à própria irmã que estava com problemas, a quem poderia falar? Ela nunca aprendeu a deixar que os outros a ajudassem. É muito obstinada para isso.

— E você é tão diferente assim, meu bem?

— Não. Também sou dura... a não ser com você. — Aos 32 anos, Delphine ainda tinha três anos antes que seu vasto público francês considerasse que alcançara uma idade realmente intrigante e desfrutava cada segundo de sua juventude. — É por isso que compreendo Freddy. Você me conquistou no minuto em que nos conhecemos. Nunca fui capaz de esconder qualquer coisa de você, por um segundo sequer. Posso até parar de tentar algum dia. Tony nunca conquistou Freddy... não percebeu isso?

— Meu recente ex-cunhado sempre foi um mistério para mim... há alguma coisa em ser herdeiro de quinze gerações da aristocracia britânica que jamais entenderei, por mais vasto que seja meu conhecimento da natureza humana. É um dos motivos pelos quais nunca tentei dirigir um filme sobre anglo-saxões em jogo ou no amor... não compreendo seus jogos tão bem quanto eles.

— Não sei por que, mas isso me faz pensar naquele romance que Freddy teve quando era garota.

— Do que está falando?

— No verão passado, quando estivemos em Valmont com as crianças, mamãe e eu tivemos uma conversa franca. Ela me contou que Freddy, aos dezesseis anos, apaixonou-se loucamente por um instrutor de vôo, saiu de casa e viveu com ele por anos. Ninguém soube, mas mamãe, por acaso, viu-os juntos e adivinhou tudo. Disse que foi uma grande paixão, a coisa autêntica, para ambos... mas depois da guerra, quando perguntou o que acontecera com ele, Freddy limitou-se a responder que não tinham contato há anos e mudou de assunto. Eu nunca teria acreditado, se mamãe não tivesse tanta certeza.

— Então é sobre isso que mães e filhas conversam quando ficam a sós.

— Exatamente. Quando não estamos nos queixando de nossos maridos. Ainda tem muito que aprender sobre as mulheres, Sadowski. A pequena e inocente Freddy, vivendo em pecado com um homem na casa dos quarenta anos... e eu pensava que era o grande escândalo da família. Mas é evidente para mim o que aconteceu. Ela se cansou de Tony e de todo aquele comedimento britânico. Ficou cheia. E finalmente enfrentou a situação e largou-o. Aposto qualquer coisa que Freddy tem outro homem esperando nos bastidores e ouviremos falar a seu respeito assim que ela estiver pronta para nos anunciar. É o que está escrito nas entrelinhas de sua carta. Apesar disso, sinto pena dela... esses oito anos não foram fáceis. Lamento por Annie.

E lamento ainda mais por Tony, o pobre coitado. Já é bastante terrível passar por um divórcio sem sentir que foi rejeitado. É como um chute nos dentes.

A correspondência não chegou a Valmont antes de meio-dia. Eve separou a carta de Freddy para ler quando dispusesse de mais tempo, pois naquele momento se encontrava ocupada nos preparativos do almoço para um grupo de compradores. Contornou a mesa oval da sala de jantar, a madeira brilhando, distribuindo os cartões de lugar, uma tarefa que não confiava a mais ninguém. Aqui ela pôs o comprador de vinhos de uma crescente cadeia de hotéis britânicos; ali, decidiu, era o lugar para o comprador do Waldorf Astoria de Nova York e a esposa; e aqui, à sua direita, no lugar de honra, ficaria o comprador do Ritz de Paris. A esposa do homem se sentaria à esquerda de Paul. Quanto ao casal da pequena e querida Bélgica, onde se bebia mais champanhe per capita do que em qualquer país do mundo, ele ficaria à sua

esquerda, e a esposa à direita de Paul, ao lado do chef de cave, que sempre participava dos almoços. Graças a Deus, refletiu Eve, ela fora uma esposa de diplomata por tantos anos que tais decisões podiam ser tomadas quase automaticamente, pois sua semana incluía pelo menos quatro almoços assim e inúmeros outros jantares.

A hospitalidade, que sempre fora uma parte da vida da Champagne, era agora mais do que apenas uma tradição, era seu instrumento de venda mais poderoso; e Eve era a profissional mais eminente dessa arte. Em 1949, os produtores da Champagne haviam vendido tantas garrafas quanto em qualquer ano da primeira década do século, que fora o período mais bem-sucedido de sua história; e agora, em 1950, era evidente que quebrariam o recorde.

— Meninas, podem entrar agora, por favor — chamou Eve.

As duas jovens universitárias inglesas passaram pela porta, onde esperavam que ela terminasse de situar os convidados. Elas estavam hospedadas no chateau por toda uma temporada para serem introduzidas na história da vinicultura e ajudavam-na com as flores.

Como sempre, quando ela acabava de pôr os cartões, as moças trouxeram bandejas com pequenos vasos com flores, as hastes cortadas tão curtas quanto possível e arrumadas como Eve ensinara. Ela jamais entendera por que algumas anfitriãs usavam flores altas no meio de uma mesa, prejudicando o fluxo da conversa. Ela espalhava pequenos buquês pelo centro da mesa, que mais parecia um canteiro de flores liliputiano, em torno do qual os copos mais altos desabrochavam em seu orgulho expectante, quatro em cada lugar.

Em menos de uma hora, um grupo de estranhos se reuniria à sua mesa e, dispondo apenas do champanhe como interesse comum, teriam uma conversa tão animada como se ela tivesse planejado a lista de convidados por semanas. Talvez fosse a excursão anterior ao almoço que os deixava num ânimo tão cordial; primeiro, a visita ritual à igreja em Hutvillers onde Dom Perignon estava enterrado, e depois do retorno a Valmont o passeio pela prensa e adegas, com Paul respondendo às perguntas. Na ante-sala das adegas, ele abria uma garrafa e enchia seus copos pessoalmente, para beberem enquanto voltavam ao chateau pelos caminhos por cima das videiras, que agora, em maio, estavam cobertas com os cachos de uvas embrionários, tornando-se maiores a cada dia.

A mesa arrumada, Eve foi ao seu quarto de vestir, a fim de se aprontar para o almoço. Retocou a maquilagem com toda habilidade, sem pensar, sentada diante da penteadeira, até que alguma coisa, alguma esquiva fragrância da primavera no ar, levou-a a fazer uma pausa e se contemplar no espelho. Tornara-se realmente la Vicomtesse de Lancel, châteline do Chateau de Valmont?, perguntou ela a seu reflexo, inclinando o queixo de uma maneira que escondia as tênues rugas no pescoço. Lembrou-se de uma noite em outro maio, uma noite em 1917, quando tinha 21 anos, não 54, como agora. Tirara toda a maquilagem diante de outra penteadeira, num camarim do Casino de Paris, um galante oficial viera visitar uma jovem de cabelos louros avermelhados, repartidos no meio e enroscados em volta das orelhas, uma jovem impetuosa e de espírito livre, uma jovem que se chamava Maddy e tinha muitos segredos, nenhum dos quais incluía o conhecimento da disposição dos cartões de lugar, a maneira de fazer com que estranhos a uma mesa se sentissem como amigos ou como dirigir um chateau com doze criados e muitos quartos de hóspedes, que abrigavam compradores do mundo inteiro durante sete meses do ano.

Eve suspirou, filosófica, recordando o pânico de sua bem-intencionada tia, Marie-France, que estava convencida de que ela nunca conseguiria um casamento respeitável porque cantava num music hall. Ela era muito mais do que apenas respeitável agora; "distinta", como sempre a chamavam os críticos de vinho ao escreverem sobre suas visitas a Valmont. As sobancelhas ainda se inclinavam para cima, os olhos não estavam menos cinzas e continuavam tão fáceis de incendiar, ainda cantarolava fragmentos de todas as melodias que já ouvira enquanto circulava pelo chateau, ainda caçoava das convenções da vida quando reprimiam seus impulsos... mas tinha de admitir que o rosto no espelho era mais apropriado a um

château do que a um palco. Preferiria que fosse de outra forma?

Não, nunca. Em 33 anos de casamento, não se arrependera uma única vez de sua opção, por mais longos que fossem os períodos normais de questionamento da própria existência do estado matrimonial, pelo qual todas as mulheres tinham de passar, tendo em vista a natureza essencial do animal masculino.

De Dijon a Paris, depois Camberra, Cidade do Cabo, Los Angeles Londres... e agora Epernay. Quase que viajara num círculo perfeito. A filha terrível e fugitiva do Dr. Coudert acabara a menos de 150 quilômetros do seu local de nascimento. Como Vivianne de Biron, agora beirando os oitenta anos, e tão leviana quanto antes, comentara ao visitarem-na no ano passado, era uma sorte que sua Madeleine não tivesse casado com um príncipe da mostarda e se fixado em Dijon, embora ela ainda não fosse capaz de aprovar plenamente a maneira como sua protegida renunciara a uma carreira sensacional.

Eve vestiu um dos seus costumes de Balenciaga, de lã fina, em estilo espanhol, tão preto quanto o hábito da madre superiora e duas vezes tão elegante quanto toda a coleção de Dior do próximo ano. Pensava neles como os "costumes de luzes", escolhidos para o mesmo efeito teatral dos trajes dos grandes toureiros. Se devia de ser considerada distinta, em vez de fascinante, então que fosse em grande estilo.

Faltando apenas cinco minutos para a chegada dos convidados, ela olhou pela janela, contemplando a promessa exuberante das videiras e agradecendo pela espantosa recuperação da Casa de Lancel.

Quando Paul lhe contara que nada restava de Le Trésor, que Bruno vendera tudo no mercado negro, e só havia nas adegas as safras dos anos da guerra, ainda envelhecendo, seu coração se contraía em angústia pela humilhação e vergonha do marido.

A sobrevivência parecia impossível, não apenas em Valmont, mas por toda a Champagne. Mas ela não sabia da dedicação do povo da Champagne e também não compreendera que as safras da guerra, embora pequenas na quantidade, eram excepcionais na qualidade, como uma compensação. Em 1945, todos os prisioneiros de guerra voltaram para casa, e os trabalhadores nos vinhedos, a maioria possuindo suas pequenas plantações, reuniram-se em torno do novo proprietário, vendendo-lhe o que restava de suas pequenas reservas, guardadas ao estilo persistente dos champenois, ao longo da ocupação.

Mesmo assim, os últimos anos haviam sido de luta mais árdua do que jamais tinham enfrentado, cada centavo aplicado na terra, com o replantio das videiras mais antigas, restauração e reconstrução. Até o ano passado, não houvera roupas novas, viagens ao Alexandre em Paris para fazer o cabelo. Na verdade, nem uma única panela do château, por mais desgastada que estivesse, fora substituída, mas deram um jeito de receber assim que os primeiros compradores voltaram. Ainda deviam muito aos bancos em Rheims — talvez nunca saldassem o débito —, mas a Casa de Lancel, como as outras Grands Marques, triunfara.

Os anos do pós-guerra haviam cobrado um pesado tributo. Paul envelhecera mais depressa durante os primeiros anos da casa dos sessenta anos do que ela jamais teria esperado. Trabalhava de uma maneira infernal, extenuante. Quando se sentava por uns raros minutos, depois de passar horas a cuidar das contas, Eve muitas vezes percebia seu rosto desfigurado pela amargura e tristeza; contudo, ele nunca mais tornara a mencionar o nome de Bruno.

Eve olhou para o relógio. Estava na hora de descer. Deixou a carta de Freddy — desapontadoramente fina — na penteadeira e só encontrou tempo para abri-la depois do jantar, quando ela e Paul finalmente puderam desejar boa-noite aos hóspedes e se retirar para sua parte do château.

Paul punha o pijama em seu quarto de vestir quando ela apareceu na porta, com a carta na mão.

— Freddy e Tony estão se divorciando — anunciou Eve, incrédula, com lágrimas nos olhos.

— Deixe-me ver essa carta.

Paul leu-a, depois abraçou-a, beijou-a nos cabelos.

— Não chore, querida. Sei como se sente, mas não é a pior coisa que poderia acontecer.

— Mas não consigo entender! O que ela pode estar querendo dizer... não é culpa de ninguém? Isso é

ridículo! Sabe que não pode ser verdade.

— Claro que não é — murmurou Paul. — E eu compreendo.

— Como assim?

— No inverno passado, quando fomos à Califórnia para visitar nossos compradores, passei algum tempo com Tony. Ele se tornara mais do que um homem que bebe muito, já era um alcoólatra. Os sinais foram evidentes para mim, embora ele os escondesse muito bem.

Imagino que começou durante a guerra... os britânicos sempre foram capazes de consumir surpreendentes quantidades de uísque e ainda lutar como loucos no dia seguinte. Ao contrário de nós, devem possuir fígados de cobre maciço. Não falei nada com você porque não percebeu, e Freddy mostrava-se ansiosa para que eu não notasse nada. Rezei para que ele mudasse, mas sinceramente não tinha muita esperança. Não resta a menor dúvida de que o problema da bebida chegou a tal ponto que ela precisou tomar essa decisão. Não espero que algum dia ela nos conte a respeito, mas é óbvio para mim que Freddy teve de deixá-lo, tanto pelo bem de Annie quanto pelo seu próprio.

— Minha doce Freddy — murmurou Eve, quase para si mesma.

— Tem razão, mas foi melhor que ela saísse de uma situação impossível do que deixar que degenerasse por completo. Freddy vai sobreviver, querida, eu lhe prometo. Ela é forte. Tenho pena é de Tony. Ter lutado tão heroicamente, ter sobrevivido... e agora acabar como um marido rejeitado.

— Aqui entre nós, Swede, não acha que devemos saber quase tudo o que há para saber a respeito das mulheres? — perguntou Jock Hampton, enquanto os dois almoçavam, em fevereiro de 1951. — Não apostaria que não há qualquer vantagem das mulheres que não pudéssemos superar, se uníssemos nossas cabeças?

— Lembre-me de nunca ir ao jôquei com você — resmungou Swede.

— Quantas mulheres você já teve? Dezenas? Centenas?

— Tantas que sequer posso lembrar quantas.

— Eu também. Mas você é mais velho, mais experiente, conhece-a há mais tempo. Portanto, diga-me uma coisa: o que há de errado com Freddy?

— Pensei que estava falando das mulheres em geral. Sobre as mulheres em geral eu conheço algumas coisas. Sobre Freddy... eu nem tentaria imaginar.

— Sei que ela é especial. Não sou um idiota total, dê-me o crédito de conhecer a diferença entre as mulheres em geral e Freddy.

Mas, ainda assim, ela é uma mulher. Portanto, deve ser mais parecida com as outras mulheres do que diferente. Certo?

— Talvez sim, talvez não.

— Sabe, Castelli, estou muito contente por ter levantado o assunto. Está sendo de grande ajuda. Pelo amor de Deus, ela não é o Santo Gral, é carne e osso, e sinto sua falta! Quero Freddy de volta, da maneira como ela costumava ser antes do divórcio. Lembra?

— Claro que lembro.

— Ela sempre nos deixou sem fôlego, não é mesmo? Que merda, Swede, não nos divertíamos com Freddy mordendo nossos calcanhares, sempre à frente da matilha, obrigando-nos a correr para acompanhar o seu ritmo? E rindo de nós enquanto tentávamos? Ela fazia com que todos os dias parecessem um feriado nacional. O Quatro de Julho.

Um deslumbrante espetáculo de fogos de artifício depois de outro.

Oh, Deus, como eu gosto de uma mulher difícil! Todas as outras que já conheci eram difíceis... e Freddy fez com que parecessem candidatas à santidade. O que aconteceu com ela, Swede?

— Ela se tornou... como uma dama. É o mais próximo que posso chegar de uma classificação.

— Já conheci várias mulheres divorciadas, e se tornar como uma dama não é o padrão normal. Em geral, elas perdem o controle, começam a sair com um e outro, compram roupas novas e sensuais, pedem às amigas para apresentá-las a alguns sujeitos... talvez não imediatamente, mas sempre acaba acontecendo. Freddy e Tony separam-se há um ano, o divórcio já está praticamente acertado, e ela ainda fica naquela casa enorme todas as noites, jantando com Annie. Ajudar uma menina de oito anos a fazer os deveres de casa é o ponto alto da vida social de Freddy. Sei porque apareço por lá de vez em quando, para visitar minha afilhada, e é sempre assim. Não me diga que é normal.

— É assim que ela quer conduzir sua vida particular, Jock. Não é da nossa conta.

— Concordo. Sem discussão. Mas acontece também que ela é nossa sócia. Temos muito dinheiro a perder se Freddy não voltar ao normal em breve. Quando foi a última vez que ela arrastou uma conta nova e polpuda, talvez gritando e esperneando um pouco, mas incapaz de lhe resistir? Não tenho o que é necessário para derreter corações, e você também não, estamos perdendo negócios para os Flying Tigers porque Freddy está que nem uma dama e sequer pestaneja mais. Nem mesmo anda mais como antigamente! Quando foi a última vez que ela teve um daqueles acessos de chefona, forçandonos a fazer

alguma coisa que não tínhamos a menor intenção de fazer, mas que acabou resultando em muito dinheiro? É verdade que ela aparece no escritório, trabalha durante o dia inteiro, mas não é mais como antes. Nem mesmo está voando, e é nessas ocasiões que tem as suas grandes idéias. É como se tivéssemos comprado uma enorme e colorida montanha-russa e descobríssemos, ao levar para casa, que não passa de uma carrocinha de brinquedo. Não é justo conosco, e acho que você deve falar muito sério com ela a respeito.

— Como fui eleito?

— Porque a conheceu quando ela era uma garota. Freddy escutará você; enquanto a mim, mandará para o inferno.

— Não, obrigado. Se quer que um trabalho seja feito, Jock, faça-o pessoalmente.

— Está com medo?

— Pode apostar que sim.

— Pois eu não tenho. Acho que seria mais apropriado se partisse de você, Swede, mas cuidarei disso pessoalmente já que parece tão escrupuloso. Qual é o pior que pode acontecer? Ela me mandar para o inferno? Pelo menos farei com que ela comece a pensar pelas linhas certas. Ninguém pode entrar de luto por um divórcio pelo resto da vida.

— Vai dizer isso?

— Não. Terei mais tato. A primeira coisa é afastá-la da casa e do escritório.

— Acompanhe-a quando ela for fazer os cabelos. É a única ocasião em que não está num lugar ou outro. — Swede Castelli sorriu.

Nunca haveria de raiar o dia em que meteria o bedelho na vida pessoal de Freddy. Conhecia-a bem demais para isso. Quem mais sabia do tremendo azar que ela tivera com os dois únicos homens que já haviam significado alguma coisa em sua vida? Se ela queria se proteger do mundo, quem podia culpá-la? De qualquer forma, era Jock Hampton quem estava contrariado e incomodado. Quanto a ele, e devia saber melhor do que ninguém, achava que os negócios corriam muito bem.

— Vou convidá-la para a reunião da Esquadilha Águia. É isso mesmo. Ela não pode recusar... será a única mulher presente a saber como foi, a única a merecer estar lá.

— Acha que ela vai aceitar?

— Se não for de bom grado, eu a levarei à força. Nem que tenha de seqüestrá-la.

— Tem certeza que não prefere assim?

— Você é um pervertido, Swede. Um velho sujo e repulsivo. Vou obrigá-lo a pagar o almoço.

Freddy franziu o rosto para si mesma, muito irritada por ter sido forçada a comparecer à festa daquela noite. Desde o momento em que Jock mencionara a reunião da Esquadilha Águia que ela compreendera que se havia um evento em que não poderia cancelar sua presença sem avisar, seria aquele.

De todas as idéias de Jock, aquela era a pior. Era tão insensível, tão incrivelmente sem tato, que ela não fora capaz de acreditar quando ele a convidara. Como Jock pudera sequer se atrever a convidá-la? Será que ele não possuía a empatia básica para perceber que os homens da Esquadilha Águia a lembrariam inevitavelmente de tudo o que lhe fora tão caro e agora estava perdido? Os dias de glória, assim os chamara Tony em seu último e terrível discurso, de que ela não esquecera uma única palavra. Os dias em que estava apaixonada por seu trabalho e apaixonada por Tony, até que os dois amores de certa forma pareciam um só. Tinha um senso de missão que a levava às alturas e de que só podia se lembrar agora com uma inveja angustiante do seu antigo eu. Jock a convidara, com tanta incompreensão do motivo pelo qual ela não podia entrar numa sala cheia de pessoas que eram parte de sua felicidade morta, que a deixara incapaz de falar, a boca quase escancarada em espanto, enquanto ele despejava sua história patética.

— Não posso ir se você não me acompanhar — dissera ele, absolutamente abjeto. — Cada um dos

camaradas tem uma mulher e dois filhos e meio, não poderia acreditar no que eles comentaram na última reunião... pobre Jock, como é possível que não tenha encontrado uma única mulher para aturá-lo, deve haver alguma coisa basicamente errada com você, talvez seja ligado demais à sua mãe, aposto que nunca vai casar, acabará como um solteirão solitário tentando preencher sua vida vazia e, o pior de tudo, arrumei uma garota para você! Cada um deles tentou me impingir a irmã. Adoro aqueles camaradas, Freddy, mas não irei a outra reunião sem uma companhia feminina, e não posso levar qualquer das garotas que conheço porque sobressairiam demais. Que mal haveria para você se me ajudasse apenas por uma noite? Pode apenas ficar por perto, protegendo-me, e quando começarem a me atacar... especialmente as esposas... desvie a conversa, tire-os de cima de mim. Parece um crime contra o estilo de vida americano ser um homem solteiro aos 31 anos neste país. Eu faria a mesma coisa por você quando precisar de alguém para acompanhá-la a qualquer lugar. Sabe que pode contar comigo.

E assim por diante, quase se lamuriando. Freddy logo esgotara as desculpas, já que a única explicação que o faria calar a boca era a que ela nunca admitiria: que desde que Tony fora embora, sendo sua única salvação a de se distanciar dela o mais depressa possível, ela mantinha uma guerra paralisante consigo mesma, incapaz de se mover em qualquer direção. Por um lado, sentia-se envergonhada demais pelas palavras que Tony dissera, infinitamente mortificada por suas acusações, que aceitara como uma projeção autêntica do que fora para ele. Por outro lado, estava mais furiosa do que em qualquer outra ocasião de sua vida. Que tipo de homem sem fibra jogaria na esposa todo o fardo de seu declínio? Contudo, assim que a raiva vinha em seu socorro, a memória insistia que Tony tinha razão, que na Inglaterra ele se sentia contente, que só começara a cair após se mudarem para a Califórnia.

Noite após noite, Freddy sentava-se em casa, depois que Annie se deitava, submetendo-se obsessivamente a julgamento, agindo como promotora e defensora, juiz e júri, acusando-se e desculpando-se, revolvendo os últimos quinze anos de sua vida. Mac nunca teria fugido dela se não fosse tão transparentemente manipuladora. Se acreditasse que ela escutaria a voz da razão, Mac nunca teria ido para o Canadá e morreria ali. Quanto a Tony, por que ela fora capaz de se contentar em viver em Longbridge Grange? Era uma vida que muitas mulheres adorariam levar. Por que ela não podia ser mais flexível? Mais feminina? Mais como Penelope, Jane, Delphine e sua mãe? Elas punham os maridos em primeiro lugar; os filhos não eram afetados pelo divórcio, levavam vidas boas, satisfatórias.

Mas ela não tinha também os seus direitos? Seus sonhos e paixões não eram válidos? O que havia de errado em querer coisas, se estava disposta a sair e trabalhar para consegui-las? Só entre as paredes de sua casa, Freddy podia alcançar, às vezes, uma espécie de trégua exausta, em que vergonha e fúria se equilibravam por algum tempo. Pelo menos no mundo exterior ninguém podia adivinhar os fatos de seu divórcio, a verdade vergonhosa da maneira como Tony a pusera de lado, a amante que ela nunca imaginara que existia. Perdera toda a fé em si mesma, toda a confiança. Contudo, refletiu, nada disso era o tipo de desculpa que se podia apresentar para não ir a uma festa. E ainda havia Annie. Jock, o filho da mãe insidio-so, chegara a dizer:

— Annie, não gostaria de ver mamãe sair e se divertir um pouco?

Não acha que seria bom para mamãe vestir-se direito e sair comigo por uma noite?

Como ele era capaz de instruir uma criança de oito anos a parecer tão ansiosa, esperançosa e faminta como Oliver Twist? Jock a levava a dizer:

— Oh, mamãe, você tem de ir! Posso fazer os deveres sozinha, e adoro comer na cozinha com Helga. E há muito tempo que você não se diverte.

Annie falara num tom que fizera Freddy pensar que talvez não fosse tão boa idéia deixar que a filha pensasse que a mãe era um alvo de compaixão.

Não, disse Freddy a si mesma, sombriamente, Annie fora forçada a isso. Jock Hampton a compelira. Ela verificou sua imagem no espelho. Tudo parecia em ordem. O vestido requintado de seda preta, de gola alta e mangas compridas, estava um pouco largo, como todas as suas outras roupas. Perdera o

apetite depois que Tony a deixara, e só conseguise obrigar a se alimentar direito no jantar com o argumento de que precisava daí um bom exemplo a Annie.

Freddy acrescentou um cinto preto largo que puxava a seda cara na cintura. Era extremamente apropriado: discreto e não agressivo, o tipo de vestido em que uma mulher se fundia na multidão. Apenas o preço, que ninguém reconheceria, o distinguia dos vestidos que as outras mulheres estariam usando. Ela arrumara os cabelos naquela tarde, e pareciam convenientemente disciplinados. Por uma vez, graças a Deus, haviam decidido se comportar. Passou batom, mas não pôs rimel ou sombra nos olhos. As mulheres dos antigos pilotos da guerra deviam ser um bando de almas ocupadas e felizes, que empenhavam suas energias em ter filhos felizes e transformar os lares em lugares felizes para maridos felizes — era mais do que provável que não usariam maquilagem nos olhos, mesmo que as revistas da moda americanas estivessem começando a indicá-la para as mulheres médias. Freddy não queria parecer Hollywood demais. Um par de brincos pequenos e sapatos pretos de saltos altos completavam o traje.

Ela estava vestida há meia hora quando Jock chegou. Contudo, hesitou em deixar o quarto. Ficou por lá, pendurando coisas e verificando o conteúdo da bolsa pela quinta vez. Jock e Annie mantinham uma conversa animada. Ela podia ouvi-los mesmo lá de cima.

Por que ele não convidara Annie para sua estúpida reunião? Agora era tarde demais para sugerir essa solução. Finalmente Freddy forçou-se a descer, escutando os dois rirem. Entrou na sala de estar e suas vozes cessaram abruptamente.

— Mamãe! — gemeu Annie.

— Não estamos indo a um funeral, Freddy! — protestou Jock. — O que deu em você? Vá pôr outra roupa depressa. Vamos chegar atrasados de qualquer maneira, mas alguns minutos não farão diferença.

— Oh, mamãe, você está horrível!

— O preto é sempre apropriado, sempre chique... o que vocês dois sabem de roupas? Este é um autêntico Jacques Fath.

— Não quero saber o que é, ponha alguma coisa bonita... e que não seja preta — insistiu Jock.

— Parece uma viúva! — acrescentou Annie, o rosto encantador com uma expressão desolada.

— Está bem, está bem. — Freddy lançou um olhar furioso para Jock. Com todas as suas Brendas, podia imaginar muito bem o tipo de roupa berrante, de mau gosto e sensual a que ele estava acostumado. E aquele pavão nunca lhe dissera que usaria seu uniforme.

Ah, o ego masculino! Freddy subiu correndo para o quarto e examinou os vestidos, empurrando os cabides num acesso de raiva.

"Alguma coisa bonita"... mas que merda! Bonita. Isso mostrava a idéia que ele tinha de como uma mulher devia parecer. Bonita... uma palavra que nada significava.

Ela pegou um cabide e suspendeu o vestido na frente do corpo.

Estava muito apertado quando o trouxera para casa, pouco antes de Tony deixá-la, o vestido que pretendia usar na festa de inauguração da casa nova que nunca ocorrera. Nunca se dera ao trabalho de levá-lo de volta para ajustar direito. Mas era a única coisa no guarda-roupa que não tinha uma cor escura, e àquela altura deveria caber. Ela tirou o vestido de seda preta e pôs o outro. Coube perfeitamente. Mas teria de trocar os sapatos, usar outra bolsa, escolher brincos diferentes, mais brilhantes e maiores. E teria de aplicar mais maquilagem ou o vestido a ofuscaria. E precisaria dar um jeito nos cabelos, porque pareciam muitos arrumados, matronais, para acompanharem aquele vestido. Merda!

Afobada, Freddy empenhou-se na maquilagem com uma habilidade que quase esquecera. Passou para os cabelos, com movimentos amplos e impetuosos da escova, até que toda a arrumação estivesse desfeita e combinassem, em seu turbilhão ousado, presunçoso e incontrolável, com o vestido escolhido, o de *chiffon* vermelho sem alças, com um corpete justo, quase inexistente, e uma saia exageradamente folgada, um vestido feito para dançar durante a noite inteira, seduzir a lua, fazer as estrelas descerem do céu. Ela parou na frente do espelho, completamente transformada. Não parecia exatamente bonita. Parecia... ahn...

melhor era provavelmente uma palavra tão boa quanto outra qualquer.

Mas ainda faltava alguma coisa. Freddy foi à caixa de jóias, abriu uma gaveta e tirou as asas do ATA. Se Jock estava com seu uniforme, nada menos que o uniforme de gala de coronel, com todas as fitas das condecorações que ganhara, ela podia muito bem usar suas asas. Ainda bem que o corpete do vestido estava preso com firmeza aos esteios embutidos, o que impediria que o alfinete das asas puxasse o tecido para deixar o seio à mostra. Isso mesmo, aquela esplêndida peça em preto e dourado, as duas asas largas douradas emolduradas em preto, com o oval no centro contendo a insígnia do ATA, proporcionava ao vestido o toque final de que precisava.

Freddy desceu batendo com os pés, indignada, tanto quanto pode fazê-lo uma mulher com sandálias de salto altos e finos.

— Espero que os dois estejam satisfeitos — anunciou ela, beligerante. Jock e Annie levantaram-se de um pulo de suas cadeiras, boquiabertos.

— É o melhor possível — acrescentou Freddy, bruscamente.

— Puxa vida, Freddy!

— Você está... oh... linda! — balbuciou Annie.

— Obrigada, Annie querida. Chegarei cedo em casa, mas quero que me prometa que vai se deitar na hora. Contarei tudo o que aconteceu pela manhã.

— Oh, mamãe, você está encantadora! Quantos anos preciso ter para poder usar um vestido assim?

— Terá de ser muito e muito velha, Annie — respondeu Freddy.

— Trinta e um anos, Annie, como sua mãe — interveio Jock. — Muito e muito jovem. Vamos logo embora, beleza, para não sermos os últimos a chegar.

— Jock, não me chame de "beleza" nesse tom de voz presunçoso ou não vou sair desta casa. Sou apenas sua escolta, ou não estaria aqui.

— Pois não, senhor! — Ele bateu continência. — Sem desculpas, senhor. Lamento muito, senhor.

— Assim é melhor — murmurou Freddy, irritada.

Jock ajustou o novo casaco de pele nos ombros e ofereceu-lhe o braço. Ela alteou as sobranceiras pelo gesto desnecessário.

— Acho que posso andar sozinha, obrigada — disse Freddy, enquanto se encaminhava apressada para a porta da frente, com um pouco do seu antigo andar arrogante.

Freddy parou, estupefata, incapaz de pôr um pé à frente do outro, diante do salão em que soavam os acordes de *The White Cliffs of Dover*.

— Jock — murmurou ela, suplicante —, essa música...

Jock, imensamente satisfeito consigo mesmo, não a ouviu. Organizara pessoalmente toda a reunião, escolhera a orquestra, apresentara uma lista de músicas, contratara o pequeno salão de baile do Beverly Wilshire, planejara o cardápio do jantar e caçara todos os pilotos da Esquadrilha Águia. Fora Jock quem decidira que deveriam usar os uniformes. Os que não residiam nas proximidades de Los Angeles haviam sido trazidos de avião com as esposas, cortesia da companhia, cada casal fora hospedado no Beverly Wilshire, outra cortesia da companhia. Ele calculara que as seis semanas de aviso prévio seriam suficientes para que os homens fizessem uma dieta e perdessem uns poucos quilos, a fim de poderem pôr os uniformes que não usavam desde o fim da guerra... ele próprio não engordara um único quilo.

Se havia alguma coisa que possibilitasse a Freddy resistir ao convite, ele se orgulhava de ter previsto tudo. Era estranho; por mais que tentasse, não fora capaz de pensar em qualquer outra maneira de persuadi-la a sair de casa. Por qualquer razão, Freddy e ele, apesar de todos os anos em que se conheciam, pareciam não ter o tipo de relacionamento descontraído que lhe permitia convidá-la para jantarem a sós sem algum motivo especial. Havia uma barreira tácita que ele não podia entender e que o impedia de se sentir à vontade com Freddy. Sem Annie como um pretexto, nunca ousaria aparecer na casa

dela de vez em quando, e tinha sempre o cuidado de telefonar primeiro. Se não soubesse das coisas, quase teria de pensar que se sentia inibido com Freddy. Seria possível conhecer uma pessoa tão bem que isso se tornava contraproducente?

— Essa música — repetiu Freddy —, é tão...

— Sensacional, não é mesmo? — disse Jock, radiante.

— Horrível! Detesto chafurdar em toda essa nostalgia artificial.

— O que posso fazer se o pessoal faz pedidos? — indagou Jock, segurando-a pelo cotovelo e levando-a para a frente, inexorável.

— Patético! Sentimental!

— Uma coisa repulsiva. Tem toda a razão. Mas não podemos ficar parados aqui. Você sabe fazer as coisas, Freddy, aprecio isso. Não se esqueça, quando começarem a falar de suas irmãs, deve dizer "Jock tem uma namorada firme maravilhosa, mas ela não pôde vir esta noite".

— É inteiramente impossível dizer isso com a cara séria.

— Então ria, caia na gargalhada, não faz a menor diferença se disser as palavras... e enfatize o "firme".

A música mudara para *Waltzing Matilda*, que era muito animada para ser sentimental. Foi sob esses acordes vibrantes que Freddy deixou-o conduzi-la ao salão, onde foram cercados no mesmo instante por homens uniformizados, dando socos cordiais em Jock e abraçando Freddy, dando socos cordiais em Freddy e abraçando Jock.

Freddy concluiu que eles deviam ter iniciado a festa no dia anterior. Era uma reunião ruidosa, concorrida, confusa e animada, todas as mulheres vestiam-se como ela. Não seria tão ruim quanto ela pensara. Quando Jock pegou-a e arrastou-a para a pista de dança, com a orquestra tocando *Long Ago and Far Away*, ela já se animara o suficiente para não refletir sobre a última vez que dançara com Tony ao som daquela música ou da seguinte, *Spring Will Be a Little Late This Year*. Percebeu que esquecera como Jock dançava bem. Estava quase se divertindo. A orquestra passou a tocar *You'd'd Be So Nice to Come Home To*.

— Quer parar de cantar no meu ouvido? — sibilou ela para Jock.

— Conheço a letra inteira.

— Isso não é desculpa. Você não é nenhum Bing Crosby.

Por sorte, os velhos amigos começaram a tirá-la para dançar, e durante a hora seguinte Freddy passou de um par de braços para outro, com Jock incapaz de mantê-la para si por mais que poucos passos de cada vez. Talvez aquele não fosse o ambiente ideal para uma conversa com Freddy sobre sua atitude pernicioso, concluiu ele, perdendo um pouco de sua presunção. Freddy era a beldade do maldito baile, um demônio de pés leves, num vestido mortífero com que ele nunca a deixaria sair de casa, uma perita em demolições que estava prestes a causar violentas brigas entre maridos e mulheres, quando a festa acabasse. E quem lhe dissera que ela podia usar suas asas? Faziam com que todas as outras mulheres parecessem tão... insuficientes.

O jantar transcorreu numa algazarra efervescente de brindes, gracejos e trocas de lugares, relatos extravagantes de grandes façanhas que haviam de fato acontecido. Depois, a dança recomeçou.

Freddy estava ouvindo a música há várias horas, o que fez com que se desligasse de suas lembranças e passasse a ser uma mera melodia de fundo. Até mesmo *When the Lights Go On Again* perdera o poder de levá-la de volta ao passado. Experimentava a sensação de que estava numa tremenda farra, deliciosamente suave, mas também mais animada do que ela se lembrava que podia ser; além disso, o vinho que os garçons nunca paravam de servir começava a surtir os seus efeitos.

O maestro aproximou-se de Jock e sussurrou-lhe alguma coisa.

Jock hesitou, depois respondeu com um aceno de cabeça. Subiu no palco e, depois de uma fanfarrinha para fazer a multidão silenciar, fez uma declaração:

— Amigos... lembram como costumávamos pular dos aviões, largar os pára-quadras e correr para o Blue Swan, bebendo cerveja quente e cantando até que não agüentávamos mais, a fim de termos forças para fazer tudo de novo no dia seguinte? Lembram que às vezes estava lá uma garota que cantava canções da Primeira Guerra Mundial e ensinou-as a todos nós? Pois vamos nos reunir ao seu redor e escutá-la cantar de novo. Freddy, onde você está? Suba aqui, Primeiro-Tenente de Lancel.

Houve uma estrondosa aclamação, e Freddy ouviu todos os homens gritando seus pedidos, compreendeu que não tinha saída. Ninguém sugerira ainda apresentar Jock à sua irmã, e Jock não lhe contara que ela deveria cantar. Fixou-o com o mais letal do seu inventário de olhares, mas ele continuou a acenar para que ela subisse à plataforma, onde a banda já começara a tocar *Hello Central! Get Me No Man's Land*, uma música que não podia constar de seu repertório.

Acabe logo com isso da maneira mais graciosa possível, disse Freddy a si mesma; e descobriu-se quase que passada de mão em mão até a plataforma, onde Jock ajudou-a a subir.

— Espertinho! — murmurou ela.

— Eu sabia que você ia querer fazer isso pelos companheiros.

Freddy virou-se para o maestro, que lhe assegurou:

— O Sr. Hampton nos forneceu todas as músicas. Há dias que estamos praticando. Basta cantar, nós a acompanharemos.

Freddy sacudiu a cabeça. Estava mesmo acuada. Jock até pusera um banco no palco para ela. Freddy sentou-se e quando correu os olhos pelo salão, repleto de homens na maior expectativa, seu coração virou pelo avesso com as lembranças e começou a cantar *Tipperary*, a voz esganiçada por um instante, antes que ela e os músicos entrassem em harmonia. Freddy pôde sentir imediatamente uma emoção crescendo no salão que era diferente da emoção provocada pelas canções da última guerra. Aquelas eram canções de soldados, não as baladas de anseio romântico de amantes separados que todos dançavam nos anos quarenta, mas as canções que homens bravos e assustados cantavam para si mesmos nas trincheiras, vinte anos antes. Os pilotos da Esquadilha Águia que cantarolavam junto com ela se uniam pela música a outra geração de guerreiros, seus irmãos de armas. Ela chegou ao fim de *Tipperary* e depois começou *Pack Up Your Troubles in Your Old Kitbag*.

A voz de contralto de Freddy, embora não treinada, era muito parecida com a de Eve, insinuante e irresistível, doce como o açúcar queimado nas notas altas, com um pouco de secura no registro intermediário e um fascínio oculto e ímpio oculto sob a oitava inferior. Ela perdeu-se na música, sentindo a força aumentar de verso em verso. Passou de *Keep the Home Fires Burning* para a *Blue Horizon Waltz*; subiu de *Good-Bye Broadway, Hello France!* para a grandiosa *I'm Always Chasing Rainbows*, a cabeça inclinada para trás, sentada a desfilar canções para os homens à escuta. Tornou-se Maddy em outro vestido vermelho, cantando ao luar para soldados franceses feridos e um oficial, numa noite que fora seu destino.

Era ela própria, dez anos mais moça, cantando num pub apinhado para homens que sabiam — e descartavam o conhecimento — que alguns morreriam no ar no dia seguinte, mas pediam uma canção naquela noite. Freddy estava fosforescente, não precisava dos refletores para iluminá-la, uma jovem com brilho próprio a entoar as canções que aprendera com Eve quando era criança, tão novas como se tivesse acabado de inventá-las.

Freddy chegou ao fim das grandes canções antigas, embora todos estivessem unidos num clima de fascínio, e ela poderia cantar por horas. Ela levantou-se do banco e fez sinal ao maestro para que tocasse outra música, enquanto procurava um meio de descer do palco. Mas Jock, que se postara ao seu lado, começou a cantar a única canção que ela não queria ouvir, porque seu significado era profundo. Todos os homens na sala assumiram a voz de Jock como um sinal para cantarem também. Freddy sequer podia mexer os lábios, enquanto a melodia simples e inesquecível a envolvia.

*Sorria um pouco, beije-me num triste adeus,
Quando as nuvens passarem, virei para você
E o céu vai parecer ainda mais azul,
No caminho dos namorados, meu amor.*

— Vamos, Freddy, cante! — exortou Jock. — Nunca parava antes até nos oferecer esta canção.

Alguns homens da Esquadrilha Águia subiram ao palco, e ela sentiu braços em volta de sua cintura, enquanto eles balançavam de um lado para outro, cantando.

*Sinos de casamento repicarão felizes,
Cada lágrima será apenas uma lembrança,
Então espere e reze por mim todas as noites,
Até nos encontrarmos outra vez.*

Eles recomeçaram a canção desde o início. Freddy, incapaz de impedi-los, sentiu as lágrimas escorrerem pelo rosto. Oh, não! Não posso mais agüentar, pensou ela. Rapidamente, desvencilhou-se dos braços que a seguravam, desceu para a pista de dança, esgueirou-se entre a multidão de pilotos e suas mulheres cantando, saiu correndo do salão e atravessou o vasto saguão, acarpetado em vinho e dourado, foi para o Wilshire Boulevard, à procura de um táxi.

— Espere! Esqueceu o casaco! — Jock parou abruptamente atrás dela, ajeitou o casaco de pele em seus ombros. Tirou o lenço do bolso e enxugou desajeitado as lágrimas nas faces de Freddy. — Oh, Deus... desculpe... ficou tão transtornada... não pensei...

— Ao contrário, você pensou em tudo. Aquelas canções antigas., onde foi que desenterrou essa música?

— Ora, Freddy, você foi sublime! Não está contente por eu tê-la chamado para cantar?

— Tenho de admitir... não foi tão horrível... quanto eu esperava. Nem mesmo sabia que lembrava de todas as letras. — Ela perdo-ou-o com o olhar.

O porteiro trouxe o Cadillac conversível de Jock, e ele conduziu-a para casa em silêncio, os ecos das melodias imortais invadindo o carro com tanta intensidade que não havia lugar para palavras. Era tão tarde que não havia tráfego, e Jock, dependendo exclusivamente dos reflexos, guiou com a velocidade habitual e o desdém pelas regras e regulamentos de um piloto, apesar de tudo o que bebera. Estacionou na entrada da casa de Freddy, provocando uma chuva de cascalho.

— A reunião acabou — murmurou Jock. — Acho que não haverá outra ocasião igual por mais dez anos.

Ele parecia triste demais, pensou Freddy, mais triste do que a ocasião merecia.

— Talvez nunca mais devesse fazer isso — sugeriu ela. — Talvez seja melhor haver apenas uma noite assim e depois... mais nada..

— Mas nesse caso eu não a ouviria cantar de novo... e sinto muita saudade, Freddy, você estava como antigamente...

— Nada continua a mesma coisa, Jock; tudo muda, e nem sempre para melhor. — A voz de Freddy era incisiva, enquanto ela recolhia a bolsa e as luvas, preparava-se para sair do carro.

— Não... espere. Fique só mais um minuto. Não podemos apenas conversar? Nunca conversamos, exceto sobre negócios...

— Apenas conversar? — Freddy estava aturdida.

— Isso mesmo, sobre... ora, qualquer coisa.... da maneira como as pessoas podem conversar quando se conhecem há dez anos, mas não se conhecem direito tão bem assim e... talvez devessem.

— Deveríamos? — Freddy estava agora achando graça da situação.

Nunca vira Jock tão afetado pela bebida, ele nunca sugerira uma conversa a esmo entre os dois. — Não bebeu um pouco além da conta, líder de esquadrilha?

— Claro que bebi. E estou embriagado. *In vino veritas*, o que quer que isso signifique.

— Não acha melhor ir para casa e dormir, até passar a bebedeira? Podemos conversar em outra ocasião. — Freddy teve de fazer um esforço para reprimir o riso. Ele parecia muito sério, diferente do Jock habitual.

— Santo Deus, Freddy — gritou ele, indignado —, não sabe de nada a meu respeito, não é mesmo? E nem mesmo quer saber!

— Essa não, Jock! — Ela se divertia, como se Jock tivesse a idade de Annie, fazendo uma das declarações meticulosas e exageradas de Annie. Você era o maior amigo de Tony, os Longbridges o consideram um membro da família, somos sócios há cinco anos, é o padrinho de Annie, foi até nosso padrinho de casamento... claro que o conheço.

— Uma ova que conhece! Para você, sempre fui um membro de um grupo... acaba de provar isso. Não passa por sua cabeça que tenho uma existência minha, uma vida... toda uma vida de esperanças, sonhos e sentimentos que não tem nada a ver com a família Longbridge ou com a companhia?

Bêbado ou não, pensou Freddy, dava para perceber uma indignação inegavelmente sincera nas palavras inesperadas de Jock, o que a silenciou. E havia verdade no que ele dissera. Jock virou-se para ela, e os contornos de sua cabeça e ombros pareceram de repente desconhecidos.

— Jock... — Ela estendeu a mão, como se fosse tocar em seu braço, num pedido de desculpa.

Jock percebeu o gesto e, com um grunhido, inclinou-se e puxou-a.

— Nunca lhe ocorreu, Freddy, que estou tão apaixonado por você que não posso mais agüentar?

— Jock! — Atônita, incrédula, rindo do absurdo, ela empurrou-o.

— Pare com isso! É o álcool que está falando... o álcool e esta noite, os velhos amigos, a música, a lembrança, os... dias de glória... não amor. Pense em todas as mulheres em sua vida. — A voz de Freddy assumiu um tom zombeteiro, só de pensar nelas. — Como pode sequer ter certeza de que já esteve apaixonado alguma vez?

— Você vai me escutar agora! E pare de rir nesse seu jeito repulsivamente superior! Tive o azar de me apaixonar uma vez na vida... numa igreja na Inglaterra, cinco segundos depois que você casou, empurrou o véu para trás e vi seu rosto. O idiota que eu sou, apaixonei-me para sempre e passei todos os anos desde então tentando escapar... tentando fazer com que desaparecesse, mudasse, acabasse... mas, azar meu, foi tudo em vão. Não quero estar apaixonado por você! Acha que é engraçado estar apaixonado por alguém que o trata como papel de parede... e um papel de parede engraçado, ainda por cima... alguém que pensa em você como algo que veio junto com os presentes de casamento?

— Mas... mas... — Freddy estava atordoada. Nunca ouvira Jock falar com aquela intensidade brusca e incontrolável, abandonando todas as suas atitudes de homem controlado e durão.

— Não me venha com nenhum "mas"! Já conheço toda essa merda de cor. Cheguei tarde demais em sua vida, seu amor estava com outro, sou apenas um amigo, sou parte de sua história, e a história não pode ser reescrita, é tarde demais para pensar em mim assim... não precisa dizer nada... não há um único "mas" que você possa encontrar que eu já não tenha pensado mil vezes. Mas escute, Freddy, preste atenção, sei que o que está acabado está acabado, mas podemos escrever o futuro. Sabe quantas vezes reescrevi o passado... o que poderia acontecer se nos conhecêssemos quando deveríamos nos conhecer? Não, não tente me impedir. Claro, estou um pouco bêbado... é como finalmente encontrei coragem para lhe dizer tudo, e você tem de me escutar! Oh, Freddy, o que teria acontecido se cursássemos a escola secundária ou a universidade juntos, não seria nada impossível, crescemos a apenas cem quilômetros de distância.

Nascemos no mesmo ano, até no mesmo mês! Eu olharia para você e a convidaria para me acompanhar ao baile de formatura, conversaríamos apenas sobre aviões e esqueceríamos de dançar.

Quando eu a levasse para casa, saberia que eu era feito para você. Talvez até me deixasse dar um beijo de boa-noite. Nunca mais olharíamos para ninguém, pelo resto de nossas vidas. Deixamos de nos encontrar por muito pouco, Freddy! Sequer pode imaginar como seríamos felizes?

— Eu acho... que não seria... tão impossível... se você acreditasse em viajar no tempo — admitiu Freddy, incapaz de encontrar uma falha no raciocínio, pois sua mente não funcionava com a lógica habitual.

— Eu ia lhe pedir uma coisa muito estúpida — murmurou Jock, o coração disparado ao perceber o primeiro tom inesperado de conjectura na voz de Freddy.

— Pedir o quê?

— Só um palhaço pede a permissão de uma garota. Não se lembra disso da escola? — Ele aproximou-se, abraçou-a e, antes que Freddy tivesse a oportunidade de protestar, beijou-a nos lábios, respeitoso, terno, suave, mas com a dignidade inconfundível de um homem que sabe que seu beijo não será inteiramente indesejável.

— Pare com isso! — balbuciou Freddy surpresa.

Há tanto tempo não era beijada que ela se contraiu em alarme.

— Abrace-me, Freddy. Vamos, apenas tente. Se não gostar, eu paro.

— O que pensa que está fazendo, Jock Hampton?

— Beijando. Isso é tudo, apenas beijando. — Ele tornou a beijá-la.

— Disse que queria apenas conversar! — Freddy sentia um nervosismo incontrolável pelo calor e intensidade dos lábios de Jock e os primórdios inadmissíveis de um conforto delicioso, proporcionado pelos braços fortes e seguros que a envolviam. Ele era tão grande, cheirava tão bem, como castanhas assadas, seus braços eram um refúgio. Quem poderia adivinhar que ele possuía lábios tão adoráveis?

— Mais tarde. Beije-me, Freddy, querida Freddy, tente, por favor, responder quando eu a beijar. Assim está melhor, muito melhor, não precisa ficar constrangida, você é linda, eu amo, sempre amei, você não precisa me amar imediatamente, mas me deixe, por favor, tentar fazê-la me amar, prometa que deixará, faz tanto tempo, tenho sido tão solitário por sua causa... solitário por toda a minha vida... sempre imaginei qual seria a sensação de beijar você, mas nunca pensei que pudesse ser tão bom. Ele comprimiu o rosto contra os cabelos de Freddy, e os dois corações confusos entraram em vertigem, enquanto se amparavam um no outro, em busca do equilíbrio num mundo que subitamente escapara de suas amarras, sem outro motivo que não o contato de lábios em lábios.

Jock pegou o rosto de Freddy entre as mãos e beijou-a, beijos longos, exploradores, pela linha dos cabelos, descendo o lado da face quente até o canto inferior da orelha, depois inclinou sua cabeça para cima e começou a beijar a pele delicada do pescoço, empurrando para o lado a gola de pele que ainda a envolvia. Freddy obrigou-se a recuar, embora palpitasse de prazer com a delicadeza e leveza da boca inquisitiva de Jock, embora quisesse mergulhar na segurança maravilhosa que sentia em seus braços. Tentou em vão procurar os olhos dele na escuridão do carro.

— Jock, espere! Está indo depressa demais, não sei como me sinto, dê-me uma chance de descobrir, finja que é o baile de formatura da escola, vá mais devagar. — A confiança abalada de Freddy, magoada e dolorida, advertia-a que estava vulnerável demais, carente demais, que devia se apegar a qualquer realidade que formulara nas noites longas e inquisitivas, não se deixar arrebatado pela confusão de sentimentos inesperados que as palavras e beijos de Jock desencadeavam.

Ele largou-a, puxou sua cabeça para o peito, contra o uniforme.

Envolveu-a de leve com um braço e acariciou-lhe os cabelos com a outra mão, como se ela fosse uma criança.

— Acabou o baile de formatura, Freddy, e tudo o que quero é mantê-la aqui, ao meu lado, por muito e muito tempo. Não posso acreditar em minha sorte. Não posso acreditar que exista uma garota linda, ruiva e de olhos azuis, que quer voar tanto quanto eu. E me pergunto se há alguma chance de que um dia

voaremos juntos. É até onde minha imaginação me deixará ir, pois tenho apenas dezesseis anos. — Ele riu alegremente. — Sou muito jovem para sequer sonhar que poderia fazer qualquer coisa com uma garota tão perfeita quanto você.

Freddy relaxou, sentindo uma disposição de deixá-lo falar e falar, como se cada palavra fosse uma garantia de que ainda tinha toda uma vida imaculada pela frente, como se as palavras que ouvia pudessem se acumular até fazer com que tudo fosse verdade. Jock era terno, muito terno, inesperadamente terno, pensou ela, sonhadora, tão compenetrado em sua maneira desajeitada, tão franco e direto como um menino. Pensara que ele parecia viquingue galante quando o vira pela primeira vez... talvez não estivesse enganada.

Havia tanto anseio em sua voz — se ele sempre a amara, isso explicaria por que parecia um pouco zangado com ela —, uma irritação que o protegia contra a possibilidade de deixar transparecer seu amor. Se ele sempre a amara. Subitamente, todas as dúvidas desapareceram. Ela era capaz de reconhecer a voz do amor quando tornava a ouvi-la, depois de tantos anos. Ela inclinou-se e passou os braços pelo pescoço forte de Jock, erguendo-se para poder comprimir seus lábios ansiosos contra os dele, oferecendo o primeiro beijo que ele não tomava, um beijo arrebatado, ardente, em que ela nada retinha, pela primeira vez.

— Oh, Deus! — balbuciou Jock. — Como algum homem pode ser tão tolo para deixá-la?. Tony tinha perdido o juízo! Cada vez que o via com aquela mulher, eu o advertia que estava louco... graças a Deus que ele não me escutou.

Freddy teve a sensação de que um punhado de alfinetes fora comprimido contra seus olhos.

— Você... viu Tony com ela... falou com ele! — Seus braços baixaram para os lados do corpo, rígidos.

— Ahn... sabe como é... éramos amigos... e é claro que... ahn... conversávamos.

— Oh, não, vocês dois ficavam conversando a meu respeito! — murmurou Freddy, horrorizada. — Você conspirou com ele... sentava com meu marido e sua amante, e quando tinham suas conversas íntimas, rindo, sem dúvida ele lhe contava todos os detalhes horríveis e tristes, pessoais, do que acontecia entre nós... você sabia de tudo durante todo o tempo, e eu nunca sonhei... nunca sonhei... — Abruptamente, Freddy abriu a porta do carro. Antes que Jock pudesse fazer qualquer coisa, ela saiu, correu pelo caminho, abriu a porta, entrou e bateu-a, com uma violência que não deixava margem a qualquer dúvida.

Durante as poucas horas que restavam daquela noite, Freddy ficou arriada numa poltrona em seu quarto, encerrada num círculo de fúria e ódio. Em determinado momento, controlou-se o bastante para se levantar, tirar o vestido, pôr um chambre e meias; afora isso, não saiu da poltrona, exceto para correr ao banheiro e vomitar, até que só havia bÍlis no estômago.

Obsessivamente, repetiu cada palavra da conversa com Jock no carro. Um alvo de oportunidade, fora assim que ele a considerara, Freddy disse a si mesma, muitas e muitas vezes. Um avião avariado, sem munição, separado dos companheiros, deixado atrás para voltar sozinho de qualquer maneira sobre território inimigo, o piloto rezando apenas para alcançar a base antes de ser avistado e derrubado... um alvo de oportunidade, desamparado, patético, indefeso, o tipo de vitória do qual nem mesmo o piloto mais inexperiente poderia se gabar, um alvo que um garoto do solo com um rifle podia alvejar com a esperança de acertar. Nada melhor. Nada mais fácil.

Como pudera se permitir acreditar nele, mesmo que apenas por alguns minutos? Freddy sentiu tanta raiva de si mesma, numa humilhação impotente, que acolheu satisfeita o acesso de náusea. Sequer podia tentar se enganar. Acreditara mesmo nele. Acreditara quando ele lhe falara aquela besteira de amor e até... oh, Deus, como uma mulher podia ser tão estúpida!... até gostara. Era verdade, gostara, e gostara tanto que nunca deixaria de se odiar por aqueles minutos. Mas conhecia Jock Hampton, aquele filho da mãe de boca suja, sabia o tipo de mulher que ele apreciava, já vira muitas surgirem e desaparecerem, desde os primeiros dias do seu casamento com Tony. Brendas britânicas e Brendas americanas, todas

eram a mesma coisa, mas bastara um minuto de conversa insinuante — e conversa insinuante de bêbado, ainda por cima —, para que ela se mostrasse disposta a morder sua isca.

Ela devia estar tão desesperada que ficara marcado em sua testa. "Por favor, meu caro, ofereça-me uma trepada misericordiosa"... era isso o que um homem devia ver quando a contemplava. Um mero abraço era suficiente para fazê-la derreter. Um mísero abraço. Ele era a única pessoa no mundo, além de Tony, que sabia que ela não fazia amor há mais de um ano. Sabia como ela estava vulnerável e tratara de se aproveitar na primeira oportunidade.

Ou — espere um pouco —, seria Jock o único que sabia? Tony teria falado com Swede? Contara a mais alguém? Talvez todo mundo soubesse! Talvez fosse do conhecimento geral, Tony Longbridge e sua amante, Tony que a abandonara, Tony que queria tanto cair fora do casamento que nem suportava tocar na pobre Freddy.

Ninguém lhe dissera coisa alguma a respeito de Tony naquela noite. Lá estava ela, toda enfeitada como uma idiota, desfilando suas asas de aviadora, nada menos, o milagre dos milagres, todos tiveram o supremo tato de sequer parecerem um pouco curiosos ou embaraçados. Contudo, todos deviam saber do divórcio, ela não podia pensar que num mundo tão pequeno, como o da Esquadilha Águia, tal notícia não teria se espalhado depressa, ainda mais porque todos tinham muita publicidade. Era evidente que todos — até o último homem com certeza — deviam estar certos de que ela era a garota de Jock. Se não fosse assim, teria de haver alguma espécie de reconhecimento... um gesto, uma palavra de simpatia, qualquer coisa.

Tony voltara à Inglaterra logo depois de assinarem os documentos do divórcio... nada mais natural que pelo menos uma pessoa fizesse um comentário, mais ninguém dissera nada. A garota de Jock. Oh, Deus, todos pensavam que ela caíra direto na cama de Jock... uma cama ainda quente da última garota que por lá passara. Conquistas fáceis.

Quando amanheceria? Quando? Mesmo na Califórnia, amanhecia tarde no inverno. Antes do sol nascer, Freddy já estava vestida em suas roupas de vôo mais quentes. Deixou um bilhete para Helga e Annie na cozinha e, quando o sol nasceu, já se encontrava em Burbank, tirando seu Bonanza do hangar. Poucas vezes voara desde o dia em que mostrara a casa a Tony. Era o máximo, o avião em que ela pensara em que todos sairiam, ela, Annie e Tony... o avião da família que nunca transportara uma família.

Durante o último ano, Freddy fizera várias tentativas de tirar seu coração do desespero a que fora lançado pelo divórcio, decolando com o Bonanza para um passeio à tarde, mas ficara desapontada por não conseguir recapturar a felicidade curativa do vôo. Com uma frequência cada vez maior, ela só encontrara um esquecimento temporário no trabalho no escritório, onde a solidão era povoada por colegas de trabalho e um fluxo constante de problemas que precisavam de solução. Precisava do som de vozes humanas, o contato com secretárias, contadores e gerentes, todos os outros seres humanos com que lidava no transcorrer de um dia, a fim de compensar a solidão angustiante de suas noites depois que Annie dormia.

Mas naquela manhã de inverno não podia ir ao escritório, não podia correr o risco de um encontro com Jock ou Swede. Jock roubara-lhe também a companhia, pensou ela, enquanto começava a inspecionar o avião. Venderia todas as suas ações e deixaria o negócio de carga aérea. Não podia continuar em sociedade com ele. Era inadmissível. Mas encontraria um meio de se livrar da companhia mais tarde, quando voltasse do vôo, pois aquele era o momento em que mais precisara de conforto do céu desde que retornara da Inglaterra.

Freddy olhou para cima. Quase não havia visibilidade. As nuvens baixas de inverno, parecendo um nevoeiro, da estação das chuvas na Califórnia se diluíam um pouco ao final da pista, mas no solo estava escuro, úmido, um tempo horrível. Não era um dia tentador, um leigo pensaria, para decolar com um avião. Depois que estivesse acima das nuvens, no entanto, depois que alcançasse a luz do sol, seria um dia tão bom quanto qualquer outro, só que não poderia ver o solo. E isso era ótimo, refletiu Freddy,

enquanto contornava atenta o Beechcraft, seria melhor não ter de lembrar que, não importava o quão alto voasse, a humanidade ainda rastejava lá embaixo. Apenas céu. Apenas horizonte. E mais importante ainda, nuvens para brincar. Ansiava por isso mais do que qualquer outra coisa.

O Bonanza tinha a manutenção de um dos mecânicos mais experientes da companhia, mas Freddy teve um cuidado extra em sua inspeção visual e física do exterior do aparelho, já que não o verificava pessoalmente há vários meses. Forçou-se a ser particularmente meticulosa porque estava tão ansiosa em decolar. O aeroporto encontrava-se sem movimento naquele início de manhã e, por causa do tempo, não havia outros pilotos particulares aterrissando e decolando. Ela taxiou para a extremidade da pista, o coração disparado com a ansiedade do cativo pela fuga, efetuou com absoluta eficiência a verificação anterior à decolagem, constatou que nenhuma das agulhas do painel de instrumentos se encontrava no vermelho e, finalmente, abandonando a disciplina, entregou-se ao esquecimento dos elementos, avançando pela pista para a promessa sedutora do céu.

Acima da camada de nuvens, era um dia de claridade intensa. A coberta por baixo era tão compacta que parecia uma tampa numa lata interminável. Não havia as nuvens sedutoras que Freddy esperava encontrar. Tudo estava comprimido, plano, por cima apenas a manhã clara, azul, sem mistério ou variedade. Um azul tedioso, pensou Freddy, com um desapontamento hostil, um azul que nada continha que pudesse ajudá-la a desanuviar a mente e reduzir a raiva, o tipo de azul que um piloto só podia percorrer impaciente, a caminho de algum lugar.

Ela seguiu para o norte, em busca de alguma nuvem que pudesse ter se desligado da massa por baixo, mesmo que fosse uma nuvem bem pequena, apenas o suficiente para brincar um pouco. Se ao menos ela pudesse encontrar alguma tempestade, o tipo de tempestade que qualquer piloto sensato contornaria, uma tempestade óbvia e vulgar, repleta de ameaça, uma promessa de perigo espreitando na turbulência, enfrentar a aliança tácita em seu relâmpago, uma tempestade que a sacudiria na carlinga e exigiria toda a sua capacidade e experiência. Provavelmente sequer havia uma chuva miúda de onde estava até Chicago, pensou, contrariada. O dia era todo de visibilidade zero, sem qualquer ação.

Freddy correu os olhos pela cabine espaçosa e confortável, com repentina aversão. Que avião destituído de caráter! O couro era imaculado, o painel de instrumentos rebrilhando de novo, o metal do pedal do freio, que não tinha as marcas de um único pé, tão novo e impecável que ela arrastou o sapato por cima de raiva. Já voara milhares de aviões novos, direto da fábrica para as bases aéreas, era essa a função do ATA, mas nunca se ressentira por um aparelho ser novo como acontecia agora, com o Bonanza.

Aquele avião não apenas era novo demais, mas também extremamente desinteressante, concluiu Freddy, sombria, especulando por que se mostrara tão ansiosa por comprá-lo. O modelo fora introduzido no mercado apenas poucos anos antes, o primeiro monomotor projetado para transportar quatro pessoas a uma velocidade de cruzeiro de 280 quilômetros horários, um avião construído com a maior atenção para a qualidade em cada detalhe, um avião que todos consideravam incomparável. Ela o considerava um boi gordo miserável, pensou Freddy, furiosa, um boi voador que podia levar a mãe, o pai, dois filhos, um cesto de piquenique, malas, dois cachorros babando...

por que não um penico também, para aproveitar?

Ela circulou pelo céu vazio com o Bonanza, efetuando algumas acrobacias e constatando, sem ficar impressionada, que o boi voador era capaz de suportar a pressão. E por que não? Sem dúvida ela pagara alto por aquela limusine voadora, pensou, desdenhosa, experimentando um anseio intenso por voar alguma honrada banheira velha, alguma pipa antiga, com história acumulada em cada asa coberta de lona, um avião com individualidade e valor gravados em cada instrumento. Já se apaixonara por muitos aviões no passado, e nenhum deles jamais a traíra, nenhum a transformara no alvo de risos, um avião não distinguia que era uma mulher, com as fraquezas de uma mulher, usando-as para enganá-la, tratá-la como uma vítima, fácil de escarnecer, fácil de ludibriar... uma conquista fácil.

Havia uma pequena abertura na camada de nuvens à sua direita e ela voou por cima e mergulhou, a

fim de verificar por onde vagueara. Compreendeu que não sabia onde se encontrava, e o relógio informava que deixara Burbank há quase duas horas. Estava sobre o mar, um mar cinzento, com um horizonte que era apenas um pouco menos cinza. Um nevoeiro denso seguindo na direção de Santa Monica.

Todos os aeroportos por muitos quilômetros ao redor estariam fechados, a não ser para os vôos com instrumentos... ou talvez para todo e qualquer vôo.

Poderia muito bem estar sobre a Lapônia, refletiu Freddy, sacudindo a cabeça, em amargura, lembrando o dia em que voara sobre o Pacífico pela primeira vez, tão delirante com o céu que teria perseguido os barcos a vela pela beira do horizonte se Mac não a detivesse. Tão jovem, tão impetuosa... tão feliz. Fora naquele dia que ela solara. A 9 de janeiro de 1936... dentro de poucos dias faria dezesseis anos. A metade de sua vida.

Não olhe para trás, disse Freddy a si mesma, nunca olhe para trás. Devia estar com fome, concluiu. Não comera nada pela manhã, vomitara o jantar; portanto, mesmo que não estivesse com fome, precisava de comida. O lugar mais rápido em que poderia encontrar alguma coisa para comer era no aeroporto em cima de Catalina Island. Já estivera lá muitas vezes, uma pista pequena e malcuidada, sem uma torre, mas o único lugar para pousar nas proximidades, com a distinção de ficar a mais de quatrocentos metros de altura, no topo de uma ilha rochosa deserta, com um nome romântico e uma enseada que fora um paraíso do jogo nos anos trinta. Havia um café em operação permanente à beira da pista, pois Catalina era uma excursão popular e simples com tempo bom. Teria o lugar só para si hoje, o que combinava com seu ânimo, pensou Freddy, enquanto seguia para o pequeno monte familiar e com o topo plano, à distância no oceano.

Num dia claro, como os corretores imobiliários sempre ressaltavam, era fácil avistar Catalina. Mas não hoje, ela compreendeu, enquanto começava a desaparecer. Verificou a bússola, ajustou o curso e apontou o Bonanza direto para a ilha.

Ao se aproximar de Catalina, uma lufada de nevoeiro, denso e desorientador, deslocando-se muito mais depressa do que ela calculara, cobriu inesperadamente o pára-brisa. A proa e as asas do avião sumiram. Parecia que ela voava numa carlinga mágica. E qual é o problema?, pensou, furiosa. E daí? Um nevoeiro da Califórnia não era nada. Sempre podia subir e alcançar a luz do sol, mas queria tomar um café, possuía aquele território, era seu céu pessoal, conquistara-o quando era uma garota, vencera-o muitas e muitas vezes, não podia permitir que um pequeno nevoeiro de merda a afugentasse. Era a única pessoa em seu céu, e conhecia tão bem o acesso a Catalina que poderia fazê-lo com os olhos vendados. Ela verificou o altímetro. Tinha bastante altitude, o que era a única coisa com que se preocupar, enquanto começava a planejar o pouso.

Movendo-se com extrema habilidade, manejando o avião com absoluta confiança, a coordenação inalterada pelas emoções ou o nevoeiro, Freddy voou o retângulo invisível perfeito que a levaria, dentro de um minuto, a aterrissar na pista em cima do penhasco sem árvores. O Bonanza foi reduzido à velocidade de pouso precisa, o trem de aterrissagem baixado, os flapes estendidos.

Baixo demais, foram as únicas palavras que Freddy teve tempo de pensar enquanto Catalina, como uma trovoada silenciosa, emergia ao seu encontro do nevoeiro, uma muralha de rocha, inescapável. Havia um segundo de sobra, apenas o tempo suficiente para levantar bruscamente a proa do avião; assim, quando bateu, estava em ângulo com a encosta da montanha. O Bonanza espatifado ainda subiu pela encosta por metros e metros, antes de ricochetear e cair numa ravina, onde se partiu e o ruído cessou.

Marie de La Rochefoucauld podia ser uma jovem czarina, podia ser uma infanta da Espanha, pensou Bruno. E, no entanto, era milagrosamente francesa. Nunca imaginara que alguém, naquele circo bárbaro de Manhattan, pudesse ser francês de maneira tão consumada e impecável, algo impresso em cada detalhe de seu porte, aparência e fala, a essência de uma francesa bem-nascida, como uma fragrância no ar ao seu redor, que recendia pelo ambiente quando ela se movia. Marie de La Rochefoucauld trazia a França — a velha França

— quando entrou na sala, tão despreziosa que mal deslocou a atmosfera, mas com uma presença serena, com uma dignidade tão suave e absoluta que as cabeças viravam em sua direção, trocavam olhares, sinalizavam perguntas, já invejosas, já aquisitivas. Precisavam saber quem ela era, aqueles cidadãos empedernidos daquela cidade de pedra, pois aquela mulher era tudo o que eles nunca poderiam ter a esperança de se tornar. O mero fato de ser capaz de identificá-la já lhes conferia alguma distinção.

Bruno fora uma das primeiras pessoas em Nova York a conhecer Marie de La Rochefoucauld, uma das muitas filhas da mais prolífica família nobre em toda a história da França, uma família cujos membros, sob o registro de "Casa de La Rochefoucauld", ocupavam mais de uma página inteira na bíblia da aristocracia, o *Bottin Mondain*; uma família de ramos inter-relacionados, adornada por três duques; uma família tão grande que vários herdeiros de La Rochefoucauld casaram com herdeiras La Rochefoucauld, ao longo dos séculos; uma família aliada a todos os grandes nomes da França; uma família cujas origens estavam "perdidas no tempo".

Bruno conhecera um de seus irmãos na escola e fora por intermédio dele que se encontrara com Marie logo depois que ela chegara, a fim de fazer o mestrado em artes orientais na Universidade de Columbia. Por que ela queria fazer isso era apenas um dos muitos mistérios maravilhosos de sua personalidade excepcionalmente independente.

Como ele pudera esperar que nunca se apaixonaria? Por que tinha tanta certeza que era diferente dos outros homens, perguntou-se Bruno, e, no entanto, se soubesse, se sequer desconfiasse como era o amor, como conseguiria suportar os anos de espera, até conhecer Marie? Naquela primavera de 1951 ele foi invadido por uma emoção espantosa, que se espalhou por todo o seu corpo, até que se imaginava parecendo um gráfico do sistema circulatório, cada artéria, veia e vaso sanguíneo um caminho vertiginoso do primeiro amor, tudo ainda mais angustiante porque ele estava com 36 anos, e Marie tinha apenas 22.

Mas Marie não o tratava como se o considerasse velho demais para ela, refletiu Bruno, sentado em sua sala no banco, imobilizado pelo amor. É verdade que Marie ainda não sabia o que Bruno sentia por ela. Comportava-se em relação a ele com a cordialidade muito simples, mas um pouco reservada, a mesma cordialidade, Bruno não podia deixar de admitir, que dispensava a todas as outras pessoas conhecidas.

Marie estava hospedada na vasta casa de pedras dos John Allens.

Há muitos anos que os Allens eram amigos dos pais de Marie, os dois casais ligados por uma paixão comum pela cerâmica chinesa, que colecionavam com a falta de interesse afável dos conhecidos.

Os Allens convidaram Marie a ficar em sua casa durante os dois anos de seus estudos, colocando vários cômodos à sua disposição.

Ela tinha uma sala de estar onde, de vez em quando, recebia seus novos americanos para chá ou xerez, embora seus dias raramente fossem bastante longos para permitir tempo a tais questões, pois em Columbia se empenhava a fundo nos estudos.

Tão brilhante quanto uma jóia da coroa, Marie era pequena e esguia. Tinha cabelos pretos, compridos, lisos e lustrosos, que caíam quase até a cintura, escovados para trás da testa branca e sem qualquer vinco, presos na nuca com uma fita de seda. Os olhos eram cinzas, sob sobrancelhas pretas finas, de formato tão adorável que poderiam ter sido desenhados por Leonardo, o nariz fino descrevia um arco delicado. A boca era gentil, de contornos perfeitos, sem ser afetada por batom. Havia pouca cor em seu rosto requintado; o fascínio estava no contraste da negrura dos cabelos, a brancura da pele delicada e o cinza-claro e excepcionalmente suave dos olhos.

Marie vestia-se de maneira inocente, quase infantil, em suéteres, blusas e saias simples, ingenuamente arrematadas por uma echarpe rendada, um colete de veludo ou um casaco bordado, em que parecia antiquada, num estilo encantador, numa cidade em que os costumes sob medida eram a regra. Ela poderia ter encontrado as roupas no sótão de um dos *châteaux* da família, pensava Bruno, enquanto ansiava por lhe comprar roupas suntuosas e belas jóias. No aniversário de Marie, ele fora ao melhor negociante de antiguidades orientais da cidade e comprara-lhe um vaso de porcelana branca Ching-te-chen, da dinastia Sung, incomparável em seu formato simples e sem adornos. Marie o contemplara extasiada e recusara-se a aceitar, porque conhecia o valor da obra de arte de setecentos anos. Se aceitasse o vaso, seria como se permitisse que ele lhe desse um casaco e zibelina. Agora, a peça de cerâmica rejeitada estava no consolo da lareira de seu quarto, a fim de lembrá-lo que não devia se comportar como um *nouveau riche* enfatuado com Marie de La Rochefoucauld.

Ela era dotada de tanta pureza que o levava à loucura. Marie nunca mencionou o fato, mas Bruno, que se tornara o detetive que todo homem apaixonado encontra em seu íntimo, descobriu que ela ia à missa bem cedo, todos os dias. Um dia, quando chegou alguns minutos cedo demais para o chá e descobriu-se como o único convidado, sozinho em sua sala de estar, olhou através de uma porta entreaberta e vislumbrou um canto do quarto, onde um *prie-ieu* antigo estava colocado diante de um crucifixo. Não ousara empurrar a porta mais um pouco e a imagem da cama invisível se tornara um mistério sagrado para ele, um mistério sobre o qual se considerava indigno de especular.

Quando acordava de madrugada, o que acontecia agora com uma freqüência cada vez maior, Bruno descobria-se a imaginar como era possível ter se apaixonado de maneira tão completa e inesperada por uma jovem inexperiente, religiosa, intelectual e virtuosa, cuja vida sempre transcorrera tranqüila em conventos, salas de aula e museus; que não se importava com a sociedade, intrigas amorosas, posição ou bens materiais; cujo desejo, se tudo o que ele deduzia fosse correto, era passar a maior parte de sua vida em busca do conhecimento, pelo puro prazer do saber; uma jovem que era, do ponto de vista sensual, uma página em branco, à espera, sem impaciência, pelo destino que poderia ou não lhe proporcionar um marido e filhos.

Seria apenas uma atração por uma virgem idealizada que o dominara, após viver tantos anos com as fantasias mais secretas e envergonhadas das mulheres maduras do mundo? Seria uma aberração, nascida da saciedade sexual? Poderia explicar como um fascínio por ela ser tão francesa, fazendo com que ele, o exilado com saudade de sua terra, acreditasse que Marie, e apenas Marie, o salvaria do deserto que era sua vida?

Nenhuma dessas explicações racionais jamais durava mais do que o tempo que Bruno levava para formulá-las. Desvaneciam-se assim que pensava em Marie, virando a cabeça ativa em sua direção e rindo de um dos seus gracejos, deixando que a levasse para jantar fora e ao cinema, pois adorava os filmes americanos — e quanto mais tolos, melhores —, gostava de Nova York, obrigando-o a acompanhá-la em viagens pelo metrô e a pegar o ônibus da Quinta Avenida até o Washington Square Park. Ficavam olhando os enxadristas no parque e depois seguiam a pé até a Bleecker Street, procuravam um café barato de estudantes, onde ela gostava de se sentar e observar a vida boêmia turbilhonar ao seu redor. Bruno só desfrutava essa felicidade de vez em quando, nos fins de semana, pois nas noites dos dias úteis Marie jantava com os Allens e estudava antes de dormir.

Havia outros homens em volta de Marie. Os Allens apresentaram-na a alguns dos jovens solteiros mais atraentes de Nova York, mas ela jamais demonstrara preferência por qualquer um, constataria o vigilante e ciumento Bruno. Acima de tudo, nenhum dos outros que a cortejavam era francês, nenhum era sequer capaz de falar um francês razoável, e Bruno tinha certeza, tanta quanto podia ter de qualquer coisa, que Marie não tinha a menor intenção de passar o resto da vida nos Estados Unidos. Por mais que se divertisse em Nova York, por mais que se sentisse gratificada com os estudos, ela já lhe confidenciara que sentia muita saudade de sua enorme família. Bruno conhecia Marie de La Rochefoucauld desde o Natal de 1950, e agora, ao final da primavera de 1951, ela aguardava ansiosa o verão que passaria na França.

— Partirei no *Ile de France* no dia em que as aulas terminarem e não voltarei antes do início do semestre do outono... três meses inteiros — comentara ela, na maior felicidade. — Vai passar suas férias de verão na França, não é mesmo, Bruno? Até os banqueiros de Nova York devem tirar algumas semanas de folga.

— Claro que sim. — Bruno não pudera pensar em nenhuma explicação para que um francês não voltasse à sua terra nas férias. Era tão tradicional, um comportamento tão básico, que pareceria estranho se dissesse que tinha outros planos. Os franceses não viajavam fora de seu país, se podiam evitá-lo.

Marie convidara-o para uma visita ao *château* perto de Tours, onde sua família passava os verões. Ele dissera que faria tudo para ir, embora soubesse que permaneceria separado de Marie durante todo o verão, e que cada dia traria a possibilidade de que ela se apaixonasse por alguém. O maior medo de Bruno era o de que Marie pudesse não voltar a Nova York para concluir os estudos na Columbia, pois lhe parecia impossível que ela continuasse com o coração livre durante os dias e noites alegres e hospitaleiros de um verão inteiro.

Contudo, Bruno não se atrevia a voltar à França, nem mesmo para visitar Marie por poucas semanas. O *château* La Rochefoucauld não ficava perto de Valmont, mas os tambores da selva da aristocracia francesa logo transmitiriam a notícia de que Bruno de Lancel retornara à terra natal, depois de uma longa e extraordinária ausência. Era inevitável que o pai tomasse conhecimento, e Bruno sabia que a proibição e as ameaças de Paul não poderiam ter mudado em seis anos. O pai faria mesmo o que dissera. Bruno apalpour a cicatriz que ainda existia no lábio superior.

Por que não pedi-la em casamento agora, antes de sua partida?, perguntou-se Bruno, pela milésima vez. Como sempre, a resposta foi a mesma. Marie não estava apaixonada por ele, e por isso o recusaria, da forma encantadora e segura com que recusara o vaso Ching-te-chen. E, nesse caso, não poderia mais visitá-la com tanta freqüência, não poderia reclamar suas noites livres, não poderia conquistar seu amor. As regras pelas quais Marie vivia, regras que ele respeitava por serem parte do mundo que partilhavam, impediam-na de encorajar falsas esperanças. Ela teria o cuidado escrupuloso de não mais ficar a sós com ele, depois que soubesse como se sentia. Com gentileza e firmeza, haveria de afastá-lo de sua vida, pois Bruno de Lancel não era um homem que pudesse relegar à posição de simples amigo.

Ele devia correr o risco de perdê-la durante o verão, já que a única alternativa era perdê-la agora, de uma vez por todas.

As cartas de Jeanne continuavam a chegar. Estava tudo bem com sua família, a governanta tinha o prazer de assegurar. "Sei que ficará contente em saber, *Monsieur* Bruno, que tudo está como deve ser em Valmont."

— Sr. Hampton, não faz sentido continuar aqui por mais tempo — disse o Dr. David Weitz a Jock, que não deixara o corredor, na frente do quarto de Freddy no Hospital Cedros do Líbano, desde que ela fora trazida numa maca, dezoito horas antes, uma múmia grotesca, envolta por um sarcófago de branco, identificada apenas pelos cabelos vermelhos. — Prometo telefonar no instante em que houver a menor mudança no estado da Sra. Longbridge.

— Ficarei aqui — murmurou Jock, obstinado, pela décima vez.

— Não há como saber quando ela sairá do coma. Pode ser dias. Ou semanas. Ou meses. Não está sendo racional, Sr. Hampton.

— Sei disso. — Jock virou-se, sentindo outra onda de hostilidade intensa e ilógica contra David Weitz. O homem era muito jovem, Jock insistiu para si mesmo, não tinha condições de estar no comando de qualquer coisa. Ele telefonara para Swede e pedira que descobrisse quem era o médico.

Weitz tinha 42 anos, era muito respeitado, o mais jovem chefe de neurologia que o grande hospital já tivera. Não havia autoridade superior no Cedros a quem pudesse apelar para providenciar um médico mais velho, mais sensato, mais experiente. Todos os médicos com que Swede falara haviam afirmado que tinham muita sorte por contarem com Weitz como supervisor do caso de Freddy.

A informação tranqüilizara Jock apenas por um minuto. Ali estava aquele sujeito de apertadas 42 anos, dando ordens a um grupo de residentes, convocando os especialistas de que precisava, tomando decisões que transmitia às enfermeiras que atendiam a Freddy 24 horas por dia, nenhuma das quais tinha tempo de explicar a Jock, a não ser no típico estilo seco dos médicos para os leigos.

Enquanto isso, Freddy se encontrava num quarto em que Jock não podia vê-la nem ajudá-la, toda arrebatada, ferida de uma maneira que ele não entendia, que eles pareciam não entender ou poderiam ser mais acurados sobre seu estado. Ali estava aquele estranho, que se tornara de repente a pessoa mais importante do mundo, porque caberia a ele recuperar Freddy, fazer com que ficasse boa de novo, mas sequer a conhecia, nunca a encontrara antes, não a ouvira falar, rir, não a observara andar, não podia ter a menor idéia de como ela era... essencial... necessária.

A vida de Freddy estava nas mãos daquele homem, o que significava que Jock estava totalmente dependente de Weitz, e o odiava por isso. Tinha vontade de agarrar o jovem e alto médico pelos ombros, sacudi-lo, até que desaparecesse de seu rosto a expressão confiante, controlada, intensa, até que os óculos caíssem e quebrassem, tinha vontade de lhe gritar que precisava fazer com que Freddy ficasse boa... tinha vontade de incutir o temor de Deus no desgraçado, fazê-lo compreender o quanto estava em jogo, que o mataria com as próprias mãos se não fizesse seu trabalho direito...

e ao mesmo tempo não se atrevia a ofendê-lo.

Jock ficou andando de um lado para outro do corredor, pensando com raiva na enfermeira que lhe dissera que era um milagre que Freddy tivesse sobrevivido ao acidente. O que sabia aquela mulher?

Claro que ela tinha de sobreviver. Afinal, não fora um acidente, será que não entendiam que não havia por que usar essa palavra?

Freddy apenas fizera uma aterrissagem ruim, descera com velocidade excessiva. As pessoas não morrem de aterrissagens ruins, apenas ficam abaladas, quebram a perna ou a clavícula, até mesmo mais um osso, mas ossos sempre acabam se recuperando, ninguém morre de fraturas. O que Weitz quisera dizer com "lesão na cabeça"? Se o crânio não estava fraturado, qual era o problema?

Havia cadeiras no corredor, e Jock tentou sentar-se por um momento. Andara tantos quilômetros que as pernas estavam quase pesadas demais para se levantar, mas se sentar foi pior, porque sentia que fazia alguma coisa enquanto andava, não se limitava a ficar numa espera impotente. Empoleirou-se no sofá, na mesma falsa posição relaxada que usava para se acomodar perto de seu avião, quando a esquadrilha se encontrava de prontidão, à espera da ordem de decolar numa missão de combate.

Malditos idiotas incompetentes e criminosos da torre de Burbank, pensou ele, por não terem fechado o aeroporto ontem. Ninguém deveria ter permissão para decolar com aquele tempo. Malditos até os idiotas bem-intencionados e desajeitados do café no aeroporto de Catalina, que desceram a encosta para resgatá-la. Só Deus sabia quantos danos haviam causado, carregando-a para o topo da montanha como um saco de batatas, descendo aos solavancos pela estrada sinuosa até o porto e na viagem de barco para o continente. Oh, Deus, que lugar para um pouso ruim no nevoeiro! Que ardesse para sempre no inferno o aeroporto de Catalina pelo mero fato de existir! A quase quinhentos metros de altitude sem uma torre,

sem comunicação pelo rádio... deveria ser bombardeado por completo, a fim de que ninguém jamais se sentisse tentado a pousar ali de novo, não que ele pensasse por um instante sequer que Freddy pretendia pousar ali com visibilidade zero. Era evidente que ela se desviara do curso, perdera-se no súbito nevoeiro, essa era a única explicação possível para sua presença nas proximidades daquele rochedo traiçoeiro e mortífero, Freddy era uma aviadora cuidadosa.

Nunca sofrera qualquer acidente em seis anos no ATA.

Mas o que dera nela para sair voando no dia anterior? Que idéia absurda fora essa, indagou-se Jock, desesperado, pensando em todas as coisas que se prometera que explicaria a Freddy, todas as palavras que ensaiara durante a longa e insone noite depois da reunião da Esquadrilha Águia. Planejara ir à casa de Freddy bem cedo, obrigá-la a escutar, obrigá-la a compreender e perdoar. E isso aconteceria, ele sabia, porque era inegável que Freddy se encontrava pronta para amá-lo, finalmente, como ele sempre a amara. Não se podia... perder... o verdadeiro amor, logo no momento em que quase o encontrava. Ou será que era possível?

O globo de luz no teto tinha uma mosca morta dentro, pensou Freddy, vagamente consciente de que já tivera o mesmo pensamento antes, recorrente pelos ciclos turbilhonantes de tempo, martelando era após era em vidas sem princípio e fim. Talvez aquilo fosse o inferno; deitada para sempre, imobilizada, totalmente sozinha, incapaz de chamar alguém, no fundo de um vaso branco cheio até a borda de águas escuras e perigosas, observando a mancha negra de uma mosca morta num globo de luz, que parecia permanentemente aceso. Estaria olhando um espelho? Seria ela a mancha preta e morta presa dentro do globo? Um pânico como jamais conhecera começou a fazer as têmporas latejarem, e ela compreendeu que nunca seria capaz de gritar por socorro. Os olhos se abriram, mas a boca estava coberta, as mãos incapazes de se mexerem. Fora enterrada viva.

— Está acordada — disse uma voz de homem. — Muito bem, menina.

Uma mão pegou-lhe o pulso, um polegar se comprimiu contra a veia. Era a salvação. Não estava no inferno. Não estava condenada.

— Não tente fazer perguntas — disse a voz de homem na próxima vez em que ela despertou. — Fraturou o maxilar, e tivemos de ligar com um arame para sarar. É por isso que não pode falar. Eu lhe direi tudo o que quer saber. Não desperdice sua energia, pois vai precisar de toda. Prometo que ficará tão boa quanto antes, mas agora se encontra muito fraca, e sei que sente dor. Estamos lhe dando tanto medicamento para a dor quanto é possível, mas não podemos eliminá-la por completo. Sou o Dr. David Weitz. Você é Freddy Longbridge. Está no Hospital Cedros do Líbano. Sua mãe chegou da França e está tomando conta da menina. As duas passam bem.

Tudo o que você tem de fazer é se recuperar. Não pode receber visitas por algum tempo. Deve tentar não se preocupar com coisa alguma. Garanto que o mundo saberá cuidar de si mesmo. Deve apenas relaxar e dormir. Enquanto dorme, estará melhorando. Quando acordar, a enfermeira me chamará onde quer que eu esteja e virei assim que puder. Tem enfermeiras particulares, e nunca ficará sozinha, por um minuto sequer. Durma agora, Sra. Longbridge, feche os olhos e relaxe. Não há nada com que se preocupar. Estou aqui para atendê-la.

Freddy tentou agradecer com os olhos. Ele fitou-a e sorriu, ela percebeu que ele compreendia. Freddy fechou os olhos e dormiu.

— Talvez você possa tentar falar hoje — sugeriu David Weitz a Freddy.

Ela recebera alimentação intravenosa nas três semanas em que estivera em coma, e depois fora alimentada através de um canudo, até o maxilar se recuperar. As ligações haviam sido removidas no dia anterior, mas ela sentia muito medo para tentar falar.

— Annie? — perguntou ela, sem mover os lábios, num fio de voz, que saía do fundo da garganta.

— Está muito bem. Neste momento se encontra na escola. Sua mãe virá mais tarde. Como se sente?

— Melhor.

— E está mesmo. Muito melhor.

— Quanto... tempo?

— Há quanto tempo está aqui? Mais de um mês, mas isso não é importante. Não vai parecer tanto tempo assim agora que pode falar.

— Quanto... mais?

— Não posso dizer com certeza. Bateu com a cabeça ao ser projetada do avião. Isso causou o que chamamos de lesão fechada da cabeça, uma lesão em que não há fratura do crânio, mas uma súbita lesão no cérebro... como se fosse uma equimose... o que fez com que o fluido se acumulasse. Por isso é que entrou em coma a partir do momento em que bateu no solo. O coma, no entanto, durou relativamente pouco tempo. Quando o fluido finalmente desaparece, pode-se esperar a recuperação completa, talvez com um pouco de perda de memória. Mas não sabemos quanto tempo isso vai levar. É um processo lento, não há nada que possamos fazer para acelerá-lo. Enquanto isso, você tem várias outras coisas para terminar de recuperar.

Duas pernas fraturadas, um braço, um pulso, o nariz, um malar...

felizmente não houve lesão na espinha, nem fraturas pélvicas. Está indo muito bem. — David Weitz inclinou-se sobre ela, espiando atentamente através dos óculos, os olhos escuros ampliados, enquanto ela lhe piscava, tentando entender tudo o que acabara de ouvir.

— Não pense nos ferimentos — disse ele, lendo os pensamentos de Freddy. — Estou orgulhoso de você... vai ficar inteiramente curada. Quero que saiba que temos de cuidar de várias coisas, mas não há nenhuma que escape ao nosso controle. Sente-se pronta para ver sua mãe? Quer? Muito bem, mas direi a ela para não ficar por mais que poucos minutos. Voltarei mais tarde.

Ficara contente por ver a mãe, pensou Freddy, as pálpebras tornando a fechar, mas se sentia exausta, depois da curta visita. Não tinha forças para falar, a não ser com o médico. Até hoje, viver através de cada minuto fora o limite de sua vida. "O mundo saberá cuidar de si mesmo", dissera David Weitz; em meio à dor, em meio à confusão em sua cabeça, através das noites terríveis e dias assustadores, toda enfaixada, a boca fechada, os membros engessados, apenas um braço ileso, ela se apegara à corda salvadora de suas palavras. Repetira-as para si mesma, muitas e muitas vezes, havia magia nas palavras, um pouco de força do médico se transferira para ela. Abdicara de sua vontade, pusera-a de lado, como ele desejava, porque confiava absolutamente em David Weitz. A devoção dele era abstrata à causa da cura, mas ao mesmo tempo pessoal, porque ela era sua paciente.

Agora, com a presença de Eve, o mundo real retornara ao seu quarto no hospital, um mundo que não a agradava. Estava muito frágil, muito enfraquecida, muito doente para enfrentá-lo. Não queria pensar, falar com as pessoas. Mesmo tentar contrair os cantos da boca num sorriso era lhe pedir demais. Diria às enfermeiras que ainda era muito cedo para receber visitas, decidiu Freddy. Quando David Weitz voltaria, para examiná-la outra vez?

— As enfermeiras me contaram que não pediu um espelho — disse David Weitz a Freddy.

— Não.

— Não é tão ruim quanto pensa. Com a ajuda da cirurgia reconstrutora, pode ter a esperança de parecer como antes. Felizmente, a Califórnia é a capital mundial dos cirurgiões plásticos. Pode haver algumas cicatrizes, depois da cirurgia, das lacerações que sofreu... depende da recuperação de sua pele... mas será capaz de encobrir a maior parte com os cabelos. Mas quanto a tocar violoncelo...

— Quem disse que eu tocava violoncelo? Nunca toquei em nenhum.

— É um alívio, pois se trata da única função que não podemos prometer que vamos restaurar.

Freddy riu pela primeira vez desde o acidente.

— Isso é uma piada de médico?

— Uma clássica.

— E se dissesse isso a uma violoncelista?

— Não diria. Verifiquei antes com Annie para ter certeza.

— Obrigada por dizer a ela como eu parecia. Fiquei com receio de que ela se mostrasse apavorada ao me ver. Ela contou que fez desenhos para que soubesse como estavam as ataduras e gessos.

— É uma menina maravilhosa.

— Tem filhos?

— Não. Divorciei-me há muito tempo, antes de poder ter filhos.

— Também sou divorciada.

— Annie me disse.

— Deve ter sido uma conversa e tanto. O que mais ela contou?

— Falou sobre o pai, a escola, seus planos para aprender a voar.

— Já terei saído daqui antes de começarem as férias de verão de Annie?

— Acho que não. Ainda não está pronta para sair da cama. Quando estiver, vai descobrir os músculos muito fracos por ter passado tanto tempo deitada. Precisarão de muita fisioterapia.

— Então vou mandá-la para a Inglaterra. Ela pode passar o verão em Longbridge Grange, com os avós. O pai provavelmente também está lá.

— Está, sim. Falei várias vezes com ele pelo telefone. Mas não tanto quanto falei com o Sr. Hampton.

— Ele o está incomodando?

— Não mais do que duas vezes por dia. Ou três. Recusa-se a acreditar que você não quer receber visitas. Tem certeza que não quer vê-lo?

— Absoluta. Mas receberei Swede Castelli e providenciarei para que Jock deixe de incomodá-lo. — O tom de Freddy era determinado.

— Tem alguma idéia do quanto está melhor, Sra. Longbridge?

— Graças à sua ajuda, Dr. Weitz.

— Não diga bobagem. É uma lutadora. Aquelas primeiras semanas... fiquei preocupado.

— Não me preocupe. Disse para eu não me preocupar e obedeci.

Disse que cuidaria de mim.

— Então se lembra disso, Sra. Longbridge?

— Freddy... não quer me chamar de Freddy?

— Claro. Sou David.

— Sei disso.

— Tenho de ir agora. Voltarei para vê-la de novo mais tarde, antes de sair para meu consultório.

— Obrigada, David.

— Puxa, Freddy, pensou que ainda era uma dublê, fazendo acrobacias aéreas? O que é isso?

— Já sei de tudo, Swede. Ouvi que parece pior do que é. Não me dei o trabalho de inspecionar os danos. Mas ficarei boa... é apenas uma questão de tempo e paciência. Não se preocupe. Como estão as coisas na companhia?

— Os negócios vão muito bem. Todos os aviões voando, cargas plenas nas duas direções, estamos fazendo os acionistas muito felizes. Mas a moral no escritório anda baixa.

— Como assim?

— Sentimos sua falta, a visão de seu rostinho engraçado, o som de seus passos, a sua maneira brusca de nos manter alertas.

— É melhor se acostumar, Swede. Não voltarei.

— Não se encontra em condições de tomar decisões. Não acredito em você.

— Faça como quiser. Não me importo. Escute, Swede, você precisa dar um jeito para impedir que Jock continue a procurar o Dr. Weitz. Ele é um homem muito ocupado e não tem tempo para essas coisas.

— É uma coisa terrível para dizer. Jock se encontra num péssimo estado. Pior do que você, exceto pelos gessos e ataduras.

— Não me interessa como ele está. Não quero vê-lo. E não quero que ele continue a incomodar o Dr. Weitz. Meterá isso na cabeça de Jock?

— Posso tentar. Mas sabe como ele é.

— Sei, sim, infelizmente. Conheço-o até bem demais.

— Ora, Freddy, não sabia que você podia ficar tão amargurada.

— Estava na hora de eu aprender a cuidar de mim mesma, Swede.

— O que quer dizer com isso?

— Swede, velho amigo, ainda não tenho muita força. Obrigada por vir. Conto com você para dar um jeito em Jock.

— Claro, Freddy. Cuide-se bem. Jock não é o único com a moral baixa.

— Dê-me um beijo, Swede.

— Seus dedões dos pés estão me parecendo lindos.

— Eu sabia que você encontraria alguma coisa.

Eve persuadiu Freddy a permitir que Annie saísse da escola antes do término das aulas, a fim de poder voar de volta à Europa com a neta, deixando-a em Londres com Tony, antes de seguir para Paris.

Eve precisava muito voltar à Champagne, onde o ciclo da hospitalidade não poderia começar sem sua presença. Já passara tempo demais longe de Valmont.

Jock levou-as ao aeroporto, a fim de pegarem o avião para Nova York. Enquanto Annie explorava o aeroporto, na espera da ordem de embarque, Jock sentou-se com Eve, sombrio, relutante em vê-la partir.

— Mas que droga, Eve, vou sentir muita saudade — murmurou ele, segurando a mão de Eve e apertando-a.

— Jock, querido, todos aqueles jantares, os cinemas, os passeios nos fins de semana... o que Annie e eu faríamos sem você? Nunca deixou que nos sentíssemos sozinhas por um minuto sequer. É um amigo maravilhoso. Tem um convite permanente para se hospedar conosco na Champagne, por tanto tempo quanto quiser, no momento em que quiser.

— Talvez algum dia. Eve, escute, sobre Freddy...

— Eu tentei, Jock, sabe que tentei, várias vezes, mas ela não quer vê-lo. Pensei... é possível que ela esteja esperando até parecer melhor, talvez seja apenas vaidade.

— Até que ponto Freddy é vaidosa? Ora, Eve, sabe muito bem que não pode ser isso. — O rosto de Jock era uma máscara de total desespero.

— Provavelmente está certo, Jock. Mas ela não quis falar a respeito. Não consegui lhe arrancar uma única explicação. Freddy não me fala sobre muitas coisas, nunca tivemos esse tipo de relacionamento... minhas duas filhas guardam muitos segredos. E eu... ora, também já tive meus segredos. Somos esse tipo de família. Agora, com Delphine, é diferente. .. conversamos muito... mas Freddy... — Eve deu de ombros — Freddy, mesmo abalada, enfraquecida, não confiava coisa alguma à mãe.

— Aquele miserável do Weitz... sei que ele está tentando fazer a cabeça de Freddy — murmurou Jock, numa suspeita sombria.

Até mesmo os cabelos dourados que caíam sobre a testa pareciam ter-se escurecido com seu desespero.

— Pare com isso, Jock! Não está deixando sua imaginação escapar ao controle? A pobre Freddy está longe de ser um alvo de desejo neste momento.

— Você é mãe, não pode entender o que Freddy irradia. É seu... seu espírito... que ele está

querendo.

— Freddy é paciente do Dr. Weitz. Seu interesse é curá-la. Os médicos não "tentam fazer a cabeça" de todas as mulheres que se tornam suas pacientes.

— Ela é diferente de todas as mulheres. Sempre foi. Nenhuma outra jamais chegou perto.

— Não vou discutir isso com você, Jock. Depois que ela sair do hospital, depois que puder lhe falar, as coisas entre vocês dois podem mudar. Mas qualquer que seja o problema, não pode fazer nada a respeito agora. Dê algum tempo.

— Tenho opção? — indagou Jock, encostando a testa nas mãos e sacudindo a cabeça.

Não, pensou Eve, não tem mesmo nenhuma opção. De alguma forma, Jock, deve tê-la magoado profundamente, mesmo sendo um homem tão afetuoso e generoso, sem saber o que estava fazendo. Freddy concede seu amor de maneira tão completa, tão cega, tão resoluto e tão raramente... mas depois que ela afasta alguém de sua vida, não resta muita esperança. Olhe só o que aconteceu com Tony. Nunca mais disse uma só palavra a seu respeito. Como aquele tal de McGuire... é como se os dois cessassem de existir... nunca tivessem existido. Eve olhou para Jock, sentado ao seu lado no sofrimento mais intenso, e concluiu que sua amada, intratável e teimosa filha Marie-Frédérique devia ser considerada legalmente insana. Se algum homem tão gentil e decente quanto Jock, se algum homem tão bom — quase absurdamente — de se olhar estivesse apaixonado por ela, há tanto tempo quanto desconfiava que Jock estava apaixonado por Freddy, ela com toda certeza lhe daria uma chance, independente do que ele tivesse feito. No mínimo, uma mísera chance. E por que não uma dúzia? O que havia a perder?

Não restava a menor dúvida de que ela parecia bem agora, admitiu Freddy, contemplando-se no espelho de mão, numa tarde ao final de agosto. Exceto por uma cicatriz branca, comprida e fina, que se estendia da orelha quase até a ponta do queixo, uma cicatriz que nunca seria escondida por maquiagem, bronzeado ou uma hábil arrumação dos cabelos... ela podia se reconhecer. A fisioterapia no hospital consumia a maior parte dos seus dias. Podia andar sem claudicar; os músculos recuperavam a força anterior.

Por que continuava no hospital? Não tinha o direito de ocupar um leito, num quarto particular, quando devia haver pessoas doentes de verdade que precisavam da vaga. Contudo, a perspectiva de voltar para casa, uma casa tão grande e solitária, vazia a não ser por Helga e a criada, era terrível, assustadora. Os pais haviam-na convidado a ir a Valmont para a colheita. Delphine a convidara a ir a St. Tropez, onde ela e Armand haviam comprado uma *villa*, e permaneceriam lá até outubro.

Mesmo enquanto pensava nessas possibilidades, Freddy encolhia-se interiormente. Não podia se aventurar tão longe de seu quarto quanto o saguão do hospital, muito menos viajar à Europa. Talvez Annie pudesse ficar na Inglaterra pelo resto do ano. Isso mesmo, um ano de escola na Inglaterra seria bom para ela, pois se sentia muito feliz com Penelope, Gerald e Tony. Assim, pensou Freddy, ela não precisaria deixar o hospital; não teria de sair do quarto.

Sentia-se segura ali no Cedros. Havia bem pouca segurança no mundo. Delphine e sua mãe não entendiam isso? Não tinham percepção suficiente para compreenderem o perigo? Como podiam esperar que as visitasse, como se vivessem logo depois da esquina? Não sabiam, como ela, que uma pessoa tinha de ficar num espaço pequeno e familiar, um espaço seguro em que não havia responsabilidades, decisões, preocupações, terrores, riscos ou surpresas? De seu quarto ao centro de fisioterapia do hospital, era a jornada mais longa que ela tinha condições de realizar; e era apenas a certeza de que poderia voltar ao seu quarto seguro, ao leito de hospital seguro; que lhe permitia efetuar a excursão pelo corredor comprido e movimentado, subir e descer a escada. Não usava o elevador... não queria usar... nunca usaria, não importava quanto a escada a cansasse... era um lugar horrível para estar... um lugar horrível e pernicioso.

— Como está se sentindo hoje, Sra. Longbridge? — perguntou a enfermeira-chefe do hospital,

entrando no quarto. — Ei, como está adorável!

— Eu me sinto horrível — murmurou Freddy. — Toda doída. Não sei por que me sinto tão mal. Não vou querer jantar esta noite, Sra. Hill. Não tenho forças para comer.

— Soube que teve um péssimo dia — disse David Weitz, suavemente. — Não quis jantar?

— Tudo dói — murmurou Freddy, enroscada na cama, com o lençol puxado até o queixo.

— Absolutamente tudo? Da cabeça aos pés?

— Isso mesmo.

— Vou lhe dar duas aspirinas e levá-la para um passeio de carro. É o melhor remédio quando tudo dói.

— Não!

— Não quer sair do hospital, não é mesmo, Freddy?

— Não seja ridículo!

— Ah, o sinal infalível de uma paciente recuperada. No instante em que diz que seu médico é ridículo, está pronta para sair daqui.

Nenhum médico jamais foi ridículo num hospital. É contra todas as regras. Tem cinco minutos para se vestir. Vamos até a praia para ver o pôr-do-sol.

— Não posso. Não quero. Não conseguiria pôr as roupas. Sinto-me muito mal.

— Cinco minutos. Ou irá de camisola e roupão.

— Não tem nada melhor para fazer do que me atormentar?

— Não neste momento.

— Merda!

— Não precisa nem da aspirina. Cinco minutos, e já estou contando.

— Um suco com gelo para ela e um martíni de vodca para mim — disse David ao barman do Jack's at the Beach, enquanto se sentavam em bancos, de frente para o pôr-de-sol.

— Dois martínis — protestou Freddy. — E que o meu seja duplo.

— Minha mãe diz que deve ser um suco — insistiu David.

— O filho dela diz que estou bastante boa para deixar o hospital. Sua mãe cursou uma faculdade de medicina?

— Todas as mães judias são automaticamente qualificadas a praticar a medicina, mesmo que seus filhos não sejam médicos. Mesmo que só tenham filhas.

— Posso tomar álcool, não é mesmo? Não vai me fazer mal, certo?

Quero a sua opinião, não a de sua mãe.

— Claro que sim. Pode fazer tudo o que fazia antes do acidente.

— Tive sorte, não é mesmo?

— Muita sorte.

— Ainda não lembro o que aconteceu.

— Isso é típico. Uma perda de memória muitas vezes acompanha a lesão de cabeça fechada. Pode ou não recordar o fato. É algo sobre o qual não tem controle.

Freddy ficou em silêncio, olhando pela enorme janela de vidro, onde dois homens estendiam um plástico cinza bem fino, a fim de atenuar os raios brilhantes do sol poente, como faziam todas as tardes, naquele famoso restaurante de frutos do mar no cais. À esquerda do restaurante, a distância, havia um parque de diversões, com uma velha montanha-russa. Ela constatou que podia facilmente divisar as pessoas segurando as barras na frente dos bancos. O acidente não lhe afetara a visão. Baixou os olhos depressa. Ver tão longe e com tanta nitidez deixara-a muito nervosa. Freddy virou-se para David Weitz e começou a fitá-lo com a mesma intensidade com que ele a observara durante todos aqueles meses. A

retribuição era justa. Cabelos escuros, bem cortados, com alguns fios brancos; linhas profundas nos lados da boca; um rosto comprido distintivo, com alguma coisa de um palhaço triste, que desaparecia por completo quando sorria, uma boca larga e cheia, óculos de aros de chifre, como um professor. Nunca o vira sem os óculos.

— Usa os óculos o tempo todo?

— Só quando quero ver. Se bem me lembro, em geral os tiro no chuveiro, depois de localizar o sabonete.

— Não sei coisa alguma a seu respeito, exceto que as enfermeiras pensam que é Deus, o que parece procedente.

— Elas tendem a exagerar... pelo menos um pouco.

— E o que faz Deus quando não está trabalhando?

— Sou imprevisível, complexo, tenso e misteriosamente contraditório. Fascinante, na verdade. Sou um ex-jogador de futebol americano... eleito como o maior zagueiro da liga universitária. Também sou um mestre do xadrez. Meu hobby é o pólo, e meus pôneis estão passando o verão na Argentina. Meus ternos são feitos sob medida em Saville Row, e tenho uma extraordinária coleção de Borgonhas em minha adega no porão, com ar condicionado. Visito-os de vez em quando, para não se sentirem negligenciados. Sempre leio três páginas de Sartre em francês antes de dormir e posso recitar de memória as obras completas de Tolstoi, o Kama Sutra, Jane Austen e Henry Miller.

— Ahn...

— Na verdade, fui um enxadrista... na escola secundária. Mas sou conhecido como um bom jogador de pingue-pongue.

— O que fez durante a guerra?

— Corpo Médico. Não cheguei a ir para o exterior.

— O que faz nas horas de folga?

— Tenho uma casa em Brentwood, e em geral não saio de lá quando tenho a oportunidade. Leio um pouco, escuto música um pouco, encontro uns poucos velhos amigos, saio umas poucas vezes... restaurantes, cinemas... na maior parte do tempo, trabalho.

— Se está tentando fazer com que pareça insípido, não conseguiu.

— Em comparação com o que me contaram de sua vida, parece tão inosso e enfadonho quanto uma vida pode ser... mas a medicina nunca é insípida, e é isso que eu faço.

— Salvar um paciente todos os dias?

— Nem tanto, mas tem seus momentos. O que posso lhe dizer?

— Já disse. Estou faminta. — Freddy empertigou-se um pouco, sabendo que, na saia rodada e alta cor de lavanda, com a blusa decotada de linho branco que Eve pendurara no armário antes de partir, parecia melhor do que em muitos meses.

— A especialidade aqui é *pampo* cozido em papel oleado, mas estou com vontade de comer uma lagosta cozida no vapor. Devo pedir ao barman para trazer um cardápio?

— Quero lagosta também, por favor. — Freddy sentia-se satisfeita consigo mesma. Os médicos sempre sabiam de tudo a seu respeito, e o paciente nunca sabia nada sobre eles; portanto, sempre estava em desvantagem. Finalmente, pensou ela, conhecia mais alguns detalhes sobre David Weitz. Já sabia de muita coisa importante: sua bondade, paciência, sensibilidade aos pacientes que equivalia a uma espécie de percepção extra-sensorial, a paixão pelo trabalho.

Agora, podia imaginá-lo numa casa em Brentwood, aconchegante, à sombra de árvores, lendo um livro ou passeando pela praia, à beira da água, descalço, as pernas das calças enroladas. De óculos, é claro, a fim de não se perder ou tropeçar numa estrela-do-mar.

Os dois passaram para uma mesa quando as lagostas ficaram prontas e se submeteram a ser envolvidos pelo babador grande que todos os clientes de lagosta recebiam, quer pedissem ou não. As

enormes lagostas do Maine — lagostas, refletiu Freddy, sem muito interesse, que provavelmente haviam atravessado o país numa cortesia de sua companhia — ocuparam a atenção dos dois.

Não é possível comer uma lagosta com outra pessoa com quem você não se sinta à vontade, a menos que esteja disposta a se contentar, escrupulosa e com grande desperdício, apenas com a carne do centro, que pode ser extraída com facilidade, ignorando as garras, as patas e todos os pequenos recessos que contêm a parte mais deliciosa. Era a primeira lagosta de Freddy em quase um ano, e ela dispensou uma concentração total, usando o quebrador de casca, o garfo comprido, fino e pontudo: e quando tudo o mais falhava, apelava para os dedos e os dentes. Por duas vezes, ela pediu mais manteiga derretida, mas afora isso tinha pouco a dizer, exceto: "Passe o limão, por favor."

Depois que as lagostas acabaram, Freddy soltou um enorme suspiro de satisfação e começou a se limpar com a nova leva de guardanapos limpos e a tigela grande de água morna com fatias de limão flutuando. Ao ficar satisfeita de que limpou o rosto e as mãos tão bem quanto possível, desamarrou o babador e sorriu, as faces brilhando como as de um bebê que acabara de tomar um banho.

— Quindim? — especulou ela em voz alta. — Ou sorvete?

— As duas coisas. — David inclinou-se e beijou-a nos lábios, fazendo-a soltar uma exclamação de espanto. — Gosto de uma garota que sabe como aproveitar ao máximo uma lagosta.

— Tanto a ponto de beijá-la?

— Claro. — Ele tornou a beijá-la, os óculos batendo no nariz de Freddy. — Desculpe por isso

— Tire os óculos

— Nesse caso, não poderia vê-la.

— Sabe muito bem como eu pareço.

— Não assim, não quando se sente feliz. E está feliz, não é mesmo, Freddy?

— Estou, sim.

— Mas não inteiramente?

— Não, não inteiramente — murmurou Freddy, enquanto fazia um esforço para ser sincera sobre emoções que não entendia e não podia, não queria, se forçar a pensar. — Não há nada que alguém possa fazer a respeito... acho que estou... um pouco deprimida em algum lugar lá no fundo... muitos motivos... é complicado... espero que desapareça por si mesmo. Provavelmente é uma questão de tempo, David... o fato é que estou feliz neste momento em particular, sinto-me feliz desde que chegamos aqui, o que é mais felicidade do que posso me lembrar de ter experimentado por muito e muito tempo.

A outra coisa... a infelicidade... não é problema seu.

— Claro que é.

— Por que deveria ser? Disse que eu estava pronta para voltar para casa. Tirou-me do ninho. Depois da maneira como me lancei à lagosta, não há como fingir que estou fraca demais para enfrentar as coisas. Ainda preciso dos cuidados de um médico?

— Tecnicamente, não. Mas quero continuar a cuidar de você.

— Como? — indagou Freddy, perplexa.

— Quero... quero casar com você. Não diga não! Não diga absolutamente nada! Não diga que não sei do que estou falando, Freddy.

Não diga que não se pode pedir uma mulher em casamento depois de apenas um encontro e dois beijos. Claro que é possível... acabei de fazê-lo, e nunca antes, em toda a minha vida, fiz qualquer coisa impulsiva. Conheço você melhor do que imagina. Também sei que é muito cedo e não deveria dizer coisa alguma... mas não pude evitar. Quero que saiba como me sinto em relação a você... continuarei a me sentir assim, você pode esperar, passar a me conhecer, antes de decidir... quando decidir. Isso é tudo, não mais uma palavra.

— Essa não! — murmurou Freddy. — Sobre o que vamos conversar no segundo encontro?

Os nova-iorquinos estavam sempre se gabando sobre as glórias de sua cidade, e Bruno de Lancel descobriu-se perfeitamente disposto a concordar. Manhattan era mais culta e mais intelectual do que Roma? Mais rica e mais imperial do que Roma? Mais dramática e até mais romântica do que Paris? Tudo isso e ainda mais. Quaisquer que fossem as qualidades que os nova-iorquinos reclamavam, ele as concedia generoso, até com alguma sinceridade, enquanto um táxi o levava para o jantar oferecido pelos John Allens, no início de outubro de 1951.

Marie de La Rochefoucauld voltara de seu verão no vale do Loire tão livre e desembaraçada quanto no momento em que partira no lie de France, em junho. Desde a sua volta que Bruno conseguia passar algum tempo em sua companhia quase todo fim de semana, embora ela ainda se recusasse a outros encontros que não as excursões à tarde e os princípios de noite tranqüilos, em pequenos restaurantes. Marie lhe dissera que sua família ficara desapontada quando os negócios inesperados impediram-no de viajar à França durante todo o verão.

— Mamãe disse que gostaria de conhecê-lo, por tudo o que falei a seu respeito, meus irmãos contavam com você para o tênis... em suma, Bruno, fez falta. Não deve nos desapontar outra vez.

Marie falou com uma doçura suave, meio divertida, com um olhar tímido que Bruno, capaz de registrar cada grau de intimidade de suas expressões, compreendeu que era o mais afetuoso que ela já lhe oferecera.

A festa dos Allens naquela noite era para comemorar o aniversário de Marie, e Bruno procurara por uma semana antes até encontrar um presente que ela não acharia importante demais para aceitar, mas que fosse digno daquela jovem soberana. Finalmente escolhera uma primeira edição de *Alice no País das Maravilhas*, um livro que ela amava por razões que ele nunca fora capaz de compreender, embora o tivesse lido com a atenção cuidadosa de um homem apaixonado, como se contivesse pistas preciosas para o caráter de Marie.

Custara uma quantia espantosa, um fato que tinha certeza que ela não podia compreender, e um livro era sempre um presente apropriado, refletiu ele.

Bruno sentou-se na sala de estar dos Allens, num estado agitado e bem escondido de ciúme expectante, pois sabia que a lista de convidados fora determinada por Marie, não pela Sra. Allen. Quando ele chegou, Sarah Allen recebeu-o e explicou que Marie ainda estava se vestindo.

— Ela se atrasou no metrô, ao voltar de Columbia, logo esta noite... e não é só isso, estou oferecendo um jantar formal, e ela só me deixou convidar doze de seus amigos, além de você. Eu gostaria que Marie me permitisse oferecer um baile... ela fez tantas amizades... mas Marie não queria muita agitação.

Portanto, haveria doze outras pessoas, além dele, pensou Bruno, enquanto os convidados chegavam. Quatro eram dois professores prediletos de Marie e suas esposas; um casal era a filha dos Allens, Joan, e seu noivo; mais dois casais eram de amigos casados, colegas na universidade. Havia outro homem solteiro, além de Bruno, mas ele trouxera uma moça, amiga íntima de Marie, com a qual estava visivelmente envolvido. Bruno já conhecera todos eles. Era o único homem solteiro e descompromissado ali, compreendeu ele, com uma incredulidade momentânea. Marie o escolhera... ou lhe tornara possível escolhê-la? Ou — e conhecendo Marie, era bem provável — ela apenas escolhera inocentemente os nomes das pessoas com as quais mais se sentia à vontade em Nova York? O convite a ele não seria mais significativo do que o fato de que era outro amigo, um amigo no mesmo nível dos demais convidados? Bruno concluiu que não podia saber. E talvez nunca soubesse.

Bruno ficou parado num canto, de rosto franzido, as sobrancelhas escuras riscando a testa, por cima

do nariz aristocrata, a boca pequena e cheia contraída em raiva por se descobrir tão confuso. Marie entrou na sala, usando um vestido de seda branca sem alças, que se estendia até o chão. Os cabelos pretos compridos estavam trançados numa coroa no alto da cabeça de formato impecável, realçando o pescoço esguio e orgulhoso. Das orelhas pendiam brincos compridos, com pequenos diamantes em volta de rubis, com um broche correspondente no centro do corpete, no ponto em que a pele cor de marfim dos ombros se projetava do topo do vestido.

As jóias de Marie eram tão magníficas que só a herança podia justificar que alguém tão jovem as usasse; contudo, ela as ostentava com a mesma tranqüilidade com que usava os simples brincos, corrente e relógio de ouro, que eram as únicas outras jóias com que Bruno já a vira. Ele mordeu o lábio, numa emoção impotente.

Por mais que estivesse apaixonado, sentiu-se furioso à visão da posse inesperada e espontânea de Marie de jóias de família que nada tinham a ver com ele. Ela não devia ter permissão para usar qualquer coisa, nem mesmo um par de sapatos, que ele não lhe desse; nunca deveria surpreendê-lo ao aparecer numa encarnação que ele não esperava e não controlava, por mais linda que estivesse.

Ah, se ele a possuísse, ela aprenderia!

O jantar foi uma tortura prolongada e requintada para Bruno, que se descobriu no outro lado da mesa, afastado de Marie. Ela sentou-se entre John Allen e um dos seus professores, parecendo mais feliz e mais animada do que ele jamais a vira. Com dezesseis pessoas à mesa oval, a conversa geral era impossível. Bruno foi obrigado a se dedicar às pessoas vizinhas, enquanto tentava observar Marie, sem ser grosseiro com as mulheres à sua esquerda e direita. Ela não o pusera ao seu lado. Era óbvio que fora Marie quem determinara os lugares à mesa, da mesma forma que escolhera os convidados. Ela nem ao menos tentara atrair sua atenção, pensou Bruno, sombriamente, enquanto comiam o bolo de aniversário. A mais consumada coquete do mundo não poderia tratá-lo com mais astúcia do que a supostamente inocente Marie de La Rochefoucauld. Ah, se ele fosse o senhor, haveria de ensiná-la a não lhe pregar peças assim!

Depois do jantar, enquanto café e conhaque eram servidos na sala de estar, Bruno tentou sentar-se ao lado de Marie, mas encontrou o outro lugar no sofá ocupado pelo mais jovem de seus dois professores, o que não ficara ao seu lado no jantar. O homem não podia ter mais do que 35 anos, pensou Bruno, segurando a pequena xícara e estudando implacável aquele *scholar*, que decidira dedicar sua vida à cerâmica chinesa. Ele não possuía a aparência seca e insossa que Bruno imaginava que um acadêmico profissional devia ter. Era obviamente bem-nascido e, a julgar pela elegância da esposa, devia contar com uma renda particular substancial. O professor louro manteve Marie rindo e respondendo a seus comentários irreverentes sobre todo o curso de mestrado, até que Bruno foi obrigado a se virar, a fim de esconder a careta de ciúme vingativo que sentia se formar em suas feições.

Seria possível que estivesse ali o motivo para Marie ter voltado do verão sem aceitar qualquer pretendente francês? Seria concebível que ela estivesse apaixonada por aquele sujeito, que partilhava seus mais profundos interesses? Ela o convidara com a esposa naquela noite para dissipar as suspeitas? Que tesouro de oportunidades eles poderiam encontrar juntos no curso de qualquer dia, pensou Bruno, lembrando como fora fácil para suas amantes enganarem os maridos. Os dois se encontravam secretamente entre as estantes da biblioteca, nas oficinas em que fragmentos de cerâmicas eram estudados, almoçavam juntos e depois do almoço... Não!

Se Marie pertencesse a ele, não teria aquela abominável liberdade! Determinaria cada minuto seu, cuidaria para que não tivesse amigas íntimas, nenhum interesse que ele não julgasse conveniente, não permitiria nenhum aspecto de sua vida que o excluísse. Obteria o controle de suas noites e dias, lentamente, momento por momento, com um cuidado tão hábil que ela nunca desconfiaria como estava sendo condicionada, até que fosse tarde demais para lutar contra. La Vicomtesse Bruno de Saint-Fraycourt de Lancel nunca teria permissão para se sentar numa sala de estar e rir como uma colegial. Aprenderia o que ele lhe permitiria fazer e não se arriscaria a qualquer coisa que não contasse com sua

aprovação.

— Mais café, Bruno? — perguntou Marie de La Rochefoucauld, surpreendendo-o, porque estava tão absorto em seus pensamentos que não a vira se levantar e se aproximar.

A luz faiscava nos pontos verdes dos olhos castanhos de Bruno quando a fitou.

— Não, obrigado, Marie. Gosto dos cabelos em volta de sua cabeça desse jeito. Faz com que pareça ter quase quinze anos.

— Acho que pareço distinta demais. E não tente caçoar de mim. — falou ela calma e segura, mas com tanto charme que o coração de Bruno palpitou de anseio, embora sua atitude, com uma couraça poderosa e invisível, como sempre, nada deixasse transparecer. — Obrigada pelo Alice. É o presente mais encantador que alguém já me deu. Como o descobriu?

— É segredo.

— Vamos, Bruno, conte-me. Não é o tipo de livro que se possa encontrar em qualquer livraria. E detesto segredos... você também não detesta?

— Você parece ter alguns segredos com aquele seu professor — comentou Bruno, jovialmente, gesticulando na direção do acadêmico louro.

— Joe? Ele não é engraçado? Eu o adoro. Na verdade, todo mundo o adora. E sua esposa, Ellen, é uma das mulheres mais simpáticas que já conheci... já teve oportunidade de conversar com ela? Não?

É uma pena... eles estão casados há apenas um ano... ela acaba de me contar que estão esperando um filho... é maravilhoso ver duas pessoas tão felizes. Talvez...

— Talvez o quê?

— Joe e Ellen vão oferecer uma festa para um grupo de estudantes na próxima semana. Não gostaria de ir comigo? Devo adverti-lo que os outros convidados serão todos do Departamento de Artes Orientais, mas acho que vai gostar deles e... sei que vão gostar de você.

— O que a faz pensar assim? — indagou Bruno. — Não partilho seus interesses especializados.

— Bruno, às vezes você pode ser tão... obtuso! Eles vão gostar porque você é você e...

Ela hesitou e Bruno teve a impressão de que concluíra ser melhor não dizer as palavras que afloraram à sua cabeça.

— E o quê?

— Pelo amor de Deus, Bruno, eles... ouviram falar de você — murmurou Marie, parecendo atordoada. — Acho que estão... curiosos.

Alguns pensam que você não existe, que eu o inventei.

— Então fala de mim com seus colegas de turma?

Marie inclinou a cabeça para cima, a fim de fitá-lo nos olhos, com sua segurança calma, transbordando de sinceridade. E falou com uma seriedade e um ardor que Bruno nunca vira antes.

— Não posso evitar, Bruno. Como poderia me controlar?

— Você é o motorista mais maravilhosamente respeitador das leis que já conheci — disse Freddy a David, enquanto ele guiava seu Cadillac azul-marinho pelo trecho quase deserto do Sunset Boulevard, onde curvas longas e fáceis pareciam ter sido projetadas para tentar os motoristas a acelerar. — Alguma vez já ultrapassou o limite de velocidade?

— Provavelmente, na universidade, mas nunca de propósito, querida. Quando se vêem as conseqüências dos desastres de automóvel na sala de emergência, perde-se o interesse em chegar a seu destino um minuto mais depressa ou ultrapassar alguém pela direita.

— Posso compreender.

Quando saíra com David pela primeira vez, na ida ao Jack's at the Beach, dois meses antes, Freddy imaginara que a observância das precauções mais meticulosas proclamadas pelo Departamento de Trânsito fora a preocupação com seu medo de se aventurar fora do mundo do hospital. Presumira que

David tinha um cuidado especial com ela, que sabia que ela experimentava um choque de vertigem, um medo fóbico causado pela pura abertura do mundo, depois dos meses que passara dentro de paredes protetoras. Pensava que ele se obrigava a manter o potente do carro dentro dos limites legais de velocidade, que nenhum outro californiano costumava obedecer. Agora, após dois meses em que se encontrara com David pelo menos três vezes por semana, ela compreendeu que aquele controle no trânsito era parte de sua personalidade.

Freddy sorriu indulgente para si mesma. Ele era um homem maravilhosamente organizado. Alguma mulher sonharia que um médico que fazia coisas tão ousadas com os sistemas nervosos das pessoas seria o tipo de cozinheiro gourmet que seguia cada receita complicada ao pé da letra, sem jamais acrescentar uma pitada disso ou um salpico daquilo sem um debate sobre a quantidade exata a ser usada? Que paciente sou, especulou ela, que já fora o beneficiário de seu uso inovador e imaginativo da arte médica, desconfiaria que em sua casa ele arrumava os livros na biblioteca não apenas pelo autor, mas por título, em ordem tão alfabética quanto as palavras num dicionário, nunca deixava um livro aberto virado para baixo, mesmo que fosse apenas por poucos minutos, porque não era bom para a lombada? Se ouvia alguém numa livraria abrindo um livro novo e partindo a lombada, David tinha de fazer um esforço para não protestar. Era adoravelmente infantil quando se tornava veemente e incomodado.

E seus discos! Ensinar a Freddy a segurá-los sempre pelas beiras, com as palmas das mãos, a fim de que as impressões dos dedos não afetassem os sulcos da superfície; explicou por que tinham de ser recolocados nos papéis protetores, antes de serem guardados de volta nas capas, depois de limpos meticulosamente com o pano especial que recolhia toda poeira. A única divergência era se um disco, depois que estava na vitrola, devia ser tocado até o fim.

Havia ocasiões em que Freddy queria parar a música no meio, por um motivo ou outro, mas David insistia que esperassem até que o braço de sua Magnavox levantasse a agulha do disco mecanicamente.

— É virtualmente impossível ter certeza que não vai arranhar o disco se levantar a agulha com a mão — garantia ele.

Freddy compreendera que ele estava absolutamente certo, estremeando à lembrança da maneira vergonhosa como ela e Jane costumavam tocar trechos de uma melodia depois de outra, em seu pequeno aparelho de corda manual, trocando os discos prediletos com a maior falta de cuidado, como se não passassem de brinquedos.

David realmente a arrumara, refletiu Freddy, enquanto ele diminuía a velocidade muito antes de um sinal vermelho, o Cadillac parando com um sussurro, tão suave que nem deu para sentir. Sempre tivera um pequeno canto em desordem no seu quarto, o "ninho de rato", onde jogava revistas, suéteres, cartas, artigos de jornal que recortara, contas que ainda não estava pronta para pagar, sapatos que precisavam de conserto e fotografias que pretendia um dia guardar no álbum, tudo misturado na mais absoluta confusão, que servia como um arquivo surpreendentemente eficaz, embora informal.

Sempre que não conseguia localizar alguma coisa no lugar em que deveria estar, Freddy procurava no ninho de rato e encontrava. Mas quando começara a criar um pequeno ninho de rato longe de casa, no quarto de David, pois passava muito tempo em sua companhia, ele fora extremamente firme.

— É um pequeno hábito ruim, querida. Seria igualmente fácil para você guardar as coisas no mesmo instante ou pendurar as roupas no momento em que as tirar. Sei que é uma chatice. Sei que sou um monstro em matéria de arrumação... mas numa sala de operações é preciso saber onde se encontra tudo exatamente, a cada segundo.

Podia compreender muito bem o raciocínio de David, pensou Freddy; e, mais do que isso, não fora tão difícil assim manter suas coisas arrumadas, depois de começar a se lembrar para fazê-lo.

Ainda tinha um ninho de rato em casa, mas agora se sentia culpada cada vez que o vasculhava. Muito em breve tomaria providências para eliminar por completo esse hábito preguiçoso, decidiu ela, firmemente.

Na verdade, SE iam casar, pensou ela, torcendo o nariz em perplexidade, era melhor começar logo de uma vez e também disciplinar Annie, que herdara seu hábito de ninho de rato. Poderia ser genético?

Depois de sair do hospital, Freddy compreendeu que seria inadmissível Annie passar um ano inteiro estudando na Inglaterra. Sentia saudade demais. A filha voltara para casa desde o início das aulas, e não era fácil manter um romance quando uma criança observadora de nove anos esperava encontrá-la à mesa do desjejum todas as manhãs. Ela e David não dormiam juntos por uma noite inteira; nunca despertavam juntos na mesma cama, pois ele sempre a levava para casa numa hora respeitável, ainda mais porque quase sempre tinha de estar no hospital bem cedo na manhã seguinte.

David era o amante mais atencioso com que uma mulher podia sonhar, refletiu ela, feliz, olhando para o perfil dele, concentrado na direção. Terno, doce, gentil, tão preocupado com o prazer dela quanto com o próprio... ou mais preocupado? Ela só tivera dois outros amantes com que podia comparar David; e não podia se lembrar se Tony ou Mac, há tantos anos, se mostravam tão empenhados em providenciar sua satisfação, como acontecia com David. Será que David possuía uma sensibilidade singular às mulheres ou era seu conhecimento das reações neurológicas? E ela não estava sendo um pouco repulsiva, só de pensar assim, quando se sentia satisfeita depois que ele lhe fazia amor?

David nunca a agarraria e arrancaria suas roupas para uma trepada rápida, impetuosa e inoportuna, do tipo que se torna um segredo sexual para partilhar durante a noite inteira, especulou Freddy, ou isso seria impossível para ele? Provavelmente o faria, depois que o período de namoro terminasse, SE viessem a casar... ou seria apenas uma questão de quando?

David cumprira a palavra. Não comentara mais nada sobre casamento, conforme prometera. Não a pressionara para que ela tomasse uma decisão. Então por que ela sentia como se houvesse alguma força sutil invisível que a levava a se inclinar para responder um sim àquele homem que era tão bom, que cuidava tão bem dela, que demonstrava seu amor por tantos meios? Provavelmente, pensou Freddy, era porque se tratava sem dúvida de um homem que qualquer mulher seria louca se não quisesse casar.

Era apenas o jantar daquela noite, concluiu ela, que a deixava nervosa. O jantar com a mãe de David. Era um convite a que já se esquivara duas vezes, mas finalmente fora obrigada a aceitar. O jantar com a mãe de alguém não era um anúncio formal da intenção de casar, Freddy lembrou a si mesma. Era um cumprimento ser convidada. Nada mais. Não havia qualquer pressão. Afinal, David não a levava para conhecer as irmãs, embora ela imaginasse que o fato de ter irmãs era o motivo pelo qual ele era tão bom com Annie.

David garantira que aquela noite nada tinha de anormal, era apenas o jantar semanal habitual que tinha com a mãe há anos.

— Sou aquela coisa ridiculamente fora de moda que se chama um bom filho — comentara David, os olhos escuros brilhando de ironia.

— Não é minha culpa que ela seja uma mãe tão boa, não é mesmo?

Ela também tinha uma boa mãe, Freddy lembrara-o, como ele sabia muito bem; e se Eve não vivesse a dez mil quilômetros de distância, ela e a mãe seriam com certeza tão devotadas quanto Eve e Delphine eram agora.

Susan Grunwald Weitz, viúva há três anos, residia numa das ruas arborizadas e particulares do bairro luxuoso e exclusivo de Bel Air, não muito a leste de Brentwood. Eles deixaram o Sunset e logo chegaram à sua casa, uma mansão, com uma elegância virginiana, escondida por trás de muros altos.

— Hum... — murmurou Freddy, impressionada e um tanto surpresa.

— Não disse que seu pai também era médico?

— Seu passatempo era investimento... petróleo e mercado imobiliário. Conseguiu combinar todos os seus interesses.

— Que lindos jardins! — comentou Freddy, ficando para trás, sentindo alguma relutância em

conhecer a mãe de David, por melhor que ela fosse.

— O passatempo de mamãe. Vamos, querida, ela não vai devorá-la viva.

Ele cumprimentou a criada que abriu a porta e conduziu-os à sala de estar. Freddy teve uma impressão rápida de uma riqueza de quadros e esculturas, de vasos com flores por toda parte, antes de perceber que a sala de estar parecia conter mais pessoas do que uma mãezinha que se mostrara disposta a conhecê-la.

Susan Weitz, que era quase tão alta quanto o filho, levantou-se, serena e afável, para cumprimentá-los. Não havia sequer um fio branco em seus cabelos louros e lisos, as pérolas eram as melhores que Freddy já vira, o vestido azul mais simples e mais dispendioso do que qualquer um que Freddy, capaz agora de reconhecer essas distinções a um olhar, jamais vira uma mulher de Los Angeles usar.

O primeiro pensamento de Freddy foi o de que ela devia ter mandado fazer o vestido em Paris. O segundo foi o de que Susan Weitz devia ter sido a segunda esposa do falecido doutor, pois não parecia ter idade bastante para ser mãe de David.

Contudo, quando foi apresentada às outras pessoas na sala, Freddy teve de admitir que as mulheres, na casa dos trinta anos, as três irmãs casadas de David, tinham uma grande semelhança de família com Susan Weitz e o próprio David. Com seus três maridos, formavam um grupo excepcionalmente alto, esguio e atraente, todos cordiais, embora sem qualquer exagero. Não pareciam estar observando Freddy de qualquer maneira dissimulada ou sugestiva. Apenas um pequeno jantar em família, pensou ela, assumindo o seu sorriso de honorável Sra. Longbridge. Todos eram muito mais altos, fazendo-a sentir-se uma anã.

— Mãe, não me avisou que ia chamar as meninas — protestou David, surpreso.

— Ora, querido, suas irmãs estavam livres e morrendo de vontade de vir... sabe que nunca pude resistir a elas.

— Eu lhe falei sobre minhas irmãzinhas, não é mesmo, querida? — murmurou ele para Freddy. — Desculpe.

— Elas parecem ter crescido muito desde que as mencionou.

— Acontece que sou o mais velho, por anos-luz. Mamãe me teve aos dezoito anos. Para mim, elas sempre foram crianças. — Ele ofereceu-lhe um drinque.

Os Weitzes, como Freddy passou a pensar, pois não gravou os nomes das irmãs casadas, lançaram-se a uma conversa descontraída, em que a incluíram com tanta naturalidade que ela descobriu-se a sentir que era um ser humano de tamanho normal. De qualquer forma, pareciam mais baixos quando sentados.

Depois do jantar alegre e recheado com muita conversa, todos passaram para a sala de estar, onde Freddy foi abordada por Barbara, que anunciou que era a caçula da família.

— Você só tem uma irmã, não é mesmo? — perguntou Barbara, a bondade evidente no sorriso.

— É, sim, e ela vive muito longe — respondeu Freddy, pesarosa.

A visão da família Weitz, numerosa e jovial, deixava-a solitária, com saudade de sua família.

— Já assisti a muitos dos seus filmes. Ela é simplesmente divina. David me disse que sua filha, Annie, é bastante parecida com ela.

— É verdade, uma semelhança extraordinária. Mas elas são diferentes em muitos aspectos. Não creio que Annie jamais se torne uma atriz.

— David diz que Annie quer ser uma aviadora. Sente-se feliz por isso? Se eu fosse sua mãe, devo dizer que não me sentiria muito emocionada com tais ambições, ainda mais agora que você própria renunciou a isso. Parece uma vida difícil para uma menina, não muito... não muito feminina, se pode me entender. Mas imagino que poderá dissuadi-la dessas intenções. David espera que você consiga isso, mas provavelmente ele já lhe falou a respeito, não é mesmo?

Canalize-a gentilmente para outra direção... o golfe, por exemplo.

Ou o tênis. São esportes muito úteis. Não uma coisa que se tem de fazer sozinha, como voar. Eu

mesma adoro golfe. Você joga, Freddy?

Não? Que pena! Se algum dia decidir aprender, posso encaminhá-la para o melhor profissional da cidade. Com sua coordenação... ou o que quer que os aviadores tenham... será uma esplêndida golfista.

Tenho uma idéia... por que não almoçamos no clube, e depois poderei apresentá-la a ele? Talvez você queira marcar o início das aulas. Seja como for, telefonarei para você dentro de poucos dias.

— Seria ótimo — disse Freddy, forçando um sorriso.

Ela apenas preferia não voar agora, por razões que não se dera ao trabalho de analisar, mas isso não significava que "renunciara". E o que levava Barbara a pensar que era possível dissuadir alguém que queria realmente voar? Qualquer lógica ou persuasão, por mais gentil — ou vigorosa — a teria feito desistir? Quando se sentia aquela necessidade, aquele impulso de subir ao céu e conquistá-lo, não havia nada que uma mãe pudesse fazer. Ou devesse fazer. Mas Barbara era afetuosa e tinha as melhores intenções.

— Dê o fora, Babs — disse Dianne, outra irmã, tomando o lugar de Barbara sem a menor cerimônia. — Ela estava falando sobre o golfe? Não lhe dê atenção. Barbara é exagerada, a campeã do clube, há três anos consecutivos. Acho que é uma tremenda chatice, toda essa conversa de golfista. Mas também não tenho tempo para o golfe, com cinco filhos e mais um a caminho. Sei que ainda não aparece, mas nunca fica evidente até o sexto mês... tenho sorte nesse ponto. Só tem uma filha, não é mesmo? Isso é lamentável.

— Annie nasceu no meio de uma guerra. Eu tinha um trabalho. — Freddy ouviu-se explicar.

— Que azar! Mas ainda é jovem. Só 31 anos, diz David. Tem tempo para ter mais uma dúzia de filhos, se quiser, não é mesmo? Meu Deus, isso parece muito trabalhoso, não é mesmo? Devia ver a sua cara! Ora, Freddy, eu estava apenas brincando. Mas é claro que David está ansioso por filhos. O primeiro casamento... eles não ficaram casados pelo tempo suficiente para terem filhos... tenho certeza que David já lhe falou a respeito. Tenho algumas amigas com filhos que insistem em continuar em suas carreiras... há sempre aquela terrível pressão nas duas direções... eles jamais conseguem fazer tudo o que devem com os trabalhos ou os filhos, por mais que tentem. Claro que a maioria quer trabalhar fora, respeito isso, mas não posso deixar de pensar que tomaram a decisão errada e que se arrependerão mais tarde. Qual é a sua opinião?

— Nunca pensei muito a respeito — respondeu Freddy. — Annie foi criada por uma mãe que trabalhava fora e não sofreu por isso, até onde posso saber. Pelo menos ainda não.

— Oh, não, claro que não! — exclamou Dianne. — Afinal, havia a guerra e tudo o mais. E depois iniciou a sua empresa. Não podia evitar. Mas ela deve se sentir muito satisfeita por você estar em casa agora. E quando se tornar adolescente, ela precisará muito de você. Na verdade, todos os filhos sempre precisarão de você, mesmo depois de crescidos. Não adorou quando ficou grávida? Nunca me sinto tão feliz quanto nas ocasiões em que engravidado... por que será? Provavelmente algo primitivo e atávico. Agora que não está trabalhando, teria uma hora livre para almoçar comigo? Telefonarei na próxima semana e marcarei uma data. Adoraria almoçar com você lá em casa, a fim de que conheça meus Filhos.

Quem dera a impressão a Dianne de que ela nunca voltaria a trabalhar?, especulou Freddy, enquanto fazia um esforço para retribuir ao olhar afetuoso de Dianne. Ainda não tomara uma decisão final sobre a companhia. Num momento de fraqueza física, dissera a Swede que não voltaria ao trabalho; não mudara de idéia, mas queria manter as opções em aberto. A companhia ainda era... como um filho seu. Mas Dianne devia ser apenas uma pessoa entusiasmada. Uma mãe maravilhosa. E tinha as melhores intenções.

— Vim salvá-la — disse Bob, um dos cunhados de Dianne, levantando-a e ocupando sua cadeira. — Ela já começou a falar sobre as alegrias do trabalho de parto e o êxtase das contrações? Não? Então está com sorte. — Ele deu uma palmada gentil em Dianne, despachando-a, e tornou a se virar para Freddy.

— Sou o marido de Elaine... a irmã do meio... e ela me mandou até aqui quando viu você nas garras maternas de Dianne. Sei o que está pensando, que esta família é terrivelmente envolvente... tive a mesma

impressão quando fui apresentado aos Weitzes. Não podia distingui-las... e fiquei impressionado com a maneira como idolatram David! Ele é um grande sujeito, não me entenda mal, mas não é Deus Todo-Poderoso. Mas não diga isso às irmãs ou à mãe! E tem mais, espero que saiba que não precisará aturar as garotas e seus interesses e opiniões, se preferir não fazê-lo. Veja o nosso caso, por exemplo... Elaine e eu temos apenas dois filhos, e não planejamos mais, não jogamos golfe ou tênis... apenas nadamos um pouco, para manter a forma. Somos os moderados da família. Adoramos música de câmara, mas não tentamos empurrá-la pela goela das pessoas.

Se você gosta de ópera, muito bem, é assim que pensamos. Se prefere concertos, fique com a sinfônica, pode ajudá-la. Se balé é a sua preferência, ótimo; e se detesta balé, há muitas outras atividades que precisam de patronos dedicados... o museu, a UCLA, hospitais... qualquer que seja a sua paixão. O importante é se devotar para valer a um projeto comunitário, não concorda, Freddy? O melhor em se ter bastante tempo e bastante dinheiro é se envolver com a comunidade, dar alguma coisa, não apenas tomar.

— Concordo — disse Freddy, piscando aturdida, diante daquele homem dinâmico. — E concordo plenamente.

— Elaine e eu tínhamos a impressão de que concordaria. — Bob transbordava de satisfação. — Esperávamos que você e David pudessem jantar conosco na próxima semana. Vamos receber um grupo interessante, uma parte da turma da música, uma parte da turma da arte... todos estão ansiosos em conhecê-la. Elaine telefonará para você amanhã e dará os detalhes. Estará envolvida em alguma coisa fascinante antes mesmo de perceber. E não se esqueça do que falei sobre os Weitzes, mesmo que pareçamos iguais, somos pessoas muito diferentes.

Oh, não, pensou Freddy, enquanto Bob era substituído por Jimmy, outro cunhado. Todos vocês são muito parecidos; bons, gentis, afetuosos, devotados uns aos outros, felizes, produtivos, hospitaleiros, seguros no que são e no que querem da vida. São invejáveis, uma fortaleza de uma família.

— Jimmy, todo mundo já teve uma oportunidade de conversar com Freddy, menos eu — disse a mãe de David, enquanto Jimmy se levantava à sua aproximação. — E ela não veio visitar vocês, mas a mim... eu nunca deveria ter permitido que se convidassem para o jantar.

Enquanto Jimmy se afastava, Susan Weitz contemplou Freddy francamente, com uma expressão de admiração nos olhos castanhos-claros.

— São todos como crianças com um cachorrinho novo — comentou ela. — Estou surpresa que não tenham pulado em cima de você, babado e lambido seu belo rostinho. Mas se sentem tão emocionados por verem David feliz que não se pode culpá-los.

— O sol parece subir e descer sobre David aos olhos das irmãs — arriscou Freddy.

— A um ponto que até mesmo eu noto isso — concordou a mãe de David, sorrindo. — Meu marido costumava dizer que eu era a pior.

Mas quando se tem um único filho e três filhas, não é difícil ser parcial. Ainda mais se o filho é David.

— Tem razão. Especialmente David.

— Há anos que venho me perguntando quando ele se apaixonaria outra vez. David costumava dizer que estava muito ocupado para isso... que absurdo! Eu sabia que ele daria jeito de arrumar tempo quando surgisse a moça certa. Ele nunca foi feito para ser um solteirão. Oh, não! Não quero fazê-la corar mais do que já está corando. Mas voltará na próxima semana, não é mesmo Freddy? Prometo que as meninas não estarão presentes... só nós três, a fim de podermos nos conhecer melhor. Diga que virá!

— Tentarei — respondeu Freddy. Ela correu os olhos pela sala. — Tem quadros maravilhosos, Sra. Weitz.

— Obrigada, Freddy. Meu marido e eu iniciamos a coleção e continuei a comprar depois que ele morreu... serve para se manter ocupada.

Freddy pegou a tigela de prata que estava na mesinha ao lado de sua cadeira, levou-a ao nariz e

aspirou.

— Fez isto pessoalmente?

— Oh, Freddy! — exclamou Susan Weitz, deliciada. — Como soube?

Tenho uma maneira própria, muito especial, de fazer pot-pourri.

Uma receita secreta de minha mãe, para dizer a verdade. Mas a maioria das pessoas nem percebe... pensa que comprei. E nenhuma das meninas tem paciência para fazer pessoalmente. Se você quiser, terei o maior prazer em lhe ensinar. Leva muito tempo, mas vale a pena.

— Sei disso — murmurou Freddy.

As videiras de champanhe dormem durante o inverno e não despertam antes do final de fevereiro, quando começam a chorar uma seiva branca de ferimentos antigos, causados pela poda de março anterior. As lágrimas da videira são como o som de trombetas para o *champenois*, pois assinala o início da época de crescimento. A ascensão irresistível da seiva pura e viscosa força os botões a germinarem nos galhos das videiras desfolhadas. Ao final de março, todos os botões que se transformarão em cachos já estão abertos. O período do choro até a colheita, seis ou sete meses no futuro, é um tempo em que nenhum plantador de uvas de champanhe, do camponês com poucos hectares ao proprietário de uma Grande Marque, como Paul de Lancel, fica livre de ansiedade, sob a ameaça diária, hora a hora, da vasta amplitude de desastres naturais que podem afetar a colheita.

Ao final de outubro de 1951, Paul e Eve Lancel puderam relaxar.

Paul passara o verão supervisionando vigilante todo o empreendimento Lancel, Eve dirigindo o *château* e cuidando dos hóspedes que chegavam e partiam de Valmont com a regularidade inexorável da maré.

A colheita fora concluída por toda a Champagne; o exército de dez mil colhedores de uvas temporários, a maior parte de mineiros e operários de outras regiões da França, alguns ciganos ou trabalhadores agrícolas itinerantes, finalmente partira, extenuado, satisfeito e jovial, depois de dez dias em que dormiram nos alojamentos que os grandes plantadores construía para alojar esses homens. Haviam comido as cinco lutas refeições que lhes eram fornecidas todos os dias. Haviam bebido o vinho tinto que os aguardava em jarros sempre que tinham sede. Haviam cantado e dançado todas as noites, comparecido às muitas feiras que se realizavam por toda a região. Quando não estavam comendo, dormindo, bebendo ou confra-ternizando, os vigorosos colhedores trabalhavam sem qualquer interrupção do amanhecer ao pôr-do-sol, sempre assumindo posições difíceis, dobrados, ajoelhados, agachados, até mesmo deitados na terra, a fim de colher os frutos delicados das videiras mais rasteiras, jamais esquecendo o cuidado imenso para não machucar a pele de uma única uva, o que poderia causar a fermentação prematura.

— Sinto-me como uma colegial, com todos os exames encerrados e sem nada com que me preocupar por quase cinco meses — comentou Eve para Paul, ao café da manhã. — É muito estranho... não paro de pensar que deveria me preocupar com os cardápios da próxima semana.

— Você parece mesmo uma colegial, só que um tanto cansada. O que deve fazer é dormir até mais tarde. Quero que comece a mimar a si mesma. — Ele inclinou-se por cima de seu prato, pegou a mão de Eve e beijou-a. Adorava contemplá-la pela manhã, antes de ela se maquilar ou arrumar os cabelos para o dia. Para Paul, o rosto particular da mulher, aos 55 anos, parecia quinze anos mais jovem do que depois que ela estava toda arrumada e pronta para lidar com as pessoas.

— O problema de levantar cedo por tantos meses é que acaba virando um hábito... nem mesmo preciso de um despertador. Quanto a mimar a mim mesma, querido, nem se preocupe, pois tenho planos para nós dois. Depois do Dia de Ação de Graças com Freddy na Califórnia e o Natal e Ano-Novo com Delphine e Armand em Barbados, voltaremos a Paris, a fim de que eu possa encomendar meu novo guarda-roupa com Balenciaga... já reservei uma suíte grande e dispendiosa no Ritz, no lado da Vendôme,

é claro... teatros, museus, restaurantes... Planejo gastar todos os lucros deste ano... desde que você não me peça para tomar outra gota de champanhe até a próxima primavera, vou me sentir absolutamente feliz.

— As pessoas que realmente apreciam champanhe dizem que nunca é melhor do que antes do almoço... de preferência ao desjejum, com ovos pochês.

— Parece uma receita para ressaca. — Eve estremeceu delicadamente e serviu-se de outra xícara de chá.

— Só funciona para ressaca quando se mistura, meio a meio, com cerveja preta... ou com um terço de suco de laranja, um terço de conhaque e duas gotas de Cointreau e groselha... pelo menos é o que me disseram.

— Não vamos descobrir se é verdade — sugeriu Eve.

— Concordo.

Paul era um homem absolutamente feliz ao se recostar e contemplar o horizonte distante, além dos vinhedos da Casa de Lancel.

— Não é maravilhoso ter Valmont só para nós? — comentou Eve.

— Quando o último crítico inglês de vinhos foi embora ontem, senti vontade de beijá-lo, de tão emocionada que fiquei por vê-lo partir. Já acertei a pintura de todos os quartos de hóspedes durante a nossa ausência, já escolhi os tecidos para as novas colchas e cortinas. Os tapetes servirão por mais um ano.

— Não quer passear a cavalo comigo esta manhã? O tempo é perfeito.

— Não posso. Tenho um encontro marcado para cobrir de palha as minhas roseiras.

— Por que um dos jardineiros não pode fazer isso?

— Qualquer um poderia, até mesmo uma criança, mas prefiro cuidar pessoalmente. Por que deixaria que os jardineiros ficassem com toda a diversão?

— Minha mãe sempre cuidava disso pessoalmente — recordou Paul.

— Dizia que se protegesse as roseiras direito no outono, não precisaria se preocupar com elas depois, por mais rigoroso que fosse o inverno. E jamais confiava em outra pessoa para fazer o serviço tão bem quanto ela.

— E ela estava certa, como sempre... ou quase sempre. Vou pôr meu macacão de jardinagem. Chega de Balenciaga, graças a Deus! — Eve beijou-o no topo da cabeça, onde os fios louros ainda eram mais abundantes do que os brancos. — Tenha um bom passeio. Até o almoço, querido.

Três horas e meia depois, quando uma parte do roseiral já estava coberta com uma camada de palha de dez centímetros, Eve se encontrava no banheiro, limpando as unhas, antes do almoço. A governanta bateu à porta subitamente. O som era de urgência.

— *Madame! Madame!* Venha até os estábulos! Depressa!

— O que aconteceu, Lucie? — perguntou Eve, enquanto descia apressada a escada.

— Não sei, *madame*. O cavaleiro me disse para chamá-la imediatamente.

Eve correu para os estábulos, tão depressa quanto podia. Uma queda, pensou ela, devia ter sido uma queda. Mesmo um bom cavaleiro como Paul sempre podia sofrer uma queda.

Na frente das portas escancaradas dos estábulos estava Paul, estendido no chão, a cabeça sobre uma manta de cavalo, cinco ou seis homens ao redor, fitando Eve quase com culpa, como se não tivessem ousado fazer qualquer coisa antes de sua chegada.

— Já telefonaram para o médico? — gritou ela, antes mesmo de chegar perto para verificar o que acontecera.

Os homens, com seus gorros na mão, permaneceram imóveis, em silêncio. Nenhum deles acenou com a cabeça em assentimento à sua ordem.

— Será que perderam o juízo? Depressa! Corram para a casa! Telefonem!

Ninguém respondeu. Ninguém se mexeu.

— Paul? Paul? — Eve aninhou a cabeça do marido nos braços. Olhou para o cavalição mais antigo.

— Pelo amor de Deus, Emile, como ele caiu?

— *Monsieur Paul, madame...* ele se aproximou a cavalo, parou, disseme que estava com dor de cabeça. Disse que começara a sentir no instante em que saiu do bosque. Apontou para trás da cabeça.

Tirou um pé do estribo, pegou as rédeas e depois, antes que eu pudesse ajudá-lo... ele... ele deslizou do cavalo e caiu no chão...

do jeito que está. Pus a manta por baixo de sua cabeça.

— Oh, Deus, por que mexeu nele? Você o machucou!

— Não, *madame*. Não teria mexido nele se não soubesse... que já estava...

— Já estava? Já estava o quê? Você ficou louco, Emile! Chame o médico!

— Eu já teria chamado, *madame*, mas o doutor não pode fazer nada... ele já se foi, *madame*.

— Foi?

— Isso mesmo, minha pobre *madame*. Ele nos deixou.

A única decisão que Eve foi capaz de tomar, nas horas de confusão que se seguiram à morte de Paul, horas de tanta incredulidade que ainda não podia chorar, foi a de que o funeral não seria realizado enquanto todos os filhos de Paul não estivessem em Valmont. Delphine veio de carro de Paris e chegou em poucas horas. Foi ela quem assumiu a incumbência de telefonar para Bruno e Freddy. Eve se encontrava atordoada pelo choque, vagueando a esmo, os olhos secos e sem palavras, de um cômodo para outro do *château*, estudando as vistas de janelas diferentes, como se as contemplasse pela primeira vez, acariciando as molduras trabalhadas dos quadros com dedos frios, examinando os padrões dos bordados nas almofadas, como se de alguma forma pudesse decifrar um código misterioso e descobrir a pista inalterável que lhe explicaria o que acontecera com sua vida.

A viagem de Freddy seria longa. Partiria pela TWA de Los Angeles para Nova York. Ali, pegaria um vôo da Air France para Paris, pela rota polar, com escalas em Gander e Shannon. Armand estaria à espera em Paris para levá-la de carro à Champagne.

Swede Castelli levou Freddy ao aeroporto. Quando recebera a notícia, Freddy compreendera, em seu desespero, que Swede era a coisa mais próxima de uma família que tinha em Los Angeles... a única presença constante confiável num mundo que mudara tão depressa nos quinze anos em que se conheciam.

— Tente dormir um pouco no avião, Freddy — sugeriu ele, ao se aproximarem do portão de embarque. — Parece exausta.

Freddy olhou pelo vidro para o enorme quadrimotor Lockheed Constellation que esperava na pista. A bagagem era transferida de um furgão aberto para seu compartimento de carga.

— Existe um bar por aqui, Swede? — perguntou ela, abruptamente.

— Há sempre um bar num aeroporto. Vamos procurá-lo?

— Por favor.

Freddy e Swede tomaram um scotch em silêncio.

— Outro? — perguntou Swede.

Freddy balançou a cabeça em concordância.

— Por que os drinques de bar são tão ineficazes? — queixou-se ela, enquanto terminava o segundo uísque. — Mais parecem água.

— Provavelmente a metade já é água para começar e depois ainda acrescentam todo esse gelo. Tem apenas cerca de um quarto de uma dose normal nesse copo. Deixe-me pedir outro. Poderá então ter a certeza de dormir durante o vôo.

— Boa idéia.

Swede nunca vira Freddy tomar três drinques de uma só vez, mesmo num bar, e nunca antes das onze

horas da manhã, como acontecia agora, mas presumiu que era a maneira que ela encontrava de lidar com suas emoções.

Freddy bebia depressa e sombriamente. Seria uma viagem longa e extenuante, ela sabia que ofereceriam mais drinks e comida, depois que decolassem, mas sentia uma necessidade insólita pelo efeito do uísque imediatamente. Se ao menos não estivesse viajando sozinha...

David, se pudesse deixar seus pacientes de um momento para outro, teria sido um ótimo companheiro de viagem, mas ela perdera essa possibilidade ao lhe dizer que tinha certeza que nunca casaria com ele, não importava quanto tempo tivesse para se decidir.

Ele pensara que a decisão fora causada pelo impacto de sua família tratando o casamento como um fato consumado, esperando que ela se ajustasse em suas vidas tão bem organizadas.

— Você não sabe que poderia fazer qualquer coisa que quisesse?

— indagara David, na maior angústia. — Não sabe que eu jamais permitiria que eles tentassem amoldá-la?

Não fora isso, Freddy tivera de dizer, pois poderia lidar facilmente com os Weitzes, mesmo que fossem em número bem maior, depois de suas experiências como futura 16ª Baronesa Longbridge.

Quando compreendera que seu futuro era considerado como um fato consumado, ela concluíra que não amava David *d'amour*. *Aimer d'amour*, "amar com amor", a expressão francesa que indicava o amor romântico, não era assim que o amava. Mas Freddy amava David e sempre o amaria. Amava-o como um bom homem, como um grande médico, como um amigo afetuoso... mas não romanticamente. Ele seria um marido maravilhoso — Freddy o sabia racionalmente —, mas o instinto lhe dizia que isso não era suficiente. Ainda assim, gostaria que ele estivesse agora ao seu lado. Talvez David pudesse fazê-la entender por que seu pai, em perfeita saúde, deveria morrer de uma coisa chamada aneurisma cerebral, um problema que o médico francês dissera ser um ponto enfraquecido numa artéria no cérebro, que poderia se manifestar a qualquer instante, sem sintomas prévios.

— É melhor voltarmos — disse Swede. — Já devem ter começado a embarcar.

Freddy olhou para o relógio.

— Por que a pressa? — murmurou ela, beligerante. — Ainda temos mais dez minutos. O que poderiam fazer? Partir e me deixar aqui?

— Há quanto tempo não entra num vôo comercial? — indagou Swede, suavemente.

— Há anos. Nem me lembro quando foi a última vez.

— Se estão planejando partir no horário, podem muito bem deixá-la aqui. Vamos, menina, é hora de ir.

— Menina?

— Foi um deslize, *madame*. Não tornará a acontecer.

— Está tudo bem, não me incomodo. — Ela pegou um amendoim no prato à sua frente e mastigou-o, pensativa.

— Freddy, quer fazer o favor de se levantar?

— Tudo a seu tempo. — Ela pegou o casaco e a bolsa, abriu-a para verificar se trouxera a passagem, como se já não tivesse feito isso cinco minutos antes, acabou seguindo-o, ficando um pouco para trás, pensou Swede, como uma criança que ia à escola pela primeira vez.

Ele não a culpava por isso. Mesmo que Freddy estivesse viajando a passeio, já seria uma viagem terrível, mas era muito pior dar o primeiro passo a caminho do funeral do pai. Swede abraçou-a no portão de embarque e ficou atônito quando ela o apertou com toda força. Entregou-lhe a bolsa de viagem que carregara para ela e literalmente empurrou-a pelo portão. Freddy avançou pela pista na direção do Lockheed, uma figura solitária e desolada ao vento que soprava em rajadas, andando devagar, como se tivesse todo o tempo do mundo, embora fosse a última passageira a embarcar.

Freddy sentou-se rígida numa poltrona ao lado da janela, na frente do avião, recusando-se a entregar

o casaco à aeromoça. Sentia-se enregelada. Tremia de frio, embora soubesse que não podia estar tão frio assim na cabine. Viu os outros passageiros à sua volta, a maioria homens, desabotoando os paletós, afrouxando as gravatas, recostando-se, à espera da decolagem.

Freddy descobriu que tinha dois lugares só para si. Vasculhou na bolsa de vôo, à procura de um dos livros que trouxera para a viagem interminável. Prendeu o cinto de segurança, abriu o livro na primeira página, leu algumas linhas. Não faziam o menor sentido. Releu com toda atenção. Não havia nada de errado com as palavras ou as frases. Era sua mente que não as traduzia no início de uma história.

Ela fechou os olhos e prestou atenção ao som dos motores, enquanto partiam. Parecia não haver nada de errado com o som, pensou ela. Virou-se e esticou o braço, a fim de olhar para trás, pela janela. A asa se encontrava muito atrás para que pudesse ver as hélices. Tinha de presumir que tudo se encontrava em ordem, tinha de presumir que os mecânicos da manutenção haviam sido precisos e meticulosos, sem apressar o trabalho ou negligenciar algum detalhe pequeno que parecia não valer o tempo de investigar. Tinha de presumir que o piloto, o co-piloto e o engenheiro de vôo todos experientes e competentes, que conheciam seu trabalho e eram escrupulosos, que sabiam o tempo todo que sua segurança corria tanto risco quanto a dos passageiros.

Ela sabia demais, disse Freddy a si mesma, com severidade, enquanto o livro caía no chão, despercebido. Se não soubesse de todas as coisas que poderiam sair erradas, não se preocuparia tanto.

Era por isso que os médicos não deviam operar pessoas de sua família. Era por isso que os advogados não representavam os seus em ações judiciais. Oh, Deus, estava precisando de um drinque!

Freddy abriu os olhos e constatou que as aeromoças estavam sentadas em seus lugares. O avião ainda se encontrava no solo, na extremidade da pista, enquanto na cabine de comando os tripulantes efetuavam a verificação final para a decolagem. Ela acompanhou-a em sua mente, passo a passo. Enquanto o enorme aparelho começava a adquirir velocidade para alçar vôo, ela pensou: Cedo demais, cedo demais! Não houvera tempo suficiente para uma verificação final meticulosa, tinha certeza, mas não havia ninguém a quem pudesse dizer isso. Tinha vontade de gritar alto, bem alto, para as aeromoças estúpidas e indiferentes, para os passageiros que não imaginavam o perigo que corriam, gritar até que a decolagem fosse abortada e a verificação repetida, da maneira apropriada. Cedo demais!

Mas já haviam decolado. Lá embaixo, o chão caiu suavemente para longe e circularam, no padrão da partida. O ângulo daquela volta era fechado demais. Perigosamente fechado. Um estol poderia ocorrer a qualquer segundo, será que o vaqueiro pilotando aquele avião não sabia disso? O avião começou a subir para a altitude de cruzeiro. Uma subida rápida, rápida demais, para que a pressa, ele não sabia que aquele ângulo era um exagero, pensou Freddy, frenética. Que tipo de gente deixavam voar aquelas coisas? Que tipo de treinamento recebiam? Provavelmente algum garoto, impetuoso ainda por cima — todos os comandantes mais velhos estavam sendo aposentados, ela ouvira alguém comentar —, algum garoto que não estivera numa guerra, que não tinha horas suficientes naquele tipo específico de avião para saber o que estava fazendo. O aviso do cinto de segurança foi desligado, e Freddy chamou uma aeromoça.

— Pode me trazer um scotch duplo, sem gelo, por favor?

— Pois não, Sra. Longbridge. Deseja mais alguma coisa? Revistas, jornais? É uma honra tê-la a bordo. Serviremos o almoço daqui a pouco. Eu lhe trarei um cardápio junto com o drinque.

— Não precisa, obrigada. Quero apenas o drinque.

Merda! A mulher sabia quem ela era, pensou Freddy, tentando soltar os dedos que apertavam com força os braços da poltrona. O suor escorria pelos lados do corpo, sob a blusa, as raízes dos cabelos estavam encharcadas, mas ainda fazia muito frio para pensar em tirar o casaco. O coração batia descompassado, ela não conseguia respirar fundo, sentia-se como se estivesse prestes a experimentar o enjôo de ar, pela primeira vez na vida. Não havia ar ali dentro! Era esse o problema. Não havia ar. Não era de admitir que não conseguisse respirar. O enorme avião estava totalmente lacrado do mundo

exterior, sem qualquer oxigênio, exceto pelo filete ínfimo que saía assoviando dos dutos por cima da poltrona. Como podiam esperar que as pessoas se sentassem por horas a fio sem ar fresco?

Oh, Deus, ela daria qualquer coisa para ser capaz de esmurrar a antepara e deixar entrar um pouco de ar fresco pelo buraco, naquele caixote lacrado, com seu horrível interior, grande demais para ser um avião voável, pequeno demais para suportar a pesada carga de almas humanas.

O avião quase que se arrastava pesadamente pelo céu, os quatro motores fazendo um barulho que parecia horrivelmente errado. Havia alguma coisa emperrada em algum lugar, numa das centenas de partes vitais, ela podia visualizar e indicar os nomes de cada uma, algo estava preso era preciso soltar ou estariam perdidos. Freddy tornou a chamar a aeromoça.

— O que deseja, Sra. Longbridge?

— Preciso falar com o comandante. É urgente. Urgente.

— Não sei se ele poderá vir lhe falar neste momento, mas vou perguntar.

Anos se passaram, Freddy escutando o motor defeituoso, os olhos apertados com toda força para poder ouvir melhor. Lá estava... um engasgo, um soluço, algo que qualquer piloto poderia ouvir, exceto quem não soubesse o que escutar.

— Sra. Longbridge?

Freddy olhou para os sapatos pretos de verniz, a calça azul do uniforme.

— Comandante?

— A sua disposição, *madame*. Qual é o problema?

— Há algo errado com um dos seus motores de boreste. Não pode ouvir?

— Não, Sra. Longbridge. Todos estão funcionando perfeitamente.

Acabei de verificar.

Ele era surdo, além de estúpido, pensou Freddy, furiosa, fitando-o. Um homem de meia-idade, sem dúvida um piloto veterano, competente, experiente. Ela não precisou de mais que um rápido olhar para saber disso. Reconheceria um homem assim em qualquer lugar.

— Desculpe, comandante. Acho que estou ouvindo coisas. — Ela forçou uma risada. Ele não devia adivinhar, de jeito nenhum, pensou Freddy. Era vergonhoso demais.

— Não há problema, Sra. Longbridge. Teríamos o maior prazer se nos visitasse na cabine de comando, depois do almoço, caso deseje.

— Obrigada, comandante. Provavelmente estarei dormindo.

— Quando quiser. Basta avisar à aeromoça, se mudar de idéia.

Quando o almoço foi servido, Freddy dispensou-o, pediu uma manta, um travesseiro e outro drinque. Devia tentar relaxar, disse ao animalzinho enfurecido que lhe corroía o cérebro, escavando um túnel, fugindo de mil perigos, num pânico de pesadelo. Era pior quando fechava os olhos, compreendeu ela. De olhos abertos, podia ver as pessoas almoçando com satisfação; enquanto pudesse se concentrar nos outros, o avião não cairia, porque eles não estariam comendo se estivessem prestes a morrer, não é mesmo?

Freddy deixou escapar uma exclamação de puro horror. O avião entrava numa nuvem, inesperadamente. Perigo, havia perigo ali.

De repente, enquanto o avião mergulhava mais e mais na brancura suja, a lembrança perdida dos minutos anteriores ao seu acidente afloraram na mente de Freddy. Verificara o altímetro e constatara que tinha altitude suficiente para pousar em Catalina. Mas não fizera contato pelo rádio com uma torre de aeroporto nas proximidades para descobrir se houvera uma mudança na pressão barométrica desde a decolagem de Burbank. Qualquer piloto iniciante tomaria essa precaução absolutamente necessária, tendo em vista o lapso de tempo e as mudanças de altitude que ela efetuara enquanto voava.

Qualquer piloto, qualquer um, exceto uma aviadora tão presunçosa, tão furiosa, tão cansada do mundo, tão segura de si, que esquecera de tomar a mais elementar das precauções. Se pudera esquecer

algo tão básico, o mesmo poderia acontecer com o comandante tão experiente com que acabara de falar, o mesmo poderia acontecer com o piloto mais experiente de qualquer empresa aérea do mundo, no dia errado, no ânimo errado. Não havia segurança em parte alguma. Ela não devia gritar!

Depois do funeral de Paul de Lancel, as centenas de pessoas que acompanharam o caixão a pé, até o cemitério na igreja da aldeia, retornaram a Valmont para apresentar os pêsames à viúva e aos filhos. No meio da tarde a última já partira, e Eve e as filhas sentaram-se juntas, exaustas da obrigação de responder a tantas palavras entristecidas, tantos rostos pesarosos, mas precisando e muito do conforto da companhia uma da outra.

Bruno permanecera ao lado delas durante todo o dia difícil, os olhos abaixados, o rosto impressivo e aquilino com uma expressão séria e indecifrável, uma presença masculina sombria que apertava as mãos estendidas e respondia às palavras de condolências com o grau preciso de solenidade que os amigos e vizinhos de Paul de Lancel podiam esperar. Delphine e ele haviam se cumprimentado bruscamente, mas sem muita ênfase, como se fossem os parentes mais distantes. A última conversa entre os dois, na noite do jantar do General von Stern, era nítida nas mentes de ambos, mas Delphine era uma atriz consumada, e Bruno um mestre na arte da ilusão, o que permitia que cada um imaginasse que a confrontação já fora esquecida, embora algumas coisas nunca fossem esquecidas, como bem sabiam. Jamais esquecidas, jamais perdoadas, jamais discutidas.

Para Eve, era como se Bruno estivesse invisível. Não lhe estendeu a mão quando ele chegou, seus olhos sequer passaram pelo rosto de Bruno. Não o ignorou, porque ignorá-lo seria admitir sua existência. Apenas não demonstrou, por qualquer sinal, que ele se encontrava presente naquela reunião, de maneira tão hábil que ninguém notou, à exceção do próprio Bruno.

Agora que as formalidades estavam encerradas, Bruno escapou do *château* para um passeio pelo bosque próximo. Armand Sadowski saiu de carro para levar Tony e os pais, Penelope e Gerald, até Rheims, onde pegariam um trem para Paris. Jane, que passaria a noite no *château*, subiu para tirar um cochilo.

— Já pensou no que vai fazer agora? — arriscou-se Delphine finalmente a perguntar a Eve.

Até que a mãe tomasse alguma decisão sobre seu futuro, ela não poderia deixá-la ali sozinha, mas dentro de uma semana começaria a trabalhar no novo filme de Armand.

— Já, sim — respondeu Eve, a voz inesperadamente firme e determinada.

Freddy e Delphine trocaram olhares surpresos. Até aquele momento, Eve se mantivera envolta por sua desolação, como se fosse um manto de solidão. Não perdera o controle e chorara, como as filhas meio que esperavam; e recusando a companhia das duas, passara muito tempo sozinha em seu roseiral, terminando de cobri-lo com palha, a tarefa que iniciara pouco antes da morte de Paul.

— Vou seguir os planos que seu pai e eu fizemos para o inverno

— continuou Eve, calmamente. — Se eu tivesse morrido, gostaria que ele fizesse isso. Voarei de volta para a Califórnia com você, Freddy, como havíamos planejado, passarei algum tempo lá, depois irei me encontrar com Delphine e Armand em Barbados. Retornarei a Paris após os feriados de Natal e farei tudo que planejamos. A única alteração será no Ritz... ficarei numa suíte menor. E no início da próxima primavera, é claro, voltarei a Valmont, onde sou necessária. Posso viajar enquanto as videiras dormem; quando acordarem, devo estar em casa.

— Mas... pode dirigir o negócio... sozinha? — indagou Delphine.

— Não estarei sozinha, querida. Quase todos os homens que estavam aqui quando chegamos, depois da guerra, ainda passam bem e trabalham firme. Alguns foram enviados para a Alemanha e não voltaram; outros, como os adegueiros, os três primos Martins, foram executados pela Gestapo, mas outros homens da família os substituíram. Nenhum homem da Casa de Lancel é indispensável, nem mesmo o *chef de*

cave. Juntos, no entanto, são como a chave para o cultivo das uvas e a produção do vinho. Terei de contratar alguém para organizar e supervisionar, alguém para dirigir a Casa de Lancel como seu pai fazia. Encontrarei o melhor homem de Champagne, mesmo que tenha de roubá-lo de outro *château*. Não se esqueçam que aprendi mais do que um pouco sobre este negócio nos últimos seis anos... foi um curso intensivo para mim, tanto quanto para seu pai. Se a casa de qualquer *Grande Marque* dependesse totalmente de determinadas pessoas em particular, por quanto tempo acham que sobreviveria? A Champagne faz viúvas fortes, Delphine.

— Mãe! Como pode falar assim?

— Porque é verdade. Leia a história do vinho e compreenderá.

Ensina as pessoas a serem realistas. E no próximo verão espero que vocês venham me visitar e tragam as crianças... afinal, Valmont pertence a vocês agora, não apenas a mim.

A voz de Eve, embora rouca pelo choro, era firme e resoluta. As videiras desfolhadas em volta de Valmont dariam frutos na primavera, como acontecia todos os anos, há séculos. Esse processo elementar e inalterável dava-lhe coragem de olhar para a frente e imaginar um futuro sem Paul. Sem as videiras, estaria perdida...

mas nunca ficaria sem elas.

— No que me diz respeito — interveio Freddy —, Valmont não me pertence absolutamente. Não posso me imaginar dona dele.

— Mas pertence. E depois de você, será de Annie. Quando o tabelião chegar amanhã, para ler o testamento, não deve haver surpresas. Um terço ficará comigo, os outros dois terços, por lei, devem ser divididos entre você, Delphine... e Bruno. Quando eu morrer, a Casa de Lancel pertencerá aos três igualmente; e quando morrerem, a seus filhos. Se nenhum de vocês ou nenhum deles quiser se envolver no negócio ou se discordarem sobre a maneira como deve ser dirigida, lembrem-se de que sempre é possível vender. Nunca há falta de compradores para terra na Champagne.

— Não seja mórbida, mãe! — protestou Delphine.

— Não é mórbido falar sobre a morte, querida. É desagradável, porque nos obriga a pensar que não se vive eternamente, mas nunca é irrelevante quando há terra envolvida. De qualquer forma, sempre haverá champanhe Lancel feita de nossas videiras, não importa quem possua a terra. O nome será imortal, enquanto as uvas forem cuidadas. — Eve sorriu gentilmente para as filhas. Precisara de muitas horas no roseiral para começar a enfrentar a vida sem Paul e sabia que seus planos, por mais detalhados que fossem, nunca poderiam protegê-la da perda interminável. Mas esse era o preço a se pagar por um amor interminável. Não se podia ter tudo.

Bruno sentou-se num tronco de árvore numa clareira no bosque, onde penetravam raios de luz, consciente, de uma maneira que lhe era completamente nova, de que se encontrava num momento de sua vida em que podia dizer "Isto é o melhor que pode ser". O futuro oferecia um desfile de eventos gloriosos que surgiam à sua frente tão claramente como se aquele bosque fosse encantado, mas ele não tinha necessidade de contá-los, não sentia o impulso de se fixar em todas as satisfações terrenas que a morte do pai agora lhe proporcionavam. Era suficiente, por enquanto, pensar em Marie de La Rochefoucauld. Menos de três semanas antes, na noite do aniversário de Marie, a confissão de que falava a seu respeito com os amigos indicara que ela o amava. Uma moça como Marie nunca expressaria o que havia em seu coração de maneira mais evidente do que naquela noite.

Nos dias subseqüentes à festa, ele a vira com freqüência. Com sua nova compreensão das emoções de Marie, ele podia dizer que, à sua maneira recatada, majestosa e antiquada, ela esperava ansiosa por sua iniciativa. Marie escondia sua ansiedade quase tão bem que, se já não tivesse se traído, Bruno poderia permanecer no estado de angústia e dúvida em que vivera desde o momento em que a conhecera.

Marie de La Rochefoucauld era sua, bastava ele pedir, Bruno sabia, enquanto estendia as pernas e os

braços, exausto de tanta alegria. Desde o instante em que Marie admitira que não podia guardá-lo para si mesma, Bruno iniciara o treinamento à obediência que prometera a si mesmo que imporá a ela. Mantivera-a na expectativa, indecisa, cheia de esperança, enquanto empregava todo o seu charme, deliberado e intenso, para torná-la ainda mais apaixonada.

Na última semana, os olhares de Marie já começavam a revelar seu estado de espírito. Uma angústia inquisitiva aflorava nos olhos cinzas em determinados momentos, quando Marie pensava que ele não a observava. Sempre que percebia essa angústia, Bruno tornava-se remoto e superficialmente polido por meia hora, tempo suficiente para confundi-la e preocupá-la, mas não o bastante para que ela lhe perguntasse o que estava errado. Antes mesmo da notícia da morte de Paul, o universo de Marie já começava a ser regido pelos ânimos de Bruno. Dispunha de todo o tempo do mundo, pensou ele, em triunfo, para levá-la ao ponto do desespero nervoso, se assim desejasse; mas agora que sabia que era possível, ainda não havia necessidade de testar seu poder.

Acertaria o noivado, decidiu Bruno, assim que voltasse a Nova York, já que nada mais impedia seu retorno à França. Voariam juntos para Paris dentro de algumas semanas, a fim de que ele pudesse conhecer os pais de Marie. A mãe haveria de querer iniciar logo os planos para o grande casamento, em que todos os nobres clãs a que pertenciam se reuniriam para testemunhar a união. Ele imaginou que a cerimônia ocorreria na primavera... bem cedo, já que era inevitável que Marie estava fadada a ser a incomparável Vicomtesse Bruno de Saint-Fraycourt de Lancel. Ela existiria para agradá-lo; juntos, fundariam uma dinastia.

Mas não ali na Champagne. Nunca mais queria ver Valmont. Apenas aquele funeral, tão lamentavelmente retardado, por tanto tempo esperado, fora capaz de trazê-lo de volta à província, embora por um dia apenas. Que ali vivesse quem assim desejasse, onerado por todos os alarmes e preocupações de um camponês. Que outra pessoa cuidasse de Valmont, desde que ele recebesse sua parte justa nos lucros da Casa de Lancel.

Talvez estivesse na hora de voltar ao *château*, pensou Bruno, um desagrado indolente maculando sua felicidade perfeita. Detestava levantar-se e abandonar seus pensamentos, quando tudo que sempre desejara se encontrava finalmente ao seu alcance, mas havia um frio úmido no ar do bosque. "Isto é o melhor que pode ser", repetiu Bruno para si mesmo, sabendo que aquele momento voltaria muitas e muitas vezes em sua vida. Uma brisa soprou e as folhas na clareira começaram a farfalhar por trás dele.

Uma enorme e áspera mão tapou-lhe a boca, forçando a cabeça para trás. Um braço, musculoso, comprimiu-se brutalmente em volta de seu pescoço. Outras mãos seguraram-lhe os braços, puxando-os para as costas e amarrando-os. Levantado rudemente, forçado a se adiantar, Bruno teve de andar ou cair. Os captores marcharam por trás dele, tão perto que podia sentir a respiração na nuca.

— Nunca deveria ter voltado — murmurou uma voz de homem que Bruno não reconheceu. — Jamais volte ao local do crime. Não sabe disso?

— Lembra dos três Martins? Lembra dos homens que denunciou à Gestapo? Somos seus irmãos mais jovens — sussurrou uma segunda voz, quase inaudível em meio ao ruído das folhas de outono que os pés esmagavam.

Um terceiro homem falou, quase tão baixinho:

— Viemos procurá-lo no dia em que seu pai chegou da guerra, mas você havia desaparecido.

— Pretendemos lhe dar uma lição — resmungou o primeiro homem que falara. — Vamos logo!

Em seu terror, Bruno ainda pôde perceber que contornavam o caminho, na direção das adegas. Não havia uma só pessoa visível em qualquer parte da paisagem, enquanto a luz do final de outono se tornava cada vez mais fraca. A mão enorme sobre sua boca mantinha-o em silêncio, comprimindo os lábios dolorosamente contra os dentes.

— Pensou que escaparia impune, não é mesmo? Pensou que havia destruído os únicos homens que tinham conhecimento de *Le Trésor*.

Frenético, Bruno tentou sacudir a cabeça.

— Não negue. Sabemos que foi você — murmurou a terceira voz, em seu ouvido, o tom implacável aguçado pela suavidade forçada.

— Havia outra chave — disse a segunda voz, num sussurro assustador. — A chave pertencia a meu irmão, Jacques, o mais velho dos Martins. Seu avô confiava nele, como confiava nos outros. Exceto por seu pai, você possuía a única outra chave. Nunca houve mais do que três chaves para *Le Trésor* na história de Valmont.

— Jacques viu um comboio alemão uma noite, perto das adegas.

Seguiu-o, escondeu-se, observou os soldados carregando o champanhe para o caminhão. No dia seguinte foi a *Le Trésor* e descobriu que estava vazio. Ficou com medo de que alguém pudesse culpá-lo ou a nossos irmãos, até que compreendeu que só podia ter sido você quem vendera o segredo de Valmont aos alemães. Ele nos contou tudo e nos deu a chave para guardar.

Uma pausa e o sussurro implacável continuou:

— Quando a Gestapo veio buscar nossos irmãos, compreendemos que você os assassinara. Não podíamos agir porque seus amigos nazistas o protegiam. Depois da guerra, seu pai nunca falou com ninguém sobre *Le Trésor*. Ele sabia quem era o verdadeiro ladrão. Respeitamos sua vergonha. Sabíamos que você voltaria um dia. Ele devia saber disso também.

Eles entraram agora nas adegas enormes e bem abastecidas, sem qualquer trabalhador, encaminharam-se para a parede do outro lado em que estava escondida a entrada para *Le Trésor*. Bruno debateu-se com uma força desesperada, mas se encontrava tão impotente quanto um pedaço de carne na eficiência dos captores. Um deles comprimiu um ponto na parede, que se abriu, a fechadura da porta secreta brilhando tanto quanto na ocasião em que o avô de Bruno lhe confiara o segredo de Valmont. Uma chave foi inserida e a porta de *Le Trésor* foi aberta.

Um dos Maitins acendeu a luz e fechou a porta depois que passaram, abafando todo barulho.

Os três arrastaram Bruno pela adega vasta e vazia. Os pés de Bruno arrastavam no chão. Ele ficara inerte com o conhecimento, mas os olhos continuavam abertos, ainda se mantinha consciente, enquanto o encostavam na parede dos fundos. Os primos se afastaram apressados sob a bateria de luzes. Tiraram os rifles pendurados no ombro, levantaram e apontaram.

Os tiros ressoaram. Os Martins aproximaram-se devagar do corpo caído no chão de cimento. Um deles virou Bruno com a ponta do pé, fitando os olhos vidrados, a boca que se abrira para gritar. Ele morrera antes de bater no chão. Outro tirou do bolso um pedaço de papel, era que escreveu rapidamente as palavras *Réglement de comptes*.

— Acerto de contas — murmurou ele, devagar, largando o papel no peito de Bruno.

Viraram-se para ir embora, tornando a pendurar os rifles de caça nos ombros. Enquanto a porta de *Le Trésor* era fechada depois que saíram, um dos Martins disse aos outros:

— Amanhã devemos enviar a chave e providenciar para que a polícia saiba onde ele está. Não haverá mais investigações... não depois de lerem o bilhete no corpo. De outra forma, não seria justo com *Madame* de Lancel. Haveria uma busca interminável, e ele nunca seria encontrado.

— Seus ossos não devem permanecer em Valmont — comentou outro primo. — Profanam esta terra.

— Concordo — disse o terceiro Martin. — E também não é bom as pessoas pensarem que não há um acerto de contas. Esse homem viveu por tempo demais.

Delphine e Armand persuadiram Eve a descansar antes do jantar e subiram com ela, enquanto Freddy permanecia lá embaixo, num pequeno salão, com Jane, que despertara de seu cochilo. As duas tentavam retomar os fios de ligação de suas vidas, cortados quando Freddy e Tony haviam partido para Los Angeles, cinco anos antes.

— Fiquei amargurada quando vocês foram embora — comentou Jane.

— De que adiantava ter conseguido conquistar você para cunhada se iam viver tão longe?

— Mas agora tem Tony de volta, e pode acreditar que ele parece muito melhor hoje do que na última vez em que o vi. Ser de novo um aristocrata rural fez uma grande diferença. E aquela moça simpática com quem ele diz que vai casar... e ainda por cima renunciou à bebida. Fico feliz por ele.

— Se eu pudesse escolher, preferiria ficar com você... tenho muitos outros irmãos. Oh, Deus, vocês dois armaram uma tremenda confusão. Os casamentos de guerra... será que algum dá certo? Fico contente por ter esperado. — Jane ofereceu a Freddy o sorriso satisfeito de uma mulher que convertera sua vida num sucesso total.

— Imagine só, Freddy, eu nunca teria conhecido o querido Humphrey, nunca teria meus queridos filhos, nunca seria uma marquesa, o que é o mais glorioso de todos os jogos, embora provavelmente nunca vá encontrar ninguém bastante honesto para admiti-lo. O segredo é não se preocupar com o imposto de herança. Eles não podem tirar tudo.

Isso mesmo, foi uma boa coisa que eu não tivesse me tornado uma esposa de guerra. Tudo acabou sendo para melhor.

— Você não chegou nem perto de virar uma esposa de guerra, Jane, se bem me lembro. Assim, como pode sentar-se aí horivelmente satisfeita consigo mesma por ter escapado a um destino que nunca a ameaçou?

— Se Jock tivesse me pedido, eu casaria com ele sem a menor hesitação, e deixaria que me arrastasse pelas areias do deserto da mais selvagem Califórnia, como aconteceu com o pobre Tony.

— Essa não, Jane! Você nunca teve um romance com Jock!

— Não queira me dar uma lição! — reagiu Jane, com uma aspereza mordaz.

Uma insinuação de futura dignidade moderava a malícia dos olhos castanhos, mas afora isso ela continuava inalterada pelo casamento nobre.

— Mas do que está falando? — indagou Freddy, perplexa.

Não combinava com Jane ter paixões fantasiosas, quando tivera tantas reais.

— Nunca adivinhou? Não, posso ver que não. Mas também eu não queria que você ou qualquer outra pessoa soubesse. Já era bastante horrível estar ridiculamente apaixonada por alguém que não tomava conhecimento da minha existência, não precisava ser o alvo da compaixão geral.

— Era apaixonada por Jock Hampton?

— Durante anos. E não precisa ficar tão incrédula... é um reflexo do meu gosto, e meu gosto é excelente, com sua licença, Sra. Longbridge! Estive apaixonada por aquele homem adorável por mais tempo do que me agrada pensar. Não consegui esquecer Jock, não completamente, até conhecer Humphrey. E acho que estarei sempre um pouco apaixonada por aquele lindo Tarzã louro.

— Aquele enorme patife? Aquele vaqueiro caipira? Aquele miserável jogador de futebol americano, aquele idiota de inteligência apenas marginal? — perguntou Freddy, aturdida e um pouco irritada.

— Não, Jane, diga que não é verdade.

— Mas foi. E como foi! Duvido que você tenha alguma vez dado uma boa olhada em Jock. Ora, não importa... é uma questão de gosto. Mas não concorda, Freddy, que depois que se apaixona de verdade por alguém, mesmo que venha a se apaixonar por outro, o primeiro amor sempre permanecerá vivo dentro de você?

— Não vou contestar isso — respondeu Freddy, com um tom de complicada nostalgia, as lembranças entre amargas e boas de horas que nunca poderiam voltar. — Mas por que não tentou conquistar Jock... sequer flertou com ele... logo você, a mais descarada e infame conquistadora do Império Britânico? O que a impediu?

— Você.

— Eu? — protestou Freddy, indignada. — É a coisa mais injusta que já ouvi! Como eu poderia impedi-la?... E por que eu a impediria, pelo amor de Deus?

— Não você pessoalmente, sua tola... O que estou querendo dizer é que Jock estava tão completa e perdidamente apaixonado por você que sequer havia a menor possibilidade de atrair sua atenção, muito menos flertar com ele. Ele ficava circulando a olhar para você... ou pior, tentando não olhar para você, de uma maneira que me dizia tudo o que eu precisava saber. Oh, Deus, como era angustiante observá-lo! Era evidente que eu tinha de me apegar a meu orgulho, já que era tudo o que me restava. Descobri-me na situação totalmente mortificante de observá-lo a ansiar por você, enquanto eu ansiava por ele... e durante todo o tempo Freddy e Tony, nossos dois jovens apaixonados, felizes e concentrados um no outro, não percebiam coisa alguma. Ah, o amor! Mas, como eu disse, tudo acabou sendo para o melhor... pelo menos para mim. E sabe como lamentei sinceramente... ainda lamento... que não tenha dado certo para você e Tony. Quanto a Jock... como ele está, afinal?

— Jock?... Ah... você conhece Jock, ele está... bem... cada vez mais forte...

— Pobre Jock, ainda apaixonado por você. Tony me disse que desconfiou por anos. Mas... quando alguém não é o seu tipo, não se pode forçar, não é mesmo?

— Hein?

— Eu disse... ora, não importa. Claro que você está pensando em outras coisas. Quer que eu lhe faça um drinque, menina?

— Quem?

— Um drinque! Quer um? Freddy? Freddy? Quantos dedos estou levantando?

— Como?

— Vou servir os drinks. Fique sentada aqui. Foi um dia comprido. Estou contente por ter ficado... precisa de alguém para cuidar de você.

Na tarde seguinte ao funeral de Paul de Lancel, quatro agentes da delegacia de polícia de Epernay chegaram a Valmont. Pediram à governanta para comunicar à *Madame* de Lancel que não desejavam incomodá-la em sua dor, mas tinham a obrigação de investigar uma carta anônima que haviam recebido, envolvendo uma de suas adegas.

— Podem ir, cumpram seu dever — disse Lucie, com autoridade. — *Madame* de Lancel diria a mesma coisa, mas não pretendo incomodá-la com essa bobagem agora.

Os policiais partiram para as adegas, levando a chave e o mapa que mostrava como encontrar a porta secreta de Le Trésor, deixados na delegacia por mão desconhecida no início do dia. Quinze minutos depois estavam parados, intimidados e espantados, diante da porta aberta para uma vasta escuridão de Le Trésor. Um dos homens tateou pela parede e encontrou o interruptor. O enorme espaço foi-lhes revelado sob as luzes fortes, vazio, exceto por um corpo no chão, no outro lado. Aproximaram-se rapidamente. Mesmo enquanto andavam, três dos quatro homens, que haviam passado toda a guerra em Epernay, reconheceram Bruno. Dois praguejaram baixinho, mas sem surpresa. Pararam ao lado do cadáver, num momento de hesitação, depois o agente mais velho abaixou-se e pegou o papel que fora deixado no peito de Bruno. Leu-o em silêncio e passou para o homem ao seu lado. Todos leram o bilhete no mesmo silêncio, e os três que haviam conhecido Bruno se entreolharam, numa compreensão imediata.

— O que fazemos agora, capitão? — perguntou o mais jovem.

— Levamos o corpo para o *château* e comunicamos o acidente à chefatura, meu rapaz.

— Acidente, capitão?

— Não estava aqui durante a guerra, Henri. Muitas pessoas tinham motivos para querer a morte deste homem. Quem poderia descobrir quem são essas pessoas? Ou quantos foram? Quem se daria a esse trabalho desnecessário? Não pode ser feito, Henri. Não deve ser feito. Foi um acidente que estava fadado a acontecer.

— Se assim deseja, capitão.

— É o que desejo, Henri. É o que todos nós desejamos.

— Não posso entender por que a polícia registrou a morte de Bruno como um acidente de caça — comentou Freddy. — Ainda estou chocada.

Não deviam saber que foi assassinato... encontrando-o depois de um aviso anônimo... o que mais poderia ser? Mesmo assim, eles não vão investigar. Não lamento por Bruno, mas o que está acontecendo aqui? Será que ninguém mais pensa, além de mim, que é simplesmente inacreditável?

Freddy, Eve, Delphine e Armand haviam acabado de voltar das formalidades apressadas do funeral de Bruno e estavam sentados no terraço de Valmont, onde as pedras antigas ainda conservavam o calor do verão.

— Não foi um acidente nem um assassinato — disse Eve, passando o braço pelos ombros de Freddy. — Foi uma execução.

— Como? Uma execução? O que isso significa? E desde quando as execuções particulares são legais na França? Por que nenhum de vocês está mais... não sei exatamente... mais surpreso! É isso mesmo! Quando trouxeram o corpo de Bruno para cá, acho que fui a única pessoa da família que ficou realmente aturdida. Vocês pareciam quase aceitar... como se todos... esperassem que alguma coisa assim acontecesse. Mas não era possível! Que motivo teria alguém para imaginar que Bruno acabaria morto nas adegas, um dia depois de sair para dar um passeio no bosque?

— Querida, já viu o monumento no centro de Epernay, não é mesmo? — indagou Eve.

— Já, sim. Mas o que isso tem a ver com o que aconteceu?

— Não é um tributo aos soldados mortos, Freddy. Ali estão gravados os nomes dos 208 homens e mulheres desta pequena região que morreram na Resistência, alguns nas mãos da Gestapo, muitos em campos de concentração. Vários trabalhavam aqui em Valmont. A polícia compreendeu que a morte de Bruno estava relacionada com essas mortes. Ele foi um colaboracionista.

— Você sabia? — interveio Delphine, atônita, levantando as mãos para cobrir a boca.

— Seu pai me contou, mas apenas a mim. Não queria que qualquer outra pessoa soubesse... a desgraça do nome da família, causada por seu próprio filho... devia ser escondida, até mesmo de vocês.

Mas nós dois compreendíamos que só sabíamos de uma parte da história. Quem pode dizer quanto mal Bruno fez aqui durante a ocupação?

Ele esteve sozinho em Valmont, depois que seu avô morreu, por três anos... anos sinistros. Muitas pessoas deviam ter bons motivos para levá-lo à justiça.

— Mas a guerra acabou há mais de seis anos! — protestou Freddy.

— É fácil perceber que você nunca viveu num país ocupado, Freddy — interveio Armand. — Seis anos não são nada. Se ele só voltasse para cá dentro de dez anos, vinte anos, ainda assim os carrascos de Bruno... independente de quem sejam... estariam à sua espera. Podem até ter sido os próprios policiais ou pessoas que eles conheciam, parentes ou amigos. A polícia tem seus motivos para não querer investigar esta morte.

— Você desconfiou de alguma coisa, Delphine? — perguntou Freddy. — Esteve mais ou menos em contato com Bruno durante a guerra... tem alguma idéia do que pode ter acontecido?

— Não, nenhuma. Bruno sempre foi... correto... comigo — respondeu Delphine, calmamente, pegando a mão de Armand.

Era melhor que algumas coisas permanecessem enterradas. O jantar do General von Stern jamais ocorrera. Ela nunca suplicara a ajuda de Bruno. Nunca concordara em pôr seus diamantes e ir pedir um favor ao general na casa da Rue de Lille. Qualquer que fosse o motivo pelo qual haviam matado Bruno, Delphine tinha certeza que ele merecera seu destino. Ninguém, nem Freddy, a mãe ou o próprio Armand, poderia compreender plenamente como fora a vida no tempo da ocupação. Se uma pessoa era afortunada o bastante por ter sobrevivido, o mais sensato agora era esquecer tudo. E graças a Deus que a polícia francesa era pragmática.

— Agora, sinceramente, mal posso esperar o momento de sair daqui! — exclamou Eve, abrindo os braços, depois que o tabelião se retirou. — Anseio por uma boa dose do sol da Califórnia, depois de todas essas questões legais.

— Eu estava pensando, mãe... não seria mais divertido voltarmos de navio? — sugeriu Freddy. — Nunca fiz uma viagem pelo mar desde que era criança, e o tempo ainda está bom. O que acha?

— É a pior idéia que já ouvi! Em primeiro lugar, você está longe de Annie há semanas... tempo demais... e eu estou ansiosa por abraçar aquela criança linda. Em segundo lugar, não posso imaginar nada mais deprimente do que ficar vendo o oceano por cinco dias a fio, cercada por estranhos. Você acabaria ficando doida com a lentidão, Freddy, e é a última coisa de que preciso.

— Pensei que poderia ser... ora, você sabe... relaxante, tranqüilizante, pacífico, luxuoso. Uma espécie de repouso curativo.

— É tedioso, demora uma eternidade, e todo mundo come demais. É muita gentileza de sua parte considerar a possibilidade pelo meu bem, querida, mas eu não sonharia em viajar de outra maneira que não de avião. A única dúvida é quão depressa podemos partir. Já arrumei praticamente as malas, tive as últimas reuniões com a governanta, os jardineiros, o chefe de vendas e o *chef de cave*. Poderia partir hoje mesmo.

— Telefonarei para Paris e reservarei as passagens — ofereceu-se Armand, encaminhando-se para o telefone.

— Maravilhoso — murmurou Freddy. — Ele é sempre tão prestativo assim, Delphine?

— Precisamos voltar a Paris o mais depressa possível. Isso pode ter alguma relação com sua atitude. E não importa quão difícil seja fazer reservas na última hora, tenho certeza que ele conseguirá as passagens para amanhã.

— Mal posso esperar — disse Freddy, para si mesma.

Talvez, se Eve ficasse na janela e ficassem de mãos dadas, não fosse tão terrível. Mas não poderiam ficar de mãos dadas por toda a viagem até Los Angeles. Podia pôr a cabeça no colo da mãe e fechar os olhos. Mas não por todo o caminho até Los Angeles. Não podia exceder na bebida com a mãe ao lado. Havia uma nova droga de que ela ouvira falar e que supostamente curava todos os tipos de ansiedade. E se...

— Delphine, já ouviu falar de uma coisa chamada Miltown? — indagou Freddy.

— Miltown? Não.

— O que é Miltown, Freddy? — perguntou Eve.

— Alguma invenção americana. Nada... importante.

— Não esperava as duas tão cedo! — exclamou Helga, quando Freddy e Eve saltaram do táxi que haviam apanhado no aeroporto.

— Tivemos um vento de popa, Helga — disse Freddy. — O avião chegou antes do previsto.

— Deixe-me ajudá-la com as malas, *Madame* de Lancel — disse Helga, afobada e confusa.

— É bom estar de volta, mas me sinto exausta — comentou Eve. — Freddy, vou subir direto e deitar um pouco. Nem mesmo sei que dia é hoje, muito menos a hora.

— Quando acordar, mãe, venha me procurar. Provavelmente estarei acordada.

— Espero que sim, pela maneira como manteve a cabeça enterrada por baixo de uma manta durante toda a viagem. Nunca vi ninguém dormir tanto quanto você. Até mais tarde, querida.

Assim que Eve começou a subir a escada, Freddy perguntou:

— Helga, onde está Annie?

— Perdeu-a por pouco, Sra. Longbridge. Ela saiu.

— Saiu? Para onde ela foi? Quando voltará? — perguntou Freddy, impaciente.

— Tenho certeza que ela voltará até o anoitecer. Não será mais que umas poucas horas. — Helga começou a se esgueirar para a cozinha.

— Helga! — gritou Freddy, bruscamente. — Annie saiu sozinha?

Que história é essa de "voltará até o anoitecer"? Sabe muito bem que não permito que ela fique na rua sem saber com quem está.

— Ela não está sozinha, Sra. Longbridge. Saiu com o Sr. Hampton.

— Ele disse para onde iam?

— Não exatamente.

— Helga! Por que está com essa cara de culpada? O que está acontecendo por aqui?

— Deveria ser uma surpresa! — lamentou Helga. — Eles me fizeram prometer que não contaria nada. Annie disse que a senhora ficaria muito orgulhosa quando voltasse para casa. Ela queria muito, e o Sr. Hampton me disse que ela já era bastante alta e bastante inteligente... Oh, Sra. Longbridge, eles me convenceram, os dois, não tive coragem de dizer não! O Sr. Hampton... ele está... dando aulas de vôo a Annie... tem saído com ela quase todas as tardes desde a sua partida... juro que pensei que não se importaria, ouvi todas as histórias que contou a Annie sobre como era jovem quando teve sua primeira aula... acho que eu deveria ter impedido, mas o Sr. Hampton é tão experiente... e é o padrinho dela... e Annie estava muito triste por ficar sozinha aqui, e com a morte súbita do seu pobre avô... oh, Sra. Longbridge...

— Está tudo bem, Helga, está tudo bem, pare de se justificar, compreendo o que aconteceu... pare de chorar e tente pensar. Para onde eles foram?

— Um lugar chamado Santa Paula. O Sr. Hampton disse que era um bom lugar para aprender, não muito movimentado, nem muito grande.

— Está bem.

Freddy subiu para o seu quarto, de dois em dois degraus, tirou as roupas de viagem. Poucos minutos depois, ainda úmida de um banho de chuveiro apressado, os cabelos pingando mas limpos da longa viagem no ar viciado, ela pôs uma jeans, um velho blusão de trabalho, azul, desbotado e tênis. Disparou em seu carro pelo vale de San Fernando na direção de Santa Paula. Tudo o que tinha de fazer era virar as costas para que aquele filho da mãe se empenhasse em corromper sua filha, pensou Freddy. Esperara até os quinze anos, pelo amor de Deus, para aprender a voar, mas Jock Hampton estava dando aulas — Jock, que nunca pilotara um avião de treinamento em toda a sua vida — a uma criança que ainda nem tinha dez anos! Que tipo de louco faria uma coisa assim, não importava o quanto Annie lhe suplicasse para lhe ensinar?

No aeroporto pequeno e familiar, ela correu para o galpão do administrador, ao lado do prédio principal.

— Viu um louro alto com uma garotinha de cabelos escuros?

— Claro. Eles acabaram de decolar, num Piper Cub. Pousaram para comer alguma coisa e tornaram a subir.

— Disseram quando voltariam?

— Não falei com eles. Experimente a garota no café. Talvez ela saiba.

Freddy saiu correndo para o prédio de madeira maior.

— Está se referindo a Jock e Annie? Eles comeram o de sempre, bolo de chocolate e leite, depois tornaram a subir — informou a garçonete a Freddy. — Annie é uma garota esperta. Vem muito para as lições, pensei, quando apareceram pela primeira vez, mas as crianças por aqui... começam mais jovens a cada ano, é a impressão que se tem. O que vai querer?

— Nada. Apenas ficarei esperando por eles. — Freddy saiu do prédio e esquadrinhou impaciente o céu vazio. No outro lado da pista única havia um leito de rio, profundo, quase seco, mais além um bosque

de árvores, muito lembradas — eucaliptos, pinheiros, carvalhos, árvores nativas da Califórnia —, cantando ao vento, as árvores que montavam sentinela no dia em que ela realizara seu primeiro vôo através da região, com várias escalas, em companhia de Mac, vendo o Pacífico do céu pela primeira vez. E também no dia em que fizera seu primeiro vôo solo. Freddy sentou-se na relva seca à beira da pista, à brisa perfumada com gasolina, preparou-se para esperar.

Durante meia hora, ficou sentada de pernas cruzadas, ao sol do início de novembro. Começava a escurecer agora, notou Freddy, apesar da impaciência irritada. Em menos de dois meses haveria o dia mais curto ao ano. Por outro lado, depois do solstício de inverno, os dias começariam a se tornar mais longos, minuto a minuto, até o solstício de verão, quando se preferia considerar o lado mais brilhante. Levando-se em consideração o fato de que passara a maior parte dos últimos dois dias num avião, encolhida sob uma manta, só não desmoronando de medo porque a mãe estava ao lado, Freddy não via motivo para assumir o lado brilhante. Não com sua filha lá no alto num Piper Cub, com um maníaco.

Ela ouviu o zumbido distante de um pequeno avião. Levantou os olhos experientes e divisou um pequeno Piper Cub amarelo, ainda muito longe, voando reto e nivelado. Será que continuaria ou pousaria? Ela ficou observando e constatou que o aparelho iniciava o padrão de pouso... e não muito bem, diga-se de passagem. Sacudiu a cabeça em desaprovação. O ângulo do avião era aceitável, nada que não se visse todos os dias em qualquer aeroporto, quando se observava com atenção, mas não correspondia aos padrões de Jock. Houve uma ligeira oscilação, uma correção que foi um tanto exagerada, seguida por uma nova correção que levou o ângulo um pouco demais na direção oposta. Jock estava ficando relaxado. E nunca fora relaxado. Outras coisas, muitas outras coisas, mas não um piloto relaxado. Nunca.

Annie estava pilotando o avião! Freddy levantou-se de um pulo e ficou parada, impotente, pregada no lugar pela compreensão súbita e aterrorizada de que a filha se encontrava nos controles do avião. Não tinha nada com que acenar, nada com que sinalizar, nenhuma maneira de fazer Jock suspender aquela experiência insana. E, de repente, a oscilação indecisa do avião foi substituída por uma aproximação precisa e suave para a aterrissagem. Um minuto depois, o Cub reduziu a velocidade e tocou no solo, como uma enorme borboleta amarela pousando numa flor.

Freddy continuou a observar, imóvel, enquanto o avião taxiava até parar e o motor era desligado. A porta foi aberta e Annie saltou, com todo cuidado, a mão de Jock segurando firme seu braço, até ela ficar com um pé no chão.

— Estou aqui, Annie! — gritou Freddy.

A menina alta virou-se e voou pela grama para os braços da mãe.

— Você viu, mamãe? Viu? Viu? — berrou Annie, no maior entusiasmo, beijando o rosto de Freddy em vinte lugares.

— Vi, sim. Você... foi muito bem, Annie.

— Oh, mamãe! Não fui, não! Eu me confundi toda. Foi o que Jock disse. Mas estou ficando um pouco melhor a cada vez. Ele ainda nem me deixa tentar pousar.

— Isso é... compreensível.

— Ele diz que ainda tenho muito que aprender — anunciou Annie, com um ar solene. — Está muito surpresa, mamãe? Eu queria fazer uma coisa maravilhosa para você, porque sabia como estava triste por causa do vovô. Foi tudo idéia minha, mamãe. — Annie virou-se para o avião, estacionado à beira da pista. — Acho que Jock pensa que você vai ficar zangada porque eu o obriguei a me dar as aulas.

Parece que ele não quer sair do avião.

— Por que não vai até o café e espera por mim ali, Annie? Vou cumprimentar Jock. Podemos demorar um pouco. Tome aqui algum dinheiro. Peça o que quiser. — Freddy encaminhou-se para o Piper Cub, subiu e esticou a cabeça. Jock estava sentado no manche da direita do aparelho de controles duplos, os braços cruzados, os olhos fixos na distância. O jeito obstinado do queixo tinha o ar inconfundível de

desafio de um homem que sabe estar errado, mas tenta não admiti-lo.

— Saia daí! — ordenou Freddy.

— Por que deveria?

— Para que eu possa lhe dizer o que penso de você!

— É tentador, mas não, obrigado.

Espicaçada além do medo, Freddy entrou na carlinga e se alojou cautelosa na beira do banco do Piper.

— Como pôde fazer isso, Jock? Como pôde ser tão imprudente com Annie? Eu gostaria de estraçalhá-lo com as próprias mãos.

— Não fui imprudente. Ao contrário, fui extremamente cuidadoso, pode estar certa. Sei muito bem que deveria telefonar para você na França e pedir permissão, Freddy. Eu ia até sua casa para fazer companhia a Annie durante sua ausência e de repente me ouvi a concordar em levá-la a voar só uma vez, depois uma coisa leva a outra... ela leva jeito. Freddy, deixei-me levar contra o meu melhor julgamento.

— Uma simples criança pode persuadi-lo a fazer uma coisa que não queria? Pensa que posso engolir isso?

— Annie pode ser mais persuasiva do que você jamais foi, mas lá no fundo, eu acho... que queria mesmo ensinar a ela. — Jock virou-se. — Desculpe, Freddy. Lamento sinceramente que tenha ficado aborrecida, mas sabe que eu não a deixaria fazer qualquer coisa perigosa ou arriscada, não é mesmo? Vai me perdoar?

Freddy fitou-o, pensativa. Não via Jock há um ano, esquecera como ele era grande. Ocupava uma grande parte da cabine do Piper Cub, inclinado para a frente em ansiedade, tão próximo do deplorável como ela nunca o vira antes. Como podia ficar zangada quando ele fora tão bom para sua mãe e Annie no último ano?

— Está bem, Jock, vou perdoá-lo. Mas chega de aulas, até que Annie fique mais velha. Explicarei tudo a ela.

— Como quiser. — Jock deixou escapar um suspiro profundo e aliviado. — Ei, por que não voamos um pouco, Freddy? Eu sempre desejei voar com você... é uma extraordinária aviadora. — Como ele podia dizer a Freddy que estar outra vez ao seu lado fazia-o se sentir emocionado demais, como se tivesse capturado um vaga-lume, o único vaga-lume do mundo, que se a soltasse agora nunca mais a teria de volta?

— Não. — Freddy encolheu-se às palavras, mas tentou parecer normal.

— Apenas por alguns minutos, está bem? É o melhor momento do dia, vamos subir para o pôr-do-sol.

— Ele inclinou-se, batendo a porta do outro lado, que Freddy deixara aberta ao entrar.

— Não! Pare com isso, Jock!

— Por que não? Annie compreenderá quando nos vir decolar.

— Não posso — balbuciou Freddy.

— Não estou entendendo — disse ele, observando-a empalidecer, a expressão desolada, angústia e medo estampados visivelmente no rosto.

— Eu... a verdade é que perdi a coragem, Jock. Desde o acidente que evito entrar num avião... tentei me iludir, dizendo que apenas não sentia vontade, ainda não estava pronta. E descobri tudo quando tive de voar para a França. Foi um pesadelo. Senti um pânico total, quase enlouqueci de terror, durante todo o tempo, não parou por um instante se quer. O suor, claustrofobia, esperando cair a qualquer instante... nunca mais tornarei a voar. Ninguém mais sabe, só você. Não pude contar a ninguém... eles não compreenderiam.

Por favor, não diga nada... não quero que as pessoas saibam.

— Você não pode perder a coragem, Freddy. Voar significa muito para você. Tem de subir de novo... como um cavaleiro derrubado sempre torna a montar no cavalo — Ele mexeu as mãos rapidamente, virou

a chave na ignição.

— Pare, Jock! Desligue o motor! Oh, Deus, não decole, seu desgraçado! — gritou Freddy, enquanto ele dava a volta com o avião e seguia para a extremidade da pista vazia.

— Fique sentada aí e cale a boca! — berrou Jock, por causa do barulho do motor. — Estou com os controles, não precisa fazer coisa alguma! Afivele o cinto de segurança!

Freddy obedeceu. Não podia saltar de um avião taxiando, e certamente mataria os dois se tentasse arrancar as mãos de Jock dos controles. Enquanto o Piper avançava pela pista, ela fechou os olhos, apertando-os com toda força, cerrou os punhos, comprimiu os braços cruzados contra os seios, empurrou o queixo para o pescoço, levantou os ombros até as orelhas, o corpo paralisado, contorcido, cada músculo tenso, à espera do impacto. Encolheu-se ainda mais no momento em que o avião deixou o solo, o coração prestes a explodir no peito.

— Respire! — gritou Jock, enquanto o Piper ganhava altitude. — Está ficando roxa!

Freddy expeliu o ar que vinha prendendo e aspirou o ar fresco que entrava na carlinga.

— Está melhor? — perguntou Jock.

— Tem de pousar!

— Só depois que você abrir os olhos.

— Pelo amor de Deus, Jock, não faça isso comigo!

— Não posso permitir que faça isso com você mesma. Abra os olhos e pare de bancar a tola.

Freddy levantou as pálpebras o mínimo possível. Se ele não queria pousar até que ela abrisse os olhos, o melhor era atendê-lo logo de uma vez. Espiou através das pestanas para os joelhos e além, para o manche, o painel de instrumentos, um vislumbre das mãos de Jock no outro manche.

— Estão abertos! E agora trate de pousar!

— Estão abertos? Não chamo isso de abertos. Seus olhos estarão abertos quando puder ver o que há lá fora. Quando olhar ao redor, quando olhar para a terra lá embaixo e verificar que voa tão alto quanto um pássaro no céu, e perceber que o mundo não acabou. Quando Marie-Frédérique de Lancel compreender que as leis da aerodinâmica não foram suspensas por sua causa, então poderei chegar à conclusão de que seus olhos estão oficialmente abertos.

— Está adorando tudo isso, não é mesmo, seu miserável? Torturar-me é a coisa mais divertida que já fez em anos. Por que tive de contar logo a você, seu filho da mãe presunçoso e nojento? Por que lhe dei alguma vantagem?

— Ei, você abriu os olhos! Tenho uma teoria de que é impossível uma pessoa permanecer zangada com os olhos fechados. Não pode lançar um olhar furioso. Não acha que faz sentido?

— Guarde suas teorias para o solo. Não se esqueça de que me fez uma promessa.

— Eu disse quando você olhar ao redor e olhar para baixo... e até agora só olhou na carlinga. Poderia estar num carro.

Cerrando os dentes, Freddy deslocou os olhos de um lado para outro cautelosa, sem relaxar a posição rígida do pescoço. Depois, sem virar o corpo, inclinou todo o corpo para o lado, lentamente, na direção da janela, olhou para baixo. Recuou no mesmo instante, fixando-se no pára-brisa.

— Vê alguma coisa engraçada?

— Muito engraçado.

— E então? O que vê?

— Vi a mesma coisa que sempre vejo por aqui, seu filho da puta!

O que esperava? Elefantes?

— Nunca se sabe. É uma região selvagem, à beira do deserto... pode-se perder antes de se perceber.

— Pensa que não sei disso?

— Conhece a paisagem local, hein?

— Sabe muito bem que aprendi a voar nesta área, que solei num pequeno aeroporto perto daqui.

— Não, não sabia. Por que deveria saber? Acha que estou a par de todos os pequenos detalhes de sua vida?

— Claro que não. — Freddy sentia-se ridícula. Claro que ele não podia saber. Pilotos experientes não comentavam quando e onde haviam solado pela primeira vez, a menos que estivessem sentados a trocar reminiscências.

— Aposto que você não sabe onde foi meu primeiro solo — disse Jock.

— Não sei e não quero saber — respondeu Freddy, irada. — Só quero que você desça.

— Está certo. Só mais um minuto. Deixe-me falar a respeito. Era o meu 16º aniversário, e o instrutor sabia que eu morria de vontade de fazer um solo. Eu tinha nove horas de instrução, e achava que era o maior. Era um pequeno aeroporto, perto de San Juan Capistrano, depois das aulas, estava ficando tarde, pensei que tinha de ser naquele momento ou nunca mais. O instrutor deixou-me voar por todo o padrão, fazer as simulações de pouso, durante uma hora inteira, sem dizer nada, sem um único olhar sugestivo. Depois, quando a hora da aula acabou, quando já estava praticamente escuro, o camarada, nunca me esquecerei dele, disse "Jock, pode taxiá-lo até o estacionamento". E quando chegamos lá, ele saltou primeiro, como sempre, e disse "Vou tomar um café, garoto, você é muito jovem para tomar café, portanto decole e dê mais algumas voltas lá em cima... até mais tarde". E afastou-se. Não olhou para trás uma única vez. Pensei primeiro: ele quer que eu suba sozinho ou o quê?

E depois entendi, soltei um tremendo berro, decolei e... sabe qual é a sensação, Freddy, não dá para descrever. Se você não fez, então não fez. E se fez, então sabe. É só isso. Eu não queria mais descer. Teria voado a noite inteira, até acabar a gasolina, se não visse a estrela vespertina, como que piscando para mim. Lembrando-me. E de repente compreendi que estava ficando escuro de verdade, por isso desci depressa, não atrapalhado, mas com toda a velocidade possível, estava acabado. Foi em janeiro de 1936. Só que nunca acabou, graças a Deus. Alguns dias você pensa que acabou, a emoção não existe mais, pensa que já se acostumou a toda a maravilha, mas depois sempre volta. Sempre mesmo. Como hoje, observando Annie pôr as mãos no manche... pensei em você, desejei que estivesse presente para ver a cara dela. Mas... ponto final. A história da minha vida. Excepcional, não é mesmo? Acho que nunca aconteceu com qualquer outra pessoa. Uma experiência singular, sem precedentes nos anais da aviação. — Jock bocejou. — Estou ficando sonolento... emoções demais por um dia... acho que estou envelhecendo, Freddy.

Assuma o comando. — Ele espreguiçou-se, estendendo os braços compridos por cima da cabeça, encostando as mãos no teto da cabine.

Freddy automaticamente pegou o manche, automaticamente sentiu os pés alcançarem os pedais do leme, automaticamente verificou o painel de instrumentos, automaticamente pilotou o avião. Bom, Jock, muito bom, você me enganou, levou-me a isso, muito espertinho, nem percebi que ia acontecer.

Ela fitou-o. Jock oferecia uma boa imitação de um homem dormindo. Os olhos estavam mesmo fechados, não podia haver a menor dúvida quanto a isso, a respiração era regular e parecia se tornar mais profunda. A luz do sol na cabine dourava os cabelos louros nos antebraços musculosos. O corpo comprido e esguio estava arriado no assento. Daqui a pouco ele vai simular uns roncos, pensou Freddy, tratando de removê-lo dos pensamentos.

Ela ocupou-se em sentir o Piper Cub, depois de um ano sem voar.

Fez algumas voltas cautelosas, com uma suave inclinação. O avião era leve, mas tinha bastante potência. Já o voara antes e conhecia sua capacidade. Era manobrado com tanta facilidade que até uma criança poderia voá-lo. Uma criança o voara, ela lembrou a si mesma.

Freddy virou o Cub num ângulo mais fechado e logo passou para outro, na sucessão de voltas graciosas que os iniciantes acham tão espantosa, a dança inebriante que qualquer pessoa com um senso de equilíbrio pode fazer com um avião, mesmo se não sabe o que o mantém voando ou para onde está indo. Freddy olhou ao redor, em todas as direções. Não havia ninguém à vista. Subiu mais com o Cub, até

alcançar 1.200 metros. Era melhor assim. Uma sensação... agradável. Uma sensação... maravilhosa! Lágrimas afloraram-lhe aos olhos ao perceber que não sentia o menor resquício de medo. Deliberadamente pensou nos detalhes dos vôos para Paris e de volta. Confrontou-os, tentou reconstituí-los, mas tudo o que pôde fazer foi lembrá-los. Sabia em seu íntimo que nunca mais se sentiria assim.

Perdera a coragem. Isso mesmo, perdera a coragem. Mas agora a recuperara. Podia acontecer com qualquer pessoa.

Freddy procurou uma nuvem para brincar, mas era um dia claro, sem qualquer nuvem. O sol baixava no horizonte, e Annie a aguardava, ela esperava que pacientemente, no aeroporto. Jock não chegava a roncar, mas ficava no quase. Ela subiu com o Piper Cub por mais 150 metros, mais uma vez olhou ao redor com todo cuidado e, sem avisar Jock, lançou deliberadamente o aparelho num mergulho súbito. O Piper, desenfreado, arremeteu para a tapeçaria do solo de bom grado, como se esperasse que ela fizesse alguma coisa interessante. Freddy observou a agulha deslocando-se no painel, numa ansiedade paciente, até adquirir velocidade suficiente para iniciar o *loop*. Começou a empurrar o manete para a frente, gentilmente, saindo do mergulho e iniciando a subida, iniciando o círculo que a levaria por cima do horizonte, por cima do mundo. Enquanto subia, lançou um olhar para Jock. Ele ainda fingia dormir, a respiração fácil, relaxado, quase — isso mesmo — quase sorrindo. Miserável!

Freddy subiu inexorável, mais e mais, todo o corpo palpitando pela emoção mágica — mais e mais alto —, e virando! Lá no alto, de cabeça para baixo, rindo, cabrando, livre para voar. Livre, divinamente livre, senhora do céu, rainha do horizonte, irmã do vento, liberta da realidade humilde submissa, no único elemento que abençoa a humanidade com essa opção.

Freddy saiu do *loop* e tirou as mãos dos controles.

— Leve o avião de volta, Jock, se está acordado.

Jock pousou em Santa Paula e taxiou lentamente para o lado da pista. Nenhum dos dois fez menção de deixar o avião.

— Obrigada, Jock. É um amigo e tanto.

— Não foi nada.

— Foi tudo.

— Foi... o que foi.

Ele sorriu para Freddy, encantado, sem saber o que dizer. Estava extraordinariamente bela, sem maquilagem, os cabelos por toda parte, uma expressão maliciosa nos olhos, que ele não via há muito tempo.

— Tenho de admitir que você me curou. — Freddy sacudiu a cabeça, numa admiração franca. — Talvez... talvez você possa fazer alguma coisa com outro problema que está me incomodando — acrescentou, pensativo. — É do mesmo tipo... rigorosamente na minha cabeça.

— Tentarei — respondeu Jock, ansioso.

— Estou sofrendo de alguma espécie de amnésia. Os médicos dizem que é comum depois de um acidente. Dizem que talvez eu nunca recu-pere a memória... de todo um período importante da minha vida! Está me deixando doida. A última coisa de que me lembro é de ter cantado algumas canções antigas no hotel. Lembro nitidamente a última canção, *I'm Always Chasing Rainbows...* e a próxima coisa em minha memória é despertar num hospital... semanas depois, como vim a descobrir. É evidente que subi num avião e me choquei contra uma montanha, sei disso porque me contaram, mas não recordo coisa alguma depois das canções.

— Nada? Absolutamente nada?

— Nada mesmo. Não sei o que fiz depois que parei de cantar. Pelo menos presumo que devo ter parado de cantar ou não seria capaz de voar. Pense só nas ligações que estou obrigada a fazer! É patético. Sinto-me como se só estivesse aqui pela metade.

— As palavras *Till We Meet Again* trazem alguma lembrança? — arriscou ele a pergunta, uma mecha de cabelos louros caindo pela testa, os olhos se contraindo, apreensivos.

— Ora, Jock, essa é a canção que mamãe sempre nos disse que dava sorte, embora nunca explicasse exatamente por quê. Cantava essa canção para todos vocês no *Blue Swan* porque sentia que possuía uma certa... magia... esperava que pudesse fazer com que todos voltassem sãos e salvos no dia seguinte. Não disse que havia esquecido toda a minha vida, apenas uma parte.

— Então não se lembra de qualquer coisa depois de Rainbows... nem mesmo lembra como chegou em casa naquela noite, não lembra... de mais nada?

— Quantas vezes preciso lhe dizer que é tudo um branco enorme e vazio?

— Hum... esse é um problema e tanto.

— Isso é muito útil. Pelo menos você está convencido de que é um problema. Estamos fazendo progressos. Devagar, é verdade, mas suponho que se pode considerar um progresso.

— Tenho uma idéia, se você parar de zombar de mim.

— Estou escutando. — O sorriso jovial de Freddy era o de alguém escutando o som de bravos ressoando em seus ouvidos, bravos bem merecidos.

— Deveríamos... reconstituir... os acontecimentos daquela noite. Não creio que seja necessário promover outra reunião da Esquadrilha Águia, porque você lembra essa parte, mas há outras coisas que podemos fazer. Por exemplo, você pode usar o mesmo vestido, aquele vermelho fascinante, se ainda o possui, assim como os sapatos vermelhos e as asas do ATA. Podemos ir a algum lugar com pista de dança e música, jantar como fizemos, dançar como dançamos, eu podia dar uma gorjeta ao maestro para tocar algumas das antigas canções e... podemos partir desse ponto. Seria inevitável que acontecesse alguma coisa para lhe devolver a memória.

— Parece uma idéia engenhosa... desde que eu não tenha de cantar. Quando poderia ser?

— Quando você quiser. Estou à sua disposição. Não vou a parte alguma.

— Que tal esta noite? Acha que seria muito cedo?

— Esta noite seria... sensacional. Não tenho nada melhor para fazer. E você?

— Não, Jock, também não tenho nada melhor para fazer. — Apressadamente, Freddy deu um beijo de leve no rosto de Jock e preparou-se para deixar o avião. Se sua memória fosse reativada com mais intensidade do que já ocorrera só de estar sentada ao seu lado, cairia nos braços de Jock e daria um espetáculo impróprio e indecoroso ali mesmo, dentro do Piper Cub. Ele teria de se esforçar muito para fazê-la recuperar a memória. E como! A amnésia exigia muito amor para ser curada, muitos beijos, uma tempestade de abraços, uma enciclopédia de palavras; todo o amor que Jock tinha, todo o amor que ficara esperando, acumulado, durante tantos anos.

Ela queria ouvi-lo dizer tudo de novo. E mais de uma vez.

— Freddy... — Jock inclinou-se para ela, impulsivamente, tanta emoção ardendo em seus olhos que Freddy quase caiu do avião.

E se ele pudesse ler seus pensamentos? Não tão depressa! Amnésia, ela tinha amnésia. Freddy apegou-se ao pensamento, num esforço para permanecer impassível. Piscou os olhos e perguntou, inocente?

— O que é?

— Eu amo você. Oh, Freddy, estou tão apaixonado por você que não posso mais agüentar!

— Espere! Diga isso de novo! — Ela empertigou-se, não mais vulnerável, não mais carente, pronta para escutar a voz de seu coração.

— Por quê? Só para você tripudiar, como sempre? — Jock tornou a sorrir, subitamente seguro. Ela o ouvira pela primeira vez.

— Não... é o que você acaba de dizer... eu acho... eu acho que talvez um pouco da minha memória esteja voltando... alguma coisa sobre... poderia ser um... baile de formatura? Alguma coisa sobre

voarmos juntos? Hum... não lhe parece que já voamos?

— Pare de caçar. Pode caçar por todos os dias do resto de sua vida, mas agora me deixe beijá-la.

— Não quer muito, não é mesmo, líder de esquadrilha?

— Oh, querida, eu quero tudo! Tudo mesmo! Começando por um beijo. Por favor, Freddy.

— Lembro de alguém dizer... isso mesmo... lembro agora com toda nitidez... "só um palhaço pede a permissão de uma garota". —

Freddy falou num tom aturdido, enquanto se inclinava para Jock, levantando e abrindo os braços, num gesto que era meia rendição e uma promessa total.
